

3 years ago she ruined my life, now I'm going to ruin hers.

UNTIL I GET YOU

A Romantic Suspense Novel

New York Times Bestselling Author

CLAIRE CONTRERAS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

3 years ago she ruined my life, now I'm going to ruin hers.

UNTIL I GET YOU

A Romantic Suspense Novel

New York Times Bestselling Author

CLAIRE CONTRERAS

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Minha reputação na Fairview University precedeu-me. Eu era a escolha número um no draft¹ da NHL² e o favorito dos fãs no rinque. As pessoas queriam ser eu ou estar comigo.

Exceto por Lyla James Marichal.

Ela não olhava para mim como se eu fosse sua próxima refeição. Ela olhava-me com desdém.

Em vez de disputar minha atenção, ela ignorava-me e afastava-me.

Ela era completamente inatingível, e fiquei obcecado por ela.

Quando finalmente a conquistei, parecia que eu estava no topo do mundo. Eu ia ajudar a equipe a ganhar outro campeonato, a entrar no draft, e tinha Lyla ao meu lado.

E então, sem aviso, ela deixou-me.

Desapareceu.

Levei três anos amargos, furiosos e longos para encontrá-la, mas consegui, e agora ela deve-me muito mais do que uma simples explicação.

Três anos atrás, ela arruinou minha vida.

Agora, eu iria tornar-me seu pior pesadelo.

PARTE UM

PASSADO

PRÓLOGO

Lyla

Às vezes as asas são construídas a partir do desespero. Esse foi o pensamento que passou pela minha mente enquanto eu olhava para o meu carro, lutando contra o arrepio que descia pela minha espinha. À primeira vista, parecia um ato aleatório de vandalismo, mas eu sabia a verdade. Respirando fundo, dei um passo à frente, o vidro quebrando sob meus sapatos enquanto circulei para o lado do motorista. Abri a porta e usei a camiseta para limpar o banco do motorista antes de sentar-me. Assim que fechei a porta do carro, o cheiro de cigarro encheu minhas narinas e engasguei. Foi uma reação visceral. Tentei passar por isso fechando os olhos com força e apertando ainda mais a mochila no meu colo.

Fiquei sem fôlego quando me virei para colocar minha bolsa no banco do passageiro e vi um pedaço de vidro colocado deliberadamente no lado esquerdo. Minhas mãos tremiam quando liguei o motor. Havia outra ponta de cigarro no painel. Deixei-a lá enquanto afastava-me, tomando cuidado para não demonstrar nenhuma reação. Eu sabia que ele estava assistindo. Eu não sabia onde ele estava, mas sabia que ele estava observando. Ele divertiu-se com uma merda como essa, mas não merecia acesso às minhas emoções, e eu não concederia isso. Nós dois sabíamos que sua mensagem era clara.

Voltei para casa sentindo-me mal e ansiosa, mas por outro lado, estava calma. Assim que estacionei, corri para o meu apartamento, trancando a porta atrás de mim. Corri para o meu quarto e fiz o mesmo. Com o coração pesado, olhei para as fotos diante de mim, meu lembrete silencioso de por que não deveria ter baixado a guarda. Marissa preparou uma roupa para mim. Pensei em não ir ao evento.

Eu deveria ter feito isso, mas passei os últimos dois anos de faculdade vivendo como uma eremita.

Eu estava cansada disso. Eu estava cansada dele *querer* destruir tudo que me trazia alegria. Eu só queria ir a uma festa como uma estudante universitária normal e não preocupar-me com as consequências. Havia regras rígidas para esta festa em particular – uma lista pequena e controlada de convidados, sem telefones e sem fotos. Eu sabia que poderia ir sem preocupar-me. Eu sabia que ele não viria atrás de mim lá. Ele não poderia. Eu não tinha mais certeza se isso importava mais. Ele já sabia sobre nós. Em dois dias estaríamos fora daqui. Dois dias. Levantei-me e olhei para o vestido mais uma vez. Sua mensagem lembrou-me do que ele ainda poderia fazer comigo. Ele já tentou cortar minhas asas antes. Ele provavelmente pensou em rasgá-las e queimá-las desta vez. Eu não deixaria. Levantei e preparei-me para a festa.

CAPÍTULO 1

Lachlan

Nós nos conhecemos sob uma infinidade de improbabilidades. Para começar, quase não fui à festa naquela noite. No início da semana, sofri um acidente de carro. Foi culpa do meu irmão. Ele saiu da estrada, tentando evitar bater em um cervo. Ele teve sucesso, mas matou dois coiotes que ficaram presos entre o para-choque dianteiro e um carvalho. Escusado será dizer que o Sr. PETA³ estava uma bagunça. Ele quebrou o braço esquerdo. Levei alguns pontos no queixo. Nossa mãe agiu como se o mundo estivesse chegando ao fim. Jornais e revistas locais estamparam meu rosto nas primeiras páginas: *Estrela do Hóquei de Fairview em acidente de carro*. Foi tudo muito dramático.

Dois dias depois, estava de volta ao gelo, marcando o gol que nos levou às semifinais. Normalmente, era algo que eu gostaria de comemorar, mas eu estava lidando com uma dor de cabeça terrível e tive que acordar cedo para ajudar meu irmão a levar suas coisas para a casa da namorada. Além disso, eu já tinha feito essa comemoração duas vezes. Este ano marcaria o terceiro consecutivo se conseguíssemos fazê-lo. Eu não via por que não o faríamos, já que eu estava começando. Eu não estava sendo arrogante. A equipe de hóquei Fairview era um lixo antes de eu decidir vir para cá, há quatro anos. Depois que assinei, consegui que alguns outros jogadores assinassem e dominamos.

Fui um azarão durante toda a minha vida antes de começar a jogar hóquei. Eu também tinha um peso no ombro do tamanho do Alasca. Hoje em dia, era mais parecido com a Geórgia, já que finalmente consegui o merecido reconhecimento. Fui reverenciado como um dos melhores jogadores do país; já tive um contrato

lucrativo que uma equipe profissional me apresentou no ano passado para provar isso.

Meus amigos pensaram que eu era louco por deixar passar. Meu conselheiro insistiu nisso por meses antes de desistir. Eu tinha um plano. Eu terminaria meus quatro anos aqui, assinaria como agente livre com meu time dos sonhos e conseguiria ainda mais dinheiro e oportunidades. Não era apenas o dinheiro para mim, mas ajudaria. Eu não precisaria mais depender do meu pai caloteiro. Para ser justo, meu pai não era um caloteiro para os padrões de ninguém. Não, Henry Duke, herdeiro da Duke Tech Enterprises - uma empresa agora bilionária que fornecia informações e segurança ao governo e às elites - era um maldito menino de ouro. Eu recebi uma bolsa integral de hóquei, mas Liam teria contado com subsídios e empréstimos se Henry Duke não pagasse integralmente suas mensalidades. Assim como sua empresa fez, era o mínimo que ele podia fazer. No que me diz respeito, a única coisa que Henry e eu compartilhamos era sangue e um sobrenome - e este último só foi até eu mudar o meu. Para mim, Henry Duke poderia muito bem ser um ninguém. Pelo pouco que o vi, tive certeza de que o sentimento era mútuo.

Soltei um suspiro enquanto caminhava pela casa. Eu cheguei aqui há trinta minutos e ainda não tinha conseguido voltar. Cada vez que eu me virava, alguém novo queria falar comigo. Era assim o tempo todo. Sempre recebi esse tipo de atenção e adorava na maior parte das vezes. Ultimamente, não tanto, e definitivamente não esta noite.

Meu plano para esta noite era ficar em casa. Sexta-feira era minha noite de lavar roupa e dever de casa, a menos que tivéssemos um jogo. Todo mundo sabia que eu não estaria em nenhuma festa nas noites de sexta-feira. Abri uma exceção hoje à noite, já que era o aniversário de Aaron e a namorada dele estava dando uma festa para ele. Terminei de falar com a última pessoa que cumprimentaria lá dentro, peguei uma cerveja perto da porta e saí. Eu disse que estaria aqui. Eu não disse que iria misturar-me. Tirei a tampa e comecei a beber minha cerveja quando cheguei a Nash e Drew. Eles estavam ajudando algumas garotas da irmandade a montar barris; pelo que parece, a

ajuda deles seria recompensada.

— Você está aqui para nos ajudar? — Uma loira caminhou até mim, empurrando seus seios contra meu braço. Eu conhecia essa, mas não conseguia lembrar o nome dela. Eu sou péssimo com nomes. Rostos eu conseguia lembrar. Nomes, nem tanto.

— Não, parece que Nash e Drew estão com tudo sob controle. — Levantei minha cerveja e fui embora.

Vá até a parede. Vá até a parede. Vá até a parede. Mesmo com a multidão bêbada, mantive os olhos no meu destino: a parede branca que reivindiquei como minha na primeira vez que participei de uma festa aqui. Para mim, era a coisa mais próxima de um santuário, longe da multidão – não *tão* longe que eu não pudesse aproveitar a festa, nem *tão* perto que eles me amarrassem em um de seus jogos. Eu encolhi-me com a lembrança da última vez que participei de um. Eu estava quase encostado na parede quando notei uma garota encostada nela. Isso não era novo. Às vezes, elas esperavam por mim lá. Era como um concurso para ver quem falava comigo primeiro e quem eu levaria para casa no final da noite. Não era uma hipérbole. Fairview vivia e respirava hóquei e estava em uma sequência de dez anos de derrotas antes de eu chegar aqui e dar a volta por cima. Então, todo mundo queria um pedaço de mim, principalmente as mulheres.

Essa destacou-se das demais. Ela estava vestida de forma errada para esta festa, com uma blusa larga que quase chegava aos joelhos e tênis pretos. Mas foi a expressão em seu rosto que se destacou – a expressão turva em seus olhos, vazia de emoção, enquanto ela observava todos divertindo-se. Ela poderia ser uma nova caloura? Isso era impossível já que o semestre estava quase acabando, mas ela tinha que ser novata. Ela tinha o tipo de beleza discreta que era inesquecível: pele caramelo, traços perfeitos e pernas esculpidas demais para ela não ter praticado nenhum esporte. Seu cabelo castanho escuro caía até a cintura e seus lábios estavam carnudos e franzidos, o que era a única indicação de que ela estava prestando atenção nos convidados. Eu nem tinha percebido que tinha parado para olhar até que alguém esbarrou em mim e tirou-me daquele

estado.

— Ah Merda. Eu sinto muito. — Alguém riu e apertou meu braço, ofegante quando viu quem eu era. — Oh. Talvez eu *não* sinta muito.

Eu nem me incomodei em olhar para ela enquanto puxava meu braço. Mesmo se eu quisesse, meus olhos não se desviariam da garota das roupas largas. Porquê? Eu não tinha ideia, porra. Eu fechei a distância entre essa estranha e eu. Ela não percebeu minha chegada, mas eu sabia que ela notou minha presença pela forma como ela ficou tensa. Dei um passo e bloqueei sua visão da festa. Ela finalmente olhou para cima, e para cima, e para cima, até alcançar meus olhos, e tudo que eu conseguia pensar era *puta merda*. Eles eram marrons. Eu já tinha visto inúmeros olhos castanhos em minha vida, mas os dela pareciam diferentes de uma forma que eu não conseguia descrever. Eles pareciam conter um vórtice, um buraco negro que ameaçava fisgar e afogar você. Sua voz rouca tirou-me do feitiço momentâneo que ela lançou sobre mim.

— O que você está fazendo?

— Você está no meu território.

— Seu território. — Ela franziu a testa. — Você inscreveu-se nesta irmandade ou algo assim?

Ela sabia muito bem que era uma irmandade só de mulheres, e mesmo que sua resposta fosse engraçada, eu não daria a ela a satisfação de rir. Ela continuou a estudar-me, seus olhos vagando por cada uma das minhas características faciais. Eu perguntei-me se ela mentiria e diria que não sabia quem eu era. Era assim que algumas garotas gostavam de brincar, tímidas e recatadas e — *Oh meu Deus, de jeito nenhum você é uma atleta*, — como se meu corpo não fosse um indício. Eu tinha que admitir, pelo jeito que ela olhou para mim, aquela era uma ótima atriz ou realmente não sabia quem eu era.

— Esta parede é meu território, — repeti.

— Você é o dono desta parede? — Seus lábios moveram-se como se ela estivesse tentando não rir. — Ok, John Smith.

— Quem diabos é John Smith?

— Uma pessoa terrível, mas eu estava referindo-me à versão Disney. De Pocahontas. — Ela examinou-me *tão* intensamente que tive que lutar contra a vontade de limpar o rosto, só para garantir. — Você sabe, o colono.

Não é o que eu esperava. — Sim, acho que nunca vi esse filme e não, não sou o dono da parede, mas é aqui que a equipe geralmente fica.

— Qual equipe? — Ela deu-me uma olhada completa.

— The Blaze, — eu disse, embora não estivesse convencido de que isso não fosse apenas uma manobra para atrair meu interesse.

— Oh. Estou aqui há algum tempo e ninguém mais esteve aqui. Ela encostou-se na parede, cruzou os braços e virou o rosto para longe de mim.

Se isso não era uma dispensa, eu não sabia o que era. Eu não conseguia acreditar na coragem daquela garota em ignorar-me e agir como se eu não fosse ninguém. Encostei-me na parede, deixando espaço entre nós, e perguntei-me o que havia chamado a atenção dela. As garotas montando o barril? Aquelas correndo nos aspersores que alguém ligou? As pessoas já estavam em vários estágios de nudez. Duas garotas estavam beijando Nash simultaneamente, o que era excitante e divertido. Talvez eles tivessem a atenção dela. Continuei examinando o gramado. Havia tanta coisa acontecendo esta noite. Meus olhos encontraram a mulher que havia esbarrado em mim mais cedo, e ela lançou-me *aquele olhar*. Desviei o olhar rapidamente, esperando que ela não se aproximasse. Na maioria das vezes, apenas as mulheres para quem eu olhava por tempo suficiente se aproximavam. Era assim que selava o acordo. Ou melhor, como elas selavam, já que nem sempre era uma aposta segura. Por enquanto, eu não estava interessado em ninguém vindo aqui. Eu nem queria a que estava ao meu lado aqui, mas pelo menos ela estava quieta. Silêncio era o que eu queria esta noite. Melhor o silêncio do que conversa fiada, e foi por isso que não consegui entender por que *fui* o primeiro

a interrompê-lo. Havia uma primeira vez para tudo, eu acho.

— Você é nova? — Perguntei.

— Não.

— Realmente? E você não me conhece? Percebi que isso fazia-me parecer um idiota, mas meu rosto estava estampado em todos os lugares.

— Acho que você parece um pouco familiar. — Ela olhou-me de soslaio. — Você vai dizer-me que faz pornografia?

— O que? — A risada retumbou em meu peito e saiu da minha boca antes que eu pudesse impedi-la. — Você assiste muita pornografia?

— Não posso dizer que sim, mas é uma coisa. Se alguém disser que você parece familiar, você deve dizer que participa de filmes pornográficos. É estúpido, mas o mundo está cheio de idiotas, então... — Ela encolheu os ombros.

Ela não parecia nem um pouco impressionada comigo, e eu tinha que admitir, parecia estranho. Talvez fosse por isso que eu ainda estava aqui ao lado dessa garota com rosto de deusa e personalidade de Wandinha Addams. *Seria ela uma daquelas pessoas que queriam ser perseguidas?* Se sim, boa sorte. Perseguir alguém era um conceito estranho para mim - um conceito que consumia mais tempo e energia do que eu estava disposto a dedicar. Voltei a estudá-la. Ela observava a festa com tanto desinteresse que me perguntei por que ela estava ali.

— Você não está impressionada.

Seus olhos voltaram-se para os meus. — Por você?

— Por tudo.

Ela pareceu considerar isso por um momento, uma pequena ruga formando-se no centro de seu rosto. — Não estou impressionada. Estou entediada.

— Do que você está entediada?

— Tudo. — Ela bufou e depois soltou uma risada cansada e sem

graça.

— Posso deixar você sem tédio, se quiser. — Eu dei a ela meu sorriso encantador e de tirar a calcinha.

Ela olhou para mim por um momento. — Não, obrigada.

Não, obrigada. Levei a garrafa de cerveja aos lábios para esconder minha diversão e engoli em seco para evitar rir. Eu perdi a conta do número de mulheres que se atiraram em mim desde o momento em que entrei pela porta. Agora, a pessoa que eu realmente perguntei – o que eu nunca fiz, já que nunca precisei fazer isso – disse *não, obrigada*, do jeito que você recusaria ser borrifado no corredor de perfumes.

— Você está nesta irmandade?

— Claro que não, — ela disse e rapidamente acrescentou: — Não que haja algo de errado com as irmandades. Eu simplesmente não estou interessada.

— Certo. Porque você está entediada. Virei-me, pressionando meu braço contra a parede e cruzando os braços para olhar para ela enquanto conversávamos. Ela não imitou meu movimento. Chocante. — Então você tem amigos na irmandade.

— Minha colega de quarto.

— Sua colega de quarto não é uma amiga? — Tomei outro gole de cerveja.

— Ela é minha melhor amiga. — Suas sobranceiras juntaram-se enquanto ela olhava ao redor, talvez tentando encontrar sua colega de quarto/melhor amiga. Lutei contra a vontade de estender a mão e afastar sua carranca. Parecia que ela me daria uma joelhada nas bolas se eu a tocasse.

— Você quer uma bebida? — Perguntei. Não sei o que diabos me deu para fazer essa pergunta. Talvez eu estivesse *tão* entediado quanto ela.

— Eu não bebo em festas.

Abri a boca para fazer outra pergunta quando um grito desviou

sua atenção de mim.

— Lyles! — Olhei para cima ao ouvir a voz de Prescott e percebi que ele estava vindo direto em nossa direção.

Meu estômago afundou. Deus, se “Lyles” era a namorada de Prescott, eu não tinha certeza do que fazer. Eu saía com Prescott com frequência suficiente para saber que ele não tinha namorada, mas talvez ela fosse alguém com quem ele estava tentando ficar. Nesse caso, eu perguntei-me se ele estava falando sério ou se ela seria apenas uma foda para ele. Tínhamos uma política de proibição em relação a qualquer pessoa que os caras levassem a sério. Se algum dos caras quisesse ficar com uma garota específica e dissesse: “Dibs,” o resto de nós teria que recuar. Era uma tradição estúpida implementada antes de eu começar a jogar aqui e que continuaria muito depois de eu sair. A cada ano, o capitão do time de hóquei escolhia um número aleatório, e essa era a quantidade de mulheres que cada jogador do time tinha que foder naquela temporada. Se você não participasse e fosse eliminado do Dibs, teria que colocar R\$100,00 no pote. Se você não conseguisse atingir o número de mulheres, também teria que colocar R\$100,00 no pote. Aaron era nosso capitão este ano e escolheu o número 10. Como sempre cumpri a meta, nunca precisei colocar um centavo naquele pote.

Pres lançou um sinal de paz para mim enquanto corria os últimos passos para diminuir a distância entre nós. Observei enquanto ele embrulhava a pequena Wandinha em seus braços e a girava uma vez. Ela não riu, mas estava sorrindo. Foi um belo sorriso.

— Não posso acreditar que Marissa convenceu você a vir. — Ele afastou-se e a observou da cabeça aos pés. — Você parece bem, mas sempre parece bem.

Eu bufei. Ambos olharam para mim. Tomei um gole da minha cerveja e desviei o olhar. Não que ela não parecesse bem. Ela era linda *pra caralho*. Mas ela estava vestindo uma camiseta com o rosto de Harry Styles que era *tão* grande que provavelmente *cabia-me* folgadoamente. A folga de suas roupas praticamente gritava: “Não

chegue perto de mim”. Eu perguntei-me se eu a teria notado se fosse em qualquer outra noite e ela não estivesse no meu espaço. Minha atenção vacilou entre a mão de Prescott em seu ombro e Aaron, já bêbado e prestes a fazer uma parada de barril. Mantive meus olhos nele enquanto ouvia a conversa deles.

— Como vai você? — Pres perguntou a ela.

— Estou bem. Segura. Você sabe. — Ela encolheu os ombros.

— O semestre está quase acabando. Talvez você possa vir festejar no próximo mês antes de partirmos.

— Talvez.

Mentirosa. O interesse dela em festas parecia meu interesse em xadrez – inexistente.

— Você sabe que estou aqui para ajudá-la, certo? — Ele baixou a voz enquanto a puxava para outro abraço.

— Obrigada. — Ela afastou-se, colocando ambas as mãos em seu peito para estabelecer distância. — Na verdade, eu estava de saída, mas estou feliz por ter visto você, Pres.

— O que? De jeito nenhum, Lyles. Vamos. Você não foi a nenhum dos meus jogos, não foi lá em casa e sempre que eu fui, você não estava em casa. Você não pode simplesmente ir embora, — ele disse, tocando seu ombro novamente. Jesus. Pres era prático. — Por que você está aqui fora, afinal? — Ele olhou para mim. — Espere, vocês dois se conhecem?

— Não, — ela disse. — Nem sequer nos conhecemos.

Minhas sobrancelhas subiram. Quero dizer, tecnicamente, ela não estava errada. Não nos apresentamos formalmente, mas ela fez parecer que não havíamos conversado. Eu já sabia quatro coisas sobre ela: ela gostava de Harry Styles e Pocahontas, não bebia em festas e estava entediada com a vida. Eu não poderia contar quatro coisas que sabia sobre qualquer outra mulher nesta festa, e eu tinha fodido algumas delas, então isso já dizia alguma coisa.

— Oh. — Ele olhou entre nós. — Lachlan, esta é Lyla. Lyla, este é Lachlan.

— Prazer em conhecê-lo, Lachlan. — Ela encarou-me e estendeu a mão para eu apertar.

A maneira como ela fez isso divertiu-me, mas não deixei transparecer quando a peguei. Sua mão era pequena e frágil, e seu toque enviou uma estranha descarga elétrica através de mim. Isso fez-me manter a mão dela na minha por mais tempo do que deveria. Eu a puxei um pouco mais para perto de mim, só para foder com ela, para ver se a expressão em seu rosto iria quebrar. Sua expressão nunca vacilou, mas vi algo mudar em seus olhos por um milésimo de segundo antes de ela finalmente puxar a mão de volta. Ela continuou olhando para mim, aqueles olhos curiosos fazendo-me sentir mais vulnerável do que eu gostaria de admitir. Finalmente, ela afastou-se e virou-se para Pres.

— Venha ao clube de campo no domingo, — disse Prescott a ela. — Alguns de nós estamos tomando um brunch à beira da piscina. Deidre sempre pergunta sobre você. Ela ficaria muito feliz em ver você.

— Faz muito tempo que não a vejo, — disse ela, olhando para o chão e voltando-se para ele.

— Venha conosco, — disse ele, sorrindo enquanto batia na ponta do nariz dela.

— Talvez eu vá. — Ela sorriu para ele.

Sorriu, porra. Parecia real também. Eu perguntei-me como seria ter alguém que não sorria com frequência direcionando algo *tão* magnífico para você. Eu queria experimentar isso, mesmo que fosse apenas uma vez.

Ela deu um tapinha no peito de Pres. — Bem, estou indo, vadias.

Isso foi *tão* inesperado que eu ri. Ela afastou-se de nós, segurando um sinal de paz sobre a cabeça. Ela nunca olhou para mim para dizer adeus. Tecnicamente, ela tinha, já que disse vadias, no plural, mas ela

não olhou diretamente para mim. Eu a observei, esperando que ela olhasse para mim enquanto atravessava a multidão. Certamente, ela olharia para mim. Elas sempre olhavam. Ela parou de andar por um momento quando algum idiota esbarrou nela, e eu esperei. Esta era a oportunidade perfeita para ela olhar para trás. Ela nunca olhou. *Que porra é essa?*

— Ela é... — Pres balançou a cabeça. — Algo.

— Ela é antissocial.

— Isso vem do cara que se encosta na parede e assiste a festa como se fôssemos seus camponeses. — Pres levantou uma sobrancelha.

Eu resmunguei. — Quem é ela, afinal?

— Lyla James Marichal. — Ele enfiou as mãos nos bolsos da frente e virou-se. — Ela costumava ser o sonho molhado de todos na Olympia High School.

Huh. Eu não vi isso. Antissocial, vestindo roupas enormes e dando respostas concisas? Ela chamou minha atenção, mas nenhum garoto do ensino médio salivaria com isso. Joguei minha garrafa vazia na lixeira a alguns passos de distância e arrotei enquanto recostava-me na parede novamente. Lyla James Marichal. Engraçado. Tínhamos o mesmo nome do meio. Eu imaginei-me contando a ela e imaginei o olhar vazio que ela me lançaria.

— Marichal. O ex-jogador de beisebol que agora é prefeito?

— Sim. Esse é o pai dela. Ele é uma lenda por aqui. — Preston pressionou as costas contra a parede. — Imigrante, atleta profissional, empresário que se auto-realizou e agora prefeito.

Eu balancei a cabeça. Eu o conheci uma vez e ele parecia bastante legal. Ele foi um grande doador e fortemente envolvido em todos os esportes na Fairview University. Como eu nunca saía da bolha universitária a menos que estivesse voltando para casa, não convivi com a elite de Fairview. A maioria de nós não sabia, mas ouvimos histórias malucas sobre as festas que eles davam. Fui convidado

algumas vezes para ir à casa do prefeito Marichal, para sua gala anual de esportes, e recusei todas as vezes. Não era minha cena. Usar roupas chiques e sentar em uma mesa com um bando de idiotas enfadonhos não era exatamente a minha ideia de diversão.

— Por que Lyla era o sonho molhado de todo mundo? — Eu perguntei, voltando ao assunto. — Eu não vejo isso.

Pres levantou uma sobrancelha. — Ela é gostosa *pra caralho* sob essas roupas largas.

— Como você sabe? — Fiquei mais ereto e virei-me para ele.

— Ela nem sempre se vestia assim.

— Vocês dois já ficaram? — Eu perguntei e franzi a testa para minha própria pergunta.

— Não. — Ele riu, um som baixo, quase derrotado.

— Porque é que isso é engraçado? — Eu perguntei: — Achei que ela fosse o sonho molhado *de todo mundo*?

— Ela era.

— Mas, não o seu?

— Não, ela também foi o meu, por um tempo. — Ele encolheu os ombros. — Mesmo se eu tivesse tentado alguma coisa, ela não teria me dado a mínima.

Isso deu-me uma ideia. Prescott não atraía tantas garotas quanto eu, mas estava bem perto disso. Eu tinha que estar deixando escapar alguma coisa. Eu nunca tinha feito tantas perguntas sobre ninguém. Certamente não é uma maldita garota. Definitivamente, ninguém que eu conhecia não gostava do meu estilo de conexões. Eu precisava calar a boca. Eu estava entediado, no entanto. Eu estava entediado e estávamos aqui de qualquer maneira.

— Sinto que estou perdendo alguma coisa, — eu disse em voz alta. — Você não era o cara mais popular da sua escola? — Perguntei. — Isso é o que dizem todas as meninas que estudaram na sua escola.

— Sim, acho que estava lá em cima.

— Então...?

— Lyles é diferente. Ela é o tipo de garota que você não abandona se a conquistar, o que já é quase impossível. — Ele olhou para mim novamente, uma expressão séria no rosto. — Nunca.

— Ah, — eu balancei a cabeça. — Ela é do tipo comprometida.

— Ela? — Ele riu. — De jeito nenhum.

Eu olhei para ele. Eu definitivamente estava sentindo falta de muitas coisas aqui.

Ele sorriu, balançando a cabeça como se Lyla James Marichal comprometer-se com alguma coisa fosse uma piada. Se fosse esse o caso...

— Ela é a garota que você não pode deixar escapar, — explicou ele.

Eu queria perguntar por que, mas mordi a língua. Eu não me importava com a eternidade ou com deixar alguém escapar. Eu já tive uma pessoa importante na minha vida abandonando-me. Eu com certeza não precisava de outra. Se você não as deixar entrar, elas não poderão machucar-te. Era simples.

Ele suspirou. — Olha, eu a conheço desde que estávamos na creche. Faz muito tempo que só a vejo como amiga, como irmã. Mas, sim, ela era a garota mais gostosa, popular e cobiçada da escola. Provavelmente porque ela não deu uma chance real a muitas pessoas, e isso foi antes.

— Não vejo isso, — eu disse em vez de fazer mais perguntas. — A merda mais sexy e popular. Eu não vejo isso.

— Você não veria isso. Não mais. — Ele riu, mas parecia mais triste que o anterior. — Ela era...diferente naquela época. Social. Viva.

Viva. — O que aconteceu?

Ele respirou fundo. — Digamos apenas que ela está na lista oficial de “não chame a atenção.”

— O que aconteceu?

Pres não me perguntou por que diabos eu estava fazendo tantas perguntas, mas ele piscou com a irritação em meu tom. — Eu sei que ela não é o seu tipo, então não preciso contar isso, mas direi mesmo assim. Ela nunca vai cair aos seus pés, não vai ficar com você de jeito nenhum e não vai querer ser mais um degrau na cabeceira da sua cama.

Eu levantei uma sobrancelha. — Ela é lésbica?

— Não. — Pres revirou os olhos e lançou-me um olhar sério. — Estou falando sério, Lach. Ela já passou por muito. Se você a vir, não se incomode. Ele virou-se e acenou para alguém. — Essa é a colega de quarto dela. Ela é mais o seu tipo.

Olhei para cima e vi uma linda morena com peitos grandes acenando de volta. A maneira como ela olhou para mim disse-me que ela estaria aqui em breve. Eu refleti sobre o que ele tinha dito. Não gostei que ele presumisse que Lyla não era meu tipo. Ele poderia simplesmente querer dizer que ela não era alguém que estivesse disposta a uma foda, duas no máximo. Nesse caso, ela não era meu tipo. Mas nunca me disseram para ficar longe de ninguém e não gostei disso.

Ela parecia inquebrável, o que fazia sentido. Você só pode realmente quebrar alguém uma vez. Tudo depois disso é apenas lascar em pedaços. Queria que ele me contasse o que aconteceu com Lyla James, mas a colega de quarto já estava na nossa frente. Ela deu um abraço rápido em Prescott e virou-se para mim. Eu não tinha um tipo, não mesmo. Durante anos, eu fodi garotas por trás de qualquer maneira. Não quer dizer que não fiz outras coisas, mas quando se tratava de foder de verdade, foi algo que fiz para estabelecer um limite claro.

— Eu sou Marissa.

— Lachlan.

— Ah, eu sei quem você é. — Ela sorriu, seus olhos castanhos escuros vagando para cima e para baixo em meu corpo. Ao contrário de sua colega de quarto, Marissa parecia querer escalar-me aqui

mesmo, o que não fez nada por mim esta noite.

— Ah, merda. Eu tenho que lidar com isso. Prescott afastou-se da parede e correu para uma discussão entre sua ex e a atual.

— Isso vai ficar complicado, — disse Marissa.

— Vai ser um pesadelo. — Observei Pres ficar entre elas e senti-me mal pelo cara.

— Então... — Marissa começou. Eu olhei para ela. Ela lambeu os lábios. — Eu estava saindo e, como sou a única aqui, acho que deveria perguntar se você quer vir comigo?

— Onde?

— Para meu lugar. — Seu sorriso era lento e sedutor.

— Onde é a sua casa?

— Dois quarteirões abaixo.

— Hum. — Eu pensei sobre isso. *Realmente* pensei sobre isso. Tudo nesta noite foi sem precedentes. Não era como se eu tivesse fodido todas as pessoas que se aproximavam de mim, mas em qualquer outra noite, Marissa estaria na minha lista.

— De qualquer forma, minha colega de quarto está em casa, mas está acostumada com companhia, então isso não será problema.

Coloquei minha mão na parte inferior de suas costas. — Lidere o caminho.

No momento em que ela disse colega de quarto, eu afastei-me da parede e estava pronto para ir. Ela lançou-me um olhar que dizia que aquele não era seu primeiro rodeio, o que eu sabia. Não que eu me importasse. Quando saímos, mantive alguma distância entre nós. Eu ainda não tinha decidido o que aconteceria com isso, mas precisava saber onde ela morava. Talvez tenha sido uma atitude idiota usá-la assim apenas para aproximar-me de sua colega de quarto, mas era a única que eu tinha no momento.

CAPÍTULO 2

Lachlan

Para ser completamente honesto, Marissa era a última pessoa que eu queria ver esta noite. Eu tinha saído da festa da noite passada com ela e normalmente nunca teria voltado aqui só para buscá-la, mas a casa de Prescott ficava a apenas duas casas de distância, e eu tive que passar por aqui de qualquer maneira. Essa foi a desculpa que dei a ela e o que disse a mim mesmo enquanto estava sentado em sua sala, esperando que ela se arrumasse. Ela foi muito persistente na noite passada, mas eu consegui não transar com ela. Uma novidade para mim, devo dizer. Eu provavelmente teria cedido se achasse que Lyla perdoaria aquela indiscrição, mas não achei que ela estivesse preparada para as sobras da amiga. Eu não tinha descoberto por que me importava, o que estava irritando-me. Eu pensei sobre isso no caminho para casa depois de deixar Marissa. Eu continuei pensando nisso antes de ir para a cama, e a única coisa que consegui descobrir foi que Lyla James intrigava-me, o que era lamentável para ela. As mulheres geralmente não me intrigavam. A aparência delas por baixo das roupas e o *quão* molhada sua boceta ficaria quando eu colocasse meu pau nela me intrigava, mas era isso. Depois que fazia sexo com uma mulher uma ou duas vezes, a ilusão desaparecia.

Duas vezes era meu limite. As mulheres começavam a se apegar pela terceira vez. Se alguém já fez um estudo sobre isso, eu tinha informações suficientes para basear sua análise. A foda número um geralmente acontecia depois de um jogo ou festa, então era divertida e nova. A foda número dois era mais um “Foi bom ou eu imaginei?” A foda número três... bem, eu só consegui foder a número três algumas vezes e arrependi-me todas as vezes. Elas apegavam-se. Passava de uma conexão divertida para “Devíamos nos encontrar para tomar uma bebida, um café ou qualquer outra coisa.” Claro, elas insinuavam que

iríamos transar depois, mas eu não estava interessado em falar com elas e poderia tomar um café ou uma bebida com a porra da minha mãe.

O Fenômeno Lyla era outra coisa. Era assim que eu estava chamando agora (na minha cabeça, é claro). Eu nem tinha falado com meus companheiros de equipe sobre ela, mas não tinha pedido nada e não tinha fodido ela, então não havia muito a dizer. Não era como se eu fosse admitir abertamente o que estava fazendo atualmente. Eu estava no apartamento de Lyla e Marissa há tempo suficiente para ouvir o álbum da Taylor Swift que Lyla estava ouvindo e chegasse a uma música sobre as lágrimas de alguém ricocheteando, que parecia ser uma das favoritas dela pela maneira como ela pronunciava a letra. Era uma música triste. Ela estava lavando pratos agora. Quando cheguei lá, ela estava enrolada no sofá, lendo um livro. Eu fiz algumas perguntas sobre isso, que ela ignorou, então tirei-o de suas mãos para chamar sua atenção. Eu ainda não tinha entendido. Foi enlouquecedor.

— É sábado à noite, — eu disse. — Você não tem mais ninguém com quem sair?

— Você não tem? — Ela olhou para mim da pia.

— Claro, mas Marissa e eu vamos à mesma festa, então pensei em passar por aqui para buscá-la. *E eu queria ver você de novo.*

Ela ignorou-me e olhou para a xícara que estava lavando, agora cantando a letra da próxima música.

Quantas malditas músicas estavam nesse álbum? A música estava distraindo-me, e eu não tinha certeza se conseguiria aguentar mais.

— Você quer se juntar a nós? — Perguntei.

Ela fez uma careta. — Você acabou de dizer que vai a uma festa.

— O que há de errado com isso?

— Nada.

Eu sufoquei um gemido. Essa maldita garota. Por que ela não

podia simplesmente permitir-me uma conversa simples? Eu teria que começar a cantar, porra. Se eu conhecesse alguma das letras, provavelmente o teria feito. Eu estava desesperado para que ela falasse comigo. Entre sua atitude indiferente e Prescott dizendo-me que ela costumava ser completamente diferente, fiquei morbidamente intrigado. Qualquer outra pessoa teria apenas ficado curiosa, talvez tentado aprender algumas coisas e deixado para lá. Fiquei fixado nisso. Sobre hóquei, carros, notas e, agora, Lyla James Marichal. A única outra pessoa que poderia intrigar-me tanto era meu pai, que só aparecia quando era conveniente. Na sua ausência, eu me concentraria em sua vida. *Onde era seu escritório? Quem era sua secretária? Por que ele estava transando com Nancy da contabilidade em vez de ficar com minha mãe, a quem ele supostamente amava mais do que tudo (incluindo seus filhos)?* A música parou de repente e tirou-me dos meus pensamentos.

— Por que você não quer ir?

— Porque eu não gosto de pessoas. — Ela disse isso com tanta naturalidade que, apesar de meu aborrecimento com ela, soltei uma risada e ela acrescentou: — *Mas se o problema é que você está planejando fazer sexo e não pode se apresentar enquanto eu estiver aqui posso sair e voltar...* — ela avaliou-me. — Cinco minutos.

Olhei para o outro lado para que ela não me visse rir. Como foi que seus insultos me divertiam e me excitavam?

— Por que você não quer ficar? Você acha que vai ficar excitada e querer juntar-se a nós?

Com isso, ela riu de todo o coração e, caramba, tentei não reagir, mas sua risada era linda. Seus olhos brilharam e ela jogou a cabeça um pouco para trás. Foi contagioso. Eu perguntei-me se ela andava por aí com aquele brilho nos olhos antes de o que quer que tivesse acontecido a ter quebrado. Ela desligou a água, secou as mãos e pegou a bolsa. Ela estava indo embora. *Onde? Com quem?* Agarrei o livro com mais força, desejando que fosse a mão dela. A cintura dela. Sua garganta.

— Porque é que isso é engraçado? Não é um cenário rebuscado. Você deve ter visto isso em um dos vídeos pornôs que assiste.

Ela revirou os olhos, mas vi o fantasma de um sorriso. Ela estava vestindo jeans largos e uma camisa grande demais. Com o rosto de Biggie Smalls⁴, desta vez. Mesmo assim, pude ver o balanço de seus quadris enquanto ela se aproximava. Ela manteve os olhos nos meus o tempo todo. Meu coração acelerou. As pessoas eram previsíveis. Eu normalmente poderia avaliar o que elas fariam antes de fazê-lo. Era uma das coisas que me diferenciou da maioria das pessoas no gelo. Se você procurasse certas coisas, provavelmente poderia prever pelo menos metade do que alguém faria a seguir. Mas não Lyla James. Do jeito que ela andava, parecia que ela iria montar no meu colo ou me dar um tapa. Talvez ambos. Essas eram as opções. Ela ficou entre minhas pernas, *tão* perto de mim que eu poderia puxá-la para meu colo. Porra, eu queria. Ela estava *tão* perto que se olhasse, veria o contorno do meu pau com o *quão* duro ela estava deixando-me. Roupas largas, cabelo preso em um coque bagunçado, gosto musical aleatório e tudo mais - eu nunca tinha visto nada mais sexy do que essa mulher.

— Para começar, — disse ela, inclinando-se, então ficamos cara a cara. Esta foi a primeira vez que vi algo além de um vazio em seus olhos. Havia fogo e diversão, e a mistura tornava difícil respirar. — Não preciso de um enredo no meu pornô. — Ela pegou o livro da minha mão e aproximou ainda mais o rosto. Eu podia sentir seu hálito mentolado e o perfume de gardênia que flutuava por toda parte com ela. Nossos narizes estavam quase tocando-se. Isso era um teste? Por uma fração de segundo, ela olhou para meus lábios e de volta para meus olhos, e pensei que ela certamente me beijaria. Eu não sabia como me sentia sobre isso. Não deixei ninguém me beijar. — Em segundo lugar, gosto de sexo tanto quanto gosto de pessoas.

Pisquei com força, meu coração batendo forte.

Ela virou-se e foi embora, olhando por cima do ombro com o sorriso mais pecaminoso que eu já vi. — Divirta-se na festa.

Eu não fiquei surpreso facilmente, mas surpreendeu-me *pra* caralho. Ela não gostou de nada, tudo bem. Mas quem diabos não gostava de sexo? Caramba. Eu a odiava por deixar-me nervoso e interpretar-me daquele jeito. Eu a odiei ainda mais por deixar cair essa informação e ir embora. Eu ficaria obcecado com isso até que ela me desse uma explicação.

CAPÍTULO 3

Lachlan

Quando Prescott mencionou que Marissa e Lyla iriam ao clube de campo, ofereci-me para buscá-las. Felizmente, ele não questionou meus motivos. Ele deveria ter feito isso, já que eu nunca me ofereci para buscar ninguém, mas ele provavelmente pensou que tinha algo a ver com Marissa. Mal ele sabia, eu gostaria de poder deixar a bunda dela em casa e levar Lyla comigo. Ficar preso em um carro com ela por vinte minutos significava que ela teria que falar comigo. Claro, quando cheguei ao apartamento delas, Marissa disse-me que Lyla já havia saído. Sentei-me na sala, esperando Marissa terminar de se arrumar, e pesquisei Lyla no Google pela segunda vez. Suas redes sociais estavam definidas como privadas, e eu já a havia solicitado em todas elas, mesmo aquelas que eu não usava. Ela não aceitou nenhuma delas. Graças à notoriedade do pai, descobri que o aniversário dela era dia 28 de janeiro. Ela jogava futebol e aparentemente era muito boa nisso. Ela foi ao baile com um babaca chamado Skylar Wyatt Parker, cujas atividades sociais eram públicas, e eu fui capaz de persegui-la até o fim. Voltei até a primeira postagem dele, o que foi uma façanha, já que o cara tinha feito mais de quatro mil postagens. Ele jogou lacrosse no ensino médio e atualmente jogava em Yale. Fazia pré-medicina.

Havia duas fotos deles juntos, uma no baile e outra com a mão sobre o ombro dela. Ela estava usando um moletom de Yale que era *tão* grande que obviamente pertencia a ele. A legenda era um emoji de rosto emocional. Senti meu rosto contorcer-se de desgosto. Na quinta página da busca, encontrei um quadro de mensagens discutindo um acidente de carro em que ela havia se envolvido. Eles não deram detalhes e a maioria dos comentários foi redigida. Deve ter sido obra do pai dela. Talvez ela estivesse sob influência de álcool e tivesse

sofrido um acidente de carro? Um comentário na página três da discussão dizia: *por favor, pare de falar sobre isso. A vida das pessoas foi destruída!* Foi deixado há pouco mais de um ano pelo apelido PiKaChOo9. Cliquei no nome da tela e verifiquei o que mais eles comentaram, mas era principalmente relacionado a Pokémon.

— Pronto. — Marissa saiu do quarto. Cliquei no botão lateral do meu telefone enquanto levantava-me.

Ela estava usando um vestido de verão que eu tinha certeza que suas nádegas apareceriam mais tarde. Mas era uma festa na piscina. Na verdade, eu estava quase no limite com Marissa. Na festa da noite passada, ela finalmente percebeu que eu não estava interessado e parou de tentar convencer-me a ficar com ela. Recorri a medidas extremas e deixei uma garota da minha turma de economia sentar no meu colo bem na frente dela. Foi uma jogada idiota, mas eu conhecia pessoas como Marissa durante toda a minha vida e sabia que ela não iria parar a menos que eu lhe desse uma prova sólida de que não estava interessado.

— Não posso acreditar que Prescott convidou todos nós para o clube de campo, entre todos os lugares. Não vou lá há anos, — ela disse no carro, fazendo pausas entre as palavras enquanto aplicava o rímel – rímel transparente, ela disse, por causa da água. — Ele alugou o espaço da piscina, o que é um grande negócio. E Lyla vai? Um negócio ainda maior.

Eu não tinha certeza, mas meu coração bateu um pouco mais forte com a menção de Lyla. Eu fingi que não. — Por que isso é importante?

— Ela passou por muita coisa, — disse Marissa, virando o quebra-sol. — No primeiro ano e meio de faculdade, ela morou com um grupo de meninas e, apesar de sermos melhores amigas, não íamos às mesmas festas. Então... — Ela balançou a cabeça. — Então ela se mudou para a casa de hóspedes do pai e, no semestre passado, ela finalmente cedeu e foi morar comigo como deveria fazer há quatro anos.

— Eu nunca a vi por aí, — eu disse.

— Ela só tem aulas on-line, então nunca está no campus, a menos que tenha que fazer laboratórios ou algo assim. Nada lhe interessa, então o fato de ela sair duas vezes em um fim de semana é muito importante. Isso será bom para ela.

— Todos são diferentes. Talvez as pessoas precisem deixá-la lamentar em paz.

— Lamentar? — Senti seus olhos na lateral do meu rosto por um longo tempo antes dela falar. — Você sabe o que aconteceu?

— Tenho acesso à internet. — Droga, alguém *morreu* naquele acidente de carro.

— VOCÊ PESQUISOU LYLA NO GOOGLE? — ela gritou. — Por que?

Porque ela é linda e engraçada quando quer, mas principalmente porque ela faz-me sentir algo que nunca senti antes, e estou intrigado por ela. — Ela é estranha, então eu pesquisei ela no Google.

— Estranha? — Marissa torceu o nariz. — Olha, se você quiser Lyla, é só dizer.

Minha cabeça virou para ela. — O que?

— Só estou dizendo, se você a quiser, posso dizer uma palavra. — Marissa encolheu os ombros. — Você e eu nunca ficamos juntos. Ela não é estranha em compartilhar, então mesmo que ela pense que fizemos alguma coisa, ela provavelmente não se importaria, desde que soubesse que isso nunca foi sério entre nós. NÃO que eu queira estar com você se você a quiser. Eu não faço cena com irmãs-esposas⁵.

Eu não sabia em que parte focar – no comentário de compartilhamento ou no resto. Claro, eu iria concentrar-me no comentário de compartilhamento. Eu teria que investigar mais. Isso significava que ela gostava de sexo a três? Se sim, como? Duas garotas, um cara? Dois caras, uma garota? Ela não me pareceu alguém que iria gostar disso, mas se sua melhor amiga disse que ela gostava de compartilhar, eu tinha que acreditar nela. A menos que isso

significasse que ela gostava de relacionamentos abertos? Ou apenas conexões? Apenas conexões seriam o melhor cenário para mim. Duas conexões, para ser mais específico. Afastei todos esses pensamentos. Eu estava adiantando-me. Por enquanto, deixaria tudo isso de lado e acrescentaria à lista de coisas que deixaram-me curioso sobre Lyla. Eu nem tinha enviado um pedido de amizade para Marissa porque não queria que ela pensasse nada a respeito, mas talvez precisasse ver que fotos ela tinha delas juntas.

— Por que você está dizendo isso? — Entrei na vaga de estacionamento e desliguei o motor.

— Porque você teve, o quê, duas conversas com ela e depois a pesquisou no Google? — Ela estava rindo quando saiu do carro.

— Então? Eu procuro pessoas no Google o tempo todo.

— Você procurou-me no Google? — Ela parou de andar quando chegamos à porta e colocou a mão no quadril.

— Não.

— Você quer Lyla. — Ela apontou para mim. Ela não parecia chateada, confusa ou com ciúmes. Na verdade, ela divertiu-se com isso.

— Eu não a quero. — Eu fiz uma careta e abri a porta para ela.

— Olha, vou contar duas coisas, e então você pode decidir se ainda a quer.

Parei de andar e a encarei. — Estou ouvindo.

— Primeiro, se você partir o coração dela, ela nunca, e quero dizer, *nunca*, lhe dará uma segunda chance, — disse ela. Parecia óbvio. — Dois, você conhece aquelas garotas que gostam de jogar duro? — Ela esperou até que eu assentisse. — Lyla é difícil de conseguir, mas cara, quando ela se abre, ela é simplesmente...ela é honestamente uma das minhas pessoas favoritas no planeta.

— Por que ela está *tão* fechada?

Ela levantou uma sobrancelha. — Achei que você não estivesse

interessado.

— Pare com essa merda, Marissa. Por que? Por causa do acidente?

— Ela sempre foi um pouco cautelosa e seletiva com seu círculo íntimo, mas foi eleita Miss Simpatia para o anuário do ensino médio, se você pode acreditar.

— Não posso. — Comecei a andar novamente. — Então, o acidente?

— Eu não gosto de falar sobre isso, especialmente pelas costas dela. Talvez Prescott conte-lhe.

Filho da puta. Outra coisa para adicionar à maldita lista. Uma anfitriã nos cumprimentou e deixei Marissa falar, já que agora estava tentando descobrir por que Lyla era difícil de conseguir. Ela era virgem? Talvez ela estivesse se guardando. Ela *disse* que não gostava de sexo, o que significava que já o tinha experimentado. Provavelmente algum idiota que não conseguiu excitá-la. Idiota. Agora o resto de nós tinha que pagar pelo seu egoísmo. Pegamos duas toalhas da recepcionista e caminhamos na direção que ela apontou.

— Você já esteve aqui? — Marissa perguntou.

— Para o brunch, não para a piscina.

— Oh meu Deus. Prepare-se para explodir sua mente. É dentro de casa, mas parece que você está na praia. — Ela sorriu largamente.

Quando chegamos à área da piscina, tive que fazer uma pausa para absorver tudo. Era enorme e parecia uma praia. Os caras acenaram para nós quando nos viram de seus assentos. Prescott convidou dez de nós para um brunch e para a piscina. Conteí oito, incluindo nós. Prescott e Lyla eram os únicos desaparecidos. A ideia de eles ficarem sozinhos irritou-me mais do que deveria. Eu não tinha nenhum direito sobre ela; mesmo se eu tivesse, ela poderia ser amiga de quem ela quisesse. Eu disse tudo isso a mim mesmo, mas ainda sentia calor. Minha mente desviou-se para outras coisas. Esta era uma festa na piscina. Isso significava que ela finalmente tiraria as roupas

largas ou continuaria vestida e ficaria de mau humor em uma espreguiçadeira? Todos os pensamentos sobre ela foram colocados em segundo plano quando nos sentamos e começamos a conversar com todos.

— O treinador nos quer lá esta noite, — disse Drew na minha frente. — Ele vai nos fazer pagar pelo jogo da semana passada.

— Isso significa que você não pode beber? — Marissa perguntou.

— Bem, não seria o ideal, — disse ele.

Não prestei atenção a conversa deles e falei com Nash sobre os novos patins. Ele contou-me sobre um campo de treinamento que participou no Canadá no ano passado e como alguns treinadores da CHL⁶ passaram por lá, e foi assim que ele acabou assinando contrato com o Montreal quando completou dezoito anos. Contei a ele sobre um contrato semelhante que assinei naquela idade e como meu agente conseguiu tirar-me dele e tornar-me um agente livre.

— Cara, eu mataria para ser um agente livre. Eu estava contando ao meu... Ele parou de falar no meio da frase, sua boca caindo por um momento antes de recuperar-se. Ele deu um tapa no braço de Drew. — Puta. Merda. Dibs. Dibs. Dibs.

Eu tinha ouvido Nash entoar dibs mais vezes do que eu poderia contar nesses últimos quatro anos, mas quando olhei para Drew, que tinha o gosto completamente oposto para mulheres, e o peguei fodendo com os olhos de quem estava atrás de mim, minha pele arrepiou.

— Okay, certo. Pres mataria você, — disse Drew, ainda olhando.

— Valeria a pena, — Nash disse baixinho.

A parte de trás do meu pescoço de repente ficou quente. Eles deviam estar falando sobre Lyla. Se fosse esse o caso, eu precisava preparar-me. Todos nós estivemos com garotas gostosas, e Nash era pior do que eu. Ele não foderia a mesma garota duas vezes, não importa o que acontecesse. Algo feio e estranho revirou meu estômago enquanto eu os observava continuar discutindo isso em voz baixa.

Marissa bufou. — Acho que Lyla está aqui.

Nenhum deles respondeu. Eles ainda estavam ocupados cobiçando. Eu nem tinha confirmado que era Lyla e já queria arrancar os olhos deles. Outra novidade para mim. Marissa empurrou o assento para trás, levantou-se, virou-se para olhar e engasgou. Ela gritou enquanto corria: — Oh meu Deus. Essa é minha garota.

Respirei fundo, soltei o ar e virei-me. Prescott estava conversando com uma senhora mais velha, e a porra da Lyla James estava usando um vestido bege que moldava seu corpo. Eram mais buracos do que tecido e chegavam até os tornozelos. Por baixo, ela usava um biquíni branco. Eu tinha certeza de que havia parado de respirar. Eu fiz as pazes com as roupas largas e disse a mim mesmo que não me importava com a aparência dela por baixo delas. Ela tinha minha atenção de qualquer maneira, mas puta merda, isso foi inesperado. Enquanto Prescott continuava falando, Lyla falou com Marissa, que estava tocando seu cabelo. Estava baixo e em ondas hoje.

— Ela está fora da jogada, — eu disse, forçando-me a virar-me.

— Ah, vamos lá, Lach. Você não pode ficar satisfeito com as milhares de mulheres que querem um pedaço seu e deixar-me ficar com essa? — Nash perguntou.

— Por que ela está fora da jogada? — Esse era Mason, que estava sentado do outro lado da mesa e não tinha nada a ver com essa conversa.

Eu o nivelei com um olhar. — Porque eu disse.

— Isso é besteira, — disse Drew.

— Marissa é mais o seu estilo, Drew, confie em mim. — Virei-me para Nash. — Lyla está fora da jogada, a menos que você queira perder os dedos. Eu não estou brincando.

— Droga. — Suas sobrancelhas ergueram-se. Eu não sabia o que isso significava e não me importei o suficiente para perguntar.

— Senhores, — disse Prescott na cabeceira da mesa, depois olhou para Marissa e Lyla ao lado dele. — Senhoras. Obrigado por ter vindo.

Vamos comer e depois jogaremos.

Lyla deu um pequeno sorriso e acenou. Quando nossos olhos se encontraram, os dela se arregalaram um pouco. Eu tinha certeza de que não era perceptível para mais ninguém, mas senti uma onda de satisfação. Havia uma cadeira vazia à minha esquerda, mas ela estava sentada entre Marissa e Prescott. Eu queria afastar todo mundo e puxá-la para perto de mim. Porra, eu queria empurrá-los para longe e espalhá-la na porra da mesa e convidá-la para um brunch. Senti um aperto no braço e olhei para Marissa por tirar-me daquele devaneio.

— Junte-me com Drew, — ela sussurrou, — e vou tentar juntar você com Lyla.

— Já falei bem com Drew, — eu disse. Ela sorriu até que eu acrescentei: — E eu sei que você está falando merda porque Lyla nem gosta de pessoas. Ela mesma contou-me.

Marissa bufou e sussurrou. — Ela também não disse que não gostava de sexo?

Eu fiz uma careta. — Era mentira?

— Quero dizer, ela tem saído muito com um cara. Ele não é um namorado, mas a julgar pela quantidade de vezes que ele envia mensagens de texto, ele está esforçando-se para ser.

Isso era irritante. — Quem é esse?

— Um cara do time de futebol.

Futebol? Que diabos? O time de futebol era popular, mas Fairview vivia e respirava hóquei.

— Ela vai aos jogos? — Eu perguntei, mantendo minha voz baixa já que ela estava ali. Aquele vestido era *tão* apertado em seus seios que se ela espirrasse, eu tinha certeza que sairia um de seu biquíni minúsculo. Eu simultaneamente esperava que isso acontecesse e não aconteceu.

— A maioria deles. — Marissa tinha um brilho nos olhos, como se estivesse segurando uma piada.

Eu queria saber mais. Por que ela não foi aos nossos jogos? Prescott disse que ela não tinha ido a nenhum recentemente, mas isso não significava que ela nunca tivesse ido. Prescott era um amigo próximo dela, então não seria exagero e, para ser totalmente honesto, não olhava muito para as arquibancadas. Drew começou a conversar com Marissa antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta.

— Acho que ainda não nos conhecemos, — disse Nash, olhando para Lyla. Ele sorriu. Ela não fez isso. — Eu sou Nash.

— Lyla.

Prescott inclinou-se para sussurrar algo em seu ouvido e colocou a mão sobre a dela sobre a mesa. Eu ia foder com ele hoje à noite no treino. Talvez eu apertasse um dedo ou dois. Eu não me importava que eles se conhecessem desde sempre. A mão dele sobre a dela me fez ver vermelho. Porra. Quando foi a última vez que me senti assim, se é que alguma vez me senti? Ela estava deixando-me louco. Ela tirou a mão da dele e pegou o cardápio, estudando-o por mais tempo do que o necessário. Havia apenas seis opções. Não demorava mais de um minuto para escolher. O telefone de Marissa tocou em sua bolsa e ela pediu licença quando olhou para a tela. Ela inclinou-se e disse a Lyla o que pedir para ela.

Sem ela como proteção entre nós, eu tinha uma visão muito melhor de Lyla, mas não conseguia continuar olhando sem parecer um canalha, então decidi falar com ela.

— Isso é um pesadelo para você, estar perto de todas essas pessoas? — Eu perguntei baixinho.

— Mais ou menos. — Ela virou o rosto para mim. Cristo, aquele rosto, aqueles lábios, aqueles olhos. — Eles fazem frango e waffles incríveis, então lidar com vocês é um pequeno preço a pagar.

Contive uma risada. — Este é um novo visual para você. Você só tira suas roupas largas aos domingos?

Ela colocou a mão na cadeira vazia de Marissa e inclinou-se para mais perto de mim como se estivesse contando-me um segredo. Fiz o

mesmo, colocando meus dedos a poucos centímetros dos dela. Ela lambeu os lábios. Reprimi um gemido. Ela estava fazendo isso de propósito. *Ela tinha que estar*. Por alguma razão, provavelmente porque ela não demonstrou interesse, eu queria que ela me quisesse. Estava além da minha compreensão porque, como Nash afirmou, inúmeras mulheres se atiravam constantemente em mim. Nenhuma delas prendeu minha atenção. Assim não. Quando Lyla finalmente decidiu agraciar-me com suas palavras, elas foram baixas, quase um sussurro.

— Você e seus amigos idiotas só apostam em quem vai foder-me primeiro aos domingos? — Seus olhos dançaram. Porra. Quanto ela sabia sobre isso?

— Você gostaria que eu aceitasse essa aposta? — Aproximei minha mão da dela, as pontas dos nossos dedos tocando-se.

— Só se você pretende perder. — Ela retirou a mão e sentou-se ereta na cadeira.

Eu nunca perdi nada na minha vida (apesar do carinho do meu pai), mas não tive retorno para isso. Passei a maior parte da refeição conversando com os rapazes e ignorando Lyla. Pelo menos abertamente. Meus ouvidos animavam-se sempre que ela falava, o que não acontecia com frequência. Eu odiava Mason, que estava sentado em frente a ela com a melhor vista da casa. Fiquei irritado com a forma como Prescott se agitava em seu espaço pessoal sempre que falava com ela. Peguei meu telefone e pesquisei no Google quanto tempo eu ficaria preso se a sequestrasse. Depois do café da manhã, todos saímos para apreciar a vista da marina e do campo de golfe. Todos espalharam-se pelo terraço para tirar selfies enquanto eu observava Lyla. A temperatura da primavera estava ótima, mas ela continuou passando as mãos pelos braços como se estivesse com frio. Desabotoei a camisa que estava vestindo e coloquei-a sobre seus ombros.

Ela estremeceu e olhou para mim. Achei que ela iria brigar comigo por um momento, mas ela apenas disse: — Obrigada.

— De nada. — Olhei para a marina. — Você vem muito aqui?

— Claro. — Seus olhos voltaram-se para os meus brevemente. — Eu me submeterei a praticamente qualquer coisa quando estiver na fase de auto-aversão e quiser torturar-me.

Eu rio. Tentei não fazer isso porque não queria ceder à atitude dela, mas ela era engraçada. Eu a peguei olhando para meu peito nu por um segundo antes de ela se virar. Eu sorrio na parte de trás de sua cabeça. Talvez eu estivesse chegando a algum lugar. Todos os outros entraram, mas Lyla deu um passo à frente, apoiando os antebraços na parede e fechando os olhos quando a brisa atingiu seu rosto. Eu olhei para ela. Eu nunca tinha notado o quanto ela era mais baixa que eu. Por outro lado, embora ela estivesse no mesmo nível dos meus peitorais, ela carregava um ar de grandeza.

— Você vai me bater se eu disser que você está linda?

Ela virou o rosto e estudou-me. Depois de anos sob os holofotes, eu estava acostumado com as pessoas analisando-me, mas nunca fui analisado como Lyla foi. Eu queria estender a mão e tocar seu cabelo, beijar seus lábios, segurá-la em meus braços. *Beijá-la e segurá-la em meus braços? Quem diabos era eu?* Eu nunca beijei as meninas. Meu irmão chamava isso de “besteira de Mulher Bonita,” mas beijar era muito pessoal. Eu sabia que era estranho alguém que não tinha escrúpulos em comer a boceta de uma mulher ser desencorajado por beijar os lábios na sua cara, mas era algo que eu simplesmente não estava interessado em fazer.

— Obrigada. — Ela sorriu. Era minúsculo, mas estava lá; o melhor de tudo é que atingiu seus olhos. — Você também está lindo.

— Um dia desses, Lyla, você vai dizer algo legal para mim e ser sincera. — Eu rio e balanço a cabeça enquanto olho para os barcos na marina.

Ela virou para mim e olhou-me com uma expressão séria. — Eu nunca digo coisas que não quero dizer.

— Nós temos isso em comum.

— Hum. — Ela voltou-se para a água. — Você vem hoje à noite para fazer sexo pornô?

— Você está se oferecendo para mim?

Ela lançou-me um olhar. — Você sabe que não estou.

— Por que?

— Você está fazendo sexo com minha amiga. — Ela voltou sua atenção para a marina novamente.

— Eu não estou.

— Oh. — Seu olhar brilhou para o meu, uma pequena carranca entre os olhos.

— Agora que esclarecemos isso, você quer sexo pornográfico?

— Ainda não.

— É por causa daquele cara que você está namorando?

— Lachlan Duke, — disse ela, mantendo o rosto voltado para a frente, mas pude ouvir o sorriso em sua voz. — Você está perseguindo-me?

Ela estava sorrindo com a ideia de eu persegui-la? Ela não tinha ideia de quanta perseguição eu já tinha feito e continuaria a fazer. Ela estava sorrindo porque estava pensando nele? Eu não gostei dessa opção.

— Você gostaria se eu perseguisse?

Ela olhou para mim e procurou meus olhos. — Não.

Eu gemi. — Então, é por causa do cara com quem você está namorando?

Ela não disse nada enquanto virava e começava a entrar. Eu a segui como o cachorrinho perdido que eu era - não adianta ser duro com isso. Essa maldita garota estava virando-me do avesso com suas besteiras.

Abri a porta para ela. — Vou interpretar o seu silêncio como um

sim.

Ela encolheu os ombros. — OK.

Eu nunca quis perseguir ninguém em toda a minha vida, e a primeira pessoa que eu realmente quis perseguir não se importou se eu tentasse ou não. Talvez ela não tenha sido afetada por mim porque estava acostumada com caras caindo aos seus pés. Antes de hoje, eu teria tido mais dificuldade em acreditar nisso, mas ninguém em sã consciência não pensaria que ela era gostosa. E ela era engraçada. E a Marissa disse que valia a pena quando ela se abrisse contigo. Eu mantive meus olhos nela o tempo todo. Ela chegou primeiro às espreguiçadeiras, tirou os chinelos e dobrou cuidadosamente a camisa que eu lhe dei. Assim que terminou, ela tirou o vestido e deu-me uma visão completa de sua bunda tonificada naquela minúscula parte de baixo do biquíni. Tive que respirar fundo e desviar os olhos. Eu não queria que os caras vissem o quanto ela afetou-me. Eu não sabia como, mas teria Lyla James ou morreria tentando. Pela primeira vez em quatro anos, eu colocaria 100 dólares no pote de dibs e nem me importei.

CAPÍTULO 4

Lyla

A única coisa que eu odiava mais do que uma festa era uma festa abafada, especialmente aquelas às quais eu era obrigada a comparecer. Eu já tinha olhado pela janela da casa de hóspedes cinquenta vezes, tentando descobrir quando seria um bom momento para aparecer e ir embora. Eu sabia que muitas universitárias (e universitários) matariam pela oportunidade de estar no famoso Baile Esportivo Sênior do meu pai. Papai inventou aquele nome muito original, estranho e exagerado para o evento. Apenas alguns idosos de cada equipe foram convidados. Os quatro temas foram reciclados: Gatsby (claro), Egípcio, Máscara e Anos 1920 (que honestamente era Gatsby com outro nome). Papai adorava esse tema, por isso este ano era a década de 1920. Eu já tinha feito essa encenação tantas vezes que tinha três looks para cada tema. Esta noite, coloquei um vestido curto, mas solto, preto e dourado. A franja na parte inferior atingiu-me nos joelhos. Eu estava esperando para calçar os sapatos quando estivesse pronta para sair. Quase saí duas vezes, mas como a festa acontecia no quintal, ficava a poucos passos da casa de hóspedes, e eu queria entrar escondida na tenda sem ser notada.

Eu já não queria estar aqui, mas esta noite, entre todas as noites, desejei poder desaparecer. Eu odiava meu pai e o odiava ainda mais por ser o anfitrião desta noite. Eu odiava Marie por concordar com tudo o que ele dizia e fazia. Quando implorei que mudassem para outra noite, ela disse: “Precisamos criar boas lembranças para substituir as ruins.” Como se alguma coisa pudesse fazer-me esquecer esse dia. Para começar, eu não gostava muito de Marie. Ela sempre foi gentil comigo, mas minha mãe faleceu há alguns anos e Marie já havia se mudado para a casa que meus pais dividiam apenas dois meses depois do funeral. Minha mãe nunca gostou dela e o motivo era óbvio.

Não era preciso ser um cientista espacial para concluir que Marie, que tinha sido secretária do meu pai durante os últimos seis anos, estava transando com ele. Que clichê. Antes dela mudar-se, eu morava na casa de hóspedes, onde tentei ficar depois disso - não pelo bem do meu pai, mas pelo meu próprio bem. A casa de hóspedes fez-me sentir mais próxima da minha mãe e ninguém me incomodou. De qualquer forma, eu nunca coloquei os pés na casa principal, então a presença dela não deveria incomodar-me tanto quanto antes. Eu pedia comida para viagem ou dirigia para conseguir comida em vez de caminhar até lá. Nem tenho certeza se meu pai percebeu. Ele só gostava de desempenhar o papel de pai, não *de ser realmente* um. Isso foi antes de mamãe morrer no acidente. Depois disso, acho que ele se esforçou um pouco mais para estar ao meu lado - se você contar o terapeuta e o dinheiro que ele depositava em minha conta bancária todos os meses como uma ajuda. Papai não colocava band-aid nas coisas; ele jogava pilhas de dinheiro nelas até que não fossem mais algo com que ele tivesse que lidar.

Esta noite, porém, minha culpa e tristeza não eram por causa da mamãe. Esta noite era o aniversário da morte de Luke. Luke, que meu pai tratava como um filho. Quem ele encorajou-me a namorar. Quando ele descobriu que eu iria ao baile de formatura com outra pessoa, ele ligou para Luke e pediu desculpas pessoalmente, como se ele tivesse alguma coisa a ver com nossas vidas. Eu amava Luke *pra* caralho, mas nunca iria casar-me com ele, não importava quantas vezes ele se vangloriasse disso - e ele se gabava bastante. Eu gostaria que ele não tivesse feito isso. Eu gostaria que ele nunca tivesse anunciado que tinha comprado um anel de noivado para mim e que nunca tivesse se levantado durante o Dia de Ação de Amigos com os amigos dos nossos pais para falar sobre coisas assim e brincar que poderíamos fugir. Pisquei rapidamente para evitar as lágrimas. Eu odiava chorar e, se começasse, não pararia. Eu não chorava há muito tempo, nem achava que meus canais lacrimais funcionavam mais, mas esta noite funcionariam. Esta noite, todas as emoções que normalmente enterrei seriam expostas.

Ninguém mencionaria a morte de Luke esta noite. Eles sabiam

que não era assim, mas mesmo um aperto no meu braço, dizendo que sentiam muito, me irritaria. Normalmente, eu encontrava maneiras de distrair-me para não sentir qualquer coisa. Era possivelmente a melhor e a pior habilidade que minha mente adquiriu durante tudo isso. Melhor, porque apenas um punhado de almas corajosas tentou fazer com que eu me abrisse novamente. Pior, porque depois que você aprende a entorpecer-se com a dor, você corria o risco de que isso acontecesse com todas as suas emoções. Esse era o meu caso, na maior parte. Até recentemente, eu não achava que pudesse sentir nada além de culpa e tristeza. Meu telefone tocou na cama, tirando-me dos meus pensamentos, e vi uma mensagem de Banks.

Banks: *Estou aqui. Mesa 10. Onde você está?*

Eu: *Ah*

Calcei os saltos, verifiquei novamente a maquiagem e saí do quarto, fechando e trancando a porta. Respirei fundo e acalmei-me no caminho para a tenda e torci para que ninguém me parasse para conversar um pouco. Claro, eles fizeram de qualquer maneira. Sempre que eu me arrumava para esses eventos esquecidos por Deus, as pessoas viam isso como a oportunidade perfeita para abrir-me novamente. Era como se um pouco de maquiagem e fazer alguma coisa com meu cabelo significassem que eu não era mais essa versão fodida e quebrada de mim mesma. Eu estava começando a respirar um pouco mais fácil enquanto afastava-me da última conversa cordial quando senti uma mão em meu cotovelo. Os cheiros atingiram-me primeiro - eles sempre usavam as mesmas colônias, uma com cheiro mais picante que a outra. Como os dois sempre batiam no spray muitas vezes para encobrir o cheiro de cigarro, era insuportável quando eles estavam ao seu lado. Eu congelei quando um milhão de emoções sombrias passaram instantaneamente por mim. Eu decidi pelo tédio.

— Você não estava planejando dizer olá? — Jameson perguntou, sua voz baixa atrás da minha orelha direita. Prendi a respiração, puxei o cotovelo, virei-me rapidamente e avistei os dois homens à minha frente.

— Você está incrível, Lyles, — disse o oficial Hughes ao lado dele, jogando o cigarro na grama enquanto seus olhos azuis vagavam pelo meu corpo.

Fiquei muito grata pelo vestido estar solto e não haver muito para ver. Não que isso deixasse-me menos desconfortável. Agradei baixinho enquanto tentava parar de ficar tensa, mas era inútil. Ambos me mantiveram nervosa; eles eram primos e estavam sempre por perto, o que tornava tudo pior. O oficial Ned Hughes era o chefe de polícia, o herói de Fairview e um idiota total. Ele estava sempre à disposição do papai, no entanto. Ele estava sempre preparando bebidas para todos. Sempre a vida da festa. Ao lado dele estava David Jameson, ex-técnico Jameson, que também era reverenciado em Fairview. Sua família era importante como o inferno na sociedade. Quando ele decidiu ser treinador de hóquei na universidade, todos olhavam para isso como se ele estivesse fazendo algum tipo de caridade, como se não estivessem lhe pagando muito dinheiro. Ele não precisava do dinheiro, então era visto como “*tão gentil*” e “*tão gracioso*.” As mulheres caíam a seus pés. Um número recorde de caras que ele treinou chegou à NHL ou à CHL⁷. Essas foram conquistas que poderiam ser vinculadas diretamente ao técnico Jameson. Ele era o melhor amigo do meu pai e meu padrinho. Eu o *desprezava*. Eu desprezava todos os adultos ligados a Fairview neste evento, mas aqui estava eu, prestes a deixá-los fazer-me sentir pequena e desconfortável.

— Eu não tinha visto você, — eu disse, minha voz séria e expressão vazia, enquanto olhava entre eles.

— Eu imaginei isso. — Jameson sorriu, seus olhos azuis vagando pelo meu rosto. — Você está linda.

— Obrigada. — Olhei em volta procurando alguém que viesse me resgatar desses dois.

Felizmente, vi a namorada de longa data de Jameson aproximando-se. Obrigada, universo. Sydney era a única que eu conseguia suportar naquela multidão, provavelmente porque ela era

uma migrante de Chicago. Ela sempre parecia impecável e era gentil - ao contrário de Hughes, Jameson, meu pai e daquela puta da Marie. Eu não conseguia entender por que Sydney estava no grupo deles, mas tinha certeza de que a aparência, a estatura e o charme de Jameson tinham muito a ver com isso. Hughes era realmente casado, o que era ainda mais alucinante. Mas, novamente - aparência, estatura e charme eram suficientes para algumas pessoas.

— Ei, Lyla. Você está linda, — disse Sydney, sorrindo enquanto abraçava-me.

— Você também, — eu disse, segurando o braço dela. — Bem, eu tenho que ir. Foi ótimo ver todos vocês. Vemo-nos mais tarde.

Virei-me, empurrei os ombros para trás e continuei andando. Lá dentro, olhei em volta até encontrar Banks. Claro, a mesa dez ficava do outro lado. Eu nem queria sentar à mesa dele, mas sabia que era o melhor. Os olhos de Prescott encontraram os meus quando passei, e pude ver uma tristeza refletida na minha. Ele fez um pequeno aceno de cabeça e virou-se para falar com seu companheiro de equipe. Ele sabia *tão* bem quanto eu que esta noite não era um bom momento para interagirmos. Ele era amigo de Luke e sentia falta dele tanto quanto eu. Observei a tenda, equipada com lustres e centros de mesa brancos e roxos em cada mesa. Parecia mais um casamento do que um evento esportivo. Foi obra de Marie, com certeza. Ela provavelmente estava tentando mostrar ao papai como seria o casamento deles se ele a pedisse em casamento. As mesas eram grandes o suficiente para acomodar oito e doze pessoas e eram compostas por agentes, atletas e treinadores profissionais de cada modalidade. Era um evento de networking sofisticado - uma brecha para estudantes-atletas esbarrarem em agentes e treinadores com quem provavelmente ainda não deveriam estar conversando.

Achei o número dez, já que Banks estava sentado lá. Não importava quem mais estava na mesa. Eu ficaria desconfortável, não importa o que acontecesse. Banks estava esperando por mim, sorriu e abriu os braços para um abraço. Devolvi antes de sentar-me. Depois de cumprimentar o jogador de vôlei com quem Banks estava

conversando, olhei mais em volta. Se isso acontecesse do meu jeito, eu seria um fantasma nesta mesa, e então me levantaria e iria embora sem que ninguém percebesse minha ausência. Aconteceu com bastante frequência hoje em dia. Avistei papai e Marie misturando-se e aproximei-me da cadeira, torcendo para que as figuras altas de Banks e dos jogadores de vôlei servissem como escudos. Eu estava olhando para minhas unhas pretas e douradas quando ouvi novas vozes aproximando-se da nossa mesa. Eu mantive meus olhos baixos. Se eu não olhasse, não estava lá. Esse era o meu lema. Alguém sentou ao meu lado e eu parei, endireitando-me na cadeira e empurrando os ombros para trás. Eu conhecia aquele cheiro. Jesus Cristo em um biscoito⁸, isso *não poderia* estar acontecendo agora. Continuei olhando para minhas unhas.

— Se eu te disser que você está linda, você vai jogar seu copo d'água na minha cara? — Ele perguntou, sua voz profunda fazendo cócegas em minha orelha.

Meu coração disparou do jeito que acontecia toda vez que ele estava por perto. Tornou-se um sentimento *tão* estranho que pensei que estava morrendo na primeira vez que aconteceu. Tentei lutar contra o arrepio que percorreu meu corpo e, na esperança de manter o rosto impassível, continuei contando até dez. Eu não sabia o que tinha feito para chamar a atenção de Lachlan Duke, mas gostaria de poder desfazer isso. Isso tornaria as coisas muito mais fáceis. Algumas vezes, eu cedi e flertei de volta, culpando-me cada vez por fazer isso. A última coisa que eu precisava era dar a ele um motivo para pensar que poderíamos ser amigos. Ou pior, mais do que amigos.

Não teria sido uma dúvida se eu o tivesse conhecido há alguns anos. Eu teria recebido bem essa insanidade. Eu teria me jogado nisso sem pensar duas vezes. Agora, porém, eu não conseguia abrir-me para ninguém, especialmente para ele. Ele tinha um futuro brilhante pela frente, de acordo com os artigos esportivos que encontrei quando procurei por ele. Esperei mais três contagens e preparei-me para olhar para ele. Ele era muito bonito e ainda mais naquele terno. Deixei meus olhos observá-lo – seu cabelo castanho espesso, normalmente

despenteado, estava penteado para trás. Meu olhar desceu por sua pele morena perfeita, lábios carnudos e queixo esculpido. Seus cílios escuros eram incríveis, e aqueles olhos - verde oliva com manchas marrons - sempre me destruíam. Ele era alto e imponente de uma forma que fazia você se sentir segura ou aterrorizada. Ele evocou ambos para mim.

Ele nunca saberia disso, no entanto. Ele nunca saberia o quanto eu queria estender a mão e tocar cada uma de suas feições. Ele nunca saberia que foi o único que me fez sentir assim. As pessoas espalhavam a palavra amor o tempo todo. Eu não sabia o que era isso, mas não pensei que fosse aquilo. Havia algo nele. Ele olhou para mim como se eu fosse importante. Como se me visse, a pessoa escondida sob a dor e a culpa.

— Obrigada. — Meus lábios moveram-se. Eu sorrio e dei a ele o que sobrou hoje em dia. — Você também está lindo.

Seus olhos dançaram. Ele inclinou-se e sussurrou: — Isso é um pesadelo para você?

Meu corpo ficou rígido. Ele não poderia saber o quanto era um pesadelo para mim fazer qualquer coisa esta noite, muito menos estar perto de pessoas. Ele tinha acabado de me dizer essas palavras outro dia e obtive uma resposta, mas esta noite foi diferente. Outro dia, a pergunta foi divertida. Esta noite, as palavras cortaram-me como garras, destruindo tudo o que restava do meu coração partido. Continuei contando e respirando até recompor-me. A última coisa que eu precisava era chamar a atenção e arrastá-lo para isso. Engoli em seco. Porra. Em qualquer outra noite, eu teria conseguido manter minha atitude impassível e blasé. Eu poderia até ter conseguido rir de seu comentário. Esta noite, meus olhos lacrimejaram sem permissão. Mordi meu lábio com força quando minhas unhas começaram a desfocar no meu colo. Conteí até dez e comecei de novo. Senti sua mão, apenas um roçar das pontas dos dedos em meu ombro, e balancei a cabeça, mordendo o lábio com mais força. Ao primeiro gosto de sangue, meu cérebro explodiu. Quando finalmente consegui falar, limpei a garganta e empurrei a cadeira para trás.

— Eu volto já.

— Ei, você está bem? — Esse foi o Banks.

— Sim. Acabei de ver alguém para quem preciso dizer oi. Empurrei minha cadeira e saí da tenda.

Graças a Deus, havia quatro saídas para isso. Passei pela mais próxima em direção à casa de hóspedes. Um grupo de pessoas conversando perto da porta forçou-me a mudar de rumo. Desviei do canteiro de flores roxas que Marie acabara de preparar para esse evento - cores oficiais da escola de Fairview - e abri o portão que dava para a pequena área entre as casas. Era um santuário onde eu costumava sair e conversar e às vezes beber ou fumar maconha com meus amigos. Foi onde dei meu primeiro beijo e perdi minha virgindade. Eu era *tão* imprudente naquela época - *tão* despreocupada, *tão* confiante, *tão* estúpida.

Pensar em como eu costumava ser deu-me vontade de gritar. Eu deveria ter simplesmente saído do evento, mas sabia que aquela decisão teria repercussões. Sentei-me no banco e concentrei-me em respirar fundo para acalmar-me. Quando isso não funcionou e eu ainda tinha vontade de chorar, levantei-me e comecei a andar. Entoei meu mantra habitual: *Apenas supere isso. Basta passar esta noite*. Eu estava voltando para o outro lado, ainda entoando baixinho, quando vi sua forma no escuro e congelei no meio do caminho. Ele deu um passo à frente, bem embaixo das velas que Marissa e eu ajudamos mamãe a colocar. Deus, isso parecia ter acontecido há muito tempo.

— O que foi que eu disse? — Lachlan estava com as mãos nos bolsos e uma expressão genuína de preocupação no rosto.

— Nada. — Eu balancei minha cabeça. — Por favor, volte para o jantar. Estou bem.

Ele caminhou lentamente, do jeito que os tratadores do zoológico entram nas jaulas. Eu poderia ter fugido, poderia ter insultado ele, poderia ter feito várias coisas para afastá-lo, mas fiquei onde estava. Ele não tirou as mãos dos bolsos quando me alcançou. Ele não disse nada. Ele apenas ficou lá com sua presença autoritária e seu perfume

debaixo de um pouco de colônia que estranhamente trazia-me conforto cada vez que ele estava por perto. Eu queria jogar meus braços em volta dele. Eu queria que ele jogasse os braços em volta de mim. Algo nele falou comigo em um nível que eu não conseguia entender. Havia um toque de raiva e dor por baixo do corpo atlético e do sorriso desarmante. Talvez fosse por isso que ele queria ultrapassar os muros que construí ao meu redor. Deixei isso de lado por um momento, deixei o fato de que esse cobiçado astro do hóquei, possivelmente o cara mais bonito que eu já vi, continuava aparecendo por algum motivo maluco. Amarrá-lo a mim seria egoísta. Irresponsável. Por mais que eu o quisesse, eu não poderia fazer isso. Do jeito que estava, eu deveria tê-lo forçado a ir embora, e eu teria feito isso em qualquer outra noite. Mas esta noite eu estava cansada. *Tão cansada.*

Meu lábio inferior começou a tremer, meus olhos encheram-se de lágrimas, enquanto eu olhava para o segundo botão de sua camisa branca. Respirei novamente, fungando, e engoli em seco para não chorar abertamente, mas não consegui parar. Eu nem conhecia Lach, na verdade não. Eu não poderia contar-te nada sobre sua família ou sua comida favorita. No entanto, de alguma forma, eu sentia-me mais confortável perto dele do que a maioria das pessoas. Apesar disso, odiava sentir-me fraca, principalmente em público. Eu não tinha desabado na frente de ninguém além de Marissa, e já fazia um tempo que ela não me via assim. Esta noite ia dar um desconto. Talvez ver-me assim finalmente o faria correr para as montanhas, e eu não teria mais que tentar afastá-lo.

Eu não me importava mais. Não era como se eu tivesse escolha no assunto. Não havia como fingir que nada estava errado ou esconder minhas emoções. Então, eu não fiz. Limpei meus olhos e olhei para cima até que finalmente encontrei seus olhos. Eu deixei ele me ver. Esta versão de mim mesma que sangra como todo mundo, que dói como todo mundo, que *sente*. Ele engoliu em seco enquanto seus olhos observavam-me. Eu tinha certeza de que ele pensaria que eu estava maluca, mas em seus olhos encontrei compreensão. E foi isso que fez o próximo soluço sair do meu peito. Ele passou os braços em volta de

mim e segurou-me com força, envolvendo-me enquanto colocava o queixo na minha cabeça.

— Você está bem. — Era um cântico, um mantra, uma promessa.
— Eu peguei você. Você está bem.

Isso tornou tudo pior. Meu peito tremeu com essa promessa. Eu gostaria que fosse verdade. Eu gostaria que as coisas fossem diferentes e pudesse permitir-me acreditar nisso, acolher isso. Eu odiei tanto isso. Ele me abraçou e deixou chorar até não sobrar mais lágrimas. Quando finalmente recuperei, respirei fundo, afastei-me e enxuguei o rosto algumas vezes. Eu tinha certeza de que minha maquiagem estava um desastre e precisaria lavar o rosto e reaplicá-la.

— Isso é *tão* constrangedor, — sussurrei para o segundo botão.

— Não faça isso. — Ele inclinou meu queixo. — Eu nunca julgaria você.

Engoli em seco, respirei fundo e enxuguei o rosto novamente. — Obrigada.

— Você quer falar sobre isso?

— Não posso. — Meu lábio tremeu novamente, mas me contive.
— Não essa noite. — *Nunca*.

Ele passou os braços em volta de mim novamente e exalou enquanto segurava-me, acariciando a parte de trás do meu ombro direito com o polegar em movimentos circulares e suaves. Eu não tinha certeza de quanto tempo passou, talvez minutos, talvez uma eternidade, mas me senti contente pela primeira vez em dois anos. Eu me senti segura. Eu *senti*, ponto final. E eu sabia que estava errado. Parte de mim gostaria de poder contar a ele o que aconteceu, mas eu sabia que não poderia. O que eu diria? Que não importava o quanto ele perseguisse, ele nunca venceria a porra do meu verdadeiro perseguidor, a pessoa que arruinou minha vida várias vezes? Que eu não poderia ir à polícia como uma pessoa normal porque a cidade inteira estava no bolso dele? No final, não disse nada. Não essa noite. Eu teria que acabar com isso, porque se isso continuasse, eu seria a

ruína dele. E nem eu era forte o suficiente para suportar tanta culpa.

CAPÍTULO 5

Lachlan

Acompanhei Lyla até a casa de hóspedes e esperei que ela arrumasse a maquiagem. Eu queria carregá-la para longe desta casa. Desta cidade. Deste estado. Deste país. Deste maldito planeta. O que fosse necessário para fazê-la sorrir. Eu nunca fui de importar muito com mulheres chorando. Eu tinha visto minha mãe chorar muitas vezes. Eu fiz as meninas chorarem quando elas tentaram me culpar e querer mais. Lágrimas me irritam *pra* caralho. Elas sempre vinham com algum tipo de expectativa – conforto, sexo, qualquer coisa. Ver Lyla chorar me ferrou. Talvez porque ela raramente demonstrasse emoção. Talvez porque eu importasse um pouco mais do que queria admitir.

Seja qual for o caso, ela não quis discutir o assunto comigo e fechou-se completamente quando entramos no quintal do pai dela. Sua expressão estava impassível novamente, seus olhos vazios. Eu odiei isso. Eu preferia as lágrimas à indiferença - só as dela. Eu não sabia como ela fazia isso, mas ela até ficava linda quando chorava. Seus olhos eram suaves e continham um apelo que praticamente gritava: “Salve-me.” De quem ou do quê, eu não tinha certeza, mas tinha a terrível sensação de que era dela mesma, e por mais que eu odiasse admitir, isso era algo que só ela tinha o poder de fazer.

Fechei os olhos e respirei fundo. *Como diabos eu acabei nessa situação?* Sempre fui uma pessoa egoísta. Era mais fácil desse jeito. Apenas minha mãe e meu irmão podiam entrar na minha bolha, principalmente porque eu não conseguia livrar-me deles, mesmo que tentasse. Todos os outros foram mantidos à distância. Chamar a atenção desde *tão* jovem significava questionar constantemente os motivos de todos. Eu amava e respeitava meus companheiros de

equipe e valorizava sua amizade, mas não ficava conversando com eles sobre meus problemas. Para eles, eu era um centro durão que alcançou um nível de notoriedade com o qual eles só poderiam sonhar, um playboy que descartava as mulheres. Não era como se as mulheres se importassem. A maioria delas eram coelhinhas⁹ que só queriam dizer que me foderam, como se isso valesse uma medalha de honra ou algo assim. E então havia Lyla fodendo com James, com sua indiferença e respostas sarcásticas. Alguém que realmente não dava a mínima para quem eu era. Que nem tinha ouvido falar de mim até uma semana atrás. Se eu mantivesse todos à distância, ela os manteria em um plano completamente diferente.

Enquanto ela estava no banheiro, procurei por algo que pudesse dizer mais sobre ela. Eu estava faminto por ela. Não apenas o corpo dela, mas ela. Sua atenção, seus segredos, seus sorrisos, suas risadas. Qualquer coisa. Tudo. Eu queria entrar em seu cérebro e vasculhar suas memórias, preocupações, medos, gostos e desgostos. Tudo, porra. Não gostei que meu ala esquerda soubesse o que aconteceu com ela. Era injusto, já que Prescott a conhecia há muito tempo, mas eu não queria jogar limpo quando se tratava dela. Eu queria vencer a todo custo. Eu queria ser o único guardião de seus segredos. Eu queria possuí-la. O mais inteligente seria ir embora agora, porque eu sabia que me perderia nessa garota se esperasse mais. Eu já estava perdido e só a conhecia há uma semana. Lyla era uma bandeira vermelha ambulante. Ela me deu todos os motivos para correr na direção oposta, mas eu estava preso em alguma estranha atração gravitacional que ela exercia sobre mim.

Continuei examinando. Ela não tinha muita coisa na casa de hóspedes: uma pequena caixa de joias com uma bailarina dançando e uma estante de livros. Havia uma bola de futebol de vidro na estante que me chamou a atenção. Era muito legal. Talvez o pai dela tenha dado isso de presente para ela? Quando parei na frente dela, percebi que era um troféu. Não *apenas* um troféu. Não poderia ter sido. A única coisa que eu tinha visto que era *tão* legal eram nossos troféus de título da NCAA¹⁰, e não os guardávamos casualmente em casa, numa estante. Este tinha o nome dela e era datado há dois anos. Nessa

altura, ela era aluna do segundo ano. Talvez fosse um troféu MVP¹¹. Inclinei-me para ler.

Troféu Hermann. Peguei meu telefone e pesquisei no Google. Eu tinha visto coisas sobre ela jogando futebol, mas não tinha prestado atenção desde o fim da temporada, e achei que ela era boa o suficiente. De acordo com isso, a porra da Lyla James estava para o futebol assim como eu estava para o hóquei. *Muito* impressionante. Fui à página de esportes da escola e confirmei que terminava no outono. Eu gostaria de ter sabido disso antes. Cliquei na lista e vi que ela não estava nela. Ela também não estava no ano passado. *Que porra é essa?* Olhei para o troféu novamente. Não fazia sentido. Ela havia desistido após o acidente? Eu entendia fazer uma pausa, mas desistir era incompreensível para mim. Tentei colocar-me na posição dela e não consegui entender. Minha natureza competitiva nunca me deixou parar de jogar antes de ser forçado a aposentar-me. Ela poderia ter se tornado profissional. Eu sabia que isso não era algo que agradasse a todos. Prescott não estava interessado em jogar além da faculdade, o que também era incompreensível. Ele penduraria os patins após o torneio final e se tornaria advogado, como seus pais.

Ao som da porta do banheiro abrindo-se, coloquei meu telefone de volta no bolso e virei. Ela caminhou em minha direção com aquele sorriso fantasma que eu agora sabia que era o melhor que ela daria. Eu ainda não tinha recebido seu sorriso ofuscante, mas aceitaria esse. Eu pegaria todos eles. Eu até aceitaria sua atitude sombria se isso significasse que eu a teria. Quase ri de mim mesmo. Eu estava sozinho em um quarto, a centímetros da cama, com a garota mais gostosa do mundo... pensando em seu sorriso. *QUEM DIABOS ERA EU?* Jesus. Talvez minha última concussão tenha sido pior do que eu pensava.

— Sua maquiagem parece boa de novo, — eu disse, como um idiota. Estava ótima. Ela tinha acabado de passar quinze minutos consertando.

— Obrigada. Estou pronta quando você estiver.

— Você quer se esconder aqui até que tudo acabe?

Ela inclinou ligeiramente a cabeça. — Com ou sem você?

— Com.

— Então não, — ela disse, e meu coração desfez-se assim. Meu. Coração. Caiu. Que. Porra. É essa. Observei seus lábios moverem-se naquele pequeno sorriso novamente. — Só estou brincando.

— Isso não é engraçado. — Eu olhei para ela, meu coração disparando quando começou a bater novamente.

— Realmente? — Ela perguntou, seu rosto neutro. — Há rumores de que você não dá a mínima para ninguém nem para nada, exceto para o hóquei.

— Rumor, hein? — Meus lábios curvaram-se em um sorriso lento. — Você tem perguntado sobre mim, Lyla James?

— Não. — Ela fez uma careta, parecendo ofendida por eu ter ousado pensar tal coisa, o que me deu vontade de rir. — Eu estava no supermercado e vi seu rosto em uma revista local. As garotas atrás de mim estavam falando sobre você.

— Hum. — Eu fechei a distância entre nós. — O que mais elas disseram?

— Eu parei de ouvir.

— Por que? — Segurei seu rosto, o polegar em sua bochecha, o resto dos meus dedos espalhando-se pela lateral e parte de trás de seu pescoço.

Sua respiração engatou, seus olhos arregalaram-se ligeiramente enquanto eu inclinava seu rosto. Porra. Esses olhos seriam a minha morte. Mesmo vazios, eles eram lindos, mas ela não estava com a máscara levantada agora e eu queria beijá-la. Eu não sabia o que havia de errado comigo, mas estava morrendo de vontade de beijá-la. Eu não faria isso, no entanto. Eu não tinha certeza do motivo da tristeza dela, mas presumi que tivesse a ver com o acidente de carro da mãe dela, e não queria que ela ligasse a lembrança do nosso beijo a isso. Procurei seus olhos, esperando por sua resposta.

— O que? — Ela sussurrou.

— Por que você parou de ouvi-las? — Meus lábios contraíram-se de satisfação por tê-la feito perder o pensamento.

— Porque um milhão de coisas diferentes podem ser ditas sobre você, sobre qualquer pessoa. Algumas podem ser verdadeiras, mas, pela minha experiência, a maioria dos relatos não é. Não quero ouvir nada sobre você, a menos que venha de você.

Essa maldita garota. Quando alguém me deu o benefício da dúvida? Nunca. Eu tive que provar meu valor repetidamente para chegar onde estou hoje porque as pessoas questionaram minhas habilidades, minha mentalidade, tudo. Minha mente fervilhava com um milhão de perguntas: isso significava que ela não iria mais afastar-me? Era um convite para beijá-la, para convidá-la para sair? Eu pensei sobre isso e percebi que nunca tinha convidado uma garota para sair. Se fosse do meu jeito, nos trancaria aqui e jogaria fora a chave. Cada versão de Lyla James fascinou-me, mas esta foi a minha favorita.

— Acho que foi a coisa mais legal que você já me disse. — Corri meu polegar em círculos suaves contra sua bochecha.

Olhei para seus lábios carnudos. Eles separaram ligeiramente. Ela havia passado algum tipo de gloss colorido neles. Eu não beijava mulheres, mas quando beijava, no ensino médio, o brilho labial irritava *pra* caralho. Era pegajoso e geralmente tinha um sabor que eu odiava. Eu não sabia o que havia nos dela, mas queria isso em meus lábios. Eu queria beijá-la mais do que jamais quis beijar alguém em toda a minha vida. Eu não faria isso, a menos que ela iniciasse, mas porra, eu queria.

— Devíamos ir, — ela sussurrou, sustentando meu olhar.

— Deveríamos.

Ela pegou minha mão, tirou-a do rosto, beijou a palma e saiu pela porta. Foi um de seus movimentos ninja, onde ela deixou cair algo em mim e foi embora antes que eu pudesse reagir. Olhei para a porta, minha mente girando. Levei um momento para mover. Saí da casa de

hóspedes e fechei a porta, mas não tentei alcançá-la. Deixei que ela voltasse sozinha para a tenda. Algo me disse que ela precisava disso. Quando voltei e fui até a mesa, ela estava conversando com o cara ao lado dela, mas seus olhos estavam fixos nos meus quando me aproximei. Eu não tinha certeza se ela ainda estava ouvindo alguma coisa que ele dizia, o que trouxe outra onda de satisfação.

Sentei-me ao lado dela novamente. À minha esquerda, havia dois jogadores de basquete que já conhecia. À minha direita, eu tinha a mulher mais enlouquecedora que já conheci. Eu não tinha ideia de quem estava ao lado dela ou sentada ao lado dele. Ela era a única razão pela qual eu estava nesta mesa. Ela era a única razão pela qual eu estava aqui. Eu recusei por três anos consecutivos, mas Prescott mencionou que ela odiava e sempre era forçada a vir, então aqui estava eu. Eu poderia ter sentado com meu agente, que já tinha me encarado como se eu tivesse enlouquecido por não ter sentado com um dos três treinadores da NHL aqui, mas não me importei. E depois da demonstração de emoção que ela me mostrou, fiquei ainda mais feliz com a minha escolha.

— Banks, — o cara ao lado dela ofereceu a mão.

Eu balancei. — Lachlan.

— Hóquei, certo? — Ele perguntou. — Lachlan Duque?

— Esse seria eu.

— Eu vi alguns de seus jogos. Você é, sem dúvida, o mais interessante de assistir.

— Obrigado. Agradeço.

— Você se tornará profissional em breve, — ele disse com naturalidade.

— Esse é o plano, — eu disse. — O que você joga?

— Futebol. — Ele virou seu corpo ligeiramente em direção a Lyla.

Eu olhei para ele por um momento. Esse filho da puta provavelmente era aquele de quem Marissa estava falando.

Poderíamos ter sido amigos em qualquer outra situação, mas isso automaticamente o colocou na minha lista de merda. Agora, eu teria que vasculhar suas plataformas de mídia social em busca de fotos deles juntos. E eu ficaria aqui sentado em alerta máximo tentando ver se ele tocava nela ou não e se ela deixava. Eu queria colocar meu braço em volta da cadeira dela para reivindicar minha posição. Eu queria gritar *tão* alto que todos nesta maldita sala ouvissem, porque mesmo sendo uma coisa de hóquei, parecia que todo mundo sabia disso.

Olhei para os jogadores de basquete à minha esquerda e continuei nossa conversa sobre March Madness¹², mas estava atento à conversa de Lyla e Banks. Ela estava obviamente confortável com ele. Ela disse mais palavras para ele esta noite do que para mim em uma semana. Fechei minha mão para acalmar a coceira que senti ao afastá-la dele e sorri quando senti o brilho pegajoso de seu lábio na palma da minha mão.

— Cara, você pode fazer isso totalmente a partir dos vinte, — disse ele. — Você já fez isso antes.

— Sim, mas não contra *elas*. — Ela levantou as mãos para cobrir o rosto e as deixou cair. — Eu não quero fazer isso.

— Lyles. — Ele gemeu. — Quando você duvidou de si mesma?

— Nunca, mas isso é diferente.

— Se você não conseguir, ninguém vai se importar. Não é um jogo de verdade, — disse ele. — Além disso, seu chute da vitória foi a única razão pela qual vencemos o jogo que encerrou nossa temporada.

— Eu não preciso que você me convença de que sou boa. Eu sei que sou ótima e definitivamente melhor do que os péssimos kickers do seu elenco, — disse ela. Sua atitude arrogante criou um problema instantâneo na minha calça. Eu mudei. — Se eu perder isso, mesmo que não conte, eles vão falar sobre como sou outro exemplo de por que as mulheres não podem praticar esportes dirigidos por homens. Eles vão colocar meu rosto no estúpido jornal Gazelle. Você sabe que eles vão.

— Eles não vão.

— O que você está falando? — Eu perguntei, incapaz de conter-me.

— Futebol. Temos um jogo *divertido* contra nosso time rival. — Banks olhou brevemente para Lyla. — Lyla chutou para nós algumas vezes, mas ela está com medo de perder essa já que eles são nossos rivais.

— Eu não perco, — ela murmurou, olhando para as unhas.

— Você joga pelo time de futebol? — Olhei para ela, surpreso com essa nova informação. Ela continuou olhando para as unhas. — Isso é muito foda. Talvez possamos recrutá-la e você possa juntar-se a mim no gelo.

Seus olhos se voltaram para os meus. — Absolutamente não.

— Ah, vamos lá. Achei que você gostasse de alguns jogadores de hóquei.

— Isso é uma mentira.

Contive uma risada.

— Não leve para o lado pessoal. Lyla não gosta de ninguém, — disse Banks.

Seus olhos não deixaram os meus desde que ela fez seu pequeno comentário para mim. Eu amei.

— Isso é verdade? — Eu levantei uma sobrancelha.

— Eu gosto de um punhado de pessoas, — ela disse calmamente. — Apenas um jogador de hóquei está na lista. Não há ninguém com um nome que comece com a letra L.

Isso incomodou mais do que deveria, mas não deixei transparecer. Eu sabia que Prescott estava em sua lista estúpida e, novamente, tive que lembrar que ele era apenas um amigo e que eles se conheciam há muito tempo.

— Ainda. — Eu pisquei.

Ela desviou o olhar de mim imediatamente, como se estivesse ofendida pela minha piscadela. Contive outra risada. Eu sabia que ela não gostava de pessoas, mas ela gostava de Banks. Ela gostava de Prescott. Ela gostava de Marissa. Quer ela quisesse admitir ou não, ela definitivamente gostava de mim. Eu queria ouvi-la dizer as palavras, no entanto. E como nunca fiz as coisas pela metade e, como ela, nunca perdi, não estaria apenas na lista de pessoas de quem ela gostava. Eu iria dominá-la.

CAPÍTULO 6

Lachlan

— Acho que você nunca falou assim sobre uma garota, — minha mãe disse enquanto colocava o pão de alho no forno. — Você gosta dela? O que estou dizendo? Claro, você gosta dela. Ela fechou o forno e ajustou o cronômetro. — Você não a mencionaria se não gostasse.

— Sim. — A cadeira de jantar de madeira rangeu quando me mexi para esticar as pernas.

— Ela gosta de hóquei?

— Eu não tenho certeza. — Eu fiz uma careta.

— Você não sabe? — Isso chocou minha mãe. — Então, este não é uma das suas coelhinhas?

— Não. — Eu rio. — Ela nem sabia quem eu era quando nos conhecemos.

Suas sobrelanceiras subiram. — De verdade?

— Sim. — Levantei-me e comecei a arrumar a mesa.

— É interessante. — Mamãe sorriu. — Qual o nome dela?

— Lyla James.

— Lyla James. — Seu sorriso cresceu. — Eu amo isso. Ela sabe que vocês compartilham o mesmo nome do meio?

— Não. — Apertei os lábios para não sorrir.

— Ela gosta de você? — Ela perguntou, então riu revirando os olhos. — Claro, ela gosta de você. Todas as garotas do universo caem aos seus pés sem que você diga uma palavra.

Todas as garotas, exceto Lyla James. Eu não queria entrar nisso com minha mãe. Como eu deveria explicar que achava que ela não

gostava de nada nem de ninguém sem fazê-la parecer uma vadia? A única indicação que tive de que ela gostava de mim foi o que aconteceu na casa do pai dela. Eu não consegui parar de relembrar aquela cena ou de pensar em como ela baixou a guarda na minha frente. Foi no lugar certo, na hora certa? Ela teria deixado Banks vê-la naquele estado se fosse ele quem a verificasse? Ela teria deixado ele segurá-la do jeito que ela me deixou? Porra.

Sempre que pensava nela, sentia-me como um peixe fora d'água. A maioria dos caras da minha idade sabia como lidar com isso, já que já tiveram namoradas no passado. A única namorada oficial que eu tive foi no primeiro ano do ensino médio, e a única razão pela qual éramos um casal era que ela era gostosa, uma dançarina e insistia que ficaríamos bem juntos. Demorou seis meses até que ela terminasse comigo porque eu “não demonstrei interesse suficiente por ela.” Eu a acompanhava até a aula, transava com ela todos os dias e a levava para festas. O que mais ela poderia querer de mim? Nunca obtive a resposta porque não me importei o suficiente para perguntar. Em retrospectiva, eu deveria ter feito isso. Poderia ter me ajudado um pouco nesta situação.

— Lach? — Minha mãe disse. Larguei a última faca e virei para olhar para ela. — Lyla sabe em que consiste a vida de um atleta? Treinos, jogos fora de casa, negócios de publicidade? E em breve você se tornará profissional, então isso será multiplicado por cem.

Fiz uma careta. — Eu não vou me casar com a garota, mãe.

— Talvez case. — Ela encolheu os ombros.

— É por isso que eu não ia mencioná-la, — eu disse, sentando novamente. — Eu sabia que você começaria a planejar um casamento imediatamente.

— Não estou planejando um casamento. — Ela riu, balançando a cabeça.

Eu lancei um olhar para ela. — Você faz isso com Liam o tempo todo.

— Liam esteve com Robin por dois anos e meio! Eles moravam juntos.

— E veja como isso acabou. — Mudei a cadeira à minha frente e apoiei os pés nela.

— Só estou perguntando se ela sabe sobre a vida de um atleta, — disse ela, virando-se para picar tomates. — Processe-me por estar interessada na única garota que meu filho mencionou pelo nome.

— Ela jogava futebol, — eu disse. — Ela ganhou um prêmio nacional chique e tudo mais.

— Muito legal. Isso significa que ela está tornando-se profissional?

— Ela desistiu.

Mamãe largou a faca e virou-se rapidamente, cruzando os braços enquanto apoiava no balcão. — Por que ela desistiu?

— Nenhuma ideia.

— Você não perguntou? — Ela franziu a testa. — Lach, se você realmente gosta dessa garota, você não pode tratá-la do jeito que trata as outras.

— Ainda não tive a oportunidade de perguntar a ela. — Eu lancei um olhar para ela. — E eu trato “as outras” muito bem.

— Claro. — Ela balançou a cabeça, empurrando o balcão e abrindo a geladeira.

— Elas são coelhinhas. Tecnicamente, são elas que me maltratam, — argumentei. — Se elas quisessem um relacionamento, iriam atrás de Lee.

— Não envolva seu irmão nisso. — Mamãe lançou-me um olhar de advertência. — Você quer um relacionamento com essa garota?

— Eu não sei, — eu disse honestamente, surpreendendo-me.

— Você não sabe? — Ela fechou a geladeira e virou-se rapidamente, dando-me toda a atenção.

Meu joelho começou a balançar nervosamente. A ideia de estar preso em um relacionamento me fez suar, mesmo que o relacionamento fosse com Lyla. *Principalmente* se o relacionamento fosse com Lyla. Seria uma distração e me pressionaria para não bagunçar as coisas com ela. Eu não poderia comprometer com isso agora. Eu sabia disso, mas essa necessidade de possuí-la me fez querer tentar. Era fodido e egoísta, mas não pude evitar. Quando estava com ela, sentia a mesma expectativa de quando tentava marcar um ponto. A sensação de acertar o disco na trajetória certa e vê-lo navegar pelo ar com potencial para que qualquer coisa aconteça. Aconteceu em menos de um segundo, mas sempre parecia que o tempo desacelerou enquanto eu prendia a respiração e esperava pelo resultado. Foi assim que ela fez sentir. Como se eu estivesse prendendo a respiração em antecipação. Uma coisa era sentir-se assim no gelo por alguns minutos, mas sentir-se assim sempre que alguém entrava na sala? Devia ser ruim para o coração.

— Estou prestes a entrar no draft, — eu disse, já que esse era um dos muitos motivos pelos quais não consegui manter um relacionamento.

— O que Lang está dizendo sobre o draft?

— Tudo está definido. Não há nada a dizer.

— Ele é seu agente. Ele deveria mantê-lo atualizado, — disse ela.
— Você ainda é a escolha número um?

Inclinei a cabeça. — O que você acha?

— Essa arrogância vai morder sua bunda um dia. — Ela apontou para mim. — Falando nisso, seu pai apareceu.

Eu enrijeci. Eu odiava que ela o mencionasse como se ele aparecesse regularmente e fosse um pai decente. A única coisa louvável que alguém poderia dizer que ele fez foi jogar dinheiro em nós. Ele pagou por esta casa, nossa educação, meu equipamento de hóquei, a merda do computador de Liam e sua mensalidade universitária. Mesmo que eu explicasse a situação a um estranho e dissesse que ele era um pai ausente, que nunca estava presente para

nós e só aparecia algumas vezes por ano, eles diriam que poderia ser pior. Ele poderia ser um pai ausente que não pagava por nada. Isso seria absurdo, no entanto. A família Duke era rica *pra caralho*. Minha mãe praticamente ganhou muito dinheiro só por nos dar à luz. Eu diria que foi por isso que ela sempre saiu em sua defesa, mas não foi.

Minha doce e ingênua mãe estava apaixonada pelo idiota. Eu não conseguia compreender como alguém poderia amar um homem que não amava seus filhos e, no nosso caso, os filhos *dele*. Toda a situação era alucinante. Minha mãe manteve sua aparência e parecia muito mais jovem do que era. Era divertido estar perto dela e tinha um coração de ouro. Todas as coisas que deveriam fazer qualquer homem dar atenção a ela, mas não. Ela escolheu Henry Duke, que não daria a mínima se tentasse.

— Você disse a ele para se foder? — Perguntei quando ela não acrescentou nada à sua declaração.

— Lachlan! — Ela jogou o pano de prato no meu braço. — Ele é seu pai.

— Ele está morto para mim.

— Você precisa parar de dizer isso. — Ela voltou para o forno. — Ele quer começar a tentar com vocês.

— Tentando o que exatamente? — Sentei-me mais ereto.

— Para estar mais presente, — ela disse calmamente.

Eu pisquei. — Por que?

Por que diabos ele iria querer tentar agora? Porque ele sabia que eu estava tornando profissional e de repente quis exhibir? Eu sabia que não poderia ser isso. Meu pai compareceu a alguns dos meus jogos e viu meus jogos com a mesma expressão que provavelmente tinha quando estava pagando os impostos. Depois, ele nos levava para comer, deixava minha mãe fazer perguntas e ouvia nossas respostas em silêncio. Sempre recebíamos um tapinha nas costas e uma de três coisas: “Bom trabalho,” “Você se saiu bem,” ou ele escolhia uma coisa que mencionamos durante nossas respostas do teste rápido no jantar e

dizia algo sobre isso. Então, ele ia embora e não aparecia novamente por semanas, às vezes meses. Não fazia sentido que ele quisesse tentar agora. Talvez ele quisesse nos dizer diretamente que não pagaria mais por nossas merdas e que precisávamos conseguir “empregos de verdade.” Talvez ele quisesse aparecer já que eu estava prestes a formar-me em sua alma mater¹³, e ele queria aparecer para que as pessoas não esquecessem quem ele era. Foda-se ele. Meu rosto deve ter mostrado que eu estava pensativo porque mamãe esperou um longo momento antes de finalmente falar.

— Vocês são herdeiros dele, — disse ela.

— Então?

— Ele está doente, Lach, — ela disse calmamente.

— Oh. — Eu rio alto, sem graça. — Ele está morrendo? É por isso? Somos os únicos a quem ele pode deixar seu império, e ele quer ter certeza de que não o queimaremos?

Mamãe estremeceu. — Lachlan.

— Diga a ele para não se preocupar. Se ele quisesse tanto que fôssemos seus herdeiros, ele estaria lá quando deveria.

— Eu sei, querido, e ele se sente mal por não ter feito isso.

— Mãe, — balancei a cabeça com um suspiro. Ela simplesmente não entendeu. — Aparecer para nos felicitar e nos ignorar o resto do tempo não é suficiente.

Ela esperou um momento antes de dizer: — Ele quer que eu vá morar com ele.

Meu joelho parou de quicar. Eu olhei para ela. Eu conhecia minha mãe. Ela só estava dizendo isso porque já havia tomado a decisão... ohmeuDeus,essefilhodaputaidiota. Eu ia explodir. Respirei profundamente, o que não fez nada para me acalmar. Eu precisava sair antes de começar a quebrar merda. Eu não fazia isso há muito tempo, mas senti que poderia. Esse filho da puta queria que minha mãe fosse morar com ele porque ele estava morrendo e precisava de alguém para bancar a enfermeira? Foda-se ele. Eu gostaria de poder

sacudir minha mãe com força e fazê-la ver a luz, mas nunca faria isso com ela. Mesmo se eu fizesse, ela não veria. Sua fraqueza em relação a ele era *tão* decepcionante.

— Você poderia ter se divorciado dele há muito tempo. Você pode namorar quem quiser. Você é um ótimo partido, mãe. Eu balancei minha cabeça. — Se você está sozinha, deixe-o e comece a namorar.

— Eu não quero namorar ninguém.

— Claro que não, porque você está esperando que ele mude. Ele nunca vai mudar. Como você não vê isso? Eu bati na mesa com o punho. Ela nem reagiu.

— Diz o cara que de repente quer *namorar* uma garota. — Ela levantou uma sobrancelha.

— Não. Foda-se isso. Não sou nada parecido com ele. — Minha cadeira guinchou quando me levantei. Eu não poderia fazer isso hoje. — Sabe, talvez eu tenha estado com raiva do pai errado todo esse tempo. Ele nunca nos prometeu que nos manteria seguros. Ele não nos prometeu nada. Você, por outro lado, tem-nos arrastado nessa jornada fodida durante toda a nossa vida.

— Lach. — Ela agarrou meu braço enquanto eu passava. — Por favor, não vá embora.

— Não posso estar aqui agora. — Eu olhei para ela.

— Apenas ouça o que ele tem a dizer.

— Eu não dou a mínima para o que ele tem a dizer. — Puxei meu braço e fui até a porta.

Peguei as chaves do carro e desejei poder jogá-las na sarjeta. Meu carro era apenas mais um lembrete de algo que ele fez por mim. Ele estava esperando lá fora, na manhã do meu aniversário de dezoito anos, com um bilhete que dizia: “*Feliz Aniversário. Estou orgulhoso de você, filho.*” Eu queria queimá-lo até o chão. Eu fiquei com ele porque o carro que eu dirigia na época havia quebrado duas semanas antes, e eu estava pegando emprestado o carro da mamãe ou pegando carona

com outras pessoas.

Agora, sentado no banco do motorista e ouvindo o barulho do motor, só conseguia pensar em livrar-me dele o mais rápido possível. Era o que eu faria com meu primeiro salário. Fechei os olhos e lembrei de todas as coisas boas que estavam vindo em minha direção. Eu assinaria oficialmente com meu time dos sonhos, ganharia o dinheiro que me foi prometido, acrescentaria mais patrocínios e nunca mais olharia para trás. Quando me acalmei, comecei a viagem de duas horas de volta a Fairview. Eu estava perdido em pensamentos, ainda pensando na NHL e na CHL, quando meu telefone começou a tocar com uma ligação de Liam. Apertei o botão no volante para aceitá-la.

— Que diabos, Lach?

— O que?

— Você não poderia esperar mais trinta minutos? — Ele perguntou. — Você ao menos comeu?

— Mamãe contou o que ela queria?

— Sim, papai quer falar conosco.

Hesitei antes de perguntar: — Você vai falar com ele?

— Não há nada de errado em ouvir o que ele tem a dizer.

Eu praticamente podia vê-lo sentado à mesa que acabei de deixar, brincando com sua lasanha – minha comida favorita – enquanto ele casualmente falava comigo sobre isso. Eu gostaria de poder derrubar telepaticamente o prato em suas roupas. Eu não tinha conseguido comer ou tomar alguma coisa como costumava fazer porque estava irritado, e esse idiota estava sentado lá comendo e acreditando nas besteiras do nosso pai. Eu já sabia o motivo e não queria ouvir. Eu aceitei que nosso pai nunca seria quem precisávamos que ele fosse. Liam sempre se iludiu pensando que nos amava e que voltaria quando fosse o momento certo para todos nós. Liam sempre foi assim, procurando o que havia de bom nos outros, mesmo quando ele não estava lá.

— Não posso ter essa conversa agora.

— Lach, — ele gritou quando eu estava prestes a encerrar a ligação. — A lasanha é incrível.

— Idiota.

— Espere, — ele gritou novamente enquanto meu dedo pairava sobre o botão encerrar. — Estaremos no seu próximo jogo. Talvez possamos sair depois?

— Mando mensagem.

Encerrei a ligação. Assim que chegasse a Fairview, iria direto para o ringue. Eu precisava desabafar; era melhor deixar essa energia no gelo.

CAPÍTULO 7

Lyla

De alguma forma, deixei meu pai me arrastar para um estúpido almoço esportivo. Ele me subornou com dinheiro. Enquanto crescia, fui uma daquelas crianças que não podiam ser compradas. Se meus pais não aparecessem e me dessem um presente em vez de sua ausência, eu não aceitava. Hoje em dia, eu pegava tudo o que papai queria jogar em mim e colocava na poupança. Eu precisaria de cada centavo quando saísse daqui. Fui aceita em três universidades para continuar minha jornada na medicina esportiva. Embora eu não tivesse escolhido para onde iria, o dinheiro seria necessário, não importa onde eu fosse parar. Posso odiar meu pai agora, mas tinha boas lembranças dele desde a infância. No grande esquema das coisas, sentar-me neste almoço deveria ter sido um preço pequeno, mas o veredicto estava decidido quanto a isso.

Minha pele estava arrepiada desde que entrei aqui, a sensação na boca do estômago piorando a cada segundo que passava. Para começar, o objeto dos meus piores pesadelos estava nesta sala. Eu fui capaz de evitá-lo neste semestre, mas ele sempre encontrava uma maneira de voltar para minha vida de alguma forma, e como ele sabia que tinha feito um bom trabalho silenciando-me, era algo que ele tentava fazer com frequência. Em segundo lugar, era um almoço desportivo para atletas, e eu já não o era, em grande parte por causa dele. A raiva chiava profundamente em meu estômago, mas eu não podia deixá-la transbordar. Eu não consegui reagir. Prescott, Mason, Lachlan, o treinador Jameson e meu pai estavam à mesa e eu recusei-me a demonstrar qualquer emoção perto deles. Papai e Jameson estavam perdidos na conversa. Prescott estava mandando uma mensagem para alguém. Mason estava observando abertamente, embora eu tivesse feito questão de usar blusa e calça larga. Lachlan

estava sentado à minha direita, seu olhar fixo em Mason. Foi uma coisa *tão* estranha. Eu não senti nada o dia todo. *Nada*. E no momento em que senti o cheiro dele perto de mim, senti um frio na barriga.

— Não mataria você sorrir, — disse meu pai.

— Se você queria alguém que sorrisse, não deveria ter me pedido para vir, — eu disse com os dentes cerrados.

Ao meu lado, Lachlan tossiu no guardanapo.

— Eles querem dar-lhe alguma coisa, — disse papai. — Você deveria estar grata por ter sido convidada depois de desistir.

Deus, eu queria tanto dizer a ele para ir se foder. Eu queria agarrar o garfo na minha frente e esfaqueá-lo repetidamente. Em vez disso, permaneci em silêncio, pois não queria chamar a atenção para mim. Os caras à minha direita começaram a falar sobre o próximo jogo. Eles arrasaram ontem à noite. Marissa pediu para ir com ela, mas eu recusei. Eu estava pensando em ir para o próximo, no entanto. Achei que não havia mal nenhum em ficar em um espaço aberto com tantas testemunhas.

— Lyles, você vem ao nosso jogo, certo? — Prescott disse, sorrindo para mim do outro lado da mesa.

— Talvez. — Tomei um gole de água. — Vou ter que verificar minha agenda.

Pres revirou os olhos. — Apenas vá.

— Você deveria, — disse papai. — Gina disse que você mal sai de casa.

Eu não disse nada. Eu não entendi por que a mãe de Marissa falou com meu pai depois que ele supostamente traiu minha mãe e seguiu em frente com sua amante logo depois que ela faleceu. Talvez ela tivesse que falar com ele já que o pai de Marissa e o meu jogavam golfe juntos. Cruzei os braços e recostei-me na cadeira – algo que meu pai detestava – mas isso me tirou da linha de visão do treinador Jameson e, portanto, seria uma conversa a menos para se ter.

Os caras adoraram Jameson, no entanto. Parecia que Lachlan era o favorito de Jameson, o que me fez revirar os olhos interiormente. Jameson treinou Lachlan por dois anos e liderou o time quando conquistou seu primeiro campeonato. Lachlan estava falando sobre os times pelos quais ele mataria para jogar – sua primeira escolha era em Toronto, a segunda em Boston. Esses eram dois lugares para os quais eu nem havia pensado em mudar. Não que isso importasse. Quando ele fosse embora, ele me pediria para segui-lo ou ir com ele? Eu não teria ido se ele pedisse. Quase ri de mim mesma. Eu não tinha certeza se éramos amigos, mas de alguma forma, os limites ainda estavam confusos por causa dessas emoções estúpidas que só ele poderia extrair de mim.

A treinadora Bev bateu duas vezes no microfone para chamar nossa atenção antes de começar a se dirigir à sala. Eu senti muita falta dela. Ela foi a razão pela qual escolhi jogar futebol aqui, para começar. Com tantas opções ao meu alcance, escolhi a treinadora Bev e veja aonde isso levou-me. Ela fez seu discurso inspirador de sempre, todos aplaudiram e ela esperou que tudo se acalmasse.

— Passei os últimos trinta anos treinando muitas jovens talentosas. — Ela olhou ao redor da sala. — Mas de vez em quando, uma destaca-se das demais. Não estou dizendo que nossa equipe atual seja incrível, mas esta jovem é uma estrela.

Do outro lado da sala, a mesa de futebol aplaudiu e gritou. Olhei para lá e meu coração afundou. Eu deveria estar sentada ali agora. Eu morei com algumas delas no meu primeiro ano aqui e senti muita falta delas. Eu ainda mandava uma mensagem para algumas delas, mas não era a mesma coisa. Eu não fazia mais parte da equipe, então não compartilhávamos mais as mesmas piadas internas nem nos víamos diariamente. Senti falta de ter uma família assim. Eu o odiei por fazer isso comigo. Odiava ele.

— Agora, — continuou a treinadora Bev. — Ela só pôde jogar conosco por dois anos inteiros. Ela nos levou ao campeonato nos dois anos e ajudou a vencer, — disse ela, com a voz animada. Parei de respirar. *O que estava acontecendo?* As meninas do futebol bateram na

mesa, fazendo os utensílios baterem nos pratos. A treinadora Bev olhou para elas de soslaio. — Calma, meninas. — Ela olhou diretamente para mim, sua voz vacilante de emoção. Meu coração caiu novamente. Não, não, não, não, não. Isso não poderia estar acontecendo. — Ela é talentosa. Ela tem um sorriso que pode iluminar uma sala, um coração de ouro. Ela é uma verdadeira líder. Gostaria que ela ainda jogasse para nós, mas entendo as circunstâncias difíceis. — Ela respirou fundo. — Não houve um jogo sem que não mencionássemos o nome dela, então sabíamos que era necessário homenageá-la com esta placa. Ela ficará na parede do nosso túnel, então cada vez que as meninas passarem por ela, ela poderá inspirá-las. — Ela fungou. Ah, merda. Engoli. Tive vontade de chorar, mas de alguma forma segurei minha emoção na garganta. — Senhorita Lyla James Marichal, por favor, venha aqui.

Afastei minha cadeira e mantive os olhos no palco enquanto caminhava em direção a ela. Se eu fizesse contato visual com Prescott ou Lachlan, eu perderia o controle. Minhas ex-companheiras de equipe levantaram e emboscaram com abraços e beijos, tornando ainda mais difícil conter as lágrimas. Eu as beijei e abracei de volta e continuei até chegar à treinadora Bev. Ela abraçou-me com força.

— Sinto tanto a sua falta, — eu disse, enterrando meu rosto em seu ombro.

— Estou com mais saudades de você e, claro, queria que você voltasse. Você é a melhor jogadora que já treinei. — Ela afastou-se e eu olhei na direção oposta da multidão para enxugar o rosto rapidamente. — Eu realmente gostaria que você considerasse tornar-se profissional.

Sorri tristemente e a abracei novamente. Jogar no USWNT¹⁴ era um sonho meu. Eu idolatrava Michelle Akers. Fui mencionada em conversas com algumas das melhores jogadoras e, então, nada. Depois das tragédias, tentei voltar, mas não consegui sem mamãe observando. O peso da minha culpa não me permitiu concentrar o suficiente para driblar a bola e muito menos ser a atacante que costumava ser. Quando nos afastamos, a treinadora Bev mostrou a placa. Era surreal

ver meu nome memorizado daquela forma. Eu ganhei o prêmio de maior prestígio do país, mas de alguma forma, significava mais para mim, saber que as meninas das gerações futuras veriam isso e seriam inspiradas por isso. Passei meus dedos sobre ela e respirei, aproveitando esse breve momento. Peguei o microfone e disse: “Obrigada,” enquanto todos levantavam e aplaudiam. O que mais havia para dizer? Eu sentia-me indigna e não ia ficar aqui dizendo que tinha sido a honra da minha vida jogar futebol nesta escola. Tinha sido, mas dizer isso em voz alta parecia uma merda, já que eu desisti delas no meio do caminho. Posamos para uma foto, e a treinadora Bev e eu conversamos um pouco mais quando saímos do palco. Voltei para o meu lugar, cumprimentando no caminho, enquanto um jogador de basquete começou a falar no microfone.

Quando cheguei lá, todos na minha mesa levantaram-se. Dei um rápido abraço lateral no treinador Jameson, beijei meu pai na bochecha e dei um abraço lateral no resto deles antes de sentar-me. Todos continuaram conversando. Jameson e papai levantaram para alguma coisa enquanto o resto de nós permaneceu sentado. Apesar do olhar desanimado que eu sabia estar em meu rosto, minhas mãos tremiam no colo. Senti uma mão se estender e pousar sobre elas. Lachlan era terrível para minhas emoções. Seu toque parecia um desfibrilador, trazendo-me de volta à vida, mas também fez sentir segura o suficiente para parar de tremer.

— Pesadelo? — Ele perguntou baixinho. Finalmente encontrei seus olhos e senti minha boca mover-se em um pequeno sorriso. Seus olhos caíram para meus lábios, fazendo asas baterem dentro do meu estômago.

— Do pior tipo. — Virei e ignorei-o durante o resto do almoço, mais por ele do que por mim.

* * *

— Você está sendo muito rude, Lyla, — disse ele quando saí do

banheiro.

O ar em meus pulmões deixou-me enquanto eu estava ali. Congelada. Em pânico. Porra. Porra. Porra. O almoço acabou. Eu tinha certeza de que tinha escapado dele. Aparentemente não. Fazia muito tempo que eu não ficava sozinha com ele. Eu não tinha certeza de quais eram minhas opções, mas a ideia dele me encurralar aqui, entre todos os lugares, estava fazendo minha frequência cardíaca triplicar de velocidade. Não no bom sentido, como Lach fazia. Meus olhos percorreram rapidamente, procurando alguém que me ajudasse a escapar, mas não havia ninguém por perto. Este homem tinha que ser o canalha mais sortudo do mundo. Respirei fundo e reuni toda a coragem que tinha dentro de mim.

— Vá se foder, — eu disse, mais baixo do que pretendia, enquanto tentava contorná-lo.

Ele agarrou meu braço e apertou com força. — *Respeito*, Lyla.

— Odeio você. — Eu puxei meu braço.

— Você sabe o que dizem sobre amor e ódio. — Ele sorriu, caminhando em minha direção. Recuei *tão* rápido que bati na parede atrás de mim. Ele baixou a mão e apertou meu seio esquerdo por cima da camisa. Meu coração parou de bater. — Você precisa de uma demonstração do quanto eu te amo?

Eu estava tremendo, mas de alguma forma, empurrei-o de cima de mim com as duas mãos. Ele era muito maior que eu, então eu sabia que ele tinha se movido de propósito. Talvez porque finalmente ouvimos vozes aproximando-se. Não importava qual fosse o motivo. Eu corri. Atrás de mim, eu o ouvi rir. Meu coração batia *tão* forte, minha cabeça girava *tão* rápido que, quando virei a esquina, quase esbarrei em Lachlan, que agarrou meus ombros para impedir-me.

— Não foi isso que eu quis dizer quando disse que você deveria jogar hóquei. — Ele sorriu. Olhei por cima do ombro e de volta para ele. Ele franziu a testa. — Você está bem?

— Sim. — Olhei por cima do ombro novamente. — EU...eu... eu

tenho que ir.

Comecei a afastar, mas ele agarrou meu pulso. Encontrei seus olhos e um arrepio percorreu minha espinha com o que vi neles. Ao contrário do encontro que acabei de vivenciar, o toque de Lachlan não me fez entrar em pânico ou querer fugir. Isso me encheu de conforto e algo mais. Eu não tinha certeza do quê.

— Deixe-me levá-la.

Balancei a cabeça e o segui. Papai trouxe-me até aqui e certamente ficaria chateado por eu não ter esperado por ele, mas eu não poderia ficar aqui nem mais um segundo. Lá fora, mantive distância de Lachlan, caso estivéssemos sendo observados. Ele destrancou um BMW preto de duas portas e, quando nos sentamos lá dentro e eu coloquei o cinto de segurança, fiquei grata pelos vidros escuros.

— O que aconteceu lá?

— Eu não posso, Lach. — Mordi o lábio e esperei que ele tivesse lido meu rosto bem o suficiente para saber que eu não estava bem, mas também não queria falar sobre isso. Ele suspirou profundamente e começou a dirigir.

— Por que você desistiu?

Meus olhos voltaram para ele. — O que?

— Futebol, — disse ele. — Não consigo imaginar desistir. Quero dizer, uma maldita placa? Isso é um grande negócio.

— Papai provavelmente pagou por isso.

— Não, ele não fez isso. — Ele me olhou.

Minha resposta foi um encolher de ombros.

— Pelo menos seu pai estava lá. O meu provavelmente só teria aparecido para uma sessão de fotos, — disse ele.

Olhei para o lado do rosto dele por um longo momento. Talvez tivéssemos mais em comum do que eu pensava. Não que ter pais horríveis fosse a melhor coisa para criar um vínculo, mas era alguma

coisa. Fiquei simplesmente grata pela mudança de assunto. Eu não queria falar sobre futebol, mas poderia falar sobre odiar meu pai o dia todo.

— Você realmente acha que meu pai optou por algo diferente de uma oportunidade fotográfica? — Eu perguntei depois de um momento. — Ele é um maldito político. As operações fotográficas estão entre as cinco principais de sua lista de tarefas.

Ele riu. Ele deu a risada mais sexy que eu já ouvi. Seus olhos brilharam quando ele olhou, e borboletas começaram a ganhar vida dentro de mim. Desviei o olhar rapidamente.

— Meu pai acha que jogar dinheiro em nós é a chave de tudo, — disse ele. — Como se o dinheiro pudesse cobrir a conta da ausência.

— Tem certeza de que não somos parentes? — Eu perguntei, olhando para ele.

Ele visivelmente se encolheu. — Definitivamente NÃO somos parentes, Lyla James.

Mordi o lábio e olhei pela janela novamente para não rir. — Talvez devêssemos começar um clube de “crianças pobres e ricas com pais idiotas ausentes.”

— Eu não sou rico. Bem, acho que estou de acordo com os padrões de algumas pessoas. Definitivamente não para os seus, — ele disse, lançando um olhar divertido em minha direção. — Mas farei parte do seu clube de qualquer maneira.

— Bem, agora você vai ter que fazer a prova.

Ele riu. — O que eu tenho que fazer nas provas? Chorar para provar que meu pai me ferrou emocionalmente por nunca estar presente?

— Ou não chorar, — eu disse. — Acho que depende de quem faz as regras.

— Espero que não seja você.

— Rude. — Eu fiz uma careta. — Por que não eu? Acabei de criar

o clube.

— Você não gosta de pessoas, então provavelmente seria o único nessa maldita coisa, — disse ele. — E você é uma juíza severa. Ninguém jamais corresponderá às suas expectativas.

— Uau. — Mantive meus olhos na estrada. — Isso é... bem preciso.

Ele riu novamente, balançando a cabeça.

— Talvez devêssemos fazer um teste de simulação aqui, para que você não perca seu tempo fazendo testes, — acrescentei. Ele mordeu o lábio; olhos ainda divertidos enquanto ele balançava a cabeça e olhava para a estrada à frente.

— Em que consiste esse teste de simulação?

— Qualquer história triste. — Dei de ombros.

Ele mordeu o lado dos lábios e estreitou os olhos ligeiramente enquanto pensava sobre isso. Finalmente, depois de alguns momentos, ele falou. — No meu oitavo aniversário, meu pai deveria me levar para um jogo de hóquei. Eram os Bruins contra os Maple Leaves, — disse ele. — Minha mãe tocava no assunto o tempo todo. Ela pensou que isso o redimiria de não ir a nenhum dos meus jogos naquela temporada.

— Ele não apareceu? — Eu sussurrei.

— Ele nem ligou. — Ele parou em um sinal vermelho e olhou para mim.

Senti o ar sair dos meus pulmões por um momento. Eu não tinha certeza se a dor era aparente em meu rosto, mas eu a senti. Pensei nele quando era um garotinho – provavelmente o garoto mais fofo do caralho – e meu coração partiu por ele. Eu estava bem com o fato de meu pai estar muito ocupado para mim. Eu até fiz as pazes com minha mãe, seguindo-o por toda parte e deixando-me para trás o tempo todo. Mas eu odiei isso por Lachlan. Ele podia ser um jogador e um idiota, mas eu sabia que ele era um cara legal. Além disso, nenhuma criança merece promessas quebradas por alguém que deveria protegê-la e

mostrar-lhe como o mundo funciona.

— Seu pai é uma merda, — eu disse depois de um momento.

Ele riu quando começou a dirigir novamente. Ficamos em silêncio por um momento antes que ele quebrasse o silêncio.

— Você sabe qual foi a minha parte favorita do discurso da treinadora Bev? — Ele perguntou baixinho enquanto estacionava na calçada, em frente ao meu prédio.

— Deixe-me adivinhar, a parte do coração de ouro.

— Em segundo lugar, por pouco. — Seu lábio se contraiu.

— Que parte? — Perguntei. Eu desprezava jogos de adivinhação.

— Não pareça *tão* animada, — ele disse quando eu respondi inexpressivamente. — Eu não gostaria de pensar que você está interessada em mim.

— Se você pensa isso, você estaria mentindo para si mesmo.

— Eu estaria mentindo para mim mesmo? — Ele ergueu uma sobrancelha. Não entendi como ele fez isso - fiquei entorpecida em um minuto e, no minuto seguinte, meu coração batia descontroladamente. Ele olhou quando chegamos ao sinal vermelho. — Um dia desses, Lyla James.

Olhei pela janela para esconder o sorriso que sentia formando. Ele não apenas me fez sentir; por um momento, ele fez esquecer o que me quebrou, para começar. Só por um momento, mas esses momentos se somaram. Ele também nunca parou de flertar comigo e de tentar me fazer desistir, e por alguma razão muito, muito idiota, eu adorei.

— Eu vejo seu reflexo, você sabe, — disse ele. Eu assustei e olhei para ele. Ele desviou o olhar, dois caras jogando uma bola de basquete na calçada chamando sua atenção enquanto ele falava: — O que ela disse sobre o seu sorriso foi minha parte favorita.

Esquisito. — Por que?

— Porque você não o dá livremente. — Ele encontrou meu olhar.
— Mas quando você faz isso, é mágico *pra* caralho.

Eu perguntei-me se ele dizia coisas assim para todas as garotas com quem estava tentando dormir. Algo me disse que ele não precisava falar muito para as levar para a sua cama. Apertei as mãos no colo e voltei minha atenção para a bola de basquete quicando.

— Por que você desistiu? — Ele perguntou novamente.

— Você quer a verdade ou o que eu digo a todos? — Eu perguntei, olhando para ele.

Ele fez uma careta. — A verdade.

— Não posso dar a você até que o semestre termine oficialmente.

Ele lançou-me um olhar. — Você está brincando.

— Eu não estou.

— Ok, — ele disse lentamente. — Qual é a história que você conta para todo mundo?

— Que estou dominada pela dor.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você está?

— Eu não sinto absolutamente nada, — eu sussurrei.

Eu queria acrescentar: *a menos que você esteja por perto*. Eu não faria isso, mas era a verdade absoluta. Eu não sabia o que era esse sentimento, mas era melhor que nada, e isso me apavorava.

CAPÍTULO 8

Lyla

— Que fique claro que a única razão pela qual estou indo é porque amo você, — eu disse enquanto Marissa aplicava sombra nos olhos.

Ela parou e afastou para lançar-me um olhar. — Eu sei, e fique sabendo que estarei observando você como um falcão.

— Estarei no meu melhor comportamento feliz. — Eu pisquei. Ela riu, balançando a cabeça.

O aniversário de Marissa sempre foi um dia de fantasias. Durante anos, ela fez minha maquiagem e me vestiu como quisesse. Ela seria a mãe perfeita para uma daquelas crianças de concursos de beleza. Eu perdi os dois últimos aniversários dela porque não conseguia sair da cama, muito menos interagir com as pessoas. Marissa, sendo a melhor amiga que era, compareceu às duas festas por uma hora e depois veio ficar deprimida comigo. Ela também estava triste, é claro. Quando minha mãe morreu, ela também sentiu como se tivesse perdido a mãe. Quando Luke morreu...Deus. Tentei nem pensar muito nisso. Cada vez que fazia isso, tinha vontade de vomitar. Aquele ano foi *tão* confuso que às vezes eu conseguia fingir que nada disso havia acontecido até pensar em ligar para mamãe. Ou Luke. Cada vez, uma nova onda de tristeza atingia-me, percebendo que ambos haviam partido para sempre. Então, percebi que os dois haviam partido para sempre.

Este ano, eu não pensaria nisso. Eu iria à festa da minha melhor amiga e me divertiria. Essa foi a única coisa que ela me pediu em seu aniversário. Eu não lutei com ela sobre isso. Eu estava em êxtase? Não, mas eu tentaria o meu melhor para não ser uma Debbie Downer¹⁵, pelo bem dela. Banks estaria lá com alguns membros do

time de futebol e Prescott me faria sentir mais segura.

— Tudo pronto, — disse Marissa, sorrindo quando se afastou para olhar para mim. — Puta merda, Lyles. Você está *tão* gostosa.

Levantei e caminhei até seu espelho de corpo inteiro. Eu usava jeans de perna larga e um top curto de manga esvoaçante que cobria apenas meus seios e amarrava nas costas. Eu adorei o top. Era fofo e sexy e normalmente algo que eu não usaria mais em público. Minhas roupas largas faziam-me sentir segura, mas era uma besteira. Eu não deveria ter que cobrir porque alguns homens não entendiam o que “não” significa. Eu não teria pensado duas vezes sobre essa roupa se soubesse que *ele* não me veria nela. Isso foi quem eu me tornei por causa dele. Eu o odiei por isso, mas odiei ainda mais por dar a ele esse poder sobre mim. Não era como se ele estivesse na festa, mas o medo permanecia. Eu respirei fundo. Foda-se ele. Era a noite de Marissa.

Eu dei outra olhada. Marissa tinha penteado meu cabelo em ondas praianas que chegavam até meus cotovelos. Ela criou uma linda trança que parecia uma coroa na parte de trás da minha cabeça, mas deixou os fios mais curtos do meu cabelo solto na frente. Era uma versão de mim mesma que eu não via há muito tempo. Isso era mentira, no entanto. Eu me vestiria como quisesse quando estivesse longe daqui, mas nunca seria a pessoa confiante e descuidada que fui antes. Afastei isso e concentrei nesta noite. A calça jeans tinha rasgos nos joelhos, na coxa esquerda e logo abaixo da minha bunda direita. Ela era *tão* comprida que ou eu usava salto alto ou dobrava para usar tênis. Marissa escolheu saltos confortáveis que não eram muito altos. Eu os testei correndo até a sala e voltando. Sim, eu poderia usá-los.

Quando estávamos completamente prontas, ficamos uma ao lado da outra no espelho e sorrimos. De alguma forma, ela conseguiu fazer a mesma coisa com o cabelo e estava vestindo jeans e um top curto que dizia “Beije-me (se você for fofo). É meu aniversário.” Ela parecia incrível. Ela sempre parecia, no entanto. Marissa era linda, é claro, mas o que fazia sua beleza brilhar era a confiança com que ela se comportava. Eu amava isso. Uma vez eu mesma tive isso. Embora ainda existisse, estava enterrado sob um ar de superioridade que eu

não sentia. Era o único mecanismo de defesa que tinha para impedir que as pessoas quisessem falar comigo. Já fui sociável, ainda um pouco seca e sarcástica, mas era muito querida pelos meus colegas. Aqueles que me conheceram desde o ensino médio entenderam completamente os 180 graus que eu fiz. O resto deles provavelmente pensava que eu era uma grande vadia, o que para mim era bom.

CAPÍTULO 9

Lyla

Meus dedos apertaram os de Marissa quando entramos na festa. Tínhamos pré-jogo em casa e estávamos muito atrasadas, o que significava que todos já estavam aqui há algum tempo. Quando chegamos aqui, tirei meu suéter enorme e tentei não me sentir muito desconfortável com isso. Pelo menos estava escuro na casa. Não era como se eu me importasse com o que aquela multidão específica pensava ou se me viam ou não. Eu me senti estranha por estar *tão* exposta depois de esconder-me por tanto tempo. A festa estava legal. Eles tinham um DJ montado com todo um show de luzes acontecendo. Algumas garotas da irmandade de Marissa aproximaram-se imediatamente e envolveram-nos em abraços acolhedores.

— Vamos tomar uma bebida. — Marissa começou a me puxar em direção à sala.

Eu nem sequer tinha entrado na sala quando avistei Lachlan. Cada vez que o via, ele tirava o fôlego, e desta vez não foi diferente. Ele estava reclinado no sofá, com os braços longos e musculosos espalhados pelo encosto. Uma garrafa de cerveja pendia de uma das mãos enquanto ele falava com Drew, que estava à sua direita. Mandy Roberts sentou-se à sua esquerda, pressionando as peitos dela no seu braço esquerdo. Quando isso não chamou a atenção dele, ela colocou a mão na coxa esquerda dele. Pisquei duas vezes para ter certeza de que não estava vendo coisas, mas, pouco a pouco, a mão dela estava movendo-se para o norte, e ela estava realmente prestes a apalpá-lo. O ciúme me atacou como um raio - inesperado, rápido e quente. Já ouvi pessoas falarem sobre ciúme, mas nunca experimentei isso. Era *tão* ruim quanto eles descreveram, ou pior.

Eu namorei Luke por quase três anos e, uma noite, enquanto estávamos chapados, sugeri um relacionamento aberto. Não porque eu

não o amasse, mas porque não estava *apaixonada por ele*. Nossos pais brincavam de casamenteiros desde a terceira série e foram a única razão pela qual demos uma chance ao relacionamento. Ficar juntos acabou sendo mais conveniente do que terminar, e explicar isso a eles teria sido um saco, especialmente porque Luke era o único garoto que meus pais aprovavam que eu namorasse, então mantivemos um relacionamento aberto. A primeira vez que o vi com outra garota em uma festa, fiquei um pouco surpresa, mas não chateada ou com ciúmes.

Assistir Lachlan com outra mulher foi como um soco no estômago. Meus dedos apertaram Marissa com mais força. Foi a única maneira de manter o olhar indiferente no rosto. Era a única maneira de não me concentrar nos ouvidos, que pareciam estar queimando - ou no coração, que parecia estar partido. Era irritante e frustrante além da crença. Nós não éramos nada. Pelo amor de Deus, nós nem tínhamos nos beijado, mas isso foi pior do que qualquer rompimento que eu já experimentei. Foi uma loucura. Marissa me puxou e fiquei grata porque estava com tanta raiva que mal conseguia pensar, muito menos andar. Eu odiava cada segundo desse sentimento. Ele nem estava prestando atenção nela, mas Mandy continuou, agora passando a mão para cima e para baixo em sua coxa.

Desviei meus olhos da cena, para não ver se ela iria ou não tocar o pau dele por cima da calça jeans e olhei para frente, focando na respiração. O DJ havia montado seu equipamento bem no meio da nossa caminhada, então Marissa teve que desviar e levar-me até o sofá. Como um cavalo premiado em uma corrida, coloquei antolhos para não os ver mais. Infelizmente, os antolhos mentais eram uma coisa unilateral. Não era como se isso me desse o poder da invisibilidade. Meu coração batia mais forte enquanto eu passava. Eu estava concentrada na nuca de Marissa quando uma mão disparou e agarrou meu pulso. Eu sabia que era ele com base na onda elétrica que passou por mim. Eu odiava essa reação. Eu queria que meu corpo seguisse o programa e parasse de sentir coisas que ele não merecia que eu sentisse. Parei de andar e enfiei um dedo no passador da calça jeans de Marissa para detê-la. Ela parou, olhou para trás, avaliou a

situação, olhou para Lachlan e me deu um pequeno aceno de cabeça. Tudo aconteceu em uma fração de segundo. Soltei o passador e ela começou a conversar com Drew. Olhei para Lachlan, que ainda segurava meu pulso.

Eu nem disse nada quando encontrei seus olhos. Eu apenas olhei para ele, embora por dentro eu estivesse tremendo. Ele soltou meu pulso e olhou, seus olhos aquecendo cada pedaço de pele que ele devorava. Ele mordeu o lábio inferior enquanto seus olhos semicerrados exploraram mais uma vez. Ele se mexeu no sofá. Meus olhos foram dos dele para Mandy, que havia colocado alguma distância entre eles, mas não muito. A mão dela estava casualmente apoiada no braço dele, sobre o encosto, como se ela estivesse reivindicando um direito sobre ele. Eu a odiava agora. Ela sorriu calorosamente para mim e disse olá, e de alguma forma, apesar do meu ciúme cego e irracional, retribuí a saudação com um aceno de cabeça. Ela sempre foi legal comigo e não tinha culpa aqui. Borboletas bateram quando meu olhar encontrou o de Lachlan novamente, e pisei em cada uma delas.

— O que? — Eu rebati, dando-lhe o olhar mais malvado que pude reunir, como se não conseguisse entender por que ele se atreveu a tocar-me. E realmente, eu não entendia.

— Você está em uma festa. — Seus olhos verdes estudaram meu rosto atentamente e exploraram meu corpo pela terceira vez. Em qualquer outra situação, eu poderia ter sentido algo diferente. Neste momento, tudo que eu sentia era raiva enquanto ela continuava a crescer dentro de mim.

— Sim. Parece que sim, — eu disse calmamente.

Meu tom ganhou um olhar dele que eu não esperava. Magoados? Confusão? Ele estava brincando comigo agora? Eu precisava mover antes de vomitar ou causar uma cena cinco minutos depois de chegar. Felizmente, Marissa estava um passo à minha frente.

— Vamos. — Ela virou e agarrou minha mão. — Ei, Lach. Você e Mandy provavelmente deveriam alugar um quarto. Acariciar um ao

outro em público é um pouco cafona.

Meu olhar estava focado em Marissa quando ela falou e começou a se mover. Atrás de nós, eu o ouvi gritar: “Que porra é essa?” Como se ele estivesse chocado com isso ou algo assim. Revirei os olhos. *Tanto faz.* Marissa moveu mais rápido no meio da multidão e conseguimos nos perder nela. Era assim que este lugar estava lotado agora. Em qualquer outra situação, eu teria rido e feito piada sobre sentir-me como um cardume de peixes, mas o vazio na boca do estômago não me permitia encontrar humor em nada. Lembrei-me repetidamente que não tinha o direito de me sentir assim, mas a dor no meu peito não parava. Por que doeu tanto? Marissa respirou fundo na cozinha e balançou a cabeça enquanto soltava o ar. Ela não disse nada; ela apenas puxou a tequila fechada para nós. Aposto dinheiro que ela pediu para deixar uma garrafa lacrada. Sempre fui inflexível em relação a coisas assim.

— Você viu o rosto dele? — Ela perguntou, balançando a cabeça enquanto abria a garrafa.

— Não. — *Eu não conseguia mais olhar para ele com medo de vomitar.*

Suas mãos pararam na garrafa. — Você está chateada.

— Eu não estou.

— Lyla James Marichal. — Ela inclinou seu corpo em direção ao meu.

— O que?

— Oh meu Deus. Você realmente gosta dele, — disse ela. Eu gemi, o que me rendeu um olhar de simpatia dela. — Ele gosta muito de você. Você sabe disso, certo?

Eu rio. *Sim, ele gosta tanto de mim que estava com outra garota em uma festa e nem se preocupou em se esconder de mim. Não que isso fizesse diferença se ele tivesse feito isso. Poderia ter sido pior.* — Basta servir as malditas doses.

Ela fez o que eu pedi, servindo duas doses cada. — Ele parecia

horrorizado e empurrou Mandy muito rápido. Ela quase caiu no chão.

— Sim, bem, ele ainda é um idiota por deixá-la ficar em cima dele em primeiro lugar, — eu disse, minha voz soando estranha em meus ouvidos. Batemos os nossos copinhos de plástico e bebemos a primeira dose, nossos rostos se encolhendo levemente, depois pegamos a segunda.

— Duvido que ele ainda perceba merdas assim. As mulheres vão até ele constantemente nas festas e tentam chamar sua atenção. — Ela ergueu o copo e bebemos outra dose.

— Você não pode? — Eu murmurei. — Por que estamos falando sobre isso?

— Porque você gosta dele e não sai o suficiente para saber nada sobre ele. Quero lhe dar detalhes antes de encerrar isso.

— Mar. — Eu lancei um olhar para ela. — Você literalmente acabou de dizer que ele tem um milhão de mulheres em cima dele nas festas. Como isso vai me fazer sentir melhor?

— Estou lhe dizendo que ele não presta atenção nelas, Lyles. Ele não faz isso há algum tempo. Ele nem leva mais as meninas para casa. — Ela arqueou uma sobrancelha. — *E* ele é diferente com você.

— Para bancar o advogado do diabo, digamos que você esteja certa e ele a empurrou ou algo assim. Tudo o que ele me disse foi: “Você está em uma festa,” eu disse, imitando sua voz profunda. — Que porra é essa?

— Cara, você o deixou sem palavras. — Ela arregalou os olhos, do jeito que fazia quando queria deixar claro um ponto de vista. — Ele parecia que ia ter um ataque cardíaco ali mesmo naquele sofá. Ele não tirou os olhos de você.

— Não importa. — Dei de ombros. — O que teria acontecido se ele não tivesse me visto? Ele teria ficado com ela?

— Não, — ela disse claramente. — Eu acabei de dizer, ele não faz isso há algum tempo. Olha, eu entendo perfeitamente de onde você vem e você tem razão em estar chateada, mas eu sei com certeza que

ele realmente gosta de você, e isso é inédito. Lach nem gosta de nenhuma das garotas que ele levou para casa.

— Tanto faz, não importa. Não há sentido nisso. — Olhei pela janela e vi algumas pessoas jogando beer pong antes de olhar para ela novamente. — Estaremos nos separando em breve e não quero chamar atenção para ele. Não posso.

Ela suspirou pesadamente e balançou a cabeça. Eu sabia exatamente o que ela queria me dizer - que o objetivo era eu fazer algo que *me trouxesse* felicidade pela primeira vez - mas também sabia que ela não iria por aí. Do jeito que estava, eu odiava-me por ser *tão* consumida por ele. Relembrei o que aconteceu e meu estômago ficou vazio novamente.

— Outra dose? — Marissa perguntou.

— Foda-se, por que não?

Ela riu. Bebemos outra dose.

— Você sabe qual é a pior parte disso? — Perguntei. — Eu nunca me importei com merdas como essa. Nunca.

— Eu sei. — Ela assentiu gravemente. — É por isso que acho que você deveria manter a mente aberta aqui.

— Eu odeio isso. Eu odeio sentimentos.

— Eu sei, querida. — Ela passou os braços em volta de mim e apertou. — De qualquer forma, vamos em frente. Eu te amo muito. Obrigada por estar aqui. E por me deixar brincar de vestir com você.

— Eu também te amo. Obrigada por estar *sempre* presente para mim. Mesmo quando me sinto entorpecida e impossível de estar por perto. — Eu afastei dela.

— Nunca é impossível ter você por perto, — disse ela, examinando meus olhos. — Você é minha irmã e está passando por muita merda. Eu sempre estarei presente.

Engoli. — Por favor, sirva as doses antes que eu chore na frente das pessoas.

— Oh Deus. Nós não quereríamos isso. — Ela sorriu, serviu a próxima dose, brindou meu copo e bebemos o dela. — Devemos parar?

— Parar? — Ambas as minhas sobranceiras se levantaram. — Essa é a única coisa que vai me manter aqui, rindo e sendo sociável e essas merdas.

Marissa riu alto. — Mais duas?

— Mais uma, — eu disse. — Por agora.

— Boa ideia. — Ela serviu outra, nós as engolimos e ela fechou a garrafa. — Vou esconder isso.

Ela escondeu num armário e passou um braço sobre meus ombros. — Deus, eu senti falta disso, Lyla.

Eu também. Eu também estou pirando. A Lyla a quem ela referia-se festejou e divertiu-se. Ela nunca sentiu ciúmes, no entanto. Respirei fundo e agarrei a mão de Marissa enquanto saíamos da cozinha. Atravessar o mar de pessoas foi um desafio. Ficamos paralisadas perto da porta quando saímos, observando o quintal. Eles colocaram balões em cima do muro que diziam “Feliz aniversário, Mar.” Havia duas mesas de beer pong. Eu normalmente não bebia cerveja, mas adorava beer pong e dominava o jogo. Eu era competitiva demais para fazer qualquer coisa pela metade, então, no último ano do ensino médio, fiz Luke e Prescott praticarem comigo até sentir que consegui acertar o ângulo e o movimento do pulso. Enquanto Marissa andava e dizia oi para as pessoas, fiquei ao lado dela, fingindo ouvir suas irmãs da fraternidade falarem sobre um churrasco que estavam planejando. Prescott, Mason e alguns outros caras estavam em uma das mesas de beer pong. As doses vazaram enquanto eu estava ali e senti-me embriagada o suficiente para participar da diversão.

Inclinei-me para Marissa. — Vou jogar beer pong com Pres.

— Encontrarei você mais tarde. — Ela me puxou para outro abraço apertado. — Sério, te amo.

Beijei sua bochecha e sorri enquanto afastava e caminhava até a

área de beer pong. Quando Prescott me viu, seu queixo caiu. Era a reação dele quando me via em qualquer lugar esses dias, mas eu tinha certeza que usar essa roupa assim para uma festa lotada era o principal motivo da sua descrença. Ele correu ao redor da mesa e levantou-me no ar, como se estivéssemos em Dirty Dancing, antes de me colocar de pé novamente.

— Droga, Marissa realmente deu tudo de si este ano. — Ele olhou de cima a baixo, balançando a cabeça. Ele puxou para um abraço lateral. — Você está cumprindo as regras? Sorrindo, socializando?

— Se você continuar, não terei escolha a não ser ficar sentada no canto, de mau humor.

— Calando a boca agora. — Ele pressionou dois dedos e gesticulou como se estivesse fechando a boca.

— Podemos jogar? — Acenei com a cabeça para a mesa de beer pong.

— Porra, sim! Vamooooooooo! — Ele gritou quando nos viramos. Acenei para Mason e o outro cara.

— Lyla está no meu time. — Esse era Mason, que ainda estava observando-me.

Ele usava uma camiseta cinza de hóquei que parecia esculpida sobre seus músculos e calça esportiva preta. Ele sorriu quando nossos olhos se encontraram novamente. Retribuí com um pequeno e educado sorriso para que ele não ficasse com a ideia errada. Só porque Lachlan estava fazendo o que quer que estivesse fazendo, não significava que eu faria o mesmo. Meu Deus, pensar nele me irritou novamente. Eu precisava parar. Ele não era meu. Compartilhamos alguns momentos que provavelmente significaram mais para mim do que para ele. Provavelmente só me senti assim porque não olhava para um cara há dois anos. Talvez se eu não estivesse fechada e em casa de mau humor o tempo todo, meus momentos com Lachlan não significariam nada. Eu sabia que estava mentindo para mim mesma. Não era só porque Lach era gostoso ou porque prestava atenção em mim. Foi a maneira como ele fez sentir que o diferenciou. Suspirei

pesadamente. Foda-se ele. Eu superei isso. Olhei para Mason novamente. Ele era fofo daquele jeito descontraído, surfista californiano, com cabelos loiros que chegavam aos ombros, olhos azuis brilhantes e uma pele bronzeada.

— Porra, não. Ela está no meu time, — Prescott disse, passando um braço em volta dos meus ombros.

— Vamos. — Mason revirou os olhos. — Dustin e Lyla nunca saem para festejar, então precisamos equilibrar o campo de jogo.

— Irmão. — Prescott lançou-lhe um olhar. — Lyla é a melhor jogadora de toda essa porra de festa. Eu apostaria dinheiro nisso.

— Okay, certo. — Mason zombou e lançou-me um olhar de desculpas. — Sem ofensa, Lyla.

— Não me ofendi. — Eu sufoquei um sorriso. — Eu adoro ser o azarão.

— Tanto faz. — Prescott gemeu. — Lyles, você pode estar no time de Mason se quiser.

— Quero dizer, se ele precisar que eu puxe todo o peso. — Dei de ombros e fui até onde ele estava.

Mason riu alto. — Oh, ela é arrogante.

Prescott nos disse para esperar um segundo e saiu correndo. Quando voltou, trazia latas de cerveja. Talvez fosse o álcool que já estava no meu sistema, mas senti vontade de chorar. Eu não merecia ele e Marissa. Eram, de longe, as pessoas mais atenciosas do planeta. Pres encheu os copos e o jogo começou. Mason não estava errado. Fazia um bom tempo que não jogava, mas era como andar de bicicleta. Errei dois tiros e o resto foram baldes. Mason, por outro lado, não era *tão* bom quanto pensava. Vencemos três jogos consecutivos antes de Prescott e Dustin jogarem a toalha.

CAPÍTULO 10

Lyla

— Não seja um péssimo perdedor, Prescott Sanders. — Bati meu quadril contra seu lado enquanto o ajudava a pegar os copos e jogá-los no chão.

— Você não é a oprimida, — disse Mason com um olhar cômico de descrença.

Ele tinha a mesma expressão no rosto toda vez que eu arremessava, então, basicamente, o tempo todo que jogamos. Eu estava divertindo-me tanto que esqueci de todos na festa, mas agora que acabou, meus pensamentos voltaram para Lachlan. Eu perguntei-me o que ele estava fazendo, mas rapidamente perguntei: *quem diabos se importa? Sério, Lyla, quem se importa com o que ele está fazendo ou com quem está fazendo?*

— Vou fazer uma pausa, — eu disse ao Pres.

— Você vai passar o resto da noite sozinha, encostada na cerca? — Ele lançou um olhar severo. — Preciso lembrá-la do seu contrato vinculativo?

— Isso é um não para ambos, — eu disse enquanto afastava. — Eu só preciso de uma pequena pausa.

— Ela não estará sozinha, — disse Mason atrás de mim. — Vou sair um pouco com ela.

Prescott disse algo em resposta que não consegui ouvir, e Mason zombou alto.

— Como você ficou *tão* boa no beer pong? — Mason perguntou. Olhei para cima quando ele me alcançou.

— Prática. — Diminuí meus passos para observar um grupo de

pessoas jogando Stack Cup.

Foi outro jogo que gostei e no qual era boa. Era beer pong com esteroides, mas eu conhecia meus limites e não poderia nem pensar em jogar isso esta noite. Entre o nascer do sol de tequila que Marissa preparou para nós em casa para o pré-jogo, as doses de tequila que tomamos aqui e a cerveja (que não tinha sido muita, mas ainda assim), passei de um pouco tonta, para embriagada, para bêbada. Eu não estava pronunciando minhas palavras bêbada, mas bêbada o suficiente para sentir um sorriso no rosto e provavelmente precisava de muita água para voltar a ficar embriagada. Paramos de andar quando chegamos à cerca de madeira, a poucos passos do pessoal da Stack Cup.

— Você joga esse também? — Mason perguntou, apoiando um pé na cerca de ferro atrás de nós e apontando para o jogo da Stack Cup.

— Eu costumava, — eu disse. — Eu realmente não me divirto muito.

— Eu percebi, mas vi você em festas e eventos nas últimas semanas.

— O semestre está quase acabando. Pensei em sair mais. — Eu olhei para ele. — E é o aniversário de Marissa. Temos um acordo que está gravado na pedra.

— Oh? — Ele deixou seus olhos me percorrerem. — Um acordo onde você nos deixa admirar o *quão* gostosa você é?

Mordi minha língua.

— Desculpe, — ele disse rapidamente.

Eu sorri. — Não se desculpe por me elogiar.

Ele sorriu. — Acho que isso é o máximo que já conversamos.

— Não se acostume com isso. — Cruzei os braços. — Amanhã, provavelmente voltarei para a mesma e chata Lyla.

— Por que? — Ele franziu a testa.

Eu balancei minha cabeça. — Se eu entrar nisso, vou começar a

ficar de mau humor, e isso é contra as regras esta noite.

— Sem perguntas, então. — Mason fez uma pequena saudação como se fôssemos soldados. — Na verdade, eu tenho uma.

— Vamos ouvir isso. — Mudei meu corpo, então fiquei de frente para ele. Não estávamos desconfortavelmente próximos, mas estaríamos ao alcance de um beijo se dermos mais um passo. — Está acontecendo alguma coisa entre você e Lach?

— Oh Deus. — Soltei uma risada curta e balancei a cabeça. — Próxima questão.

— Eu preciso saber. — Ele aproximou-se de mim. — Isso é sim ou não?

Meu estômago apertou quando tomei consciência do que ele poderia fazer se eu dissesse não ou não me afastasse e acabasse com a situação. Talvez fosse o álcool ou o fato de que se ele tentasse alguma coisa que eu desaprovasse, um monte de gente iria testemunhar e impedi-lo, mas eu fiquei onde estava. Ele aproximou cada vez mais até ficar a apenas um fôlego de distância. Meus olhos fecharam por vontade própria, um hábito que se desenvolveu após anos de beijos. Quando seus lábios não tocaram os meus, abri os olhos e engasguei quando Mason tropeçou alguns passos para trás. Por um momento, pensei que um dos bêbados da Stack Cup tivesse perdido o equilíbrio e esbarrado nele, mas então olhei para cima e vi Lachlan carrancudo.

— Cara, que porra é essa? — Mason ficou mais ereto, de repente em modo de luta enquanto caminhava para frente.

Minha boca ficou aberta por um segundo. O álcool estava deixando meu cérebro um pouco lento para processar a situação. Lach estava *tão* perto de mim que eu podia sentir a raiva irradiando dele. Seu olhar era *tão* intenso que pensei, por um momento, que Mason poderia explodir em chamas. O que aconteceu se repetiu na minha cabeça e, finalmente, saí do meu devaneio.

— Que diabos, Lachlan? — Agarrei seu braço esquerdo. Ele estreitou os olhos para mim, minha mão e de volta para seu

companheiro de equipe.

— Sério, cara, — Mason acrescentou.

— Você sabe exatamente o quê. Não aja como se não soubesse — Lachlan rosnou, dando um passo à frente, rangendo a mandíbula, os olhos furiosos fixos em Mason. Apertei seu braço e tentei puxá-lo, mesmo sabendo que não havia nenhuma maneira de eu conseguir segurá-lo.

— Você está brincando comigo agora? — Os olhos de Mason arregalaram por uma fração de segundo antes de ele balançar a cabeça e rir levemente. — Isso é porque você gritou dibs? Não concordamos com isso. Prescott nem aprovaria...

— Ela não é de Prescott, — Lach gritou.

— E daí, ela é sua? — Mason arqueou uma sobrancelha quando Lach não respondeu. — E se eu gritar dibs agora mesmo?

— Mase, eu te amo, você é meu garoto, mas juro que foderei com tudo. Se você não recuar, isso não vai acabar bem. — Lach deu outro passo à frente. Minhas unhas eram curtas, mas enfiei as pontas dos dedos em seu braço. Ele nem sequer se mexeu.

O olhar de Mason passou de mim para Lachlan. — Passamos juntos a noite toda.

A mandíbula de Lachlan tremeu. Ele deu mais um passo à frente. Mais um e ele estaria na cara de Mason. Uma série de coisas passou pela minha mente em sequência: o comentário idiota, Mason e Lachlan iriam brigar e arruinar a festa de aniversário de Marissa, e puta merda, *eu* nunca tive dois caras brigando por mim. Esses pensamentos foram rapidamente seguidos por: *Que porra estava acontecendo?* Esta foi a primeira vez em muito tempo que participei plenamente de uma festa em dois anos, e esse idiota estava prestes a estragar tudo por causa de alguma besteira arcaica que atletas privilegiados inventaram há cem anos? Esse foi o pensamento que me fez explodir. Deixei cair minha mão e dei um passo entre os dois. Mesmo de salto alto, eu tinha certeza de que parecia uma formiga

entre dois gigantes.

— Eu não posso acreditar em você agora. — Virei as costas para Mason para encarar Lachlan porque, em última análise, tudo isso era culpa dele. — Eu não sou algo que você chama de “dibs.” Eu sou um ser humano. Eu não sou o banco da frente da porra de um carro. — Apunhalei seu peito duro com o dedo indicador e estreitei os olhos um pouco mais enquanto dava um passo à frente. Sua mandíbula tremeu. — Você *não* pode estragar a festa da minha melhor amiga e *não* pode dizer com quem posso ou não falar. O que aconteceu com Mandy Roberts? Ela não te satisfaz ou você terminou com ela e decidiu vir me procurar porque estava entediado e precisava de um pouco de entretenimento?

Os olhos de Lach escureceram, sua expressão mais dura, mas ele não disse nada enquanto olhava para mim. Ao nosso redor, algumas pessoas soltaram uma série de *oooohs*, como se isso fosse uma porra de uma batalha de rap. Meus olhos estreitados viraram-se na direção deles momentaneamente. Fechei minha mão em punho e coloquei-a entre seu peito, empurrando levemente enquanto olhava para ele novamente. Eu queria tanto dar um soco nele, mas a violência não me levaria a lugar nenhum e, de qualquer maneira, não era como se eu fosse machucá-lo. Deixei minha mão cair.

— Foda-se, Lachlan Duke, — eu fervei, batendo meu ombro contra ele com força enquanto afastava-me.

Atrás de mim, um rosnado alto e raivoso rompeu o silêncio. Vi estremecimentos e rostos chocados enquanto passava, mas continuei. Todo o meu corpo tremia. Tentei contê-lo cerrando os punhos e mantendo a visão nas portas duplas de vidro abertas da casa. Cerrei os punhos com mais força enquanto a raiva continuava a disparar através de mim de uma forma que não acontecia há muito tempo, *se é que alguma vez aconteceu*. Parecia a caminhada mais longa que já fiz, com todos os pares de olhos colados em mim. Tinha um monte deles. Eu ainda não tinha visto Marissa. Ela provavelmente estava dançando lá dentro, alheia a isso. Esse seria o melhor cenário agora. Este era um maldito pesadelo. Eu estava quase chegando às portas quando ouvi

Lachlan chamar meu nome uma vez. Duas vezes. Três vezes. Ignorei cada uma delas e concentrei-me em manter minhas lágrimas de raiva sob controle, porque se eu comesse a chorar na frente das pessoas, eu realmente iria odiá-lo.

— *Por favor*, espere, Lyla.

— O que? — Eu rebati enquanto virava-me. — O que você pode ter a me dizer?

— Eu não fiz nada com ela. — Ele passou os dedos pelos cabelos grossos. — Juro. Eu sei o que você viu e o que você pensa, mas...

— Eu sei exatamente o que vi, — eu disse, baixando a voz, já que tinha certeza de que estava gritando agora, mas não ia deixar que ele me atacasse, além de todo o resto. — Está bem. Você não pertence a mim. Pisquei com minhas próprias palavras, a verdade nelas atingindo-me pela primeira vez e fazendo-me perceber o *quão* estúpido tudo isso era. A mandíbula de Lach se contraiu quando eu disse isso, mas continuei porque precisava acabar com isso agora. — Não estamos juntos. Nós estivemos... está tudo bem. Você não me deve uma explicação.

— Eu devo. — Ele deu um passo à frente até ficar bem na minha frente. Meu coração traiçoeiro pulou. — Eu deveria tê-la afastado antes. Eu nem sabia quem diabos estava ao meu lado. Eu não estava prestando atenção nela.

Revirei os olhos, mas nem me preocupei em considerar essa afirmação.

— Eu juro, Lyla. — Ele ergueu as mãos como se estivesse implorando, orando. — Juro.

— Não importa. Você pode fazer o que quiser com quem quiser. — Dei de ombros. — Isso ainda não é desculpa para seu estúpido acesso de raiva ou agir como se você tivesse o direito de dizer com quem eu posso ou não ficar. Você percebe o *quão* fodido isso é, certo? Para você fazer o que quiser e esperar o oposto de mim. Fiz uma pausa, um grunhido escapando dos meus lábios. Eu estava com tanta

raiva de mim mesma por considerar isso. — Você sabe o que? Isso é estúpido. Eu não posso fazer isso.

Eu virei e continuei a entrar na casa. Felizmente, ninguém lá me notou. Entre a música alta e a dança, eu era apenas mais uma festeira procurando o banheiro. Meu corpo ainda estava zumbindo quando finalmente cheguei lá. Entrei correndo, bati a porta atrás de mim e tranquei-a. Fiz uma varredura rápida para ter certeza de que estava sozinha e agarrei a borda da pia com minhas mãos trêmulas enquanto olhava para meu reflexo.

Mesmo com minha maquiagem, pude ver o rubor em minhas bochechas. Tinha que ser o álcool que fazia sentir assim. Respirei fundo várias vezes. Eu realmente gostaria de nunca ter trazido Mandy Roberts para a conversa lá fora. Ela não teve nada a ver com isso. Oh meu Deus. Tínhamos acabado de ter aquela discussão na frente de todo o grupo. Isso foi assustador e mortificante. Eu odiei ter baixado a guarda por causa dele. Acima de tudo, eu odiava isso até agora. Enquanto eu repassava cada palavra que ele disse, meu estômago deu uma cambalhota, como se estivesse participando da porra das Olimpíadas de verão. Fui até o banheiro, sentei na tampa da privada e enterrei o rosto nas mãos. Eu sabia que ele estava lá fora. Senti seu calor seguindo-me pela casa enquanto procurava por esse banheiro. Talvez se eu esperasse, ele se cansaria disso e iria embora.

Todas as garotas nesta festa estavam competindo por sua atenção, então logo uma delas iria captá-la e ele iria embora. Meu coração afundou no estômago com o pensamento. *Isso é o que você ganha quando deixa alguém entrar. Você sabia que isso iria acontecer. Você sabia disso e permitiu mesmo assim.* Deus, Eu queria ir para casa, mas precisava ficar até que Marissa estivesse pronta. Eu não iria embora sem ela e recusei-me a apressá-la em sua própria festa de aniversário. Eu precisava encontrá-la para ter certeza de que ela ainda estava bem, e para que isso acontecesse, eu teria que abrir a porta e enfrentar o que quer que me esperasse lá fora. Dei um tapa de leve na testa uma vez e mais duas vezes quando pensei novamente em como todos na festa estavam falando sobre isso. A maioria deles provavelmente nem

sabia quem eu era. Mas Lachlan Duke, elogiado astro do hóquei, o cara mais gostoso do time e, possivelmente, da nossa universidade? Ele sem dúvida seria o assunto de sua rede de fofocas, e eu também. Foda-se Lachlan por isso. Foda-se Mason. Foda-se o time de hóquei e qualquer homem que pensa que pode reivindicar uma mulher só por diversão. E quer saber, foda-se Lachlan por fazer *sentir* coisas. Usei o banheiro e lavei as mãos antes de abrir a porta.

Lachlan estava ocupando o batente da porta com sua figura imponente, com seus estúpidos olhos lindos, e seu estúpido cabelo desgrenhado, e seu estúpido queixo forte, e seus estúpidos lábios carnudos, e seu estúpido corpo incrível. Ele estava olhando para mim como se estivesse prestes a se desculpar novamente. Mesmo que eu não quisesse ouvir, recusei-me a deixá-lo me seguir, agindo como uma sombra dissonante.

— Ver você com ele foi como um soco no estômago, — disse ele quando finalmente falou. — Quando você passou por mim mais cedo, eu queria carregá-la por cima do ombro e mantê-la para mim. Só quando Marissa fez esse comentário é que percebi que Mandy estava lá. Não estou brincando sobre isso, Lyla...

Levantei a mão para detê-lo. — Admitir que esta é a norma para você em festas deveria deixar-me bem com isso? E se você realmente quisesse “carregar-me no ombro,” você teria saído daquele sofá e ido atrás de mim muito mais cedo.

— Eu fui. — Ele suspirou, passando os dedos pelos cabelos. — Eu fiz isso, porra. Assim que você se afastou e desapareceu na multidão, eu levantei e procurei por você em todos os lugares. Quando finalmente encontrei, você estava jogando beer pong. Eu observei você o tempo todo da janela da cozinha como um maldito perseguidor, porque não queria perder um segundo disso.

Ele suspirou e continuou. — Eu virei por um minuto. Um maldito minuto e de repente você se foi; quando localizei você novamente, você estava com a porra do meu companheiro de equipe. Ele soltou uma risada sem graça, olhando para o teto enquanto passava os dedos

pelos cabelos novamente, puxando-os. Ele fixou seu olhar no meu novamente. — Isso nunca aconteceu comigo antes. Eu não sei o que diabos fazer. Eu nem sei como você se sente. Só sei que nunca mais quero sentir como me senti quando o vi com você novamente.

— Eu... — Meus olhos voltaram-se para sua camiseta preta. Eu realmente iria compartilhar meus sentimentos? *Oh meu Deus, eu ia.* Isso era pior do que eu pensava. Esperei até que meu coração se acalmasse antes de olhá-lo nos olhos novamente. — Vê-la em cima de você daquele jeito foi um pesadelo. Eu odiei isso. Eu odiei tanto, e odiei o fato de odiar.

A respiração que ele soltou foi pesada e aliviada. Ele procurou meus olhos por um longo tempo. Ele devia ser o playboy mais confuso da história do universo. Eu esperava que ele me beijasse ou me levasse de volta ao banheiro para foder-me. Eu teria deixado. Em vez disso, ele aninhou minha cabeça em seu peito e abraçou-me. Lachlan Duke, que tinha uma porta giratória cheia de mulheres, *abraçou-me.* Eu deveria ter ficado ofendida por ele não ter feito nenhum movimento, mas então ele beijou o topo da minha cabeça enquanto segurava-me, e a única coisa que eu conseguia pensar era em *quão* rápido seu coração estava batendo, como sua pele estava quente contra mim. Minhas costas nuas e como ele cheirava bem.

— Deus, Lyla James, — ele respirou contra minha cabeça. — Que porra eu vou fazer com você?

— O que você quer fazer comigo? — Eu perguntei, meu rosto esmagado contra seu peito. Seu corpo ficou rígido. Seus braços me seguraram um pouco mais forte. Coloquei minhas mãos em seu peito e afastei ligeiramente para olhar para ele. — Essa não é uma pergunta capciosa, você sabe.

Seus olhos caíram para minha boca momentaneamente. — Quanto você bebeu?

— Isso importa?

— Para mim sim.

Eu gemi. — O quê, você não fica com garotas bêbadas?

— Não, a menos que eu também esteja bêbado, — disse ele, examinando meus olhos. — E você não é *apenas* uma garota para mim.

Ugh. Por que ele disse coisas assim?

— Só estou um pouco bêbada. Seu acesso de raiva me deixou um pouco sóbria, — eu disse, sentindo-me sorrir. Seu olhar suavizou. Nossos olhos permaneceram trancados enquanto ele segurava meu rosto com suas mãos grandes. Ele aproximou-se. Meu pulso acelerou em antecipação. Ele encostou sua testa na minha e balançou a cabeça.

— Eu não posso, — ele respirou.

— Por que? — Levantei minhas mãos e as envolvi em seus pulsos.

Ele gemeu um som que vibrou através de mim. — Você está tornando isso realmente difícil.

Assim que abri a boca para responder, para dizer a ele para fazer isso, duas garotas muito bêbadas interromperam, esbarrando em nós e nos dizendo que precisavam usar o banheiro. Lachlan rapidamente saiu do caminho para me permitir sair. Uma das garotas foi até ele e passou o dedo na lateral de seu braço direito. Ela deu alguns passos e parou na porta do banheiro, fodendo-o com os olhos. Eu realmente queria dar um soco nela. Lach manteve seus olhos nos meus o tempo todo, o que não o redimiou completamente da coisa com Mandy, mas ajudou. A garota bufou e fez uma cara irritada enquanto entrava no banheiro e fechava a porta com força.

— Eu odeio que elas tratem você como se tivessem o direito de tocar em você, — eu disse.

Seus olhos estavam brilhando e o canto de sua boca contraiu-se.

— O que? — Eu perguntei, sabendo que não deveria ter revelado isso.

Ele inclinou-se novamente e roçou seu rosto contra o meu até que sua boca alcançou meu ouvido. — Eu não te entedio.

Não pude confirmar ou negar, então não disse nada. Eu importava-me demais. Esse era o problema.

CAPÍTULO 11

Lyla

Eu secretamente desejei que a alegria da noite passada durasse, mas ela desapareceu ao nascer do sol, quando vi a foto de Luke e minha mãe e lembrei-me das coisas que queria que fossem deixadas enterradas. Festas aconteciam todas as noites, inclusive esta noite. Marissa já tinha me contado sobre isso, e a única questão em minha mente era se Lachlan estaria ou não lá. Não que eu fosse perguntar a ela ou ir de qualquer maneira, mas a curiosidade mórbida implorava por uma resposta. Ele não me beijou ontem à noite, mas permaneceu colado ao meu lado o resto da noite. Sua mão na parte inferior das minhas costas enquanto conversávamos com seus companheiros de equipe. Seus dedos roçaram os meus enquanto Marissa contava em voz alta uma história sobre a vez em que me tranquei do lado de fora do carro no ensino médio. Seu braço encostou na minha lateral quando estávamos parados. Sua postura ampla prendeu-me quando ele se sentou na beira do sofá e eu permaneci de pé. Parecia um aviso para todos os outros caras naquela festa. E eu gostei muito. *Adorei*. Depois de toda a merda que eu falei sobre a coisa estúpida, lá estava eu, querendo que ele me reivindicasse. Isso nunca tinha acontecido comigo antes. Mesmo quando eu era a despreocupada Lyla, nunca conheci ninguém que me fizesse sentir como ele, e isso era um problema real. Eu precisava lembrar o que aconteceu com Luke. Eu não conhecia Lachlan há muito tempo e a simples ideia de perdê-lo dava vontade de vomitar.

— Tem certeza que não quer sair hoje à noite?

Eu pisquei. — Eu não posso acreditar *que você* quer sair hoje à noite depois que a noite passada terminou.

— Ah, pare. Eu não fui *tão* ruim assim.

— Marissa! Você vomitou três vezes antes de Lachlan nos deixar.

— Oh Deus, eu não vomitei no carro dele, não é?

— Não. Eu teria matado você!

Ela riu e levantou uma sobrancelha. — Você percebe que *tudo* mundo está falando sobre vocês dois, certo? Meu bate-papo em grupo na irmandade tem sido iluminado o dia todo sobre isso.

— O que estão dizendo? — Mordi o lábio e olhei para o chão, preparando-me.

— Que elas não podem acreditar que alguém conseguiu domesticá-lo.

Eu rio. — Eu nem estou com ele. Como eu iria domesticá-lo?

— Lyla. — Ela lançou um olhar divertido.

— O que?

— Ele praticamente declarou seu amor por você na frente de todos.

— Não, ele não fez isso.

— Ele fez isso totalmente. — Ela riu, balançando a cabeça. — Apenas deixe acontecer. Você sabe que você quer.

— É claro que quero, Marissa, — respondi bruscamente. — Mas eu não posso. Você, entre todas as pessoas, sabe que não posso.

— Eu odeio isso, mas você está certa. — Ela sorriu tristemente e balançou a cabeça lentamente. — Por que você não o vê em particular até sairmos?

— Não entendo por que ele é *tão* inflexível comigo. — Joguei minha cabeça para trás e fechei os olhos. — Estou quebrada. Por que ele iria me querer?

— Ei. Não, não diga isso. Ela sentou ao meu lado e jogou um braço em volta de mim. — Você não está quebrada, e ele quer você porque você é um maldito bom partido.

— Ele só gosta de mim porque sou difícil.

— Isso não é verdade. — Ela riu enquanto se afastava. — Você é difícil, mas não é por isso que ele quer você.

— Eu não entendo.

— Você não precisa. Prescott diz que nunca o viu assim, — disse ela. — Ele nunca perseguiu uma garota ou brigou com um companheiro de equipe. Pres disse: “Especialmente Mason, que morou com ele por três anos.”

Meu coração pulou. — Eu estou assustada.

— Estamos quase saindo daqui. — Ela apertou minha mão.

— Deus, mal posso esperar para ir embora. — Respirei fundo e expirei lentamente. — Acho que vou até sorrir mais quando partirmos.

— Lyles. — Ela riu. — Eu te amo, mas você nunca foi uma pessoa muito sorridente. Mesmo quando você era meio legal.

Eu rio. — Isso não é verdade. Eu ainda sorrio às vezes.

— Oh Deus. — Ela riu ainda mais. — O que você considera um sorriso não é o que o resto de nós considera um sorriso.

Eu rio de novo enquanto ela levanta e desaparece em seu quarto para terminar de se preparar para a festa. Quando a música dela começou a tocar novamente, levei as pernas até o peito e virei de lado. Luke sonhava em ir para uma cidade totalmente nova, onde ninguém soubesse seu nome ou família, onde pudesse se reinventar. Havíamos conversado sobre isso sem parar, como nosso grupo de amigos conseguiria um apartamento juntos. Já havíamos terminado para sempre e nossa amizade nunca vacilou. Eu senti muita falta dele. Eu estava começando a dormir quando ouvi uma batida forte na porta. Eu gemi, mas mantive meus olhos fechados.

— Marissa, alguém está na porta!

— Estou fazendo minha maquiagem. Ainda tenho que terminar meu cabelo, — ela gritou. — *E* não estou esperando ninguém.

Desenrolei-me e aproximei, meu pulso acelerando quando vi

Lachlan parado do outro lado. Ele alguma vez pareceu menos que perfeito? Ele usava uma camiseta preta e calça jogger, e seu cabelo parecia úmido como se ele tivesse acabado de tomar banho. Só de olhar para ele me fez querer fazer coisas que não deveria. Acho que isso respondeu à minha pergunta sobre se ele iria ou não à festa. Eu não sabia como isso me fazia sentir. Não era bom, isso era certo, especialmente depois da noite passada. Achei que não conseguiria olhar para ele agora. Não se ele estivesse aqui para pegar Marissa e ir embora. Talvez eu devesse destrancar a porta e correr para o meu quarto. Depois de encará-lo por um momento, abri a porta e encostei meu quadril no batente por um segundo, observando-o como se eu não tivesse acabado de olhá-lo pelo olho mágico. Afastei-me, virei e comecei a voltar para a sala.

— Ela ainda está fazendo a maquiagem.

— Ela não é a razão de eu estar aqui. — Suas palavras fizeram congelar no meio do caminho.

Eu virei de volta. — Porquê você está aqui?

— Realmente? — Ele soltou uma risada suave. — É assim que você quer jogar?

Cruzei os braços, examinei-o e disse à coisa dentro do meu peito para se acalmar. Ele ainda não havia entrado, o que era hilário, já que nada o havia impedido antes.

— Você é um vampiro? — Perguntei. — Você precisa de permissão para entrar de repente?

Ele mordeu o lábio enquanto entrava e fechava a porta atrás de si.

— Sem flores de desculpas? — Perguntei quando ele me encarou novamente.

— Eu teria trazido algumas se não achasse que você as jogaria fora.

Eu adorava flores. Elas eram uma das poucas coisas que ainda me traziam felicidade genuína. Dei de ombros. — As flores morrem de

qualquer maneira.

Um lado de sua boca contraiu-se, mas ele não disse nada enquanto diminuía a distância entre nós. Inclinei minha cabeça para cima. Meu coração negro ficou vermelho e bateu mais forte quando ele olhou para mim daquele jeito - como se eu fosse a única pessoa para quem ele queria olhar neste universo. Eu perdi a conta das vezes que tive certeza de que ele me beijaria. Honestamente, eu pularia nele ou o expulsaria se ele não fizesse isso logo.

— Você vai me beijar agora? — Eu sussurrei.

Seus olhos escureceram. — Eu estava *morrendo de vontade* de beijar você.

— Então beije. — Peguei sua camiseta e o puxei para mim.

Seus lábios colidiram contra os meus com um gemido que vibrou pelo meu corpo. O tempo desapareceu quando ele me levantou do chão. Uma bomba explodiu dentro de mim. Tudo fora dele tornou-se inexistente. Beijar uma pessoa nova geralmente exigia ajustes, mas ele não. Ele invadiu minha boca como se fosse o dono dela. Ele beijou-me com posse e abandono, segurando-me firmemente contra ele, como se quisesse ter certeza de que eu não iria a lugar nenhum. Ele devorou minha boca como se fosse nosso último beijo, e precisava ter certeza de que acertou, caso eu não o deixasse fazer isso de novo. A intensidade disso me esfolou, viajou profundamente dentro de mim e formou uma fenda que eu sabia que ninguém mais iria preencher. Foi emocionante e totalmente aterrorizante. E foi apenas um maldito beijo.

— Puta merda. — Essa era Marissa.

Foi um sussurro, ou talvez tenha sido isso que soou através das batidas em meus ouvidos. Sua voz fez interromper o beijo e afastar. Meus olhos permaneceram fixos nos dele enquanto meus pés encontravam o chão abaixo de mim. *Que porra foi essa?* Foi assim que ele beijou todo mundo? Foi assim que todas se sentiram quando o beijaram? Jesus. Eu odiei essa ideia. Respirei fundo e dei um passo para trás, finalmente encarando Marissa, que estava sorrindo

abertamente. Eu não conseguia nem encontrar minha voz para dizer algo sarcástico. Não consegui encontrar nenhum dos meus sentidos. Ele levou tudo naquele beijo.

— Eu pensei que você não beijasse? “Nunca.” — Marissa arqueou uma sobrancelha para ele. Abaixei meu olhar e foquei em seu peito. Eu realmente não queria ouvir essa conversa agora.

— Eu não beijo.

Minha cabeça disparou. Ele ainda estava olhando para mim. Meu coração afundou novamente. Porra, essa foi uma ideia terrível. Virei-me para Marissa, que parecia atordoada pelo silêncio. Quando ela começou a afastar, ela olhou para mim incisivamente, como se dissesse “Deixe-se ficar com isso.” Eu gostaria de poder gritar e pedir a ela que me impedisse antes que isso se transformasse em algo mais, mas permaneci em silêncio porque queria isso. Eu o queria. E eu não conseguia mais enganar. Isso já era mais do que eu esperava.

— Não esperem por mim, crianças, — ela gritou por cima do ombro enquanto fechava a porta atrás de si.

Meus lábios ainda estavam formigando por causa do beijo, mas eu queria mais. Eu o enfrentei. Permanecemos em silêncio enquanto seus olhos procuravam os meus. Eu queria perguntar se ele sentia essa mudança louca de energia entre nós, mas não consegui fazer isso. Durante dois anos, contei os dias para poder deixar este lugar esquecido por Deus, e então ele entrou na minha vida. Eu ainda queria ir embora, é claro. Eu só queria que tivéssemos mais tempo juntos. Eu afastei esse pensamento. *Mais tempo para quê? Para se esgueirar, como Marissa sugeriu?* Era a única maneira de conseguirmos fazer isso, e eu duvidava que ele quisesse isso. Seus olhos ainda estavam queimando nos meus.

Meu coração batia forte no peito e nos ouvidos. Eu não tinha certeza de quem moveu primeiro, mas antes que eu percebesse, estávamos nos beijando novamente, minhas mãos enterradas em seus cabelos, suas mãos grandes segurando-me com mais força cada vez que eu puxava. Beijá-lo despertou todas as terminações nervosas do

meu corpo, enviando ondas pelas minhas veias – lembretes de que eu ainda estava aqui. Sem quebrar o beijo, ele levantou-me com um braço. Minhas pernas travaram em volta de sua cintura, minhas mãos movendo-se para sua nuca. Eu não queria existir fora dos limites de seus braços. Ele beijou lentamente desta vez, saboreando de uma forma que me fez balançar contra ele, procurando por mais. Ele gemeu profundamente novamente. Paramos o beijo para respirar, ambos ofegantes.

— Maldição, Lyla James. — Ele encostou sua testa na minha e apertou ainda mais minhas coxas. — Maldição.

CAPÍTULO 12

Lachlan

Eu ainda estava dolorido por causa do treinamento com pesos mais cedo, então meus braços começaram a queimar por carregá-la por tanto tempo, mas eu não conseguia parar de beijá-la. Nada nunca foi *tão* bom, *tão* certo. Quando ela tentou desenrolar as pernas da minha cintura, agarrei suas coxas com mais força e tomei sua boca mais uma vez, caso ela estivesse prestes a tentar afastar completamente. Da próxima vez que ela se afastou, eu relutantemente a coloquei no chão. Nenhum de nós falou quando ela pegou minha mão e puxou em direção ao seu quarto. Ou quando ela fechou a porta atrás de nós e guiou-me até a cama. Tirei os sapatos e as meias, não porque esperasse que alguma coisa acontecesse - não esperava, - mas porque ficar deitado na cama, de meias, deixava-me superaquecido. Eu encontrei-me de costas, com os lábios de Lyla pressionados contra os meus novamente. Eu não queria que isso acabasse. Era como se eu estivesse compensando os dez anos que evitei beijar. Quando ela se afastou, ela se aninhou contra meu peito e soltou um suspiro, que parecia contente.

Eu parei de tentar entender tudo isso quando a vi com Mason. Eu nunca briguei com ninguém por uma mulher, mas quando o vi... *foda-se*. Quando o vi prestes a *beijá-la*, uma fera soltou-se dentro de mim. E então, quando discutimos, ela disse que eu não era dela, e eu queria dizer a ela para retirar a porra das palavras. Eu nunca fui de ninguém, mas pertencer a ela não parecia *tão* ruim. *O que diabos havia de errado comigo?* Ninguém veio até nós depois da discussão - pelo menos para flertar com nenhum de nós. Lyla assustou todas as mulheres apenas por existir, e eu assustei todos os homens por não a largar nem por um segundo. Mesmo assim, peguei alguns olhando para ela como se a estivessem imaginando nua, e tive que controlar-me. Eu consegui

permanecer um pouco calmo. Eu me lembraria de seus rostos, no entanto.

Depois da festa, eu trouxe ela e Marissa para casa, acompanhei-as até a porta e consegui sair. Fui direto para casa para cuidar da situação na minha calça. Eu nem conseguia lembrar da última vez que fui para casa me masturbar. Eu tinha certeza de que Lyla James estava *tão* afetada por mim quanto eu por ela. Depois de ontem à noite, nenhuma carranca ou olhares dela me convenceriam do contrário, não depois desta noite. Ficamos em silêncio por um tempo e parei um momento para olhar ao redor do quarto dela.

— Isso não é o que eu esperava, — eu disse contra seu cabelo.

Ela cheirava a gardêneas. Sempre associei o perfume às flores que meu pai mandava para minha mãe no aniversário dela todos os anos. Agora, isso me lembraria para sempre de Lyla.

— Beijar-me não era o que você esperava? — Ela afastou-se para olhar para mim.

Seus olhos estavam *tão* expressivos agora. *Tão* incrível. Beije-a novamente suavemente, rapidamente, para não perder a linha de pensamento.

— Seu quarto. — Eu cutuquei a ponta do nariz dela com o meu.

Eu queria dizer a ela que beijá-la parecia inexplicável. Como mágica. Mas eu não queria forçar. Ainda não.

— O que você esperava? — Ela riu levemente. Fechei os olhos para saborear o momento, desejando poder engarrafá-lo.

— Não sei. Paredes pretas. Aranhas. Merda estranha.

Ela afastou-se novamente, boquiaberta, e deu um tapa no meu peito. — Rude.

— Estou apenas dizendo. — Eu não pude deixar de rir quando nos acomodamos na cama com a cabeça dela no meu peito.

— Originalmente era verde escuro, quase preto, mas Marissa pintou desta cor enquanto eu estava fora.

— Fora onde?

— Longe pode não ser o termo correto, — disse ela. — Durante o primeiro ano e meio morei com minhas companheiras de equipe, depois voltei para casa por um ano e finalmente mudei para cá.

— É por isso que eu nunca vi você por aí?

— Talvez, — ela disse. — Isso é o fato de eu ter aulas principalmente online. Eu nem vi Prescott por um tempo, então também não poderia ter visto você.

Minhas mãos moveram vagarosamente para cima e para baixo em seu braço até que ela disse o nome dele. A sensação que tive no centro do peito quando estava com ela não era natural, mas não me assustou. O fato de não ter me assustado deveria ter me assustado, mas não aconteceu. Lyla me fez querer quebrar minhas regras sobre beijos e relacionamentos monogâmicos. Inferno, talvez até festas do pijama. Ok, talvez eu estivesse com um pouco de medo. Esta era a última coisa que eu deveria fazer com a quantidade de coisas que tenho pela frente – o próximo draft e os jogos finais que teríamos que vencer, para começar. Eu realmente não tive tempo para explorar isso agora. Eu também sabia que não poderia me dar ao luxo de não explorar isso.

Examinei seu quarto novamente e concentrei-me em duas fotos que se destacavam entre as demais – uma era ela e uma mulher que presumi ser sua mãe; a outra era ela de camisa e um cara vestindo uniforme de beisebol. Ensino médio, presumi. Ambos estavam suados e sorrindo largamente para a câmera – aquele sorriso dela que nunca tinha sido direcionado para mim. Eu não sabia quem ele era e isso não importava. Eu ainda o odiava. Eu queria aquele maldito sorriso.

A cama mudou quando ela se sentou e montou em mim. Meu pau estava prestes a explodir para fora da minha calça de corrida. Eu perguntei-me se ela conseguia sentir isso por baixo da camisa larga e da calça de moletom do Foo Fighters. Ela balançou contra ele e mordeu o lábio, e puta merda, isso respondeu à minha pergunta. Agarrei seus quadris para impedi-la de fazer isso de novo. Havia pelo menos três camadas de roupa entre a sua boceta e o meu pau, mais

roupas do que alguma vez tive entre mim e uma mulher numa cama. Neste momento, essas camadas eram a única coisa que me impedia de empalá-la. Tirei uma foto mental dela em cima de mim. Ela não estava usando nenhuma maquiagem e seu cabelo estava preso em um daqueles coques bagunçados que pareciam mais bagunçados do que fofos. Suas roupas eram grandes demais e escondiam sua figura incrível, mas nada disso importava.

Ela poderia ter sido uma alienígena verde e *ainda assim* teria sido a mulher mais gostosa que já estive em cima de mim. Ela girou os quadris novamente e inclinou-se para morder meu lábio inferior. Meu pau pulou; eu sabia que ela sentiu isso quando gemeu em minha boca. Meu coração batia *tão* rápido que eu tinha certeza que morreria ou pelo constrangimento de gozar na calça ou pelo ataque cardíaco que ela certamente causaria..

— Lyla. — Minhas mãos foram para sua cintura para parar seu movimento.

— O que? — Ela colocou as mãos no meu peito e se levantou enquanto movia os quadris novamente, com os olhos cheios de travessura.

— Porra. — Mordi meu lábio com força e gemi. — Você quer me matar? Ou seu objetivo é me fazer gozar?

— Você gozaria na calça se eu continuasse fazendo isso? — Ela perguntou, abaixando seus lábios até os meus e dando três beijos suaves neles.

— Porra, sim, eu faria isso, — eu disse contra sua boca, pegando seu lábio inferior e chupando-o. Estendi a mão e tirei seu elástico de cabelo, deixando seu cabelo cair em cascata ao meu redor enquanto ela aprofundava o beijo.

— Gosto de ver você desmoronando assim, Sr. Estrela Inatingível do Hóquei, — disse ela, sentando-se novamente.

— Você sempre me tem assim, — eu respirei, mantendo meus olhos nos dela.

E então aconteceu. Seus lábios moveram cuidadosamente e lentamente, como se estivessem quebrando gelo. Seus olhos dançaram primeiro, e então sua boca finalmente - *finalmente* – abriu-se no sorriso mais incrível que eu já vi em minha vida. O sorriso. Porra. Achei que queria isso, mas agora que experimentei, não poderia voltar a ver a carranca perpétua que ela exibia.

— Achei que você queria me foder, Lachlan Duke, — disse ela, ainda sorrindo. Fogos de artifício explodiram dentro do meu cérebro. — Mas acho que você não está interessado.

— Parece que não estou interessado? — Agarrei seus quadris e empurrei com força.

Ela mordeu o lábio novamente, seus olhos esquentando de uma forma que me faria dizer sim para qualquer coisa. — Pare de pensar e faça.

— Você vai parar de pensar? — Sentei-me lentamente, então ficamos cara a cara.

— Talvez. — Ela sorriu novamente, desta vez, o fantasma de um sorriso. — Lembre-me de contar-lhe uma coisa depois.

— Depois do que...

Antes que eu pudesse terminar minha pergunta, ela tirou a camisa larga e revelou que não estava usando sutiã. Seu peito nu me deixou sem palavras por um instante, antes de eu reagir e baixar a boca para torcer um mamilo e puxar o outro para dentro da minha boca. Ela se contorceu e gemeu de prazer enquanto eu lambia, chupava e mordia. Concentrei-me em seu outro seio enquanto provocava aquele que acabei de beijar.

— Você tem seios perfeitos, — eu gemi, girando minha língua em torno de seu mamilo e chupando-o.

— Você tem uma boca perfeita, — ela gemeu, puxando minha camisa. — Eu quero tirar isso.

Tirei minha camisa, jogando-a na mesma direção que a dela. Ela passou os dedos pelo meu corpo, vagando por cada centímetro de

mim, observando cada sulco e saliência dos meus músculos. Seus olhos encontraram os meus e permaneceram lá por uma eternidade antes de ela sair da cama, descartando rapidamente seu short e calcinha. Parei de respirar ao vê-la, completamente nua. Claro, eu a tinha visto de biquíni, mas isso era uma merda de próximo nível. Ela não perdeu tempo puxando para baixo minha calça de corrida e cueca, mas parou no meio do caminho nas minhas coxas para olhar meu pau, que se contraiu sob seu escrutínio. Eu não sabia exatamente o que ela estava pensando, mas sabia que ela gostou do que viu. Ela terminou de despir e montou em mim novamente. Sua boceta quente e molhada esfregando na parte inferior do meu abdômen, logo acima do meu pau, deixando-me louco.

Eu não aguentava mais. Eu exercitei paciência suficiente. Eu a virei. Ela pousou com um barulho alto e uma risada assustada. O som distraiu por um momento antes de voltar à minha tarefa, beijando novamente os seus lábios e seguindo para cada um dos seus mamilos e depois para a sua barriga. Mergulhei minha língua em seu umbigo, fazendo-a engolir. Queria provar e explorar cada centímetro dela. Quando finalmente alcancei sua boceta, parei para admirá-la. Ela era perfeita.

— Você tem a boceta mais perfeita, — eu disse, enquanto abaixava minha boca e dava uma lambida forte em seu clitóris com a superfície da minha língua.

Porra. Seus quadris resistiram e suas mãos agarraram meu cabelo instantaneamente. Curiosidade, eu não permitia que mulheres tocassem em meu cabelo. Eu geralmente afastava suas mãos e olhava por tempo suficiente para que elas soubessem que não deveriam fazer isso novamente. Movi-me um pouco mais para baixo e dei uma lambida forte em suas dobras. Suas costas arquearam com um suspiro. Forcei suas pernas mais largas e bombeei um dedo dentro dela enquanto girava minha língua em seu clitóris. Ela engasgou alto quando adicionei outro dedo. Puta merda, ela era apertada. Seu corpo curvou para fora da cama, e seu aperto em meu cabelo aumentou a ponto de doer enquanto eu a lambia. Eu adorei.

— Puta merda, Lach... — ela ofegou. — Puta merda. Não pare.

Não pare. Como se eu pudesse. Retirei meus dedos, agarrei suas coxas e a devorei como um homem faminto. Eu queria devorá-la, possuir essa boceta, fazer com que ela nunca mais quisesse outra boca nela. Ela resistiu contra mim, esfregando meu rosto enquanto sussurrava um canto. Eu já estava excitado, mas porra, eu queria que ela gritasse o que quer que estivesse dizendo. Adicionei dois dedos novamente e chubei seu clitóris em minha boca.

— Oh meu Deus. Lachlan, meu Deus...oh meu Deus, — ela disse em voz alta enquanto gozava contra minha boca, e todo o seu corpo começou a estremecer.

Inclinei-me para trás e puxei os meus dedos lentamente, movendo-os suavemente sobre o seu clitóris. Observei seu rosto, boca aberta e olhos fechados, enquanto ela superava o orgasmo. Sorri contra seu peito quando outro orgasmo balançou seu corpo, e ela começou a cantar meu nome. Pooooorra, isso foi quente. Recuei lentamente, chupando-a dos meus dedos enquanto sentava de joelhos e observava todo o seu corpo afundar no colchão. Ela ainda estava recuperando o fôlego quando abriu os olhos, e caramba, aqueles malditos olhos.

— Você trouxe camisinha? — Ela disse, ofegante.

— Você vai ficar brava se eu disser sim?

— Lívida, — disse ela, inexpressiva, enquanto sentava-se.

Sorri quando saí da cama para pegar a camisinha. Eu trouxe uma, só para garantir, não porque pensei que isso iria acontecer. Quero dizer, nos meus sonhos, aconteceria. Rasguei a embalagem com os dentes e pressionei a camisinha na ponta quando ela se aproximou de mim.

— Espere. — Ela colocou a mão na minha. — Por favor.

Eu não sabia o que ela estava pedindo. Que eu usasse o método de puxar para fora? Que eu... todos os pensamentos diminuíram quando ela abaixou a frente do corpo, com a bunda para cima, e girou

a língua em volta da cabeça do meu pau.

— Oh. Meu. Deus. Puta merda, Lyla. Minha cabeça caiu para trás.

Ela lambeu tudo antes de finalmente colocá-lo na boca. Ela tentou duas vezes antes de poder aguentar tudo e engasgou enquanto enfiava-me profundamente na garganta, mas fez de novo de qualquer maneira. Esqueci como respirar. Meus dedos dos pés curvaram-se. Ela fez isso pela terceira vez enquanto brincava com minhas bolas. Porra. Esta foi de longe a melhor chupada que eu já tinha recebido, e nem me ia deixar gozar na boca dela. Agarrei seu cabelo enquanto ela movia-se. Eu queria tanto foder a boca dela. Se ela fosse uma conexão aleatória, eu teria feito isso. Olhei para ela novamente, tirando outra imagem mental, desta vez de Lyla porra James chupando meu pau. Se ela continuasse, eu não seria capaz de transar com ela, então tirei isso da boca dela. Ela olhou para cima, confusa.

Agarrei seu queixo e a puxei para cima. — Eu quero que você goze no meu pau.

— Ah, merda. — Ela estremeceu.

Bati minha boca na dela e a beijei. Começou ferozmente, mas transformou-se em um beijo lento e profundo. Ela afastou-se, olhando para mim atordoada, como se estivesse excitada e talvez confusa. Terminei de colocar a camisinha e a movi, então ela ficou deitada de costas. Quando me acomodei entre suas pernas, belisquei seus mamilos e preparei mentalmente para levar meu tempo a penetrá-la. Queria sentir a boceta dela a apertar cada centímetro de mim. Movi-me contra ela para prepará-la e então afundei lentamente. Apenas a ponta no começo, mas uma vez que a ponta estava dentro, e eu a senti ao meu redor, eu perdi o controle e empurrei com força, profundamente.

— Puta que pariu, Lyla. — Um grunhido percorreu-me.

— Lach. — Ela gritou, lágrimas escorrendo de seus olhos. Parei de mover-me.

Ela balançou a cabeça. — Estou bem. Você é apenas...enorme.

Eu senti-me sorrir quando baixei meus lábios até os dela e coloquei uma mão entre nós para brincar com seu clitóris. Ela sacudiu os quadris e afastou minha mão.

— Por favor, foda-me, Lach, — ela sussurrou contra meus lábios, apertando em torno de mim. Eu gemi, rangendo meu queixo ao senti-la. Eu estava tentando ser gentil, mas essa porra de mulher tornou isso impossível. — Por favor, por favor, por favor, mova-se.

Porra, a mendicância. Lyla James implorando. Balancei meus quadris novamente, começando com estocadas lentas. Ela estava *tão* apertada. Eu teria acreditado nela se ela me dissesse que era virgem. Ela era *tão* sexy. *Tão* perfeita. O beijo foi indescritível. A boceta dela tinha gosto de algo que eu poderia comer o dia todo. E agora *isso*? Era *assim* que era fazer sexo com ela? Eu queria tirar a maldita camisinha - algo que eu nunca tinha feito - e marcá-la com o meu esperma. Sua respiração engatou quando acelerei minhas estocadas. Eu puxei lentamente e empurrei com força novamente. De novo, de novo e de novo. Seus olhos estavam fechados enquanto ela levantava os quadris para atender cada impulso. Suas mãos seguravam os lençóis debaixo de nós com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Sempre evitei contato visual durante o sexo. Quando uma mulher me dava uma chupada, eu olhava para ela, mas era principalmente porque excitava-me com a maneira como seus olhos arregalavam quando eu fodia suas bocas. O contato visual durante o sexo parecia um exagero. Por que eu iria querer isso se fosse foder e ir embora de qualquer maneira? Olhar para as pálpebras de Lyla fez algo comigo. Eu queria os olhos dela nos meus. Precisava deles.

Belisquei seu mamilo. — Abra seus olhos.

Ela gemeu, mordendo o lábio enquanto balançava a cabeça. Parei de mover-me.

— Não. — Ela ofegou. Seus olhos abriram-se enquanto suas mãos voavam dos lençóis para minhas coxas. — Oh meu Deus, Lachlan, por favor, não pare, porra. — Ela apertou seus quadris contra mim e, porra, embora fosse incrível, eu a segurei e parei o movimento.

— Olhe para mim quando eu te fodo. — Apertei ainda mais seus quadris quando ela tentou se mover novamente. — Eu quero ver você gozar. Quero ver tudo.

— Não sei se consigo, — ela sussurrou. — Eu nunca fiz... eu não faço isso.

— Você acha que eu faço? — A risada fez meu pau contorcer-se dentro dela. — Eu não faço muitas das coisas que faço com você. — Inclinei-me e a beijei. — Olhe para mim, Lyla James. Deixe-me ficar com isso.

— Vou tentar, — ela sussurrou.

Levantei-lhe as ancas da cama quando comecei a fodê-la novamente. Ela manteve os olhos nos meus. Ok, eu disse que queria, mas isso era íntimo *pra* caralho. Era intenso. Eu puxei quase todo o caminho e empurrei fundo. Ela apertou em torno de mim novamente.

— Puta merda. A maneira como você aperta meu pau. Agarrei-lhe as ancas com mais força, fodi-a mais rápido, mais rápido e com mais força.

Suas pernas começaram a tremer. Sua boceta apertou firmemente em volta de mim quando ela começou a gozar. Ela abriu a boca e soltou pequenos suspiros, mordendo o lábio enquanto seus olhos começavam a revirar. Meu ritmo ficou selvagem. O calor envolveu-me da cabeça aos pés quando eu desabei, rosnando e jogando minha cabeça para trás quando a última gota do meu gozo atingiu a camisinha. Nunca tinha visto nada mais bonito do que a ver gozar no meu pau.

CAPÍTULO 13

Lyla

Eu estava exausta. Peguei mais preservativos no quarto de Marissa e fizemos sexo mais três vezes em posições diferentes. Era como se ele tivesse memorizado um manual do Kama Sutra. Estávamos deitados na cama depois de ir ao banheiro, nos limpar e vestir algumas roupas. Nós dois vestimos nossas roupas íntimas e eu coloquei uma camiseta como se algumas peças de roupa pudessem nos impedir de fazer isso de novo. Estávamos de volta na cama. Eu liguei meus dedos aos dele. Eu não sabia por que fiz isso, mas parecia natural. Muito disso parecia que estávamos fazendo isso juntos há toda a vida. Quando ele me pediu para olhar para ele durante o sexo, achei que não conseguiria. No momento, quase desviei o olhar, mas a intensidade em seus olhos me manteve cativa.

— Eu não faço festa do pijama, — eu disse. Seu corpo enrolado embaixo de mim. Olhei para cima e encontrei seu olhar. — Quero dizer, eu nunca fiz isso, mas você pode ficar... se você quiser.

— Por que? — Ele virou o corpo, encostou o cotovelo no travesseiro e apoiou a cabeça na mão. Eu fiz o mesmo. Eu sabia o que ele estava perguntando: por que eu o estava deixando ficar?

— Não sei.

Ele procurou meus olhos. — Você não sabe ou não quer me contar?

— Não, eu realmente não sei. — Caí de costas e olhei para o teto. — Eu não sei o que diabos estou fazendo. Eu não deveria estar fazendo *nada* disso, mas não posso parar porque você é... Não posso...

— Venha aqui. — Sua mão grande e áspera agarrou meu quadril e virou-me para ele novamente. — Você disse que me contaria algo

depois.

— Eu disse? — Meu coração bateu forte.

Por que disse isso? Eu não poderia contar a ele agora, não depois de tudo que tínhamos feito, não depois que ele me fez manter contato visual durante o sexo cada vez que fizemos isso. Bem, ele obrigou-me a fazer isso da primeira vez, mas fizemos isso sem falar sobre isso nas vezes que se seguiram. Foi intenso e não necessariamente confortável, mas Lach estava certo. A expressão em seus olhos era um espetáculo para ser visto quando ele desmoronou. Eu nunca faria isso de novo. Não com mais ninguém, pelo menos. Foi muito pessoal.

— Você disse. Você me disse para lembrá-la.

— Hum. Não me lembro o que era.

— Bem, terei que ficar até você se lembrar. — Ele sorriu.

— Você fica na casa das garotas depois de ficar com elas?

— Lyla. — Ele olhou para mim.

Mordi minha bochecha, tentando lutar contra o ciúme que tomou conta de mim enquanto esperava sua resposta. Talvez fosse melhor que eu não soubesse a resposta para isso.

— Você não precisa responder a isso, — eu disse rapidamente.

— Eu nem beijo as garotas com quem fico. O que faz você pensar que eu ficaria aqui? Sua expressão era séria. — Isso é... — Ele balançou a cabeça novamente como se não conseguisse encontrar uma maneira de descrever isso.

— Eu sei. — Cheguei mais perto dele e passei as costas da mão em seu rosto. Ele olhou para mim por um longo momento. Abri a boca para falar e fechei-a rapidamente, desviando os olhos enquanto pensava em como abordar o assunto que precisava discutir com ele.

— Não. Porra, não, — ele disse, tirando-me dos meus pensamentos. — Não me exclua. Agora não.

— Eu preciso, — eu sussurrei.

— Não, você não precisa. — Ele passou os dedos pelos meus cabelos emaranhados e procurou meus olhos. — Como você pode me excluir depois disso?

Fechei os olhos por um momento. — É por isso que isso não deveria ter acontecido para começar.

— Explica. — Ele sentou-se de repente. Suas pernas eram muito longas. Elas ocuparam a maior parte da minha cama queen-size.

— Não posso. — Sentei-me, cruzando as pernas entre as dele. — Eu vou te contar depois do seu último jogo. Juro que contaria a você se não achasse que era perigoso e poderia causar alguma merda séria, mas não posso arriscar. Você não pode arriscar.

— OK. Depois do meu último jogo, então. — Ele encarou-me por um longo momento. — Quando você vai embora?

— Dois dias depois do seu jogo.

— O que você fará agora com seu sofisticado diploma de biologia?

— Inscrevi-me em três programas de medicina para começar a trabalhar em medicina esportiva. Todos aceitaram, mas ainda não escolhi nenhum. — Mordi a ponta do meu polegar. Seus olhos escureceram, então deixei cair minha mão.

— Onde você estará enquanto isso?

— Vou para a Califórnia com Marissa por uma semana.

Ele ergueu uma sobrancelha. — Onde na Califórnia?

— Por toda parte. Começaremos em San Diego e subiremos, — eu disse. Ele olhou para mim por um longo tempo e percebi que ele queria dizer alguma coisa, mas se conteve. Eu mexi para frente, aproximando-me dele. — O que?

— Nada. — Ele suspirou pesadamente. — O tempo do universo às vezes é uma droga.

— Por que? Você quer ir para Cali comigo? Perguntei.

— Continue sorrindo para mim desse jeito, e eu posso dizer foda-se o draft e seguir você por aí.

Eu rio. — Você nunca faria isso.

— Não me tente. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Eu nunca deixaria você fazer isso.

— Eu sei. — Ele sorriu, mas desapareceu em um instante. — Eu quero te perguntar uma coisa.

— OK. — Eu me preparei.

— Por que você não se profissionaliza?

— Não posso, — respondi instantaneamente e olhei para a parede que havia dedicado ao futebol.

— Não pode ou não quer?

— Existe alguma diferença?

— Você era boa, — disse ele, com orgulho na voz.

Eu levantei uma sobrancelha. — Eu era melhor do que boa.

— Eu adoro quando você fica arrogante. — Ele rosnou enquanto beijava-me.

— Você adoraria isso. — Eu rio contra sua boca e me afasto. Ele olhou para mim por um longo momento, então eu fiz uma careta. — O que?

— Quando você ri, quando você sorri...É a coisa mais linda que já vi, — disse ele. — Com exceção de você gozar no meu pau, é claro.

Dei um tapa em seu peito, revirei os olhos e fiquei séria novamente. — Para responder à sua pergunta, tentei continuar, mas meu coração não estava mais nisso.

Ele segurou meu queixo. — Por causa do acidente?

Meus olhos se arregalaram. — Como você sabe disso?

— Google.

— Você pesquisou no Google?

— Sim. Você não me procurou no Google? Ele ergueu uma sobrancelha.

Meus lábios franziram. — Sim, mas apenas para confirmar que você estava no time de hóquei e não estava apenas se preparando para ficar contra aquela parede.

— Você não acreditou em mim? — Ele riu, balançando a cabeça. — Isso foi um golpe para o meu ego, você sabe.

— Eu imaginei, — eu disse. — Você não poderia ter ficado *tão* machucado. Você acabou voltando para casa com minha colega de quarto naquela noite.

— Só voltei para casa com Marissa porque sabia que ela era sua colega de quarto.

Eu pisquei. — O que?

— Eu queria ver onde você morava, — disse ele. Olhei para ele e esperei que ele me dissesse que estava brincando. Ele não fez isso. — Eu queria saber mais sobre você.

— Então você pensou: “Deixe-me descobrir mais sobre ela, transando com sua colega de quarto?”

— Não. — Ele lançou um olhar divertido. — Eu nunca faria nada com Marissa. Nada aconteceu entre nós.

— Eu sei, — eu disse. — Mas você deixou uma garota sentar no seu colo em uma festa na noite seguinte.

Seus lábios abriram-se em um sorriso lento. — Tem certeza de que não estava interessada em mim, Lyla James?

Ugh. Apertei meus lábios e olhei para seu peito. Fiquei grata por não discutir o acidente ou futebol, mas falar sobre isso enquanto olhava para seu corpo perfeito não era mais fácil. Não admira que todas as mulheres quisessem transar com ele. O pensamento azedou instantaneamente meu humor. Oh meu Deus. Por que eu estava fazendo isso comigo mesma? E por que eu me importava? Eu estava

sendo ridícula.

— O que você está pensando? — Ele inclinou meu queixo para cima.

Balancei a cabeça, ainda olhando para seu peito.

— Lyla.

Meus olhos voltaram para os dele. — Não estou pensando em nada.

— Você pode não querer admitir que estava curiosa sobre mim desde o início, mas eu estava realmente curioso sobre você e observei você de perto e com frequência, — disse ele, examinando meus olhos. — Eu conheço cada carranca, cada expressão de desagrado, cada sorriso escondido. Eu até conheço aqueles com os quais você nunca me agraciou.

— Não, você não conhece. — Eu fiz uma careta.

— Eu conheço os teus sinais, Lyla James. Cada um deles. — Ele inclinou-se e beijou minha testa, inclinando minha cabeça um pouco mais, então estávamos separados por apenas um fôlego. — Diga-me o que está errado.

— Não é realmente nada. — Encontrei seus olhos. — Eu estava pensando que agora entendo por que todas essas mulheres querem tanto você.

Ele olhou para mim por um longo momento. Apenas olhou. Sem sorriso. Sem carranca. Nada que revelasse o que ele estava pensando. Eu esperei; eu era boa nisso. Ele ergueu a mão e segurou meu rosto, sua expressão suavizando enquanto procurava meus olhos. — Por que você está pensando nisso? Nenhuma delas me conquistou como você.

— Não, mas elas ainda tocaram em você.

— Elas não significavam nada. — Ele beijou meus lábios suavemente. — Você acha que gosto de pensar em alguém que tocou em você antes de mim? — Ele apontou com a cabeça para as fotos emolduradas. — Você tem uma foto emoldurada com um cara, e eu

tive que dizer a mim mesmo que quem quer que ele seja não importa porque você está comigo agora.

— O nome dele é Luke, — eu disse, olhando para seu peito novamente.

Seus músculos se contraíram. — Eu não quero saber.

— Ele está morto. — Encontrei seus olhos novamente.

— Merda, sinto muito, — disse ele. — O acidente de carro?

Balancei minha cabeça lentamente. — Você quer a história real ou aquela que todos ouviram?

— Existem duas histórias?

— Sim.

— Qual é a que todo mundo sabe?

— Que ele cometeu suicídio.

— Qual é a verdadeira?

Eu olhei para ele. — Ele foi assassinado.

— Assassinado? — Ele falou devagar. — Espere, é por isso que você quer me manter à distância?

Eu balancei a cabeça.

Ele procurou meus olhos. — Por que você acha que ele foi assassinado?

— Luke odiava armas. Odiava elas. E ele morreu com um tiro na cabeça.

— E você não acha que ele poderia ter feito isso... — Ele deixou sua frase vagar. Eu balancei minha cabeça. De jeito nenhum Luke teria tirado a própria vida. — Como você pode ter certeza?

— Bem, não posso ter certeza, mas eu sei. — Mordi meu lábio e olhei para minhas mãos.

Não consegui reanimar Luke para perguntar a ele, mas a prova estava lá. Eu sabia que o detetive entrou na casa, viu a mesma coisa

que eu e pensou a mesma coisa. Ele nunca diria isso, no entanto. Eu odiava todos eles. Cada um deles. Respirei fundo e mordi o lábio enquanto pensava naquele dia novamente e em todos os dias que se seguiram. O suicídio nunca tinha passado pela minha cabeça até então.

Engoli. — Você já pensou em se matar?

— Não.

— Pensei nisso muitas vezes depois do acidente e da morte de Luke. Eu apenas... eu senti que tinha acabado, sabe? Se o universo realmente me quisesse aqui, por que jogaria todas essas coisas horríveis em mim? E, no entanto, nunca fui capaz de passar por isso. — Eu encontrei seu olhar. — Por que você acha que isso acontece?

Eu não tinha certeza por que estava contando tudo isso a ele. Eu nunca contei a Marissa e Pres porque não queria que isso fosse mais uma coisa na lista crescente de preocupações deles. Não que eu pensasse mais nisso. Eu pensava, no entanto. O acidente me afetou muito, e a morte de Luke levou ao limite. Marissa e Prescott também ficaram perturbados e traumatizados, mas conseguiram chorar junto com todos os outros. Durante meses, eu não conseguia imaginar isso. A dor era muito intensa e o peso do fardo parecia esmagador. No entanto, algo me impediu cada vez que tentei.

— Você quer a resposta real ou aquela que eu deveria dar-lhe? — Ele pergunta.

— A verdadeira resposta, espertinho. — Revirei os olhos, mas senti sorrir um pouco.

— Porque o mundo estaria vazio sem você, — disse ele. — Porque não teríamos nos conhecido e minha alma ficaria perdida pelo resto da minha vida, procurando pela sua.

— Meu Deus, Lachlan. — Minha voz era um sussurro, meu coração apertando minha garganta com muita força para falar mais alto. — Você não pode dizer coisas assim.

Ele encarou por um longo tempo, sem dizer nada. Era difícil me

deixar desconfortável, mas ele conseguiu isso sob seu olhar penetrante.

— Você diz essas coisas para todo mundo que você quer encantar? — Perguntei baixinho, tentando quebrar o silêncio, mesmo que a resposta dele pudesse doer um pouco.

— Nunca quis encantar ninguém, — disse ele, ainda olhando para mim com aqueles olhos verdes intensos. Eu olhei de volta, perdida neles.

Pisquei quando não aguentei mais. — Qual é a resposta que você deveria me dar?

— Você tem uma longa vida pela frente. Você estaria cometendo uma injustiça se abreviasse o assunto.

— Que político da sua parte. — Eu senti sorrir largamente. Ele olhou para mim como se estivesse admirado. — O que?

— Esse é o meu sorriso favorito. Você não tem ideia de quantas vezes sonho com isso. Ele levantou a mão e roçou o polegar no meu lábio inferior. — Eu quero possuí-lo. Para guardar para mim.

Mordi o interior da minha bochecha. As borboletas estavam tendo um dia de campo no meu estômago.

— Conte-me sobre o acidente, — ele disse novamente, examinando meu rosto.

— Não há muito o que contar. Eu estava dirigindo o carro quando isso aconteceu. Saí com três cortes e um braço quebrado, — eu disse, com a voz calma. — E minha mãe morreu por causa disso.

— Porra. — Ele puxou-me para seus braços e segurou. — Desculpe.

Aceitei suas palavras, embora elas não me fizessem sentir mais nada. Quando pensei no acidente esses dias, não senti nada. Quando pensei em Luke, não senti nada. Eu estava em branco o tempo todo. Em branco o tempo todo, a menos que Lachlan estivesse na minha frente.

— Foi horrível, — eu sussurrei. — Desmaiei e quebrei o braço com a força do airbag, mas acordei enquanto ainda estava no carro e... — Eu estremeci. — Foi terrível.

— Sinto muito, — ele respirou contra meu cabelo.

— É outra razão pela qual preciso que você fique longe.

— Por que? — Ele afastou-se. — O acidente não foi apenas um acidente?

Eu balancei minha cabeça. Ele observou por um longo tempo. Pude ver a cautela em sua expressão enquanto olhava para mim. Quero dizer, essas foram algumas alegações malucas. Ele não tinha motivos para acreditar em mim. Mas então, sua expressão mudou de cautela para confusão e raiva. Ele permaneceu lá.

Sua mandíbula tremeu. — Você acha que sabe quem causou isso?

— Eu sei quem fez isso, — eu disse baixinho quando a imagem dele surgiu na minha cabeça. Afastei-o rapidamente. — Como eu disse, contarei tudo quando souber que é seguro.

— Então, para manter-me seguro, você não vai me ver até então? — Ele olhou para mim, com descrença clara em sua expressão. — Depois desta noite? — Ele segurou minhas duas mãos em uma das suas. — Você está partindo para o outro lado do país e acha que não vou vê-la sempre que puder até então?

— Você não ouviu uma palavra do que eu disse? — Procurei em seus olhos, esperando que a gravidade da situação fosse absorvida. — É exatamente por isso que tentei evitar que isso acontecesse.

— Vamos, Lyla, — disse ele, inclinando a cabeça como se a ideia fosse absurda. — Isso sempre iria acontecer.

— Não entendo porquê, — eu disse. — Por que eu? Porque sou difícil?

— Você sabe por que você. — Seus olhos perfuraram os meus. Meu estômago deu uma reviravolta. — E se eu vier aqui? Ou você for para minha casa?

— Você não deveria gastar o tempo que resta da faculdade escondendo-se e não indo a festas, — eu disse.

— Não estou interessado em festas. — Seu olhar era intenso novamente. — Não estou interessado em nada disso.

— Só estou dizendo que estamos seguindo caminhos separados e você pode se arrepender, — aponte. — Você irá para Toronto ou Boston e eu estarei em outro lugar.

— Lyla James. — Ele sorriu um de seus sorrisos lentos e sexy. — Tem *certeza de* que não estava interessada em mim?

Apertei meus lábios. — Seja sério.

— Estou falando sério. — Ele riu, levantando minha mão e mordendo as pontas dos meus dedos com os dentes. — Eu poderia estar em Toronto e você em Tóquio, e ainda encontraria uma maneira de continuar explorando isso.

— Lach.

— Olha, se ficar escondido vai deixar você confortável, tudo bem. Eu não dou a mínima para o que tenho que fazer.

— Tudo bem, — eu sussurrei.

— Tudo bem? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem o que?

— Tudo bem, vamos continuar nos vendo, — eu disse, acrescentando: — *Em particular. Em segredo.* Até partirmos.

— E então? — Ele ergueu minha mão novamente e beijou a parte interna do meu pulso.

— E então veremos. — Inspirei profundamente quando ele pressionou a boca sobre meu pulso.

— Hum. — Ele largou minha mão e beijou-me novamente, mordendo meu lábio inferior em sua boca enquanto afastava-se. Meu coração batia cada vez que ele fazia isso.

— Chegue mais perto, — ele disse calmamente, trazendo-me para

mais perto dele sob os lençóis. Ele estendeu a mão para apagar as luzes e puxou-me para que minhas costas ficassem contra seu peito. Ele pressionou os lábios na minha nuca. — Você sabia que temos o mesmo nome do meio?

Eu rio. — De jeito nenhum.

— Hum. — Ele aninhou-se em meu pescoço. — Eu ia te contar na segunda vez que te vi, mas pensei que você poderia me dar uma joelhada nas bolas.

Reprimi o sorriso, embora estivesse escuro e ele não pudesse me ver. Eu não teria dado uma joelhada nele, mas podia ver por que ele pensaria isso.

— Ei, Lach. — Eu sorrio na escuridão.

— Hum?

— Lembrei-me do que ia te contar.

— O que é? — Ele perguntou quando me virei em seus braços para encará-lo.

— Estou sempre entorpecida, a menos que você esteja por perto. Você me faz sentir. — Eu não conseguia ver seu rosto, mas ouvi sua respiração profunda.

— Porra, Lyla James. — Ele puxou-me para mais perto e pressionou seus lábios nos meus em um beijo lento.

CAPÍTULO 14

Lyla

Eu estava entrando no túnel e caí na gargalhada quando vi Lachlan. Eu o notei nas arquibancadas. Mesmo se eu não tivesse feito isso, seus gritos ressonantes toda vez que eu corria dentro e fora do campo teriam tornado difícil não o notar. O estádio de futebol estava lotado, mas de alguma forma eu podia ouvir os gritos dele, de Prescott e de Marissa por toda parte. Eu chutei duas vezes para ganhar um ponto extra e acertei nas duas vezes. Eu tinha que admitir que sentiria muita falta disso. Fiquei hesitante quando Banks pediu-me para fazer isso depois de falar com seu treinador e com a equipe. A primeira vez que corri, todos ficaram confusos. Na segunda vez, eles agiram como se eu fosse Elvis realizando seu último show. A energia no estádio era palpável toda vez que eu corria. Eu sabia que era porque eu era uma menina e arrasava, mas ainda assim lembrava-me dos meus dias de glória no futebol, então adorei.

E como o treinador de futebol era muito exigente, ninguém tinha permissão para chegar perto do estádio fora do horário de jogo. Isso incluía pais e professores. Foi a única razão pela qual fiz isso. Caso contrário, eu teria rejeitado a oferta. Eu não poderia arriscar *que ele* estivesse escondido por aqui. Estremeci ao pensar naquele psicopata observando-me enquanto caminhava até onde Lach estava parado no final do corredor. Ele estava perto dos vestiários. Eu nem queria perguntar como ele conseguiu acesso a essa área. Por mais sorrateiro que fosse, provavelmente alguém invadiu o sistema para adicioná-lo ao elenco de futebol. Eu não colocaria nada além dele. Sorri largamente quando finalmente cheguei até ele e levantou-me em um abraço apertado. Eu estava suada e irritada e ainda tinha o capacete na mão, mas ele não se importou. E agora, em seus braços, eu também não.

— Você arrasou, — disse ele, sorrindo com orgulho. Achei que meu coração poderia explodir.

— Bom trabalho, Marichal, — disse um dos caras atrás de mim.

— Obrigada, Jacobs. — Eu virei para encará-lo. — *Você fez um bom trabalho naquele último touchdown.*

— Você fez, cara. Esse último foi uma loucura, — disse Lach.

— Obrigado, mano. Obrigado. — Ele estendeu o punho para que batêssemos e começou a andar para trás. — Vejo você hoje à noite, Marichal?

— Talvez, — eu disse com um encolher de ombros enquanto ele afastava-se.

— O que há hoje à noite? — Lach agarrou-me pelas ombreiras e agachou um pouco para olhar nos meus olhos. — Ele está falando sobre a festa do Pres?

— Sim.

— Nós vamos? — Ele perguntou, franzindo a testa ligeiramente. Eu amei como ele disse *nós* sobre tudo.

— *Você está indo*, — eu disse. — *Eu* poderia ir.

— Sério, Lyla? — Ele lançou-me um olhar. — Se você vai, eu vou.

— Está bem. Estamos indo, mas chegamos em horários diferentes, — eu disse.

— Quanto tempo estamos conversando? — Ele perguntou quando começamos a andar pelo corredor.

— Não sei, vinte minutos? — Parei na porta do banheiro e destranquei.

Obviamente não tomei banho e me troquei com os caras; usei o banheiro no fim do corredor. Todas as minhas coisas já estavam lá esperando. Eu estava indo para casa e direto para o banho, mas precisava devolver as proteções, pois não os usaria mais. Lachlan parou na minha frente.

— Está bem.

— Você sabe como é. Marissa vai querer escolher minhas roupas e ir comigo — eu disse.

— O que você vai vestir? — Ele perguntou, sua boca abrindo aquele sorriso sexy dele.

— Eu não tenho ideia. — Dei de ombros. — Eu simplesmente aceito tudo o que ela joga em mim.

— Ela escolheu a roupa que você usou na última festa?

— Sim.

Seus olhos escureceram e ele enfiou o dedo na frente da minha camisa, inclinando-se para que ficássemos no mesmo nível novamente. — Estou ficando duro só de pensar nisso.

Inclinei-me e lambi seus lábios. Ele gemeu e beijou-me. Quando nos separamos, ele acenou com a cabeça para a porta do banheiro.

— Podemos entrar lá.

— De jeito nenhum. Estou nojenta agora. Eu mal quero que você me beije, muito menos me foda. Meu rosto se contraiu de desgosto. — Eu odeio suor, o que é hilário, já que passei a maior parte da minha vida correndo nos campos, suando.

— Você é *tão* estranha. — Ele riu e deu-me outro beijo, largando a camisa.

— Vou vê-la hoje à noite. — Eu o beijei uma última vez. Ele tentou aprofundar, mas eu afastei-me dele. — Esta noite, Lachlan.

— Tudo bem, — ele gemeu e afastou-se. — Essa noite.

* * *

Às vezes, asas são construídas a partir do desespero. Isso era algo que minha avó costumava dizer, e era o pensamento que estava em

minha mente enquanto eu olhava para meu carro e lutava contra o arrepio que descia pela minha espinha. À primeira vista, parecia um ato aleatório de vandalismo, mas eu sabia a verdade. Respirando fundo, dei um passo à frente, o vidro quebrando sob meus sapatos enquanto me dirigia para o lado do motorista. Abri a porta e usei a camiseta para limpar o banco do motorista antes de sentar-me. Assim que fechei a porta do carro, o cheiro de cigarro encheu minhas narinas e engasguei. Foi uma reação visceral. Tentei passar por isso fechando os olhos com força e apertando ainda mais a mochila no meu colo.

Minha respiração ficou presa na garganta quando me virei para colocar minha bolsa no banco do passageiro e vi um pedaço de vidro colocado deliberadamente no lado esquerdo. Minhas mãos tremiam quando liguei o motor. Havia outra bituca de cigarro no painel. Deixei-a lá enquanto afastava-me, tomando cuidado para não demonstrar nenhuma reação. Eu sabia que ele estava assistindo. Eu não sabia onde ele estava, mas sabia que ele estava observando. Ele divertia-se com uma merda como essa, mas não merecia acesso às minhas emoções, e eu não concederia isso. Nós dois sabíamos que sua mensagem era clara.

Voltei para casa sentindo-me mal e ansiosa, mas por outro lado, estava calma. Assim que estacionei, corri para o meu apartamento, trancando a porta atrás de mim. Corri para o meu quarto e fiz o mesmo. Com o coração pesado, olhei para as fotos diante de mim, meu lembrete silencioso de por que não deveria ter baixado a guarda. Marissa preparou uma roupa para mim. Pensei em pular o evento. Eu deveria ter feito isso, mas passei os últimos dois anos de faculdade vivendo como uma ermitoa.

Eu estava cansada disso. Eu estava cansada dele *querer* destruir tudo que me trazia alegria. Eu só queria ir a uma festa como uma estudante universitária normal e não me preocupar com as consequências. Havia regras rígidas para esta festa em particular – uma lista pequena e controlada de convidados, sem telefones e sem fotos. Eu sabia que poderia ir sem preocupar-me. Eu sabia que ele não iria atrás de mim lá. Ele não poderia. Eu não tinha mais certeza se isso

importava mais. Ele já sabia sobre nós. Em cinco dias estaríamos fora daqui. Cinco dias. Levantei-me e olhei para o vestido mais uma vez. Sua mensagem lembrou-me do que ele ainda poderia fazer comigo. Ele já tentou cortar minhas asas antes. Ele provavelmente pensou em rasgá-las e queimá-las desta vez. Eu não deixaria. Levantei-me e preparei para a festa.

CAPÍTULO 15

Lyla

— Tudo vai ficar bem, — disse Marissa, segurando minha mão enquanto caminhávamos até a casa de Prescott, que ficava a apenas um quarteirão de distância.

— Eu sei, — eu disse, tranquilizando nós duas.

Minha janela estava quebrada, mas, felizmente, conhecíamos um cara do ensino médio cujo pai era dono de uma oficina mecânica onde eles consertavam janelas. Ele pegaria o carro hoje à noite enquanto estávamos na festa e o devolveria o mais rápido possível. Eu estava tentando não pensar muito nisso. O vidro seria consertado e iríamos embora e nunca mais teríamos que lidar com essa porcaria novamente. Recusei-me a desperdiçar mais energia com ele. Eu tinha dado a ele o suficiente disso e muito mais ao longo dos anos. Eu terminei. Eu iria a essa festa, me divertiria com meus amigos e agiria como uma universitária normal. Não demorou muito para deduzir que se não fosse por Lach, eu estaria no apartamento agora, assistindo a qualquer programa de televisão que chamasse minha atenção. Deus, eu mal podia esperar para sair daqui e ir para algum lugar onde pudéssemos dar as mãos - sem ter que olhar por cima do ombro constantemente. Deixei tudo isso de lado. Esta noite era para se divertir.

— Você acha que pareço nua? — Eu perguntei, olhando para o vestido que eu estava usando.

Eu não parecia nua dentro do apartamento, mas agora pensei que parecia nua.

— Na verdade. — Ela olhou para mim, de cima a baixo e começou a rir. — Ok, talvez um pouco, já que está escuro aqui. Lach

vai morrer, porra.

— Marissa! — Eu dei um tapa no braço dela. — Vai estar escuro lá, o que significa que vou parecer nua.

— Quem se importa? Você usou um vestido cheio de buracos no country club e apenas um biquíni por baixo. Esta é uma peça única.

— Eu estava usando uma saída de praia e maiô para ir à piscina naquele dia, — observei. — Esta peça única parece da mesma cor da minha pele, e este vestido de malha e glitter só acrescenta ao look nude.

— Você está incrível e ninguém vai pensar que você está realmente nua. — Ela revirou os olhos. — Pense desta forma. Você não terá que se preocupar em mostrar a ninguém se você se curvar, já que está vestindo um maldito body por baixo que cobre todo o seu torso.

Apertei meus lábios. Ela tinha razão nisso. Olhei para a roupa dela – um vestido justo coberto de recortes. Era super revelador, mas pelo menos os pedaços de pano que cobriam suas partes íntimas eram rosa choque e garantiam que você sabia que ela não estava nua. O body cobria todas as minhas partes íntimas. Era lindo, e eu sabia que as pessoas usavam essa coisa de nudez nos tapetes vermelhos hoje em dia, então talvez ela estivesse certa.

— Pare de pensar demais nisso, — disse ela. — Você parece gostosa.

Respirei fundo e balancei a cabeça.

Pelo menos as festas de Prescott eram apenas para convidados, e ele tinha uma regra de proibição de telefone. Você poderia ficar com seu telefone, mas teria que desligá-lo ou colocá-lo no modo avião. Se você fosse pego usando-o ou tirando alguma foto, você seria expulso e banido de futuras festas. Por ser *tão* importante ser convidado, todos seguiram as regras.

Respirei fundo quando entramos e decidi que Mar estava certa. Eu parecia sexy e sentia-me confortável com o maldito vestido. E ela

estava certa sobre o aspecto nude. Eu tinha visto pelo menos três celebridades usarem esse estilo em premiações na temporada passada. Tudo bem, ninguém pensaria que eu estava nua, mas seriam capazes de ter uma ideia melhor de como eu seria se estivesse. E para alguém que usou roupas largas por dois anos consecutivos, isso deixou-me em pânico. Respirei novamente. Não importava, pelo menos não nesta festa. E eu estava tecnicamente mais nua de biquíni. Segui Marissa para dentro e cumprimentei os caras que nos cumprimentaram na porta. Marissa agarrou meus dedos enquanto continuávamos andando.

— Eu sinto que ele tem sempre o mesmo público, — disse ela.

— É melhor assim. Isso significa que ele confia em todos aqui.

— Eu acho. — Ela suspirou enquanto íamos direto para a cozinha.

Encontramos Prescott e Drew servindo-se de bebidas. Procurei por Lach, mas não o vi e não perguntei. Eu disse olá e deixei Pres servir-me uma dose. Olhei para fora. Sua parede favorita não estava aqui, então ele não poderia guardá-la. Havia uma mesa de beer pong e um barril montado, então talvez ele estivesse lá fora.

— Você parece... — Os olhos de Drew subiram e desceram pelo meu corpo, então ele balançou a cabeça.

— Nua? — Eu forneci.

— Eu sei que você está vestindo roupa de banho, mas sim, você parece nua. — Ele riu. — Independentemente disso, você está gostosa *pra caralho*.

— Obrigada, — eu murmurei baixinho.

— Eu também estou aqui, idiota, — disse Marissa.

— Sim, mas você sempre se veste assim e sabe que sempre fica bem. — Ele sorriu e apontou para mim. — Essa aqui esconde isso.

— Ninguém vai pensar que você está nua, — disse Prescott, sabendo que isso poderia assustar-me. Ele tomou um gole de cerveja. — E você está linda, então quem se importa?

— Você tem razão. — Eu balancei a cabeça. — Estaremos fora daqui em alguns dias, então foda-se.

Finalmente permiti-me relaxar e esquecer o que estava vestindo. Conversamos sobre para onde todos iriam na próxima semana, depois que saíssemos da faculdade para sempre. Drew estava dizendo que também iria para a faculdade de medicina e começamos a conversar sobre isso. Ele queria ser cirurgião e eu queria ser especialista em medicina esportiva – uma carreira completamente diferente – mas os primeiros três anos de escola seriam iguais.

— Mas você termina em três anos, certo? — Drew perguntou.

— Eu termino. Quero dizer, assim que eu descobrir onde vou estudar, — eu disse.

— Você ainda não sabe?

— Não.

— Ela foi aceita em todas aquelas para as quais se inscreveu, — acrescentou Pres.

— Ela vai escolher enquanto estivermos na Califórnia, — acrescentou Marissa.

— O que você vai fazer? — Drew perguntou a ela.

— Provavelmente abrirei meu próprio negócio, — disse ela e entrou em todos os detalhes.

Nossos pais abriram contas bancárias para nós quando éramos crianças, mas terminar a faculdade significava que teríamos acesso total a elas. Marissa usaria seu dinheiro para abrir um café saudável com smoothies ou refeições; ela não tinha decidido. Enquanto ela falava sobre isso, ouvi alguém atrás de mim gritar meu nome.

— Lyles! — Ele disse novamente, mais perto agora.

Virei-me e vi Banks parado ali com um dardo na mão. Seus olhos voltaram para os meus depois que ele rapidamente percebeu minha roupa.

— Uhhh...oi, e que porra é essa? Eu disse, apontando para o

dardo em sua mão.

— Oh. — Ele riu e apontou para o alvo de dardos atrás dele. — Estou praticando.

— Isso é novo? — Olhei para Prescott.

— Na verdade. Você simplesmente não vem aqui há séculos.

— Verdade. — Virei-me e fui até Banks e o alvo.

— Ouvi dizer que você arrasou no beer pong, — disse ele.

— Uau, as pessoas realmente falaram sobre isso? — Eu balancei minha cabeça.

— Mason falou, já que ganhou, — disse ele. — As pessoas estavam falando sobre sua discussão acalorada com Lachlan.

— Oh Deus. — Fechei os olhos e balancei a cabeça.

— Quem se importa? — Banks encolheu os ombros. — Fodam-se eles. Você pode fazer o que quiser.

— Sim, acho que você está certo. — Eu rio da maneira como ele disse isso.

Não me preocupei em ressaltar que não dava a mínima para o que as pessoas diziam sobre isso. Eu só não queria que a notícia se espalhasse muito. Observei Banks por um tempo, rindo cada vez que ele xingava ao acertar a parte mais externa do alvo.

— Acho que você precisa inclinar um pouco o cotovelo, — eu disse, estudando o alvo. — Todos os seus dardos dão certo.

Ele abaixou o braço e olhou para mim. — Não me diga que você também é boa nisso.

— Ok, não sou. — Dei de ombros, mas estava sorrindo um pouco.

— Como diabos você é boa em tudo?

— Acredite em mim, não sou, mas sou *boa* com minha mira. — Estendi a mão para que ele me desse um de seus dardos. — Preste atenção no meu cotovelo. Se você jogar assim. Eu joguei para

demonstrar. — Você vai por ali. — Baixei os braços. — Se você centralizar o cotovelo, poderá atingir o alvo.

— Mostre-me. — Ele colocou o resto dos dardos na minha mão.

Comecei a jogá-los - acertei o círculo interno, o círculo interno novamente, o alvo e o alvo novamente. Drew e Prescott aplaudiram e gritaram, inspirando as poucas pessoas aleatórias que já deviam estar bêbadas a aplaudir e gritar. Banks estava muito atordoado para dizer qualquer coisa, e eu estava muito mortificada com a atenção para me mover. Fiz uma pequena reverência, um giro de 180° para sair dali, e dei de cara com Lachlan. Ele estava vestindo uma camiseta cinza com decote em V e jeans. *Tão* simples, mas ele parecia *tão* gostoso, como sempre. Olhei para seu rosto e estudei-o, guardando-o na memória. Eu não sabia por que fazia isso com tanta frequência, já que o via todos os dias e a qualquer hora, a menos que ele estivesse no treino de hóquei ou em um jogo. Nossos olhos encontraram e senti o ar sair dos meus pulmões.

— Ei, — eu disse, meu coração batendo incontrolavelmente em seus olhos verdes aquecidos.

— Você é ótima nisso. — Ele acenou com a cabeça atrás de mim e baixou a boca até minha orelha, mordendo-a rapidamente e enviando um choque pelo meu corpo. — Como diabos eu vou manter minhas mãos longe de você?

Quando ele afastou, tentei estabelecer distância suficiente entre nós – como fiz com Pres, Drew e Banks – mas senti que poderíamos estar em planetas diferentes e a tensão entre nós ainda seria palpável.

— Ei, Lach, — uma garota disse enquanto passava.

Ela não estava flertando, apenas dizendo olá, mas ele a ignorou e manteve os olhos nos meus. Sorri para ele, o que fez seus olhos escurecerem ainda mais. Adorava saber que era a única que recebia essa reação dele. Eu amava o jeito que ele olhava para mim como se nada mais no mundo importasse. Talvez eu devesse ter sido um pouco cautelosa com sua intensidade e como ele poderia facilmente controlar meus pensamentos e emoções, mas eu sabia que o sentimento era

mútuo. Passar de alguém que se acostumou a não sentir nada para sentir tudo quando estava com ele deveria ter me assustado, mas por algum motivo inexplicável, isso não aconteceu. Conversas estavam acontecendo ao nosso redor.

As pessoas não estavam prestando atenção ao modo como estávamos presos nessa competição exaustiva de olhares, e eu realmente queria beijá-lo. Eu poderia afastá-lo de todos e levá-lo ao banheiro ou ao quarto de Pres, mas não queria. Eu queria ver o que ele faria se eu desse-lhe luz verde para não esconder o que quer que fosse. Eu conhecia sua reputação. Eu já tinha ouvido tudo isso - o jeito que ele não beijava ninguém, o jeito que todas as coelhinhas eram obcecadas por ele, o jeito que ele só dormia com a mesma garota duas vezes porque sentia que uma terceira vez as faria se apegarem. Ele deu-me essa informação em nossa quinta noite juntos. Passamos todas as noites juntos, na casa dele ou na minha.

Esta era uma experiência nova para nós dois em muitos aspectos, e era bom estar no mesmo campo de jogo. Desviei o olhar por um momento, observando a sala. Havia mais pessoas aqui agora, mas todas foram cuidadosamente escolhidas pelo Pres. Eu pensei sobre isso. Olhei para ele novamente e lambi meus lábios. Seus olhos captaram o movimento e observei quando ele os fechou e respirou fundo. Ok, eu estava fazendo isso. Puxei sua camisa, trazendo-o para perto para poder falar em seu ouvido.

— Estamos quase saindo daqui. Esta é uma festa pequena, então foda-se, quem se importa? Eu disse. — Essas pessoas foram examinadas pelo Pres de qualquer maneira, então elas precisam ser confiáveis...

Ele nem me deu a chance de terminar a maldita frase antes que seus lábios estivessem nos meus. Foi *tão* inesperado que levei um segundo para retribuir o beijo. Sem quebrar o beijo, ele agachou-se e levantou-me. Minhas pernas instintivamente envolveram sua cintura e meus braços em volta de seu pescoço enquanto ele segurava minha bunda para manter-me firme. Nossas línguas dançavam juntas com a música animada. Quando me afastei, senti olhos em mim. A cozinha

estava *tão* silenciosa que você provavelmente poderia ouvir um alfinete cair. Nós ainda não tínhamos desviado o olhar um do outro, então meus olhos se arregalaram para os dele.

Enterrei meu rosto em seu pescoço. — Parece que estamos em uma comédia romântica dos anos 90.

— Isso é um pesadelo para você? — Ele perguntou, sua voz baixa e rouca em meu ouvido.

Eu afastei-me e sorri para ele. — Nunca é quando estou com você.

Ele rosnou enquanto beijava-me novamente, uma mão segurando minha bunda com força e a outra segurando-me pela nuca, puxando-me o mais perto possível dele. Acho que alguém aplaudiu, mas principalmente, eles ainda estavam em silêncio. Quando nos afastamos novamente, obriguei-o a colocar os meus pés no chão. Ele fez isso, mas assim que fiquei ao lado dele, ele agarrou minha mão e entrelaçou nossos dedos enquanto nos viramos para pegar uma bebida. Todos ao nosso redor estavam olhando. Prescott e Marissa riram e balançaram a cabeça diante do silêncio atordoadado de todos.

— Faz sentido, — disse Drew depois de levantar o queixo do chão. — Vocês dois são inatingíveis, — ele levantou um dedo como se estivesse contando. — Vocês dois são os melhores em seu esporte, apesar de não jogarem mais, — ele acrescentou rapidamente, olhando para mim.

— E vocês dois são gostosos *pra* caralho, — acrescentou uma das garotas - aquela que disse oi para ele antes. Eu olhei para ela e ri.

— Ainda assim, cara, — disse Drew, com os olhos arregalados em Lach. — Como?

Eu não sabia o que ele estava perguntando. Como ele conseguiu me conquistar, entre todas as pessoas? Como eu consegui pegá-lo, entre todas as pessoas? Como ele conseguiu manter isso em segredo? Poderia ser qualquer coisa. Drew estava esperando e, aparentemente, o resto das pessoas intrometidas ao nosso redor também queriam uma resposta. Lach soltou minha mão e me abraçou, mas eu afastei para

olhar seu rosto.

Ele sorriu para mim. — Eu persegui e persegui e persegui até que ela finalmente me deu uma maldita chance.

Essa resposta pareceu atordoá-los ainda mais, mas, naquele ponto, tínhamos parado de ser a maldita atração principal. Passamos o resto da noite jogando beer pong, que dominamos, e depois conversando e bebendo com nossos amigos. As mãos de Lach estavam sobre mim sempre que ele não estava ocupado, o que continuou a atrair olhares surpresos durante toda a noite. Achei hilário, mas entendi o motivo. O cara que afastava as pessoas nas festas era aquele que não conseguia manter as mãos afastadas. O cara com uma regra de não beijar beijou-me em todas as oportunidades que teve. Senti um frio na barriga e sorri para ele a noite toda.

Quando decidimos sair da festa e voltar para minha casa, soltei sua mão. Estávamos andando um ao lado do outro, mas no que eu esperava que parecesse uma distância amigável. Tentei não ser óbvia ao verificar meu carro. Eu não contaria a Lach o que aconteceu. Isso só levaria a perguntas e preocupações. Ele já tinha o suficiente para fazer e estávamos quase saindo daqui, então não achei que valesse a pena mencionar.

— Você bebeu, — ele disse de repente, como se tivesse acabado de notar.

— Você está dizendo isso porque estou balançando um pouco? — Eu perguntei com uma risada enquanto olhava para ele. — Se sim, quero ressaltar que estou de salto alto.

— Eu carregaria você, mas isso é contra as regras. — Ele riu quando meus olhos se arregalaram. Ele ficou sério novamente, franzindo ligeiramente as sobrancelhas. — A bebida não foi aberta e você bebeu.

— Você estava lá. — Dei de ombros. — Eu sei que você não deixaria nada acontecer comigo.

Seus passos pararam quando chegamos à minha casa. Ele virou-se

para mim, examinou meu rosto por alguns segundos e balançou a cabeça.

— Lyla James... — Ele respirou fundo, ainda balançando a cabeça enquanto subíamos as escadas como se não tivesse palavras para descrever o que sentia.

O sentimento era mútuo.

CAPÍTULO 16

Lyla

Os dias passaram *tão* rápido que passei do desejo de deixar Fairview ao desejo de poder ficar nos braços de Lachlan por mais algum tempo. Não foi só o sexo. Isso também foi alucinante, mas foi mais do que isso. Foi estar com ele. Tínhamos visto séries, assistido filmes, pedido comida para viagem e comido enquanto criticávamos tudo o que tínhamos acabado de assistir. Preparamos o jantar juntos, o que foi uma bagunça terrível, mas foi divertido. A portas fechadas, eu sorria sem parar e não parava de sorrir porque a única vez que saí do meu apartamento foi para ir ao dele. Foi estranho. Marissa já tinha visto-nos juntos um milhão de vezes e ainda estava em estado de choque. Eu não tinha certeza se era por causa da minha mudança completa de humor, porque eu estava sorrindo (o que ela gostava de lembrar-me que eu não fazia tanto *assim* mesmo antes), ou porque Lachlan Duke estava com a mesma mulher todos os dias e não demonstrava interesse em mais ninguém. Talvez tenha sido tudo isso.

Esta noite, eu troquei os limites do meu apartamento pela arena, sentada entre Marissa e Banks, assistindo ao segundo jogo do campeonato do Blaze. Eu não tinha contado a Lach e sabia que era a última pessoa que ele esperaria ver aqui. Apesar do número de vezes que Prescott convidou-me, eu nunca tinha ido a um jogo de hóquei, então esta era uma experiência nova. Até agora, com base nos nachos com os quais eu estava enchendo a cara por pura ansiedade, tirei nota dez. Quando meu estômago não parava de revirar, entreguei os nachos para Banks, que era praticamente uma lata de lixo humana. Ele já tinha comido Skittles da Marissa, meus M&Ms de amendoim e um saco de pipoca.

— Relaxe, — Marissa sussurrou enquanto colocava a mão em meu joelho saltitante.

— Estou tentando. — Mordi meu lábio.

Eu não relaxaria. Quando eu disse a Marissa que queria ir, pensei que deveríamos sentar em algum lugar na arquibancada e Lach não me veria. Ela não me disse que os ingressos que Prescott deu-lhe estavam na primeira fila, ao lado do... caixote? Caixa de gelo? Caixa de penalidade. Marissa tinha-o chamado os três, mas decidi por esse, já que era isso. Eu olhei para ele. Eu perguntei-me o que você tinha que fazer para chegar lá e com que frequência Lach era enviado. Eu não tinha certeza se queria que a resposta fosse muito ou nunca. Parecia meio idiota terminar ali, considerando que eram minutos que você poderia ter passado no gelo. Provavelmente teria ajudado se eu tivesse ouvido Prescott toda vez que ele falava sobre seu esporte, em vez de o ignorar e repassar as jogadas de futebol na minha cabeça. Ele não poderia se ofender já que fez a mesma coisa comigo.

As luzes da arena diminuíram e algumas luzes estroboscópicas acenderam. Meu joelho começou a quicar, e quando os caras começaram a sair, e o barulho ensurdecedor da multidão invadiu o lugar, meu coração parecia que iria explodir no peito. A arena devia estar lotada com seu barulho, mas não tirei os olhos do gelo. Quando vi Lachlan patinando, meu pulso disparou. Eu estava usando uma réplica da camisa dele que Marissa comprou para mim na barraca de produtos do lado de fora. Ele usava o número dez, como eu usava no futebol, o que, segundo ele, era outro motivo para ficarmos juntos. Quando Marissa entregou-me, eu não tinha certeza se queria usá-la. Eu poderia ter pedido emprestado uma das dele se achasse uma boa ideia. Parecia uma exibição *tão* pública, mas depois de olhar ao redor da arena e perceber que a maioria das pessoas que torcem pelo The Blaze também a usava, coloquei-a sobre a camisa que vestia. Segundo Marissa, Lach assinou contrato para fazer parte do NIL e ganhou mais dinheiro com sua camisa do que qualquer outro estudante-atleta do esporte. Eu tinha feito o mesmo e ainda era paga pelas vendas da minha, embora não jogasse mais, o que era incrível. Marissa estava com a maior parte de suas camisas, mas esta noite usava a de Prescott, enquanto Banks usava um moletom da escola.

Lach patinou até o centro do gelo e posicionou-se na frente de um jogador do time adversário. Eu mexi-me no assento, minha excitação tornando difícil ficar parada. Observei o árbitro colocar o disco entre eles e deixá-los tentar pegá-lo. Lach passou-o para trás e Mason o pegou antes que o jogador adversário pudesse chegar lá. Então, observei-os patinar, disputando o disco enquanto se empurravam para fora do caminho. Eu rio alto. O hóquei era um esporte selvagem.

Inclinei-me para Banks, mas meus olhos permaneceram grudados no gelo. — Você não gostaria de poder fazer isso em campo sem ser sinalizado a cada cinco segundos?

Ele riu. — Estou na porra do esporte errado.

— Você pode andar de patins?

— Eu cresci no Colorado, — disse ele, e eu sabia que ele tinha uma de suas expressões *que droga é essa* no rosto. — Claro, eu posso andar de patins.

A mão de Marissa disparou e agarrou meu joelho para parar o salto enquanto Prescott ganhava o controle do disco. Eles estavam *tão* concentrados no jogo que eu nem sabia por que estava nervosa com o fato de Lach me ver. Cada vez que ele passava por nós, a mulher atrás de mim gritava mais alto do que qualquer outra pessoa, o que me fazia rir. Isso foi fofo. Ela lembrou-me minha mãe parada à margem. Deixei a memória dela passar por mim e esperei sentir alguma coisa. Eu não senti. Eu pensei com certeza depois que Lachlan aparentemente abriu um cofre de emoções dentro de mim que de repente eu sentia o tempo todo, mas não era o caso. Eu estava rindo mais, como Marissa e Banks apontaram durante a viagem.

Apenas as pessoas na festa sabiam sobre Lach e eu, e eu esperava continuar assim. Em breve estaríamos livres para nos vermos onde quiséssemos. Fora de Fairview, claro. *Ele* não poderia ameaçar seguir-me por todo o país. Um arrepio espalhou-se por mim enquanto pensava nessa possibilidade. Ele não faria isso, faria? Eu afastei-me e concentrei no jogo. Um jogador do outro time passou o disco e se preparou para marcar um gol. Sentei-me na ponta da cadeira,

prendendo a respiração enquanto o resto da arena gritava. O jogador puxou o taco para trás e acertou. Lach patinou bem na frente dele e bloqueou, depois apontou para Drew para repreendê-lo por alguma coisa.

— Ele é um defensor, — disse Marissa em meu ouvido. — Drew, quero dizer.

— Então, ele deveria estar lá?

— Sim.

— Como diabos Lach chegou lá *tão* rápido? — Eu perguntei baixinho, mais para mim mesmo.

— Ele é rápido *pra* caralho, — disse Banks.

— O mais rápido do país, — disse a mulher atrás de nós.

Nós três nos viramos e olhamos para ela. Ela sorriu com orgulho, e eu imediatamente soube que era a mãe dele, o que me deixou mais nervosa do que eu conseguia suportar. Um cara sentado ao lado dela parecia exatamente como você imaginaria que o irmão de Lachlan seria. Ele era mais jovem e mais magro, com cabelos mais curtos, mas suas feições eram semelhantes. Ele tinha cabelos muito mais claros que os de Lach, mas essa era a única diferença gritante. Ele encontrou meu olhar por um momento, sorriu e desviou o olhar. Ele era mais legal que Lach também. Lach era legal...para mim. Eu o vi interagir com outras pessoas o suficiente para saber que ele era apenas educado com elas. Ele tinha quatro sorrisos - seu sorriso sexy e seu sorriso encantador, que deixavam qualquer um de joelhos; seu sorriso educado que ele usava com a maioria das pessoas; e seu sorriso verdadeiro, que era uma mistura dos dois e iluminava seus olhos. Esse foi o que ele sempre dirigiu a mim. Ele falou muito sobre meus sorrisos e como eu não os entregava livremente, mas ele não era diferente de mim nisso. Ele pode ter sorrido mais do que eu, mas nem todos eram reais.

— Você é a mãe dele? — Banks perguntou.

— Eu sou. — A mulher sorriu largamente. Ela era incrivelmente

linda, com cabelos castanhos escuros como os de seus filhos, olhos castanhos e traços delicados.

— Eu sou o Banks. — Ele estendeu a mão e se apresentou.

— Valerie. — Ela apertou a mão dele com um sorriso.

— Liam, — disse o irmão, apresentando-se e apertando a mão de Banks.

Marissa foi a próxima porque pareceríamos umas idiotas se não fizéssemos o mesmo agora que Banks se apresentou. Por dentro, eu estava olhando carrancuda para ele. Exteriormente, tentei o meu melhor para não fazer uma careta muito forte. A última coisa que eu queria era que a família de Lach pensasse que eu era uma vadia infeliz no primeiro dia em que me conheceram. Eu não sabia por que me importava, mas a julgar pela forma como minhas mãos estavam suando de repente. Eu parecia importar-me muito. Sua mãe olhou para mim em seguida.

— Lyla. — Ofereci-lhe minha mão e um pequeno sorriso. Ela olhou para mim por um momento, absorvendo cada uma das minhas feições de uma forma que fez meu joelho querer começar a saltar novamente. Liam bateu no ombro dela, fazendo-a piscar para longe do que estava pensando.

— Valerie, — ela disse lentamente, ainda me estudando. — Lyla James?

Meu coração acelerou. Sem chance. De jeito nenhum ele contou para sua mãe sobre mim. Consegui acenar com a cabeça, a boca ligeiramente aberta.

— Hum, sim. Sou eu, — eu disse, de repente um pouco mais nervosa do que antes.

Valerie sorriu largamente, confirmando que ele realmente havia contado a ela sobre mim. O que ele disse? Oh meu Deus. Eu ia matá-lo por isso.

— Liam, — seu irmão disse, arrancando a mão de sua mãe da minha e apertando-a. Seu sorriso torto o fez parecer ainda mais com

seu irmão.

— É um prazer conhecer vocês dois, — eu disse, sorrindo enquanto retirava minha mão e virava-me.

Os dedos de Marissa agarraram minhas coxas. Eu os apertei, dizendo *que sei. EU SEI*. Todo o meu corpo estava quente. Eu perguntei-me se eu estava corando. Claro, eu estava enlouquecendo. Eu perguntei-me se eles poderiam perceber. Voltamos a focar no jogo. O número oito do outro time foi empurrado contra o vidro bem à nossa frente. Seus olhos se arregalaram como se o ar tivesse sido arrancado dele momentaneamente. Ele olhou para mim, ou pelo menos foi o que pareceu, e então foi embora, perseguindo Drew.

— Esse é Nolan Astor, — Marissa sussurrou em meu ouvido. — O melhor jogador de hóquei universitário. Não apenas na Ellis U, quero dizer em todos os lugares.

Eu rio. — Você disse isso sobre três caras.

— Bem, depois de Lachlan, ele é o próximo mais quente no gelo agora. Então é Jonah, então provavelmente Prescott.

Balancei a cabeça, reprimindo um sorriso. Ao olhar em volta, porém, percebi que a única camisa que rivalizava com o número dez de Lach era o número oito de Astor. Eu perguntei-me se eles eram amigos. Joguei contra o mesmo grupo de garotas desde que comecei em times competitivos. Às vezes, acabávamos na mesma equipe de viagem. Outras vezes, jogávamos umas contra as outras. Dentro de campo éramos rivais, mas fora dele nos tornamos amigas. No entanto, não nos agredimos como esses caras faziam. Eu não tinha certeza se poderia ser amiga de alguém que me jogava contra a parede a cada cinco segundos. Mason foi o próximo a bater contra o vidro à nossa frente. Pulei no meu lugar novamente. Sentar na primeira fila provavelmente não era uma boa ideia para alguém *tão* nervosa quanto eu.

Nossa equipe tentou, sem sucesso, o gol duas vezes. Eles tentaram três vezes sem sucesso. Meu estômago ainda estava tenso de nervosismo enquanto eu observava. Joguei muitos jogos de futebol.

Assisti ainda mais deles. Eu não conseguia lembrar-me da última vez que me senti *tão* ansiosa. Enquanto observava Mason pegar o disco e passá-lo para Prescott, que então o passou para Lach, prendi a respiração. Eles estavam enlouquecendo ali, bem na frente do gol novamente. Lach devolveu para Mason, que tentou colocá-lo sem sucesso. O número oito do outro time acertou direto no taco de Lachlan. O goleiro ainda não conseguiu bloquear totalmente a última tentativa de gol, e Lachlan acertou bem acima de sua cabeça.

A multidão foi à loucura. Pulei da cadeira e torci junto com eles. Era impossível não se deixar levar pelo momento. Eles comemoraram em um abraço coletivo enquanto uma buzina soava e continuamos a torcer. Depois de se separar, Lach colocou a mão no acrílico e arrastou-o pelo rinque, o que imaginei ser a versão de hóquei de cumprimentar a multidão. Quando ele chegou à nossa seção, chamei sua atenção imediatamente. A surpresa brilhou neles, mas foi rapidamente substituída pelo que eu só poderia descrever como alegria. Eu sorri largamente. Ele sorriu ainda mais, depois olhou por cima da minha cabeça e ergueu as sobrancelhas para sua mãe e seu irmão antes de sair patinando. Quando ele fez isso, senti um tapinha e um aperto em meu ombro e olhei para trás para encontrar sua mãe sorrindo para mim. Oh, meu Deus, eu ia matá-lo por isso. Sorri de volta e olhei para frente rapidamente. Quando o tempo acabou, uma buzina tocou e os jogadores seguiram para onde haviam patinado no início.

CAPÍTULO 17

Lyla

— Cerveja? — Banks levantou-se com a bandeja de nacho vazia na mão.

— Não, obrigada, — eu disse.

— Vou querer uma, — disse Marissa, agarrando minha mão e puxando-me para ficar de pé. — Vamos. Temos dezoito minutos. Vamos ao banheiro.

— Dezoito minutos? — Fiquei de pé, balançando a cabeça. — Eles são *tão* mimados.

A mãe de Lachlan riu enquanto levantava-se. — Não há pausas no futebol, certo?

— Temos quinze minutos entre o primeiro e o segundo tempo, mas jogamos quarenta e cinco minutos consecutivos, — consegui dizer, sem gritar pelo fato de ele ter contado a ela que eu jogava futebol. Quanto Lachlan contou a esta mulher sobre mim?

— Eu prefiro futebol, — disse seu irmão.

Estávamos saindo de nossas fileiras ao mesmo tempo. No limite, deixei-os ir na minha frente. Atrás de mim, Marissa apertou meu braço para impedir-me de andar.

— Ele contou à porra da família sobre você, — ela sussurrou. — Puta merda.

Lancei um olhar por cima do ombro e ela retribuiu com um sorriso largo e um brilho conhecedor nos olhos. Valerie queria continuar conversando comigo lá em cima enquanto Liam começava a enviar mensagens de texto e Marissa ficava na fila para ir ao banheiro. Havia uma longa fila para entrar no banheiro feminino. Claro que

havia. Meu telefone tocou na bolsa que eu usava no peito, mas não consegui tirá-lo enquanto a mãe de Lachlan me contava sobre seu amor pelo hóquei. Conversamos sobre futebol e eu disse a ela que inicialmente sentia falta dele, mas que estava acostumada a viver sem futebol. Não foi uma mentira completa. Senti falta de estar em campo. Eu era competitiva por natureza, então, é claro, perdia os jogos, mas não sentia mais que iria definhar sem eles.

— Talvez um dia você volte lá, — disse Valerie, oferecendo-me um sorriso gentil.

— Talvez. — Dei de ombros, desviando o olhar brevemente. — Veremos.

— Meu filho nunca fala sobre meninas, — disse ela de repente. Meus olhos voltaram para os dela. Tive vontade de vomitar, mas deixei que ela continuasse. — Quando ele mencionou você pelo nome, eu sabia que era sério.

Meu coração caiu. — Eu odeio que nos conhecemos tarde. Não consigo imaginar como poderíamos continuar nos vendo, com ele se profissionalizando e eu cursando medicina, sabe?

— Não consigo imaginar como você não faria isso, — disse ela. — Lachlan não faz nada pela metade. Se ele estiver falando sério sobre você, ele passará por infernos e águas altas para chegar até você.

Mordi meu lábio. — Ele pode não querer. Há muito mais coelhinhas quando você se torna profissional.

Com isso, ela riu de todo o coração. A maneira como seus olhos dançavam me lembrou tanto de Lach que tive que sorrir. — Oh querida. Acho que você não entende o que significa chamar a atenção do meu filho do jeito que você fez. Eu só o vi assim no hóquei. — Ela levantou uma sobrancelha. — Faça disso o que quiser.

Meu peito apertou com força. — Acabamos de nos conhecer.

— O amor não tem lógica.

Amor. Meu coração bateu mais forte. Não consegui responder, mas balancei a cabeça lentamente para que ela soubesse que entendi o

que ela estava dizendo-me. Eu não podia negar que estava apaixonada por ele. Também não consegui confirmar. Eu não sabia como era estar apaixonada, mas se era essa dor persistente no centro do meu peito, então talvez eu estivesse. Quando diabos isso aconteceu? Puta merda. Conversamos um pouco mais sobre onde ela morava e onde eu cresci antes de ela ser arrastada por Liam, que me lançou um sorriso de desculpas enquanto seguíamos caminhos separados. Marissa ainda estava na fila, embora quase tivesse chegado à frente. Fui até lá pensando em Lach. Ele foi *tão* bom em ter que se esgueirar para me ver. Ele só disse uma vez que se sentia um segredo sujo, e até mesmo isso disse com uma risada divertida, como se não pudesse acreditar que era ele quem estava sendo mantido em segredo em tudo isso. Filho da puta arrogante. Estaríamos fora daqui em breve e não teríamos mais que nos esgueirar. E não estávamos em 1800; tínhamos FaceTime e aviões. Poderíamos nos ver com frequência se fizéssemos disso uma prioridade. *Talvez* pudesse funcionar. Peguei meu telefone quando cheguei a Marissa e vi duas mensagens dele. Meu coração pulou.

Lachlan: *Você fica tão gostosa usando meu nome nas costas*

Lachlan: *Espero que minha mãe não esteja te incomodando muito*

Eu: *Todo mundo está usando seu nome nas costas*

Eu: *Ela é tão legal e eu quero matar você*

Eu não esperava que ele respondesse, mas foi instantâneo.

Lachlan: *Eu só vejo você*

Lachlan: *Haha você nunca faria isso. Você sentiria muita falta de mim*

Mordi o lábio e senti-me sorrir para a tela. Felizmente, estávamos no banheiro, então ninguém poderia me ver. Mesmo tendo decidido vir para este jogo, ainda estava preocupada. Eu estava fora do meu apartamento, o que já era bastante estranho. Eu estava vestindo a camisa dele. Ele olhou para mim quando estava no gelo. Havia tantos motivos para eu ficar paranoica. Inicialmente, eu estava atenta ao que

estava ao meu redor, olhando em volta e garantindo que não estava sendo observada. Em algum momento, eu baixei a guarda, no entanto. Deixei-me esquecer que era um perigo para nós, e só isso nos colocava em perigo ainda maior. Mesmo assim, respondi da maneira que queria porque ninguém podia ter acesso à nossa troca de mensagens de texto.

Eu: *sentiria muita falta de você*

Eu: *pare de me mandar mensagens. Coloque sua cabeça no jogo, Duke*

Lachlan: *sim, senhora*

Guardei meu telefone e encontrei Marissa olhando para mim quando olhei para cima.

Eu fiz uma careta. — O que?

— Eu acabei de... — Ela balançou a cabeça. Achei que ela iria zombar de mim, mas seus olhos encheram-se de lágrimas. — Ver você assim deixa-me muito feliz. Já disse isso um milhão de vezes, mas pensei que tinha perdido você para sempre.

— O mesmo. — Suspirei. — Não sei o que há nele.

— Quem se importa? — Ela abraçou-me de lado. — Eu só quero que você fique assim para sempre.

Ela teve que me deixar ir para que pudesse entrar na cabine que acabara de ser liberada. Entrei na próxima. Quando terminei de dar descarga e estava pronta para voltar, fiquei na cabine com os olhos fechados enquanto respirava fundo três vezes. Não para me acalmar, manter a máscara no rosto ou enterrar meus sentimentos, mas para saborear o momento. Tudo em Lachlan parecia certo. Eu sabia que isso não acontecia com frequência e havia perdido muito para considerar tudo isso garantido. Voltamos aos nossos lugares faltando trinta segundos para o fim. Valerie e Liam já estavam sentados no deles, compartilhando nachos.

Olhei por cima do ombro e sorri para ela quando a buzina tocou para nos alertar que o jogo estava começando de novo. Prendi a respiração enquanto os observava começar. Ganhamos o controle do

disco, que ganhou barulho nas arquibancadas. Observei, encantada, enquanto eles patinavam pelo ringue. Enquanto jogavam, Banks explicou o que eram os D-men¹⁶ e os hip-checks¹⁷ e disse-me para chamar a área de penalizações de sin-bin¹⁸, a menos que eu quisesse parecer uma amadora. Reprimi um sorriso. Talvez Banks devesse ter jogado hóquei em vez de futebol.

— Como você sabe de tudo isso? — Perguntei.

— Meus irmãos mais velhos e mais novos jogam.

Minha boca caiu. — Como diabos você acabou jogando futebol?

— Síndrome do filho do meio, eu acho. — Ele riu, balançando a cabeça. — Achei que estava sendo rebelde. Sou bom nisso e adoro, mas estaria bem lá fora. — Ele acenou com a cabeça para o gelo.

Mantive meus olhos em Lachlan durante todo o tempo em que ele se moveu. Ele patinou com muita facilidade e driblou bem o disco. Franzi a testa e peguei meu telefone, procurando: *driblar é uma coisa no hóquei?* A resposta não estava clara, então perguntei a Banks, que riu, mas não teve chance de responder porque o número oito do time adversário esbarrou em Lach e o prendeu contra o vidro. Prendi a respiração.

Lach livrou-se e continuou patinando. Eu teria ficado no chão por pelo menos um minuto, recuperando o fôlego e permitindo-me respirar apesar da dor. O cara foi mandado para a sin-bin, e o idiota sorriu enquanto tirava o capacete e patinava. Eu olhei para ele, o que ele percebeu e o fez sorrir ainda mais. Eu olhei para ele quando ele chegou à sin-bin *ao nosso lado*. Ele riu, chegou perto do vidro e mandou-me um beijo. Foi *tão* inesperado que congelei. As bolas desse cara de merda! Ele era *tão* gostoso quanto Marissa afirmava, mas *que diabos?* Meus olhos voltaram para o ringue e percebi os olhos de Lachlan em nós. *Oh. Porra.* Fiz o favor a Astor de não olhar para ele novamente. Lachlan o mataria.

— Puta merda, — Marissa respirou. — Ele está chateado.

— Eu sei, — eu sussurrei. — Espero que ele tenha percebido que

eu estava olhando para o cara e não olhando para ele.

Ela riu. — Eu não acho que importa o que você estava fazendo. Astor adora começar merdas. Ele faz isso em todos os malditos jogos. É meio engraçado. Ele escolherá uma garota e foderá com ela durante todo o jogo. Faz parte do charme dele.

— Sim, muito charmoso. — Eu zombei.

— Bem, deveria ser diversão e jogos, mas ele começou a merda com a pessoa errada esta noite, — ela disse em voz baixa.

Astor voltou ao gelo quando seus dois minutos terminaram. O time adversário estava passando o disco, mas Mason entrou e roubou, ganhando aplausos nossos. Ele dirigiu de volta para o outro lado e passou para Pres, que passou para Lach, que chutou por cima da cabeça do goleiro. Pulamos de nossos assentos e aplaudimos. As luzes se apagaram e luzes estroboscópicas apareceram no gelo por um momento. A multidão era ensurdecadora. Desta vez, em vez de dar um falso high five para a multidão, Lach patinou pelo gelo e empurrou Astor, que parecia estar esperando por ele, e o empurrou para trás.

Isso começou uma briga. Esse não era o empurrãozinho que eu estava acostumada em campo. Em raras ocasiões, discutimos com a equipe adversária. Esta era uma luta de verdade. Ambos largaram as luvas e partiram, mesmo quando o apito do árbitro soou. Minha boca estava aberta enquanto eu observava. Eu não queria que Lach se machucasse, mas não podia negar que foi divertido ver isso acontecer. Essa era parte da razão pela qual as pessoas gostavam desse esporte. Eu poderia dizer pela maneira como todos estavam gritando e aplaudindo. Lach estendeu a mão para tirar o capacete, mas Prescott estava ali, impedindo-o de fazê-lo, o que não fazia sentido.

— Por que eles estão com os capacetes? — Eu gritei.

— É uma regra, — disse Banks.

— É um sinal de respeito, — disse Valerie atrás de mim.

— Para que eles não quebrem os nós dos dedos, — acrescentou Liam.

— Isso é uma loucura, — eu respirei, meu coração batendo forte em meus ouvidos. — Eles simplesmente os deixaram lutar?

— Faz parte do hóquei, — disse Marissa, com os olhos arregalados para o espetáculo à nossa frente.

Minha mente voltou para a noite da festa, quando Mason tentou me beijar e Lach o empurrou, e percebi que ele havia mostrado moderação. Ele não estava mostrando nenhum aqui. Os dois acabaram no chão e foram puxados pelos companheiros quando o árbitro apitou novamente. Ambos foram enviados para a sin-bin desta vez. Havia dois caras entre eles, e Lach ainda conseguiu mostrar os dentes para Astor, que estava ao nosso lado.

— Droga, Lach. Achei que éramos amigos, — gritou Astor.

O idiota ainda estava rindo. Eu duvidava que Lach pudesse ouvi-lo apesar do barulho. Mesmo que o fizesse, ele continuou a encarar. Meu coração pulou quando seu olhar encontrou o meu. Continuou a pular o tempo todo em que nos entreolhamos. A torcida estava concentrada no jogo e gritando, então eu tinha certeza de que eles não estavam prestando atenção em nós. Eu senti como se estivéssemos em nossa própria bolha. Senti os olhos de Astor em mim e olhei para ele rapidamente. Suas sobrancelhas ergueram-se quando ele olhou entre nós dois e balançou a cabeça, rindo enquanto virava-se. Eu esperava que isso não significasse que ele me usaria para antagonizá-lo.

Se ele fizesse isso, eu teria que presumir que ele era louco e queria viver na sin-bin. A mandíbula de Lach estava tensa. Ele estava olhando para Astor quando olhei para ele novamente, e desejei que ele voltasse sua atenção para mim. Como se ele tivesse acesso ao meu cérebro, ele teve. Tentei retransmitir para ele se acalmar e manter a cabeça no jogo, mas não tinha certeza de como poderia dizer todas aquelas palavras apenas com os olhos. Eu murmurei isso para ele, ganhando um sorriso antes que ele desviasse o olhar para colocar o capacete de volta na cabeça e voltar para o gelo. Astor ficou ao lado dele e meu estômago se apertou enquanto esperava pela reação de Lach ao que quer que ele dissesse. Eu ficaria chateada se ele

conseguisse outra penalidade de dois minutos. Em vez disso, Lach assentiu e eles deram um soco no outro. Os homens eram *tão* estranhos. Ganhamos por 3-2. Lach marcou dois e Mason marcou o último. Foi irreal.

CAPÍTULO 18

Lyla

Seria impossível para nós nos esgueirarmos por aqui. Ele tinha que saber disso. Foi a única razão pela qual me despedi da mãe e do irmão dele depois do jogo, em vez de ficar por aqui. De qualquer maneira, havia uma multidão esperando por ele, todos segurando seus telefones para tirar selfies ou algo nas mãos para ele autografar. O orgulho cresceu dentro de mim quando os vi. Lembrei-me da sensação que tive na primeira vez que dei autógrafos, tirei fotos e sorri ao sair do campo. Peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Marissa e Banks, dizendo-lhes que esperaria do lado de fora, na entrada por onde entramos. Como Banks não queria carregar as chaves, ele as deu para eu colocar dentro da minha bolsa, então não era como se eles pudessem sair sem mim, mas eu precisava ter certeza de que eles sabiam exatamente onde eu estava. Encostei as costas no vidro e observei a multidão continuar andando pelas portas.

De acordo com a última mensagem de Mar, eu estava ali há três minutos quando senti os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Meu coração parou de bater quando me endireitei e comecei a olhar em volta. Perguntei-me se esse sentimento desapareceria quando eu deixasse Fairview ou se persistiria para sempre. Eu não conseguia imaginar isso indo embora; contanto que ele soubesse meu nome e localização, ele me encontraria. Eu não queria que isso fosse verdade. Eu dizia a mim mesma que ele não deixaria Fairview para me procurar, mas ele estava completamente perturbado e eu não tinha muita certeza disso. Meus olhos percorreram a multidão de pessoas saindo, mas não o vi. Talvez eu estivesse sendo paranoica. Sim, eu estava sendo paranoica. Ainda assim, dei um pulo quando meu telefone tocou em minha mão.

Fiquei olhando para a mensagem dela por um longo momento. O que eles estavam fazendo para que ela demorasse o suficiente para me dizer para esperar na caminhonete? Olhei para o estacionamento onde estava a caminhonete preta de Banks. Não era longe e ele havia estacionado perto do semáforo, então qualquer coisa que acontecesse fora da caminhonete ficaria visível. Havia pessoas suficientes por perto para me ouvir se eu gritasse e me ver se eu lutasse. Respirei fundo e juntei-me à parede de pessoas caminhando em direção ao estacionamento. Um grupo de pessoas da Universidade Ellis falou merda sobre Lachlan, o que me deixou irracionalmente irritada, então concentrei-me neles.

Tive que lembrar de todas as vezes em que as pessoas falavam mal de mim abertamente depois de perderem um jogo e terem o orgulho ferido. Ainda assim, ouvi-os criticar Lachlan foi diferente. Eu queria puxá-los pela camisa e dar um soco neles. Talvez eu tivesse se a. Eu fosse louca o suficiente para fazer isso, e b. Eles não fossem caras e uns trinta centímetros mais altos que eu. Eles deviam ser jogadores de basquete com sua constituição e altura. Quando cheguei perto o suficiente da caminhonete, cliquei no botão para destravar as portas e saí correndo. Sentei-me no banco do motorista, tranquei as portas e liguei a caminhonete. Eu consegui. Respirei aliviada e fui para o banco de trás, onde tinha me sentado durante a viagem.

Respirei fundo e, ao expirar, houve uma batida forte na janela ao meu lado. Gritei *tão* alto e pulei *tão* alto do banco que o topo da minha cabeça bateu no teto. Com a mão sobre meu coração batendo rapidamente, olhei para fora e vi Lachlan parado ali. *Que diabos?* Destranquei a porta e agarrei a maçaneta. Eu mal tinha tocado antes de abrir, e Lachlan estava no banco de trás comigo, fechando e trancando atrás dele. Seus olhos queimaram nos meus. Eu só conseguia olhar para ele, a boca entreaberta, ainda em estado de choque - e agora instantaneamente excitado. Ele tinha acabado de tomar banho; seu cabelo ainda estava molhado, o cheiro do sabonete enchia o carro. Eu queria lambê-lo. Meus olhos devem ter mostrado

alguma coisa porque os dele escureceram ainda mais se isso fosse possível.

Ele não disse nada, apenas colocou a mão atrás do meu pescoço e bateu os lábios contra os meus com um grunhido profundo que percorreu meu corpo e se estabeleceu entre minhas pernas. Nossas línguas dançavam em fúria de necessidade, nossas mãos puxavam cabelos, nossas camisas, qualquer coisa que pudéssemos agarrar para nos aproximar. Sem quebrar o beijo, ele puxou-me para seu colo, então eu estava montada nele. Através do meu fino short de motociclista, pude sentir o *quão* duro ele estava e instintivamente enfiei meus quadris nele. Ele gemeu na minha boca e afastou-se do beijo, ainda segurando os dois lados do meu rosto. Seus olhos eram de um verde profundo agora, ainda queimando através de mim de uma forma que fez um arrepio percorrer todo o meu corpo.

— Porra, — ele rosnou e trouxe sua boca para a minha novamente. Ele afastou-se para olhar para mim. — Eu não tenho camisinha, querida.

— Eu não ligo. Eu estou... Eu não... você já sabe que nunca fiz isso sem uma.

Seus olhos escureceram enquanto procuravam os meus. — Eu também.

Apertei meus quadris nele, e ele bateu seus lábios contra os meus em um frenesi que eu correspondi. Ele desacelerou o beijo, provocou meus lábios e enfiou a língua na minha boca em uma dança sensual. Eu balancei contra ele novamente, ganhando outro grunhido. Eu afastei-me um pouco e mordi seu lábio inferior enquanto balançava mais uma vez antes de acomodar-me e descansar minha bunda em suas coxas.

— Você não deveria voltar com a equipe? — Procurei seus olhos, desejando que meu coração parasse de pular por um momento.

— Eu disse ao treinador que tinha uma carona.

— Você pode fazer isso?

Ele inclinou a cabeça, um sorriso sexy espalhando-se por seu rosto. — Você não me viu no gelo?

— Eu vi tudo. — Mordido o lábio para manter o sorriso sob controle. Não funcionou e rendeu um brilho nos olhos.

— Tudo, hein? — Ele inclinou-se e mordeu meu lábio novamente, agarrando meus quadris. — Tire meu pau para fora.

Eu imediatamente olhei em volta. Ainda havia pessoas passando. Alguns estavam parados na frente dos carros, conversando. Os vidros de Banks eram totalmente escuros. Ele já tinha sido multado três vezes por causa deles e recusava-se a clareá-los, mas mesmo assim. O carro certamente se moveria se fodêssemos aqui.

— Lach. — Meus olhos arregalaram-se para os dele.

— Tire meu pau para fora, Lyla James. Não vou pedir de novo.

Eu esforcei-me para fazer o que ele disse. Minhas mãos tremiam quando abaixei seu moletom até que ele estivesse abaixo de suas coxas.

Meus olhos voltaram-se para os dele. — Sem roupa íntima?

A faísca em seus olhos se acendeu em diversão. Balancei a cabeça, mas não consegui repreendê-lo. Claro, ele planejou isso, mas quando? Quando ele teve tempo entre o jogo e o pouco tempo que teve para tomar banho? Comecei a despir-me, não querendo perder tempo, agora que sabia que estávamos fazendo isso.

Ele agarrou a frente da camisa que eu usava, com fogo nos olhos quando olhei para ele. — Continue assim.

Jesus. Eu era um caso perdido. Eu provavelmente gozaria antes que meu short estivesse completamente fora de mim. De alguma forma, consegui despir-me de baixo para cima rapidamente. Ele puxou-me de volta para seu colo, seus dedos cavando a carne de cada uma das nádegas da minha bunda. Só isso já estava fazendo-me tremer. Ele soltou a mão esquerda e observou enquanto colocava a mão entre nós, seus dedos movendo lentamente para cima e para baixo em minhas dobras. Ele mordeu o lábio e gemeu, como se o que

estava fazendo comigo lhe trouxesse prazer. Eu sorria com a visão. Adorava vê-lo assim, adorava saber que era a única que o fez assim.

— Droga. *Tão* molhada para mim. Ele mergulhou dois dedos dentro de mim, tirou-os e massageou meu outro buraco.

— Lach, — eu respirei, arregalando os olhos enquanto agarrei seus ombros.

— Relaxe por mim, querida. — Ele voltou seus lábios aos meus, suas mãos movendo-se entre os dois buracos. Ele bombeou um pouco mais rápido e enfiou um dedo dentro da minha bunda. Eu me contorci.

— Pppp-ooooooooorra. — Cravei minhas unhas em suas omoplatas.

— Deus, você é *tão* gostosa. — Ele mordeu meu lábio inferior enquanto movia os dedos dentro de mim.

Ele moveu o polegar contra meu clitóris e foi isso. Meu orgasmo foi *tão* forte que esqueci onde estávamos. Coisas ininteligíveis saíram da minha boca quando um orgasmo me consumia. Ele retirou os dedos e os limpou no moletom enquanto me posicionava sobre seu pau. Usei seus ombros como alavanca e afundei nele muito lentamente, observando a expressão em seu rosto. Ele sussurrou meu nome como uma oração enquanto fechava os olhos e jogou a cabeça para trás quando finalmente o tive completamente dentro de mim. Ele trouxe seu olhar para o meu e segurou meus quadris para me impedir de me mover. Deslizei minhas mãos de seus ombros e as envolvi em seu pescoço.

— Deixe-me mover, — eu gemi, precisando da fricção que ele proporcionou.

— Um segundo, querida, — disse ele, com os olhos semicerrados.

— Sinto que vou morrer se não me mover, — sussurrei. O sorriso que se espalhou por seu rosto era pecaminoso, mas ele finalmente soltou-me e me deixou mover.

— Foda-se. Você é *tão* sexy, — ele gemeu, levantando seus quadris para encontrar os meus cada vez que eu descia sobre ele. —

Foda-se, foda-se, foda-se.

Nossos corpos moviam juntos em perfeita harmonia, como sempre fizemos. Quando eu estava com ele, não conseguia lembrar de ninguém com quem já tinha estado antes. A maneira como ele movia dentro de mim, a maneira como abraçou-me, beijou-me, olhou para mim. Foi perfeito. Diminuí a velocidade, levantando e balançando os quadris mais devagar. Cada vez que eu o acolhia novamente, eu tinha certeza de que nós dois parávamos de respirar.

— Você fica *tão* gostosa montando meu pau, Lyla, — ele disse, sua voz rouca enquanto deslizava as mãos por baixo da camisa e encontrava meus mamilos. — *Tão* gostosa com meu nome nas suas costas.

— Porra. — Joguei minha cabeça para trás. Ele estava *tão* profundo assim, e a maneira como ele estava tocando-me era vertiginosa. Seus dedos apertaram meus mamilos enquanto ele inspirava profundamente.

— Porra, Lyla, — ele respirou. Senti o orgasmo subindo. Eu estava quase lá. Quase.

— Ah, porra. Eu vou. — Joguei minha cabeça para trás.

Ele abaixou as mãos e agarrou meus quadris novamente. — Olhos em mim, querida.

Meu olhar fixou-se no dele e eu explodi, convulsionando em seu colo enquanto o orgasmo continuava a atingir-me. Ele seguiu rapidamente atrás de mim, murmurando meu nome enquanto descarregava dentro de mim. Foi uma sensação *tão* estranha. Ele beijou-me lentamente, pressionando meu peito contra o dele em um abraço. Ele segurou-me com tanta força contra ele que pensei que poderia desaparecer dentro dele. Eu queria. Deus, eu queria. Quando nos afastamos, ele encostou a testa na minha. Nós dois estávamos respirando pesadamente, enquanto o silêncio estendia entre nós. O sexo com ele sempre foi intenso. Sexo com ele depois de ter ganho um jogo foi incrível, no entanto.

— Você me fode, Lyla James, — ele disse calmamente.

Eu afastei-me e encontrei seus olhos, sorrindo. Deve ter sido a coisa favorita dele em mim, porque toda vez que eu sorria parecia que o mundo parava para ele, o que me fazia querer fazer isso o tempo todo, só por ele.

— Você arruinou-me, Lachlan Duke, — eu disse. — Arruinou-me.

Ele procurou meus olhos por um longo momento. Demasiado longo. E me beijou novamente.

CAPÍTULO 19

Lachlan

4 HORAS ANTES

Hoje seria perfeito. Ganharíamos este jogo e encerraríamos o nosso tempo aqui como campeões. Meu agente tinha tudo pronto para que eu pudesse começar o próximo capítulo da minha carreira, e Lyla e eu pudéssemos finalmente ficar juntos livremente. Eu não tinha certeza de onde, mas me certificaria disso. Do jeito que está, a ideia de ficar longe dela por uma semana estava deixando-me impaciente. Eu disse a ela que daria a ela uma semana antes de voar para a Califórnia para procurá-la. Ela riu como se eu estivesse brincando, e riu ainda mais quando percebeu que eu não estava. Ela era perfeita para mim. Se dependesse de mim, eu a pediria em casamento amanhã e a trancaria agora mesmo.

Outros caras que se tornaram profissionais estavam entusiasmados com as coelhinhas que ganhariam agora, mas eu já havia superado essa vida. Eu estive lá, fiz isso, comprei a camisa e Lyla James a queimou. Eu só queria ela. Claro, propor estava fora de questão. Posso estar pronto para acabar logo com isso, mas tinha que respeitar a decisão dela de querer esperar. Era irritante, mas não era como se eu pudesse forçá-la a se casar comigo. A ideia ficou na minha mente por um momento a mais antes que eu a afastasse.

Depois do jogo de hoje, ela finalmente me contaria tudo e me daria o nome da pessoa que arruinou sua vida. Eu mal podia esperar para vencer o filho da puta. Ela avisou para não fazer isso, mas eu não conseguia imaginar como manteria as mãos afastadas depois de tudo o que ela me disse. Eu vasculhei os perfis de mídia social de todos que ela conhecia, incluindo o pai dela, tentando encontrar informações que pudessem me dizer quem era, e não consegui encontrar. Fiquei com pena dela quando ela contou sobre o acidente e a morte de Luke.

Deveria ser uma cruz pesada para carregar, especialmente porque ela se culpava por isso. Mas quando ela me contou sobre o estupro, eu perdi o controle. Eu iria fazê-los desejar nunca ter nascido. Homem ou mulher, eu não me importava. Embora se fosse uma mulher, talvez eu precisasse contratar uma mulher para fazer o trabalho sujo para mim. Perguntei por que ela não foi à polícia, e ela pareceu *tão* assustada só de falar nisso que eu sabia que não era uma opção. Estava tudo bem. Eu cuidaria disso.

Eu estava perdido em pensamentos, arrumando minhas coisas, quando Prescott e Mason entraram no vestiário para arrumar suas coisas.

— Você vai voltar para casa esta semana? — Mason perguntou.

— Sim, até eu descobrir meu próximo passo.

— Você vai à festa hoje à noite? — Ele perguntou. — E você finalmente vai dizer por que não tem ido a nenhuma recentemente?

— Ele foi para a minha, — disse Prescott.

— Sim, e todo mundo está de boca fechada sobre isso, então não consegui nem saber de nada, — respondeu Mason.

— Quero saber por que você colocou dinheiro no pote, — Aaron acrescentou ao entrar, entendendo o final da pergunta.

Drew e os outros caras entraram conversando, mas pararam quando ouviram a pergunta de Aaron. Eles eram filhos da puta intrometidos. Eu entendi por que eles estavam *tão* fascinados por isso. A menos que fosse sexta-feira à noite, eu nunca fui de faltar a uma festa. Eu nunca colocaria dinheiro no pote do dibs. Qualquer pessoa que esteve na festa de Prescott já sabia, mas Mason estava certo. As pessoas ficaram caladas sobre Lyla e eu. Foi chocante e bom saber que as pessoas que Prescott selecionou eram leais e seguiam suas regras. Lyla não tinha dado luz verde para contar às pessoas sobre nós, mas era o maldito *último* dia. Era meu último dia para falar merda com esses caras e eu queria que eles soubessem. Além disso, ela me daria um nome e me contaria tudo em detalhes depois que ganhássemos o

jogo. O que importaria se eu contasse aos meus companheiros de equipe apenas algumas horas antes disso? O que era dito nesse vestiário sempre ficava aqui, então foda-se.

— Eu tenho namorada, — eu disse.

Eu nunca disse isso em voz alta. Lyla também nunca disse isso em voz alta. Parecia um termo *tão* idiota, mas era a única maneira de descrever o que tínhamos de uma forma que as pessoas pudessem entender. Ela era minha e eu era dela, ponto final. Então, se o termo namorada explicasse isso, eu continuaria. Não fiquei surpreso ao ver cada um de seus queixos cair – todos, exceto Prescott e Drew.

— Quem?! — Alguns deles perguntaram em uníssono.

— Puta merda. — Esse era Mason.

Eu rio e balanço a cabeça. Os treinadores estavam parados na porta com alguns homens que poderiam muito bem fazer parte da comissão técnica, por mais que estivessem por perto. Eles eram legais, então não me importei que eles ouvissem. Prescott parecia nervoso desde o início da conversa, e eu me perguntei se ele iria contar a Lyla que eu fiz isso. Não importava.

— Acabei de ouvir que Lachlan Duke tem a porra de uma namorada? — O treinador Rob perguntou em voz alta enquanto o resto deles riam.

— Você ouviu.

— De jeito nenhum. — Esse era Tucker, nosso goleiro.

Dei de ombros.

— Quem é ela? — Um deles disse.

— Você não pode deixar cair uma merda como essa e não nos contar.

— Ah Merda. Eu sei quem é, — disse Mason, com os olhos dançando.

— Quem? — Todos gritaram.

— Posso contar a eles? — Ele perguntou.

Dei de ombros. Ia sair depois do jogo, quando eu a peguei e a beijei no meio do gelo, na frente de todo mundo, pelo menos.

— Lyla Marichal, — Mason anunciou, como se ela estivesse prestes a entrar na sala.

— Droooooga, — disse um deles.

— Você sempre pega as gostosas, — acrescentou outro. Eu não poderia discutir isso.

— Aquela que usa todas aquelas roupas largas e essas coisas? — Um perguntou.

Esse me fez rir. Não respondi nenhuma pergunta. Eu não precisava. Mesmo que eles não tivessem ouvido o que aconteceu na festa de Prescott, os rumores já haviam se espalhado como fogo desde a festa anterior, onde eu quase lutei com Mase. Eu não tinha certeza se ela sabia ou não. Tive a sensação de que, se ela descobrisse que as pessoas estavam falando sobre nós juntos, ela teria tentado fazer com que adiássemos o encontro. De jeito nenhum eu iria deixar isso acontecer. Continuei arrumando minhas coisas, enquanto os ouvia falar sem parar sobre as mulheres que falavam merda sobre Lyla porque tinham ciúmes dela. Não gostei de ouvir isso, mas sabia que não fazia diferença para ela. Lyla não dava a mínima para o que alguém pensava dela.

* * *

Convenci o treinador a deixar-me dirigir até o jogo. Ele concordou e deixou alguns de nós levarmos nossos próprios carros. Estávamos nos seguindo durante a viagem, mas em algum momento, todos se espalharam na escuridão e na chuva no caminho. Eu estava sentado no meu carro, ligando para Lyla antes de entrar. Ela disse que estaria neste jogo e eu queria garantir que ela não dirigiria sozinha. A ligação foi direto para o correio de voz. Ela poderia estar dirigindo

para Marissa e Banks hoje. Quando ele nos levou para casa da última vez, ela reclamou que ele estava muito perto dos carros à nossa frente. Eu não duvidaria que ela fosse a motorista. A ideia dela nessas condições preocupou ainda mais. Ela era uma excelente motorista, mas disse que estava chovendo na noite em que sua mãe morreu. Mesmo que ela tenha encontrado uma maneira de se entorpecer com esses sentimentos, eu não poderia imaginar que isso não passaria pela sua cabeça. Liguei novamente – direto para o correio de voz. Mande uma mensagem para ela.

Eu: *Mande uma mensagem quando chegar aqui*

Esperei mais um minuto, olhei a hora e saí do carro. Ela mandaria uma mensagem enquanto eu estivesse trocando. Enquanto caminhava em direção à arena, fiquei olhando para o meu telefone, só para garantir. Enquanto olhava para baixo, vi que meus sapatos estavam desamarrados, então coloquei meu telefone no bolso e ajoelhei-me. Ouvi algo mudar atrás de mim enquanto amarrava o sapato, mas ignorei. Depois disso, tudo ficou preto.

CAPÍTULO 20

Lyla

Eu nunca deveria ter sido *tão* descuidada ao dirigir até aqui e deixar Marissa e Banks seguirem em frente sem mim. Eles estavam esperando-me no estacionamento, mas ainda assim. Dirigir separadamente significava que fui forçada a estacionar mais longe do que gostaria. Também significava que eu teria que caminhar sozinha. Durante todo o dia, tive a pior sensação na boca do estômago. Marissa ignorou quando mencionei isso, mas o sentimento permaneceu. O livro da mamãe sobre confiar em seus instintos zumbia no fundo da minha mente. Claro, ela me deu isso anos tarde demais. Eu sabia disso quando li o capítulo sobre não confiar em ninguém. O cheiro de cigarro atingiu-me e meu estômago embrulhou instantaneamente. Andei mais rápido e continuei olhando por cima do ombro enquanto o medo continuava a crescer em meu peito. Cruzei os braços e agarrei meu telefone para confortar-me. O estacionamento estava quase deserto – todos já estavam lá dentro enquanto preparavam-se para o jogo de hóquei.

Quando não aguentei mais, desbloqueei meu telefone e cliquei no nome de Marissa. Meu dedo nem tocou o nome dela quando uma força repentina me puxou pelos cabelos. Cliquei em algo no meu telefone pouco antes de deixá-lo cair e soltei um grito agudo. Chutei desesperadamente seus joelhos e tentei virar-me para lutar contra eles, mas eles seguravam meu cabelo com muita força. *Tão* apertado que lágrimas escorreram pelo meu rosto. Continuei gritando enquanto eles me puxavam contra eles.

— Você achou que iria fugir de mim *tão* facilmente? — Ele disse atrás de mim. — Você achou que você e seu namoradinho iriam fugir da cidade sem consequências?

O pavor pesando em meu peito transformou-se em um soluço que

soltei em uma mistura de surpresa e terror. — Por favor, — eu gritei, colocando minhas mãos sobre as dele em meu cabelo. — Não. Por favor. Não.

— Você está implorando por si mesma ou por ele? — Ele perguntou, sua voz familiar perto do meu ouvido. — Você está atrasada para ambos.

Enquanto eu gritava, processei suas palavras. — Não. — Foi um grito sussurrado. — Não. Não. Não.

Ele virou-me e soltou meu cabelo, agarrando meu braço e a frente da camisa que eu usava - a camisa de Lach - rasgando a parte superior com seu aperto enquanto trazia meu rosto para o dele e tentava beijar-me. Apertei meus lábios e dei um soco nele, arranhando-o enquanto continuava gritando. Ele era muito grande, muito forte. Nada funcionaria. Mesmo enquanto eu lutava e gritava, eu sabia que nada o impediria de fazer o que quer que fizesse comigo.

— Oh. — Ele riu alto. Duramente. — Eu vejo como é. Você não vai beijar-me? É exatamente por isso que seu namorado não sobreviverá a noite toda.

Oh Deus, oh Deus, oh Deus. Olhei em seus duros olhos azuis. Ele machucou Lachlan ou estava apenas brincando comigo? Ele estava planejando fazer isso mais tarde? Eu precisava avisá-lo. Eu precisava avisar Marissa e Prescott. Eu precisava contar para alguém. Gritei de novo, mas desta vez saiu um soluço trêmulo.

— Deixe-o em paz! Não o verei novamente. Eu não vou falar com ele! Por favor!

Uma risada áspera escapou de seus lábios enquanto seus olhos se estreitaram. — Eu deveria acreditar nisso? — Ele perguntou, sua voz baixa antes de gritar: — DEVO ACREDITAR QUE DEPOIS DE OUVI-LO DIZER QUE IRIA CONTINUAR A VER VOCÊ?

Coloquei todas as minhas forças em um soco e tentei dar uma joelhada na virilha dele. Meus golpes ficaram desesperados quando comecei a dar socos, joelhadas e chutes, gritando com tudo que tinha.

Ele soltou minha camisa de repente, fazendo-me tropeçar para trás, e deu um soco no meu rosto com tanta força que caí para trás instantaneamente. Minhas orelhas pareciam vazias quando caí, meus olhos duplicaram-se com lágrimas ardentes. Doeu tanto que nem senti a queda quando caí na calçada. O grito que saiu de mim parecia animalesco. Através da minha visão turva, eu o vi se ajoelhar e se aproximar.

— Você implora pela vida *dele*? — Ele cuspiu na minha cara. Ele agarrou minha garganta e apertou. — Você pertence a mim, garotinha.

Ele pressionou seus lábios contra os meus com tanta força que tive certeza de que quebraria minhas gengivas. Eu soquei ele, mas meus braços ficaram fracos no ataque. Dei uma joelhada nele novamente e senti contato com alguma coisa. Ele afastou-se, o movimento libertou-me, e comecei a levantar-me, mas ele se recuperou rápido demais, e só consegui ficar de joelhos antes que ele me puxasse de volta para baixo.

— Isso é o que acontece quando as meninas são desobedientes, — ele sibilou. — Lembre-se disso quando tentar deixar outro homem ter você.

Outro golpe forte atingiu meu rosto – tudo ficou preto. Meus ouvidos zumbiam alto e o gosto de ferro encheu minha boca quando voltei a mim. Tentei abrir os olhos, mas eles não abriam totalmente. Ele segurou-me sobre meu jeans e apertou. Eu choraminguei, esperando que ele os puxasse para baixo, mas ele soltou-me. Sua forma parecia uma sombra negra subindo acima de mim enquanto ele levantava-se. Eu o senti colocar algo firme contra meu torso, talvez seu pé. Ele pressionou com força, enviando um tipo diferente de dor através de mim. Minha garganta formou o que pôde de um grito antes de tudo escurecer novamente.

Ouvi vozes próximas – tantas vozes. Alguém me tocou e eu gritei de novo, enquanto todo o meu corpo tremia. Senti alguém me mover, carregar e colocar em uma superfície dura. Um beliscão no meu braço

me fez gritar.

— Para a dor. Apenas espere, — disse a pessoa.

Tentei acenar com a cabeça, mas soluços invadiram-me novamente. — Isso dói. Isso dói. Isso dói.

— Oi, estou aqui. Você vai ficar bem. — Ouvi Marissa dizer, trêmula.

— Lachlan, — tentei dizer com minha voz rouca. — Lachlan.

Então, tudo ficou escuro novamente.

* * *

Abrir os olhos parecia impossível, mas eu sabia que estava no hospital. Ouvi as máquinas apitando; senti a picada da fita na minha mão, onde eles colocaram o soro. Eu já havia sentido tudo isso uma vez, quando tive um ataque de asma e tive que passar a noite lá. Meu rosto ainda doía, mas não tanto quanto antes, e eu sabia, sem perguntar, que estavam enchendo-me de morfina. Abri meus olhos lentamente para uma visão turva.

— Ei. — Prescott apertou minha mão. Comecei a respirar com dificuldade, meus olhos enchendo-se de lágrimas.

— Lachlan, — eu disse com a voz quebrada. — Por favor. Lachlan.

— Ele está bem. — Ele passou os dedos suavemente sobre os meus. — Eles o levaram para outro hospital, mas ele está bem.

Um grito agudo encheu a sala e percebi que vinha de mim. Ele o machucou. Ele o machucou o suficiente para colocá-lo no hospital. Ele sobreviveria? Oh meu Deus. Meu peito agitou-se.

— Ei, ei, — disse Prescott. — Ele está bem. Ele está bem, Lyles. Ele está bem.

— Ela está acordada? — Essa era Marissa. Ouvi seus passos

apressados, ouvi lágrimas em sua garganta quando ela disse: — Oh, graças a Deus. Estávamos *tão* preocupados.

— Lachlan, — eu sussurrei.

— Ele está bem, — Marissa disse rapidamente. — Você precisa concentrar-se em sua recuperação.

Tentei balançar a cabeça. Talvez eu tenha feito isso. As lágrimas não paravam de escorrer pelo meu rosto. Eu não conseguia mais vê-lo. Não importava para onde ele fosse. Enquanto eu estivesse por perto, ele estaria em perigo. A constatação causou uma dor aguda em meu peito que nenhuma quantidade de morfina poderia anestesiá-lo. Eu encontrei o que as pessoas procuram durante toda a vida e perdi em um instante. Eles deixaram-me chorar até ficar sem lágrimas. As enfermeiras entraram, mexeram no soro e fizeram perguntas que respondi entorpecida. Quando éramos só nós novamente, eu conseguia formar palavras trêmulas e roucas que eles pudessem entender.

— Pres, não consigo mais vê-lo. — Um soluço formou-se no centro do meu peito, mas lutei contra isso.

Ele passou as duas mãos pelo rosto. — Lyles, ele não vai simplesmente deixar você ir embora. Ele já está perguntando sobre você.

Isso me fez chorar novamente. Quando respirei suavemente e trêmula, olhei para meu amigo novamente.

— Eu preciso sair. — Engoli. Isso machuca. Tudo doía, mas principalmente as palavras que saíram da minha boca. — Não sei o que será necessário. Mudar minha identidade. Mudar-me para algum lugar que ele não pensaria em ir. Eu não ligo. Não posso... — Respirei fundo novamente, enquanto lágrimas enchiam meus olhos. — Não posso vê-lo novamente.

— Lyles, — Marissa sussurrou, passando a mão sobre minha cabeça. — Precisamos descobrir uma maneira de contar à polícia. Mesmo que seja por telefone quando estivermos em algum lugar seguro, ele não pode continuar fazendo isso.

Eu balancei a cabeça. — Vou ligar quando não puder ser rastreada e ele não irá atrás de mim.

— Descanse, — disse Prescott. — Voltarei mais tarde.

— Você vai vê-lo? — Perguntei. Porra, doeu perguntar.

— Sim.

— Você pode fazer algo para mim? Você pode tentar conseguir rosas pretas?

— Claro. Não tenho certeza se alguém vende rosas góticas, mas posso tentar.

Isso fez-me sorrir um pouco, mas o sorriso rapidamente transformou-se em um soluço total.

— Preciso escrever algo para ele.

— Não acho que seja uma boa ideia, — disse Marissa.

— Se você quiser desaparecer, tenho certeza de que posso fazer isso acontecer, mas não acho que escrever algo para ele vá ajudar na situação, — disse Pres.

— Preciso. Eu tenho que fazer isso.

— OK. Estarei de volta antes de visitá-lo então. — Ele caminhou até a porta.

— Pres.

Ele parou e se virou, esperando.

— Eu amo você. — Comecei a soluçar novamente. — Você é o melhor sistema de suporte que eu poderia pedir.

Ele voltou. Nós três nos abraçamos. Quando recuamos, todos nós estávamos enxugando o rosto.

— Eu já volto, — ele disse e saiu.

— Você vai ficar bem, querida. — Marissa sentou-se na cama. Ela disse isso, mas chorava cada vez que olhava para meu rosto. Ela enxugou o rosto. — Precisamos tirar fotos. Precisamos ter algum tipo

de prova de que ele fez isso.

— Concordo.

Eu deixei ela tirar fotos. Eu não conseguia reconhecer-me nelas. Meus pensamentos voltaram para Lachlan. As mesmas perguntas continuaram a passar pela minha cabeça – o que ele fez com ele? Como está o rosto dele? Minha boca tremia sempre que eu o imaginava deitado em uma cama de hospital por minha causa. Minha luz se foi. Prometi a mim mesma que, assim que estivesse longe o suficiente, chamaria a polícia. Eu só esperava que eles me ouvissem.

CAPÍTULO 21

Lachlan

Acordei em uma cama de hospital cercado de pessoas. Que porra é essa? Tentei mover-me e minha cabeça parecia que ia explodir, então parei imediatamente. Aconteceu alguma coisa durante o jogo? Tentei pensar sobre isso, mas minha mente estava em branco. Lembrei-me de chegar à arena e ligar para Lyla. Lembrei-me de ter enviado uma mensagem para ela dizendo para avisar quando chegasse. Então eu saí e então...nada.

— Eles não podem ver a imagem da câmera? — O treinador Jameson exigiu. — Há câmeras por toda parte.

— Isso é verdade. E as pessoas ainda estavam chegando lá, — acrescentou o treinador Rob. — Um estudante de Ellis o encontrou e ligou para o 911.

— Estamos tentando obter imagens da câmera, — disse outra pessoa.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei, minha voz um coaxar. *Há quanto tempo eu estava deitado aqui?*

— Você precisa voltar e fazer suas perguntas mais tarde, — disse minha mãe. — Ele precisa descansar.

Um homem, o oficial Hughes, percebi, suspirou. — Apenas uma pergunta. Você se lembra de alguma coisa?

— Nada mesmo. — Eu fiz uma careta com minhas próprias palavras.

Todos eles se despediram de mim quando saíram da sala, e então foram apenas mamãe e Liam. Ambos tinham olhares preocupados em seus rostos que fizeram meu coração cair. Movi meus braços e pernas para ter certeza de que estavam funcionando. Eles estavam. Por que

eles estavam *tão* preocupados? Eu estava bem. Eu ficaria *bem...* certo?

— Há quanto tempo estou fora?

— Três dias, — disse Liam.

— Três dias? — Tentei sentar, mas imediatamente me arrependi novamente. Mamãe avançou para ajudar-me a deitar.

— Você precisa descansar, Lach. — Ela afofou meu travesseiro.

— Onde está Lyla? — Eu perguntei e segui a pergunta com: — Ganhamos?

Ele piscou. — Você não está falando sério.

— Nós ganhamos ou não?

— Você está na porra do hospital e está preocupado com esse jogo estúpido? — Liam cuspiu. — Você ganhou por padrão. O jogo não foi jogado, — respondeu mamãe.

— Por causa disso? — Perguntei. Quando mamãe assentiu, fechei os olhos e pensei em meus companheiros de equipe.

A maioria deles não se profissionalizaria, ou porque não eram bons o suficiente ou porque não queriam. Eles estavam ansiosos por esse jogo, já que era o último. Tentei consolar-me lembrando que havíamos vencido os dois jogos anteriores, mas não era o suficiente. A culpa ainda tomou conta de mim. Fechei os olhos e senti-me cochilando. Pensamentos sobre Lyla infiltraram-se em minha mente, em meus sonhos. Quando meus olhos se abriram novamente, eu esperava que ela estivesse lá. Ela não estava. Minha mãe ainda estava lá, mas Liam havia sumido.

— Vou tomar um café, — disse mamãe, beijando minha testa. — Liam foi buscar comida. Ele estará de volta antes de mim.

Ela estava saindo quando Prescott entrou.

— Ei, cara, — ele disse. — Como você está se sentindo?

— Como uma merda. Ouvi dizer que você não jogou o último jogo.

— Quem se importa? — Pres franziu a testa. — Eles nos deram a opção e nenhuma pessoa da equipe disse sim. O mesmo com Ellis. Quando souberam do que aconteceu, optaram por encerrar a série. Já estávamos acordados de qualquer maneira.

— Isso é uma merda. — Eu balancei minha cabeça.

— Nós ganhamos. — Ele encolheu os ombros. — Estamos bem com isso.

Eu acreditei nele. Minha equipe era altruísta assim.

— Onde está Lyla? — Perguntei. Sua súbita mudança de expressão fez meu coração afundar. — Aconteceu alguma coisa com ela?

Ele suspirou pesadamente. — Eu volto já.

Ele caminhou em direção à porta, abriu-a ligeiramente, pegou algo e fechou-a novamente. Quando ele se virou, segurava um buquê de rosas pretas. Meu coração caiu novamente. Ela não estava vindo. Eu tinha certeza disso. Ele colocou o vaso junto com o resto das flores que recebi – todas vivas e positivas em comparação. As dela eram minhas favoritas. Engoli em seco e tomei um gole da água que a enfermeira me trouxe mais cedo. Pres pegou o cartão anexado e o trouxe, entregando-o para mim. Minha mão tremia quando o peguei. Não precisei ler para saber que ela havia partido. Já senti a ausência dela.

— Ela foi embora, não foi? — Eu perguntei, com a voz rouca.

Pres olhou para baixo, uma expressão triste no rosto quando olhou para cima. Eu o observei engolir antes de responder. — Ela foi embora, Lach.

Meu coração parou de bater. — O que você quer dizer com foi embora?

— Ela está segura, — disse ele rapidamente, — Ela disse que o que aconteceu foi um sinal de alerta e que está com muito medo de estar perto de você, por precaução. — Ele fez uma pausa, engolindo novamente. — Você não a verá novamente.

Tantas coisas estavam acontecendo dentro do meu corpo que pensei que fosse explodir. Tive vontade de chorar pela primeira vez desde os sete anos de idade. Funguei e percebi que estava chorando. Limpei meu rosto e cerrei a mandíbula para conter o resto da minha emoção. Eu sabia que iria perder o controle assim que ele saísse do quarto. Como eu não tinha nada para jogar, minha raiva saía em lágrimas. Eu sabia. Eu respirei fundo.

— Como ela estava quando saiu?

— Destruída, porra. — Pres soltou uma risada que parecia querer acrescentar mais, mas se conteve. Tive que engolir novamente. — Eu nunca a vi assim. Nem mesmo depois... — Ele fez uma pausa, lágrimas enchendo seus próprios olhos. Ele beliscou a ponta do nariz. — Nem mesmo depois de Luke. Nem mesmo depois da mãe dela. Ele respirou fundo e trêmulo e enxugou os olhos. — Poderíamos ter perdido você, Lach.

— Eu vou encontrá-la, — eu disse calmamente.

— Sinto muito, cara, — ele sussurrou. — Ela não quer que você procure por ela.

Deixei escapar uma risada aguda. — Isso não depende dela.

— Ela é um fantasma agora, Lach. Estou lhe dizendo, você não a encontrará. Ela quer que você viva a vida dos seus sonhos e diz que você não poderá se ela estiver nela.

Isso me fez rir. Ela queria que eu vivesse a vida dos meus sonhos sem ela. Que merda... Eu cerrei os dentes. Como *diabos* ela esperava que eu fizesse isso? Prescott ficou um pouco mais. Quando ele saiu, eu não chorei como pensei que choraria. A raiva tomou o lugar da tristeza que eu sentia anteriormente. Abri o cartão. Estava escrito em caneta, na caligrafia dela, no entanto. Eu li-o. Fiquei olhando para ele. Eu li-o.

Sinto muito.

Eu te amo muito.

X, Lyla James

As palavras estavam manchadas, como se suas lágrimas tivessem caído enquanto as escrevia. Um sorriso formou-se em meu rosto. Não precisei de um espelho para me dizer que parecia mais sinistro do que feliz. Eu senti isso em meus ossos. Ela pensou que ia me deixar? Ela pensou que depois de escrever que me amava, de fato escrevendo, eu iria simplesmente, o quê, deixá-la ir? Oh não. Eu rio dos meus pensamentos. Eu iria encontrá-la e, quando a encontrasse, ela desejaria não ter fugido de mim.

PARTE DOIS

3 ANOS DEPOIS

PRÓLOGO

Lachlan

Estrelar o NHL All-Star Game é uma boa opção antes de pendurar meus patins. Nossa equipe aniquilou nossos adversários. Não porque as outras três equipes não sejam boas. Elas são ótimas, mas colocaram os três melhores jogadores de hóquei da nossa geração no mesmo time. Eles não podiam esperar que fosse uma luta justa. Hoje a competição é menos agressiva porque fazemos treinos divertidos. Espero que isso me dê um momento de descanso de todas as perguntas que respondi durante todo o fim de semana.

Passei a maior parte do meu tempo aqui dizendo aos caras de quem sou amigo que estou me aposentando. Não quero que eles ouçam isso na ESPN e, conhecendo esses filhos da puta, eles terão a notícia na frente de um locutor esportivo no final do dia. Vou usar meu último tempo de mídia aqui para anunciá-lo. Já sei que estará espalhado por todo lado. Não há nenhuma chance no inferno que ela perca isso. Não que isso importe neste momento. O que está feito está feito, e minha raiva aumenta a cada dia que passa.

— Duuuke, — Nolan diz, parando na minha frente e dando-me um soco.

— E aí cara. Você perdeu o café da manhã.

— Sim, tenho lidado com algumas merdas. — Seus olhos escurecem enquanto ele olha para a multidão.

Eu olho para os assentos com ele. Ainda está bastante vazio, já que o desafio do shootout¹⁹ só começa daqui a uma hora. Nossas opções são entrar no gelo ou fazer tempo na mídia. É óbvio. Nolan Astor e eu já éramos amigos íntimos, mas nosso vínculo ficou ainda mais forte quando fomos convocados para a liga profissional. Confiávamos muito um no outro para descobrir o que estava

acontecendo. Felizmente, Logan Fitzgerald estava por perto para responder às nossas perguntas. Essa é a vantagem de jogar em ligas competitivas a vida inteira. Você acaba fazendo amigos ao longo do caminho. Eu joguei com Nolan e Fitz em várias ocasiões, mas nós três nunca tínhamos estado juntos no mesmo time antes deste All-Star Game.

— Você precisa que eu foda alguém para você? — Pergunto a ele depois de um momento, já que ele ainda está carrancudo para a maioria dos assentos.

Ele ri. — Não, mas se eu fizesse isso, você estaria na minha pequena lista de pessoas para quem ligar.

— Ao seu serviço, — eu digo.

— Eu não posso acreditar que você está se aposentando. — Ele fica sério e balança a cabeça. — Tive três dias para assistir a essa notícia e ainda não consigo entender. Por que? Qual é o *verdadeiro* motivo?

— Eu te disse. Tenho algumas coisas que preciso cuidar e meu pai...

— Oh, vá se foder, — diz ele, abaixando a voz, mas mantendo os olhos semicerrados. — Não tente alimentar-me com essa merda sobre seu pai novamente. Eu sei o quanto você o odeia. Ele foi um idiota durante toda a sua vida. Posso contar nos dedos de uma mão o número de vezes que ele esteve nos seus jogos, e jogamos juntos desde o ensino médio, então pare com essa besteira.

— Estamos trabalhando em nosso relacionamento, — digo e olho para as arquibancadas, onde duas mulheres vestindo camisetas com nossos nomes escritos nos seios estão pressionadas contra o vidro.

Quando elas percebem que estou olhando na direção delas, aquela que usa meu nome na camisa sorri, acena para uma passagem de acesso total e aponta para o túnel, dizendo que estará esperando-me lá atrás. Nolan percebe minha distração e olha. A mulher que leva seu nome faz a mesma coisa. Ele levanta o taco em saudação e nós

viramos as costas para elas.

Nolan balança a cabeça. — Elas nunca param.

— Você acabou de acenar com o taco, — aponto. — Esse é um convite claro.

— Não. Elas não terão acesso a mim. Já disse à segurança para não deixar passar nenhuma coelhinha. Eu não estou mais brincando.

— Que honrado da sua parte, — digo, sentindo meus lábios se contraírem.

— Olha quem está falando. — Ele lança-me um olhar. — Pelo menos cinco mulheres estavam sentadas esperando por você na última vez que você veio a Boston, e você as ignorou.

— Não estou interessado.

É a mesma coisa em todas as cidades onde passamos mais de uma noite – coelhinhas e festas. Isso não faz nada por mim. Ou Nolan. Nós três - eu, Nolan e Fitz - tivemos a mesma experiência com mulheres durante toda a vida. Nós sorrimos e elas abaixam as calcinhas. É muito fácil para nós. É provavelmente a razão pela qual estamos cansados disso.

— Sem sorte aqui também? — Ele pergunta depois de um momento.

— Nada. — Eu patino até o disco próximo. Começamos a passar um para o outro enquanto conversamos e patinamos pela pista.

Todos os meus companheiros de equipe sabem sobre Lyla. É difícil guardar um segredo desses, quando você não aparece nas festas e procura a mesma pessoa em todas as cidades que joga. No começo foi chato quando eles me criticaram, mas quando perceberam que eu estava falando sério, eles começaram a ficar de olho nela. Fitz e Nolan sabem, porque durante o jogo All-Star do ano passado, bebemos demais uma noite e conversamos sobre tudo. Neste ponto, eu poderia muito bem usar uma camisa com a foto dela.

A risada seca de Nolan tira-me dos meus pensamentos. — Deixe

que nós nos apaixonemos pelas mulheres mais irritantes e impossíveis do planeta.

— Pelo menos você sabe onde está a sua.

Sua risada de resposta é curta e amarga. — Acredite em mim, esse é um tipo diferente de inferno.

— Tenho certeza que sim, mas você levou apenas alguns meses para encontrá-la. — Paro o disco e patino um pouco mais com ele, passando por outro ângulo.

— Veja a porra das circunstâncias. — Ele para o disco e sorri, cumprimentando quem está patinando atrás de mim.

Vejo Fitz patinando em nossa direção, olhando distraidamente para as arquibancadas. Quando ele chega até nós, ele para e continua olhando em volta.

— Quem você está procurando, filho da puta? — Eu pergunto, embora eu saiba muito bem.

Ele lança-me um olhar. — Mae já deveria estar aqui.

— Talvez ela esteja saindo com as outras esposas, — diz Nolan, patinando um pouco mais para passar o disco novamente.

Ele passa para Logan, que deixa passar, já que seus olhos ainda estão nas arquibancadas. Eu vejo as coelhinhas novamente. Existem seis delas agora. Estão todas olhando para nós, mas não tentam chamar nossa atenção, o que é estranho.

— As coelhinhas nem perdem mais tempo com ele, pois sabem que serão rejeitadas, — diz Nolan, respondendo à pergunta na minha cabeça, enquanto traz o disco de volta.

— Aposto que elas ficaram com pena disso, — digo.

— Quem diabos se importa? Ele é um filho da puta sortudo, — diz Nolan. — Até eu daria uma surra nele se ele fodesse com Mae.

Fitz estreita os olhos por cima do ombro enquanto coloca o telefone no ouvido, provavelmente ligando para Mae enquanto conversamos.

— Não acho que Fitz seria *tão* estúpido, — digo, olhando para o lado do rosto dele. — Eu daria uma surra nele com você e então faria minha jogada e tentaria pegar Mae.

— Você quer lutar, Duke? É isso que é? Fitz vira-se para mim imediatamente, com expressão ameaçadora. Eu rio. Ele não sabe. Ele patina para mais perto de mim, mas antes que possa dizer qualquer outra coisa, suaviza a voz enquanto fala ao telefone. — Ei, onde você está?

— Tudo bem? — Pergunto quando ele desliga o telefone.

— Sim. O irmão dela saiu do hotel e queria deixar a mala no nosso quarto até sairmos, — diz ele.

— Mesmo que ela não fosse namorada de Logan, — Nolan começa, já que ele não consegue deixar isso passar. — Você não tentaria ficar com ela.

— E você tentaria? — Levanto uma sobrancelha.

— Pare de falar sobre a porra da minha esposa, — rosna Fitz.

— Estamos dizendo que não iríamos atrás dela, — diz Nolan. — Porque somos patéticos *pra* caralho.

Eu aceno gravemente. Fitz revira os olhos.

— Veja o que podemos ter. — Nolan levanta o taco na direção das coelhinhas.

Nós três olhamos.

— Elas são gostosas *pra* caralho, — diz Nolan.

— Elas são, — concordo, enquanto olho para cada uma delas.

Eu já sei como isso termina, e não é com meu pau na boca de nenhuma delas. Tenho certeza de que nenhuma pessoa sã as deixaria escapar, mas o que diabos eu saberia sobre isso? Lyla levou o que restava da minha sanidade com ela.

— Vocês dois são solteiros, — diz Fitz, virando as costas para elas para nos encarar. — Vocês sabem disso, certo?

Eu olho para ele e viro as costas para elas também.

— É por isso que eu disse que somos patéticos. — Nolan dá-lhes as costas. — Não acredito que elas ainda estão paradas aí.

— E não posso acreditar que eles estão nos obrigando a fazer esse shootout, — diz Fitz, roubando o disco de mim. Ele reclamou do shootout cinco vezes.

— Você está com medo porque sabe que vou dar uma coça em você? — Eu roubo o disco dele enquanto patinamos para o outro lado da pista.

— Por favor. — Ele zomba.

— Falando em coça, — Nolan começa. — Que idiota achou uma boa ideia colocar nós três no mesmo time?

— Alguém que queria ver uma coça, — eu digo.

— Aposto que um clube está tentando colocar nós três em seu elenco agora, — diz Nolan, lançando-me um olhar duro. — Mas um de nós está se aposentando, então isso não vai acontecer.

— Qual é a verdadeira razão pela qual você está se aposentando? — Fitz pergunta quando paramos. Ele passa o disco para Nolan, que passa para mim.

— Eu te disse, meu pai...

— Ah, vá se foder com isso, — diz Fitz, interrompendo-me da mesma forma que nosso amigo fez antes. — Você vai afastar-se disso. — Ele sinaliza ao redor da arena. — Pelo o seu pai idiota? Não me venha com essa merda.

— Ele nem foi a nenhum dos jogos da final, e eles estavam bem perto do prédio dele, — diz Nolan.

Meu estômago ainda aperta com a menção desse torneio. Ninguém me culpa pelo jogo não ter acontecido, pelo menos publicamente, mas a culpa me come vivo cada vez que penso nisso. Eu sei que o ataque não foi minha culpa e que não havia como jogar, mas me irrita que isso tenha afetado todos os outros também. Tento afastar

o pensamento. Estive de bom humor neste fim de semana, porque estou tentando saborear cada momento disso – estar no gelo, a camaradagem, a atmosfera – tudo isso. Consegui deixar de lado a maioria dos pensamentos negativos sobre Lyla James por causa disso, mas não tenho dúvidas de que, quando eu descer do avião em Chicago, o ressentimento aumentará.

— Olha, você precisa de uma pausa? Tudo bem. De qualquer forma, estamos fora de temporada, — diz Fitz. — Mas não se aposente, porra.

— Você já considerou que talvez encontrá-la não seja uma possibilidade? — Nolan acrescenta.

Eu cerro os dentes. — Não é uma possibilidade.

— O que você vai fazer se ela tiver seguido em frente? — Fitz pergunta, as sobrancelhas erguendo-se em reação ao que ele vê no meu rosto.

— Ela não fez isso. — Agarro o taco com mais força.

Eu mataria o filho da puta com quem ela seguiu em frente; isso é o que aconteceria, mas eu sei que ela não seguiu em frente. Se eu não consegui seguir em frente, ela também não. Não há como seguir em frente com isso.

— O que você fará quando encontrá-la? — Nolan pergunta, parecendo *tão* preocupado quanto Fitz. — Cada vez que você fala sobre ela, parece que você quer matá-la.

— Ele não está errado, — acrescenta Nolan.

Eu olho para os dois. Não preciso de um espelho para dizer-me como deve ser minha expressão. — Vou tornar a vida dela um inferno.

Com isso, começamos a patinar em direção ao gol, passando o disco entre nós. A forma como estamos perfeitamente sincronizados é uma loucura. Nunca joguei com ninguém assim. Não logo de cara, de qualquer maneira. Acontece quando jogo com Mason, mas é porque jogamos juntos há muito tempo. Essa merda é diferente. No momento em que nós três entramos no gelo juntos, é mágico. Somos como

Jordan, Pippen e Rodman. Wade, Lebron e Bosh²⁰. Fitzgerald, Astor e Duke soavam muito bem. Talvez em outra vida. Para o bem de todos, espero que nessa vida eu não seja *tão* amargo assim.

CAPÍTULO 22

Delilah

(ANTIGAMENTE CONHECIDA COMO LYLA)

— VAMOS! PASSE ISSO! PASSE ISSO! — Wade grita do outro lado do campo.

Antes que eu tenha a chance de virar-me, cubro a boca e rio. Deus, espero que ninguém tenha me visto. A última coisa que preciso é lidar com as besteiras de alguns pais hoje. É engraçado, porém, como Wade fala com eles como se eles já estivessem jogando futebol sério. Eles estão com cinco anos, pelo amor de Deus. Um deles já marcou gol para o time adversário. Outra está sentada ao lado do gol porque está cansada.

— Vamos, RIGBY! — Outro grito de Wade.

Rigby apenas fica ali parado, observando a bola passar por ele e se aproximar do gol do time adversário. Eu realmente não deveria rir, mas esta é minha fonte de entretenimento. É o que faço para divertir-me nos finais de semana, quando não estou treinando adolescentes e trabalhando no Tackle Sports Center. Sábados são dias de treino, mas como eu tinha folga, disse que sim quando Wade ligou e pediu para ajudar a arbitrar as crianças. Se não tivesse feito isso, estaria ajudando Marissa em sua loja de smoothies (aquela ao lado de sua floricultura) ou em casa lavando roupa. Minha vida gira em torno dessas coisas agora. Nos últimos três anos, tudo girou em torno da faculdade de medicina e, aos sábados, do meu estágio no Tackle, mas agora que acabou, fico à deriva antes de começar meu treinamento especializado.

Já estou com medo do tempo livre. Talvez eu ajude Marissa em tempo integral ou diga à instalação para oferecer mais sessões de

treinamento. Qualquer coisa para não ficar parada por muito tempo. Ficar parada leva-me a pensar, o que me leva à depressão, que me leva ao entorpecimento, e finalmente estou começando a me permitir sentir coisas - pelo menos tentando. Graças a Deus pela terapia, eu acho.

A terapia é a única contingência que Prescott colocou para manter meu segredo de Lachlan. Foi também a única maneira de conseguir que ele e Marissa concordassem em nunca o mencionar para mim. Forçado ou não, não posso mentir e dizer que a terapia não ajudou. Com certeza ajudou, mas ao resolver minha dor, abri-me para emoções que não quero ter. Levei cinco sessões para começar a abrir-me e, mesmo agora, só faço isso por meio da hipnoterapia. É intenso.

Peço à terapeuta que grave minhas sessões. Não sei por que, já que não vou abrir um balde de pipoca e ver-me revivendo meu trauma. Eu quero ter isso, no entanto. Minha terapeuta adora - mostrar suas emoções, - então ela teve um dia cheio comigo. Ainda não demonstro minhas emoções com frequência, mas tenho quase certeza de que já era assim antes de tudo pegar fogo. Eu não sei mais.

Todas as noites, sento-me, fecho os olhos e faço sessões de respiração para ajudar-me a relaxar e a relembrar cenas do passado. Dói, é claro. Sou uma maldita glutona pela dor. Penso em mamãe, Lach e Luke. Como não deixo meus amigos falarem sobre ele, quase parece que Lach morreu. De alguma forma, dói muito mais do que quando perdi Luke. É uma merda admitir, mas Lachlan é simplesmente diferente. Ele encontrou um caminho para o meu coração quando ninguém mais conseguiu. Ele fez sentir quando ninguém mais poderia. Às vezes, tenho vontade de ligar para ele só para ouvir sua voz e enfiar a faca um pouco mais fundo no meu peito.

Quando me sinto mais corajosa, imagino-me indo às autoridades e contando-lhes o que aconteceu, mas isso sempre dura pouco. Tentamos isso no momento em que pousamos na Califórnia e nada aconteceu. Eles não acreditam em nós. Eu sempre soube que não acreditariam, então mesmo se eu voltasse lá e fizesse isso pessoalmente, estaria me arrastando de volta para as profundezas do

inferno por nada. Isso significaria que mudei toda a minha identidade para ficar escondida por nada. Não é como se eu recuperasse Lachlan Duke. Talvez o seu perdão, mas mesmo isso parece absurdo. Além disso, pelo que sei, ele poderia ser casado. Sinto uma dor de estômago instantânea quando penso nisso. Mesmo que ele não seja casado, aposto que ele tem namorada ou *namoradas*. Eu não quero saber. É melhor não saber. Parei completamente de assistir redes esportivas, quando percebi que sempre falavam dele. Dói muito. A única coisa que ajuda é o lembrete de que ele está bem. Ele saiu daquele hospital, assinou contrato com uma equipe profissional e está vivendo seu sonho. Isso é tudo que sei sobre ele e é o suficiente para mim. Ele merece ser feliz.

Meu telefone vibra na pochete que estou usando como bolsa, e eu imediatamente encolho. Esqueci de mandar uma mensagem para Marissa avisando que eu iria hoje à noite. Quando Wade apita para alertar que o jogo terminou, saio dos meus pensamentos e verifico meu telefone.

Marissa: *lembre-se esta noite*

Eu: *você realmente acha que eu esqueceria seu aniversário?*

Marissa: *não, eu realmente acho que você não apareceria de propósito e ficaria em casa estudando como uma maldita nerd*

Eu: *foda-se*

Marissa: *foda-se também*

Eu: *veja você hoje à noite.*

Quando guardo meu telefone, os pais ainda estão torcendo e agarrando seus filhos. Quando estou curvando para pegar a bola de futebol, vejo um flash azul e levanto quando vejo Danica correndo em minha direção do outro lado do campo, seu cabelo loiro grudado em seu adorável rosto suado. Ela é uma das poucas que sempre chega na hora certa, o que definitivamente é culpa do pai, e sempre quer tirar uma foto comigo quando me vê.

— Treinadora Dee, posso tirar uma foto com você? — Ela

pergunta, respirando com dificuldade quando finalmente me alcança.

Eu agacho-me ao nível dela. — Claro, querida. Onde está o seu pai?

— Bem aqui, — diz Cooper, balançando o telefone enquanto se aproxima. — Ela estava chateada porque você não estava aqui na semana passada.

Eu aperto seu pequeno corpo ao meu lado. — Às vezes, tenho que treinar as garotas mais velhas.

— Eu sei, — ela faz beicinho, projetando o lábio inferior.

— Continuo dizendo a ela que agora que você está começando sua residência, provavelmente não ficará tanto aqui, mas ela não quer aceitar. — Cooper balança a cabeça, sorrindo. — Você é a treinadora favorito dela.

Eu inclino-me e chego perto do ouvido de Danica para sussurrar: — Isso é legal, já que você é minha jogadora favorita.

Ela sorri para mim e depois para o telefone do pai enquanto ele tira a foto.

— Você deve ter um milhão de fotos minhas. — Tiro a poeira dos joelhos enquanto levanto-me.

— Acho que sim. — Ele ri.

Cooper é o dono da Tackle, então mesmo que eu não me reporte a ele, ele é tecnicamente meu chefe. Ele é gentil e está sempre sorrindo. É um sorriso bom, genuíno, que alcança seus olhos do jeito que eu gostaria que os meus alcançassem. Ainda não cheguei lá.

— Tudo bem então, vejo você no próximo sábado? — Cooper pega a mão de Danica, mas mantém seus olhos azuis nos meus.

— Acho que sim, — eu digo. — Você poderia me ver na segunda-feira no trabalho, mas me expulsou das instalações.

Ele ri. — Você precisa de uma pausa!

— Sim, tanto faz, — brinco enquanto eles afastam-se.

Continuo pegando as bolas de futebol, os cones e as redes enquanto Wade conversa com algumas mães do outro lado do campo. Wade é popular entre as mães daqui. Ele é bonito, mas acho que seu status na Seleção Masculina de Futebol dos EUA é o que realmente as atrai. Elas são desse tipo. Sei disso porque já estive ao lado delas muitas vezes para ouvir que só falam de atletas. Como Delilah, tentei aplicar uma personalidade “faça você mesma, mas isso perturba-me. Não é como se elas precisassem de dinheiro. Tenho quase certeza de que elas eram ricas antes de conhecerem seus maridos ricos. Para ser honesta comigo mesma, acho que o que me chateia é ver isso acontecendo com Lach. Wade olha para mim enquanto estou pegando uma casquinha e lança-me um olhar que quase grita: “ajude-me.” Jogo o resto das coisas no balde e corro, acenando para as mães e dizendo oi quando chego até elas.

Eu viro-me para Wade. — Você deveria estar de volta com o equipamento às cinco.

— Ah, merda. Eu esqueci disso. — Ele ri, mostrando sua covinha para as mulheres.

Luto contra a vontade de revirar os olhos. A desculpa funciona, no entanto. Elas pedem desculpas por ocupar seu tempo e ele diz que adora conversar com elas. No minuto em que elas estão fora do alcance da voz, ele geme e pega o balde.

— Você não pode nem reclamar, — eu digo. — Você sempre mostra sua covinha e diz que adora conversar com elas, e é por isso que continua acontecendo.

Ele olha para mim de lado. — Você parece ser imune às minhas covinhas e charme.

— Posso ser a única em Rhodes que se sente assim.

Ele bate o braço no meu e eu tropeço em alguns passos. Quando recupero o equilíbrio, empurro-o com força suficiente para que ele tropece e as coisas voem para fora do balde. Ele lança um olhar assassino e eu saio correndo até meu carro enquanto ele pega os suprimentos caídos. Ele ainda está falando comigo quando ligo o

carro, mas saio antes que ele possa me parar novamente. Estou morrendo de vontade de chegar em casa e tomar banho. E ainda tenho que preparar mentalmente para ficar animada com o aniversário de Marissa hoje à noite. Isso é uma coisa que não mudou.

CAPÍTULO 23

Delilah

Ligo a televisão enquanto caminho para a cozinha e gemo quando liga a ESPN. Maldito Prescott. Nunca assisto TV, mas se assisto, esse é o último canal que assisto, especialmente nessa época. Há um banner de notícias de última hora na parte inferior. Viro-me para pegar um iogurte na geladeira quando meu telefone toca.

— Ei, — eu digo, confusa. — Ainda não estou vestindo.

— Eu sei, mas algo está acontecendo e eu queria que você ouvisse isso de mim e não na TV no Medley mais tarde esta noite.

Meu coração para. — O que aconteceu?

— Lachlan...

Meu coração cai. Eu a interrompo antes de poder terminar. — Oh meu Deus. O que aconteceu?

Olho novamente para a TV e, com certeza, seu lindo rosto está lá. Coloquei o iogurte na mesa.

— Ele está se aposentando, — diz ela.

— Meu Deus, Marissa. Você deveria ter começado com isso.

— Ei, não é minha culpa que seu cérebro presumia automaticamente o pior de tudo, — diz ela.

Ela não está errada sobre isso. Eu já estava imaginando ir ao funeral dele e morrer de coração partido. A única razão pela qual não morri disso agora é saber que ele está vivo e bem, e a estúpida centelha de esperança que constantemente invade quando penso em vê-lo novamente.

— Curiosamente, a TV já estava passando na ESPN quando cheguei aqui. Acho que Pres estava assistindo da última vez que estive

aqui, — digo, olhando para a coletiva de imprensa que Lach está dando. Felizmente, está mudo. Acho que não consigo lidar com vê-lo e ouvi-lo.

Ela fica em silêncio por um momento. — Você está bem?

— Sim. — Viro as costas para a TV.

— Você quer que eu cancele o Medley e vá até aí? — Ela pergunta.

— Não. — Fecho os olhos e balanço a cabeça. — Estarei aí às oito.

— Você quer que eu tente reservar em outro lugar? — Ela pergunta timidamente.

Eu rio. — Onde no universo essas notícias não serão divulgadas esta noite?

— Porra, — ela respira.

— Vejo você às oito. Estou totalmente bem, eu prometo.

Desligamos e eu escorrego lentamente pela porta da geladeira, até minha bunda cair no chão. Levanto os joelhos e enterro o rosto nas mãos. Eu *não* quero ir ao Medley. Eu não quero fazer nada. A tristeza envolve enquanto eu sento lá. Por que ele se aposentaria? Talvez ele tenha se machucado? Deus, espero que não seja por causa do que aconteceu em Fairview. Ele ama tanto esse esporte, e já me sinto péssima por ele ter se machucado. *Ele poderia ter morrido*. Meus olhos lacrimejam, como acontece toda vez que penso nisso. Eu também poderia ter morrido, eu sei. Às vezes, eu gostaria de ter feito isso. A culpa que tudo consome é algo que a terapia nunca eliminará totalmente. Sei melhor do que ninguém que ficar obcecada com o passado não vai mudar isso, mas é difícil não pensar em cada detalhe que deu errado. Depois de um tempo, me forço a parar de pensar nisso - nele - e obrigo-me a comer o iogurte, para poder me preparar para a festa que já temo.

— Você está aqui! — Marissa diz, soltando um grito baixo enquanto envolve seus braços em volta de mim.

— Feliz aniversário, vadia. — Minha voz está abafada em seu cabelo. Vejo Prescott e Wade conversando perto da porta quando nos afastamos. — Eu não pude carregar seus presentes, então eles estão na minha casa.

— Oh pare com isso. Meu presente é vestir você, mas você fez um ótimo trabalho sozinha. — Ela me dá uma olhada.

— Apreendi com a melhor, — digo.

— Você com certeza aprendeu. — Ela sorri.

— Então, você está animada por estar mais um ano perto da morte? — Passo meu braço pelo dela e começo a andar.

Ela lança-me um olhar divertido. — Sim, porque significa que sobrevivi tanto tempo.

— Acho que essa é uma maneira de ver as coisas.

— Tem certeza de que está bem? — Ela pergunta.

— Eu estou. — Eu respiro. — Eu realmente estou.

— Você acha que ficará um pouco animada esta noite? — Ela pergunta.

Os aniversários anteriores que comemoramos aqui consistiram em eu fingir um sorriso, ir para casa mais cedo e ouvir Adele no máximo enquanto bebia vinho e gritava na minha sala de estar. 10/10 não recomendo sentimentos. Eles realmente são péssimos.

— Estou interiormente animada.

— Hum.

— Eu não vou sair mais cedo ou...chorar, — eu sussurro a palavra. — Essa noite.

— É bom saber que você não vai demonstrar emoção, — ela sussurra de volta.

— Idiota.

Ela joga a cabeça para trás rindo e eu rio levemente com ela. Quando finalmente alcançamos os caras, Pres diz oi para mim, levantando-me e girando. Ele me dá uma olhada completa e um aceno de cabeça quando me coloca no chão.

— Estou do seu agrado, Majestade?

Ele revira os olhos. — Estou certificando-me de que você está comendo.

— Para. Ela está incrível, — diz Marissa.

— Ela sempre parece incrível. Esse não é o ponto, — Pres responde. — Ela estava perdendo muito peso.

— Ela não parecia *tão* incrível quando usava todas aquelas roupas largas, — ressalta.

— Sim, ela parecia, — Pres responde.

— Você pode parar de falar sobre mim? Eu estou bem aqui.

— Que roupas largas? — Wade pergunta.

— Ela usava coisas que eram três tamanhos maiores para ela, — diz Marissa.

— Em primeiro lugar, dois tamanhos maiores. Em segundo lugar, tive meus motivos, — digo. — Em terceiro lugar, não entendo como meu traje afeta qualquer um de vocês.

— Tudo bem, vamos antes que Lyla fique com fome e tenhamos que lidar com ainda mais maldades dela, — Pres diz, nos conduzindo para dentro.

Quando estamos sentados em uma mesa – Pres e Marissa de um lado e eu e Wade do outro – pedimos bebidas e aperitivos.

— Você sabia que Lach iria se aposentar? — Marissa pergunta a Pres, que lança-lhe um olhar. — Ela já sabe.

— Não há como perder isso, — diz Wade, sinalizando para as TVs que estou evitando.

— Tive a sensação de que sim, — diz Pres. — O pai dele teve câncer e quer deixar a empresa, então era só uma questão de tempo.

Eu franzo a testa. — Ele odeia o pai.

— Acho que o diagnóstico de câncer colocou as coisas em perspectiva, — diz ele. — Pelo menos para o pai dele. Acho que Lach ainda está um pouco ressentido, mas o pai dele é um maldito bilionário, então tenho certeza que isso vai ajudar.

— Não consigo imaginá-lo querendo nem ver o pai, — digo.

— Os pais dele moram juntos, então ele não pode mais evitá-lo. — Pres dá de ombros. — Acho que eles estão tentando superar pelo que resta do relacionamento pai-filho.

— Você está bem com Pres falando sobre ele? — Mar pergunta.

— Sim, estou bem. Realmente. — Lanço a ambos um olhar aguçado e um sorriso que os acalma.

O que quero dizer, mas não digo, é que eles nunca tiveram um relacionamento pai-filho. É difícil entender qualquer coisa que ele acabou de dizer. Lachlan nasceu para estar no gelo. Não consigo imaginar que ele simplesmente abandonaria isso. Provavelmente é hipócrita da minha parte dizer isso desde que deixei o futebol, mas era diferente. Isso foi tirado de mim. Sua aposentadoria não faz sentido. A menos que seu pai lhe oferecesse uma tonelada de dinheiro... mas não consigo imaginá-lo aceitando dinheiro em vez de hóquei. Ugh. Eu preciso parar. Não é da minha conta.

— Ei, você está bem? — Wade pergunta, tocando minha mão na mesa.

— Sim eu estou bem. — Pisco e olho para o menu.

— Por que você não liga para ele? — Pres pergunta.

— Você sabe porquê. — Eu fico olhando para o cardápio.

— Ele terminou o hóquei, Lyles, — diz ele, — e já se passaram

três anos.

— Você acha que o tempo importa? — Eu olho para ele por cima do meu cardápio. — Lach é uma figura pública agora. Se alguém tirar uma foto nossa...

— Ele não é famoso, — diz Marissa. — Ele é apenas um atleta.

— Com muitos malditos fãs, — eu respondo, apontando para as telas de TV que estou evitando. — Há uma chance de que uma foto nossa esteja por aí e não posso arriscar. Ainda não.

— Mas você acha que vai entrar em contato? Agora que ele se aposentou? Ela pergunta.

— Eu... eu acho que sim. Vamos ver como isso se desenrola. — Abaixei meu menu completamente. — Pelo que sei, ele provavelmente tem namorada, ou namoradas, ou esposa. — *Deus, sinto enjoo quando digo isso em voz alta.*

— Eu te contaria se ele se casasse. — Prescott revira os olhos e balança a cabeça.

Ele não confirma nem nega o resto, o que me mata, mas eu pedi isso. Se ele realmente se aposentar e continuar assim, pedirei mais informações a Prescott. A última coisa que preciso é aparecer e vê-lo com uma namorada ou uma coelhinha. Acho que vou morrer se isso acontecer – sentimentos estúpidos, estúpidos.

— Este é o ex de quem você está falando? — Wade pergunta, apontando para cima: — O cara do hóquei?

Eu concordo. Wade joga futebol profissional e não entende nada de hóquei, então ele nunca tinha ouvido falar de Lach até que um de nós o trouxe à tona um dia; Marissa contou a ele - todas as fofocas - enquanto eu ficava ali sentada, fingindo que ouvir isso não me matava. Ela deixou de fora a parte sobre o ataque e fez parecer que eu simplesmente o deixei porque queria que ele perseguisse seus sonhos sem impedi-lo. É o mais próximo da verdade que ela poderia dizer, sem fazê-lo fazer perguntas.

— Sim, — eu digo calmamente.

— Você está aqui há pouco mais de três anos, — diz Wade, olhando para mim como se eu fosse um alienígena. — Claro, ele seguiu em frente. O futebol é sem dúvida o esporte mais popular na América, e as mulheres sempre se lançam contra mim.

À nossa frente, Marissa ri. Prescott parece estar tentando não fazer isso. Eu apenas fico olhando para Wade.

— Obrigada por nos esclarecer sobre o quanto os atletas profissionais ganham, — eu digo. — Tenho amigos que jogam na liga também, você sabe.

Não que eu fale mais com eles, mas não preciso falar com eles para saber que ele está certo. Prefiro não ouvir sobre isso.

— Então, — Pres começa. Eu olho para ele. — Eu vi Banks outro dia. Ele perguntou sobre você.

— Oh? — Meu coração aperta quando penso no meu amigo. Ele é o único com quem realmente arrependo-me de não poder falar atualmente.

— Eu disse a ele que tinha visto você uma ou duas vezes e que você fala sobre ele o tempo todo. — Ele sorri tristemente.

Pego meu cardápio novamente. Meu próprio pai parou de perguntar a Pres sobre mim. Ele o perseguiu muito no começo, admito, mas depois ele simplesmente parou. De acordo com Prescott, meu pai ficou muito magoado por eu ter ido embora sem me despedir. Não sei se acredito nisso. Jogo todos os pensamentos sobre meu pai na lixeira dentro da minha cabeça, junto com tudo o mais que odeio pensar. Passamos o resto do jantar conversando sobre outras coisas, como o popular show da Broadway que está por vir e como os ingressos se esgotaram imediatamente, já que esta é uma cidade mais para jovens profissionais e universitários. As crianças moram nos subúrbios e só vêm até aqui para praticar esportes e museus. Sempre que surge algo adequado para crianças, os pais ficam felizes por terem um novo lugar para levá-los, e os shows esgotam em menos de dez minutos. Eu gosto disso neste lugar. É uma cidade ótima, mas tem um charme de cidade pequena. Nem todo mundo se conhece, mas se você

for aos mesmos lugares o tempo todo, verá as mesmas pessoas.

À medida que a noite avança, todos nós tomamos muitas bebidas e compartilhamos algumas risadas, o que é legal. Isso é normal – jantar e beber com os amigos sem se preocupar com nada. Esse é o tipo de coisa que não tem preço para mim. Bem, isso teve um preço bem alto, considerando que perdi o único homem que já amei, mas fora isso, está tudo bem. Quando terminamos de beber e comer, saímos, onde Marissa sugere que vamos a uma boate a alguns quarteirões de distância.

— Eu não sei, Mar. — Eu franzo meus lábios.

— Vamos, Lyles. É aniversário de Marissa, — diz Pres. — E não comemoramos você ter terminado a faculdade de medicina!

— Bem, nós comemoramos, mas você não estava aqui, — diz Marissa. — MAS é meu aniversário! Vamos, Lyles.

— E você nunca foi a um clube, — diz Pres.

— Você nunca foi a um clube? — Wade grita. — Como?

— Eu não gosto de pessoas. É por isso.

Ele franze a testa. — Você trabalha com crianças o dia todo.

— Ok, então, eu não gosto de adultos.

Ele encara-me por um momento. — Vamos apenas um pouco. Se você quiser ir embora, eu te acompanho até em casa.

— Está bem. — Eu suspiro. — Eu irei, mas saiba que vou odiar cada segundo disso.

— Você odeia cada segundo de cada dia, a menos que esteja cercada de crianças ou trabalhando no Tackle, então... — Esse é Prescott, que não ouviu a declaração anterior de Wade. Ele e Marissa concordam com Pres, ganhando um dedo médio de mim, o que os faz rir.

Tenho quase certeza de que também rio. Estou *tão* embriagada que, enquanto caminhamos naquela direção, minha curiosidade toma conta de mim e agora estou morrendo de vontade de ver o que está

acontecendo em relação às discotecas.

CAPÍTULO 24

Delilah

Demoro exatamente três segundos para confirmar que boates não são minha cena. Sinto meu rosto apertar enquanto olho em volta. É lindo e sofisticado, eu admito isso. A música está alta, o que não me incomoda. O mar de pessoas lutando umas contra as outras de boa vontade? Absolutamente não. Marissa deve perceber minha apreensão, já que agarra minha mão com força. Quando ela começa a puxar-me no meio da multidão, tenho vontade de morrer. De verdade. Minha pele começa a arrepiar quando mãos tocam minhas costas, minha bunda. Tenho certeza de que eles não estão tentando apalpar-me, mas isso ainda me assusta. Eu concentro-me na respiração e continuo em movimento. Não acho estranho que eles estejam se divertindo dançando. Eu amo dançar. Acho estranho que eles gostem de pagar para ouvir música que toca em um alto-falante no escuro, suar e dançar em um chão pegajoso com um bando de estranhos. Não faz nenhum sentido. E as luzes estroboscópicas. Jesus Cristo, você pensaria que eles estão procurando por um maldito criminoso aqui.

Acabamos em uma seção VIP com nossos próprios sofás, mesa e garrafa de champanhe. Prescott está pagando, é claro. Não discuto porque estou longe das pessoas no chão pegajoso. Sento-me e mexo um pouco os pés para ver se isso ajuda com a dor que os saltos estão causando. Eles foram um presente de formatura do ensino médio dado pela minha mãe. Foi um gesto bonito. Só não entendo por que as pessoas pagam tanto dinheiro por coisas desconfortáveis só por causa da etiqueta, ou neste caso, da sola. Pego a taça de champanhe que Prescott entrega-me. Ele paira sobre nós – Wade e Marissa também estão sentados – e nos faz um discurso que parece muito caloroso com base em suas expressões. Pena que não podemos ouvir nada disso. Nós fingimos, pelo bem dele, e dizemos vivas em voz alta antes de

começarmos a beber mais álcool.

É bom que Prescott esteja aqui. Ele está constantemente viajando entre Fairview, Rhodes e Nova York - Fairview para ver sua família, Rhodes para nos ver, e Nova York, já que é onde ele trabalha e o lugar que ele chama de lar, embora ele também possua um apartamento aqui. Em vez de entrar logo de cara no escritório de advocacia da família, ele fez um estágio em Nova York e foi contratado pela empresa. Eles têm clientes em todos os lugares, então ele está sempre viajando. Ele tem falado em abrir uma empresa aqui e fazer daqui seu lar permanente, mas não sei se ele fará isso.

Ele diz que namorar em Nova York é uma droga. Ele não quer namorar em Fairview e a oferta de encontros aqui é enorme, então acho que é uma possibilidade. Ele e Marissa já estão saindo esporadicamente há algum tempo, mas é só isso que fazem. Mar diz que gostaria de gostar dele por mais do que apenas sexo, mas não pode se ver com ele para sempre. Pres diz o mesmo sobre Marissa, e como já faz tempo suficiente que eles já teriam feito alguma coisa, eles devem estar realmente falando sério. Isso, e eles contam um ao outro sobre os encontros que vão e riem disso.

— Não deveríamos misturar as bebidas, — digo a Pres quando ele se senta ao meu lado. — Agora vamos nos sentir uma merda dupla amanhã.

— Ah, você só vive uma vez. — Ele encolhe os ombros e bebe o resto do champanhe de uma só vez.

Dou de ombros e faço o mesmo. Marissa segue e Wade não tem escolha a não ser fazê-lo. No fundo da minha mente, tudo que consigo pensar é que estamos *tão* fodidos. Mais tarde, embora não tenha certeza de quanto tempo, já que não há tempo no clube, levanto-me e danço com Marissa. Ainda estamos na seção VIP, mas há grupos de pessoas dançando aqui também, o que me faz pensar qual é o sentido de pagar pela área. Os sofás? Depois de cinco, seis ou sete músicas, o champanhe acabou e nós também.

Lá fora, Marissa encosta-se na parede para tirar os sapatos e diz

para fazer o mesmo.

Eu rio, jogando minha cabeça para trás. — Sem chance. Isso é nojento.

— Seus pés estão matando você e você sabe disso, — ela diz, arrastando a voz. — Tira-os ou pede ao Wade ou ao Pres para te darem uma carona para que você não tenha muitas bolhas.

— Absolutamente não. — Lanço olhares assassinos para ambos. — Não se atreva.

Wade não escuta, mas em vez de agachar-se para que eu possa subir em suas costas, ele levanta-me nos braços como uma noiva e começa a andar. Cruzo os braços e continuo olhando, o que o faz rir histericamente. Eu rio com ele porque não consigo evitar. Prescott aproxima-se e tira fotos nossas.

— Não poste isso! — Eu aponto para ele.

— Dê-me algum crédito, — diz Prescott, — criei uma conta de amigos próximos e só tenho dez pessoas nela. Ninguém com conexões com Fairview.

— Ah, tanto faz. Eu superei. — Aceno com a mão, enquanto Pres aponta o telefone para o chão e concentra-se no que quer que esteja fazendo. — Você cheira muito bem, Wade. Quero dizer, você cheira como um cinzeiro, mas por baixo disso, sua colônia é legal.

Ele ri novamente. — Você é engraçada quando está bêbada, Delilah.

De-ly-lah. Às vezes esqueço meu nome completo – Delilah D. Guzman é como eu assino. Acrescentei o nome de solteira da minha mãe, mas como meu primeiro nome também mudou, eu sabia que ninguém me encontraria. Em todos os documentos, meu nome é Delilah Duke Guzman. Marissa e Pres tentaram dissuadir-me, mas eu não me mexi. Processe-me por querer ficar com um pedaço da única coisa que já me fez sentir viva. Não sei por que fiz isso, já que o corte fica cada vez mais profundo cada vez que o vejo em um documento. Acho que fiz isso pelo mesmo motivo que imprimi as duas fotos que

tenho de nós e as coloquei no meu computador. Sou uma masoquista emocional. É meio engraçado quando penso nisso. Não sinto emoções o tempo todo, e o que sinto constantemente é dor. Minha terapeuta está *tão* cansada das minhas besteiras que apenas balança a cabeça e suspira quando digo coisas assim.

Lach nunca descobrirá sobre a mudança de nome, mas tenho certeza de que se soubesse, me forçaria a apagá-lo. Ele provavelmente dirá que não sou digna disso, ou que perdi minha chance, ou que não quer que eu tenha o mesmo sobrenome de sua verdadeira esposa. Porra, isso dói. Eu engulo e respiro fundo. Penso no que ele dirá quando ver-me novamente muito mais do que deveria. Sobre o que ele fará. Sobre se ele me odeia ou não, o que é uma bobagem, já que Lachlan guarda rancor como ninguém. Eu sei que ele provavelmente despreza-me, mas talvez o tempo que se estende entre nós o tenha tornado mais indulgente. Talvez ele me abrace e me beije por tanto tempo que vou esquecer que estive sem ele. Esses são os estúpidos vislumbres de esperança que me fazem continuar. A realidade é que se ele pensa em mim, provavelmente é uma lembrança fugaz. Por que não seria? Ele é lindo *pra* caralho e agora é lindo, popular *e* rico. E ainda mais rico agora por causa do pai, aparentemente. Então, sim, provavelmente sou a última coisa na mente de Lachlan Duke.

CAPÍTULO 25

Lachlan

— Delilah D. Guzman. — Liam coloca um arquivo na minha mesa.

Minha mesa. É tão estranho dizer isso. Tive tempo suficiente para preparar-me para isso, então você pensaria que isso já teria me ocorrido. Não aconteceu. Não tenho certeza se isso acontecerá. Nunca me imaginei no mundo corporativo. Por que eu deveria? Mas um acordo é um acordo, e sou um homem de palavra. O acordo com meu pai sempre foi claro: eu jogaria hóquei profissional por três anos e depois me aposentaria para assumir o controle de seu império do mal. Isso nem está na lista de coisas pelas quais estou ressentido. Tenho certeza que no futuro sentirei falta do hóquei, mas realmente quero estar aqui. Preciso.

A Duke Tech Solutions dá-me acesso a qualquer pessoa no mundo. Com alguns cliques, posso descobrir todos os detalhes da vida de alguém, até em quais lojas ela faz compras. É possivelmente a pior coisa que alguém como eu pode ter acesso. Seria como dar a Lyla James acesso ao futebol nuclear do presidente. Nenhum de nós sobreviveria a ela. Todos andariam por aí com uma ansiedade paralisante, apenas esperando que ela apertasse aquele botão. No contrato que assinei, concordei em não utilizar nenhuma informação para meu ganho pessoal, portanto não vou aproveitar a Duke Tech. Liam chegou ao ponto de me fazer jurar sobre uma Bíblia, o que foi bastante estúpido da parte dele. Mamãe nos fez memorizar metade das passagens e, para mim, é apenas mais um livro. Realmente não vou aproveitar o acesso que tenho. Para isso, tive que quebrar um pouco as regras.

Tecnicamente, não é para *meu* ganho pessoal; é para o futuro da

empresa. Foi meu pai quem decretou isso, então ele não pode falar nada sobre como consigo a informação. Sinto meu irmão fazendo buracos na lateral da minha cabeça quando giro a cadeira para apreciar a vista da cidade. Ele está chateado comigo por isso, mas ei, esse foi o departamento que ele escolheu para trabalhar. Pelo menos ele sabe que porra está fazendo. Não sei como ser o CEO de nenhuma empresa, muito menos de uma empresa de um bilhão de dólares com milhares de funcionários e quatro locais ao redor do mundo. É assustador *pra* caralho. Claro, meu diploma é em administração, mas esse trabalho nunca poderia preparar-me para a vida real. Por enquanto, eu trabalhava em estreita colaboração com meu pai e apenas analisava os contratos, tomando decisões junto com ele. Tecnicamente, por causa desse pequeno contratempo, eu estava trabalhando gratuitamente, o que me irritou. Nos encontraremos no escritório dele em dez minutos, então o arquivo que Liam jogou na minha mesa chegou na hora perfeita.

Eu olho para ele. — Você está atrasado.

Ele olha para mim. — Ela foi difícil de encontrar. Como você sabe.

Como eu sei. Sim, eu sei. Também estou ciente de que não conseguiria encontrá-la sozinho e não queria pedir ajuda direta ao meu pai com isso - com qualquer coisa. Aceitá-lo plenamente em nossas vidas foi um ajuste suficiente, sem pedir ajuda. Liam não teve escrúpulos em relação a isso. Ele até ajudou mamãe a levar as coisas dela para a propriedade de Henry. Ele é muito legal.

Nunca esquecerei o dia em que concordei com isso. Eu estava deitado em uma cama de hospital em Fairview, olhando para as rosas pretas ao lado da pia. Era o único arranjo lá agora. Eu fiz minha mãe levar o resto para casa com ela. Ela queria jogar fora, mas eu queria ver cada pétala murchar. Meu pai visitou-me, o que já foi bastante chocante, e então ele fez uma oferta que veio com mais zeros do que aqueles que eu esperava fazer antes de minha vida dar errado. Levei alguns dias para pensar sobre isso. Acrescentei a cláusula dos três anos de hóquei, já que originalmente ele queria que eu comesse na Duke

Tech o mais rápido possível. Consegui transferir toda a minha raiva para Lyla. Afinal, para começar, é culpa dela que eu esteja aqui.

Fiz tudo ao meu alcance para encontrá-la. Eu mantenho contato com Prescott, mas o filho da puta nunca comete um deslize e conta-me merda nenhuma, então tenho que depender de perseguir contas nas redes sociais. Até coloquei um investigador particular em Pres e não consegui nada, mas sei que ele sabe onde ela está. Às vezes, quero arrancar-lhe a informação. Conhecendo-o e conhecendo sua lealdade eterna a ela, ele me deixaria espancá-lo até a morte antes de revelar qualquer coisa. Olho para o arquivo que está na minha mesa.

Na Duke Tech, conseguimos fazer em poucos dias o que não consegui em três anos, e agora que tenho minha resposta, estou nervoso para ver o que vou encontrar. Todas as manhãs, imagino o que farei quando a vir novamente. No final do dia, estou com tanta raiva que a única coisa que tenho certeza é que vou tornar a vida dela um inferno, que é onde estou morando desde o momento em que ela foi embora. Três malditos anos no inferno. Três anos perguntando-me onde ela está e com quem está.

Minha vida foi cuidadosamente planejada antes que ela aparecesse e a virasse de cabeça para baixo. Por causa dela, eu fui fodido com tudo o que me foi prometido. Em menos de dois meses, ela conseguiu destruir tudo pelo que trabalhei durante toda a minha vida. E para quê? Acabei gravemente ferido, fui fodido pelo time com o qual deveria assinar e nem fiquei com a garota. Eu. Nem. Fiquei. Com. A. Garota. E ela não apenas correu. Não, Lyla James não pode fazer nada pela metade. Ela teve que mudar sua maldita identidade, tornando impossível encontrá-la. Quem muda de identidade? Alguém fugindo de alguém. *Obviamente*. Preciso saber quem é e quando descobrir, vou fazê-los pagar o triplo – uma vez pelo que fizeram com ela, uma vez por fazê-la fugir de mim e uma vez por me foder.

Mas primeiro, vou fazê-la pagar. Durante três anos, imaginei-a levando uma vida chata em algum lugar, com suas roupas largas e uma carranca permanente no rosto, então, quando vi a foto dela há alguns dias, passei de muito chateado a furioso. No aniversário de

Marissa, observei o IG de Prescott com mais atenção, como faço todos os anos. Nos últimos dois anos, ele postou pequenas coisas – bebidas, jantares, mas nada que expusesse onde ele está ou com quem está. Este ano, quando eu estava atualizando meu feed a cada dois segundos, como se estivesse na fila para comprar ingressos para shows, ele finalmente fez o post que eu estava esperando.

Às duas da manhã, ele compartilhou uma foto no grupo de amigos mais próximos. Cliquei rapidamente, caso ele tivesse cometido um erro. O soco no estômago foi imediato. Minhas mãos tremiam quando pausei a imagem e fiz uma captura de tela. Enquanto meu dedo estava na tela, mantendo a imagem firme, olhei para Lyla, filha da puta James. Viva e bem, vestindo uma roupa sexy *pra* caralho nos braços de outro homem. E ela estava rindo. Ela estava rindo, porra. A próxima postagem foi um vídeo que tenho certeza que ele não pretendia enviar, pois na verdade não mostrava nada.

Mas ouvi a voz dela quando ela disse a um idiota chamado Wade que “ele cheirava como um cinzeiro, mas cheirava bem por baixo.” Ela disse isso em seu tom sarcástico *pra* caralho. Ele riu alto e disse que ela era engraçada, e eu queria pegar o telefone e estrangulá-lo. Liguei para meu irmão no meio da noite, porque mesmo sendo um mestre em captura de tela, até agora não tive que salvar um vídeo dos storys de alguém. Liam falou sobre isso e eu gostaria que ele não tivesse falado. Já ouvi isso mais vezes do que posso contar, e cada vez fico mais exaltado do que a anterior. Só de pensar nisso agora minha pressão aumenta. Meus punhos batem na minha mesa uma vez.

— Lach!

— O que?

— Você precisa se acalmar, — ele diz lentamente, como se estivesse com medo de que eu o atacasse.

Puxo o arquivo para mais perto. — E o cara com quem ela estava?

— E ele? — Liam senta-se à minha frente.

— Quem é ele?

— Você mal consegue ver o rosto dele e só temos um nome para seguir. Nem sabemos se é o primeiro ou o último.

Fecho os olhos e respiro fundo três vezes para controlar meu temperamento. Hoje em dia, não é preciso muito para irritar-me. Sou uma bomba-relógio esperando que alguém me empurre apenas o suficiente para fazer-me explodir. Perdi a conta de quantas vezes acabei na sin bin nessas últimas três temporadas. Belisco a ponta do nariz e concentro-me na respiração. Quando estou calmo o suficiente, olho para meu irmão novamente.

— Não é isso que fazemos aqui? — Eu pergunto. — Não temos todos os equipamentos para encontrar pessoas? Não temos programas de reconhecimento facial e essas merdas?

— Bem, sim, mas é, na melhor das hipóteses, um rosto parcial, — diz ele. — Provavelmente podemos fazer isso, mas vai demorar um pouco mais.

Eu fico pensando nisso por um momento. Não tenho mais tempo, e realmente não importa quem seja o cara. Se ele for namorado, ela terá que terminar com ele. Se ele é um amigo, porra, não é como se eu pudesse dizer a ela de quem ela pode ou não ser amiga. Eu não sou *tão* idiota. Estou *tão* irritado comigo mesmo por me importar com essa merda. Neste momento, ela é um meio para um fim. Pegá-la matará dois coelhos com uma cajadada só - vou conseguir o que preciso dela e fazê-la sofrer por me deixar. Não tenho certeza do que acontecerá depois disso, mas sei que nada se igualará ao quanto ela me fez sofrer. Além disso, quando se trata de nós dois, ela é sem dúvida a maior idiota. Não é indiscutível. Ela é. O muro que ela ergue como mecanismo de defesa pode muito bem ser uma superpotência.

Respiro fundo e abro a pasta.

Dalila Duque Guzman. *Oh-ho-ho*. Não, ela não fez isso. Sento-me na cadeira com um sorriso no rosto. Eu não estava esperando essa merda. Isso oficialmente ficou ainda melhor. Eu li o arquivo. Ela trabalha em um centro esportivo e acabou de terminar a faculdade de

medicina. De acordo com isso, assim que terminar a residência de dois anos, ela será oficialmente médica. *Impressionante*. Eu provavelmente deveria ter dito a ela para explorar outras opções, já que essa carreira significa que ela terá que lidar com as pessoas individualmente todos os dias, e ela não é a melhor nisso. Tanto faz, não é problema meu. Quando ela não está trabalhando lá, ela treina com jogadores de futebol. Viro a página e encontro um envelope que contém fotos. Examino cada uma delas, fingindo desinteresse, embora esteja faminto por mais. Ela está com Marissa na primeira foto. Em outra, ela está conversando com um cara que pode ser o personagem de Wade. É outra foto parcial. Esse filho da puta não sabe a sorte que tem. Deixei a foto de lado de qualquer maneira. Nas demais, ela faz exercícios com alguns adolescentes e treina crianças pequenas. A próxima foto cativa-me. Ela está agachada conversando com uma garotinha loira.

É a garotinha que ganha o sorriso de Lyla. *Meu sorriso*. Meu coração afunda. Jesus Cristo, é realmente nisso que minha vida chegou? Sou um dos solteiros mais cobiçados – fui classificado em primeiro lugar pelas revistas de fofoca. Mesmo que não fosse, sei o meu valor. Conseguir mulheres nunca foi um problema. Mas em vez de me concentrar nelas, estou meditando sobre esta imagem. Eu apropriei-me de um sorriso e agora estou com ciúmes da porra de uma criança por tê-lo tomado. Olho o resto das fotos e presto atenção no rosto dela nelas. São todos sorrisos educados. Não sei se é um sorriso educado e feliz ou apenas educado. Terei que ver pessoalmente. Eu deveria estar contente com o fato de que ela não está mais fazendo cara feia para todo mundo, mas isso apenas desencadeia outros pontos de raiva dentro de mim. Nós a encontramos, no entanto. Finalmente a encontramos. Estou feliz com isso. Sinto os olhos do meu irmão em mim enquanto absorvo a informação. Ele tem sido cauteloso em procurá-la desde o início. Estou começando a achar que ele está com medo do que farei quando a encontrar. Ele está certo em estar com medo. Não tenho muita certeza de como isso vai acontecer quando finalmente estivermos cara a cara. Eu nunca a machucaria fisicamente, então não há preocupações quanto a isso. Existem outras maneiras de machucá-la que não incluem tocá-la. Acho que teremos que ver como

vou me sentir quando a ver.

Dalila Duque Guzman. Balanço a cabeça e sorrio novamente. Não consigo me lembrar da última vez que sorri genuinamente. *Dalila Duque Guzman*. Se ela quiser, ela pode manter o primeiro nome. Provavelmente nunca vou chamá-la assim, então não importa. Duke é permanente. Preciso colocar o James de volta para lá.

— Lach? — Liam diz na minha frente. Ainda estou sorrindo e a expressão de horror em seu rosto me faz sorrir ainda mais.

— Onde diabos está Rhodes? — Deslizo a foto parcial do rosto pela mesa e bato nela. — Além disso, use essa.

* * *

Bato na porta do meu pai e espero até que ele me convide para entrar. Ele sorri quando entro no escritório e levanta-se para me dar um abraço. Ainda é estranho *pra* caralho ver Henry o tempo todo. É mais estranho que depois de ignorar-me por mais de vinte anos, ele esteja totalmente louco e agora queira que fiquemos juntos *o tempo todo*. Estou convencido de que o tumor cerebral fez-lhe crescer um coração. Fazemos jantares semanais na casa deles, às vezes com convidados, outras vezes, só nós quatro. Tento ir quando o tempo permite, mas só porque, de qualquer maneira, eu teria visitado minha mãe nesses curtos intervalos. A coisa toda é estranha *pra* caralho, mas ele está se esforçando muito, então eu também estou tentando. Mamãe vive dizendo que quer que ele se aposente para que possam viajar o tempo todo, mas ele não está pronto. Enquanto isso, ele concordou em fazer algumas viagens por ano e quer que aprendamos tudo, para que ele não se preocupe enquanto estiver fora e quando chegar a hora, ele possa se aposentar. Duvido que algum dia ele se aposente de verdade. Henry vive para essa merda. Se não fosse pela mamãe, ele provavelmente dormiria aqui. Ele tenta dar um abraço forte, mas dou dois tapinhas nas costas dele e afasto rapidamente para a cadeira em frente a ele. Eu não sou um abraçador e mesmo que fosse, não o

abraçaria. Ainda não cheguei lá. Estou muito melhor, mas não tenho certeza se algum dia chegarei ao estágio de abraços genuinamente completos.

— Então. — Ele bate a mão na mesa enquanto se senta. — O que estamos discutindo hoje?

— A equipe de aquisições quer entrar em contato com o FBI sobre os novos drones, — digo, — Eles acham que se beneficiariam com eles.

Ele dá um aceno de cabeça. — O que você acha?

— Realmente não importa o que eu penso, — eu digo. Já disse a ele que odeio trabalhar com o governo em qualquer função. Se eles estivessem fazendo uma merda legítima de vamos manter a paz com essa tecnologia, eu estaria bem, mas quem sabe para que diabos eles estão usando isso. Em vez de dizer tudo isso pela décima vez, digo: — Se o dinheiro for bom e eles assinarem um contrato longo, não podemos recusar. Especialmente porque outra empresa provavelmente está em nosso encalço para produzi-los também.

Ele concorda. — O que você disse à equipe?

— Para elaborar uma proposta e enviá-la para nós por e-mail.

— Bom.

— A ligação com o Texas correu bem, como sempre. Nada a relatar lá. Examinamos o novo chefe de segurança...

— Quais são seus pensamentos sobre ele? — Ele pergunta no meio do meu relatório.

— Ele é sensato. Parece um cara legal.

— Sua mãe acha que é ele “gostoso,” — diz ele, carrancudo.

É engraçado vindo dele, já que todas as senhoras mais velhas do escritório salivam por causa do papai. Algumas das mais jovens até o chamam de “papai Henry.” É muito estranho. Só sei disso porque minha secretária gosta de fofocar e mantém-me informado. Segundo ela, as mulheres mais jovens agora estão desejando-me, mas isso não

está acontecendo. Mesmo se eu não estivesse interessado em Lyla, eu nunca transaria com alguém com quem trabalho, em qualquer função.

— Acho que ele é bonito, — digo finalmente. — Como ela o viu?

— Ela chegou aqui quando ele estava saindo da sala ontem. — Ele olha para a porta como se a cena estivesse se repetindo. — Não importa. Ela tem permissão para achar outros homens atraentes. É que ele é jovem e eu estou ficando velho, você sabe. — Ele ri. — É engraçado, eu nunca me importei com coisas assim antes.

Eu concordo. Isso é compreensível, já que ele só desenvolveu um coração após o tratamento.

— Mais alguma coisa que precisamos discutir? — Ele pergunta.

— Liam ainda está trabalhando com TI para tentar impedir que alguns hackers roubem criptografia de algumas pessoas ricas que têm a Duke Tech a seu cargo, mas isso está em andamento e ainda não temos uma solução real.

— Mantenha-me informado, — diz ele. — E quanto à sua herança?

— Ainda acho que é besteira, — digo. — Eu deveria receber esse dinheiro sem compromisso.

Por um breve momento, penso em acrescentar que deveria conseguir isso sem compromisso por causa do pai de merda que ele tem sido, mas não acrescento. Estou realmente tentando livrar-me da minha raiva. Além disso, falar de dinheiro é inútil, já que é a única coisa que vemos dele todos os meses.

— Sabe, eu disse a mesma coisa ao meu pai, — diz ele rindo.

— E então você casou-se com minha mãe e só a viu quando era conveniente para você, — aponto.

Ele foi direto para a armadilha. Ele encolhe os ombros, mas não diz nada para defender-se. Eu tenho que dar-lhe algum crédito.

Quando ele me convenceu do acordo, ele convenientemente se esqueceu de revelar que eu só receberia minha herança, — que era o

triplo do que ganhava o melhor jogador da NHL, — se tivesse pelo menos 25 anos e fosse casado. No momento, apenas marquei uma dessas caixas. O que me incomoda é que ele já esteve na minha posição, então ele sabe o *quão* ridículo isso é. Quando mamãe foi morar com ele, ela nos confessou que o casamento deles foi por conveniência e eles simplesmente apaixonaram-se. Bem, ela apaixonou-se e ele lutou contra isso porque estava muito ocupado transformando os milhões que herdou de seu pai em bilhões. Ainda estou chateado por ela não ter nos contado anos atrás.

— Não entendo por que o casamento faz parte da equação. Os documentos indicam quando completei vinte e cinco anos. Aponto para a pilha de papéis em sua mesa, como se meu contrato de herança estivesse em algum lugar ali.

— Vinte e cinco anos *e* casado. Se você não cumprir essa parte do acordo, não receberá sua herança, — diz ele, — E é uma herança muito grande. Muito maior do que qualquer contrato de hóquei.

— Eu sei. Eu vi os números. Eu digo com os dentes cerrados.

— Basta casar com uma coelhinha, — diz ele. — Tenho certeza que elas estariam dispostas.

— Não vou me casar com uma *coelhinha*.

— Não importa quem seja, Lachlan.

Isso acontece comigo, mas não consigo explicar ao meu pai algo que eu mesmo mal entendo. Mesmo que seja por conveniência, não quero casar com uma mulher qualquer. Elas nem chegam perto. Antes de conhecê-la, as mulheres disputavam minha atenção, mas nunca a tiveram. Elas nunca entenderiam. Cheguei à conclusão de que Lyla James é o protótipo e não aceito imitações. E eu sei que o sentimento vai nos dois sentidos. Recuso-me a acreditar que o cara naquelas fotos signifique alguma coisa para ela. O que compartilhamos não pode ser duplicado.

Eu não digo nada disso em voz alta - nunca - porque sei o *quão* insano isso vai parecer. Eu me apaixonei completamente por ela. O

que sinto por ela agora não é amor. Não sei o que é, mas sei que não é saudável *pra* caralho. Também sei que ela é o único antídoto, então preciso que ela concorde com isso.

— Então o que você vai fazer? — Ele cruza as mãos sobre a mesa.
— Você quer começar a entrevistar pessoas para o cargo de esposa?

— Não preciso entrevistar pessoas. Eu já tenho uma.

Suas sobrancelhas levantam-se. — Você tem uma esposa?

— Ainda não, mas terei em breve. — *Eu só tenho que culpá-la por isso.* Eu limpo minha garganta. — Vou precisar do resto da semana de folga para resolver isso.

— Tire duas. Leve um computador com você e mantenha o telefone ligado, — diz ele. — Você tem alguma pergunta para mim hoje?

— Na verdade eu tenho. — Eu aproximo-me. — Com que rapidez podemos obter informações sobre alguém se tivermos apenas uma visão parcial do seu rosto para trabalhar?

CAPÍTULO 26

Delilah

Tive uma sensação estranha na boca do estômago o dia todo. É a mesma que tinha em casa quando pensei que *ele* estava observando, o que é preocupante, já que não me sinto assim desde que mudei-me para cá. Durante todo o trajeto da minha casa até a loja de smoothies de Marissa, senti como se estivesse sendo seguida. Enquanto caminho da loja dela até a Tackle, sinto como se estivesse sendo observada. Meu estômago revira e olho por cima do ombro duas vezes antes de correr para a porta da frente. Ao destravá-la, olho por cima do ombro novamente e, quando finalmente entro, fecho e tranco imediatamente. Vir aqui provavelmente não é a decisão mais sábia. Se ele estiver aqui, ou se alguma pessoa desequilibrada com intenção de matar estiver, eu praticamente assinei meu destino trancando a porta.

Um arrepio percorre meu corpo enquanto corro pelo corredor e vou em direção ao meu escritório. Respiro fundo e lembro-me que ele não pode encontrar-me. Ele não pode, mas o estrago está feito. Meu instinto nunca está errado e agora está dizendo que alguém está seguindo-me. *Ele não saberá que deve procurar aqui.* Digo isso a mim mesma repetidamente enquanto reflito sobre todas as coisas que fiz para garantir que nunca seria encontrada. O apartamento, a mudança de nome e a escolha de uma cidade que a maioria das pessoas nem pensaria em procurar.

As únicas pessoas com quem falo em casa são Prescott e Marissa. O resto de Fairview pensa que me mudei para outro lado do país. Ninguém realmente se importa. Meu pai me mandou uma mensagem na noite em que Lach foi atacado e perguntou se eu estava bem, o que eu absolutamente não estava, mas eu disse que sim mesmo assim e foi isso. A única defesa que ele poderia ter é que eu mudei meu número.

— Achei que você estava tirando uma semana de folga, — diz

Wade.

Eu grito alto e pulo um pé do chão, tremendo enquanto giro para ele. — Jesus Cristo, Wade.

— Você não ouviu as portas fecharem quando entrei? — Seus olhos se arregalam. — Ou meu canto alto?

— Não. — Respiro novamente para me acalmar. — E sim, vou tirar uma semana de folga.

— Então, você está aqui porque...?

— Passei aqui para pegar meu computador. — Continuo a caminhada até meu escritório.

Todos nós temos escritórios particulares, o que é muito legal e faz Wade “se sentir um verdadeiro adulto.” Acho que pagar as contas e chegar no trabalho na hora certa não é prova suficiente para ele. Ele normalmente joga pela Seleção de Futebol dos Estados Unidos, mas tirou folga este ano para recuperar-se de uma lesão no joelho e, durante esse período, está trabalhando aqui. Ele já estava treinando aqui fora da temporada, então parecia uma progressão natural. Ele voltará ao futebol profissional na próxima temporada. Pego a sacola que deixei ao lado da minha mesa e viro para a porta, onde Wade está parado, encostado no batente. Ele não se move como deveria quando estou bem na frente dele.

Eu já imaginei isso na minha cabeça. Eu não sou uma idiota. Eu sei que Wade gosta de mim. Eu também sei que não há nada que eu possa fazer para que eu goste dele também. É irritante porque não há absolutamente nada de errado com ele. Ele é legal, tem uma grande personalidade e é muito persistente. E com cabelo castanho que ele mantém cortado, olhos azuis escuros e aquele maldito corpo, ele definitivamente tem a aparência. Nossos colegas de trabalho estão sempre tentando nos unir, o que é irritante. Uma vez, fomos trancados juntos no maldito armário por alguém, e parecia 7 minutos no inferno. Tenho quase certeza de que todos aqui apostam nisso, já que “não tem como eu não apaixonar-me por ele.” Eu gostaria que eles estivessem certos. Até Marissa está torcendo para que isso aconteça. Ela diz que

preciso parar de comparar cada homem que conheço com Lachlan, o que é tão verdadeiro quanto impossível. Ele foi o único que foi capaz de tirar-me da escuridão e dar luz. E embora eu não viva mais na escuridão, tudo ao meu redor ainda está escuro. Além disso, não é como se eu conhecesse muitos homens. Conheço apenas aqueles com quem trabalho e não estou interessada em nenhum deles.

— Você vai mover ou preciso maltratar você? — Pergunto, olhando para Wade.

— Maltratar-me? — Ele levanta uma sobrancelha. — Soa tentador.

Reviro os olhos e dou um tapa em sua barriga dura. — Mova-se.

— Tudo bem, — ele bufa. Ele move e segue pelo prédio e sai pela porta até chegarmos ao estacionamento.

Paro de andar e viro-me para ele. — O que você está fazendo aqui, afinal?

— Eu estava deixando alguns papéis.

— Oh. — Olho para os carros no estacionamento. Existem apenas três e o dele é um deles. — Eu andei até aqui.

— Da casa de Marissa? — Ele pergunta.

— Sim. — Olho para o quarteirão, onde fica a loja dela, e sigo naquela direção. — Falo com você mais tarde.

Ele começa a andar ao meu lado.

— Seu carro não está estacionado ali?

— Sim. — Ele lança aquele sorriso torto que deixa todas as mulheres loucas.

— Entããã...? — Faço sinal entre nós e a calçada à frente, mas não paro de andar.

— Você estará no Medley esta noite? — Ele pergunta.

— De novo?

— O quê, você não pode sair dois fins de semana seguidos?

Mantenho meu rosto impassível e nem reviro os olhos ou respondo sua pergunta estúpida. A resposta é um sólido não. Mas não tem nada a ver com Medley. Eles têm ótimas comidas e bebidas, e esse tornou-se um dos nossos pontos de encontro. Também se tornou o ponto de encontro de todos os outros. Durante o verão, uma infinidade de famílias e jovens profissionais mudou-se para Rhodes, quase duplicando a população a uma velocidade recorde.

— Deixe-me adivinhar, — ele diz quando não respondo. — O Medley é muito turbulento para você.

— Não. Eu estou apenas... — Eu balanço minha cabeça.

— Chata? — Ele pergunta com um sorriso atrevido.

— Se eu sou *tão* chata, por que você quer tanto sair comigo? — Arqueio uma sobrancelha e olho para ele.

Ele revira os olhos. — Tudo bem, você não é chata.

— Eu vou, — eu digo, surpreendendo-me. Uma bebida com um amigo não faz mal, e não é como se eu tivesse muita coisa acontecendo.

— Legal. — Seu sorriso mostra sua covinha e agora reviro os olhos. Ele ignora isso. — Oito horas?

— Claro.

— Vou buscá-la às sete e quarenta e cinco, — diz ele.

— Espere. Você está pegando-me? Paro imediatamente e ele vira para começar a andar na direção de onde acabamos de vir.

— Sim, — ele diz do outro lado da calçada enquanto corre para trás, ainda sorrindo para mim. — É um encontro.

— Não é um encontro, — grito de volta. — Estou falando sério.

— Não consigo ouvir você.

Eu nem me incomodo. Eu apenas viro e continuo andando até chegar ao meu carro, que está estacionado em frente à loja de Marissa.

Eu o destranco, coloco minha bolsa dentro e o tranco novamente enquanto vou para sua loja de smoothies. Entro, sentindo-me incrivelmente irritada, o que é normal, mas hoje em dia, quando estou incrivelmente irritada, isso fica evidente. Eu odeio isso. Marissa olha por trás do balcão e arqueia uma sobrancelha quando percebe meu comportamento.

— O que diabos aconteceu com você? — Ela pergunta quando eu a alcanço.

— Wade convidou-me para ir ao Medley, disse que iria buscar-me e depois disse que era um encontro.

— Uau. — Suas sobrancelhas erguem-se. — Ele finalmente criou coragem.

Levanto as mãos e as aperto, como se isso fosse ajudar a pronunciar as palavras que quero dizer. — Eu não quero namorar. Eu não estou preparada.

— Você nunca estará pronta, Lyles. Encare isso, você vai ter que fingir até conseguir. Foi assim que meus pais começaram, e olhe para eles.

Massageio minha nuca, que está tensa por causa de tudo isso. — Eu não quero namorar Wade, e ir a um encontro vai levá-lo adiante.

— Já se passaram três anos! — Ela diz como se eu precisasse de um lembrete.

Eu olho para ela. — Eu sei exatamente quanto tempo faz.

— Você vai acabar virando uma daquelas senhoras dos gatos.

— Sou alérgico a gatos.

Ela lança um olhar divertido. — Seriamente?

— Eu realmente sou, e odeio que ser uma “senhora dos gatos” seja usado de forma negativa, quando na realidade, eles provavelmente são mais felizes do que a maioria das pessoas que têm parceiros.

— Tanto faz. Nada de gatos então. Saia comigo. Eu posso ser seu

apoio. — Ela sorri largamente. — *Ou* posso dizer a Pres para ligar para seu amigo gostoso do trabalho, e podemos sair com ele para que você possa conhecê-lo.

— Deus não. — Eu faço uma careta. — Eu odeio advogados.

— Você nunca esteve com um!

— E eu já os odeio. — Eu viro-me.

— Você gosta de Pres e ele é advogado, — ela aponta atrás de mim.

— Eu o conheci antes de ele se tornar advogado, — digo, enquanto abro a porta. — E quem disse que eu gosto dele?

Ela ri enquanto eu saio e entro no carro. Durante todo o trajeto para casa, fiquei pensando no que poderia vestir para gritar “isso não é um encontro.” Eu poderia usar uma roupa larga, mas não vou. Isso serviu ao seu propósito (por pouco) e já passei dessa fase da minha vida. Tomo banho, visto-me e fico na frente do espelho. A minha pele mantém a sua tez dourada por estar ao sol todos os dias, e cortei meu cabelo mais curto para que fique sobre meus ombros quando decido fazer ondas de praia com ele, o que fiz esta noite. Minha maquiagem parece boa, natural e não parece um encontro (espero), e meu corpo fica ótimo no vestido curto de verão que Marissa deu de aniversário no ano passado. Termino de aplicar brilho labial, calço sandálias bege fofas, mas confortáveis, e dou um passo para trás. Ok, então talvez pareça que estou indo para um encontro. Porra, tanto faz. Terei que lembrá-lo a noite toda, se for necessário.

CAPÍTULO 27

Delilah

Minha pele está arrepiada novamente com a sensação de estar sendo observada, quando Wade roça a mão na minha enquanto estamos no bar lotado. Dou um pulo e começo a olhar em volta novamente, pressionando as costas contra o bar. Não vejo ninguém que pareça suspeito, mas o sentimento permanece. Você pode ignorar os sinos de alerta em sua cabeça. Você pode até ignorar seu coração traiçoeiro. Mas você nunca pode ignorar seu instinto. Eu aprendi isso da pior maneira.

— Quem é que você está procurando? — Wade pergunta.

— Ninguém. Apenas olhando por aí. Há tantos rostos novos.

— Eu sei, não é? — Ele vira-se de lado e apoia o ombro no balcão. Agora ele está bem perto, quase abraçando-me. — Eles mandaram uma mensagem dizendo que somos o número vinte na fila por uma mesa, o que significa bem mais de uma hora.

Tomo outro gole do meu old fashioned. Nos finais de semana, as mesas tornaram-se um bem de consumo a menos que você reserve com antecedência. Já comemos aperitivos e dois drinks enquanto estávamos no bar, então não precisamos de uma mesa. A única razão pela qual eu queria uma era para que pudéssemos sentar um de frente para o outro. Ficar no bar dá a Wade a oportunidade de fazer coisas como encarar completamente e colocar a mão sobre o balcão ao meu redor, então parece que estamos em um encontro. Porra. Já disse a ele duas vezes que não é um encontro, então vou aproveitar o resto da minha bebida e dizer de novo se ele tentar fazer alguma coisa. Eu suspiro e olho em volta mais uma vez. Olho para cima e vejo que eles estão passando um jogo de hóquei universitário na televisão e peço outra bebida ao barman. Wade tem mais duas bebidas antes de eu

dizer a ele que quero ir para casa.

A sensação incômoda em meu estômago ainda está lá quando saímos, mesmo depois de tentar afogá-la em uísque. De repente, o cheiro de cigarro atinge-me e começo a entrar em pânico. Meu coração está na garganta quando olho em volta. Vejo uma garota parada perto da porta, olhando para o telefone com um cigarro na mão. Oh meu Deus. Respiro fundo e expiro. Ele não está aqui. Ele não pode estar.

— Temos que caminhar, — digo quando Wade começa a se dirigir para onde seu carro está estacionado.

— Você acha?

Eu olho para ele. — Eu *sei* disso.

— Tudo bem. — Ele começa a tentar fazer a coisa de andar em linha reta e falha miseravelmente.

— Você teria sido preso por isso.

— Talvez. — Ele olha para mim. — A menos que seja uma policial e eu mostre minha covinha para ela.

— Sim, tenho certeza que ela estaria disposta a colocar seu distintivo em risco para um encontro com você.

Ele ri. — Muitas mulheres fariam isso.

— Sim, eu as vejo em campo o tempo todo, — digo.

Olho por cima do ombro novamente, aquela sensação envolvendo meu estômago, dizendo-me que alguém está observando. Não tenho nenhuma ligação com este lugar. Ele não poderia ter me encontrado. Um calafrio percorre minha espinha, do mesmo jeito.

— Eu não entendo por que você não é uma delas. Por que você não pode namorar comigo? Ele pergunta, tirando-me da minha paranoia.

— Eu simplesmente não posso, — eu digo, olhando por cima do ombro.

— Você está com frio?

— Sim. — Não é uma mentira *completa*. O pensamento dele *me* alcançando faz meu sangue gelar.

Wade passa um braço em volta do meu ombro. Eu endureço, mas deixo isso aí. Não é como se ele estivesse segurando-me contra seu lado ou algo assim. Prescott anda assim comigo o tempo todo e isso não significa nada.

— Não é um encontro, — eu digo, lembrando-o novamente.

— É o que você disse, — ele diz. — Poderia ser.

— Não é. — Eu liberto-me de seu braço.

Ele bufa. — É por causa daquele cara?

— Não há cara.

— O cara do hóquei, — ele diz e cita no ar, “Lachlan Duke.”

— Ele não é um personagem fictício, você sabe. As aspas aéreas são desnecessárias.

— Por que você não pode simplesmente esquecê-lo? Além disso, já fizemos sexo, lembra? Ele pergunta um pouco alto demais e vira-se para mim quando paramos na faixa de pedestres.

— Sim. — Resisto à vontade de me virar para a frente.

Por que, por que, por que eu fiz isso? O que no mundo me possuiu para ficar com ele? Ah, sim, álcool, tédio e solidão. Uma perigosa ameaça tripla. Aconteceu uma vez. UMA VEZ e o cara toca no assunto o tempo todo.

— Podemos fazer isso de novo. — Ele estende a mão e desliza o indicador pelos meus braços cruzados.

— Não podemos.

— Ficaríamos bem juntos e você sabe disso. — Ele levanta a mão e roça os dedos na minha bochecha. — Você sente isso, não é?

— Eu não sinto. — Abaixo os braços e viro-me para começar a

atravessar a rua.

Eu deveria sentir mal por isso, mas não me sinto. Devo me desculpar por não sentir o mesmo? Minha mãe diria que eu deveria. Isso incomoda, mas quando abro a boca, as palavras não saem. Hoje em dia, permito-me pensar nela com frequência e pergunto se ela aprovaria ou não certas coisas. Não que eu realmente soubesse como ela me trataria, agora que sou adulta, mas faço o melhor que posso com o que ela me deu enquanto estava viva.

— Será que você realmente não sente nada ou não quer sentir nada? — Ele pergunta, parando no final do meu prédio.

— Eu realmente não sinto nada, — digo, olhando para o chão e de volta para ele.

— Como você pode não sentir nada? — Ele pergunta. — Isso não faz sentido.

Olho para o céu e peço ajuda antes de olhar para ele novamente. — Não sei como explicar. Eu só... não sinto nada. Desculpe.

— Nada? — Ele pergunta novamente, claramente em descrença.

— Nada.

— OK. — Ele passa a mão pelo cabelo. — E se nos beijarmos?

— O que? — Meus olhos arregalam-se. Dou um passo para trás e bato na parede de tijolos atrás de mim.

— Um beijo, — ele repete. — Nós nunca nos beijamos quando ficamos.

— Oh. — Eu faço-me de boba por causa do beijo, enquanto olho para cima e para baixo no quarteirão para ter certeza de que não estamos sendo seguidos.

Meu estômago está *tão* contraído que eu deveria simplesmente dizer a ele para me acompanhar até meu apartamento. Só sei que ele está observando. Eu sei disso. Minhas mãos começam a tremer, mas continuo olhando.

— Delilah, — diz Wade.

Eu pisco. — Sim?

— Um beijo.

— Eu não beijo. — Eu fico olhando para ele quando digo isso e espero que meu rosto inexpressivo já o faça desistir.

Além disso, é a verdade. Não quero beijar mais ninguém. Nunca. *Deus, eu sou patética. Eu sou tão patética.* Talvez Marissa esteja certa e eu devesse dar uma chance a esse cara, mesmo que seja apenas para tirar minha mente de Lach por um momento. Eu sei o que vai acontecer, no entanto. Vou comparar tudo o que ele faz com a lembrança de como Lachlan fez as coisas, e então terei que terminar com ele. Ou ele terminará comigo quando perceber que nunca corresponderá às minhas expectativas. Faço uma pausa nisso. Meus próprios pensamentos parecem ridículos. É oficial, enlouqueci. Eu concentro-me em Wade novamente. Ele é fofo. Sexy, até. Isso é *tão* frustrante. Por que ele não faz nada por mim?

— Realmente? — Ele pergunta incrédulo. — Bem, agora temos que fazer isso. Um beijo. Apenas um.

— Tudo bem, mas só faremos isso uma vez.

— A menos que você goste, — ele diz.

Reviro os olhos.

— É um beijo, Delilah, não a porra das Olimpíadas. — Ele ri, balançando a cabeça.

Meus lábios se contraem e eu balanço a cabeça também. Estou sendo ridícula. Não é como se fosse sexo, mas de alguma forma isso parece mais íntimo. Ainda assim, estou fazendo isso. Wade olha para mim por um momento, seus olhos procurando os meus enquanto dá um passo à frente.

Ele dá mais um passo e posso sentir o cheiro do uísque que ele bebeu mais cedo. Fecho os olhos e inclino levemente a cabeça.

— Coloque seus lábios nela e eu farei você engolir a porra dos seus dentes. — A voz é *tão* inesperada, *tão* baixa e crua, que cada

célula do meu corpo entra em alerta máximo.

Tantas coisas acontecem ao mesmo tempo: eu estremeço, meus olhos se abrem, meu coração bate forte, depois afunda no estômago e paro de respirar. Praticamente pulo para longe de Wade, que também dá um passo para trás, já que não tem ideia do que está acontecendo. Ainda não estou respirando quando viro na direção de onde veio a voz e me encontro olhando para um par de olhos verdes. Coloco a mão na parede de tijolos para me firmar, enquanto minhas pernas começam a tremer e minha cabeça começa a ficar leve. Acho que estou desmaiando. Faço algum tipo de barulho – meio suspiro, meio grito – enquanto o observo. Lachlan James Duke está aqui. *Aqui*. E ele está olhando para mim como se quisesse me matar.

CAPÍTULO 28

Delilah

— Quem diabos é você? — Wade olha para ele e aproxima-se de mim como se quisesse me proteger.

Eu levanto meu braço para manter alguma distância entre mim e Wade, porque parece que Lach vai quebrar o pescoço dele. Parece que ele pode quebrar o meu. Observo seu traje todo preto e sua aparência geral. Seu rosto, ainda *tão* bonito e esculpido, tem barba por fazer, como se ele não se barbeasse há alguns dias, e isso de alguma forma o deixa ainda mais sexy. Sua mandíbula está tensa enquanto seu olhar furioso queima em mim. De repente, percebo que foi sobre ele que meu instinto me avisou, e entendo. O homem que está na minha frente precisa ser anunciado por sinos e trombetas. Eu juro, mesmo chateado, ele está mais gostoso do que costumava ser. Não consigo formar palavras. Não consigo falar, não consigo pensar.

— Cara, sério, o que você quer? — Wade pergunta depois de alguns segundos.

A mandíbula de Lachlan fica tensa. — Você tem algo que me pertence e eu preciso dele de volta.

Algo que me pertence. Oh meu Deus eu vou morrer porra.

— Que merda... — Wade começa.

Os olhos de Lachlan estão *tão* escuros agora que quase parecem pretos. Ele não deixa Wade falar mais nada, ou talvez deixe. Eu não sei e isso não importa. Ele avança, passa um braço em volta de mim, levanta-me do chão e bate sua boca na minha. Eu choramingo. É um beijo selvagem. Um beijo furioso. Um que eu sei que deixará marcas em mais do que apenas meus lábios. Eu instintivamente envolvo meus braços em volta dele e aprofundo o beijo. Ele rosna em minha boca,

um som retumbante que faz pingue-pongue dentro do meu corpo. O mundo evapora. Ele não me saboreia, ele devora-me. Ele beija como se estivesse compensando cada minuto e cada dia que estivemos separados, como se estivesse punindo-me por isso. No fundo, sei que nossas línguas precisam parar de brigar e que precisamos nos separar, mas não quero que isso aconteça e posso dizer que ele também não. Sinto sua relutância quando ele se afasta. Um som de protesto formase no fundo da minha garganta. Ainda estamos abraçados, ambos ofegantes, examinando os olhos um do outro, tentando ter certeza de que não somos miragens. Em seus olhos, vejo calor, saudade e raiva. Tanta raiva. Isso causa um arrepio na minha espinha. Já o vi zangado antes, claro, mas nunca comigo. Por minha causa, claro, mas não dirigido a mim. Eu sei que mereço tudo isso, mas não dói menos.

— Você disse que não beija, — diz Wade. Ele definitivamente ainda está um pouco embriagado. — Puta merda. Você é o cara.

— Sim. — Lach não tira o olhar de mim. — Eu sou o cara.

Fechei os olhos por um momento. Quando os abro, começo a virar o rosto para Wade para dizer alguma coisa, mas Lachlan levanta a mão e agarra meu queixo com força para manter meus olhos nos dele. É nesse momento que percebo que ele está agarrando-me como uma cobra faria com sua presa. Não sei dizer se ele está segurando-me porque sentiu minha falta ou se está mantendo-me como refém para o caso de eu desaparecer novamente. Quando ele solta meu rosto, fico olhando para ele por mais um momento antes de tentar olhar para Wade novamente. Lach agarra meu queixo novamente, movendo meu rosto para a posição em que estava.

— Não se atreva, — ele ferve baixinho.

— Lach, — eu respiro.

— Não olhe para ele, porra. — Seu aperto nas minhas costas fica mais forte.

— Eu tenho que livrar dele, — eu sussurro. Eu realmente não quero que Lachlan dê uma surra em Wade e sei que ele o fará. Eu já vi esse visual. — Eu tenho que dizer adeus, no entanto. — Ele não se

mexe. — Lachlan, por favor.

— Faça isso rápido. — Ele faz um som de descontentamento, mas abaixa-me até meus pés tocarem o chão e solta-me.

Ele dá meio passo para trás e cruza os braços. Por um momento, apenas fico olhando para ele. Mal consigo processar o que está acontecendo. Num minuto, estou pensando em Lach do jeito que faço todos os malditos dias, e no próximo, ele está aqui e seus lábios estão nos meus. Não sei o que devo dizer a Wade, mas preciso dizer *alguma coisa*. Meus joelhos ainda estão trêmulos, mas consigo enfrentá-lo. Pelo menos ele parece menos bêbado.

— Obrigada pelo jantar e pelas bebidas, — digo, respirando fundo. — EU... desculpe.

— Delilah. — Ele pisca com força, lança um olhar para Lach e concentra-se em mim novamente. — Vamos.

Ele diz isso no mesmo tom que você usa quando o árbitro faz uma decisão com a qual você não concorda.

— Você está acabando com nosso encontro por causa dele? — Ele pergunta incrédulo. Sim, ele definitivamente ainda está um pouco bêbado.

Eu juro que Lach rosna.

— Eu disse várias vezes que isso não era um encontro, — digo. — Obrigada pelo jantar e pelas bebidas e por acompanhar até em casa.

Ele apenas olha. Por que ele não pode simplesmente ir embora? Ele não entende que estou tentando ajudá-lo? Wade é cerca de sete centímetros mais baixo e tem pelo menos dez quilos de músculos a menos que Lach. Mesmo que não estivesse, mesmo que suas estruturas fossem invertidas, a raiva de Lach conta como dois homens. Não há como Wade sair daqui intacto.

— Você vai ficar bem? — Ele pergunta, franzindo a testa.

— Ela vai ficar mais do que bem. Você precisa de outra demonstração? Lachlan avança, mas para ao meu lado quando estendo

o braço. — Devo transar com ela contra a parede? É isso que você precisa entender?

— Lachlan! — Eu lanço-lhe um olhar furioso, o calor subindo pelas minhas bochechas.

Ele sorri. Não é legal, mas ainda faz meu coração pular.

Wade ri incrédulo. — *Esse é o cara por quem você está deprimida?*

Ele provavelmente está se perguntando se, mais uma vez, eu provei que os meninos maus sempre ficam com a garota, mas não é isso. Como diabos posso explicar que Lach nem sempre é assim? Como posso explicar que sim, ele é possessivo quando se trata de mim, mas também é divertido e atencioso? Não há como ele acreditar quando Lachlan estiver agindo como um maldito lunático.

— É realmente complicado, — eu digo. — Ligo para você amanhã e explico. Podemos nos encontrar para o café da manhã se você quiser e eu explico lá.

Lach zomba. Eu o ignoro.

— Café da manhã, — diz Wade, olhando para Lachlan quando ele diz: — No *nosso* lugar.

Jesus Cristo em uma manjedoura. *Por que os homens são assim?* A risada profunda e sem graça de Lach me faz estremecer, mesmo sabendo que é outra indicação de que isso pode piorar rapidamente.

— Vejo você amanhã, — confirmo.

— Ok, é isso. Vamos. — Lach agarra meu braço e começa a andar. — *Agora*, Lyla.

Sussurro outro pedido de desculpas para Wade e viro-me para acompanhar o ritmo de Lachlan, o que é impossível já que suas pernas são muito mais longas que as minhas. Seu domínio sobre mim é forte. Não apertado o suficiente para deixar marcas, apenas apertado o suficiente para me fazer sentir como se ele estivesse maltratando-me como se eu fosse uma boneca de pano.

— Delilah, — Wade grita quando estamos quase na porta. — Se você não ligar ou aparecer, vou chamar a polícia.

— EU... — Começo, mas Lachlan puxa-me para dentro antes que eu possa responder. Arranco meu braço de seu alcance. — Que porra é essa, Lachlan?

— Vá. — Ele acena para o elevador, com a mandíbula cerrada.

O choque inicial de vê-lo passou. Passei da descrença e da euforia à raiva pura. Aperto o botão com o punho três vezes, como se a culpa fosse do que estava acontecendo. Lá dentro, fico com os braços cruzados e olho para frente enquanto ele está atrás de mim. Talvez quando chegarmos ao décimo quarto andar já teremos tempo suficiente para nos refrescar. Altamente improvável. Provavelmente precisaremos de mais três anos para que isso aconteça. É um pensamento assustador. Um triste. Vivi sem ele durante três anos e, claro, consegui viver a minha vida muito melhor do que alguma vez vivi em Fairview, mas o buraco no meu coração permanece vazio. Tenho certeza de que, sem a faculdade de medicina consumindo-me, eu não teria sobrevivido por mais três anos sem ceder e discar o número dele. Saio do elevador e praticamente bato na minha porta, destrancando e abrindo. Deixo-a ir e deixo que o destino decida se isso irá ou não bater na cara dele. Lachlan percebe.

Eu giro e fico de frente para ele. — Que porra é essa?

— Que porra é essa, De-li-lah? — Ele ferve, aproximando-se.

— Você não pode simplesmente invadir minha vida do nada, ficar comigo na frente do meu amigo e maltratar-me. — Cruzo os braços e cerro os dentes. — Como você encontrou-me?

— Amigo? — Ele pergunta em voz alta, depois diz novamente mais alto: — *Amigo?* Você beija todos os seus amigos, De-li-lah? Ele olha para baixo, examinando meu corpo com olhos aquecidos. — Você se veste assim para seus *amigos*?

— Você está tentando envergonhar-me? É isso que é isso? Porque se você pensar por um segundo que vou acreditar que você não

fodeu...

— Não fui eu quem saiu! — Ele ruge.

Quando sinto meus olhos arderem, viro-me e fico de frente para a meia janela da sala. Eu engulo em seco. Não foi assim que imaginei que as coisas aconteceriam quando nos encontrássemos novamente. Eu definitivamente não achei que ele iria pegar meu coração e pisoteá-lo de propósito. Ele está certo sobre ter sido eu quem partiu. Ele está certo em ficar com raiva e gritar comigo. Ele tem razão em exigir respostas às perguntas que ficaram por aí, mas isso não torna mais fácil ouvi-lo praticamente confirmar que dormiu com outras mulheres. Eu sei que isso me torna uma hipócrita, já que fiquei com Wade aquela vez, mas não consigo evitar. Na minha mente – no meu coração – Lachlan pertence a mim. Ele disse a Wade que eu pertencia a ele. Por enquanto, vou manter esse pequeno vislumbre de esperança. Eu viro e volto para o centro da sala.

— Como você me achou?

— Porque você saiu? — Ele retruca. — Por que você mudou a porra da sua identidade?

Sua raiva é *tão* palpável que a sinto profundamente. Eu ia contar tudo a ele naquela noite e veja o que aconteceu. Há três anos venho dizendo a mim mesma que, quando nos víssemos novamente, contaria tudo a ele em detalhes. Eu não era forte o suficiente para me aprofundar nos detalhes naquela época. Agora sou, mas não tenho dúvidas de que o homem à minha frente me deixaria aqui e iria para Fairview agora mesmo para matar o responsável por tudo isso. Eu deixaria, se isso não significasse que ele iria para a cadeia pelo resto da vida.

— Eu saí porque era um perigo para você. — Eu engulo. Porra. Não quero chorar, mas as lágrimas turvam minha visão de qualquer maneira. Eu desvio o olhar. — Eu deveria ter saído antes. Eu não deveria ter deixado você entrar.

— Ah, mas você pode deixar *aquele* perdedor entrar? — Ele zomba.

— Ele não é um perdedor. — Meus olhos voltam-se para os dele enquanto descruzo os braços. — Não seja mau por ciúme. E quem diabos disse que eu o deixei entrar? Eu nunca o beijei. Era disso que se tratava. Ele queria que eu o beijasse e eu não pude. Não posso fazer nada por sua causa.

Ele passa as duas mãos pelos cabelos e rosna enquanto começa a andar. Ele parece um animal selvagem que acabou de escapar do cativeiro. Seu andar para por um momento e ele olha para mim, com olhos duros e irritados. O ritmo recomeça e eu fico ali parada, olhando e perguntando se ele está completamente perturbado.

CAPÍTULO 29

Lachlan

Por que pensei que poderia fazer isso? Eu deveria ter enviado alguém para sequestrá-la e trazê-la para mim. Observei-a o dia todo, só para ter uma ideia de sua vida aqui, mas quanto mais eu via, mais chateado ficava. Ela está vivendo sua vida. Na verdade, vivendo isso. Ela não anda por aí com um sorriso no rosto, mas eu a conheço e posso dizer que ela está satisfeita aqui, o que é mais do que estava em Fairview. Isso deveria me deixar feliz. Em vez disso, isso alimenta a minha raiva porque ela está aqui sem mim, vivendo a vida *que eu* queria dar a ela. Isso eu queria *compartilhar* com ela. Todos esses pensamentos passaram pela minha mente antes de pegá-la com aquele perdedor. Eu os observei juntos a noite inteira. Eu deveria ganhar uma maldita medalha por controlar minha raiva por tanto tempo. Merda, por reprimi-la - ponto final. Ainda quero machucá-lo pelo jeito que ele estava olhando para ela, pelo jeito que ele a tocava, pelo jeito que ele quase a beijou. Ele teve sorte de eu não ter cumprido minha promessa e quebrado seus dentes.

— Faça uma mala, — digo, mais calmo do que me sinto. — Partimos amanhã.

— O que? Partir para onde? Seus olhos arregalam-se. — Eu não posso simplesmente ir embora.

Meu corpo começa a esquentar novamente. — Por que? Por causa dele?

— Não! Você ao menos se ouve agora? Ela grita. — Você me abordou na frente dele e ele ficou ali parado. Por que ele faria isso se estivéssemos juntos? Pense nisso.

— Porque ele é um maricas.

Isso rendeu uma risada leve e um toque de sorriso que ela tentou esconder virando a cabeça, mas eu vi. Eu ouvi isso. O som faz as correntes em volta do meu coração chacoalharem. Ver o jeito que ela continua apertando os lábios para não rir faz minha boca se contorcer, como se finalmente fosse formar um sorriso depois de todos esses anos, mas contenho. Desta vez, será ela quem trabalhará pelos meus sorrisos.

— Faça uma mala, — digo novamente.

Ela pisca. — Não posso simplesmente ir embora porque você exige.

— Não? — Eu diminuo a distância entre nós. — Acho que você deve isso a mim.

— Eu *devo* a você ir embora com você?

— Você deve muitas coisas.

Ela olha para mim, fixando seus estonteantes olhos castanhos nos meus. Eles caem em meus lábios momentaneamente, e sei que ela os está imaginando nos dela novamente. Quero tanto beijá-la que dói, mas não vou. Eu não deveria ter feito isso em primeiro lugar, mas quando a vi fechar os olhos e aquele idiota dar um passo à frente, senti como se estivesse sendo sugado para o chão. E o vestido dela? Meu Deus, essa porra de vestido. Eu quero queimá-lo depois que as imagens dele passaram pela minha cabeça deslizando a mão por baixo enquanto a beijava. Felizmente, nada disso realmente aconteceu, mas isso não me deixa menos chateado com a possibilidade. Beijá-la não fazia parte do plano, mas bastou para eu confirmar o que sempre soube: ela foi feita para mim. Para *mim*. Ninguém mais.

— Eu tenho trabalho, — ela diz calmamente.

— Eu pago você.

— O que? — Sua voz falha. — Você vai pagar pelo que exatamente?

— Para você sair comigo.

Ela encara por um longo momento e finalmente ri levemente. — E então o que? Qual é o seu plano depois que eu fizer as malas e partir com você?

— Você vai se casar comigo.

— O que? — Ela grita, dando um passo para trás com um olhar horrorizado que alimenta ainda mais minha raiva. — Eu *não* vou me casar.

— Ah, mas você vai. — Cruzo os braços e sorrio. — Está tudo bem, no entanto. Você não terá muita papelada para preencher, pois já tem meu sobrenome, De-li-lah Duke.

Seu queixo cai. O choque fica lindo nela. Ela vira as costas para mim. Aproveito e dou uma olhada enquanto ela processa isso. Minha memória não fazia justiça à realidade dela. Por um tempo, tentei convencer de que era apenas uma aventura de faculdade e que a única razão pela qual ela intrigava-me era que ela era diferente das demais. Tentei enganar fazendo-me acreditar que, quando a visse novamente, não sentiria o que senti naquela época, e estava certo. Eu sinto mais. Como diabos isso é possível? Como eu poderia sentir mais do que naquela época, quando ela consumia todos os meus pensamentos? Respiro e expiro lentamente. Preciso que ela concorde com isso.

— Você. Deve. Me, Lyla James. — Faço uma pausa para causar efeito. — Ou você prefere Delilah *Duke*?

— Por que eu preciso casar-me com você? — Ela gira de volta. — Para onde você vai levar-me?

— Chicago, então faremos uma parada em Fairview. Depois disso, posso trazer você de volta aqui, se quiser.

Ela tira os olhos dos meus. Observo enquanto ela processa essa notícia. Seu rosto está mais expressivo, como se as paredes que ela sempre ergueu estivessem desmoronando aos poucos. (Isso também me irrita.) Depois de um momento, ela suspira. Espero ela falar. Ela não fala. Ela envolve os braços em volta de si mesma como se fosse a única coisa que a mantinha unida. O olhar de derrota deixa um gosto

amargo na minha boca, mas não vim aqui para facilitar as coisas para ela.

— Você receberá um milhão de dólares se continuarmos casados por um ano, dois milhões se forem dois, — digo.

Seu olhar fixa-se no meu. — Por que?

— Preciso casar para receber minha herança.

— Oh. — Suas sobrancelhas contraem-se, mas a expressão desaparece rapidamente. Ela balança a cabeça. — Eu não posso fazer isso.

Eu fico boquiaberto com ela. *Quem diabos recusa esse tipo de dinheiro?* Eu sei que ela não tocou em um centavo da conta bancária que abriu antes de fugir. Ela transferiu algumas coisas para a nova, então ainda está ganhando dinheiro com os produtos da faculdade vendidos com o nome dela, mas isso está diminuindo para nós dois. Eu até entrei nos aplicativos dela, e é por isso que sei que Prescott a estava ajudando há algum tempo. Ela pagou-lhe, porém, e este apartamento está alugado. O único encargo financeiro que ela tem são os empréstimos estudantis e o carro, mas com aluguel, alimentação e outras despesas, tenho certeza de que isso aumenta rapidamente. Ela deixou de ter tudo o que queria e passou a comprar apenas o que precisa. Ela é bem paga no centro esportivo, mas isso nunca chegará perto de um milhão de dólares. Para ela, isto não deve ser nada fácil.

— Você me deve, — repito.

— Você continua dizendo isso, e eu entendo por que você está chateado. Você se machucou gravemente e acabou no hospital por minha causa e isso me mata. — Ela engole em seco. — Você não tem ideia do quanto isso me mata. Mas você ainda se tornou profissional e viveu a vida que queria.

— A vida que eu queria? — Uma risada áspera flui dos meus lábios.

— Você jogou profissionalmente e arrasou, — ela diz, estudando-me atentamente. — É por isso que não entendo por que você se

aposentaria depois de três anos.

— Então você tem me acompanhado.

— Não, não tenho, — ela diz baixinho, como se estivesse com dor. — Mas as pessoas me contam coisas de qualquer maneira.

Certo. *Pessoas*. Prescott e Marissa. Estou *tão* irritado com aqueles dois, mas lidarei com a lealdade eterna deles para com ela mais tarde.

— Você tem muitos empréstimos estudantis, — eu digo.

— Oh meu Deus. — Seus olhos arregalam-se. — Você sabia onde eu estava esse tempo todo?

Passo os dedos pelos cabelos e respiro. — Você realmente acha que se eu soubesse onde você estava, eu demoraria tanto para chegar até você?

Ela examina meu rosto por um longo momento. O problema é que nós dois sabemos que ela vai fazer isso. Se a situação se invertesse e eu me sentisse *tão* culpado quanto sei que ela se sente, eu já teria concordado com isso. Mesmo que seja apenas para tentar compensar um pouco de sua dor. Ela franze a testa ligeiramente e acho que finalmente a tenho.

— Não posso simplesmente ir embora, — ela diz baixinho e fecha os olhos. — As pessoas precisam de mim aqui.

Eu olho para ela. *AS PESSOAS PRECISAM DE VOCÊ AQUI? Eu precisei de você. Eu ainda preciso de você, porra.* Eu me odeio por pensar isso, e ainda mais por querer gritar a plenos pulmões. Não que eu fosse dar essa satisfação. Eu adiciono isso à lista de coisas que me irritam. É uma lista longa, porra.

— Uma semana, — eu digo. — Por enquanto.

— Por que eu? — Ela sussurra, examinando meu rosto atentamente.

— Você tem ideia de quanto perdi por causa do ataque? — Eu pergunto. — Eu desisti do draft. Não recebi o dinheiro que me foi prometido. Os times em que eu queria jogar, que se interessaram por

mim, desistiram. E aí você...

E então você deixou-me sozinho, para pegar os malditos pedaços do coração que você quebrou porque eu fui estúpido o suficiente para apaixonar-me por você. Não digo isso, obviamente, e não acho que seja necessário. A tristeza brilha em seus olhos do mesmo jeito. Desaparece rapidamente, substituída por uma expressão séria enquanto ela parece refletir sobre o assunto. Uma pequena carranca forma-se em seu rosto enquanto ela abre e fecha a boca algumas vezes. Só sei que tudo o que ela vai dizer vai machucá-la ou me machucar. Eu espero.

— Você não pode se casar com outra pessoa? — Ela pergunta, finalmente, sua voz é um sussurro trêmulo.

Ela nem sequer olha-me nos olhos enquanto diz isso. Ela não pode. Eu sei que ela não pode. Paro um momento para me deleitar com o *quão* difícil foi para ela dizer essas palavras.

— Não, — eu digo claramente.

— Lach. — Seus ombros caem. — Não posso voltar para Fairview.

É a isso que tudo se resume, e foi exatamente por isso que concordei em participar do almoço esportivo. Não tenho dúvidas de que ela já teria me dado o nome do agressor se eu não tivesse mencionado Fairview logo de cara. Eu poderia extrair isso dela. Tirar dela, porra. Eu sei que ela me deixaria. A questão é que não quero mais apenas um nome. Fiquei sentado sabendo o que ele fez com ela, comigo, por muito tempo. Aprendi a exercitar a paciência. Bem, isso pode ser um exagero, mas me tornei bom em exercitar a paciência. Porra, ok, eu melhorei *nisso*.

Depois que me recuperei, não fiquei atormentado pelos meus ferimentos ou como eles aconteceram, fiquei atormentado por saber o que ele fez com ela. Ela só tocou a superfície naquela época. Desta vez, quero que ela me conte, detalhadamente, o que ele fez. Não quero um nome, ainda não. Com toda a raiva reprimida que tenho, vou estragar meu próprio plano antes que ele se concretize, e não esperei tanto tempo só para estragar tudo em uma tentativa precipitada de vingar-me. Não. Desta vez, vou tratar dos detalhes até chegarmos a

Fairview e então exigirei um nome. Ela pode não me dar, mas estou pronto. Já contratei alguém para nos seguir enquanto estivermos lá sem se dar a conhecer. Quero que cada movimento que ela faça seja documentado. Quando a pessoa se expor, eu estarei lá para golpeá-lo, como ele fez comigo. Pior do que fez comigo, e não vou pegá-lo desprevenido com um golpe baixo. Vou olhar nos olhos dele enquanto faço isso, porque não sou um maldito covarde. Ele pode ter sido esperto antes, escondido nas sombras, mas agora conheço o jogo dele. Ele tentou me eliminar porque me via como uma ameaça. Ele acha que é a dona dela e vai assustá-la e fazê-la se submeter novamente. Ela pode até pensar que é uma ameaça maligna, mas não têm ideia do tipo de monstro que criaram.

— Você *vai* voltar comigo, — eu digo, com veneno suficiente na minha voz para fazer seus olhos se estreitarem.

Eu também gosto disso. Este é um lado dela que muitas pessoas não conseguem ver. Ela pode ter substituído sua carranca por um sorriso educado. Mas, no fundo, Lyla James é uma pequena mistura raivosa preparada por uma bruxa em um caldeirão que está esperando para tombar.

— Eu vou odiar você por isso, — diz ela, com os olhos ainda estreitados.

Eu dou de ombros. — Eu realmente não me importo.

Isso cala a boca dela. Ela está observando de perto agora. Ela não esperava isso. Como ela poderia? O homem por quem ela apaixonou-se já teria se jogado aos pés dela, implorando para que ela voltasse para ele, mas não sou mais esse homem. Eu não imploro. Eu exijo. E é isso que estou exigindo dela. Se ela quer fazer isso da maneira mais fácil ou mais difícil, depende dela. De qualquer forma, ela está fazendo isso, mas vou jogar o joguinho dela um pouco mais e ver se ela decide vir de boa vontade.

— OK. Eu farei isso, — diz ela. — Um milhão de dólares.

— Dois por um ano, — eu digo.

— Eu nem sei se conseguirei passar esta semana, — ela murmura.

Meus punhos cerram ao meu lado. Eu sei que esse comentário não tem nada a ver comigo. Ela ficou em êxtase quando viu-me. Chocada, mas em êxtase. E o jeito que ela me beijou? Não tem como ela ainda não me querer. Isto é sobre Fairview. Eu sei que, a menos que eu conte a ela todo o meu plano, não serei capaz de convencê-la de que nenhum mal acontecerá a nenhum de nós, mas não posso revelar isso ainda.

— Preciso de alguns dias, — diz ela depois de um momento.

— Eu vou te dar um.

— Você vai dar dois se quiser que eu continue com isso. — Ela olha com um de seus olhares sérios e, porra, isso ainda faz coisas comigo.

— Por que dois?

— Eu preciso treinar amanhã. — Ela olha para baixo enquanto diz isso, e posso dizer que isso significa muito para ela. — Não posso perder. Eles vão... — Ela respira fundo. — Eles são jovens. Eles ficarão desapontados.

Eu poderia tirar isso dela. Eu poderia forçá-la a ir embora de qualquer maneira, amarrá-la, colocar uma meia em sua boca e dirigir, mas não vou. Quero ver quem ela é e o que faz aqui. Talvez quando eu sair daqui, eu não tenha vontade de estrangulá-la e queimar tudo o que estiver entre nós. Altamente improvável, mas talvez.

— Vamos embora depois, — eu digo.

Ela balança a cabeça. — Eu trabalho o dia inteiro. Vou arbitrar crianças às onze e treinar adolescentes à tarde.

— Achei que você estava tirando uma semana de folga, — digo. Suas sobrancelhas se erguem como se ela não pudesse acreditar que eu sei de tudo isso. Eu inclino minha cabeça. *Vamos, Lyla James.*

— Estou de folga do centro esportivo por uma semana, — explica ela. — Eu uso a mesma instalação, mas isso é separado disso.

Huh. Isso não estava claro na papelada, mas acho que faz sentido se estiver tudo sob a mesma empresa. Talvez seja por isso que ela esteja ganhando um dinheiro decente.

— Dois dias, — eu digo.

— Dois dias, — ela repete.

Dou um aceno de cabeça e tento não deixar minha boca abrir um sorriso de merda. Eu sabia que ela faria isso. Se há uma coisa que ela não precisa é de mais culpa no prato. Então, novamente, ela pode estar fazendo isso por causa do dinheiro, e esse pensamento irrita. Não deveria, mas acontece.

— Vou tomar café da manhã com Wade às nove e meia, — diz ela depois de um momento.

Minha mandíbula fica tensa. Eu não posso acreditar que ela realmente está indo. Mantenho a calma e lembro que daqui a alguns dias estaremos casados e não terei que me preocupar com aquele mosquito, mas isso não me faz querer esmagá-lo menos.

— Você pode ir se quiser, — ela diz baixinho, mordendo o lábio enquanto olha para o chão.

Só porque a conheço, sei que ela está falando sério. Se fosse qualquer outra pessoa, eu pensaria que ela está apenas tentando ser legal, mas Lyla James prefere ficar quieta do que dizer algo que ela não quer dizer. Eu penso sobre isso. Eu quero tomar café da manhã com aquele idiota? Não. Eu quero que ela vá sozinha? Também não. Mas não posso prometer que serei capaz de aguentar isso sem foder com ele. Não sei se consigo chegar ao café antes de dar um soco na cara dele. Decido não arriscar.

— Vou pensar sobre isso, — digo finalmente.

— Quando voltaremos? — Ela pergunta, olhando para mim novamente.

— Você estará de volta a tempo de começar sua residência.

— Ok, — ela respira, procurando meus olhos. Ela olha para mim

por muito tempo e eu preparo para o que quer que saia de sua boca a seguir. — Onde você estará quando eu voltar?

Ah. Isso é uma armadilha, se é que já ouvi uma. — Veremos.

Pego meu telefone, abro o contrato e entrego a ela. Suas mãos permanecem imóveis enquanto ela lê.

— Isto é praticamente um contrato de casamento, — diz ela enquanto continua a ler.

— Tecnicamente, mas ainda temos que nos casar no tribunal.

— Ações? — Suas sobranceiras sobem. — Isso é insano.

Eu cerro os dentes. Afinal, poderia ser sobre dinheiro. Não importa. O importante é que ela assine. Ela continua lendo. Finalmente, ela assina com a ponta do dedo e devolve-me o telefone. Eu adoro tecnologia. Ela entra em seu quarto e eu começo a ligar para meu motorista. Eu o dispensei, mas como ele só pode viajar amanhã, ele ainda está no hotel. Vou pedir para ele fazer o check-out do meu quarto mais cedo e trazer minha mala. Não vou dormir longe dela de jeito nenhum.

CAPÍTULO 30

Delilah

Pelo menos ele me deixa tomar banho e me trocar em paz. Não acredito que estou fazendo isso. Ele deve realmente me odiar para levar de volta para lá, sabendo que vou reviver um pesadelo. E casamento? Eu não sou contra isso. Mais cedo ou mais tarde, no fundo sei que teria me casado com o velho Lachlan. Este? Não muito. Mas vou em frente porque, caramba, eu importo com ele, e se essa for a única maneira de ele conseguir sua herança, eu o ajudarei. Além disso, há uma data de validade e ele obviamente vai me deixar terminar a residência. Só isso levará dois anos. No final, sacarei o dinheiro e pagarei todos os meus empréstimos. Eu nem consideraria sacar se ele não fosse um idiota agora. Ele ficou comigo, maltratou-me dentro do prédio, gritou comigo e exigiu que eu fosse embora com ele. Eu continuo repetindo tudo e ainda não consigo entender.

Quanto mais penso nisso, mais triste fico. Eu sabia que quando nos víssemos novamente, as coisas seriam difíceis no começo. Eu não pensei que seria assim, no entanto. Eu sabia que ele ficaria chateado, então estava preparada para uma discussão. A diferença era que, quando isso acontecia na minha cabeça, discutíamos, fazíamos sexo de reconciliação e vivíamos felizes para sempre. Idiota, eu sei. Obviamente, realmente idiota, considerando minha situação agora.

Preciso ligar para Marissa e conversar com ela sobre isso. Eu visto rapidamente o primeiro pijama que pego: uma camiseta curta e short combinando. É um maldito pijama do Snoopy, mas não tenho muitas opções para dormir. Quando dormia com ele, usava camiseta e calcinha para dormir, que ainda uso. De jeito nenhum eu andarei de calcinha na frente desse Lachlan Duke. Não que eu ache que ele me daria uma segunda olhada. Algo me diz que seu ódio por mim supera sua atração e tudo o mais que ele sentia por mim. O pensamento faz

meu coração doer, mas eu ignoro e concentro-me. Preciso fazer as malas, o que odeio fazer, pois ou faço as malas demais ou esqueço tudo. Pelo menos, meus produtos de higiene pessoal são um tanto organizados e fáceis.

Quando saio do banheiro, sinto o ar sair dos meus pulmões e congelar no local. Ele é *tão* lindo. Eu poderia ficar olhando para ele por horas. Eu olhei para ele por horas. Vê-lo sentado na minha cama, enquanto digita no telefone, é irreal. Nunca tive um homem no meu quarto e nunca me permiti imaginá-lo aqui. Não porque eu não o quisesse aqui, mas porque não poderia tê-lo. Eu já estava machucando-me o suficiente sem essa imagem.

Continuo olhando, certificando-me de não estar inventando ele. Estou completamente sóbria agora. Depois daquela conversa e do banho, não tem como eu não estar, mas ele ainda parece uma miragem. Ele está aqui e *tão* perto que posso tocá-lo, beijá-lo e subir em seu colo. Meu coração dá um pulo quando imagino fazendo isso. Esse devaneio é rapidamente substituído por uma visão dele empurrando e gritando comigo por pensar que tenho o direito de fazer isso.

Esse pensamento doloroso tira-me dessa situação e me faz ir para o armário. Pego minha mala e concentro em fazer as malas. Abro minha gaveta de meias e paro quando percebo que não sei o que levar na mala. Não é como se eu tivesse muitas opções, mas acontece que tenho um vestido branco. Não que isso importe. Não é um casamento de verdade, então não é como se eu precisasse de um. O pensamento destrói um pouco meu coração. Eu deixei isso de lado. Também tenho um vestido de seda verde escuro e um vestidinho preto porque, claramente, me tornei um clichê ambulante aqui.

Usei apenas o preto e foi na festa de Natal deste ano no Tackle. Algumas pessoas usavam vermelho e verde, e outras usavam branco e azul. Eu usava preto. Só usei os outros dois quando os experimentei na loja, mas sinto que deveria embalá-los. Tenho jeans, blusas e roupas sociais suficientes para eventos de trabalho. A maioria das minhas roupas tem um propósito. Só compro coisas que provavelmente não

preciso nas noites em que choro, ouço música e bebo vinho. Eu provavelmente deveria perguntar a ele o que faremos. Deus, eu odeio surpresas. Não acredito que concordei com isso.

Quando saio do armário, sua cabeça levanta-se do telefone e, mais uma vez, fico congelada. Seus olhos aquecem enquanto ele absorve lentamente, causando um inferno em seu rastro. Ele faz isso de novo, como se estivesse saboreando cada centímetro de mim, despindo-me com seu olhar. Eu movo-me. Já fui muitas coisas com Lachlan, mas tímida não é uma delas. Sinto-me exposta, excitada e um pouco envergonhada pela minha reação esta noite. Quando seu olhar encontra o meu, o fogo neles percorre e espalha pelo meu núcleo.

— Não sei o que levar na mala, — digo, com a voz baixa e carente.

Ele olha por mais um segundo, depois joga o telefone na minha cama, enquanto se levanta e se aproxima. Minha respiração falha enquanto o observo, e ocorre que esta é uma péssima ideia. O dinheiro parece ótimo, mas não sei se vale a pena o risco. Acho que não vou sobreviver a ele desta vez. Ele para bem na minha frente. Olho para sua camisa preta e fecho os olhos brevemente para inalar seu cheiro. Borboletas invadem minha barriga quando eu os abro e o encontro observando-me com aquele olhar. A maneira como ele olha para mim torna difícil respirar. Quando ele me alcança, nenhum de nós se move. Eu mantenho meus olhos nos dele, o coração batendo de forma irregular, enquanto continuo a competição de olhares que só estou interessada, se terminar com seus lábios nos meus.

Isso não acontece.

Ele afasta-se e vai para o meu armário. Eu saio completamente. Felizmente, sem tremer. Pelo menos meu corpo sabe quando se comportar. Eu giro para olhar para ele. O closet não é nada grande - algo que é demonstrado por Lachlan, que pode facilmente chegar a todos os cantos sem se mover. Ele pega os três vestidos, salto alto, jeans, tops e algumas outras coisas que coloca descuidadamente na minha mala. Ele sabe que essa merda me deixa louca. Posso ter uma

pilha bagunçada de livros na mesa de cabeceira, mas minhas roupas precisam estar bem dobradas. Ele está fazendo isso de propósito. Idiota. Eu não reajo. Finalmente, ele vai até minha gaveta de roupas íntimas e tudo dentro de mim para bruscamente.

Não tenho nada a esconder ou envergonhar-me. É normal ter e usar vibradores, mas sei que ele será mau. O velho Lach teria provocado com um brilho nos olhos, um sorriso malicioso nos lábios, e prontamente usado isso em mim. Este... eu não sei o que diabos esse novo Lachlan fará. Luto para manter a calma e resistir à vontade de detê-lo. Ele tira cada calcinha que possuo e as estuda. Só tenho três calcinhas lindas, que vão imediatamente para a bolsa. Ele joga as minhas outras para trás do ombro, sem nem se importar onde elas caem. Ele faz o mesmo com os sutiãs. Suas sobranceiras erguem quando ele chega ao fundo da gaveta, e sei que ele encontrou. Este vai ser um momento muito bom, eu simplesmente sei disso. Ele tira e examina. É roxo e é usado com frequência.

Eu suspiro. — Vá em frente. Faça piadas sobre mim.

— Por que eu iria tirar sarro de você? — Ele olha para o vibrador em sua mão, para mim e de volta para ele. — Por que parece um cacto?

— Você é... — Começo a rir, mas paro e aproximo-me para agarrá-lo. Ele o segura fora do alcance como se estivéssemos no ensino médio. Lanço-lhe um olhar furioso e cruzo os braços, enquanto dou um passo para trás. — Lachlan.

— Lyla.

— Por favor, coloque-o de volta.

Seu sorriso é lento, cruel. — Eu irei, se você responder algumas perguntas.

— Perguntas? — Pergunto, de alguma forma conseguindo parecer indiferente. — Você está brincando.

Ele balança a cabeça. Seu sorriso está irritando-me *pra* caralho. Ele deve ver isso, pela forma como seus olhos brilham com diversão

implacável. Eu esperava que ele zombasse da coisa e depois de mim por precisar de um, mas perguntas? Ele sabe muito bem que responder perguntas sobre sexo deixa-me desconfortável. Atribua isso ao trauma. Posso fazer sexo, mas não quero necessariamente discutir isso. Lachlan é a única pessoa com quem me senti confortável para falar sobre isso, e ele sabe disso. Eu sei que ele deve lembrar disso.

Por outro lado, tudo o que ele fez desde que chegou aqui foi deliberado, então não sei por que espero que seja diferente. Já estou nervosa e com mais emoções do que senti o ano todo. Por alguma razão estúpida, mesmo sabendo que isso vai doer, fico quieta. Talvez para alimentar meu masoquismo emocional com mais nutrientes fofos.

— Faça suas perguntas. — Descruzo os braços e espero o ataque.

— Com que frequência você usa isso?

Reviro os olhos. — Que diferença faz?

— Só curioso. Uma vez por semana? Uma vez por mês? Uma vez por dia? — Seus olhos ficam com um olhar impiedoso a cada pergunta que faz meu núcleo tremer, mas, droga, tento manter meus olhos nos dele.

— Esta é a porra do Censo? — Eu pergunto, entediada. — Talvez quatro vezes por semana.

— Você assiste pornografia para se divertir? Sem o enredo, é claro.

Mordo meu lábio e olho para baixo. Quase sorrio, mas ouvir nossa piada interna naquele tom áspero realmente dói um pouco. Porra, eu não estava esperando por isso. Não confio em mim mesma para falar, então apenas mantenho os olhos nos tênis dele e balanço a cabeça.

— Você pensa em alguém em particular quando o usa?

Seu cheiro envolve quando ele se aproxima, invadindo meu espaço pessoal. Ele está *tão* perto que as pontas dos sapatos quase pressionam meus dedos. Meu coração dá um pulso quando percebo que

poderia estender a mão e tocá-lo agora mesmo, e ele poderia fazer o mesmo comigo. Imaginei lançar-me sobre ele e envolvê-lo com meus braços e pernas durante três anos. Seus olhos, voz, lábios e corpo foram gravados em todos os meus sonhos acordados. Três anos de saudade e de quê? Nada. Em vez de ter uma conversa significativa, ele está jogando joguinhos estúpidos que o divertem.

Eu gostaria tanto de poder... eu não sei, abraçá-lo ou beijá-lo, mas tenho tanto medo que ele me afaste que não consigo fazer isso. Eu sei que ele me afastaria. Isso acontece em um instante. Lágrimas começam a queimar meus olhos só de pensar em tudo isso. Eu sei o que vem a seguir. Ele vai me lembrar que eu poderia tê-lo, mas em vez disso escolhi me esconder dele, como se eu tivesse uma maldita opção. Tenho que piscar rápido para não chorar, mas mesmo assim uma grande lágrima cai no meu pé. Espero que ele não veja. Mordo meu lábio com mais força e aceno com a cabeça para responder sua pergunta. Sim, penso em alguém, em particular, seu idiota.

— Isso está à altura da coisa real?

Uma miríade de emoções me atinge ao mesmo tempo – tristeza, raiva e humilhação. Minha inspiração é aguda, mas instável. Ainda assim, forço minha cabeça a balançar não com a pergunta. Ele dá um passo para trás. Ouço o baque quando ele bate na gaveta. Mantenho a cabeça baixa enquanto viro e saio correndo do armário e do quarto, enxugando furiosamente as lágrimas do rosto. Eu não posso fazer isso. Eu não sou forte o suficiente. A verdade na compreensão traz lágrimas aos meus olhos. A raiva surge dentro de mim - da maldita terapeuta que me ajudou em alguns dos meus traumas, mas principalmente de mim mesma por permitir que ele fizesse isso comigo. Ninguém pode quebrar você, a menos que você lhes dê o poder para fazê-lo, e eu dei a ele todo o meu. É por isso que ele é o único capaz de fazer sentir *tão* intensamente, até hoje. Isso parece uma traição, e eu o odeio por usar isso contra mim. Deus, preciso parar de importar. Eu sei que posso fazer isso de novo. Dói que a pessoa que me faz construir muros emocionais seja também a pessoa que me ajudou a derrubá-los.

Eu poderia pedir para ele sair. Eu poderia ir embora. Nenhuma

dessas opções é realista. Eu sei que ele iria embora, mas ele ficaria do lado de fora. Se eu for embora, ele me seguirá. A pior parte de tudo é que por mais que eu o odeie agora, não quero que ele vá embora. Acabei de recuperá-lo. Deus, isso é *tão* fodido. Um soluço percorre meu corpo, mas eu o forço. Quando ouço seus passos aproximando-se, abro a geladeira e praticamente mergulho nela. Pego o iogurte de morango e o viro na mão, como se não o tivesse comprado há dois dias.

— Já volto, — ele diz atrás de mim.

Não digo nada.

— A porta será trancada quando eu sair?

Eu balanço minha cabeça.

Ele suspira pesadamente. — Serei capaz de voltar?

Eu concordo.

Ele fica atrás de mim por mais um momento. Guardo o iogurte e estudo o recipiente de morangos. Quando ouço a porta fechar atrás de mim, dou um passo para trás, bato a geladeira e corro para o banheiro para poder desmaiar sem ter que preocupar com ele vendo-me. Foda-se ele por isso. Sério, foda-se ele. Quando termino de chorar, jogo água fria no rosto e respiro algumas vezes enquanto ligo para Marissa.

— Ei, — ela diz. Está barulhento onde ela está.

— Lachlan está aqui.

Ela está em silêncio, mas ainda ouço o barulho ao seu redor, então sei que ela não desligou.

— Mar?

— Você está me zoando, — ela sussurra e grita. — Como?

— Eu não sei, mas...há muito para eu dizer. Vou encontrar com o Wade para tomar o pequeno-almoço às nove. Você pode ir?

— Claro. Você quer que eu vá agora? Ela pergunta. — Estou indo agora.

— Não, ele está aqui. Ele saiu para fazer alguma coisa, mas já volta.

— Eu não dou a mínima. Você não parece bem.

— Vou para a cama. Eu não posso fazer isso. — Minha voz falha com essa palavra.

— Você pode, querida. Porra, posso chegar aí em vinte minutos.

— Já estarei dormindo, — digo baixinho, porque é exatamente isso que vou fazer agora. — Café da manhã.

Ela exala. — Tem certeza que não posso ir?

— Encontre-me lá às nove e meia.

— Eu estarei lá.

Saio correndo do banheiro, coloco o celular para carregar na mesa de cabeceira ao meu lado, apago a luz e fecho os olhos. Meu corpo está exausto, por dentro e por fora. Por um momento, acho que não vou conseguir dormir, mas cochilo antes que ele volte.

CAPÍTULO 31

Lachlan

Eu não estive perto dela por um dia inteiro, e isso já está fodendo mais do que eu gostaria de admitir. Ela estava dormindo quando voltei para o quarto, e eu mal dormi, tentando ter certeza de não ir para o lado dela da cama e jogar um braço em volta dela. Não é como se eu quisesse fazer isso, mas acho que meu corpo me trairia e faria isso sem o meu consentimento. Ela foi a última mulher com quem dormi – realmente acabei de dormir. A *única* mulher. Essa constatação é chocante. Durante anos, imaginei cenas em minha cabeça de como as coisas seriam quando eu a visse novamente. Nenhuma delas envolvia eu sentado em uma cadeira no canto do quarto dela, observando-a dormir. Por uma hora. Como um canalha. Pelo menos a cadeira é confortável. Aposto que ela sempre dorme nela, enrolada como uma bola, como gosta de fazer. Pego a manta que está sobre a cadeira, inalo o cheiro dela e a deixo cair quando percebo o que estou fazendo, porra.

Um brilho fraco passa pelas cortinas e posso vê-la muito bem no quarto escuro. Ela é *tão* linda. É possível que ela seja mais bonita agora do que era antes? Eu juro que ela é. Ela faz querer estrangulá-la. Ela faz querer foder com ela. Ela faz querer estrangulá-la enquanto eu fodo com ela e a faço gozar gritando meu nome. É incompreensível que depois de tudo que ela me fez passar, ela ainda pudesse ter tanto poder sobre mim.

Quando ela se mexe, pego meu telefone para verificar meus e-mails. É o que eu deveria estar fazendo na última hora. Quando o telefone dela começa a vibrar na mesa de cabeceira um momento depois, penso melhor e aperto o botão lateral do meu telefone. Ela não tem ideia de que estou aqui. Vou observá-la um pouco mais para ver o que ela fará a seguir. Já perdi um pedaço da minha vida fazendo isso.

Posso observá-la por mais dez minutos. A princípio, acho que foi um alarme que ela acionou, mas ela estende a mão e passa o dedo na tela sem sequer olhar para ela. Essa pequena ação fode comigo. Significa que ela atenderia qualquer um que tivesse esse número.

— Sim. — Sua voz é rouca, do jeito que ela fica quando ela acorda.

Meu pau fica duro instantaneamente. É difícil. Porra. Juro que ela condicionou meu corpo para reagir dessa maneira. Sua voz rouca pela manhã? Tesão instantâneo. Sua atitude mal-intencionada? Tesão instantâneo. O jeito que ela sorri para mim? Tesão instantâneo. A convicção em suas palavras quando fala sobre suas habilidades no futebol? Tesão instantâneo. O fogo em seus olhos quando ela está excitada? Isso é óbvio. Ela me transformou em um maldito rato de laboratório em um estudo de B.F. Skinner,²¹ pelo amor de Deus. Eu realmente preciso recompor-me.

— Sim, eu sei. Eu disse que estaria lá. Ela joga um braço sobre o rosto. — Sim. Estarei lá também, não sou irresponsável. — Ela fica quieta por um momento. — Claro, podemos caminhar até lá juntos. Não, ele não vai. Ele não faria isso. Vai ficar tudo bem. Ela se senta rapidamente, os lençóis farfalhando. — Você me ligou para me lembrar do café da manhã ou para me questionar como se eu fosse a porra de uma suspeita de um crime?

Eu mordo minha língua com seu tom rápido. Porra. Ela nem se despede; ela simplesmente desliga. Quase sorrio, mas então lembro que ele tem o número dela e eu não. Bem, eu *tenho*, mas ela não me deu. Ela joga o telefone na cama descuidadamente e engasga quando se lembra que posso estar deitado ali. Ela pressiona a mão na área onde eu deveria estar. Não sei dizer se ela está desapontada ou aliviada por eu não estar lá, e isso, é claro, me irrita.

— Procurando por mim?

Ela grita, recuando e batendo na cabeceira da cama com a mão no coração. — Jesus Cristo, Lachlan! Que diabos?

Levanto-me e abro as persianas, semicerrando os olhos por causa

da forte luz do sol. Lyla nem me deixa dizer uma palavra. Ela tira as cobertas, sai da cama e vai para o banheiro antes mesmo que eu tenha a chance de voltar para a cadeira. Ouço a descarga do vaso sanitário, a torneira abrindo e fechando e o chuveiro começando a funcionar.

Eu pergunto-me se ela percebeu que não levou nenhuma roupa com ela. Ela provavelmente está acostumada a andar nua. Fecho os olhos e respiro. *Não* a imagine nua agora. Se eu começar, farei algo estúpido e não posso me dar ao luxo de transar com ela. Eu definitivamente irei. Vou precisar me masturbar algumas vezes antes, para não gozar num segundo. Já faz quanto tempo. Mesmo assim, em breve teremos um casamento para consumir. Eu tento muito me concentrar nos e-mails novamente, e então tento ainda mais não me imaginar entrando no banheiro e transando com ela contra a parede do chuveiro.

A água é desligada e, com certeza, um minuto depois, ela abre a porta enrolada em uma toalha. Eu deveria desviar o olhar. Um homem decente poderia, mas ela levou consigo minha decência quando me deixou deitado em uma cama de hospital, há três anos. Ela entra no armário, pega uma calcinha e um sutiã esportivo e os coloca em cima da gaveta embutida. Ela vira e localiza algumas roupas as coloca junto com a calcinha. Espero que ela as pegue e vá ao banheiro, mas em vez disso, ela deixa cair a toalha. Meu queixo cai junto com isso.

Ela não olha para mim, mas sei que ela sabe que estou observando. Eu observo sua forma nua. Eu pensei que era difícil antes, mas isso é... muito foda. Quero libertar meu pau e me masturbar com esse visual. Farei isso mais tarde, mas a vontade de fazer isso agora é forte. É isso ou ir lá e morder a bunda, as coxas, os peitos e a boca, o que inevitavelmente vai levar à boceta dela, que vai levar ao sexo, e isso ainda não vai acontecer. Ela termina de se vestir, calça um par de chinelos, pega meias e chuteiras e sai do armário e sai do quarto.

Ela não olha para mim nem me reconhece nenhuma vez. Isso irrita-me, mas eu dou isso a ela. Eu invadi a vida dela e estou prestes a arrancá-la. Estou levando-a de volta para um lugar que sei que ela prefere queimar do que pisar lá. Sei que ela está brava comigo por

causa do incidente do vibrador, mas não dou a mínima. Vale a pena pedir a confirmação de que ela está lembrando-se de mim, mesmo que eu quisesse quebrar o vibrador por sentir prazer comigo. Fiquei ainda mais irritado depois de ouvir aquele idiota dizer que eles tinham fodido.

Onde eles foderam? Foi nesta cama? Vou queimar a porra do colchão. Eu sei que não deveria ficar chateado. Três anos é muito tempo, mas quando se trata de Lyla, eu não deveria ser um monte de coisas que não posso evitar. Eu respiro. Ele é obviamente uma péssima transa, o que, sem brincadeira. Eu podia ver isso a um quilômetro de distância. Respiro fundo e paro de pensar nisso. Aconteceu. Eu não posso mudar isso. Eu preciso seguir em frente. Quando a ouço pegar as chaves, olho a hora no meu telefone e levanto-me rapidamente.

— Onde você está indo? — Fico perto da porta do quarto. — Você ainda tem trinta minutos antes do café da manhã.

— Certo. — Ela olha para mim. — E enquanto isso, vou pegar café de um estranho que não vai me atacar emocionalmente, só porque acha que pode.

— Achei que você tivesse me convidado para ir com você.

— Foda-se. — Ela vira-se rapidamente, abre a porta e a fecha atrás de si.

Eu rio. Sim, ela está com raiva, tudo bem. Bem, bem-vinda ao maldito clube dos irritados e de coração partido, Lyla James. Não compartilhamos cookies, apenas reclamações.

* * *

Felizmente arrumei-me duas horas antes dela e posso segui-la para o café da manhã. Ela provavelmente sabe que eu a segui, mas tento ficar fora de vista. Estou aliviado em ver Marissa. A presença dela deveria deixar claro para o idiota que este não é um encontro para o café da manhã. Marissa parece preocupada. O idiota parece

confuso. Lyla parece... sem expressão. Isso está fazendo com que ela volte para sua concha, o que me incomoda, mas não o suficiente para acabar com tudo isso. Ela *vai* se casar comigo e eu vou me vingar da pessoa que fez isso comigo – com ela.

Continuo observando. Marissa começa a chorar. O idiota parece chateado. Lyla ainda está sem expressão. Isso dura uma hora. A expressão de Lyla é a única que nunca vacila. O idiota é o único que consegue uma refeição de verdade e come tudo. Marissa come um bagel. Lyla pede a mesma coisa, o que me surpreende, já que ela só come o lado “tudo” dos bagels e ignora a parte de baixo. Eu a observo dar uma mordida e colocá-lo na mesa. Ela pega outro e o coloca na mesa. Isso é tudo que ela come.

Quando terminam, Marissa abraça Lyla e dá-lhe um beijo na bochecha. Tudo o que ela diz faz com que o fantasma de um sorriso de Lyla apareça. Marissa abraça o idiota em seguida e sai na direção oposta. Provavelmente para seu negócio de smoothies ou flores. Lyla e o idiota começam a andar. Ela prende o cabelo em um rabo de cavalo enquanto ele fala. Seus olhos caem para os lábios dela com muita frequência para o meu gosto. Ele começa a mover as mãos como se estivesse tentando convencê-la de alguma coisa. Provavelmente para não sair comigo. Se for, está desperdiçando seu fôlego. Não há realidade em que isso aconteça. Ela irá embora de boa vontade ou serei forçado a tomar medidas extremas, e estou tentando evitar isso. Além disso, estou tornando a vida dela melhor. Quando tudo estiver dito e feito, ela será milionária. Quem não gostaria disso?

Acabamos em um dos campos de futebol atrás do Tackle. Eles desaparecem no prédio e saem com redes e cones que montam prontamente. Feito isso, o idiota volta para o prédio e traz um balde cheio de bolas de futebol. Ele chuta uma para Lyla, que o impede de passar por ela. Acho que ela nem estava olhando; sua reação é puro instinto. Ela imediatamente começa a fazer truques com ele. É fascinante. Nunca a vi jogar. Pelo menos não pessoalmente. Já vi vídeos de alguns de seus jogos, mas nunca a vi fazer isso pessoalmente. Ela está totalmente focada no que está fazendo – sério,

mesmo que esteja brincando.

O idiota se junta a ela no campo e tenta roubar a bola. A facilidade com que jogam um contra um irrita-me. Não sei nada sobre futebol, mas parece bastante semelhante ao hóquei. Eu aprenderia a manobrar a bola se isso significasse jogar com ela um contra um. Ela chutaria minha bunda, mas eu faria isso de qualquer maneira. Ela engana-o, seu corpo se movendo para um lado enquanto ela segura a bola com o outro pé, chuta bem debaixo das pernas dele e corre atrás dela. Acontece rápido; pisque e você perderá, mas toda a peça é linda, se você prestar atenção. Aquele sorriso - o meu sorriso – espalha-se pelo rosto dela, mas ela está de costas para ele, então ele não o vê.

Ela está correndo rápido pelo campo enquanto ele tenta alcançá-la. Quando ele percebe que não tem chance de tirar a bola dela, ele adota uma tática diferente e a abraça para impedi-la de correr. Eu empurro o tronco da árvore em que estou encostado. Eu juro que esse cara tem um desejo de morte. Lyla grita quando ele a levanta, e estou a um milésimo de segundo de correr até lá e arrancá-la de seu aperto quando ele a coloca no chão. No momento em que seus pés tocam o chão, ela empurra-o com força e afasta-se para pegar a bola descartada. Sua expressão cai. Eu sorrio, mas agora fico perguntando-me o que ela faria se eu a pegasse assim agora. Provavelmente encontraria algo para me esfaquear.

As pessoas começam a chegar pouco depois – pais com cadeiras de jardim e refrigeradores e crianças uniformizadas para correr para o campo. Acabo de pedir comida para entrega quando vejo um grupo de mães caminhando até o idiota. Duas delas começam a flertar abertamente com ele. Em vez de entender a pista e aceitar a oferta de uma delas, ele olha para Lyla. Se ele fosse apenas amigo dela, eu nem me importaria (tanto), mas ele é um amigo que quer transar com ela, e isso automaticamente o coloca na minha lista de merda. Não sei quanto mais dele posso aguentar.

Pelo menos Lyla não está prestando atenção. Ela está agachada, amarrando os sapatos de um menino, e tem mais quatro atrás dele, esperando que ela faça o mesmo com eles. Assim que ela termina de

amarrar os cadarços, cada um deles salta para frente, dando-lhe um abraço apertado. Seu rosto abre-se em um sorriso enquanto ela bagunça seus cabelos. Não é o meu sorriso, mas mesmo assim é um sorriso e todos os dela são incríveis, então eles o devoram. Ver a maneira como ela interage com eles faz meu estômago parecer vazio. Uma visão dela brincando com nossos filhos passa pela minha cabeça. Eu empurro para baixo e enterro.

A menininha loira que vi nas fotos corre quando os meninos terminam e joga-se em Lyla, derrubando-a no chão. Lyla ri. Estou longe, mas ouço e, porra, sinto falta daquela risada. Ela levanta-se com facilidade e ajuda a menina a levantar-se. Um homem loiro, que presumo ser o pai dela, aproxima-se, balançando a cabeça e rindo. Eles conversam até que a menina puxa o short de Lyla e desvia sua atenção do pai. Ele sorri como se já soubesse o que ela iria dizer. Eu vou até lá. Preciso ouvir o que eles estão dizendo e por que ela tira tantas fotos com ela. Eu sei que Lyla me vê. Sou difícil de não ver, mas ela finge que eu não existo. Enquanto escuto, mantenho distância e olho para a tela do meu telefone para verificar a que distância está o motorista que está trazendo minha comida.

— Mais uma para sua coleção, — Lyla diz enquanto levanta-se, limpando o short.

— Não me importo de ter você no meu telefone. — Ele pisca. Se ela percebe, não mostra.

Quem *diabos* é esse cara? Quando ela se vira e leva a filha para o campo, ele a observa descaradamente. Tiro uma foto dele e envio para Liam.

Eu: *quem é esse?*

Liam: *não sei, quem é?*

Eu sei que ele está fazendo isso para me irritar. Funciona.

Eu: *eu não perguntaria se soubesse*

Ele não responde.

Eu: *RECONHECIMENTO FACIAL*

Liam: *por quê? Ele roubou um banco?*

Meu irmão, o maldito comediante.

Eu: *apenas faça*

Liam: *não podemos usar reconhecimento facial em todos os caras que falam com Lyla. Porra, pergunte a ela quem é*

Agora sou eu quem não responde. Liam tem lidado com minhas besteiras desde que saí do hospital. Entrei no hospital inconsciente, mas esperançoso, e saí amargo e zangado. Eu sei que meu irmão pensou que finalmente vê-la novamente me traria de volta ao que era antes. O problema é que nem me lembro como eu era antes de ela partir. Não vou mentir e dizer que vê-la não fez diferença, porque no momento em que seus olhos encontraram os meus, senti como sempre me sentia: observar o disco de hóquei suspenso. Estou com muita raiva para ceder, no entanto. Talvez se eu a encontrasse deprimida com suas camisetas largas e apenas sobrevivendo, minha raiva teria desaparecido imediatamente. Sou um completo idiota por isso. Eu sei que sou, mas que porra é essa? Tenho vivido o dia-a-dia como a porra de um zumbi. Treino de hóquei, jogo de hóquei, casa, enxágue e repita²². Agora estou na Duke Tech e é mais do mesmo: chato e insatisfatório. Então, sim, eu gostaria de tê-la visto um pouco deprimida.

Meu irmão não entende meu ressentimento. Mamãe também não. Eles passaram algumas horas com ela em um jogo de hóquei e se apaixonaram por ela instantaneamente. Claro que sim. Como não poderiam? É por isso que quando eu disse a Liam que precisava encontrá-la para poder me casar com ela, ele concordou prontamente. Meu pobre e bondoso irmão pensou que eu apareceria aqui como Eros; ele não percebeu que estou na minha merda de Anteros. Começo a caminhar de volta para o carvalho sob o qual estava.

Eu: *preciso que você descubra quem ele é, invada o telefone dele e apague as fotos dele*

Ele me liga. Eu respondo com uma expiração pesada.

— Eu sei, ok? — Retiro o boné de beisebol da cabeça e rapidamente passo os dedos pelo cabelo antes de colocá-lo novamente.

— Você perdeu a porra da cabeça? — Ele cospe, sobrepondo minhas palavras.

Faço uma pausa, no meio do caminho. — Essa é uma pergunta séria?

— Meu Deus, Lach, — diz ele, exasperado. — Você contou a ela por que está aí?

— Claro.

— O que ela disse?

— Ela concordou em ir embora comigo. — Encosto as costas no tronco da árvore e fecho os olhos.

— Então, ela está bem em se casar com você depois de todo esse tempo sem te ver?

— Claro. Por que ela não estaria?

Ele fica quieto por um momento. — Ela sabe que você vai se casar em Fairview? — Quando não respondo, ele grita: — Você nem contou a ela?!

— O que há para contar? Ela concordou em se casar comigo. Ela concordou em ir para Fairview e Chicago — digo. — Você pode fazer o que estou pedindo? Esse cara é um canalha. Ele tem muitas fotos dela em seu telefone. É perturbador.

— Oh meu Deus... — Liam começa a rir. — Isso é o que você acha perturbador?

— Tanto faz, Lee. Faça ou não, mas não me ligue para me dar um sermão sobre a porra da minha moral cinzenta. É culpa dela eu ser assim.

— Lachlan, — ele respira na linha.

— Vejo você em casa.

— Sim, — ele murmura.

— Você estará na festa de noivado?

— Você quer dizer aquela que a futura noiva provavelmente nem sabe ainda? Sim, estarei lá. — Ele desliga o telefone.

Idiota.

Agora que penso nisso, provavelmente deveria convidar Marissa e Prescott para o casamento. Meu plano original não era *tão* elaborado. Eu ia levá-la ao tribunal e casar-me, mas minhas rodas começaram a girar e percebi que o responsável por tudo isso ficaria furioso se a visse se casar com uma pessoa de quem ele também tentou se livrar. A minha mãe acha que a Lyla adora Fairview. Liam pensou o mesmo até que eu estupidamente deixei escapar que a razão pela qual contratei mais segurança é que Lyla não se sente segura lá. Não é da conta deles. Isso é entre mim e Lyla, e qualquer um que queira atrapalhar é considerado uma ameaça. Pego minha comida do entregador e mantenho os olhos naquele pai enquanto como. Durante o resto do jogo, tento descobrir como posso conseguir o telefone dele.

CAPÍTULO 32

Lachlan

Quando o jogo está prestes a terminar, volto para o campo. Desta vez, não me preocupo em camuflar. Esta não é uma situação de Clark Kent. Eu provavelmente poderia estar em um saco para cadáveres e Lyla saberia quem eu era, mas quero ter certeza de que ela saiba que eu sei que ela sabe que estou aqui. Mal consigo lembrar-me do homem que era antes de Lyla invadir minha vida, mas sei que nunca me importei o suficiente com ninguém para me reduzir à mesquinhez. Olhe para mim agora. Senhor, eu nunca perseguiria ninguém, e estou em um campo de futebol com esse clima quente, em uma cidade onde nunca estive, perseguindo alguém que atualmente está agindo como se eu não existisse. Que grande merda.

Tiro meu boné e coloco-o voltado para trás, enquanto ela corre para o outro lado do campo para ajudar um garotinho com os cadarços. Meu coração dispara novamente. A reação irrita-me. Ao final disso, precisarei de uma avaliação psicológica séria. Pela minha visão periférica, vejo alguém se aproximando, então olho naquela direção. Uma das mães gostosas que estavam flertando com o idiota está vindo em minha direção. Ela sorri e levanta-se no meu espaço pessoal. Eu imediatamente quero que ela me deixe em paz. O que há com as pessoas nesta cidade? Aposto que os aplicativos de namoro têm uma taxa de sucesso maior aqui do que em qualquer outro lugar do país.

— Você joga? — Ela pergunta.

Eu olho para ela. — Não.

— Oh. — Seus olhos azuis percorrem meu corpo de cima a baixo.
— Mas você joga alguma coisa. Você parece um atleta.

— Hóquei.

— Oohhh, um esporte de contato, — ela diz com uma piscadela.

Ela me dá um sorriso que tenho certeza que faz muitas pessoas pularem para fechar o negócio; eu não devolvo. Posso estar com raiva *pra* caralho, mas não preciso disso agora. A última coisa que preciso é que Lyla pense que estou remotamente interessado em mais alguém. Eu não estou, obviamente, mas Lyla sempre tira conclusões precipitadas. Ela não pensaria apenas que eu quero foder essa mulher. Não, isso seria simples. Ela pensaria que eu iria foder essa mulher em sua minivan feia, engravidá-la e casar-me com ela. Ela está doente assim. Eu amo isso nela. Neste momento, estou desejando que o idiota ou o pai estúpido tirem de mim a atenção dessa mulher. Do jeito que olha para Lyla, o pai parece ter esquecido que a filha está mesmo em campo jogando. Mantenho meus braços cruzados e meu olhar direcionado para ele. Se ao menos eu tivesse os raios laser do Superman agora.

— Seu filho joga aqui? — Pergunta a mãe, tirando-me dos meus pensamentos.

— Ainda não.

— Oh, — ela diz em um tom sedutor quando acidentalmente esbarra na lateral do meu braço. — Você acabou de se mudar para cá?

— Ainda não, — eu digo com os dentes cerrados, porque é claro, é quando Lyla decide dar uma olhada aqui. É rápido, mas nossos olhos se encontram.

Preciso livrar-me dessa maldita senhora. Eu fico quieto. Talvez se eu a ignorar, ela vá embora. O pai está apontando o telefone para o campo e preciso de tudo para ficar parado. Ele pode realmente estar tirando fotos de sua filha. Deus, preciso roubar aquele telefone. A mãe se mexe e limpa a garganta. Estou a dois segundos de ir embora, quando me ocorre que ela pode ser útil. Não é como se Liam estivesse me ajudando.

— Explorando suas opções? — Ela pergunta.

— Você pode dizer isso.

Quando olho para ela novamente, ela está procurando um anel em minha mão esquerda, como se isso fosse impedi-la de tentar me levar até sua minivan.

— Não há muitos pais aqui, — digo, fazendo questão de olhar em volta. Realmente não existem.

— Não. Cooper geralmente é o único. — Ela aponta para o cara loiro que estou observando.

Cooper. — O que ele faz?

— Ele é dono do centro esportivo. — Ela olha por cima do ombro em direção ao prédio onde Lyla trabalha. *Interessante.*

— Ele é o dono? — Eu pergunto e olho para ele novamente. — Ele é um atleta?

— Era. Futebol. Ele também era bom. Jogou profissionalmente no exterior por um tempo, mas teve muitas lesões e decidiu pendurar as chuteiras e abrir o Tackle para ajudar os atletas a treinar, superar lesões e permanecer saudáveis. As pessoas vêm de todo o país.

— E o treinador? — Aceno para o idiota número um.

— Wade? — Ela pergunta. — Ele joga na seleção dos EUA.

— Joga? — Minhas sobrancelhas se levantam. — Porquê ele está aqui?

— Ele tirou uma temporada de folga. E ele tem uma queda por Delilah. Ela revira os olhos quando diz isso.

Minha mandíbula aperta.

— Ela é linda, claro, mas não vejo exagero. — A mulher dá de ombros. — Ouvi dizer que ela é praticamente uma ermitã.

Uma ermitã. Ah. Eu a vi sair. Duas vezes. Ela definitivamente não é uma ermitã. Esta mulher provavelmente mora no subúrbio e não sabe o que acontece na cidade à noite. Eu olho para o idiota novamente. Futebol profissional, né? Futebol profissional, mas Lyla

consegue enganá-lo facilmente. Ele provavelmente é um aquecedor de banco.

— A propósito, meu nome é Tammy, — diz ela depois de um momento.

— Prazer em conhecê-la, Tammy. — Concordo com a cabeça educadamente, mas mantenho os braços cruzados enquanto olho para o campo, meus olhos em cada movimento da De-li-lah.

Ao meu lado, Tammy está quieta, provavelmente esperando que eu diga meu nome a ela. Eu não digo.

Lyla assobia três vezes.

— Bem, o jogo acabou. — Tammy vira-se e obviamente deixa seus olhos percorrerem meu corpo. De novo. — Você quer que eu lhe mostre a cidade?

— Não. — Eu a olho nos olhos. — Já tenho alguém me mostrando tudo.

Ela parece desapontada, mas sorri e volta para o resto das mães gostosas que estão esperando por ela. Eu pergunto-me se elas concordaram sobre quem viria até mim e se apostaram se ela me seduziria ou não. As pessoas gostam de criticar os homens quando eles fazem apostas sobre coisas assim, mas quando as mulheres fazem isso, tudo bem. Irritante é o que é.

— Você só pode estar brincando comigo, — diz uma voz familiar atrás de mim.

— Marissa. — Eu sorrio e viro-me lentamente. — Faz algum tempo.

— Você é um ser humano terrível, sabia disso? — Ela estreita os olhos enquanto diminui a distância entre nós. Ela coloca as palmas das mãos no meu peito e empurra-me. Eu não me movo, o que a deixa mais chateada, então ela cerra os punhos ao lado do corpo. — Levá-la de volta para Fairview? O que diabos há de errado com você?

— Tenho alguns assuntos pendentes lá e um almoço para

participar. — Eu dou de ombros.

— Por que você faria isso com ela? — Ela pergunta. — Você não acha que ela já passou por bastante?

— Oh, *ela* já passou por bastante? — Eu solto uma risada. — Sinto muito, você não se lembra que fui mandado para o hospital?

— Oh meu Deus... — Ela respira fundo como se estivesse tentando controlar sua raiva. — Então você está tentando se vingar dela por ser a razão de você estar no hospital?

— Não, sou eu tentando vingar-me da pessoa que fez isso, — digo. — E dela por me deixar sem nenhuma porra de explicação.

— Uau, — ela diz, examinando meu rosto. — Você não a ama.

— Oh. — Eu rio com humor. — Agora você vai me dizer como me sinto?

— Se você a amasse, você não a faria voltar para lá. Você sabe que ela vai odiar você por isso, — diz ela.

— Eu não dou a mínima. — Eu dou de ombros.

Ela olha para mim por um longo momento. — Você lembra da primeira coisa que eu disse quando ficou claro que você estava interessado nela?

— Não, por que você não me esclarece? — Lembro-me muito bem do que ela disse, mas foda-se. De qualquer maneira, estou aqui parado.

— Se você estragar tudo, ela nunca vai perdoar você, — diz ela. — Se você acha que isso vai acabar com ela aceitando você de volta, é melhor esquecer isso agora mesmo.

Desvio o olhar, examinando o campo. As mães ainda estão tendo sua pequena reunião e olhando de vez em quando. O pai ainda está olhando para Lyla. O idiota fica por perto, fingindo que está conversando com as crianças, mas está olhando demais para ela para que seja esse o caso. Não estou nem um pouco surpreso que ela tenha um pequeno fã-club de homens que a desejam. O jeito que ela age

aqui, o jeito que ela se veste – essa Lyla é o pacote completo. Ela pode não estar sorrindo ou rindo o tempo todo, mas dá a eles apenas o suficiente para quererem mais. Eu deveria sentir mal por eles. Mesmo se eu não estivesse aqui para levá-la embora, isso nunca teria acontecido. Ela não pode dar mais a outro homem quando já me deu tudo.

— Você deveria ir para Fairview em alguns dias, — digo, olhando para Marissa.

— Por que?

— Seus pais ainda não moram lá?

— Sim... — ela diz hesitantemente.

— Você deveria ir.

— O que acontece em alguns dias? — Ela pergunta.

— É quando vou casar-me com Lyla.

— Você vai se casar *lá*? — Seus olhos arregalam-se mais do que eu pensava ser possível. Ela dá um passo para trás, colocando a mão no peito e respira. — Puta merda, Lachlan. Ela sabe?

— Ela sabe que vamos nos casar.

Marissa olha para mim e desejo que seja raiva o que encontrei em seus olhos. Em vez disso, é decepção. Ela acha que eu mereço, eu sei. Uma vez eu prometi proteger a melhor amiga dela e agora estou fazendo isso, o que ela vê como o completo oposto. Eu estou protegendo ela, no entanto. Quando eu terminar em Fairview, ela não terá mais que se esconder. Ela pode voltar a ser Lyla James. Esperançosamente, Lyla James Duke.

— Não estaremos em perigo, — eu digo.

— Lach. — Ela franze a testa. — Ela foi atropelada na estrada. Ela estará em perigo no momento em que chegar lá. — Ela desvia o olhar momentaneamente. — Por que você a faria se casar com você no único lugar que ela odeia?

— O que importa onde nos casamos?

— Esse é o ponto, não é? — Seu queixo cai, mas ela se recupera rapidamente. — Você *quer* que ela sofra. Você sabe o quanto ela... — Ela balança a cabeça, respirando fundo. — Esqueça. Você não merece saber. Ela encontra meus olhos novamente. — Sabe, depois do acidente, depois de Luke, tive que suportar as lágrimas e os gritos dela, e depois nada. Porra nenhuma, até que você apareceu e a fez sentir todas essas emoções diferentes. Deus, eu a conheço desde que nascemos e nunca a vi *tão* feliz como estava com você. Ela olha para onde Lyla está. — Fiquei muito grata por você, mas agora está claro que você é a pior coisa que já aconteceu com ela.

Engulo o nó de emoção que sobe pela minha garganta. Isso não é novidade para mim. A própria Lyla disse que eu a fiz sentir, depois de ela ter ficado entorpecida por tanto tempo. Eu deleitei com isso. Fez-me sentir como um maldito rei saber que eu tinha uma versão dela que ninguém mais tinha. Recebi suas lágrimas, seus sorrisos, suas risadas. Eu a tinha completamente. Até que eu deixei de ter. Ouvir a pessoa que a conhece possivelmente melhor do que eu dizer isso é mais difícil do que gostaria de admitir. Não importa, porque acontece nos dois sentidos. Nós dois fizemos um ao outro experimentar coisas que nunca tivemos antes, e então ela foi embora como se isso não significasse nada.

— Bem, então acho que estamos empatados, — consigo dizer. — Ela é a pior coisa que já aconteceu comigo.

Marissa balança a cabeça e começa a sair.

— Espere, — eu digo antes que ela dê outro passo.

Ela vira-se para mim novamente. — O que?

— Quem é aquele cara? — Aceno com a cabeça em direção ao pai.

— Oh sério? — Ela ri sem humor. — Agora você quer que eu te ajude a identificar homens que são uma ameaça para você? — Ela zomba e começa a afastar-se, mas pensa melhor e vira para mim novamente. — *Esse* é um pai solteiro que está esperando pacientemente que ela resolva suas coisas para que ele possa

finalmente agir. Ele também é o chefe dela, mas agora que ela terminou o estágio, ele pode convidá-la para sair.

Eu sabia que odiava o cara.

— Por que ele não faz isso?

— Ele não levará nenhuma mulher, nem mesmo Lyla, para sua casa perto de sua filha, a menos que saiba que é sério. — Marissa dá de ombros. — Ele deve ver Lyla como uma possibilidade, já que ele não tem um encontro há uns oito meses.

Eu olho para ele novamente. — Ele contou tudo isso?

— Não, mas as pessoas falam. Todo mundo sabe disso, — diz ela. — Assim como eles sabem que Wade está apaixonado por ela. Eles têm uma aposta no centro sobre quando ela finalmente cederá. Cooper não está participando por motivos óbvios.

Sinto meu maxilar tiquetaquear. Se ela está tentando deixar-me com raiva, ela está conseguindo e sabe disso.

— Ela não gosta de nenhum deles, — eu digo, como a porra de uma criança no parquinho.

— Você tem razão.

Eu respiro. — Ela parece feliz aqui.

— O que faria você pensar isso? — Suas sobrancelhas juntam-se e sua voz finalmente suaviza.

— Você é a melhor amiga dela. Acho que você saberia muito melhor do que eu. Olho para Lyla novamente. Ela está pegando as casquinhas enquanto Wade conversa com o grupo de mães. — Ela simplesmente parece feliz.

Marissa não diz nada. Ela apenas encara Lyla com uma expressão triste no rosto que não entendo, então continuo falando, porque preciso saber o que ela pensa sobre isso.

— Ela sorri aqui, — eu digo.

— Ela sorri aqui? — Seus olhos arregalados olham para os meus:

— Ela tem seus momentos, claro. Ela fica feliz quando está com as crianças.

— Eu a vi sorrindo. — Eu olho para Lyla. — Outro dia, Prescott postou uma foto em que ela estava rindo enquanto o idiota número um a carregava.

— No meu aniversário?

— Sim.

Ela pisca. — Você achou que ela parecia *feliz* no meu aniversário?

— Eu sei o que vi. — Eu reprimo a vontade de pegar meu telefone e mostrar a ela a captura de tela que tirei. Ela está olhando para mim como se eu estivesse falando uma língua diferente, então repito: — Eu a vi. Ela estava rindo.

— Deus, Lachlan. Você é *tão* estúpido às vezes. Marissa ri, balançando a cabeça. — Ela não está feliz. Ela ficou muito boa em fingir.

Com isso, ela vai embora. Desta vez, eu não a impedi. Eu nem sei o que isso significa. Eu sei o que vi. Eu sei o que *vejo*. Marissa ajuda Lyla a pegar o resto das coisas. Eu provavelmente deveria ter ido lá para ajudar há alguns minutos, quando ela começou, mas não quero pisar naquele campo. Posso estar com raiva. Posso querer vê-la sofrer, mas não quero tirar isso dela. No final disso, ela vai me amar e continuar casada ou me deixar e mudar de identidade novamente. Isso realmente não importa. Se ela fizer isso, vou encontrá-la novamente e, da próxima vez, serei muito mais rápido. Eu a pegarei quando ela sair do maldito avião.

CAPÍTULO 33

Delilah

Tenho um intervalo de três horas, mas não posso ir para casa. Não importo se Lachlan me segue ao redor do mundo, mas não o quero lá quando estou sentindo-me assim. Meu apartamento é meu santuário, e ele está fazendo-me sentir uma lunática. Não o suporto agora, mas ver Tammy flertar com ele foi enlouquecedor. Em vez de ir para casa, vou à loja de smoothies de Marissa. Está um pouco lotado hoje, mas, felizmente, as duas cadeiras confortáveis no meu canto favorito estão vazias. Pego meu smoothie de sempre e vou para a cadeira. Wade entra e pega o smoothie que pediu para levar, e quando me vê, ele aproxima-se. Eu gostaria que ele não fizesse isso. Eu só quero ficar sozinha agora. Ele sorri enquanto aproxima-se, e é *tão* genuíno que afasto meu aborrecimento. Em vez de se sentar à minha frente, ele senta na mesa de centro de madeira entre as cadeiras e apoia os antebraços nas coxas enquanto olha para mim.

— Você está bem?

— Estou bem. — Tomo um gole do meu smoothie.

— Tem certeza de que não quer que eu fique e ajude na sessão de treinamento? — Ele pergunta.

— Não. Você já fez planos. Estou bem, — eu digo. — Estou falando sério.

— Eu não posso dizer com você. — Ele exala pesadamente. — O que me faz pensar que você não está brincando quando diz que não sente nada, mas aí ele chega e...

Eu nem me preocupo em pedir que ele explique. Eu sei como sou quando Lach está por perto. Quer dizer, nem preciso do toque da porta alertando a chegada de um novo cliente para avisar que ele está

aqui, agora. Todo o meu corpo ganha vida em sua presença. Eu odeio isso. Olho para cima e, com certeza, ele está parado ao lado do balcão, olhando para nós enquanto espera pelo seu smoothie.

Eu olho para Wade. — Não sei o que dizer sobre isso.

Eu o ignoro, mas pela minha visão periférica vejo Lachlan andando com seu smoothie. Também não olho para ele quando ele se senta na cadeira à minha frente. Mantenho meu foco em Wade. Ele nem percebe que mais alguém se juntou a nós. Talvez ele perceba, mas como a loja está lotada, não há razão para ele pensar que é Lachlan.

— Você não precisa dizer nada. — Ele se aproxima de mim. — Eu simplesmente sinto que se você pode dar uma chance a ele, talvez você possa dar-me uma também.

Desvio o olhar e olho para o corredor que leva à porta dos fundos.

— Delilah, — diz Wade depois de um momento. Quando viro meu rosto novamente, vejo o olhar de Lachlan. Mais uma vez, eu o ignoro.

— Eu não posso, — eu sussurro. — Desculpe. Eu simplesmente não posso.

— Eu não sou idiota o suficiente para você? — Wade pergunta.

Isso me faz rir. Mordo o lábio e olho para Lachlan novamente, que agora parece mais divertido do que irritado. Ele levanta a sobrancelha como se esperasse que eu respondesse a isso.

— Se você quer que eu seja um idiota...

Eu reprimo uma risada. — Wade, você nem saberia ser um idiota, e eu gosto disso em você.

Ele exala. Lachlan atira punhais em mim.

— Então...?

— É complicado.

— Olha, nós dois estaremos fora da cidade nos próximos dias. Apenas...quando voltarmos aqui, saia comigo. Em um encontro...

— Isso não vai acontecer, — diz Lach, com a voz ameaçadora.

Os olhos de Wade arregalam e estreitam por um momento, enquanto ele se levanta e vira o corpo na direção de Lach.

— Quer saber, idiota? — Wade diz. — Se não fosse por você, ela estaria namorando comigo.

Os lábios de Lach se contraem. — Mas ela não está.

— Posso esperar, — diz Wade, encolhendo os ombros. — Ela vai se cansar da maneira como você a trata, mais cedo ou mais tarde.

— Talvez. Talvez não. — Lach cruza a perna, colocando o tornozelo sobre o joelho, enquanto se recosta na cadeira. — Ainda permanece o fato de que ela estará comigo.

— Até que ela não esteja, — Wade retruca.

O rosto de Lach escurece imediatamente, mas ele permanece sentado. — Se você quer acreditar nisso, a culpa é sua, mas estou lhe dizendo agora, ela nunca vai namorar você, porra.

— Só porque sou um cara legal...

— Não tem nada a ver com você ser um cara legal, — diz Lach, seus olhos verdes duros enquanto ele descruza a perna e inclina para frente na cadeira. — Ela não vai namorar você porque você não sou eu. É *tão* simples assim.

As palavras que me machucam fazem Wade rir. Eu desvio o olhar. Eu sei que só dói porque ele está certo. Os últimos três anos provaram isso. Ainda assim, o fato de ele saber disso e dizer isso de forma *tão* insensível dói. Eu gostaria que não, mas não posso mudar o que ele me faz sentir. Respiro fundo e concentro em manter a calma e não mostrar a ele o quanto suas palavras afetam-me. Mantenho meus olhos na porta dos fundos o tempo todo enquanto tomo meu smoothie.

— Marque minhas palavras, “Lachlan Duke,” — diz Wade, como se Lach não fosse real e estivesse sentado bem aqui. Olho novamente.

— Mais cedo ou mais tarde, você vai perdê-la novamente, e eu estarei aqui, esperando para juntar os cacos.

A mandíbula de Lach aperta, mas ele não responde. Ele continua a atirar punhais que eu sei que seriam punhos se estivéssemos lá fora.

— Mande-me uma mensagem, — Wade me diz.

Eu aceno em reconhecimento. Quando não olho para ele, ele exala pesadamente e vai embora. No momento em que ele se afasta, eu levanto e vou para os fundos. O escritório de Marissa é pequeno, mas ela tem uma cadeira confortável. Coloco minha xícara na mesa dela, acomodo na cadeira e fecho os olhos. Estou tentando não me culpar por minhas ações, mas está difícil agora. Eu não deveria ter assinado aquele documento. Por ele, eu faria qualquer coisa, mas minha sanidade não é algo que estou disposta a perder.

Estou bem aqui. Senti muita falta dele, mas estou bem. E eu sei que algumas pessoas, como Marissa, argumentam que simplesmente sobreviver não é viver de verdade, mas para mim é e estou bem com isso. Por muito tempo, eu quis trazê-lo aqui, e agora que ele está realmente aqui, eu simplesmente... não sei o que sinto. Se eu desejasse que ele fosse embora, sentiria falta dele. Se ele ficar e continuar a manchar o lugar que me trouxe paz, vou odiá-lo. Respiro fundo algumas vezes. Já sobrevivi a coisas piores e sei que vou sobreviver a isto. Eu só queria não precisar.

Quando abro os olhos, verifico meu telefone e percebo que dormi por uma hora. *Uma hora.* Merda. Sem a ajuda de Wade para me preparar, eu poderia chegar atrasada. Entro em ação e pego a bolsa de emergência que guardo aqui. Escovo os dentes, ajeito o rabo de cavalo, aplico desodorante e lavo o rosto. Quando volto para a área de descanso, Lachlan ainda está sentado na mesma cadeira, fazendo algo em seu telefone. Ele é *tão* lindo que, por uma fração de segundo, quero abandonar todas as pretensões e beijá-lo. Eu não beijo. Eu não vou beijar. A boa aparência não ofusca os bons corações. *Nunca.*

Externamente, eu o ignoro quando pego meu copo para jogá-lo fora. Internamente, meu coração está disparando. Despeço-me de

Marissa e corro para o campo. Fica a apenas um quarteirão de distância, então não é uma grande façanha, mas tenho um monte de merda para fazer antes que as crianças que estou treinando cheguem aqui. Em minha mente, começo a repassar os exercícios. Nunca trabalhei com uma equipe mista, mas como são apenas exercícios e treinamento, eles podem ser idiotas e ainda assim se dar bem. Wade geralmente treina meninos/homens, e quando ele está fora da cidade jogando, Cooper faz isso ou recebe alguns de seus amigos. Hoje os dois estavam ocupados, então as crianças ficaram comigo. Estou saindo do prédio com cones em um braço e arrastando um balde cheio de bolas de futebol com o outro, quando sinto uma sensação de formigamento que sobe pelos meus braços e penetra no meu núcleo quando Lach está por perto.

— Deixe-me ajudá-la, — ele diz atrás de mim.

Eu penso sobre isso. Se eu deixá-lo ajudar, estou deixando-o entrar, mas farei isso mais rápido. Foda-se. Se ele está decidido a me seguir e tentar me fazer sentir uma merda a cada passo, ele pode muito bem ajudar. Deixei que ele pegasse o balde, colocasse os cones no chão e voltasse para dentro para pegar as redes. A única razão pela qual fico emocionada quando ele está por perto é porque baixei completamente a guarda por ele, uma vez, e foi bom. Eu senti algo. Agora, não consigo deixar de sentir as coisas ao seu redor. Ele deixa-me com raiva, triste, confusa e aliviada. Pior de tudo, ele trouxe borboletas com ele e as soltou em meu estômago. Ele não é o Lach que eu conheci. Ele pode ter a mesma aparência, andar igual e cheirar igual, mas não é ele. O impostor na minha frente nem deveria me fazer sentir assim, e eu odeio isso. Respiro fundo e foco no futebol. Futebol e ajudar as pessoas são as únicas coisas que me motivam hoje em dia. Com a ajuda dele, a configuração é feita quinze minutos antes das crianças chegarem.

— Obrigada, — digo, com os olhos no campo.

— De nada. — *Deus, sua voz. Sua maldita voz ainda me mata.*

Pelo menos, ele ainda tem boas maneiras. Ele me segue e olha em

volta quando volto para dentro para pegar minha garrafa de água. Parte de mim quer mostrar o centro, deixá-lo ver meu escritório, contar todas as coisas que fiz aqui e continuarei a fazer, mas não quero. Até agora, minha cabeça está vencendo a batalha contra meu coração. Não é uma tarefa fácil. Quero que ele me beije novamente, mas não quero. Quero que ele me foda, mas não foda. Quero mostrar a ele essa parte da minha vida, mas não posso. Deixá-lo ver o que faço aqui seria deixá-lo entrar mais, e não sei como sentir-me a respeito. É uma triste constatação. Lachlan já foi meu melhor amigo. Agora ele é apenas um estranho que faz meu coração disparar.

— Você quer Gatorade? — Pergunto, abrindo a geladeira.

— Claro.

Pego o amarelo – o favorito dele – e minha garrafa de água recarregada e vou até a porta. Quando me aproximo, ele abre a porta com as costas e a segura assim para mim. Quando chego bem na frente dele, enfio o Gatorade em seu peito – a coisa mais próxima que chegarei de um soco. Eu sei disso porque o impacto faz minha mão doer.

Meus olhos permanecem na garrafa, que ele ainda não pegou. — Não sei se ainda é o seu favorito. Temos outras opções, se você quiser.

Ele envolve a mão sobre a minha enquanto pega a garrafa. Fogos de artifício explodem na minha cabeça, os restos zunindo pelo resto do meu corpo. De alguma forma, consigo conter o suspiro na garganta e não reagir externamente.

— Só houve uma escolha, — diz ele, sua voz um estrondo baixo que vibra contra minha mão.

Oh. Meu. Deus. Porque ele faz isto? Eu olho para ele e encontro aquele sorriso arrogante em seu rosto. Meu coração, é claro, dá um pulo. Pego na minha mão e entro em campo. Estou esperando oito pessoas hoje – quatro garotas e quatro garotos. Neste momento, estou contando sete. O movimento capta o canto do meu olho e viro para encontrar o retardatário correndo. Já posso dizer que ele é um problema com seu cabelo castanho claro bagunçado, pele dourada e

queixo esculpido. Se o cabelo dele fosse um pouco mais escuro e os olhos verdes, eu diria que ele é parente de Lachlan. Aposto que ele é provavelmente o jogador de futebol mais gostoso da faculdade. Olho para as meninas. Duas delas parecem estar pirando. As outras duas estão revirando os olhos.

— Depressa, Barlow, — grita um dos caras.

— Eu disse para você não ficar na festa ontem à noite, — diz outro.

Dou-lhes um momento. Eu odiava quando meus treinadores não nos deixavam conversar antes do treino. Durante era impossível e depois era exaustivo. Eu olho para o meu relógio. Eles estão cinco minutos adiantados, então vou admitir isso. O garoto, Barlow, finalmente chega até nós. Ele olha para mim e assobia, um daqueles assobios de desenho animado que faz com que todos saibam que ele gosta do que vê.

Reviro os olhos. — Comece a alongar.

Volto para a cadeira para pegar minha prancheta com todas as informações — nomes, idades, escolas, onde jogaram, durante quanto tempo, etc. Lach está sentado na cadeira, com as pernas abertas como se estivesse totalmente confortável, o que eu sei que é mentira. Essa cadeira é uma merda. Ele está usando tênis, calça jogger preta e uma camiseta cinza clara de manga curta. Tenho certeza que ele se vestiu assim sabendo que estava vindo para o campo, mas não acho que ele percebeu o *quão* quente poderia ficar. Normalmente é um pouco mais frio nesta época do ano, mas tivemos um inverno estranho e estamos tendo uma primavera estranha. Hoje faz 29 graus e faz sol. Não é um clima de jogging negro, na minha opinião, mas isso é por conta dele. Diminuindo a distância entre nós, pego a prancheta debaixo da cadeira e fico ao lado dele enquanto a examino. Não há sombra em nenhum outro lugar e, em cerca de trinta e cinco minutos, estarei disposta a sentar no colo dele, se isso significar sair do sol.

— Aposto que esses filhos da puta se atropelam para se inscreverem quando ouvem que você estará aqui, — diz ele.

— Você perderia essa aposta. — Lanço-lhe um rápido olhar. — Eu normalmente não treino misto.

— Bom, — ele diz. — Aquele último filho da puta que chegou aqui já está irritando-me.

— Por que? — Levanto uma sobrancelha. — Ele faz lembrar alguém?

Ele faz uma careta. — Ele *faz* você lembrar alguém?

— Um pouco, sim.

Sua carranca aprofunda-se. Continuo lendo. Não adianta dizer a ele que enquanto estamos em campo, para mim ele é apenas mais um garoto que estou treinando. Lach não se importaria. Ele provavelmente ficaria incomodado se um bebê assobiasse para mim. Tenho que admitir, estou meio surpresa em vê-lo chateado com a atenção que tenho recebido dos caras. Com a quantidade de animosidade que ele sente por mim, eu não acho que ele ainda estaria com ciúmes. Devo dizer que Wade é o único que me perseguiu publicamente em três anos, então é engraçado que isso aconteça quando Lach está aqui. O ciúme é a única parte do velho Lach que vi até agora e gosto disso.

Eu sou uma hipócrita. Meu pai era um homem muito ciumento e eu dizia constantemente à minha mãe que isso era uma característica tóxica. Agora, olhe para mim. Corro até o grupo, levando a prancheta comigo. Não vou memorizar nada disso no minuto que nos resta. Eles ainda estão alongando-se quando os alcanço.

— Antes de começarmos, — eu digo em voz alta. Eu me acostumei a fazer barulho aqui. — Meu nome é treinadora Delilah; vocês podem chamar-me assim ou Lyla ou Dee. Eu não me importo, — eu digo.

— Você pode *chamar-me* do que quiser, — diz o garoto Barlow.

— Cale-se. Você pode querer ouvir isso, — respondo e volto ao que estava dizendo. — Eu vou rápido. Se vocês forem bons o suficiente, vocês entenderão rapidamente. Se vocês não forem bons o

suficiente, isso será bom para sua resistência e vocês chegarão lá. Se vocês não querem trabalhar para chegar lá, podem sair do campo e ir para casa, porque não vou perder meu tempo com vocês.

Alguns deles inspiram profundamente. Alguns de seus olhos arregalam-se. Barlow, o merdinha, balança a cabeça com um sorriso. Ele realmente não é *tão* jovem, agora que o vejo de perto. Sei que ele não tem a minha idade, pois não teria nada a ganhar estando aqui, mas não pode estar muito longe.

— Outra coisa, sem brincadeiras, — eu digo. — Se vocês quiserem fofocar, podem fazer isso no intervalo ou quando terminarmos.

Aceno com a cabeça de lado para que eles me sigam até o primeiro exercício que preparei. O campo é praticamente uma pista de obstáculos. Eles já fizeram todos esses exercícios um milhão de vezes, mas aqui eles farão e eu cronometrarei. Nunca os treinei, mas sei que eles são regulares aqui, e cronometrar é a única maneira de sabermos se estão melhorando ou não.

— Este é o seu ponto de partida. — Aponto para os pequenos cones amarelos que montei. — Estou os dividindo e analisando um por um. Quando terminarmos, iremos em frente. Feito *isso*, vamos para a rede.

— Exercícios de escada, — anuncio e olho para a primeira pessoa na fila. — Natalie, você começa.

Eu ajustei meu cronômetro. Quando ela termina, olho para o próximo.

— Priya, É a sua vez.

Eu ajustei meu cronômetro. Quando ela termina, olho para o próximo.

Continuo assim até chegar a Barlow, que é o último da fila. Quando chega a vez dele, espero que ele esteja brincando, mas ele é todo profissional. *Huh*. Ele é um desses. A única outra pessoa que conheço que pode fazer isso, ligar e desligar, é Lachlan. Eu nunca fui

capaz. Quando a bola está nos meus pés ou estou concentrada em um exercício, quase não ouço nada, fico presa assim. Ajusto meu cronômetro e digo a ele para ir. Quando ele termina, registro seu tempo e passamos para o próximo.

— Trançado de perna única, — anuncio, acenando para o primeiro. — Vá.

Eu cronometro ela.

Isso continua até que eles terminem. Tecnicamente, poderíamos continuar trabalhando com esses cones a maior parte do tempo, mas configurei-os separadamente para torná-los um pouco diferentes. Passamos para os cones laranja. Pego Barlow conversando e rindo com o cara ao lado dele. O cara me vê olhando e imediatamente para e olha para frente com uma cara séria. Barlow também para e olha para frente, mas está sorrindo. Não vou mentir, se ele estivesse na minha faculdade enquanto eu jogava, provavelmente gostaria daquele merdinha arrogante.

— Troquem a fila. A última pessoa vai primeiro e a primeira vai por último.

Espero que eles mudem. Barlow está focado nos cones com uma expressão séria no rosto. Eu decido que se o tempo dele for bom o suficiente, deixarei sua conversa passar. Caso contrário, ele terá que fazer saltos de sapo enquanto todos os outros terminam o exercício.

— Pé de fora. Comece com o direito, — digo, e ajusto o cronômetro quando ele começa.

O tempo dele é ótimo. Todos eles fazem isso antes de trocarmos de pé e eles fazem de novo. Nós seguimos em frente.

— Dentro, dentro, — eu digo e cronometro.

— Croqueta²³, — digo no próximo. Depois deste, eles estão ofegantes e suando. — Façam uma pausa de três minutos.

Ajustei meu cronômetro para três minutos e eles fugiram. Ouço Lachlan correndo atrás de mim. Juro...

— Gostei do pequeno discurso que você fez no início, — diz ele, com a voz baixa e rouca. Mordo meu lábio para não reagir.

— É mesmo? Você ainda gosta de atitudes mal-intencionadas? Mantenho meus olhos no grupo.

Ele solta uma risada surpresa. — Sem comentários.

Sem comentários. *Idiota*. Eu olho para ele. Está *tão* ensolarado que preciso levantar a prancheta para proteger meu rosto. — Você veio aqui para me dizer que está indo embora?

— Não.

— Você veio aqui porque quer que eu adicione você à fila?

— Você gostaria disso, não é? — Ele dá aquele sorriso lento e sexy que faz meus joelhos fraquejarem. Eu travo-os.

— Eu faria isso, na verdade. — Deixo meu braço cair e olho para o grupo.

— Eu faria isso por você.

Meus olhos encontram os dele e vejo algo neles que faz meu pulso acelerar.

Apito e dou um passo à frente. — O intervalo acabou.

Atrás de mim, ouço Lachlan dizer, — Sim, senhora, — baixinho enquanto ele sai correndo. Meu coração pula novamente. Terminamos o resto dos exercícios, fazemos uma vez e finalmente chegamos à rede. Deixo-os fazer o que quiserem e repassar as coisas que não preenchi na lista de controle.

CAPÍTULO 34

Lyla

— Essa merda é difícil, — diz Barlow, parado ao meu lado enquanto recupera o fôlego.

— A vida é difícil.

— Sim, mas você está tornando tudo mais difícil.

Levanto uma sobancelha. — Seus treinadores não obrigam você a fazer esses exercícios?

— Claro, mas não assim, e normalmente terminamos com abdominais, não fazendo tudo de novo.

— Você pode fazer abdominais no seu próprio tempo. — Abaixo a prancheta.

— Ei, treinadora D., — grita um dos caras do campo. — Você consegue fazer os exercícios?

— Claro, eu consigo fazer os exercícios, — digo. — Eu não obrigaria vocês a fazerem algo sem antes testar.

Todos riem, inclusive Barlow, mas ele se aproxima e diz: — Eu deixaria você me testar.

— Você é outra coisa, — eu digo, mas não consigo evitar a forma como meus lábios se contraem.

— Quantos anos você tem? — Ele pergunta sério, enquanto vira seu corpo para me encarar.

— Não é da sua conta.

— Vamos. Não seja assim. Ele inclina a cabeça, seus cachos selvagens caindo sobre os olhos antes de jogá-los para trás. É uma loucura o quanto ele me lembra Lach.

— Vinte e cinco.

Suas sobrancelhas sobem. — É isso?

Eu pisco. — O quê, pareço velha ou algo assim?

— Não. Eu apenas percebi que você não está... — Ele dá de ombros. — Achei que você fosse mais velha e não gostasse de homens mais jovens, mas você é apenas dois anos mais velha que eu.

— Oh meu Deus. — Isso realmente me faz rir. Eu viro para encará-lo. — Você pensou que porque eu não aprovei seu avanço, isso deve significar que sou mais velha?

— Bastante. — Ele dá de ombros.

— Sem ofensa, Barlow, — começo.

— Asher, — ele diz.

— Sem ofensa, Asher, mas um. — Eu levantei meu dedo. — Isso não funciona comigo. E dois, — levantei outro dedo. — Tenho muita bagagem que nunca jogaria em você.

— E terceiro, ela está comprometida, — Lach diz atrás de mim.

Meu estômago dá uma reviravolta, mas não me movo, não olho para ele, não digo nada. Mantenho meus olhos no cara na minha frente, cujas sobrancelhas franzem momentaneamente enquanto ele olha por cima da minha cabeça.

— Oh merda, acho que deveria ter perguntado se você tem namorado, — Barlow diz com uma risada.

— Mas você não fez isso porque realmente não se importa. Você transaria com ela de qualquer maneira, — diz Lach. Meu Deus. Eu vou *assassinar ele* durante o sono. Eu olho para ele.

— Bem, quero dizer. Você pode me culpar? — Barlow diz. Ele levanta as mãos e seus olhos arregalam-se de repente e só posso imaginar como Lach fica atrás de mim. — Eu quis dizer isso respeitosamente. Eu deveria ter perguntado de qualquer maneira.

— A resposta teria sido não, porque *não* tenho namorado, —

digo.

Assim que a última palavra sai da minha boca, sinto o calor de Lachlan nas minhas costas. Ele passa um braço em volta de mim e puxa-me para seu peito. Não consigo respirar, pensar ou responder. Barlow não parece incomodado com isso. Aposto dinheiro que a única razão pela qual ele não está pressionando é porque ele sabe que levaria um chute na bunda num piscar de olhos. Continuo deixando Lach abraçar-me. Não porque seja bom ou reconfortante, ou porque instantaneamente sinto que pertencço a ele. Não, deixei que ele ficasse com os braços em volta de mim, só porque não quero fazer cena, mas no momento em que essas pessoas vão embora, começa. Deus, espero poder me acalmar quando eles partirem.

— Bem, então, se você mudar de ideia... — Barlow dá de ombros e corre até o campo para se juntar aos amigos.

— Jesus Cristo, Lachlan. — Eu movo-me com força e ele finalmente deixa cair o braço. Eu viro-me e olho para ele, esperando aquele olhar duro em seu rosto, mas deparo com olhos dançantes dos quais senti falta mais do que qualquer coisa. Eu engulo e abaixo minha voz. — Você não pode simplesmente assustar todo homem que chega perto de mim.

— Não? — Ele levanta uma sobrancelha. — Veja.

— Você está sendo ridículo, — eu digo. — Eu disse não para ele muito antes de você chegar.

— Você disse não e ele ouviu talvez. — Seus olhos verdes são duros com os meus.

— Eu não posso lidar com você agora. — Eu viro-me e o ignoro.

Despeço-me da maioria das crianças e falo com uma mãe sobre sua filha. Quando todos vão embora, respiro fundo e olho para os cones que montei. Eu estava morrendo de vontade de juntar-me a eles no último exercício, e quando aquele cara me perguntou se eu poderia fazer isso, eu realmente lutei contra a vontade de fazê-lo. Decido passar por isso uma vez para ver se venci algum de seus tempos. Eu

faço isso, verifico o cronômetro e olho a lista. Huh. Barlow e um dos outros caras venceram meu tempo, mas não muito.

Quando termino, Lachlan aproxima-se e ajuda a pegar tudo. Ele fica quieto o tempo todo, o que me deixa um pouco nervosa. Quando termino de guardar tudo, ando pelo corredor para pegar um pouco de Gatorade e começo a enxugar o suor. Estou terminando quando ouço a porta se abrir e olho para ver Lachlan entrar. Estou surpresa que ele tenha demorado tanto para entrar. Ele deixa a porta se fechar atrás dele e fica ali, olhando para mim por um momento antes de se aproximar. A caminhada do refrigerador até a porta leva treze passos. Lachlan parece fazer isso em três. Seus olhos estão escuros, cheios de fúria e algo que faz meu coração bater mais forte.

Sem avisar, ele levanta-me com o braço esquerdo e pressiona-me contra a parede atrás de mim. Ele bate sua boca na minha em um beijo faminto. Meu corpo reage instantaneamente, como sempre acontece – envolvo meus braços em volta de seu pescoço e envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, mas ele impede-me. Estou prestes a afastar para descobrir o porquê, quando sinto seu aperto na minha bunda aumentar e ele passa a outra mão pelo elástico do meu short. Eu suspiro em sua boca. Não podemos fazer isso aqui. Minha mente está gritando isso, mas ele começa a tocar-me, seus dedos subindo e descendo vagarosamente pelas minhas dobras, e eu perco todo o sentido. Seus lábios deixam os meus e ele coloca o rosto na curva do meu pescoço, me mordiscando ali. Eu gemo profundamente. Ele pressiona o polegar contra meu clitóris e desliza dois de seus grandes dedos dentro de mim. Jogo minha cabeça para trás com outro gemido alto. Eu não ficaria surpresa se a força me causasse uma concussão. Ele move os dedos com tanta habilidade que eu gemo e cravo minhas unhas em suas costas.

— Pooooorra, — ele diz, um estrondo que eu juro que sacode através de mim e de todo o prédio.

Estou chocada por não ter gozado sozinha. Tem sido muito tempo. Ele morde meu pescoço e faz o mesmo com minha clavícula. Eu nem tenho tempo para processar o *quão* suada estou agora porque

seus dedos estão movendo-se de uma forma que vai me excitar a qualquer minuto. Ele também sabe fazer isso. Ele estudou e memorizou cada um dos meus gemidos e suspiros. Ele está se mantendo afastado de propósito.

— P-p-p-p-orra. Oh meu Deus, — eu suspiro, movendo meus quadris para montar em sua mão. — Por favor, Lach, me faça gozar.

Eu não me importo se estou implorando. Aparentemente sim, porque ele para de mover os dedos. Eu faço um som embaraçoso em protesto. Minha cabeça ainda está jogada para trás contra a parede, meu pescoço esticado para dar acesso a ele. Estou respirando com dificuldade. Esperando. Perguntando-me por que ele está em pausa quando preciso dele em velocidade dupla. Abaixo a cabeça e olho para ele.

— Que diabos, Lachlan? — Eu digo, minha voz rouca e ofegante, carente. Se isso faz parte do plano dele para torturar-me, está funcionando.

— Olhe para mim, — ele rosna, mordendo meu lábio inferior e sugando-o em sua boca. Quando ele se afasta, ele começa a foder-me com os dedos e meu cérebro explode. Não consigo tirar os olhos dele, mesmo que quisesse. — Você é minha, Lyla James.

Ele acrescenta um terceiro dedo, e eu grito quando ele faz algo que me excita.

— OhmeuDeusmeuDeus. — Meu corpo inteiro treme.

Gozo com tanta força que meus olhos reviram e minha visão escurece por um segundo. Ele não move a mão enquanto tento recuperar o fôlego. Estou esperando que ele me coloque no chão, mas seus dedos começam a subir, lentamente agora, seu polegar no meu clitóris se movendo em círculos lentos e provocantes.

— Não, não, não, — eu digo, ofegando alto. — Não posso. Não posso.

— Olhe para mim. — É uma ordem que não posso negar. Abro meus olhos e encontro sua queimação nos meus com tanta força que a

mistura disso, o toque de seu polegar e seus dedos enganchados dentro de mim me fazem gozar novamente.

— Puta merda. CARALHO, LACHLAN! Eu contorço-me contra ele, aproveitando a onda do orgasmo.

— Minha, porra, — ele rosna novamente, enquanto tira os dedos de mim e coloca-me no chão.

Eu imediatamente curvo-me, ofegante e com as mãos trêmulas sobre os joelhos trêmulos, como se tivesse acabado de correr uma maratona. *Que raio foi aquilo?* Demoro um momento para me recompor, mas quando me recomponho, ele está sério novamente, seus olhos ainda queimando enquanto sua mandíbula se contrai. Eu não sei o que devo fazer. Eu deveria tocá-lo? Beija-lo? Nunca fiquei desconfortável perto dele. Eu odeio me sentir assim.

— Porque você fez isso? — Pergunto baixinho, para avaliar sua resposta.

— Para lembrá-la.

Não tenho palavras. Ele me roubou elas. Ele roubou tudo de mim agora – meus pensamentos, minhas emoções, minhas palavras, minha liberdade e minha sanidade. Não consigo entendê-lo agora. Ele faz coisas que me mostram que se preocupa comigo e depois age como se nada tivesse acontecido. Ele ainda me ama ou apenas quer me possuir? Não sei se sou forte o suficiente para descobrir. Descerei de bom grado pela toca do coelho se isso levar-me ao homem por quem me apaixonei, mas tenho medo de não o encontrar.

CAPÍTULO 35

Lachlan

Eu cedi. Eu sou um ser humano, droga. Tenho sido paciente o suficiente. Eu pensei que estava excitado antes, mas quando todos foram embora, Lyla caminhou até o início de sua pista de obstáculos fodida e acionou o cronômetro. Eu a observei fazer tudo em velocidade recorde. Ela olhou para o cronômetro e balançou a cabeça como se dissesse “nada mal.” Quase fui até lá para pegá-la em meus braços, mas não o fui. Mantive minhas mãos afastadas e ajudei-a a pegar o que pareciam ser mil cones. Achei que não ficaria *tão* reprimido quando terminássemos de guardar tudo, mas estava pior. Tudo o que pude fazer foi pensar naquele filho da puta do Barlow. Eu nem tirei foto dele. Eu sei que ele não é uma ameaça, mas vê-la rir com ele foi demais para mim.

Fiquei do lado de fora, olhando para a porta, tentando convencer-me a ir embora, mas não consegui. É fisicamente impossível para mim não a tocar. Durante todo o dia, eu quis beijar, tocar, reivindicar e fazê-la lembrar como é entre nós. Honestamente, eu nem sei mais quem estou torturando – ela ou eu. Ainda estou com raiva, mas quando a vejo fazer coisas que a fazem ganhar vida, como correr na pista de obstáculos ou interagir com as crianças desta manhã, só quero jogá-la por cima do ombro, levá-la para a superfície mais próxima., e devorá-la.

Depois da nudez desta manhã, e agora disto, vou precisar de um banho de gelo hoje. As temperaturas frias regulares não resolvem. Eu poderia tê-la fodido. Eu ainda poderia fazer isso, mas não vou. Estou com muita raiva agora e isso não faz parte do plano. Ela me faz perder toda a razão, mas mantenho minha raiva. Ela fodeu-me. Ela deixou-me.

— E agora? — Pergunto quando ela termina seu Gatorade.

— Eu normalmente tomo banho, mas vou tomar banho em casa hoje. — Ela fecha os olhos e respira fundo. Quando ela os abre, ela pergunta: — Você quer que eu lhe mostre o lugar?

— Claro. — Eu dou de ombros. Estou morrendo de vontade de conhecer esse lugar.

Tenho que admitir, este lugar é impressionante como o inferno. Piscinas cobertas, saunas, várias academias e áreas para médicos trabalharem com pacientes. Uma máquina de raio X. A lista continua. Pessoalmente, acho que Lyla deveria jogar futebol profissional, mas posso ver o que a atraiu nesta carreira e neste lugar. Ela guia-me por um corredor e abre a porta no final, acendendo a luz enquanto sai do caminho para que eu possa entrar.

— Este é o meu escritório, — diz ela.

— Você tem seu próprio escritório? — Meus olhos arregalam-se.

— Sim. Conseguimos um escritório depois de seis meses, — diz ela.

É um espaço de bom tamanho com uma escrivaninha, três cadeiras e uma pequena estante. Sem janelas, mas Lyla não precisa de merdas como janelas. Ela fechava as persianas e nunca mais olhava para fora. Estou surpreso que ela não tenha persianas na divisória de vidro com vista para o corredor que ocupa metade da parede. Eu observo e imagino ela aqui. Ela se veste com traje de escritório? Uniforme? Porra, quero que ela vista os dois e me visite no meu escritório. Ela não tem nenhum item pessoal, apenas corujinhas na estante e um pote cheio de canetas coloridas. Não há exibição de suas medalhas ou de seu troféu de vidro. Se você entrar aqui para conversar, nunca perceberá como isso é insípido, mas eu percebo. É o tipo de escritório que você pode arrumar em menos de cinco minutos se precisar sair. Talvez Marissa esteja certa. Talvez Lyla esteja fingindo estar feliz aqui. Fingir até conseguir, certo? Sim, isso não funcionou muito bem para mim.

Dou a volta em sua mesa e olho para cima para vê-la parada perto da porta. De repente, ela parece tensa *pra* caralho, como se

estivesse tentando evitar se mover. Acho que nunca a vi assim. Bem, ela ficou assim com o vibrador, o que eu entendo. Mas não consigo imaginar que ela tenha um desses em seu escritório.

— O quê, você tem uma foto com aquele idiota aqui? — Eu meio que brinco. Se ela fizer isso, vou rasgá-lo. Eu provavelmente deveria avisá-la.

— Eu tenho uma foto com *um* babaca, — ela diz em um tom entediado e cruza os braços enquanto olha para o corredor.

Não estou preparado para o que encontro quando entro atrás da mesa dela. Ela tem duas fotos sem moldura coladas na parte inferior do iMac. Não há como esconder meu choque quando as vejo. Elas têm vincos como se tivessem sido dobradas e desdobradas – uma de mim com meu uniforme Fairview Blaze. Eu provavelmente estava patinando até ela quando ela tirou a foto. A outra é nós dormindo no sofá dela, a cabeça dela sobre o meu coração, meus braços ao redor dela. Nunca a vi antes, mas presumo que Marissa a tenha tirado. Parecemos *tão* pacíficos. *Tão* felizes.

Eu lembro desse dia. Ficamos em casa, fizemos macarrão e assistimos Pocahontas. Fiquei ofendido quando finalmente entendi sua referência a John Smith, e ela riu e riu. Porra. Ainda posso ouvir aquela risada na minha cabeça. Ainda consigo imaginar o rosto dela. Engulo em seco, tentando encontrar as palavras. Quando ela me disse que não deixava as amigas falarem de mim, pensei que era para ela tentar me esquecer, mas acho que me enganei. Por que diabos ela faria isso consigo mesma? Ela teria que olhar essas fotos toda vez que se sentasse aqui. Tem que doer. Isso está me machucando, e esta é a primeira vez que as vejo. Quando olho para ela, ela está olhando para o corredor.

— Por que? — Minha voz está *tão* baixa que nem tenho certeza se ela ouve.

Ela olha para mim, seus olhos procurando os meus como se ela estivesse tentando encontrar algo que ela não tem certeza se existe. Eu gostaria de saber o que ela estava procurando para poder dar a ela.

Depois de um longo momento, ela finalmente fala. — Isso não importa mais.

Ela vira-se e sai. Uma dor instala-se em meu peito no minuto em que ela se vai. Olho as fotos novamente. Eu tenho que seguir com meu plano. Eu vou em frente, mas porra, isso é mais difícil do que eu pensava.

* * *

Quando chegamos à casa dela, nos revezamos na preparação. Nós não falamos. Eu sei que ela está meditando tanto quanto eu. E ela provavelmente está com fome, o que é o pior, e provavelmente o único momento em que sua maldade não me excita. Ela deve estar morrendo de fome agora. Estou morrendo de fome e comi duas refeições completas no campo e um smoothie de 40 centímetros na loja da Marissa. Ela também tomou um grande smoothie de proteína, mas hoje estava muito ativa para que isso fosse suficiente. Por causa do nosso silêncio mútuo, não tenho certeza para onde estamos indo ou como nos vestir, mas esta cidade não parece muito pretensiosa. Os homens provavelmente usam camisas de pesca para jantar e essas coisas. Acabo vestindo uma camiseta preta com decote em V e jeans escuro.

Eu verifico Lyla pela quinta vez. Ela está usando um macacão preto curto. Um macacão preto bem curto. Jesus. Ela pode usar o que quiser, mas não sei como devo me manter sob controle. Do jeito que está, não consigo parar de relembrar como ela ficou quando gozou em meus dedos. Como ela reagiu.

— Qual é o plano? — Pergunto enquanto passo os dedos pelo cabelo úmido.

Ela observa o movimento. Nada muda em sua expressão, mas vejo saudade em seus lindos olhos. Quase a pego no colo e a beijo ali mesmo. Eu mereço pelo menos três medalhas de ouro pela quantidade de moderação que estou demonstrando.

— Hambúrgueres, — ela diz simplesmente, enquanto calça sandálias pretas e se olha no espelho.

Mordo a língua para não dizer nada, mas não consigo parar de olhar para a barra do seu macacão. Está suficientemente solto para que eu possa empurrá-lo para o lado e fodê-la com ele. Preciso parar de brincar e permanecer no caminho certo antes que ela descarrile o trem. Eu sei que sim, mas ela me deixa louco. Ela vira-se para ver como ela fica por trás. Ela é perfeita. Eu nem sei por que ela se preocupa em verificar três vezes. Calço meus tênis e a sigo, olhando para sua bunda durante todo o caminho até o elevador e imaginando todas as coisas que quero fazer com ela.

— Como você encontrou este lugar? — Pergunto enquanto descemos o quarteirão.

Tenho que admitir, é uma cidade legal. Não é Chicago ou Nova York, mas é legal. Posso dizer que está crescendo, dada a quantidade de pessoas da nossa idade que moram aqui. É limpo e todo mundo parece legal. Alguns deles são um pouco legais *demais*.

— Uma revista de viagens.

Paro de andar.

Ela percebe e se vira. — O que?

— Uma revista de viagens?

— Estávamos na Califórnia e eu já sabia que a única maneira de escapar seria mudando meu nome e localização, então folheamos uma revista de viagens. Nós nos apaixonamos instantaneamente por ela, e ficava perto de uma das universidades que me aceitaram em seu programa, então nos mudamos. — Ela dá de ombros.

Começo a andar novamente. — Presumo que por “nós” você quer dizer você e Marissa.

— Sim.

Eu luto contra o aborrecimento que cresce dentro de mim. Eu sei que ela fez o que sentiu que tinha que fazer, mas que porra é essa?

Uma revista de viagens? Isso é um absurdo. Tudo isso é um absurdo. Não vou dizer isso, pois esta é a primeira conversa normal que tivemos desde que cheguei. Mesmo que ela esteja com fome, ela não está me dando respostas curtas. Ela realmente parece...cordial. Devo dizer que ver aquelas fotos está fodendo com minha raiva.

— Bem, tecnicamente, Marissa se apaixonou por isso, — diz ela.
— Eu simplesmente aceitei.

— Então Marissa escolheu onde queria morar e você simplesmente concordou? — Eu pergunto.

— Sim, — ela diz. Quando ela olha para a expressão no meu rosto, acrescenta: — Marissa fez muito por mim. Demais. Ela nunca me virou as costas e não precisa se esconder comigo. O mínimo que eu podia fazer era deixá-la escolher onde queria morar.

Ela não está brincando quando diz que Marissa fez muito por ela. Faz sentido que Lyla a deixe ficar com isso. Quando finalmente chegamos ao restaurante, mantenho a porta aberta para ela e a sigo para dentro. Não é o que eu esperava quando ela disse hambúrgueres. É uma churrascaria chique.

— Você parece familiar, — diz a recepcionista no segundo em que nos aproximamos dela.

— Devo ter um rosto familiar, — digo. — Você tem alguma mesa disponível para dois?

Ela olha para mim, com as sobrancelhas puxadas. Ela provavelmente viu as notícias sobre minha aposentadoria em todos os lugares e não consegue juntar as peças. Honestamente, em qualquer outro momento, eu teria contado a ela, mas estou com fome e a única pessoa que quero olhando para mim está focada no estúpido mapa do velho mundo que eles têm pendurado na parede ao lado dela.

— Mesa para dois, — repito.

— Oh. — A anfitriã pisca. — Estão todas ocupadas. Vocês podem sentar no bar, se quiserem.

Olho para Lyla, que dá de ombros e diz: “De qualquer forma,

prefiro o bar.”

Eu a levo até lá, instintivamente movendo minha mão para trás e alcançando a dela enquanto caminhamos. A mão dela é a única que já segurei. Lembro-me da forma como o sorriso apareceu em seu rosto – aquele que eu mais amo – quando contei isso a ela. Depois que ela me deixou, quando eu não estava com raiva, me arrependi de não poder segurar sua mão em público. Espero que ela me ignore, mas ela surpreende-me não apenas colocando a mão na minha, mas entrelaçando nossos dedos. Quase morro de ataque cardíaco ali mesmo - de tanto segurar a mão. Soltei-me a contragosto quando chegamos a dois bancos no canto do bar. Algumas outras pessoas estão sentadas aqui, mas o barman praticamente corre até nós.

— Olá, Delilah, — ele diz com uma voz cantante como a música. Reviro os olhos. *Muito inteligente.* — Gin, de novo?

— Gin, de novo. — Ela dá a ele o fantasma de um sorriso. — Mas eu também quero um hambúrguer.

— Cheeseburger de queijo de cabra ao ponto, certo? — Ele diz.

Ela levanta uma sobrancelha. — Sim.

O filho da puta dá de ombros e sorri como se lembrasse do pedido de todos. Okay, certo. Jesus Cristo. Todo mundo nesta cidade quer transar com ela? Não posso culpá-los, mas caramba. Dê-me um tempo aqui.

— Oh, vejo que você trouxe um amigo, — diz ele, com um grande sorriso enquanto coloca dois guardanapos na nossa frente. — O que eu posso fazer por você?

Um amigo. É como se todos os homens nesta cidade lessem um manual sobre como me irritar. Provavelmente é um best-seller local. Estou morrendo de fome e o hambúrguer será a primeira refeição que ela consumirá durante todo o dia, então retiro meus comentários. Ainda estou olhando para ele sem expressão quando Lyla coloca a mão sobre a minha. O gesto envia um choque através de mim. Meus olhos voltam-se para os dela.

— Basta dizer a ele o tipo de bebida que você quer e deixá-lo fazer sua mágica, — diz ela, com os olhos brilhando.

Normalmente bebo minha bebida pura, mas digo sim para qualquer coisa quando ela me toca e me olha daquele jeito. *Um barco? Um carro? Um avião?* Sim, sim, sim. Infelizmente, nada que possa ser comprado com moedas entraria na lista de Lyla.

Olho para o barman. — Vou querer o gim.

— Alguma especificação? — Ele pergunta. — Não muito frutado? Apimentado?

— Surpreenda-me.

— Alguma coisa para comer? — Ele pergunta, quando está prestes a ir embora.

— Vou querer o mesmo hambúrguer que ela está comendo.

— Ao ponto?

— Claro.

Normalmente não peço comida ao ponto em restaurantes, pois eles tendem a cozinhar demais a carne, mas estou tentando manter as coisas simples esta noite. Depois que ele sai, giro meu assento ligeiramente em direção a ela.

— Todos os homens desta cidade estão apaixonados por você?

— Não. — Ela revira os olhos. — Acontece que aqueles que você conheceu *gostam* de mim.

Gosta dela. Claro. Gostaria *de* transar com ela, talvez.

— Não que isso seja *da* sua conta, — diz ela, apontando para o barman. — Mas Pat é gay e definitivamente não está interessado em mim desse jeito.

Huh. Eu sei que isso não deveria importar, mas eu o tiro da minha lista de merda de qualquer maneira. Ele é oficialmente a única pessoa na lista de pessoas legais por enquanto.

— Além disso, — ela diz quando eu não digo nada. — Olha quem

está falando, *senhor. Eu apenas sorrio para uma garota e a calcinha dela cai.*

— Ciúmes?

Ela tira a mão da minha e gira o assento para ficar de frente para o bar. Eu odeio isso, mas tomo isso como mais uma indicação de que ela ainda se preocupa comigo.

— Mas é sério, — eu digo quando ela não fala. — Há algo na água nesta cidade? As pessoas não têm limites.

— Você ao menos conhece a definição de limites? — Ela ri. Uma verdadeira risada. Aquela que eu perdi.

Sinto meus lábios se contraírem. Por um momento, seus olhos suavizam, e sinto como se estivesse olhando para o disco e meu coração estivesse prestes a pular pela garganta. Esqueci do que estamos falando. O barman volta com dois drinks amarelados em taças de martini. Já estou cauteloso. Pegamos os copos ao mesmo tempo e os levamos aos lábios.

O cara está nos observando com a respiração suspensa, então espero, para o bem dele, que isso seja bom. Tomo um gole. Droga. Não sei o que há nele, mas adoro imediatamente. É um pouco picante e um pouco cítrico, mas também tem um toque de doçura que o equilibra perfeitamente. Pode ser apenas minha nova bebida favorita. Colocamos nossos copos na mesa. Ele nos observa. Provavelmente é por isso que ele gosta tanto de Lyla. Ela o mantém alerta com sua expressão passiva e olhos que só eu consigo ler.

Depois do que parece uma eternidade, ela levanta dois polegares para ele. — Dez de dez.

Ele solta um suspiro de alívio e depois olha para mim.

— Fiquei um pouco cético quando vi o copo, mas é a melhor bebida que tomei nos últimos tempos.

— Estou *tão* feliz que vocês dois gostaram, — diz Pat, com um sorriso largo, e caminha até a pessoa do outro lado do bar.

Lyla vira-se ligeiramente para mim. — Você realmente gosta ou está tentando ser legal?

— Quando eu tentei ser legal? — Lanço um olhar para ela e acrescento: — Para qualquer um, menos para você.

Ela estuda-me por um longo momento, seus olhos percorrendo meu rosto. Quando ela se move para girar a cadeira para frente, eu agarro seu antebraço e desço minha mão até a dela. Não sei por que faço isso, porque agora quero tocá-la em todos os lugares. Nada muda em sua expressão, mas vejo o fogo em seus olhos. É uma chama que está começando, mas está lá. Porra, eu a quero. Eu nem me preocupo em lembrar que estou bravo com ela. Qual é o objetivo? Posso ficar bravo o quanto quiser, mas nunca deixarei de desejá-la.

— Por que as fotos? — Pergunto porque isso está deixando-me louco desde que saímos do centro esportivo.

Ela imediatamente afasta-se, retira a mão e gira o assento para frente novamente. Jesus Cristo. É uma pergunta simples. Ela parecia nervosa por eu ver as fotos, mas não fez nenhum movimento para impedir que isso acontecesse. Ela poderia ter me mostrado seu escritório pela porta e fechado. Ela poderia ter corrido para escondê-las enquanto eu olhava em volta. Como ela pode esperar que eu, entre todas as pessoas, não pergunte sobre elas?

— Basta responder à pergunta, — eu digo calmamente. Só preciso desta resposta e depois deixo o assunto para trás.

Seus olhos piscam para os meus. — A última vez que você me fez perguntas, você me humilhou. Essa é a única coisa que você fez desde que chegou aqui, então perdoe por não querer jogar seu joguinho. Vou embora com você amanhã. Estou indo para um lugar do qual pensei ter escapado para o resto da vida. E sabe de uma coisa?

Ela sai do banquinho. Estou chocado só com isso. Não que ela esteja falando alto ou causando uma cena, de forma alguma, mas ela sempre ficou mortificada por se exaltar em público. Eu sei que provavelmente deveria estar chateado com isso, mas é sexy *pra* caralho e mostra que ainda posso fazê-la se sentir como ninguém mais

consegue.

— Não estou fazendo isso por dinheiro. Estou fazendo isso por você. Se eu quisesse, eu diria quem atacou e deixaria acontecer o que te acontecesse com você. — Ela diz, aproximando-se para ficar a apenas alguns centímetros do meu rosto. — Mas por alguma razão estúpida, eu não posso fazer isso, porque apesar do pedaço de merda que você tem sido comigo, não posso suportar que nada aconteça com você e sinto que ir com você pode de alguma forma salvá-lo do perigo. Então, vá se foder, Lachlan Duke.

Ela respira fundo e vira para sair, mas vira-se com fogo renovado em seu olhar raivoso. — E você sabe o que mais? Você não foi o único que se machucou naquele dia. Eu também fui agredida e mandada para o hospital, então é justo... vá se foder.

— O que? — Eu afasto-me, sua admissão atingindo no centro do peito. — O que você quer dizer com você foi agredida? Em qual hospital? O que você está falando?

Ela olha incrédula. Eu já sei que ela não vai me contar, o que me irrita *pra* caralho. Minha mandíbula aperta com tanta força que acho que posso quebrá-la.

— Você não merece saber de nada do que aconteceu comigo. Você não merece saber nada sobre mim, — ela sussurra baixinho. — Não me peça mais nada. Não tenho mais nada para dar.

Ela joga o guardanapo na cadeira e vai embora. Ela conseguiu dar um novo golpe baixo, para que ninguém fique olhando. Fico olhando para ela, com o coração na boca do estômago quando ela vira a esquina e não consigo mais vê-la. *Porra*. Posso dizer que ela está guardando aquilo. Provavelmente desde o incidente do vibrador. Talvez até antes disso. Não consigo nem processar o que ela acabou de me dizer. *Ela acabou na porra do hospital?* Isso não estava na pasta. Eu deveria chutar a bunda de Liam por seu trabalho meia-boca. Ainda estou olhando para o restaurante como se ela fosse aparecer magicamente. Finalmente, giro meu assento e espero chamar a atenção do barman para pagar a conta e levar a comida para viagem.

— Lachlan, certo? — Pat pergunta enquanto caminha até mim. Olho para ele por um longo tempo, tentando descobrir como ele sabe meu nome. Fã de hóquei, talvez?

— Sim, — respondo depois de um momento.

— Ela contou sobre você. — Ele olha na direção em que ela desapareceu.

Não consigo nem imaginar o que ela deve ter dito sobre mim. O que ela poderia ter dito? Minha curiosidade deve transparecer porque ele sorri.

— Sempre que mostravam seu rosto ou diziam seu nome, ela me fazia mudar de canal. — Ele aponta para a televisão do outro lado do bar. — Um dia, ela viu você na tela e... — Ele engole em seco, desviando o olhar como se estivesse doendo, o que me machuca ainda mais. — Eu perguntei quem você era, então ela contou.

— Ela vem muito aqui então, — eu digo.

— Só para almoçar quando o local está praticamente vazio. Ela sempre senta ali, come hambúrguer e batatas fritas, ouve-me balbuciar e vai embora. Ele pisca e balança a cabeça, focando em mim novamente. — Tenho certeza de que isso não significa muito vindo de mim, mas nunca a vi sorrir ou rir de verdade. Certamente não do jeito que ela fez esta noite.

Uma risada áspera deixa meus lábios. Sim, ela sorriu, e então eu fui e estraguei tudo. Tomo um grande gole da minha bebida, esperando que isso livre-me do nó na garganta e da culpa no meu peito. Isso não acontece.

— Acho que a falta de sorrisos e gargalhadas dela não é um problema. Ela tem muitos admiradores, — digo porque não consigo deixar essa merda passar.

— Ela tem. — Pat ri. — Essas pobres almas. — Sinto-me sorrir um pouco, o que parece incentivá-lo, porque ele continua: — Sei que sou um completo estranho e provavelmente não deveria estar dizendo isso, — diz ele. — Mas aquela garota está *tão* apaixonada por você que

nenhum dos homens desta cidade teve a menor chance.

Porra. Achei que era isso que eu queria ouvir, mas agora tudo o que isso faz é fazer-me sentir pior.

— Foi bom conhecer você. — Ele bate duas vezes no balcão e sai para ajudar outra pessoa.

Estou prestes a chamar de volta para pedir a conta quando meu corpo percebe a presença dela. A maneira como minhas células parecem sentir as dela é inexplicável. É também como sei que isso nunca vai acabar. Lyla volta para sua cadeira, pega o guardanapo, coloca-o no colo e toma um gole de sua bebida como se nada tivesse acontecido. Eu olho para o lado do rosto dela.

— Não.

É tudo o que ela diz.

É tudo o que ela tem a dizer.

Ela só fala com Pat. Mesmo com ele, são apenas respostas curtas e pequenos sorrisos fingidos. Percebo que estou vendo ela fechando-se bem diante dos meus olhos, e as únicas coisas em que consigo pensar é que ela tem fotos minhas em seu escritório e que falou com todas essas pessoas sobre mim. Entrei na vida dela exigindo coisas dela e pensei que ela concordasse puramente por culpa, medo ou dinheiro, apenas para descobrir que ela concordou porque se importa. É por isso que Marissa e Prescott guardam todos os seus segredos. É por isso que os homens a perseguem, apesar de sua atitude distante. É por isso que me apaixonei tanto por ela. Conheci mais pessoas do que posso contar, então reconheço joias quando as vejo, e essa porra de garota tem um coração de ouro. Ouro negro, se isso existe, mas mesmo assim ouro.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para meu irmão.

Eu: *ela foi para o hospital na noite que eu fui. Por que isso não estava no arquivo?*

Liam: *droga. Ela está bem, certo?*

Eu fico olhando para suas palavras. Eu nem pensei em perguntar

isso. Quero dizer, ela está obviamente bem. Eu a vi correndo e pulando desde que cheguei aqui, mas ainda assim. Eu nem perguntei se ela está bem. Não perguntei se ela está feliz aqui, ou se ela sentiu minha falta ou não. Eu sei que sim, mas eu deveria ter perguntado a ela. Com jeitinho. Eu não consegui. Estou segurando essa raiva há muito tempo. Ela deixou-me, porra. Essa era a única coisa que ela sabia – ela sabia, porra – que mais me machucaria, e foi isso que ela fez. Entendo que ela pense que tinha que fazer isso, mas não posso simplesmente perdoá-la por isso. A faca está enterrada muito fundo na ferida. Respiro fundo e olho para ela novamente. Sua expressão está completamente vazia agora. Quando ela inclina o rosto e examina as garrafas na prateleira, não consigo nem ler a porra dos seus olhos. Caramba.

Eu: *ela está bem. Descubra o que aconteceu*

Guardo meu telefone e tomo outra bebida quando ela faz isso. Eu poderia muito bem beber minhas tristezas.

CAPÍTULO 36

Lachlan

Voltamos para a casa dela em silêncio. Silêncio taciturno e desconfortável que me deixa com coceira. Estou tentando descobrir quando teria sido a última vez que pedi desculpas a alguém e não consegui. Não é que eu não possa me desculpar. Sou homem o suficiente para admitir quando estrago tudo. É apenas... pelo que é que eu teria pedido desculpa? Provavelmente já pedi desculpas à minha mãe e ao Liam em algum momento da minha vida. Nunca uma mulher. Eu preciso desculpar-me com ela, no entanto. Eu estraguei tudo. Eu sabia que estava estragando tudo no momento em que a beijei e exigi que ela se casasse comigo e voltasse para Fairview. Eu sabia, mas fiz isso mesmo assim, porque minha raiva se sobrepôs a todo o resto.

Ela não merecia isso. Ela *não* merece isso. E ainda assim, não posso consertar esse erro. Eu ainda preciso que ela se case comigo. Ainda preciso voltar para Fairview. Eu sei que até que isso não seja resolvido, ela não estará comigo. Eu zombei dos meus próprios pensamentos. Eu nem sei se isso é mais uma opção, mas a ideia de ficar longe dela por mais tempo dói demais para eu considerar qualquer outra coisa. Vou persegui-la pelo resto da minha vida e provar a ela que posso ser digno dela, se isso for necessário. Ficamos em silêncio enquanto entramos no saguão, no elevador, no corredor e, finalmente, entramos no apartamento dela.

— Sinto muito, — digo assim que a porta se fecha atrás de nós.

Ela larga a bolsa e olha para mim. Inexpressiva. Porra, não posso deixá-la fazer isso. Não posso deixá-la ficar sem expressão. Tenho a sensação de que se ela erguer muros entre nós, não serei capaz de derrubá-los desta vez. É um pensamento assustador. Uma possibilidade com a qual não posso conviver. Eu a sigo até o quarto.

— Lyla.

Ela ignora-me, entra no armário e começa a tirar as joias. Ela joga o cabelo para o lado e inclina um pouco o pescoço enquanto desabotoa o colar. Até o jeito que ela faz isso é sexy. É mesmo possível? Fico na entrada, encostado na parede, esperando que ela me reconheça. Ela nem sequer olha para me fazer uma careta. Isto é ruim. Isso é *realmente* ruim.

— Sinto muito, — repito.

— Eu ouvi você, — ela diz.

— Eu realmente sinto.

— Eu disse que ouvi você. — Seus olhos piscam para os meus. — Estou tentando descobrir se ainda me importo.

Meu coração afunda. Não, porra, não.

— Não diga isso.

— Eu não posso fazer isso com você agora. Estou cansada. Foi um dia longo e amanhã será outro. Tenho certeza de que todos os dias que se seguirem até o término deste contrato também serão. Apenas deixe-me ter paz na porra do meu próprio apartamento, pelo amor de Deus.

Eu não respondo. O que posso dizer? Ela pega o pijama e eu dou um passo para trás para deixá-la sair do armário e ir ao banheiro. Ela fecha a porta e tranca-a. O som é *tão* chocante que me faz perceber que esta pode ser a primeira vez que ela tranca a porta desde que cheguei aqui. Caramba, isso é muito ruim. Sento-me na beira da cama e espero por ela. Eu nem me lembro por que deveria estar com raiva dela. Eu estava bravo com minha situação no hóquei. Fiquei bravo por ter que pular obstáculos para encontrá-la. Desisti do hóquei para encontrá-la, e quando finalmente consegui, ela estava... não importa.

Nada disso importa mais porque ela jogou isso em mim. Ela joga esse jogo muito melhor do que eu, e estou bem com isso. Deus, ela foi para a porra do hospital. Ela foi atacada tanto quanto eu? Minha garganta se fecha com a perspectiva disso. Ela provavelmente estava sozinha no hospital. Tenho certeza de que Marissa estava lá.

Definitivamente, Prescott, já que foi ele quem me deu a notícia de que ela havia partido. Mas é isso. O pai dela visitou-me com todos os meus treinadores, então ele não poderia estar com ela. Não que ela o quisesse ali. Tudo o que sei é que não estava lá. Ela provavelmente nem ganhou flores. Porra. Ela estava na porra de uma cama de hospital quando me mandou aquelas flores. Estou certo disso. Apoio os cotovelos nos joelhos e enterro o rosto nas palmas das mãos. Não posso perder essa garota de novo. Não pode ser tarde demais para me redimir. Não sei como vou conseguir isso, mas preciso.

Quando ela sai do banheiro, ela ignora-me e vai até a cozinha. Quando termino de tomar banho, ela está dormindo ou fingindo. Deito ao lado dela, minha mente correndo a mil por hora enquanto tento ficar do meu lado da cama e processar tudo isso pela centésima vez. A mulher que amo, que eu daria tudo para ter - que desisti de tudo para encontrar - está finalmente ao meu lado, e ela poderia muito bem estar em outro planeta, com o *quão* longe ela se encontra. Viro de lado e fico de frente para ela. Não consigo vê-la na escuridão, mas consigo distinguir o formato de suas costas, já que ela está de costas para mim.

Eu não aguento mais. Meu peito parece que vai explodir. Eu só quero tocá-la, abraçá-la, alguma coisa, qualquer coisa. Se ela quiser me expulsar, eu vou embora. Se ela me disser para não colocar as mãos nela, não colocarei, mas preciso tentar. Vou para o lado dela, coloco meu braço em volta dela e a puxo para meu peito, como costumava fazer antes de ela partir. Antes que minha vida perdesse o sentido. Antes de deixar minha raiva guiar minhas ações. Uma sensação de paz toma conta de mim instantaneamente quando enterro meu rosto na curva de seu pescoço e inalo seu perfume. Ela cheira *tão* bem. Ela é *tão* sexy, *tão* perfeita.

— Sinto muito, Lyla James. Eu nem sei por que pedir desculpas primeiro, mas sinto muito por tudo isso, — digo contra seu pescoço. — Por favor, não pare de se importar.

Ela inspira profundamente e solta o ar. Ela não diz nada, mas deixa-me abraçá-la, e isso é o suficiente por enquanto.

Lyla

DELILAH-OUOQUEPORRAVOCÊ QUEIRA ME CHAMAR

Aterrissamos em Chicago por volta das dez. É um voo de três horas e meia, que passei todo enrolada em meu pequeno cubículo de primeira classe, tentando assistir a um filme que ganhou um milhão de prêmios. Para quê, não tenho ideia, a menos que deem prêmios para o melhor festival de soneca. Sou acordada pela derrapagem dos pneus quando o avião pousa. O capitão começa a falar sobre nosso portão enquanto eu desdobro-me e começo a juntar minhas coisas.

Tiro o meu telefone do modo avião e mando uma mensagem para Marissa para avisar que pousamos. Ela responde imediatamente com uma série de emojis nos quais não consigo concentrar-me agora. O avião estaciona e as pessoas imediatamente fazem o que fazem, levantando-se e tentando pegar suas malas para serem as primeiras a sair do avião. Não tenho voos de conexão e estou com medo do que me espera fora do aeroporto, por isso não tenho pressa em sair. Demoro, guardando meus fones de ouvido, pegando meu carregador e procurando o batom que deixei cair acidentalmente durante os primeiros cinco minutos do voo.

É isso que estou fazendo quando Lachlan aproxima-se e fica no meio do corredor esperando por mim. Não nos falamos desde a minha birra no restaurante, coisa pela qual me detesto. Ainda não consigo acreditar que fiz isso. A única outra vez que perdi a calma foi na festa de Marissa, há um milhão de anos. Juro que ele é a única pessoa que pode me deixar com tanta raiva. Perco toda a razão perto dele. Olho para cima e vejo pessoas se desculpando enquanto tentam passar por ele, enquanto ele fica ali parado e me encara como se estivéssemos no

meio de um campo aberto. Até isso frustra-me. Não digo nada. Encontro meu batom e o sigo para fora do avião. Quando saímos para a ponte de carga, as nossas malas estão à nossa espera. Estas não são malas de mão. Elas são grandes que viajaram no fundo do avião e agora estão de alguma forma aqui em cima enquanto todos os outros correm para a esteira de bagagens. O funcionário sorri enquanto as entrega para Lach e sorri ainda mais quando recebe uma gorjeta por isso. Lach leva-as enquanto eu os sigo, tentando entender o que acabou de acontecer. Provavelmente é melhor, não sei. A coisa toda parecia uma troca de drogas. Conhecendo-o, ele me colocaria no meio de uma maldita situação de cartel de drogas, por mais egoísta que seja.

Eu realmente sinto que estou ficando louca. Talvez seja a falta de sono ou todas as coisas que foram jogadas em mim de uma vez, mas não consigo colocar minhas emoções em ordem. Deixei que ele me abraçasse ontem à noite e pedir desculpas enquanto eu fingia estar dormindo, mas ainda não estou pronta para falar sobre isso. Estou muito chateada e ainda processando isso. Todos os olhares que recebi dele foram cautelosos, o que é bom. Ele está certo em estar com medo. Ele provavelmente pensa que vou abandoná-lo no último minuto. Honestamente, se ele pensa isso, ele não me conhece. Caminhamos pelo aeroporto em silêncio. Como já temos nossas coisas, saímos onde um cara de terno escuro, que parece capaz de chutar a bunda de qualquer um, está nos esperando. Ele parece assustador, mas seu sorriso alcança seus olhos enquanto ele aperta a mão de Lach. Enquanto pega nossas malas, Ronnie apresenta-se para mim. Quando as portas se abrem, o vento forte atinge-me com tanta força que dou um passo para trás e cruzo os braços. Eu verifiquei o tempo. Nem está *tão* frio assim, mas o vento de Chicago parece não entender a mudança das estações. Lembro-me da última vez que visitei meus pais, era verão e ainda fazia frio à noite.

Nossas malas são colocadas no porta-malas de um SUV preto com vidros escuros, onde outro homem terrivelmente grande está esperando para abrir as portas. O que é esse serviço? Quando papai jogava profissionalmente, éramos apanhados e levados para qualquer

cidade que íamos, mas os homens não eram assim. Não que eu esteja reclamando. Talvez Lachlan seja *tão* paranoico quanto eu, afinal. Quando estamos sentados no banco de trás, vejo o que ele está vestindo: calça social carvão, cinto marrom, sapatos combinando e uma camisa branca de botões com as mangas arregaçadas. Ele se veste *tão* formalmente hoje em dia. É estranho. Sexy, mas estranho. Estou vestindo jeans, uma camisa branca grande demais com mangas enroladas e tênis branco liso. Abro minha mochila, tiro meu suéter preto tricotado e amarro-o nos ombros.

Não sei para onde estamos indo, mas sei que me encaixaria perfeitamente em um clube de campo ou em um anúncio da Ralph Lauren. Mantenho os olhos para fora e me perco na vista. É uma cidade *tão* bonita. Não me lembro muito disso - The Bean e algumas esculturas de rosto que cospem água pela boca. Nunca fui a um jogo de bola no Wrigley, porque mamãe não se sentia bem e tivemos que ficar no hotel enquanto papai jogava. Infelizmente, desta vez também não está previsto, com o treinamento de primavera em andamento.

— Qual é o plano? — Eu pergunto.

— Temos alguns lugares para ir. — Ele olha para o relógio. — Café da manhã com alguns dos meus ex-companheiros de equipe que estão na cidade para um evento beneficente. Depois disso, teremos uma reunião no terraço e, hoje à noite, iremos a um coquetel/festa de noivado que meus pais estão oferecendo para nós.

— Fantástico, — eu digo, inexpressiva. — Quando visito cidades legais, misturar-me com idiotas ricos está sempre no meu itinerário.

Lachlan ri. É uma risada de verdade, despreocupada. Sinto meus lábios se contorcerem, morrendo de vontade de abrir um sorriso, mas o sufoco e continuo olhando para fora.

— Vamos nos casar em um tribunal aqui? — Eu pergunto depois de um momento.

— Nós... — Ele limpa a garganta. — Devíamos nos *casar* no tribunal de Fairview.

Minha cabeça se vira para encará-lo. — Sinto muito, *o que?*

— Foi onde nos conhecemos, — diz ele, estudando meu rosto.

Oh. Meu. Deus. Esse filho da puta. Uma onda de calor passa por mim e, de repente, sinto como um daqueles desenhos animados com fumaça saindo pelas orelhas. Não vou reagir, no entanto. Eu não vou reagir. Este homem, que afirma querer meu perdão, está tentando fingir se casar comigo em um lugar que ele sabe que eu detesto, e está tentando fazer com que isso pareça romântico. Eu deveria colocar algum bom senso nele. Eu não coloco. Eu não reajo de jeito nenhum. É a melhor coisa que posso fazer agora. É muito difícil lidar com ele, mas estou *tão* furiosa que consigo.

— Eu disse *que eram*, Lyla. Passado, — ele diz rapidamente antes que eu possa dizer uma palavra.

— O fato de você pensar em fazer isso. — Eu olho para fora.

A pior parte é que me sinto mais traída do que com raiva. Uma parte de mim queria que isso de alguma forma desse certo. Pensei em fazer isso e, de alguma forma, encontraríamos o caminho que costumávamos ser juntos, mas isso parece impossível. Meu Lachlan, se é que ele está lá, está enterrado muito fundo. A única razão pela qual estou considerando essa possibilidade é que ele de alguma forma foi capaz de me alcançar quando eu pensei que era impossível. Ainda assim, eu nunca o teria machucado de propósito. Posso ter sido uma vadia de vez em quando, mas nunca o humilharia de propósito. Eu nunca o levaria a algum lugar que eu sabia que ele odiava e o forçaria a se casar comigo lá. Cruzo os braços e mantenho os olhos para fora até o carro parar em frente a um hotel em frente ao The Bean. Pelo menos eu consegui ver isso.

Ele sai do carro e espera que eu tire minha pequena bolsa da mochila e coloque algumas coisas nela, inclusive meu telefone. Quando chego ao lado dele, já que está encostado na calçada, ele estende a mão para mim. Meu coração traiçoeiro dá um pulo no momento em que meus dedos encontram os dele. Retiro minha mão rapidamente e esfrego a palma na lateral da minha calça jeans, como

se isso fosse apagar a sensação dele nela. Eu olho para cima para olhar a rua e percebo sua mandíbula apertando, como se limpá-lo da minha mão de alguma forma o irritasse. Depois de falar com o homem da frente, seguimos o seu conselho e seguimos as indicações que nos levarão ao salão de banquetes.

— Qual é a instituição de caridade? — Eu pergunto.

— Câncer de mama, — diz ele. — Uma das esposas dos jogadores foi diagnosticada no ano passado. Isso era o que ela queria fazer no aniversário dela.

— Oh.

Acho que vou descobrir em breve como ela está, mas enquanto ando, espero silenciosamente que ela esteja bem. Uma das meninas com quem estudei medicina foi diagnosticada enquanto estávamos lá. Ela passou por cirurgias e quimioterapia e nunca abandonou a escola. Felizmente, ela está bem agora. Da última vez que perguntei, ela disse que tinha margens limpas e que estava trabalhando com pacientes com câncer.

Fazemos check-in na porta, Lachlan entrega à mulher um envelope que havia dobrado no bolso e nós somos deixados entrar. É um buffet e a sala está lindamente decorada com flores rosa em cada mesa. Um homem que deve ser um dos jogadores de hóquei caminha em nossa direção com um enorme sorriso no rosto.

— Lach, — diz ele, esticando as mãos e abraçando-o com um tapinha forte nas costas. — Obrigado por estar aqui, cara. Morgan vai gostar disso.

— Claro. — Lach sorri. — Como ela está?

— Incrível, — diz o cara, sorrindo enquanto dá a notícia, — Ela acabou de fazer exames. Ela está... saudável.

— Porra, isso é incrível. — Lach lhe dá um abraço lateral e um tapinha nas costas.

O cara finalmente olha para mim e sorri, estendendo a mão para mim. — Gunner.

— Lyla, — eu digo com um sorriso. Seus olhos se arregalam, enquanto ele olha de mim para Lach e de volta para mim. — Prazer em conhecê-la. Estou muito feliz em saber que sua esposa está bem. Não consigo nem imaginar o que vocês passaram.

— Obrigado. — Ele mantém o sorriso no rosto e minha mão na sua, enquanto olha para Lach novamente em busca de algum tipo de confirmação. Quando ele olha para mim novamente, ele abre um sorriso maior enquanto solta minha mão. — Bem-vinda à Família Relâmpago.

— Uh...obrigada. — *Eu acho.* Não adiciono essa parte porque isso é bastante estranho.

Ele nos conta sobre o café da manhã e como nos servir; agradecemos e começamos a nos afastar. Obviamente, Lachlan contou a eles sobre mim. Deus sabe o que ele disse. Provavelmente que sou uma grande vadia que o abandonou. Falamos com a esposa de Gunner, Morgan, que é um amor de pessoa. No resto do tempo, Lach fala mais. Ele me apresenta como sua namorada, o que é um pouco rebuscado. Então, novamente, sou tecnicamente sua noiva. Ele está conversando com alguns de seus companheiros de equipe quando meu estômago começa a roncar e peço licença. Estou prestes a pegar um prato quando uma voz muito familiar diz meu nome, e viro-me para encarar Mason. Meu queixo cai e eu saio da fila enquanto ele se aproxima.

— Hoje deve ser o dia da reunião de Fairview, — diz ele enquanto envolve-me em um abraço e levanta-me em seus braços. Eu sorrio quando ele me coloca no chão. — Como diabos você tem estado? — Ele pergunta, dando-me uma olhada. — Você parece... bem, incrível, como sempre.

— Obrigada. — Eu sorrio. — Como vai? Você ainda joga?

Ele me lança um olhar falso e sujo. — Estou ferido por você não saber a resposta para isso.

— Se isso faz você se sentir melhor, não assisto a um jogo de hóquei há três anos, — digo. Ele agarra minha mão e afasta-me da fila

para que tenhamos um pouco de privacidade para conversar.

— A última vez que ouvi, você desapareceu, — diz ele, seus olhos procurando os meus. — Você está bem?

— Estou bem... acho que estou de volta? Eu digo, então rio. — Eu não sei o que está acontecendo. Num minuto estou em Rhodes vivendo o dia a dia, e no outro Lachlan aparece e, bem, me traz aqui.

— Ele nunca parou de falar sobre você, — diz ele rindo. — Quero dizer, nunca.

Eu não sei o que fazer com isso. Mordo o lábio e desvio o olhar, meu olhar colidindo com o de Lachlan do outro lado da sala. Eu não posso dizer o que ele está pensando. Ele não parece nem um pouco chateado com minha interação com Mason, o que é legal.

Olho para Mason novamente. — Como vocês acabaram jogando no mesmo time?

— Louco, certo? — Suas sobrancelhas se erguem. — Ele caiu muito no draft e acabou perto de mim. Ele foi escolhido por eles e, pouco depois, fui negociado. Tem sido bom.

— Eu aposto.

— E você? Você voltou ao futebol? Ele pergunta. — Ou faculdade de medicina. Foi para a faculdade de medicina que você se inscreveu, certo?

— Sim. Terminei recentemente. Estou prestes a iniciar um programa de residência em uma semana.

— Puta merda. — Suas sobrancelhas se erguem. — Então é isso... o que é isso? — Ele pergunta, e eu sei que ele está falando sobre Lach.

— Sinceramente não sei. — Olho para Lach novamente e o encontro ainda me observando.

— Aquele homem... — Ele balança a cabeça. — Digamos apenas que toda a porra da equipe sabe seu nome completo.

— Eu nem sei o que pensar disso, — digo calmamente.

Ele encolhe os ombros, desviando o olhar por um momento. — Eu gostaria que ele não tivesse se aposentado.

— Eu também, — eu digo. — Ele nasceu para estar no gelo.

— Bem, se alguém pode convencê-lo a voltar, é você. — Mason sorri para mim.

Faço um som evasivo e nos afastamos do assunto. Colocamos em dia o que todos estão fazendo com suas vidas e, em pouco tempo, olho para cima e observo Lachlan enquanto ele aproxima-se, seus olhos verdes exclusivamente nos meus. A maneira como ele faz meu coração disparar é enervante. Odeio que, apesar de qualquer raiva e decepção que possa sentir por ele, ele ainda me afete do jeito que faz. Eu sei que Mason ainda está falando, mas é difícil concentrar em qualquer coisa com meu batimento cardíaco irregular.

— Deixe minha namorada em paz, — diz Lach, passando um braço em volta de mim e puxando para seu lado.

Mason ri. — Eu estava dizendo a ela que vocês dois foram feitos para ficarem juntos.

— Eu concordo, — diz Lach, sua voz profunda fazendo meu estômago dar uma cambalhota. Ele abaixa a boca até meu ouvido. — Você comeu?

— Ainda não.

— Mase, minha garota precisa comer, então você pode entrar na fila conosco ou continuar essa conversa em outro momento, — diz Lach, levando-me de volta à fila.

Uma hora e dois pratos de comida depois, nos despedimos de todos e saímos. Estou com medo de ficar sozinha com ele no carro novamente. Tantas coisas estão girando na minha cabeça: ele falou sobre mim para seus companheiros, o que é legal, mas ele também me culpou nessa situação e quer me levar para o único lugar que ele sabe que eu odeio. Ele estava planejando se casar comigo lá. O pensamento cria uma sensação na boca do estômago, e tenho que lutar para mantê-la sob controle depois de tudo que acabei de comer.

— Isso foi legal, — diz ele.

— Foi.

— Você foi ótima. — Ouço o sorriso em sua voz quando ele diz isso, mas não me importo. Não vou, embora esteja morrendo de vontade de olhar para seu rosto irritantemente bonito.

— Eu sei.

Ele ri.

No carro, estou olhando pela janela, absorvendo cada pedacinho da cidade enquanto nos dirigimos para o nosso segundo evento do dia. Espero que passe rápido.

CAPÍTULO 38

Lyla

— Eu preciso de um vestido branco? — Pergunto, quando o silêncio fica muito alto.

— Você quer um?

— Eu *quero* um? — Pisco para ele, deixando escapar uma risada sem graça. A coragem desse cara. — Não conheço o protocolo para um relacionamento falso e um casamento falso.

Sinto movimento e seu calor nas minhas costas, antes que ele fale. Eu preparo-me para isso.

— Não é falso, — diz ele, com um grunhido baixo, sua respiração na minha orelha. — É real. *Isso*, — ele passa um braço em volta de mim e puxa-me contra ele, — é real. Você tem todo o direito de ficar chateada, admito, mas não se atreva a dizer que o que temos é falso.

— Tanto faz, eu realmente não me importo mais, — eu sussurro, mesmo que todo o meu corpo esteja me traindo.

Ele solta-me, vira para o outro lado e rosna *tão* alto que os dois homens no banco da frente olham para trás para ver se ele está bem. Mantenho meus olhos nas flores pelas quais passamos - florescendo uma vida nova e colorida neste mundo cinzento e escuro.

* * *

Terminamos em um lugar chamado Cindy Rooftop, onde a vista da cidade é espetacular. Só consigo ver parcialmente de dentro, então esperei até o momento socialmente aceitável para me ausentar. Nem sei por que estamos aqui, nos misturando com pessoas que trabalham

na empresa do pai ausente, mas não pergunto. Talvez eu pergunte a ele quando ele terminar de encantar as pessoas. Ele teve aquele sorriso falso de um milhão de dólares estampado em seu rosto durante todo o tempo que estivemos aqui, mas eu sei que ele está taciturno. Ele está chateado com meu comentário falso e eu realmente não me importo. Eu disse o que disse e mantenho isso. Apesar disso, ele tomou um gole da minha bebida antes de me entregar, o que parece um pequeno gesto, mas significa muito para mim.

Depois de quarenta minutos de conversa fiada, cheguei ao meu limite. Aproveito para pedir licença e vou até as portas de vidro. Ao sair, aproveito a brisa fresca e caminho até a beirada, onde uma superfície envolve o telhado. Há uma visão clara do The Bean, do parque circundante e de um belo horizonte como pano de fundo. Coloco minha bebida na superfície e mando uma foto para Marissa antes de colocar meu telefone na bolsa. Sinto cheiro de colônia masculina e sinto alguém ao meu lado enquanto pego meu copo. Tomo um gole da minha bebida e mantenho os olhos na vista à frente, esperando que ele perceba e me deixe em paz. É um evento de networking, então não tenho grandes esperanças de que isso aconteça.

— Legal, certo? — O homem pergunta.

Meus olhos se voltam para os dele. — É lindo.

— É ainda melhor à noite.

— Eu aposto.

— Você é nova na empresa?

— Não. Eu estou apenas...visitando.

— Você parece insegura, — diz ele com um sorriso divertido.

Eu olho para ele novamente. Ele tem olhos escuros gentis e um sorriso genuíno. Ambas coisas raras de se encontrar hoje em dia.

— Estou visitando, — digo com mais convicção.

— Fui eu no ano passado e olhe para mim agora. — Ele alarga os braços.

— Acho que isso significa que você adora isso aqui, — digo, tomando um gole da minha bebida. — Você trabalha para Duke?

— Sim. Acabei de ser promovido.

— Para quê?

— Chefe de Segurança Cibernética.

— Chique. — Levanto as sobrancelhas e olho para The Bean. — Isso significa que você pode invadir o computador de qualquer pessoa?

Ele ri. — Eu posso, mas não faço.

— Você fez? — Eu viro-me para ele.

— Eu já fui um adolescente nerd.

— E agora?

— Um adulto nerd. — Ele ri.

Meus lábios se contraem. — Os nerds sempre riem por último.

— Felicidade por isso. — Ele levanta seu pequeno copo transparente. — A propósito, meu nome é Sean.

— Lyla. — Eu bato o meu contra o dele.

— Então, se você não está na empresa e não sabe se vai ficar ou não, presumo que esteja aqui com alguém.

— Você estaria correto.

— Quem é o sortudo? Ou sortuda?

— Sortudo. E não tenho certeza se ele está se considerando muito sortudo neste momento.

— Oh, acredite em mim, ele está, — diz ele. Ele não me verifica, no entanto. Ele mantém os olhos nos meus.

Olho por cima do ombro, meus olhos imediatamente capturados pelos de Lachlan. Posso ver sua mandíbula tensa daqui. Suspiro pesadamente e viro-me. No último evento, ele ficou ao meu lado, e quando não ficou e eu conversei um pouco com um de seus

companheiros de equipe, ele não ficou chateado. Agora ele está chateado. Bem, ele estava chateado quando chegamos aqui, e eu não me importo. Quanto mais fico sentada com meus sentimentos e penso sobre tudo isso, mais irritada fico - a maneira como ele apareceu, irritado e exigente, o fato de que ele me culpou por assinar um contrato de casamento, a maneira como ele me arrancou da minha vida. Eu também sou culpada por isso.

No final das contas, eu escolhi isso. Eu sei disso porque tudo que eu disse ontem à noite era verdade. Prefiro fazer isso do que o machucar novamente. O amor é uma merda. É a isso que tudo se resume. Não consigo deixar de amar ele. Eu poderia ignorá-lo e tentar parar de desejá-lo, mas qual é o sentido? O pior é que não consigo parar de pensar que se ele tivesse aparecido e proposto casamento de verdade, eu provavelmente teria dito sim. Mesmo depois de três anos separados. Por mais louco que pareça, só quero que ele seja *meu* Lach novamente.

— É complicado, — digo depois de um momento.

— Relacionamentos são difíceis.

Eu olho para ele. — Talvez você devesse invadir o cérebro dele para mim e me dizer o que ele está pensando.

Ele ri alto, jogando a cabeça para trás. — Se eu tivesse esse poder... Ele poderia ter salvado meu casamento.

Eu rio. — Honestamente, acho que é melhor não podermos ler os pensamentos de outras pessoas.

— Realmente? — Ele levanta uma sobrancelha. — Nem mesmo do seu namorado?

— Especialmente não do meu namorado. — Meus lábios se contraem quando ele ri novamente.

— Eu o conheço? — Ele pergunta, virando-se para a festa. Eu viro com ele.

— Duvido, — digo.

Lach está olhando *tão* fixamente que estou surpresa por não explodir ali mesmo. Movo a posição dos meus dedos no copo para que meu dedo médio fique sutilmente apontado para ele. Sua mandíbula treme novamente. Desta vez, ele não fica onde está. Observo enquanto ele começa a pedir licença ao grupo com quem está falando. Ah Merda. Prendo a respiração e volto minha atenção para Sean, esperando que ele de repente precise usar o banheiro e saia antes que Lach diminua a distância entre nós. Eu sei que Lach não fará nada estúpido, mas a ideia de ele lançar olhares duros para esse homem incomoda-me.

— Bem, foi um prazer conhecê-lo, Sean, — digo, esperando que ele entenda.

Ele sorri. — Prazer em conhecê-la, Lyla.

— Boa sorte em tentar não invadir os computadores das pessoas, — digo enquanto ele começa a se afastar.

Ele ri. — Boa sorte hackeando o cérebro do seu namorado.

Eu rio levemente. Quando olho para cima novamente, Lachlan está andando com um fogo queimando *tão* intensamente que parece um touro atacando. Muito sexy, mas mesmo assim um touro. Jogo fora meu copo vazio e levanto uma sobancelha.

— Estamos indo embora? — Eu pergunto.

— Sim. — Ele agarra minha mão e observa Sean se afastar antes de levar-me até o elevador. — Você gostou de falar com Sean? — Ele pergunta, sua voz baixa e controlada. Eu quero estrangulá-lo.

— Eu gostei, na verdade. Ele é um cara muito legal. — Eu olho para ele, observando a forma como sua mandíbula afiada fica tensa.

— Acho que é bom você não gostar de caras legais, — diz ele.

Não estamos sozinhos, então ficamos em silêncio durante o resto do caminho. No carro, acho que ele vai fazer mais perguntas, mas ele atende um telefonema e fala com alguém que presumo ser seu agente. Tento ouvir a conversa deles para saber se ele está saindo da aposentadoria, mas ele dificulta com o jeito que quase sussurra. É

enlouquecedor. É pior que eu queira saber. Essa situação está deixando-me louca.

CAPÍTULO 39

Lyla

Quando chegamos ao prédio dele, há um grupo de caras esperando o elevador. Está bem claro que eles estiveram bebendo durante o dia. Isso, ou eles são todos loucos. Na minha cabeça, estou batendo os pés. A última coisa que preciso é lidar com garotos de fraternidade chatos e crescidos. *Por que, por que, por que* o universo faz essas coisas comigo? Evito contato visual a todo custo, enquanto dou um passo à frente e aperto duas vezes o botão já aceso. Sei que não vai ajudar, mas me faz sentir como se estivesse fazendo alguma coisa. Dois deles olham para mim quando me afasto do botão. Imediatamente sinto uma sensação ruim na boca do estômago e rezo silenciosamente para que, pelo bem de todos nós, eles não falem comigo. Olho para os outros dois elevadores e vejo sinais de fora de serviço, então estamos apenas esperando pelo que está na minha frente. Amável. Atrás de mim, há um cara se gabando de *quão* burro ele foi ontem à noite, e outro o incentivando e dizendo que é isso que ele deveria fazer em sua despedida de solteiro.

Nojo se enrola em meu estômago. Olho para trás, porque estou curiosa demais para não olhar, e vejo um usando um broche que diz NOIVO no meio das palavras que não quero concentrar-me na leitura. Ele agora está falando da loira que chupou o pau dele. Olho para o rosto dele, depois para os amigos, depois cruzo os braços e viro-me novamente. Eu odeio as pessoas. A sensação na boca do estômago piora. Espero que a noiva esteja sendo fodida por um cara que se parece com David Beckham ou Idris Elba e mexa os quadris como Channing Tatum. Talvez ela esteja tendo um quarteto. Deus, espero que ela esteja. Eu gostaria de poder ligar para ela e dizer-lhe para correr para o outro lado. Olho para a minha direita e vejo os punhos de Lachlan fechando-se. Dou um passo à frente e aperto o botão mais

duas vezes.

— Não acho que isso faça com que ele se mova mais rápido, — diz um dos caras.

Embora eu tenha dez respostas para isso, eu o ignoro. O mesmo cara suspira alto e se vira para Lach, cujo queixo está tenso desde que saímos do telhado. Se ele continuar a triturar, vai precisar de um dentista.

— Heeeyyy, Duke, certo? Lachlan Duque? — O cara diz. Lach apenas olha para ele, e como o cara está bêbado demais para entender que nada em seu rosto diz que ele quer falar com alguém, ele continua. — Droga, cara, por que você se aposentou? Você foi o melhor pivô que tivemos nos últimos tempos e o melhor lutador.

Alguns outros concordam com o bêbado número um. Cubro meu rosto com as duas mãos. Mate-me agora. Estou prestes a subir as escadas só para não lidar com nenhum deles. Não que eu saiba para que andar vamos. Ouço Lachlan responder de acordo, contando-lhe algumas besteiras sobre os negócios da família. Eles fazem mais perguntas. O elevador finalmente – *finalmente* – chega. Lach puxa-me para o seu lado quando entramos, e eu fico o mais próximo que posso dele, então nem esbarro no cara ao meu lado. Não conheço nenhum deles, então não posso ter certeza, mas acho que ele pode ser o mais bêbado.

Somos tantos aqui que somos como sardinhas em lata, ombro a ombro, sem espaço para nos movermos. Um deles consegue acertar os números. Outro faz a piada da sardinha em lata. Todo mundo continua falando como se estivéssemos em um espaço aberto e não presos em um tubo de aço. Tento procurar a placa para ver se estamos na capacidade de peso e prestes a entrar em uma situação real de Torre do Terror. Imagino isso acontecendo e rapidamente refuto. Não posso morrer com esses malditos idiotas.

— Então, de onde você é e o que preciso fazer para vê-la novamente? — O cara bêbado à minha direita fala mal, seu hálito de cerveja atingindo o lado do meu rosto.

Eu sei que ele só está falando comigo porque está bêbado, sou a única mulher no elevador e, a julgar pelas travessuras da despedida de solteiro, ele provavelmente pensa que está me pegando, mas isso não torna a situação menos desconfortável. Eu mantenho meus olhos para frente e mordo minha língua.

— Querida, — o cara começa de novo. — Eu apenas...

— Ok, foda-se, — Lachlan murmura e eu fecho meus olhos e prendo a respiração. — Se um de vocês tocar nela, eu vou matá-los. Se vocês flertarem com ela, eu vou matá-los, — diz Lach, o rosnado em sua voz baixa e ameaçadora interrompendo a conversa. — Não olhem para ela. Não falem com ela. Nem *pensem* nela, porra.

Eles permanecem em silêncio. O cara ao meu lado enrijece e tenta afastar-se de mim. Meus olhos abrem e pressiono meus lábios para conter o riso. Não acredito que eles realmente ouvem e calam a boca. Ele é um maldito lunático e eles são um bando de idiotas. Eles estão em maior número do que o Lachlan. Se alguma coisa acontecer, ele será o fodido, mas por algum motivo maluco, eles o ouvem. Talvez seja sua altura e físico geral, ou talvez sua reputação no gelo o preceda. As portas abrem e todos saem em fila rapidamente, murmurando desculpas e despedidas. Quando as portas se fecham, afasto dele e a risada que estava segurando explode dentro de mim. Olho para Lachlan e o encontro observando com uma expressão irritada, mas divertida. O elevador para novamente.

— Você é louco, sabia disso? — Eu digo entre risadas.

— Você acha que isso é loucura? — Ele se lança sobre mim no momento em que as portas do elevador abrem-se e coloca-me sobre seu ombro.

Soltei um grito de surpresa, mas fiquei parada. Realmente não há sentido em tentar combatê-lo nisso. Ele digita o código e abre a porta de seu apartamento, chutando a porta atrás de nós. Ela bloqueia automaticamente. Não consigo ver muito porque estou pendurada em seu ombro, mas o chão é de mármore e ele precisa de muitos passos para chegar ao que presumo ser seu quarto, então sei que o lugar é

grande. Eu faço um som quando ele me joga na cama. Ele não diz nada enquanto começa a arrancar suas roupas – sapatos, meias e camisa. Eu assisto, encantada. Lachlan Duke é *tão* gostoso que é uma loucura. Não é como se eu pudesse esquecer isso, mas ver seu corpo, seu rosto, seus olhos agora me dá um lembrete imediato.

Tudo nele é perfeito. É como se alguém pegasse as melhores partes de um punhado de caras gostosos e juntasse todas para criá-lo. Meus lábios abrem ligeiramente enquanto ele desabotoa o cinto, minha respiração acelera e meu corpo formiga em antecipação. Uma pequena parte do meu cérebro está lembrando-me que estou brava com ele, mas a maior parte está torcendo para que eu o deixe fazer o que quer que esteja prestes a fazer.

— Tire a roupa, — ele exige enquanto mexe no cinto. Eu continuo olhando. Ele puxa o cinto das presilhas e o bate com tanta força no colchão que eu estremeço com um grito. — AGORA, LYLA.

Putá merda. OK. Entro em ação, tirando os sapatos e desabotoando a camisa. Fico ao lado dele para tirar a calça. Seus olhos famintos observam lentamente, acordando todo o meu corpo, enquanto ele termina de se despir – tirando a calça e a boxer simultaneamente. Minha respiração para ao vê-lo. Antes que eu possa parar, um gemido suave sai dos meus lábios, e ele envolve seus longos dedos em torno de seu pau e começa a se acariciar. *Putá merda*. Nenhuma fantasia que eu tenha inventado em sua ausência poderia fazer justiça a este homem. Sinto-me ficar mais molhada enquanto olho. Eu lambo meus lábios. Tenho certeza de que não era minha intenção fazer isso, mas sei que faço isso, porque quando meus olhos voltam para os dele, eles estão derretidos.

— Você quer isso? Você quer que eu te foda? Sua mão desacelera, enquanto seus olhos observam minha forma nua novamente. Eles estão mais escuros do que nunca quando chegam aos meus, uma floresta noturna. Inspiro profundamente e aceno com a cabeça. — Ou você está com muita raiva para me foder, De-li-lah?

Claro, ele sabe que está deixando-me mais irritada ao me chamar

assim, mas ele não entra em mim há três anos, e sinto que vou morrer se ele não me foder. No momento, eu não dou a mínima para o que ele me chama. Posso ficar com raiva mais tarde.

— Eu quero isso, — eu digo, olhando para ele através da minha névoa de luxúria.

— Venha aqui.

Diminuo a distância entre nós, fico na frente dele por um momento e caio de joelhos. Não sei se ele quer que eu faça isso, mas preciso. Ele solta um grunhido profundo quando coloco minhas mãos em suas coxas musculosas e cravo minhas unhas, enquanto aproximo meu rosto dele. Antes mesmo que eu tenha a chance de lambê-lo, ele agarra meu cabelo e puxa-me com tanta força que lágrimas brotam em meus olhos. Seus olhos estão frios e fechados enquanto ele olha para mim. É uma visão que nunca vi em seu rosto, mas agora só me importo com o que estou fazendo.

— Não vou ser gentil, — diz ele, agarrando meu cabelo com mais força. Respiro fundo, arqueando as costas para aliviar um pouco a dor.

— Eu não me importo, — eu digo, e consigo estreitar os olhos apesar da dor. — Apenas foda-me. Talvez assim eu possa finalmente tirar você do meu sistema.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Você vai se arrepender de dizer isso.

Ele empurra minha cabeça de volta na posição. Olho para ele e encontro-o a observar-me, enquanto lambo desde as suas bolas até à ponta do seu pau. Ele sibila. Eu fico de joelhos e começo a girar minha língua provocativamente em torno dele. Fecho os olhos e sorrio cada vez que ele agarra meu cabelo como se estivesse prestes a perder o controle. Abro meus olhos para olhar para ele, enquanto volto para a cabeça e o chupo em minha boca lentamente, deixando-o esticar minha boca enquanto giro minha língua em torno dele.

— Santo... — Ele aperta meu cabelo. — Maldição, Lyla.

Ouvi-lo dizer meu nome assim me faz ir mais rápido e levá-lo

mais fundo. Ele afunda as duas mãos no meu cabelo e segura a parte de trás da minha cabeça, empurrando-me para tomar mais dele. Eu começo, gradualmente. Suas mãos apertam meu cabelo e sem aviso, ele empurra-se mais fundo do que posso aguentar, *tão* longe que o sinto no fundo da minha garganta. Eu engasgo, mas ele não desiste quando começa a foder minha boca, aumentando o ritmo cada vez que faço um som de protesto.

Minhas unhas cravam em suas coxas e ele geme *tão* profundamente que, por um milésimo de segundo, esqueço a dor. Ele empurra novamente e lágrimas começam a escorrer dos meus olhos. Ele fode minha boca até chegar ao fundo da minha garganta de novo, e de novo, gemendo profundamente cada vez que faz isso, o que me excita apesar do desconforto. Finalmente, ele puxa lentamente e solta meu cabelo. Eu caio sobre minhas mãos e começo a ofegar enquanto limpo meu rosto. Eu olho para cima para repreendê-lo e encontro aquele sorriso enlouquecedor e astuto em seu rosto.

— O que aconteceu? — Ele pergunta, o queixo batendo. — Eu pensei que você não se importasse?

Idiota. Eu olho para ele. — Eu não me importo.

Antes que eu possa reagir, ele pega-me como uma boneca de pano e senta-me na cama. A expressão em seu rosto é assassina. Eu definitivamente acertei um nervo, mas foda-se ele. Ele quer jogar este jogo? Está bem então. Vamos brincar, porra. Minha boca ainda dói, mas consigo dar a ele meu sorriso mais falso e vejo seus olhos transformarem-se em fendas. Eu viro-me, fico de joelhos e empurro minha bunda em direção a ele. Esta era a sua posição preferida quando fodia mulheres antes de mim. Ele me disse isso uma noite. — *Elas eram apenas idiotas, nada mais. Eu nem olhava para os rostos delas. Eu não me importava.* Mesmo que eu odiasse cada uma delas, saber que ele era diferente comigo me fez delirar.

Pessoalmente, adoro esta posição, mas não é por isso que a estou fazendo. Isso se tornou um jogo de poder e eu o conheço. Ele pode estar chateado o suficiente para me machucar do jeito que ele sabe

que acabou de fazer, mas não ver meu rosto enquanto ele me fode vai machucá-lo ainda mais. Quando ele não se move, olho para ele por cima do ombro e empurro minha bunda para trás novamente. Sua mandíbula treme enquanto ele dá um passo à frente, seus olhos brilhando, quando ele bate em ambas as nádegas com força suficiente para me fazer gritar e saltar para frente.

— Você quer jogar, Lyla James? — Ele sorri implacavelmente, enquanto agarra meus quadris e puxa-me de volta para ele. — É isso que é?

— Apenas cale a boca e foda-me, — eu respiro, enquanto viro e olho para o edredom de pelúcia branco embaixo de mim.

Meu cabelo cai em cascata em ambos os lados do meu rosto como uma cortina. O único aviso que recebo são os dedos dele cavando minha carne. Ele penetra com tanta força que realmente deixa-me sem fôlego. Estou muito molhada, mas nada pode preparar para o tamanho dele.

Eu grito.

— Pooooooooooooooooorra, — ele diz em um gemido baixo e animalesco que faz meu corpo inteiro apertar. Ele para de se mover por um momento, sai e faz de novo. — Puta que pariu, Lyla. Você é gostosa *pra* caralho.

Ele faz isso de novo, e de novo, eu grito. Não sei o que digo ou pareço, mas sei que é o suficiente para fazê-lo parar, só por um momento, antes de começar a foder-me. Suas investidas são profundas e implacáveis. Meu estômago e minha boceta apertam com cada uma delas. Ele xinga baixinho quando sente que isso acontece. Mordo o lábio para não gritar novamente. Ele é *tão* gostoso. *Gostoso demais*. Em algum lugar dos meus pensamentos confusos, percebo que ele não está usando camisinha. Eu não me importo agora, porque eu o conheço. Eu confio nele. Eu sei que ele só faria isso comigo. Vou perguntar mais tarde, no entanto. Neste momento, se ele parar de foder-me, eu morrerei. Se ele continuar fodendo, eu posso morrer. Eu suspiro e fico tensa quando sinto um dedo molhado persuadindo meu outro buraco e

prendo a respiração pela intrusão.

— Relaxe, — diz ele, desacelerando suas estocadas. Não consigo relaxar, no entanto. Ele aperta minha bunda com a outra mão. — Porra, relaxe.

Mordo o lábio e abaixo a cabeça, enquanto tento.

— Olhe para mim. — É uma exigência que não posso negar. Eu olho para ele por cima do ombro. Eu gostaria de não ter feito isso. Isso serve apenas como um lembrete de *quão* lindo ele é. Ele segura meu olhar. — Você confia em mim?

Meus olhos arregalam-se. Ele quer falar sobre confiança AGORA? No meio disso? Ele já fez isso comigo antes, mas foi quando tinha minha confiança inequívoca. Seu dedo move novamente. Eu fico tensa e seus olhos fecham, deixando-me mais molhada. Isso me faz sentir mal, mas apesar de tudo, confio nele. Se não o confiasse, não teria assinado cegamente o contrato estúpido.

— Você confia em mim ou isso também desapareceu? — Seus olhos estão duros enquanto ele faz a pergunta. Eu sei que ele está chateado, mas porra, por que agora? Respiro fundo e aceno com a cabeça. Seus olhos escurecem. — Eu preciso ouvir as palavras.

— Eu confio em você, — eu sussurro, olhando para ele.

— Relaxe para mim, então, — ele diz, sua voz mais suave agora.

Sinto meu corpo relaxar e tremer quando ele mergulha o dedo. No momento em que ele sente isso, ele começa a foder com força novamente. Ele faz tudo parecer *tão* bom, até isso. Ele aperta minha bunda e move mais rápido em meu outro buraco, quando coloco a mão em meu seio e brinco com meu mamilo. Eu gozarei. Eu sei que vou, desde que ele não pare.

— Não pare. — Eu gemo enquanto puxo, meus olhos revirando. — Por favor, não pare.

— Porra, querida. — Ele abrandando por um momento, e sei que está observando brincar com o meu mamilo.

Empurro minha bunda para trás para que ele possa continuar movendo, o movimento fazendo seu dedo ir mais fundo. Eu aperto em torno dele e gemo alto, sentindo todo o meu corpo zumbir com o início de um orgasmo. Com a outra mão, ele dá um tapa forte na minha bunda, e é isso que me deixa louca. Tenho convulsões, agarrando os lençóis com força, enquanto aperto e pulso ao redor dele com um grito alto que tenho certeza que toda a cidade pode ouvir. Meus olhos reviram com a intensidade disso. Eu não quero que ele pare. Quero que ele perca a cabeça como eu acabei de fazer. Um grunhido furioso o percorre e de repente ele para de mover. Ele puxa o dedo primeiro. Meus braços e pernas tremem enquanto levanto. Estou à beira de outro orgasmo quando ele para de mover.

— Não. Não. Não pare, — eu digo, ofegante.

Olho por cima do ombro e vejo seu queixo tiquetaquear, enquanto ele sai de dentro de mim completamente. Espero que ele empurre de volta para dentro de mim, mas ele apenas faz uma pausa ali, olhando para mim como se estivesse prestes a perder o controle.

— Não. — Eu digo novamente, balançando minha bunda. Seus olhos escurecem quando ele olha para o meu movimento, mas ele continua parado ali. — Por que diabos você parou?

Ele desvia o olhar, mas não responde. Não parece que ele vai continuar fodendo-me, o que, que diabos? Viro-me e sento, olhando para o seu pau para ver se há algo de errado com ele, mas está duro e brilhante com o prazer que ele acabou de me dar. Isso faz parte de sua punição? Ele não vai se permitir gozar comigo? Eu enterro cada emoção que passa por mim só de pensar nisso.

— Lachlan, — eu exijo. — O que aconteceu?

Ele olha para mim novamente, seus olhos escuros e fundidos. Ele não diz nada enquanto inclina, levanta-me e empurra suavemente, então estou de costas no meio da cama. Ele agarra minha garganta e aperta enquanto se acomoda entre minhas pernas novamente e afunda em mim muito lentamente. Meus olhos reviram enquanto ele me preenche, centímetro por centímetro. Ele tira a mão da minha

garganta e a coloca ao lado da minha cabeça enquanto se abaixa para mais perto de mim. Suas estocadas são lentas, mas igualmente profundas e não menos eficazes. Ele ainda está batendo em lugares que tornam difícil pensar, difícil respirar. Ele desacelera ainda mais e abaixa a cabeça no meu peito, trazendo a boca para os meus seios. Ele leva seu tempo com cada um, lambendo, mordendo e sugando cada mamilo em sua boca.

— Oh, porra, — eu sussurro, meus olhos revirando e meus quadris movendo por conta própria para encontrar cada uma de suas estocadas.

Estou *tão* perto de novo. *Tão* perto. Ele pode me fazer gozar agora mesmo se quiser, mas posso dizer que ele está prolongando isso, fazendo isso durar, seja como punição ou para compensar o tempo perdido. Não tenho mais certeza se há mais diferença. Tento permanecer no momento e observar como cada músculo de seu abdômen e braços se contraem. Levanto a mão e lentamente passo as pontas dos dedos pelo seu esterno. Ele estremece com o meu toque e eu olho para ele. Meu coração aperta com o que encontro em seus olhos. Sim, eles são intensos, mas isso não é uma foda raivosa. Isso é algo totalmente diferente. Este é ele antes. Este é ele quando me amou, embora nenhum de nós tenha dito as palavras em voz alta.

Isso tem me assombrado ao longo dos anos. Eu as escrevi, mas deveria ter contado a ele. A maneira como ele olha para mim traz um tipo de dor totalmente diferente, do tipo que esmaga meu peito e ameaça quebrá-lo em pedaços. Por um momento, fico completamente perdida em seus profundos olhos verdes. Vejo sua dor, sua saudade, seu amor. É muito. Muito cru. Sinto meus olhos arderem com lágrimas não derramadas e decido que não quero isso. Eu não quero essa versão dele se ele simplesmente voltar a ser um completo idiota. Meu peito parece que está desmoronando, dói *pra* caralho. Eu viro minha cabeça. Ele agarra meu rosto e o vira de volta. Fechei os olhos. Eu não consigo olhar para ele. Não posso. Não posso. Não posso.

— Olhe para mim, — ele diz, movendo-se um pouco mais rápido agora. Sinto a pressão aumentando. Mordo o lábio e balanço a cabeça.

— Eu não posso, — eu sussurro.

— Eu preciso que você olhe para mim.

— Não posso, — repito um pouco mais alto, as lágrimas escorrendo pelos lados do meu rosto e atingindo meu pescoço.

— Eu preciso que você... olhe para mim. Ele respira fundo e para de se mover. Meus olhos abrem.

Borboletas batem bem no fundo da minha barriga. Eu gostaria de poder exterminar cada uma delas, mas não adianta. Ele apenas as ressuscitaria. Ele puxa e descansa de joelhos, levantando meus quadris para que eu saia da cama e fique inclinada em direção a ele. Ele segura meu olhar enquanto empurra lentamente novamente. Uma série de palavras ininteligíveis sai da minha boca. Eu sinto fora do meu alcance. Eu tento, mas não consigo segurar seu olhar quando ele está olhando assim, como se estivesse *tão* consumido por mim quanto eu por ele. Lágrimas picam meus olhos novamente. Por que isso não para? Por que ele faz isso comigo? Porque é que eu o deixo? Viro minha cabeça rapidamente e tento afastá-las. Eu gostaria de poder esconder debaixo de um travesseiro. Eu gostaria de poder ficar de quatro novamente. Ou no chão com ele fodendo minha boca. Qualquer coisa menos isso. Mais uma vez, ele agarra meu rosto e meus olhos voltam-se para os dele. Eu sei que posso fechá-los, mas ele encontraria uma maneira de abri-los.

— Isso parece falso para você? — Ele grunhe, enquanto fode com mais força agora, suas estocadas combinando com a raiva em seu tom.
— Parece?

Eu não tenho resposta. Eu só posso ofegar e balançar a cabeça. Ele diminui seu impulso e abaixa meu corpo, abaixando o rosto para lambe as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. Ele continua com as estocadas lentas, seu rosto a centímetros do meu. Parece intrusivo. Do jeito que aconteceu antes, quando ele se tornou um vício.

— Isso parece algo que você pode simplesmente tirar do seu sistema? — Ele toma minha boca em um beijo contundente. — Digame.

— Não, — eu suspiro. — Isso não parece. Não é.

Não tenho certeza de quanto mais disso posso aguentar sem que meu coração exploda. Eu sei que poderia viver até os cem anos e nunca conseguiria tirá-lo do meu sistema. A conexão que compartilhamos é mais profunda do que qualquer animosidade que possamos sentir. As correntes que nos prendem são muito fortes. A única coisa que poderia extinguir isso é a morte. Mordo meu lábio com mais força, enquanto meu peito arfa um pouco. Estou com medo de começar a chorar de novo. Ele deve ver isso, do jeito que ele vê através de tudo o que eu digo e faço, porque seus olhos suavizam quando ele traz seus lábios aos meus novamente.

— Vamos, Lyla James, — ele diz, levando meu lábio inferior em sua boca. — Eu quero tudo. Dê-me tudo.

— Oh merda, Lach, — gemo alto quando ele muda o ângulo de seus quadris, atingindo-me exatamente onde eu preciso dele. Meus olhos reviram, mas eu trago-os de volta para os dele, para garantir que ele não pare de se mover. — Aí mesmo. Aí mesmo. Por favor, não pare.

— Pooooorra, você é *tão* gostosa. *Tão* perfeita. — Ele morde os lábios e leva a mão ao meu mamilo, beliscando-o. — Goze no meu pau, baby.

Gozo imediatamente, tremendo e debatendo-me embaixo dele. Eu o sinto expandir-se e sacudir-se dentro de mim enquanto encontra seu orgasmo. Meu nome sai de seus lábios em um grunhido alto enquanto ele continua a gozar. Meu estômago se aperta ao vê-lo. Ele é *tão* lindo quando goza. Nós dois estamos ofegantes quando ele encosta a testa na minha por um momento, antes de se retirar e rolar de costas. Ele encara-me e coloca a mão na minha cintura, então estou virada para ele também. Estou molhada e pegajosa entre as pernas, mas fico parada. Olho em seus olhos e o ar em meus pulmões desaparece novamente. Não há nada mais avassalador do que ser consumida por Lachlan Duke. Ele infiltra-se quando você não está prestando atenção. Ele faz furinhos em você e espera o momento certo para invadir.

Quando você percebe, ele já formou um golpe de estado contra as emoções que lutam contra ele.

Ele levanta a mão e segura meu rosto. — Desculpe.

— Eu também.

Ele solta um suspiro pesado e puxa-me para seus braços. Eu o abraço de volta com a mesma força. Ficamos assim por um tempo. Eu gostaria que durasse para sempre.

CAPÍTULO 40

Lachlan

Como ela quer explorar o apartamento e estamos sem tempo, tomamos banho separadamente. Perderemos o coquetel se não nos apressarmos, e não há como manter as mãos longe de mim depois do que acabamos de fazer. Eu a sigo de volta ao hall de entrada. Ela está usando uma das minhas camisetas pretas, que lhe cai como um vestido. Provavelmente não foi a melhor escolha, já que ainda não consigo parar de olhar para as pernas dela. Observo seu rosto enquanto ela observa o lugar. Lyla pode ter crescido rica, mas ela odeia coisas excessivamente extravagantes, então isso deve ser interessante.

O apartamento, se é que você pode chamar assim, não é meu. É uma das muitas residências de luxo que meu pai possui. Se um cliente importante vem de fora da cidade para se encontrar com ele, ele o hospeda em um desses. Acho que esse é o tipo de merda que os bilionários podem fazer. Ele me mandou para o maior e mais luxuoso que ele possui. É uma cobertura obscena de dois andares, sete mil pés quadrados, quatro quartos e seis banheiros totalmente mobiliada na East Grand Ave, com a mais fantástica vista de 360° da cidade. Meu primeiro pensamento, na primeira vez que entrei aqui, foi: “Lyla odiaria este lugar.” Tenho certeza que ela vai achar legal, porque é, mas é demais para quem não tem família. Mesmo assim, há muitos contras em criar um filho aqui. Ela olha para a esquerda e franze a testa. Eu me aproximo e olho com ela. Tecnicamente, estou fazendo um tour também, já que não me importei em explorar o lugar inteiro. Ela dá alguns passos e olha para o lado esquerdo.

— Isso é um elevador?

— Sim, mas atualmente estão substituindo o piso e os espelhos, a pedido do meu pai, então temos que usar o outro.

— Como camponeses, — ela sussurra e grita enquanto vira-se para caminhar pelo corredor.

Eu rio. Ah, sim, ela realmente vai odiar esse lugar. Ela vai até a cozinha, depois para a sala e então fica na porta do quarto que uso, mas não entra. Ela vira e caminha para o outro lado de tudo isso, onde há um segundo hall de entrada que leva a uma escada em espiral. Mordo o lábio para não rir da expressão em seu rosto enquanto ela congela na porta. Ela murmura algo baixinho que eu mataria para ouvir e caminha até as escadas. Colocando a mão no corrimão de ferro, ela sobe lentamente as escadas. Quando chegamos ao segundo andar, ela encontra outra grande sala de estar com TV e balança a cabeça.

— Seus pensamentos? — Pergunto porque não aguento mais.

— Você nem quer saber, — diz ela, enquanto continuamos.

Sigo aqui para a próxima área – uma sala com bar completo, mesa de sinuca e seis enormes cadeiras de couro. Ao lado, para os três quartos mobiliados - um com cama king size, outro com duas camas queen size e outro com cama de criança e uma linda tenda para brincar. Na verdade, é muito bom. Lyla respira fundo e vira-se para descer, de volta ao meu quarto. Ela passa pela cama, em direção à área de estar com a estante e duas cadeiras brancas macias. Ela senta-se em uma delas e olha pela janela. Coloquei as mãos nos bolsos enquanto a observava apreciar a vista, desejando poder tirar uma foto dela agora. Cabelo bagunçado, sem maquiagem, com uma camisa grande demais, e ela ainda é a mulher mais linda que já vi. *Tão* perfeita.

Viro-me e pego nossas malas, que Ronnie trouxe enquanto estávamos no evento na cobertura, no qual estou tentando nem pensar. A maneira como Sean estava rindo do que quer que ela estivesse dizendo irritou-me *pra* caralho. Não porque ela estivesse conversando com outro homem e o fazendo rir (ok, isso era parte do motivo). Principalmente, eu estava chateado por ela estar dando a alguém algo que ela não tinha me dado desde que a encontrei. Eu sei

que fui um idiota e ela não tem motivo para brincar comigo, eu entendo. Mas ainda assim, essa merda doeu. Especialmente depois que ela me disse que não se importava e que o que temos é falso. Essa merda *realmente* doeu. No fundo, sei que ela se importa e sabe que isso é real, mas não é mais fácil ouvir essas palavras. Não depois de eu ter sido a única pessoa que poderia fazê-la sentir e se importar. Eu não posso perder isso. Eu não vou. Ela bate as mãos nas pernas enquanto levanta-se e caminha até mim. Meu coração bate um pouco mais rápido enquanto ela balança os quadris e segura meu olhar. Porra, ela é gostosa. Quando ela chega até mim, ela para do outro lado das malas. Seu lindo rosto não revela nada quando ela olha para mim. Ela realmente tem a melhor cara de pôquer que já vi.

— Eu odeio isso, — ela sussurra.

Meus lábios levantam-se. — Eu sabia que você odiaria isso.

Vejo a confusão em seus olhos, mas ela não diz mais nada enquanto pega a mala e a leva até o armário. Eu deveria estar desfazendo as malas. Em vez disso, encosto-me em um dos armários altos e observo enquanto ela começa a desfazer as malas, balançando a cabeça cada vez que encontra uma peça de roupa diferente.

— Você é um idiota, sabia disso? — Ela olha para mim.

— Eu sei. — Ofereço-lhe um sorriso que espero que pareça apologetico.

Jogar as coisas dela na mala daquele jeito para alguém como ela, que gosta de suas roupas bem dobradas, foi uma atitude idiota. Ela disse que não sabia o que levar na mala e eu sabia menos, então joguei dentro a maior parte do armário dela. Agora que estou olhando para a pilha de roupas, sinto-me meio mal. Dou um passo à frente para ajudá-la. Ela olha para mim novamente – sem um olhar furioso, sem um sorriso, apenas um olhar duro.

— Por favor, não tente ajudar, — ela diz. — Você já fez o suficiente.

Não é essa a maldita verdade? A bagunça que fiz na mala dela

não é nada comparada ao que fiz com ela – com nós. Quero dizer, porra, ela nem sequer respondeu a uma pergunta simples porque pensou que eu usaria isso para provocá-la. Vou ter que compensar isso de alguma forma. Depois de colocar os sapatos onde deseja, ela começa a retirar os vestidos e pendurá-los. Estou chocado que apenas o verde esteja enrugado, considerando. Vou ter que passar a ferro para ela. Ou passar a vapor. Ou o que quer que eu possa fazer com esse material para tirar as rugas. Ela coloca o branco em um cabide e olha para ele quando está pendurado. No topo, é um espartilho. O tipo que as mulheres usam no quarto para impressionar seus parceiros. Acho que costurá-lo em um vestido e usá-lo fora de casa está na moda agora. Imagens de seus seios naquele vestido passam pela minha mente. Meu Deus, quem diabos decidiu que isso era uma boa ideia?

Eu limpo minha garganta. — Você deveria usá-lo esta noite.

Seus olhos disparam para os meus. — Se eu usar hoje à noite, não terei nada para vestir no nosso casamento falso.

— Oh, pelo amor de Deus, — murmuro.

Novamente com a besteira do casamento. Afasto-me do armário e passo os dedos pelos cabelos. Para alguém que age como se não se importasse com nada, ela com certeza se importa com isso. Talvez eu devesse tê-la feito assinar um contrato em papel em vez de digital. Talvez eu deva redigir um novo que diga apenas: ESTE É UM CASAMENTO DE VERDADE. Qualquer coisa. Não consigo descobrir qual parte a incomoda. Eu conheço Lyla. Claro, ela assinou o contrato por minha causa, mas não acredito que seja por isso que ela está chateada. Se ela realmente não quisesse, ela não o teria assinado. Com ou sem culpa. Eu não me importo com o que alguém diz. Além disso, ela teria feito trinta comentários sarcásticos sobre o contrato em si. Será que ela quer subir ao altar? Porra. Talvez ela precise de um anel para tornar isso real. Eu nem tinha pensado nisso. Lyla não é uma pessoa materialista, mas admita ou não, enterrada bem fundo, fundo, fundo, fundo dentro dela está uma romântica incurável. Ela provavelmente quer que eu me ajoelhe e declare meu amor por ela. Porra. Tem que ser isso.

Minhas mãos de repente ficam suadas. Eu as esfrego em meu short. Na verdade, tenho um anel para ela - já tive *um* para ela - e um discurso de proposta que ensaiei inúmeras vezes. Eu poderia pedi-la em casamento esta noite, quando chegarmos em casa. Mas se eu lhe der uma opção, ela poderá dizer não. Porra. Se eu me ajoelhar na frente dessa mulher e ela categoricamente disser não para mim... não consigo pensar nisso. Não deixa de me surpreender que durante toda a minha vida tudo tenha sido uma aposta certa (apesar da presença do meu pai), mas com ela nunca sei onde estou. Isso realmente fode com alguém como eu.

— Você pode comprar um vestido de noiva, — digo depois de um momento.

— Quer dizer que *you* pode me comprar um vestido de noiva, — diz ela, com um brilho nos olhos.

Eu apenas sorrio. Se eu falar e começarmos a brincar agora, realmente não conseguiremos chegar a essa merda. Ela finalmente termina de pendurar os vestidos e algumas blusas que também precisam ser passadas. Estou realmente culpando-me por isso agora. Eu detesto passar roupa, mas isso vai mostrar a ela que eu me importo, então vou fazer isso. Ela passa para a roupa íntima, agarra todas com uma mão e vai até as gavetas do seu lado do armário. Espero que ela as dobre, mas ela simplesmente as joga ali e pega uma tanga branca com um pouquinho de renda. Minha boca já está salivando. Eu não vou sobreviver a ela. Se eu tiver que ficar ao lado dela, parecendo gostosa *pra* caralho naquele vestido, sabendo que ela está usando isso por baixo, posso ter um ataque cardíaco na propriedade do meu pai.

— *É* isso que você está usando por baixo do vestido? — Pergunto, minha voz soando rouca aos meus próprios ouvidos.

Ela encontra meus olhos. — *É* isso ou nada.

Ah, porra, não. Eu viro-me o mais rápido que posso e saio do armário com uma ereção violenta. Não temos tempo para isso agora.

CAPÍTULO 41

Lyla

Não falamos uma palavra desde a nossa interação no armário. É um silêncio estranhamente confortável. De qualquer forma, *tão* confortável quanto pode ser a tensão sexual reprimida entre duas pessoas que estão separadas há três anos. Quando saí do armário usando meu vestido, ele parecia querer dar um soco em alguém. Quando ele saiu vestindo seu terno preto sob medida, tive vontade de dar um soco *nele*. Ficamos parados por um minuto inteiro, examinando um ao outro. Nenhum de nós disse uma palavra, mas quando nossos olhos se encontraram, eu sabia que o fogo nos meus combinava com o dele. De alguma forma, conseguimos descer sem nos agredir - provavelmente porque não nos falamos. Acho que se ele tivesse dito “aperte o botão” para mim no elevador, eu teria pulado em cima dele.

Só estamos no SUV há cerca de cinco minutos e deixamos um espaço enorme entre nós. Com a quantidade de olhares acalorados que trocamos, sei que não sou a única tentando não pensar em foder aqui na frente de Ronnie. Porra, isso pode ser meio sexy. Afasto esse pensamento rapidamente e penso na diferença que um dia faz.

Estou optando por não ficar zangada com o caso do tribunal de Fairview. Ele corrigiu esse erro antes mesmo de cometê-lo, então não posso culpá-lo. Eu ainda gostaria que ele tivesse feito isso de forma diferente. Eu entendo que ele estava chateado comigo, mas isso não desculpa seu comportamento. Olho e meu coração dispara quando encontro seus olhos semicerrados em meu decote.

— Você pode tocar um pouco de música, por favor? — Eu pergunto finalmente. Preciso distrair-me de alguma forma.

— Claro. — Ronnie olha para mim pelo retrovisor. — O que você

gostaria de ouvir?

— Honestamente, eu não me importo. Qualquer coisa.

— Talvez você devesse escolher, — diz Lach ao meu lado. — Ela tem um péssimo gosto musical.

— Com licença, gosto de uma grande variedade de músicas, — digo, olhando para ele.

— Não posso discutir isso. Você tem o guarda-roupa para provar isso, — diz ele, puxando os cantos da boca.

Nós nos encaramos por um momento – seus olhos queimando, meu estômago dando cambalhotas, antes de eu desviar o olhar rapidamente novamente. Vai ser uma longa noite. Ronnie liga o rádio na primeira estação e uma música de Drake preenche o espaço. Fico feliz por um quarto de segundo, até perceber que é uma música sobre a falta de comunicação e como as coisas poderiam ser lindas se desta vez fosse diferente.

— Você só pode estar brincando comigo, — murmuro.

Olho para Lachlan novamente e rimos. Não é nem uma música nova, então não sei por que ela está tocando. Não quero ser um pé no saco e pedir ao Ronnie para mudar isso. Eu gostaria de poder avançar telepaticamente. Oh meu Deus. Cada verso deixa-me mais desconfortável do que o anterior. Sinto que estou sendo atacada emocionalmente por um artista de rap. Aposto que alguém já tentou processá-lo por isso.

Duas músicas animadas depois, chegamos a uma casa fechada. Não tenho certeza se você pode chamar isso de casa. Parece um hotel. O gramado da frente parece ter o comprimento de dois campos de futebol e a largura de, não sei o quê, mas é enorme. E a própria casa? Existem mansões e depois existem *mansões*. Cresci em uma casa extravagante e já estive em muitas outras. Mas nunca vi nada assim e já vi algumas merdas. Juro que leva dois minutos inteiros para chegar à propriedade.

Quando chegamos lá, Ronnie abre minha porta primeiro. Saio e

olho em volta, absorvendo tudo. Mesmo que tivéssemos dinheiro para comprar um lugar assim quando eu era criança, não poderia imaginar viver assim. Meus pais eram muito preocupados com dinheiro. Desde muito jovem, fui ensinada que nem todos tinham a mesma sorte de ter o que tínhamos e que não deveríamos sair por aí exibindo nossos privilégios. Isto não é ostentar; isso é mostrar. Eu tento não pensar sobre isso. Não é meu dinheiro, não é problema meu. Repito o mantra mais algumas vezes.

— Impressionante, certo? — Lach caminha até mim enquanto termino de olhar em volta.

Eu encontro seus olhos. — Eu odeio isso.

Ele ri, e é uma risada *tão* real e descontrolada que eu sorrio largamente, e ainda estou sorrindo quando me viro em direção aos degraus que levam à propriedade. Já estou perto da porta quando ele me alcança e pega minha mão. Eu olho em seus olhos enquanto deixo que ele pegue, e entrelaçamos nossos dedos, sentindo aquela vibração instantânea no meu peito que sinto quando ele toca-me. Sempre fiquei maravilhada com a maneira como seu toque pode excitar e trazer conforto. No momento, está fazendo as duas coisas.

Ficamos do lado de fora da porta por um momento, de mãos dadas e olhando um para o outro, e parece...certo, independentemente de onde estamos e por que estamos aqui. Ele desvia o olhar e bate duas vezes na porta com os nós dos dedos. Do outro lado, um homem de terno preto abre e nos cumprimenta. Retribuímos sua saudação e entramos no grande hall de entrada. Lachlan leva-me por um corredor com as estátuas mais incríveis que já vi e obras de arte nas paredes que pertencem a um museu.

Toda esta propriedade deveria ser um museu. É o tipo de lugar para onde seus pais levam você e ameaçam renegá-lo se você tocar em alguma coisa. Estou tentando nem olhar para nada enquanto passamos, só para garantir. O salão se abre para outro foyer, igualmente grande. Este tem luz natural entrando pelo vidro da cúpula no topo. Na verdade, é muito bonito. Ao redor do círculo estão três

grupos de velhos. Dizemos olá enquanto passamos por eles. Tudo o que vejo são homens e mais homens. Huh.

— Chama-se coquetel por causa da quantidade de paus na sala?
— Eu pergunto baixinho.

Lachlan ri, seus olhos brilhando enquanto seu aperto aumenta em minha mão. — Deus, Lyla.

Ele sorri, balançando a cabeça enquanto continuamos andando. Acho que ele pensa que estou perguntando como uma piada. Eu não estou. À medida que caminhamos, cumprimentamos mais pessoas, sorrimos com os parabéns e finalmente vejo uma mulher entre os homens. Ela é mais velha, mas não *tão* velha quanto a maioria desses homens, que facilmente têm a idade do meu pai ou mais. Eles são obviamente amigos de seu pai. Sorrio educadamente e finjo ouvir, enquanto Lach fala com um dos homens sobre golfe. Esta é sua terceira conversa sobre golfe. Alguns perguntaram sobre hóquei, o que é compreensível, mas golfe? Só estou aqui há dez minutos e já estou adormecendo. Enquanto conversam, a mulher pede licença e vem até mim.

— Parabéns, querida, — diz ela. — Eu sou Laura.

— Obrigada. — Eu sorrio. — Lyla. É um prazer conhecer você.

— Todas as mulheres estão na sala de chá. Você deveria se juntar a nós, — diz ela, sorrindo enquanto se afasta.

— Obrigada, — eu digo, o sorriso congelado em meu rosto.

Oh meu Deus. A sala de chá. Mate-me agora. Não vou entrar lá de jeito nenhum, a menos que haja algum tipo de alucinógeno no chá. Depois de alguns minutos, minhas bochechas começam a doer de tanto sorrir, então deixo de lado. Recebemos muitos parabéns antes de finalmente vermos sua mãe, que é o único rosto familiar na sala até agora. Ela está sorrindo enquanto caminha usando um lindo vestido azul marinho, com seu cabelo loiro escuro preso em um elegante coque baixo. Lach solta minha mão assim que ela me alcança.

— Ei, Valeria. Você está incrível... — é tudo o que consigo dizer

antes que ela me envolva em um abraço apertado.

Eu tenho que levantar minhas mãos desajeitadamente e dar um tapinha nela, para poder retribuir. Esta não era a saudação que eu esperava, considerando que só nos encontramos uma vez, mas estou grata por isso. Ela afasta-se e olha para mim.

— Oh meu Deus. Você está ainda mais linda do que da última vez que te vi. Seus olhos se voltam para Lachlan. — Ela não está?

— Ela está, — ele diz, observando-me lentamente da cabeça aos pés e vice-versa. Seus olhos estão escuros quando alcançam os meus novamente. Sinto um arrepio e desvio o olhar rapidamente, voltando minha atenção para sua mãe.

— Estou emocionada com o seu noivado. Você não sabe o quanto estou feliz por finalmente ter uma filha, — diz ela.

Ela ainda tem aquele sorriso largo no rosto que alcança seus olhos, então eu sei que ela está falando sério. Sua declaração atinge-me no centro do peito e viaja até minha garganta, mas consigo superar isso e sorrir. Talvez seja o fato de ter perdido a minha mãe numa idade *tão* crucial, mas é bom ouvir isso. Não que alguém possa substituir minha mãe, mas ter o apoio de uma mulher é incomparável.

— Muito obrigada, — eu digo, sorrindo. — Isso significa muito para mim.

— Eu sei que isso é muito para absorver, mas você vai se acostumar, — ela diz calmamente.

— Sim. Não tenho certeza sobre isso, — digo, rindo levemente enquanto olho ao redor.

Ela olha para minha mãe e se concentra em seu filho. — Lachlan. Onde está o anel dela?

Eu assisto a cena enquanto ela ataca Lachlan, que diz a ela que está sendo ajustado porque era muito grande para mim. Lanço-lhe um olhar. *Bela defesa, idiota*. Pelo menos, ele parece se desculpar por isso. Presumo que ela saiba da situação se ela perguntar a ele e não a mim. Lach tem dito a todos que o casamento será íntimo, - só nós, - o que é

tecnicamente verdade. Sempre pensei em um casamento íntimo como romântico. Isso é tudo menos isso. Eu empurro isso de lado. Se eu ficar triste, ficarei com raiva e não posso me permitir ficar com raiva novamente. Especialmente aqui.

— Você deve ser Lyla. — Ouço atrás de mim e viro-me para ver um homem alto aproximando-se.

É óbvio quem ele é. Lachlan é uma versão mais jovem dele. E caramba, se é assim que ele vai ficar daqui a mais de vinte anos, eu aceito.

— Você deve ser Henry, — respondo, oferecendo minha mão para ele apertar.

Ele aperta, mas também me puxa para um abraço caloroso, o que me assusta. Só ouvi coisas negativas sobre esse homem. Como ele era frio e não prestava atenção nos filhos, então isso é inesperado. Ele está sorrindo largamente, um sorriso verdadeiro que alcança seus olhos verdes, quando nos afastamos. Ok, agora estou realmente confusa.

— Você é *tão* linda quanto Val disse que você era.

— Obrigada. — Eu dou a ele um sorriso educado. — Sua casa é... — Começo a procurar palavras positivas e não consigo.

— Demais, — ele oferece.

Eu rio levemente. — Sim.

— Espero que você nos dê alguns netos para preenchê-la e torná-la mais animada, — diz ele, ainda sorrindo.

— Sim, não acho que este lugar seja muito adequado para crianças. — Olho em volta para o museu onde estamos.

— Teremos que nos livrar de algumas coisas. — Ele dá um tapinha de leve no meu ombro, sorri e diz: — Bem-vinda à família.

Sorrio educadamente, perguntando-me se deveria dizer o mesmo para ele. Eu não digo. Isso seria uma coisa mal-intencionada de se fazer em sua própria casa. Lach diz olá para seu pai e coloca a mão na parte inferior das minhas costas para levar-me embora.

— Eu sei que é muito, mas você está indo muito bem, — ele diz baixo, perto do meu ouvido.

Não consigo nem esconder meu arrepio. Ele crava as pontas dos dedos levemente em minha carne e eu lanço-lhe um olhar de advertência. Ele dá aquele sorriso sexy, e eu juro, meus joelhos ficam um pouco fracos ao vê-lo.

— Lach, um momento do seu tempo, por favor, — diz seu pai, fazendo-nos virar.

Lachlan olha para mim.

— Vá, — eu digo. — Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — Ele olha-me nos olhos.

— Tenho certeza. — Eu sorrio para ele. — Se tudo mais falhar, irei até aos achados e perdidos.

Ele traz a boca ao meu ouvido novamente. — É melhor que eu seja o único a encontrar você.

Meu coração dá um pulso quando ele se afasta, e vejo aquele olhar sombrio em seus olhos que contém promessas que ele não pode cumprir na frente do público. Meu pulso acelera enquanto nenhum de nós desvia o olhar. Sinto uma vontade imensa de dizer a ele que o amo, mas não vou. Aqui não. Ainda não. Tenho que ter certeza de que ele não vai me atacar novamente. Ele beija minha testa e caminha até seu pai, que está nos observando o tempo todo.

Enquanto afasto-me, tiro meu telefone da bolsa e verifico. Eu coloquei no modo avião antes de começar a preparar-me e esqueci de tirar. Com certeza, tenho mensagens de Marissa, Prescott, Wade e Cooper. Começo a analisá-las e a responder de acordo.

Marissa: *que merda, você não me atualizou*

Marissa: *o que está acontecendo??*

Responderei a dela quando terminar o resto.

Prescott: *Mar me contou tudo. Posso estar aí amanhã, mas se precisar de mim mais cedo, avise-me*

Eu: *estou bem. Realmente. Tudo está bem. Não vou me casar em Fairview, mas vou mantê-los informados*

Pres: *mas você ainda vai se casar?*

Eu: *sim*

Prescott: *você está bem com isso?*

Eu: *eu estou*

Enquanto digito, percebo que estou dizendo a verdade. Casar com Lach nunca foi o problema com nada disso, no entanto. A maneira como ele fez isso foi complicada, mas a parte de casar com ele é fácil. Não sei o que isso diz sobre mim e não importa. Nada pode mudar o que sinto por ele.

Wade: *ei, fazendo check-in, preocupado com você*

Eu: *estou bem. Atualizo você mais tarde*

Cooper: *desculpe incomodar você no fim de semana, mas estou confirmando que você vai começar a residência na próxima segunda, não nesta segunda?*

Eu: *próxima segunda-feira está correto*

Cooper: *legal. Vejo você então :)*

Volto para a mensagem de Marissa e começo a digitar rápido.

Eu: *meu Deus, estou na maior mansão que você já viu na sua vida*

Eu: *tipo bem maior que berços*

Eu: *também não vamos nos casar em Fairview, mas não sei o que está acontecendo de outra forma*

Ugh. Eu nem me preocupo em consertar os textos. Minhas mãos estão muito trêmulas.

Marissa: *o pai do Lach?*

Eu: *quando disseram bilionário, eles estavam falando sério*

Marissa: *caramba, tire fotos*

Eu: *não posso. Mesmo se eu pudesse, estou muito nervosa*

Marissa: *pegue uma bebida. Isso vai te acalmar*

Marissa: *que bom que ele viu a luz do casamento lá. Talvez ele não esteja mais bravo?*

Eu penso na maneira como ele me fodeu. Honestamente, se é isso que ele faz quando está chateado, eu aceito.

Eu: *não sei, talvez?*

Marissa: *vamos dar outra chance a ele?!?*

Talvez. Eu acho que sim. EU NÃO SEI!!!!

Marissa: *Ugh, gostaria que pudéssemos discutir isso pessoalmente. Basta seguir seu instinto. Amo você*

Eu: *amo você*

Coloquei meu telefone no modo avião novamente e guardei-o. Talvez eu devesse tomar uma bebida.

CAPÍTULO 42

Lyla

Acontece que não é chamado de coquetel por causa dos paus. O Google diz algo sobre Nova Orleans, bebidas e Lei Seca. Estou colocando meu telefone de volta no modo avião quando ouço meu nome novamente e olho para cima e vejo Liam aproximando-se. Ele está sorrindo largamente, seus olhos brilhando, do jeito que seu irmão faz quando ele não está sendo um idiota perpétuo.

— É bom ver você, — digo, retribuindo seu abraço rápido.

— Igualmente. Você está incrível, — diz ele enquanto afasta-se.

— Você também está ótimo. — Meus lábios levantam um pouco.
— Como você tem estado? Como você está se adaptando a tudo isso?

— Isso é... bem, digamos que acostumei a ter meu café da manhã e café prontos para mim de manhã e não consigo lembrar da última vez que lavei minha própria roupa, — diz ele. — Essa parte demorou um pouco para acostumar.

— Aposto que sim. — Eu rio. — Mas acho que não é uma coisa terrível ter que se acostumar.

— As coisas poderiam ser piores. — Ele sorri. — Como você tem estado? Como está indo até agora com meu irmão?

— Isso é... indo.

— Ele tem sido agradável?

— Prazeroso. — Eu rio. — Eu não acho que Lach saiba o que agradável significa hoje em dia.

— Realmente? — Ele franze a testa. — Quero dizer, ele tem sido horrível há três anos, mas pensei quando ele visse você...

— Você pensou que ele iria aparecer como um cavaleiro em um

cavalo branco? — Eu pergunto.

— Bastante. — Ele dá de ombros.

Posso dizer que ele quis dizer isso, o que me diverte ainda mais. Ou ele não conhece o irmão *tão* bem quanto pensa, ou está se enganando. Não há muita diferença entre os dois. De qualquer forma, ele não tem noção.

— Ele está melhorando, posso dizer isso, — digo. — Mas você sabe que ele é louco, certo?

— Ele era assim quando você estava com ele, três anos atrás. — Liam levanta uma sobrancelha. Ele não está errado.

— Eu acho. — Eu mordo meu lábio. — Ele costumava ser diferente, no entanto. Eu ainda tenho esperança. Só estou com medo de que ele volte a ser um idiota.

— Tenho certeza que é difícil. — Liam suspira. — Tenha paciência com ele. Ele tem muitos motivos para ficar zangado, mas ele vai superar isso.

Eu pisco para ele. *Ele* tem muitos motivos para ficar com raiva? Eu sei que Liam não sabe de toda a merda que passei, então não posso esperar que ele seja solidário comigo por causa disso. E ele provavelmente culpa-me por tudo que Lach passou durante e depois do ataque, mas que porra é essa? Porque ele se ferrou, eu deveria ficar bem com ele desenraizando minha vida como se ele tivesse todo o direito de fazer isso? E a maneira como ele fez tudo isso? De jeito nenhum. Fodam-se todas essas pessoas.

— E eu não? — Eu pergunto depois de um momento. — Você não acha que esta situação é uma merda?

— Eu não disse isso. — Ele aponta para o barman atrás de nós. — Você quer uma bebida?

Eu debato isso, enquanto olho para a configuração. Há até um barman pronto para servir bebidas. Parece que estou em um casamento ao ar livre. Todas as garrafas atrás dele estão abertas, mas não estou preocupada com nada acontecendo comigo enquanto

Lachlan estiver por perto. Ele pode ser muitas coisas, mas sei que sempre cuidará de mim.

— Uma bebida não faria mal, — eu digo.

Peço gim e limão. Liam pega outro uísque.

— Sabe o que eu não entendo? Sobre a coisa do casamento, — digo depois de tomar alguns goles da minha bebida. — Ele pode fazer com que qualquer mulher no mundo concorde com isso. *Qualquer*. Por que ele se daria ao trabalho de me encontrar?

— Você está falando sério? — Liam encara-me.

— Sim. Entendo. Nós temos algo... especial, — eu digo. — Mas ele poderia ter subornado outra pessoa e dito que nunca queria vê-la, já que isso era apenas um meio para atingir um fim.

— Você não pode estar falando sério. — Ele continua olhando para mim, examinando meus olhos como se talvez fosse eu quem tivesse alguns parafusos soltos. — Meu irmão nunca, e quero dizer, nunca, iria se casar com ninguém além de você. Sob qualquer circunstância.

— Não vejo por quê, — digo baixinho, enquanto meu coração dá um pulo.

Estou cheia de merda. Eu sei exatamente por quê. Ambos sabemos que não podemos ter o que partilhamos com mais ninguém. Ainda assim, isso é um grande problema para um maldito casamento falso. Digo isso em voz alta, e Liam balança a cabeça, ainda me lançando aquele olhar.

— Meu irmão contou-lhe alguma coisa? — Liam pergunta.

— Sobre o que?

— Sobre qualquer coisa, — diz ele. — Não posso imaginar que você ficaria *tão* chateada se ele tivesse lhe contado, então acho que não.

Tomo um gole da minha bebida. — Bem, sou toda ouvidos.

— Eu sei que não parece porque a raiva dele supera todo o resto,

mas ele te ama *pra* caralho, — diz ele. — Ele passou três anos procurando por você e não parou até encontrar você. Ele desistiu do hóquei para trabalhar para o nosso pai. *Por você*.

Certamente, eu não o ouvi corretamente. Meu coração está batendo *tão* forte que tenho certeza que ele ouve. — Achei que ele desistiu por causa do dinheiro, já que não estava recebendo o que lhe foi prometido.

— Papai é dono de uma empresa de segurança de bilhões de dólares com programas que podem nos ajudar a encontrar qualquer pessoa no mundo. — Ele lança-me um olhar aguçado. — Lach não iria apenas pedir ajuda ao papai, por razões óbvias. Mas quando papai foi até *ele* com uma oferta, ele aceitou. Até aquele ponto, ele tentou de tudo para encontrar você e falhou em todas as oportunidades. A única razão pela qual ele abandonou o hóquei foi porque sabia que era a única maneira de encontrar você.

Ele observa-me processar isso. Quando não falo, ele acrescenta: — O casamento é uma cláusula do contrato dele. Como ele é o mais velho e tem que ser “o mais responsável,” ele tem que ter vinte e cinco anos *e ser casado*. É uma besteira totalmente arcaica, mas é assim que as coisas são. Ele não pode receber sua herança sem isso.

Putá merda. Acho que digo isso em voz alta, mas não consigo ouvir nada devido ao zumbido alto em meus ouvidos. Eu estava tentando juntar as peças de tudo, mas eu simplesmente...Eu não considereirei...oh meu Deus. Por que ele simplesmente não me contaria isso? Ele tinha que saber que eu concordaria em ajudá-lo num piscar de olhos se ele tivesse feito isso. Eu vejo agora. A razão pela qual ele está decidido a voltar para Fairview não é apenas vingança. É para livrar-se de qualquer coisa que impeça que fiquemos juntos, e como ele sabe que essa é a única coisa que me impede, ele está... Deus. Porra. Merda. Ele desistiu do hóquei por minha causa. Por mim. Meu peito dói tanto agora que nem sei como estou conseguindo respirar. Sei o quanto foi difícil para mim desistir do futebol, e nem sequer o fiz no nível profissional. Ele é bom demais para desistir. Ele não pode. Eu nem me preocupo em esconder minhas lágrimas. Tento afastá-las

quando elas vêm, mas elas não param.

— Ele não pode fazer isso. Ele não pode desistir do hóquei por minha causa — sussurro.

— Lyla. — Liam pausa o copo e me dá um sorriso simpático. — Meu irmão desistiria de sua herança, hóquei, rins e testículos se isso significasse que ele teria você. Eu gostaria que isso fosse uma hipérbole, mas é a verdade.

Mordo meu lábio com força. É por isso que ele está *tão* bravo comigo. Porque ele desistiu do sonho e quando me encontrou pensou que eu estava vivendo o meu. Oh meu Deus. Pressiono minha mão contra a dor em meu estômago. *Por que ele faria isso?* De alguma forma, consigo pousar meu copo. Cada vez que passo por isso, sinto-me pior. Ele desistiu daquilo que amava desde criança. Por mim. Para me encontrar. Ele fez as pazes com seu pai ausente para encontrar-me. Meu coração está em algum lugar na boca do estômago. Em breve, terei uma fenda em seu lugar. Eu limpo meu rosto novamente.

— Eu odeio você tanto agora, — eu sussurro, olhando para o chão.

— Eu sei e sinto muito. Você precisava saber, no entanto. O homem que você ama ainda está lá, — diz Liam. — Eu sei que ele está.

Concordo com a cabeça, engolindo o nó na garganta. — Onde é o banheiro?

Ele aponta-me a direção e eu praticamente corro até lá. O banheiro é *tão* luxuoso quanto o resto da propriedade. Há uma espreguiçadeira chique que é ridícula e espelhos por toda parte. Eu olho para o meu reflexo. Isso é tudo minha culpa. Se eu tivesse contado tudo a Lachlan naquela época, talvez ele pudesse ter ido à polícia comigo, e eles teriam acreditado nele. Mesmo quando penso nisso, sei que é besteira. Mesmo que todos nós tivéssemos chegado à polícia, isso não teria importância. Fairview cuida de si mesmo, e isso se estende ao departamento de polícia, aos tribunais, à maldita universidade. *Foda-se.*

Se eu pensava que estava chateada antes, isso não tem nada a ver com o que estou agora. Esse filho da puta arruinou minha vida, tudo bem, mas arruinar a de Lachlan? Eu não aceito isso. Deus, estou com tanta raiva de mim mesma. Se eu tivesse deixado Marissa e Prescott contarem sobre sua vida, eu teria descoberto muito mais cedo e talvez pudesse até tê-lo ajudado a sair daquela bagunça. Por ele, eu teria procurado um advogado e voltado para Fairview. Por ele, eu teria deixado que zombassem de mim e xingassem de todos os nomes. Ele deveria ter me contado. Assim que ele me viu naquela noite em que assinei o contrato, ele deveria ter me contado. Eu sei por que ele escondeu isso de mim. Mesmo que ele não tivesse ficado com raiva e tentado culpar-me por isso, ele sabia que não havia nenhuma maneira no inferno que eu o deixaria desistir disso por mim. Ele tem que saber disso, certo? Há uma batida na porta quando estou tentando consertar minha maquiagem, mas não consigo conter as malditas lágrimas.

— Estou quase terminando, — digo, enxugando meu rosto novamente.

Olho para mim novamente e respiro fundo. Eu posso fazer isso. *Eu tenho que fazer isso.* Jogo a toalha de mão na lixeira que diz “usada” e abro a porta com meu sorriso educado. Estou pronta para desculpar-me quando vejo um Lachlan Duke muito irritado parado na porta. Ele estuda-me enquanto aproxima e sou forçada a dar um passo para trás.

— Aconteceu alguma coisa? — Eu pergunto.

— O que ele disse? — Ele pergunta, sua voz baixa e ameaçadora.

— O quê? Quem? — Dou outro passo para trás, tentando processar o que ele está perguntando, mas não consigo pensar direito quando ele me olha assim. Meus olhos arregalam quando ele fecha a porta atrás de si. — Lach.

— O que. Ele. Disse. Para. Você? — Ele sussurra, segurando-me para que eu não caia, enquanto move para trás até eu bater na parede espelhada.

Ele deve estar perguntando sobre Liam, mas como ele nos teria

visto? Estávamos em salas completamente diferentes. Éramos os únicos naquela maldita galeria. Ele não pode ter me visto chorar, mas deve ter visto, e não tenho certeza se já o vi *tão* chateado. Sua respiração está irregular quando ele coloca as mãos no espelho e prende-me. Meu coração dá um pulso quando olho para ele. Deslizo minhas mãos sob seu casaco e as deslizo sobre sua camisa, pressionando-as contra seu peito, uma delas sobre seu coração batendo descontroladamente.

— Lach, — eu sussurro, mantendo uma mão lá enquanto estendo a mão e afasto seu cabelo da testa com a outra. Seus olhos suavizam por um breve momento, então pergunto: — Você está falando sobre Liam?

— Ele chateou você. — Sua mandíbula aperta com mais força, se possível. — Ele fez você chorar. Que porra ele disse?

Eu fico olhando para ele por um momento, pensando em toda essa situação fodida, e talvez seja porque minhas emoções estão por toda parte, mas começo a rir.

— Você está *chateado* porque *seu irmão* disse algo que me chateou? — Procuo seus olhos, ainda rindo. — Mesmo que você esteja tentando me machucar desde o momento em que me encontrou?

— Lyla. — Ele geme alto, pressionando sua testa contra a minha. — Pedi desculpas por isso. Você sabe que sinto muito. Ele afasta-se e olha para mim novamente. Desta vez, sua voz está calma quando ele pergunta: — O que ele disse?

— Ele contou o que *you* deveria ter me contado no segundo em que me viu, — digo. — Por que você não me contou?

— Ele não tinha o direito de dizer-lhe isso. — Seus olhos estreitam. — Eu vou acabar com ele, porra...

Agarro e puxo as lapelas de seu casaco, pressionando meus lábios nos dele antes que ele termine a frase. Ele está *tão* chocado que leva um segundo para reagir. Quando ele reage ele quebra, agarrando meu

cabelo e puxando-me contra ele como se quisesse de alguma forma moldar nossos corpos juntos. Ele faz um som no fundo da garganta quando lambo a costura de seus lábios e envolvo meus braços em volta de seu pescoço para aprofundar o beijo. Seus quadris avançam. Eu gemo e mordo seu lábio ao senti-lo em minha barriga. Eu preciso de mais. Acho que digo isso, ou talvez ele leia meus pensamentos.

De qualquer forma, ele levanta-me e caminha até o banco do outro lado do banheiro que eu achei ridículo alguns minutos atrás, mas agora agradeço. Ele ainda está beijando-me enquanto senta e coloca meus pés no chão. Eu afasto e levanto meu vestido até os quadris. Seus olhos estão derretidos enquanto observam meu corpo da cintura para baixo.

Coloquei minhas mãos em seus ombros e montei nele, beijando-o profundamente novamente. Somos todos língua, dentes e unhas – dois selvagens que estão separados há muito tempo. Não importa que tenhamos feito isso há algumas horas. Temos anos para compensar.

— Porra, — ele respira contra mim, pressionando os lábios no meu queixo e arrastando-os pelo meu pescoço quando jogo a cabeça para trás.

— Deus, sim, — eu suspiro, meus quadris movendo-se contra ele por vontade própria.

Ele agarra minhas coxas com mais força e morde a parte superior dos meus seios, enquanto move os polegares para cima na parte interna das minhas coxas, desenhando círculos lentos que me deixam louca. Estou *tão* bêbada com ele que posso gozar só disso. Quando ele finalmente chega onde eu quero, ele passa o polegar sobre minha calcinha. Ele inspira profundamente contra minha boca e afasta-se. Eu faço um som quando ele para de mover a mão.

— Porra, querida, — ele rosna. — Você está sempre *tão* molhada?

— Apenas para você. — Eu moo meus quadris, ofegando quando seu polegar pressiona meu clitóris com o movimento. Ele desliza um dedo por baixo da minha calcinha, mas não o move. Eu moo novamente, sentindo a pressão mais uma vez. — Lachlan, por favor.

Por favor. Por favor.

— Só para mim? — Ele pergunta, a voz baixa e rouca fazendo-me balançar os quadris novamente. Puxo seu cabelo com mais força e seu pau se contorce contra mim. — Por que? Porque essa boceta é minha? Diga-me.

— Sim. Talvez. Eu não sei, — eu digo, respirando com dificuldade.

— Diga-me. — Ele acaricia-me e eu jogo minha cabeça para trás, meus olhos rolando instantaneamente para a parte de trás da minha cabeça.

— Porra. Não pare, — eu gemo, rangendo. Oh meu Deus, ele só precisa mover o dedo um pouco para cima. A tensão aumenta em meu estômago, enrolando e puxando. — Por favor, não pare. Por favor, não pare.

— Diga-me que você é minha. — Ele puxa meu lábio inferior em sua boca, chupando-o com força enquanto move o dedo levemente, roçando exatamente onde eu preciso dele e mantendo-me à beira de um orgasmo. Desgraçado. — Diga-me que você é minha e somente minha, e eu farei você gozar. Porra, diga-me.

Minha respiração está irregular enquanto tento mover meus quadris novamente, mas ele segura-me com a outra mão, parando completamente meu movimento.

— Não. Nãoooo, — eu respiro. — Não pare. Não pare.

— Olhe para mim. — Ele dá um tapa na minha bunda com força.

Eu olho para ele. — Isso não é engraçado, Lachlan.

— Eu nunca disse que era. — Seus olhos se estreitam nos meus. — Diga-me.

Não sei por que simplesmente não digo isso. Nós dois sabemos que direi qualquer coisa agora, e não é como se ele não soubesse a resposta. Abro a boca para falar, quando ele me levanta e coloca-me no chão para tirar o casaco e desabotoar a calça. Ele abaixa tudo até

os tornozelos e senta-se novamente. Meu estômago aperta quando monto nele novamente. Santa. Merda. Porra. Ele nem está dentro de mim e já é *tão* bom. Balanço meus quadris para frente, minhas dobras molhadas deslizando para cima e para baixo em seu comprimento aveludado e duro. Minha respiração acelera enquanto a tensão continua a aumentar. Ele sibila e me para com um aperto em ambas as nádegas.

Eu suspiro alto. — Oh meu Deus, por favor.

— Porra. Você estava *tão* molhada no carro? Ele pergunta, sua voz rouca.

Não sei quanto mais posso aguentar. Deixei escapar um gemido alto e frustrado. Eu olho para ele, para esse homem lindo, irritante e enlouquecedor por quem não consigo evitar não me apaixonar. Ele olha para mim, seus olhos procurando os meus. Seus lábios descem sobre os meus novamente enquanto ele levanta-me e posiciona bem na sua ponta.

— Lach, por favor, — eu sussurro trêmula contra sua boca.

— Diga-me a quem você pertence.

— Você, droga. Sempre você. Sempre fui sua, — praticamente grito.

Ele afrouxa seu aperto em mim e eu começo a deslizar para baixo. Ele estica-me tanto que tenho que morder o lábio com força para não gritar.

— Pooooooooorra, — ele rosna contra meu pescoço enquanto termino de sentar-me. Eu aperto em torno dele, ainda me ajustando, e suas mãos apertam minha bunda com mais força. — Eu nunca vou me cansar de você.

Começo a mover-me lentamente, para cima e para baixo, jogando a cabeça para trás enquanto monto nele. Meu estômago aperta, e quando ele coloca a mão entre nós e encontra meu clitóris enquanto balanço meus quadris, tenho que morder seu ombro para manter o grito dentro de mim. A mordida o irrita. Ele começa a levantar os

quadris e usar minha bunda para controlar o ritmo, indo mais fundo, mais forte, mais rápido. Todo o meu corpo enrola-se e começa a tremer. Ele para *tão* de repente que eu choro.

— Nããão, — eu grito, abaixando a cabeça e olhando para ele. — Eu não aguento mais.

— Mantenha seus olhos nos meus, — ele grunhe enquanto começa a foder-me novamente, agarrando meus quadris com tanta força que eu sei que ele vai deixar marcas, mas caramba. *Ah, porra.* — Você é *tão* gostosa. Olhe para mim quando você gozar, querida. Eu preciso ver você.

Eu olho e paro de respirar. Na próxima investida, sinto uma bomba explodir dentro de mim. Tremo incontrolavelmente, enquanto ele rasga o material delicado da minha calcinha já esticada e arruinada e empurra mais algumas vezes, indo fundo enquanto seu polegar encontra meu clitóris novamente. Eu sou *tão* sensível aí. Acho que não aguento mais, mas ele é muito bom. Afundo minhas mãos em seu cabelo grosso e começo a balançar contra ele para atender suas investidas. Meus olhos fecham-se quando a sensação em meu âmago começa novamente.

— Oh porra, oh porra, não pare, oh porra, — eu murmuro, começando a apertar em torno dele enquanto ele diminui suas estocadas.

— Abra os olhos, — ele diz com voz rouca.

Eu olho para ele e gozo com tanta força que não sei como diabos não grito para derrubar a casa. Minha garganta dói instantaneamente por tê-la contido. Meu corpo tem espasmos quando ele se esvazia profundamente dentro de mim. Ficamos assim, nossas testas tocando-se, enquanto tentamos recuperar o fôlego. Ele segura meu rosto com a mão e inclina minha cabeça para cima, afastando-se um pouco para que possamos nos ver melhor. Ele afasta-se um pouco, seu polegar desenhando círculos lentos em minha bochecha enquanto examina meus olhos. Nele, vejo algo que não via há muito tempo. O verde é claro o suficiente para eu ver as pequenas manchas marrons que tanto

amo. Eu o amo tanto. Eu sabia disso, é claro. Não é uma constatação nova, mas atinge-me fortemente neste momento.

— Nós precisamos conversar. Precisamos conversar sobre muitas coisas, — digo calmamente. — Mas agora, acho que deveríamos voltar para a nossa festa de noivado.

Ele inclina-se e me dá o beijo mais lento, mais longo e mais doce que já experimentei na minha vida. Quando ele se afasta, apenas olhamos um para o outro. Dor, tristezas e desculpas estão passando por cada um de nós. Eu o beijo novamente, outro beijo lento e suave, desejando que pudéssemos apagar todas as besteiras e recomeçar. Quando nos afastamos, ele encosta a testa na minha novamente. Ficamos assim por um longo tempo antes que ele fale novamente.

— Você me fode, Lyla James, — ele sussurra.

Ele puxa-me para seu peito e eu sorrio contra ele. Pela primeira vez em muito tempo, sinto-me segura novamente. Amada.

CAPÍTULO 43

Lyla

Quando entramos em seu apartamento, ele tranca a porta e coloca as chaves na mesa de entrada. Olho para a bandeja de chaves e as decorações na mesa – três macaquinhos (não vejo o mal, não falo o mal, não ouço o mal).

— Você escolheu alguma coisa neste lugar? — Eu pergunto.

Ele ri. — Não é minha função. Meu pai é o dono.

— Você vai ficar com ele? — Pergunto, observando-o enquanto ele afrouxa a gravata.

— Você disse que odeia isso, — ele diz com um pequeno sorriso no rosto, enquanto tira o casaco.

— Eu realmente quero, — eu sussurro, meu coração batendo mais forte com cada peça de roupa que ele tira.

Tento não deixar transparecer, porque há outras coisas que precisamos fazer e não podemos nos distrair. Quando ele termina, ele fica ali parado e eu seguro seu antebraço. Seus olhos dançam enquanto eu o agarro e abaixo-me para tirar meus sapatos desconfortáveis. Ele ainda tem aquela expressão no rosto quando olho para ele.

— O que?

— Nada, — ele diz.

Ele examina meus olhos por um momento, e minhas entranhas dançam com o que ele não diz em voz alta. Eu digo isso de volta com meus próprios olhos. Por alguma razão, ainda não consigo abrir a boca para dizê-las. Ainda não. Sim, eu o amo. Sim, ele me ama. Isso é óbvio, mas temos muito terreno a percorrer. Seguro meus sapatos com

uma das mãos e levanto os braços, como uma criança querendo que seus pais os carreguem. Ele ri enquanto levanta-me e embala em seus braços. Por um momento, apenas olhamos um para o outro, ainda sem dizer nada. Ele inclina-se e beija suavemente. É um beijo emocionante que deixa um nó na garganta quando nos separamos.

— Deus, Lyla, — ele respira, colocando a testa no topo da minha cabeça por um segundo enquanto carrega-me em direção ao seu quarto.

Quando ele me coloca no chão, levo meus sapatos para o armário e viro para encontrá-lo tirando as abotoaduras, depois os sapatos sociais pretos e o cinto. Deixei-me examiná-lo novamente por um momento. É impossível não fazer isso. Quando nossos olhos se encontram, os dele são *tão* escuros que sei que será difícil manter as mãos longe de nós mesmos, mas precisamos fazê-lo. Caso contrário, não conversaremos. De novo.

— Sem sexo, — eu digo.

Seu queixo cai. — O que? Por que?

— Porque precisamos conversar. — Aponto em direção ao banheiro. — Vou tomar banho e trocar, então você toma banho e troca-se, e vamos sentar em algum lugar e ter uma conversa adulta.

— Podemos tomar banho juntos. — Ele morde o lábio enquanto deixa seu olhar aquecido passar por mim.

— Lachlan Duque.

Seus olhos voltam-se para os meus. — O que?

— Isso é sério, — eu digo. — Muito sério, se você vai me levar de volta para Fairview.

O calor em seus olhos é substituído por preocupação e ele assente. Ele observa enquanto eu pego minhas coisas e vou para o banheiro. Não tenho touca de cabelo, então prendo o cabelo para evitar que fique molhado. Pode ser uma façanha impossível, dada a forma como a água jorra de todos os ângulos. Ainda não descobri como ligar apenas um dos chuveiros, então toda vez que entro aqui,

todos ligam. É uma sensação boa, então não posso reclamar.

Estou terminando de enxaguar quando Lachlan Duke, muito nu e muito duro, entra. Agora estou olhando para ele, o que parece fazê-lo respirar mais rápido, com a maneira como seu peito começa a se mover.

— Posso ser rápido, — diz ele, com os olhos ardendo.

— Lach, — eu digo, mas minha voz é carente.

Ele não espera que eu diga mais nada. Ele levanta-me nos braços, envolvo minhas pernas em volta dele e batemos juntos contra a parede do chuveiro. Ele se posiciona e nós dois gememos profundamente quando ele empurra dentro de mim. Ele faz uma pausa, deixando cair o rosto no meu pescoço enquanto o spray atinge suas costas.

— Eu não vou deixar você ir, — diz ele, com a voz rouca sob meu ouvido. — Não posso. Eu não saberia como.

— Então não faça isso, — eu sussurro contra sua boca e o beijo.

Ele cumpre sua palavra. Ele me faz gozar rápido e encontra sua própria liberação enquanto tenho espasmos perto dele. Terminamos, nos enxugamos, escovamos os dentes, fazemos todas as coisas que os casais normais fazem - que costumávamos fazer - e isso é *tão* bom, *tão* certo. Quando nós dois estamos vestidos com o que vamos dormir - eu com uma camiseta e calcinha de algodão do Star Wars; ele com calça de dormir cinza e macia - caminhamos até sua cama.

— É *aqui* que você quer conversar? — Ele para na beirada, enquanto eu rastejo até o centro e sento-me com as pernas cruzadas.

— Sim. Por que não?

— Não há nenhuma maneira de eu conseguir me concentrar. — Seus olhos traçam o caminho pelo meu corpo.

Reviro os olhos. — Cale a boca e entre aqui. Apenas fique desse lado.

— Vou tentar, — diz ele com uma voz que não é muito convincente, mas faz o que peço.

Nós dois pegamos travesseiros e os colocamos no colo, como se precisássemos de mesas de colo para fazer anotações ou de escudos para evitar que subíssemos um no outro novamente.

— Você quer começar? — Pergunto, dando-lhe permissão para perguntar o que quiser.

Ele limpa a garganta. — Por que as fotos?

— Oh meu Deus. — Eu rio. — *Essa é* sua primeira pergunta?

— Você nunca me contou, — diz ele. — Você sabe como eu fico.

— O quê, você não conseguiu encontrar a resposta nas minhas redes sociais ou em nenhum dos meus e-mails? — Levanto uma sobrancelha e reprimo um sorriso.

— Você não tem mídia social. — Ele faz uma careta. — E você mudou a senha do seu e-mail, e Liam não vai ajudar-me a hackear você.

Eu olho para ele por um momento e decido não pensar nisso agora.

— Esqueci a aparência de Luke, — digo, minhas palavras travando ao admitir.

— Penso muito nele e na mamãe agora, mas não consigo mais lembrar-me do rosto dele. Os pais dele retiraram o perfil dele, então não é como se eu pudesse procurar uma foto online. Eu levei tudo para a casa de hóspedes do meu pai já que ia arrumar tudo também, mas então tudo aconteceu...

Eu dou de ombros. — Eu estava com medo de esquecer sua aparência, então coloquei fotos suas onde eu tinha que ver você todos os dias. Doe, ainda dói, mas não consegui... — Pisco rapidamente. — Eu não poderia viver comigo mesma se esquecesse seu rosto. — Faço uma pausa e respiro. — Eu sei que sempre posso encontrar você online, mas não é a mesma coisa. Eu queria essas memórias, sabe?

Ele fica quieto por um longo tempo, apenas olhando para mim. Seu rosto está impassível, mas seus olhos estão doloridos. — Porra,

Lyla, — ele sussurra depois de um momento.

— Quanto tempo você esperou depois de descobrir onde eu estava? — Eu pergunto, respirando fundo.

— Menos de um dia, — diz ele, com os olhos dançando quando vê meu choque. — Eu observei você o dia todo.

Eu franzo meus lábios. — No entanto, você esperou até que Wade estivesse prestes a me beijar, para tornar sua presença conhecida.

Seus olhos escurecem. — Ele continuou tocando você a noite toda. Eu queria matá-lo, porra.

Eu guardo o que quero dizer para mim mesma. — Ele é inconsequente, — eu digo. — E não vale a pena discutir agora.

Ele examina meus olhos por um momento e balança a cabeça levemente. Descruzo as pernas e saio da cama para pegar meu telefone. Ele fica quieto enquanto entro no portal do paciente da terapia e clico no vídeo que quero mostrar a ele. Bem, não quero *mostrar* isso a ele, mas acho que não posso explicar o acidente sozinha.

— Fui para a terapia, — começo. — Prescott forçou-me, mas isso é uma história para outro dia. Eu fiz hipnoterapia porque ela deveria “ir fundo e fazer reviver o seu trauma para poder lidar com ele” ou algo parecido.

— Ajudou?

— Sim, na verdade, — eu digo. — Pedi a minha terapeuta que gravasse algumas das minhas sessões.

Suas sobrancelhas franzem. — Você pode fazer isso?

— Eu perguntei e ela concordou. — Eu procuro seus olhos. — Eu quero que você assista uma delas.

Ele engole, mas permanece em silêncio.

— Não será fácil, — eu digo. — Você pode se sentir diferente em relação a mim quando souber, — digo, olhando para suas mãos no travesseiro enquanto sussurro, — quando ouvir sobre os estupros.

Respiro fundo e enxugo minhas lágrimas rapidamente. Eu odeio isso. Apesar de ter sido eu quem foi agredida, também sou eu quem carrega o fardo do segredo e a vergonha do ocorrido. Aprendi a conviver com isso, mas adoro o jeito que ele olha para mim, e isso me mataria se isso mudasse.

Ele coloca minhas duas mãos nas suas e espera que eu olhe para ele. — Não há nada neste mundo que faça-me sentir diferente em relação a você. — Ele aperta minhas mãos. — Nada.

— Você não pode saber disso, — eu sussurro. Ele levanta a mão e enxuga minhas lágrimas com o polegar.

— Eu *sei* disso.

Viro o telefone, entrego a ele e deixo decidir por si mesmo. Ele pega e clica em play.

CAPÍTULO 44

O ACIDENTE

Lyla

— Quando você estiver pronta e confortável, quero que vá em frente e feche os olhos, — diz a Dra. Riley com sua voz suave.

Avanço essa parte do vídeo e paro quando vejo-me falando...

Minhas pernas parecem que vão ceder a qualquer momento depois dos dois jogos que joguei. Mando uma mensagem para minhas colegas de quarto e digo que vou passar um tempo na casa dos meus pais, já que minha mãe prometeu que faria minha sopa favorita. Enquanto espero, coloco gelo nas pernas no meu sofá favorito. Meus olhos estão pesados, e como tenho certeza de que vou desmaiar antes que minha mãe chegue em casa, coloco o gelo na mesa.

É o tipo de sonho que você tem consciência de que está tendo, mas parece que não consegue acordar. No sonho, estou em uma festa. Há pessoas por perto, mas não consigo distinguir seus rostos. Mas ouço suas risadas e sinto-me sorrir com o som. Estou à beira da piscina quando começo a tirar a roupa. O ar frio que atinge meus seios quando o levanto me faz tremer. Alguém se aproxima e fica ao meu lado e começa a se despir também. Não consigo ver a pessoa, mas minhas mãos param no cós do meu short quando percebo que ela está lá. Sei que é um homem pela altura e pelo tipo de corpo, mas não consigo distinguir um rosto. Tudo está embaçado. Ouço o tilintar de um isqueiro e, em seguida, o cheiro de cigarro. No meu sonho, eu engasgo, do jeito que estou agora, só de pensar nisso.

A fumaça nubla meu rosto e eu tusso e engasgo novamente. Apesar disso, ainda estou abaixando o short e a calcinha. Ele dá um passo à frente

e agarra meu peito com força enquanto pressiona contra mim. Eu bato em sua mão e balanço minha cabeça negativamente, fazendo-o rir. É um som que faz todo o meu corpo congelar de terror. No meu sonho, estou confusa e de repente não estou mais na piscina. Está escuro como breu onde estou. Não consigo ver, mas minhas pernas estão separadas e sinto uma intrusão que me faz gritar. Estou completamente seca e não preparada para ele, mas ele continua. Eu choramingo, sentindo meus olhos lacrimejarem enquanto luto para tirá-lo de cima de mim. Ele ri, aquela risada de novo, e eu abro os olhos. É quando percebo que o que está acontecendo não é um sonho. Ele está em cima de mim, olhando para mim enquanto move-se bruscamente dentro de mim. Eu grito e tento empurrá-lo. Empurro seu peito com força e ele dá um tapa no meu rosto com mais força. Tão forte que tenho que levar a mão até o local que queima em meu rosto. Continuo movendo-me até que ele se afasta de mim e o chuto com força. Não sei onde ele cai, porque viro-me rapidamente para escapar, mas meu short está preso nos joelhos e ele facilmente puxa-me para trás e pressiona-me de bruços. Grito o mais alto que posso e logo meu grito transforma-se em um soluço suplicante.

— Por favor, não faça isso. — Eu continuo dizendo isso repetidamente.

Ele ainda não entrou em mim, mas sei que está gozando. Ainda estou seca e não estou pronta para ele, então ele cospe na mão e cobre-me para facilitar a entrada. Fecho os olhos e continuo implorando. Ele pressiona a boca no meu ouvido e me diz que deveria ter me fodido assim antes, que minha imploração lúcida torna tudo mais divertido. Ele me disse que a última costumava implorar. Não sei o que isso significa e, naquele momento, não me importo. Eu só quero ele longe de mim. Ele posiciona-se entre minhas pernas novamente enquanto prende minhas costas, mas não tem chance de fazer nada. Os gritos da minha mãe enchem a sala e ele sai de cima de mim rapidamente.

— Que porra está acontecendo aqui? — Ela grita enquanto pega algo no canto da sala.

Eu esforço-me, levantando meu short e abaixando minha camiseta. Caio de joelhos e soluço ainda mais, com vergonha de minha mãe ter me

visto daquele jeito. Com medo de que ela possa pensar que eu queria que ele fizesse isso ou que ela acreditasse nele se ele dissesse isso a ela. Tento concentrar-me no que está acontecendo, mas meu peito está cheio de soluços e meus olhos estão cheios de lágrimas. Ouço gritos. Ouço um baque alto seguido de um baque ainda mais alto. Alguém me puxa com força uma vez. Duas vezes. Três vezes e percebo que é minha mãe.

— Vamos, — ela está gritando. — VAMOS.

Eu finalmente saio dessa situação, a adrenalina substituindo o pavor que antes me enchia. Olho para o chão e o vejo deitado ali. Sua mão move-se, no entanto. Agarro o braço da minha mãe e corro para fora, pisando nos ovos quebrados e nas flores que ela deixou cair na porta. Mamãe está tremendo tanto que nem consegue apertar o botão para destrancar o carro. A adrenalina substitui meu medo quando olho por cima do ombro e pego as chaves da mão dela.

— Entre no carro, — eu grito.

Olhos castanhos claros que refletem os meus arregalam-se, mas ela move-se e senta no banco do passageiro. Tranco as portas, ligo o motor e respiro fundo três vezes. Eu posso fazer isso. Eu já sobrevivi a isso antes. Vou sobreviver de novo. Saio da entrada circular e viro para a rua vazia. Estou ultrapassando o limite de velocidade e essas estradas estão sempre lotadas de policiais. Normalmente, eu desacelero. Hoje eu acelero. Na melhor das hipóteses, um deles irá me perseguir e estaremos seguras.

— Quantas vezes isso aconteceu? — Mamãe pergunta, chorando.

— Não sei. Três. — Minhas mãos estão tremendo, mas concentro-me em virar no sinal de pare. — Ele estava me drogando antes. Ele começou quando... ele começou quando eu tinha quatorze anos.

— O que? — Mamãe grita. Paro no sinal vermelho na estrada, meu joelho balançando enquanto olho para ela. Seu rosto bronzeado e dourado está pálido, os olhos arregalados e horrorizados. — Por que você não me contou?

— Eu não sabia! — Eu pressiono o acelerador na luz verde. — Eu não sabia até que fosse tarde demais e ele não fazia isso há anos, até hoje.

Achei que ele não iria mais. Achei que ele tinha parado...

— Oh meu Deus, — ela diz, com a voz embargada. — Oh meu Deus, Lyla.

— Está bem. Isso não acontecerá novamente. — Olho para a esquerda e para a direita no próximo sinal de parada e sigo em frente.

— Você deveria ter me contado!

— Eu não achei que você acreditaria em mim. — Mordo o lábio para não chorar. — Eu não achei que alguém faria isso.

— Lyla James! — Ela grita, ainda chorando. — Claro, eu teria acreditado em você! — Ela permanece em silêncio por um momento. — Quem esse idiota pensa que é? — Ela grita. — Quem diabos ele pensa que é? Continue dirigindo até a delegacia. Vou chamar a polícia agora mesmo para que eles nos esperem quando chegarmos lá.

Ela começa a vasculhar a bolsa em busca do telefone. — Foda-se, — ela grita. — Pedacoço de merda estúpido. Não acredito que confiamos nele. Eu não posso acreditar...

Pelo retrovisor, vejo um familiar carro esporte vermelho aproximando-se e começo a entrar em pânico, com as mãos tremendo novamente. Ele ainda está pelo menos dois quarteirões atrás. Não há como ele alcançar-nos. Por precaução, desvio para a direita e dirijo em direção à rua de duas pistas onde os policiais estão sempre. Se eu conseguir colocar um atrás de mim, estaremos seguras. Por favor, por favor, por favor, me pare. Eu entoo isso na minha cabeça como se eles fossem me ouvir.

— Mãe! Foco! — Subo no meu assento enquanto meus olhos saltam entre o espelho retrovisor e a rua deserta à frente. Ele está se aproximando. — Porra. MÃE FOCO!

— Não consigo encontrar meu telefone! — Ela olha em volta e começa a procurar entre os assentos. — Droga. — Ela tira o cinto de segurança e estende a mão para trás.

O carro dele aparece atrás do nosso. Eu acelero. Porra, porra, porra, porra, porra. O carro dele é muito mais rápido que o SUV da mamãe. Muito mais rápido. O carro vermelho brilhante acelera, quase batendo no

nosso para-choque. Há terra e fileiras de árvores à nossa direita. Tento descobrir como eu viraria o volante sem perder o controle, se for o caso. Deus, espero que não chegue a esse ponto. O SUV é um veículo off-road. Eu lembro-me disso. Foi um dos seus grandes argumentos de venda. Fora da estrada. Nós ficaremos bem. Uma batida no para-choque nos faz avançar em nossos assentos.

Mamãe e eu trocamos um olhar horrorizado.

— Mãe! — Eu grito. — O telefone!

— Merda! — Ela continua alcançando. — Eu entendi. Eu entendi!

O carro desvia e bate no para-choque do nosso carro do lado esquerdo. Eu acelero. Por favor, por favor, por favor, deixe-nos ficar bem. Estamos a apenas alguns quarteirões da delegacia, tão perto que posso ver. Mamãe deveria ter ligado de casa, mas em vez disso pegou um dos tacos autografados de papai e atacou-o. Era a decisão certa. Foi a única decisão. Um soluço percorre meu corpo quando me lembro do olhar dela, mas respiro através dele. Não posso me dar ao luxo de perder a cabeça agora. Eu piso fundo, olhos para frente. Quando ele nos bate novamente, não é mais um toque de aviso. Ele bate completamente no carro, atingindo-o em um ângulo que nos faz perder o controle uma vez. Gritamos bem alto. Piso no freio e estaciono o carro, acelerando novamente. Ele nos bate com força novamente. Desta vez, o carro gira uma, duas vezes e, na terceira, batemos de frente num carvalho. O ar sai de mim enquanto pressiono o cinto de segurança. O airbag bate em mim, empurrando-me para trás com força. Ouço minha mãe gritar. Ouço ossos estalando. Eu sei que são ossos porque é o mesmo som que o joelho de uma companheira de equipe fez recentemente. O vidro quebra, mas ainda não consegui respirar, muito menos abrir os olhos. Acho que desmaiei. Ou talvez eu esteja em choque. É difícil piscar, mover-se ou até falar.

— Mãe? — Digo o mais alto que posso quando finalmente encontro minha voz.

— 911, qual é a sua emergência? Olá? 911, qual é a sua emergência? O telefone está no viva-voz.

— MÃE! — Grito, desligando o airbag, ignorando a dor que me

atravessa a cada movimento. A operadora fala novamente. Tiro o cinto de segurança e luto com o airbag em busca da minha mãe. A operadora fala novamente.

— Mãe! — Eu grito quando finalmente consigo vê-la.

Ela caiu para frente. Começo a gritar, chorar e tremer incontrolavelmente. Eu digo: — Mãe! — mais vezes do que jamais fiz em minha vida, como se isso fosse ressuscitá-la. Não sei como sei que ela está morta, mas eu sei. Quando movo a cabeça para trás para avaliar o dano na cabeça, grito mais alto. Há um pedaço de vidro alojado em seu olho esquerdo, o corte é tão profundo que atinge seu crânio e bochecha. Eu grito de novo e de novo. Não consigo parar de gritar.

O hospital é um borrão. Ouço meu pai chorando no corredor. Peço desculpas repetidas vezes – a ele, à sala vazia, a qualquer pessoa que se aproximou de mim, incluindo as enfermeiras. Eles dizem-me para descansar um pouco e me dão algo para ajudar-me a dormir. Eu não quero dormir. Estou com medo de ter esse sonho novamente. Eu não sonho, no entanto. Não sonhei desde então.

CAPÍTULO 45

Lyla

Observo enquanto Lachlan abaixa meu telefone e olha para mim lentamente.

— Porra, Lyla, — ele sussurra. — Temos que contar à polícia.

Eu balanço minha cabeça. Essa é a coisa lógica a fazer, claro. É a primeira coisa que mamãe pensou em fazer, a primeira coisa que Luke pensou em fazer. Eu sei melhor, no entanto. Eu sei que ir à polícia só vai causar problemas. Da última vez, levou à morte antes mesmo de chegarmos à delegacia. Esta é a primeira vez que Lach ouve isso, então é claro que é o primeiro pensamento dele. Tenho certeza de que me ver perder a cabeça no consultório do meu terapeuta não ajudou. Espero um momento antes de falar.

— Vou voltar ao início. Meu pai assinou contrato com o Mets na República Democrática do Congo, mas mudou-se para cá quando tinha dezoito anos e foi para o time menor. Ele começou a jogar nas ligas principais, seis meses depois, e foi aí que mamãe veio. Ambos tinham dezenove anos e, em casa, mamãe estava estudando para ser oftalmologista, então ela se matriculou em Fairview para continuar.

Mordo meu lábio, parando por um momento. Lach coloca as mãos nas minhas. — Foi assim que eles conheceram David Jameson.

As mãos de Lach apertam as minhas. — Não.

Concordo com a cabeça e tento engolir, mas dói.

— Não, — ele diz novamente, com o rosto pálido, como se estivesse testemunhando um pesadelo novamente. Observo enquanto ele processa isso - vejo-o passar da descrença à mágoa, de volta à descrença e, finalmente, à raiva. — Ele fez isso com você?

Eu concordo.

— Ele... você acha que *ele* nos colocou no hospital?

— Eu sei que sim.

Seus olhos ainda estão arregalados quando ele solta minhas mãos e cobre o rosto com elas. Ele as arrasta para baixo e balança a cabeça enquanto olha para mim. — Ele estava lá, todos os dias. No Hospital. Ele estava conversando com meu agente sobre diferentes coisas que poderíamos fazer. Ele falou com minha mãe...

— Ele tirou você desses contratos, — eu digo. — Toronto? Boston? Jameson conhece esses treinadores. Alguns deles já foram *seus* treinadores. Não sei o que ele disse a eles, mas sei que ele é o culpado por isso.

Lach ainda está apenas olhando para mim.

— Eu realmente gostaria de ter deixado Marissa e Prescott falarem comigo sobre você, — eu sussurro, olhando para baixo. — Eu poderia ter contado a você. Ou dizer a eles para contarem a você. Tenho certeza que isso passou pela cabeça deles, mas eles também estão com medo. Eu poderia ter...

— Para. — Ele agarra minhas mãos novamente; seus olhos estão duros agora. — Nada disso é culpa sua. Eu fui um idiota em culpar você. Ele levanta minhas mãos e as beija.

— Você quer que eu continue ou será demais para você?

— Continue.

— Meus pais estavam dando uma festa quando eu tinha quatorze anos, — começo. Ele enrijece. — Mamãe fez ponche. Jameson serviu-me um pouco e ficou por perto a noite toda, o que não achei muito estranho. Ele era meu padrinho e sempre cuidou de mim. — Eu franzo meus lábios com isso. — Na manhã seguinte àquela festa, acordei na cama com a camisa puxada até o pescoço, a saia que estava usando e sem calcinha. Eu ainda estava usando minhas meias, ainda estava com minhas joias, e estava... — eu limpo minha garganta. — Eu estava dolorida e tinha um pouco de sangue seco entre as pernas.

— Porra, — ele diz, sua voz *tão* baixa que mal consigo entender,

mas a raiva em seu rosto é inconfundível.

— Eu realmente não sabia o que aconteceu. Meus amigos ainda não tinham começado a fazer sexo, então não conversamos sobre como era. Eu realmente não pensei nada sobre isso, — eu digo. — Achei que devia estar muito cansada e desmaiada. Talvez eu estivesse menstruada ou algo assim. Eu fui ingênua. Estúpida.

— Não, você não era. — Ele traz a mão para segurar meu rosto. O olhar em seus olhos parte meu coração. — Você não tinha motivos para não confiar nele.

— Aconteceu de novo assim. Na terceira vez, já estava desconfiada. Derramei o refrigerante que ele me entregou e substituí por outro sabor. Eu gostaria de não ter feito isso, porque daquela vez eu lembro-me. — Eu tremo. Os olhos de Lach escurecem. — Ele sabia que eu sabia desde que estava gritando e lutando com ele. Ele não fez isso novamente depois disso, até o dia do acidente.

— Temos que contar à polícia, — diz ele calmamente.

— E então Luke, eu contei a ele o que aconteceu. Ele estava exigindo saber o que havia de errado comigo desde que eu estava agindo de forma diferente. Ele queria saber por que de repente eu estava usando roupas largas. Ele foi até a casa de Jameson e deu um soco no carro de Jameson, deu um soco nele e disse que iria à polícia... — olho para as nossas mãos, concentrando-me no quão maior é a dele contra a minha. — Ele esteve comigo na noite anterior e me disse o que iria fazer. Tentei dissuadi-lo e ele prometeu que não iria. Ele prometeu, porra. E no dia seguinte, quando ele não apareceu, fiquei preocupada, e então Prescott e eu o encontramos...

— É por isso que você tem certeza de que não foi suicídio.

Meus olhos voltam-se para os dele. — Seu corpo estava sentado na cadeira. Metade da cabeça dele foi arrancada, mas seu corpo estava sentado? Depois, Pres e eu estávamos no gramado, nos revezando para vomitar e tremer enquanto éramos interrogados, e no meio da polícia, dos detetives e dos repórteres, Jameson passou sorrindo. Ele sorriu para nós. — Eu aperto meus olhos fechados por um momento. —

Nunca esquecerei aquele sorriso. Tenho certeza de que Prescott também não.

— É por isso que Pres e Marissa não dizem nada nem vão à polícia, — diz ele.

— O primo de Jameson é agora o chefe de polícia, mas mesmo naquela época ele tinha grande influência no departamento. E Jameson sempre foi o menino de ouro.

— Maldito bastardo. — A mandíbula de Lachlan treme. — Ele me recrutou. Ele me treinou por dois anos.

— Eu sei. E então ele seguiu em frente e tornou-se o chefe do esporte. De *todos* os esportes.

Seus olhos brilham. — É por isso que você desistiu.

— Eu não queria dar a ele mais poder sobre mim. Ele começou a aparecer nos nossos treinos, entrando no vestiário, quando achava que eu estava sozinha. Eu sabia que ele não iria parar. — Cerro os dentes e espero um momento. — Por motivos que não consigo compreender, e acredite em mim, pensei muito sobre isso, ele pensa que pertence a ele.

Lachlan, que já estava com raiva, parece ainda mais irritado agora. — Você não pertence.

— Eu sei que não, — digo calmamente. — Ele também sabe disso. Ele não teria atacado você de outra forma.

— Eu disse ao time que você era minha namorada antes do jogo e ele estava lá, — diz ele. — Achei que era seguro e contei a eles. — Ele passa as mãos pelos cabelos. — Porra.

— Não é sua culpa. — Agarro seu queixo do jeito que ele faz com o meu o tempo todo. — As pessoas falavam de nós desde o aniversário da Marissa, e ele viu no jogo vestindo a sua camisa. Tenho certeza de que ele viu você observando-me naquele jogo de futebol, gritando como uma lunática. Eu sorrio. Nada pode manchar essa memória. — Você nos dar um título provavelmente o irritou ainda mais, mas ele faria isso de qualquer maneira.

Espero até que ele fale. Ele não fala.

— Por que diabos você acha que eu fui embora? Por que você acha que fiquei longe de você? Eu pergunto. — Eu não poderia andar por aí com uma figura pública e arriscar que ele me encontrasse. Nos encontrasse. Eu sabia que se você estivesse sozinho, ele não faria nada com você, então fiquei longe.

— Eu vou matá-lo, — ele diz depois de um momento, em uma voz baixa que me dá um arrepio na espinha.

— Você não pode simplesmente aparecer...

— Sim eu posso. — Seus olhos piscam para os meus. O que vejo neles aterroriza-me. — Eu vou aparecer e vou matá-lo.

CAPÍTULO 46

Lyla

Acordo no meio da noite e imediatamente sinto sua ausência. Sento-me, esperando encontrá-lo na sala de estar, mas a sala está vazia. Meu coração bate forte. Eu olho para a hora. São cinco da manhã. Tiro as cobertas e saio correndo do quarto. Se ele foi embora sem mim, nunca vou perdoá-lo. Paro quando o vejo sentado na beira do sofá, de frente para a cidade. É uma bela vista, principalmente à noite. Com ele ainda sem camisa e com a calça cinza do pijama, mais ainda. Sua cabeça levanta-se enquanto eu aproximo-me, mas ele não diz nada. Meu coração para quando vejo o olhar preocupado em seus olhos. Ando entre suas pernas e ajoelho-me. O piso frio de mármore em minhas canelas torna difícil permanecer no lugar, mas consigo.

— Ei. — Levo a mão até seu rosto. — O que está errado?

— Você não precisa se casar comigo. — Ele engole em seco e olha acima da minha cabeça para a cidade. — Para começar, foi uma merda fazer você assinar aquele acordo de casamento. — Ele balança a cabeça. — Já perdi você uma vez, — ele continua, passando os dedos pelos cabelos enquanto olha para mim. — Eu não quero perder você por causa disso. Não quero que você acorde um dia e me lembre que a única razão pela qual você se casou comigo foi porque eu a forcei. Eu não quero ser... — Ele engole novamente, com a mandíbula tensa. — Eu não quero ser seu pesadelo.

Respiro fundo quando sinto suas palavras me cortarem. Eu sei que dizer isso o magoou profundamente, e pelo olhar preocupado em seu rosto, sei que ele está esperando que eu me afaste dele. Essa é a coisa sobre ele que eu nunca entendi direito. Ele é o homem mais sexy do mundo, bem-sucedido, engraçado, inteligente e charmoso. Ele nunca teve problemas para conseguir a mulher que queria. É uma das razões pelas quais ele sempre teve tanta certeza sobre tudo. No

entanto, quando se trata de mim, ele parece questionar tudo. Mas questionar isso? Mata-me que o pensamento tenha passado pela sua cabeça. Mesmo no pior dos casos, não tenho certeza se ele poderia tornar-se meu pesadelo. Ele mostrou-me amor quando outras pessoas não o teriam feito. Ele me fez sentir quando ninguém mais poderia.

— A maneira como você fez isso foi uma merda. — Coloco a mão em seu rosto e ajoelho-me para ficar mais perto dele. A dor brilha em seus olhos e ele nem se preocupa em escondê-la. — Você quer saber uma coisa maluca?

Ele apenas olha, então eu continuo.

— Se você tivesse aparecido naquela noite, me beijado daquele jeito, se ajoelhado e me pedido em casamento ali mesmo na frente de Wade, eu teria dito que sim, — digo. Ele tenta mover o rosto para desviar o olhar, mas eu seguro com força. — Eu acho que é uma loucura, mas por você, *com* você, eu faria qualquer coisa.

— Não, Lyla. Eu não mereço você, — ele diz, sua voz é rouca e arranha minhas entranhas. — Eu não mereço.

Eu inclino-me e o beijo suavemente, tirando minhas mãos de seu rosto e afastando enquanto levanto. Ele inclina a cabeça para olhar para mim, fechando os olhos quando passo os dedos por seu cabelo. Quando demoro muito para falar, ele abre os olhos. Mordo a língua para evitar que as lágrimas se formem novamente. Terapia de merda. Eu curvo-me um pouco para ficarmos cara a cara.

— Você nunca poderia ser meu pesadelo, Lachlan Duke. — Eu fico em pé e espero até que ele esteja prestando atenção total. — Eu te amo mais do que odeio qualquer coisa.

Seus lábios se abrem como se ele estivesse completamente chocado com a minha admissão, o que me faz sorrir. Ele olha fixamente para meu rosto, como se estivesse tentando catalogar minhas feições ou memorizar esse momento. Depois do que parece uma eternidade, ele levanta-se e levanta-me do chão. Uma vez que meus braços e pernas estão em volta dele, ele senta e levanta as mãos para tirar meu cabelo do rosto.

— Eu te amo tanto que dói fisicamente, — diz ele, com a voz rouca enquanto agarra minha mão direita e a coloca em seu coração batendo rapidamente.

As suas palavras abrem uma rede de borboletas no meu estômago. Elas espalham-se pelo meu peito, pelas minhas orelhas, pelos meus dedos dos pés. Nossos lábios encontram-se em um beijo que começa lento, mas torna-se frenético, com as mãos nos cabelos um do outro e os dentes roçando os lábios um do outro. Nós nos beijamos como costumávamos fazer - com cada pedaço de nós que temos para dar. Com tudo o que tínhamos antes pensávamos que o tínhamos perdido. Quando me afasto, nós dois estamos respirando pesadamente.

— Devíamos nos casar, — sussurro. — Estou falando sério. Eu quero, mas tenho algumas condições.

— Qualquer coisa, — ele respira, procurando meus olhos.

— Você não pode desistir do hóquei.

Ele solta uma risada curta, balançando a cabeça. — Claro, é isso que você pede.

— Estou falando sério. Não posso viver comigo mesma se você desistir.

— Lyla James. — Ele geme, agarrando ambos os lados do meu rosto e dando um beijo forte em meus lábios. — Por que você é *tão* difícil?

— Porque eu te amo mais do que tudo. — Agarro ambos os lados de seu rosto e vejo seus olhos escurecerem com minhas palavras. Abaixo as mãos e mordo o lábio por um segundo para manter minhas emoções sob controle. — Você não jogar realmente machuca, Lach.

— Porra. Não diga isso. Ele fecha os olhos e exala, enquanto tira as mãos do meu rosto. — Eu assinei um contrato. Eu não acho que posso desistir disso.

— Se Henry realmente te ama, ele vai entender. — Lanço-lhe um olhar duro. — Diga a ele para colocar um maldito alfinete nisso. Você voltará em alguns anos.

— Colocar um alfinete nisso? — Suas sobranceiras sobem, seus olhos dançando.

— Sim, velhos brancos ricos adoram dizer merdas assim.

Ele começa a rir, tornando impossível para mim não rir com ele.

Seus lábios abrem-se em um sorriso sexy. — Você é minha pessoa favorita no mundo, sabia disso?

— Bom, porque você é meu, — eu digo. — Ajuda o fato de você ser uma das poucas pessoas no mundo que posso realmente suportar.

Ele joga a cabeça para trás com uma risada.

Beijo seu pescoço antes que ele olhe para mim novamente. — Você concorda com minha condição?

— Não sei o que as equipes estão procurando agora. — Ele levanta a mão e roça o polegar no meu lábio inferior. As borboletas são instantâneas, mas eu domestico-as. Ele está tentando me distrair.

— Seu agente pode conseguir um acordo para qualquer time que você quiser, — eu digo. — E se ele não puder, ele pode se foder. Vou fazer isso sozinha.

Ele sorri. — Eu adoro quando você fica arrogante.

— Lach. — Eu o encaro com um olhar sério.

— Vou tentar o meu melhor, ok? — Ele pergunta. — Você é quem deveria jogar profissionalmente.

— Não. — Balanço a cabeça, sorrindo.

— Bem, vamos ter que “colocar um alfinete” nisso, — diz ele, com os olhos dançando.

Reviro os olhos. — Então, o que fazemos? Marcamos uma consulta no tribunal para a próxima semana ou algo assim?

— Acho que deveria propor primeiro, não é?

Meu coração palpita. — Quero dizer...isso é o mínimo que você pode fazer, certo? — Eu sussurro.

Ele me beija. — Você vai ficar brava se eu contar que comprei um anel para você?

Eu afasto-me para olhar para ele. — Quando você me comprou um anel?

— Não vou responder a isso, — diz ele, e posso dizer que ele já está com isso há algum tempo.

— Você é maluco, sabia disso?

— Algumas pessoas mencionaram que eu poderia ser. — Ele beija-me novamente, levanta e leva-me para seu quarto. — Mas só quando se trata de você.

CAPÍTULO 47

Lyla

Ele leva-me até a cama e afasta-se de mim enquanto coloca-me na beirada.

— Não se mexa, — diz ele, virando-se para desaparecer no armário.

Estou prestes a perguntar o que ele está fazendo quando vejo uma caixinha de veludo preto em sua mão. Meus olhos arregalados sobem para os dele, para a caixa e voltam para os dele novamente. Ele não diz nada, mas a diversão em seus olhos é inconfundível. Meu pulso acelera. Oh meu Deus, ele realmente vai propor casamento. Ele me disse que faria isso, mas eu não esperava que fosse *agora*. Estou com sensação de vômito. Minhas mãos começam a tremer quando ele me alcança e ajoelha-se. Ah, porra. Eu não estou *preparada* para isso. Eu queria isso - eu *quero* isso - mas não esperava ficar *tão* nervosa com isso. É Lachlan, pelo amor de Deus. Mas é isso. É Lachlan. Não confio em mim mesma para ficar quieta agora. Não posso. Ele coloca a mão no meu joelho saltitante, parando o movimento.

Ele examina meus olhos, mas mantém a caixa fechada.

— Acho que você deveria abri-la, — eu sussurro, meu coração batendo descontroladamente.

Ele me lança um olhar. — Você não pode abrir?

— Tudo bem, mas não acho justo que você não use camisa enquanto faz isso, — digo. — Você tem uma vantagem injusta.

— Seriamente? — Ele inclina a cabeça. — Você não está usando calça. Tenho estado duro desde que você saiu de lá e você não me ouve reclamando.

— Está bem. — Eu mordo meu sorriso. — Continue.

— Acredite ou não, eu tinha algo planejado, mas faz um tempo que não ensaio, — diz ele, rindo quando meus olhos se arregalam. *Há algum tempo?* — Desde o dia em que te conheci... — Ele balança a cabeça e ri muito, fazendo-me sorrir, embora eu tenha certeza de que ele está rindo às minhas custas. Ele limpa a garganta e fica sério.

— Você chamou minha atenção no momento em que te conheci. Acho que posso ter me apaixonado por você naquela noite, encostada naquela parede, sem nem perceber. Eu nunca persegui ninguém antes de você aparecer. Fui atrás de você como só vou atrás de um maldito disco de hóquei, e não me arrependo. Vou persegui-la para sempre, ao redor do mundo se for preciso, mas espero que você não me obrigue. Fique comigo para sempre, Lyla James. Case comigo.

Estou mordendo o lábio com força para não chorar. Ele finalmente – finalmente - abre a caixa e meu queixo cai. Eu não tinha ideia do que estava esperando, mas...puta merda. Uma represa rompe e minhas lágrimas começam a cair rapidamente. Levanto minhas mãos para cobrir meu rosto.

— Oh meu Deus. O que é esse anel? Sussurro com voz rouca, enxugando as lágrimas rapidamente, e olho para o anel enquanto o nó na minha garganta se expande.

— É um diamante preto salpicado, para o seu pequeno coração negro, — diz ele, sorrindo enquanto tira-o da caixa e o desliza no meu dedo anelar.

— Puta merda, — eu sussurro novamente, meu lábio inferior balançando enquanto mais lágrimas formam-se.

Não sei se a banda é de ouro branco, prata ou platina. No meio há uma enorme pedra redonda. Não é totalmente preto. É salpicado, como ele disse, e fica sobre um lindo halo, coberto de diamantes regulares para contrastar com o do meio. Não é apenas o anel mais lindo que já vi na minha vida, mas também o pensamento que surgiu nele. Meu coração aperta novamente. Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto. O fato de ele ter escolhido algo *tão* excepcionalmente perfeito para mim... eu balanço minha cabeça e engulo em seco,

enxugando mais lágrimas.

— Eu sei. — Ele pisca com aquele sorriso arrogante. — Eu me saí bem, certo?

— Eu não odeio isso, — eu sussurro.

Seu queixo cai por um segundo, antes de ele levantar e me jogar na cama. Entre risadas, consigo dizer: — Estou brincando. Você foi incrível. Eu amo isso. Eu amo isso. Para.

— Você não disse sim. — Ele afasta-se e olha para mim, sério novamente, enquanto nos senta.

Eu rio. — Você me deixaria dizer não?

— Claro que eu faria isso, mas eu simplesmente iria cansar você até que você dissesse sim.

— Você percebe que não perguntou, certo? — Levanto uma sobrancelha.

— Lyla. — Ele geme, fechando os olhos.

— Lach, — eu digo baixinho, levando minhas mãos ao seu rosto. Espero até que ele abra os olhos. — Pergunte-me.

Ele olha para mim por um longo momento, respira fundo e deixa escapar. — Você quer se casar comigo, Lyla James?

— Sim. — Eu sorrio largamente, dando-lhe o sorriso que ele uma vez me disse que queria possuir. — E eu ficarei com você para sempre. E sempre. E sempre.

Seu rosto é uma mistura de alívio e espanto enquanto ele olha para mim antes de agarrar meu rosto e me beijar profundamente. Caímos na cama novamente e nos separamos para recuperar o fôlego.

— Vamos nos casar amanhã, — diz ele. — Aqui. Ligaremos para Marissa e Prescott e pediremos que venham aqui.

— Absolutamente não. Só vou me casar uma vez e quero fazer isso direito.

Seus olhos arregalam-se. — Você não vai me fazer esperar um

ano inteiro, vai?

— Não. — Eu rio da expressão horrorizada em seu rosto. — Talvez uma semana inteira, no entanto.

Ele faz uma careta. — Eu não gosto disso.

— Faremos isso quando voltarmos de Fairview. Só preciso de alguns dias antes do real...

— Não. De jeito nenhum. — Ele afasta-se. — Você não vai para Fairview.

— Você ainda vai? — Eu pergunto, meu coração batendo mais forte por diferentes razões. Eu sabia que isso ia acontecer. Eu sabia disso.

— Sim, mas não quero você perto dele. Eu não quero você lá.

— Não tem como você ir sem mim, — eu digo. — Eu vou.

— Lyla.

Eu estreito meus olhos. Ele parece não entender que posso ser a única pessoa que pode protegê-lo. Não tenho certeza de como, mas sei que se não estiver lá, uma de duas coisas vai acontecer: ele matará Jameson ou Jameson o matará. Não há nenhuma maldita maneira de ele ir sem mim.

— De qualquer maneira, tenho que pegar minhas coisas na casa do meu pai, — digo.

— Vou pegá-las para você. — Seus olhos brilham. — Você não está indo.

Eu fico olhando para ele. — Se você for sem mim, rescindirei o contrato. Pedirei o divórcio, se for preciso, para anulá-lo. Eu não estou brincando.

— Jesus Cristo, mulher. — Seus olhos arregalam-se e ele puxa-me contra seu peito. — Nós nem nos casamos.

— Eu prometo, esta é a única vez que vou ameaçar você com isso. Não posso deixar você ir sozinho, Lach. Por favor.

Ele geme profundamente. — Eu só quero cuidar de você, droga.

— Bem, sou eu cuidando de você. — Eu beijo sua clavícula. — Eu te amo demais para perder você.

Ele rosna profundamente e beija-me. Ficamos na cama por mais uma hora, comemorando nosso noivado.

CAPÍTULO 48

Lyla

Combinamos de nos encontrar na Duke Tech para que eu pudesse conhecer o lugar e depois almoçar com os pais dele. Enquanto isso, mando uma mensagem para Marissa e Prescott com uma foto do anel. Recebo a mensagem genérica de Prescott: fora da cidade a negócios, recepção irregular, deixar uma mensagem ou ligar para o escritório. A vídeo-chamada da Marissa liga-me imediatamente.

— O QUE? — Ela grita, os olhos arregalados em mim. — O QUE? O QUE? O QUE? OH MEU DEUS.

Eu rio. — Obviamente, eu disse sim.

— Porra. Obviamente, — ela respira. — Deixe-me ver de novo. Puta merda, Lyles. Ele realmente se saiu bem.

— Eu sei. — Eu sorrio largamente enquanto olho para o anel no meu dedo.

— Como é que ele te pediu em casamento? Ele te pediu em casamento? Eu vou matá-lo se ele não pediu.

— Ele ajoelhou-se e pediu. — Suspiro contente. — Foi bonito.

Ela sorri largamente e solta um pequeno grito. — Quando é o casamento? Aposto que Lach queria que fosse cinco minutos depois de sua proposta.

Eu rio. — Eu disse a ele que precisávamos esperar uma semana.

— Para deixar tudo em ordem? — Ela pergunta. — Você fará isso em um local ou apenas no tribunal?

— Vou tentar procurar um local pequeno, — digo. Ela sorri. — Eu sei que uma semana é pouco tempo, mas só preciso de você e Prescott lá.

— Bem, obviamente, — ela zomba de mim, e olha para cima para sorrir para quem ela está entregando um smoothie. — Eu sou a dama de honra.

— Obviamente. — Eu rio.

— Isso significa que você não vai mais para Fairview? — Ela pergunta, os olhos sérios enquanto ela examina meu rosto.

Eu suspiro. — Eu preciso, Mar.

— Eu gostaria que você não fizesse isso, — ela sussurra.

— Não podemos continuar vivendo assim, — sinalizo entre nós duas, porque ela foi *tão* afetada por isso quanto eu.

Ela balança a cabeça, a preocupação estampada em seu rosto.

— Vai ficar tudo bem, — eu digo, respirando fundo. — Pres ainda está pegando o voo noturno de volta para Nova York?

— Acho que sim, — diz ela, franzindo a testa.

— Acho que terei que contar a ele amanhã, — digo, olhando para o armário. — De qualquer forma, vou deixar você ir. Vou encontrar Lach no escritório e depois vamos almoçar com os pais dele. E ainda nem sequer me vesti!

— O escritório, — diz Marissa, com os olhos arregalados. — Não consigo nem acreditar que ele vai para um escritório de verdade.

— Eu sei. — Solto a mão e olho para o chão. — Eu odeio isso. Tipo, realmente odeio isso.

— Você acha que ele vai voltar ao hóquei?

— Estou tentando convencê-lo. Não acho que posso viver comigo mesma, sabendo que ele pediu demissão por minha causa e ficou preso em um emprego regular de escritório, independentemente de quanto dinheiro ele estará ganhando.

— Eu não acho que você deveria se sentir culpada, Lyles, — diz ela, andando pela sala dos fundos da loja. — Se a situação mudasse e você desistisse do futebol para encontrá-lo, você o odiaria?

— Claro que não, mas na verdade desisti do futebol. Isso é diferente.

— Você o odiaria se ele fizesse você abandonar o futebol ou a carreira de medicina esportiva?

— Ele não faria isso.

Ela suspira pesadamente e para de andar, lançando-me um olhar.
— Basta responder a porra da pergunta que você sabe que estou fazendo.

— Não, — eu digo claramente. — Eu desistiria de qualquer coisa por ele.

— Agora, multiplique isso por dez. Isso mostra o quanto aquele homem te ama, — diz ela. — Não se culpe por isso.

— Vou colocá-lo de volta no gelo.

— Bem, tudo bem, então, você usou sua voz séria nisso, então eu acredito em você, — diz ela, sorrindo.

Levanto-me e começo a caminhar em direção ao armário. — Oh meu Deus, preciso encontrar um vestido de noiva.

— Vou começar a procurar. — Ela grita, sorrindo largamente. — Amo você. Tchau.

Eu rio e desligo. Não tenho dúvidas de que ela verá todos os vestidos de noiva que estiverem por perto.

* * *

Marissa mandou-me alguns links de vestidos de noiva para eu ver, o que me fez cair na toca do coelho²⁴ do casamento. Teremos um casamento muito íntimo com alguns convidados, então uma semana deve ser tempo mais que suficiente. Eu guardo os vestidos que gosto. Como é a conta de Marissa, tenho certeza que ela irá analisá-los e enviar sua opinião por mensagem em breve. Eu deveria estar arrumando-me, mas em vez disso estou assistindo vídeos de

casamentos pequenos. Cada um tem o pai acompanhando a noiva até o altar. Fiquei *tão* chateada com meu pai por tantas coisas que não consigo imaginar convidá-lo para comparecer ao casamento, muito menos levar-me até o altar. Tenho que admitir que dói um pouco. Tento lembrar de como éramos antes do acidente e continuo sem nada. Sei que tenho boas lembranças dele, mas é como se a pessoa que ele se tornou após o acidente tivesse apagado o homem que era antes. Para mim, Prescott é a única escolha. Ele está ao meu lado desde que me lembro, e sua amizade e amor nunca vacilaram. Nos nossos primeiros dois anos de faculdade, nós dois estávamos ocupados com coisas diferentes e não arranjávamos tempo um para o outro, mas depois do acidente, ele estava lá para mim tanto quanto podia. Tanto quanto eu deixei.

Saio do computador e visto-me rapidamente. A maior parte do meu guarda-roupa consiste em tons claros ou escuros. A única cor incluída é aquela que Marissa obriga a comprar “só para o caso.” Hoje, visto tudo preto e coloco meu casaco bege escuro. A única coisa em que hesito são os sapatos. Definitivamente estou usando sapatilhas. Só não tenho certeza se estou com humor de mocassim preto ou de Converse preto de cano alto. Eu vou de tênis, esperando que comamos uma pizza em vez de acabar em algum restaurante chique.

Quando saio da sala, encontro Ronnie ainda sentado no sofá, assistindo ao mesmo filme que estava assistindo antes. Parece um filme de chorar, e nada que eu imaginasse que ele escolheria. Ele desliga e levanta-se quando me vê.

— Você já chorou? — Pergunto enquanto nos dirigimos para a porta.

Ele ri. — Não, mas quase fiz isso algumas vezes.

Balanço a cabeça, rindo enquanto caminhamos para o elevador. Conversamos sobre filmes, e ele conta como acabou trabalhando na Duke e como gosta muito mais disso do que na empresa de segurança em que trabalhava. Conto a ele sobre a faculdade de medicina e como quero levar Lach de volta ao gelo, sobre o qual ele concorda comigo.

A viagem leva apenas dez minutos, mas quando estacionamos, sinto que nos conhecemos, o que é bom, já que ele parece estar por aqui, por enquanto.

* * *

De volta à Duke, pegamos o elevador até o andar de Lachlan e Ronnie nos conduz até seu escritório. É um espaço enorme. Ele tem uma secretária que possui um enorme espaço próprio em frente a duas grandes portas que dão acesso ao seu escritório. Cumprimentamos a secretária, que parece saber quem eu sou e me diz para entrar imediatamente. Ronnie continua falando com ela enquanto abro a porta do escritório de Lach. Meu queixo cai assim que entro e fecho a porta atrás de mim. Isso é... puta merda. Não sei se seria mais produtiva ou menos, tendo aquela vista da cidade como pano de fundo. A sala em si tem três vezes o tamanho do meu escritório – com uma estante de livros, sofás, uma mesa grande e duas cadeiras em frente à dele. Sentado atrás da mesa está Lachlan, parecendo gostoso como o inferno em sua camisa branca e gravata azul, observando-me absorver tudo. Eu diminuo a distância entre nós e fico entre suas pernas.

— Você está *tão* linda, — ele diz, com a voz rouca, quando seus olhos verdes ardentes alcançam os meus.

— É engraçado. Eu estava pensando a mesma coisa sobre você. Eu sorrio enquanto pego sua gravata para beijá-lo. Ele puxa-me e ajusta, então estou montando nele.

Eu balanço contra ele enquanto nos beijamos e suspiramos. — Lach.

— O que? Fico duro só de pensar em você, — ele diz, enquanto tira minha camiseta e desliza suas mãos grandes por baixo dela, parando logo abaixo do meu sutiã. Apertei meus quadris novamente, precisando da pressão que ele fornece. Ele suspira, suas mãos apertando minhas costelas. — E então você aparece no meu escritório

assim.

— Eu nem estou usando nada apertado. — Reviro os olhos, sorrindo enquanto afasto-me.

Ele me dá um de seus sorrisos tortos e sexy. — Você não se lembra de como você se vestia quando eu me apaixonei por você?

— Bom ponto. — Afundo meus dedos em seu cabelo grosso e o beijo novamente. Ele geme enquanto aprofunda o beijo e exala com força quando se afasta.

— Porra, eu quero você. — Ele beija meu queixo, depois meu pescoço. — Você deveria ter usado uma saia.

— Devíamos ir almoçar com sua família em breve, — lembro-lhe, sem fôlego.

— Eles podem esperar. Eu preciso de você. — Ele levanta-me de cima dele, praticamente corre até a porta, tranca-a e desfaz o cinto enquanto volta para sua cadeira.

Demoro mais tempo do que gostaria para tirar os tênis, já que eles são de cano alto. Tiro as meias e começo a abaixar a calça enquanto ele recosta-se na cadeira e observa. Ele morde o lábio, os olhos ardendo enquanto percorrem meu corpo. Quando ele os traz de volta para mim, sinto o fogo neles em meu âmago. Suas mãos seguram minhas coxas quando termino de despir-me da cintura para baixo. Ele puxa-me para frente, pressionando contra seu rosto e lambendo entre minhas pernas.

— Ah, porra. — Eu tremo, afundando meus dedos em seu cabelo. — Não temos tempo para isso.

Ele grunhe e me deixa afastar, enquanto continua a mexer no cinto e na calça. Minha respiração acelera enquanto eu o observo. Sua calça vai até os tornozelos, mas ele deixa a cueca boxer. Meus olhos levantam-se para encontrar os dele.

— Tire meu pau para fora, — diz ele, com a voz rouca.

Meu coração está batendo forte quando me inclino e faço o que

me mandam. Eu adoro quando ele diz isso para mim. Ele também sabe disso, pela maneira como seus olhos escurecem ainda mais com tudo o que encontra nos meus. Ele levanta os quadris para que eu possa arrastar sua cueca boxer pelas pernas até juntar-se à calça. Eu o lambo das bolas até a ponta, e ele geme profundamente, agarrando minha nuca e puxando-me para longe.

— Não temos tempo para isso, — diz ele, sorrindo.

Eu bufo e viro, de frente para a cidade.

— Oh, porra, — ele respira. — Eu gostaria de poder tirar uma foto dessa vista.

Eu sorrio enquanto posiciono e abaixo sobre ele. Nós dois gememos quando seu pau entra em mim lentamente. Mordo o lábio com força para não gritar, enquanto seus dedos cravam na minha cintura quando estou quase sentada.

— Foda-se, foda-se, foda-se, — ele diz com uma respiração áspera.

Quando ele está ao máximo, deixo minha cabeça cair para trás, um gemido alto escapa-me quando começo a o montar lentamente. Ele coloca um braço em volta de mim. Eu suspiro alto quando ele desliza a mão por baixo da minha camisa e começa a brincar com meus mamilos, enquanto eu movo-me.

— Você é *tão* gostosa, — ele diz, bem no meu ouvido. — *Tão* gostoso foder você e no meu escritório assim.

Meu estômago aperta-se. Suas palavras levam a aumentar um pouco a velocidade e começo a montá-lo com mais força, mais rápido.

— Oh meu Deus... oh meu Deus... puta merda, Lach, — eu sussurro.

— Eu sei, baby— ele geme, pressionando o rosto em meu pescoço. — Você é *tão* sexy. *Tão* boa. Vira.

Continuo montando nele, os olhos revirando, perdida demais na maneira como ele está dentro de mim para atender ao seu pedido. Ele

tira a mão de baixo da minha camisa e dá um tapa forte na minha bunda. Inspiro profundamente e arqueio as costas, mas continuo.

— Agora, — ele diz com os dentes cerrados, apertando minha bunda. — Suba na minha mesa.

Eu tremo, levantando-me lentamente até que ele sai de mim. Olho para a mesa dele. Não está cheia de papéis, mas não está vazia. Olho para os sofás no canto e pergunto-me se talvez devêssemos ir até lá.

— Chegaremos lá, — diz ele, com a voz rouca. — Hoje, quero você na minha mesa.

— Como você me quer? — Pergunto, inclinando-me sobre a mesa e balançando a bunda enquanto olho para ele.

Seus olhos escurecem quando ele me observa. Ele os fecha e respira fundo antes de ficar entre minhas pernas. Eu agarro a outra borda da mesa, então estou completamente espalhada sobre ela. Ele enrola meu cabelo na mão, fazendo meu peito sair da mesa, e empurra dentro de mim lentamente. Coloco minhas mãos na mesa e empurro de volta para ele.

— Jesus, porra, — ele murmura baixinho, enquanto solta meu cabelo.

Ele empurra minhas costas para que eu fique de bruços novamente e começa a foder-me *tão* profundamente e com tanta força que tudo que sai da minha boca torna-se incoerente. Sinto a pressão aumentando, mas ele para de repente e sai.

— Não, — eu começo, mas ele levanta-me e vira, então eu estou de costas, puxa minhas pernas para cima enquanto ele as abre, e empurra dentro de mim com força suficiente para tirar de mim o orgasmo que eu estava prestes a ter.

Ele continua fodendo-me até que estou perto de outro, pressionando o polegar contra meu clitóris enquanto observa meu rosto. Ele bate em mim mais três vezes e nós dois ultrapassamos o limite. Eu não consigo respirar. Não sei como meus pés voltam ao

chão, mas Lach envolve-me em seus braços enquanto recuperamos o fôlego.

— Gosto do seu escritório, — digo baixinho.

Ele ri de mim. — Gosto de ter você em meu escritório.

CAPÍTULO 49

Lyla

Quando finalmente saímos de seu escritório, ele segura minha mão e apresenta-me a todos que estão em seu andar. Ele faz o mesmo em todos os andares do prédio que visita, inclusive no de Liam. Quando chegamos a Liam e ele nos vê de mãos dadas com sorrisos em nossos rostos, ele sorri.

— Finalmente. — Ele olha para minha mão esquerda e eu aproximo-me para mostrar meu anel. — Oh, acredite em mim, já vi o anel mais vezes do que posso contar.

Eu rio, balançando a cabeça. Lachlan resmunga alguma coisa. E Liam sorri e explica-me o que está fazendo. Ele não consegue explicar muito sem entrar em detalhes, mas mesmo assim parece loucura. Nós nos despedimos dele e dizemos que o veremos lá embaixo para almoçarmos juntos, e Lachlan continua acompanhando-me pelo departamento de segurança.

— Este lugar é uma loucura, — eu sussurro e grito, para não incomodar todos em seus computadores.

— Você não tem ideia, — diz ele, puxando minha mão e conduzindo-me por outro longo corredor.

Ele para em frente a uma porta e bate. Do outro lado, ouço uma voz familiar nos dar permissão para entrar.

Oh. Meu. Deus. Tento não rir quando vejo Sean sentado atrás da mesa. Ele levanta uma sobrancelha quando nos vê e ri enquanto levanta-se e anda ao redor da mesa. Só posso imaginar o que ele deve estar pensando, já que eu disse que ele *talvez* conhecesse o maldito Lachlan Duke. Solto a mão de Lach e espero Sean nos cumprimentar adequadamente, porque é isso que ele parece querer fazer.

— Sr. Duke, sempre um prazer, — diz ele, apertando a mão de Lach.

— Da mesma forma, — diz Lach. — Estou mostrando o prédio para ela, — diz ele. — Esta é Lyla, minha noiva e futura esposa.

Meus olhos voltam-se para os de Lach e tenho que conter uma risada com a maldade neles.

— Nós já nos conhecemos. Que bom ver você de novo, Lyla. — Sean sorri, enquanto pega minha mão na sua.

— Você também. — Eu sorrio, deixando cair minha mão.

— Então, acho que isso significa que você teve sucesso? — Seus olhos brilham quando ele pergunta.

— Deus não. Eu já te disse, isso não vai acontecer. — Eu rio. Ele ri mais. Lachlan faz uma careta.

— Bem, parabéns, — ele diz olhando para mim e depois para Lach. — Você conseguiu uma boa.

— Confie em mim, eu sei. — Lach puxa-me para seu lado.

Conversamos um pouco mais antes de sairmos de seu escritório.

— Você é tão óbvio, Lachlan Duke, — digo, rindo, enquanto olho para o rosto dele quando chegamos ao elevador.

— Não tenho ideia do que você está falando. — Seus lábios se contraem levemente quando ele aperta o botão. — O que foi isso, afinal? — Ele pergunta. — Essa pequena piada interna.

— Piada interna? — Eu franzo a testa. — Não tenho ideia do que você está falando.

Entramos no elevador vazio e, depois que ele aperta o botão do saguão, ele se aproxima até encostar minhas costas na parede. Meu coração dispara quando ele levanta meu queixo para que eu possa olhar nos seus olhos.

— Apenas diga-me, — diz ele, em voz baixa, movendo a mão para minha garganta, o polegar sobre meu pulso enquanto inclina-se e

beija-me. Eu tremo contra ele. Ele afasta-se lentamente, procurando meus olhos.

— Pedi a ele para hackear o cérebro do meu namorado, — digo.

— O que? — Ele solta uma risada inesperada. — Deixe que você faça disso o tema da sua conversa fiada.

— É por isso que sou mais divertida nas festas, — digo, encolhendo os ombros.

— O que Sean disse sobre isso?

— Ele disse que se pudesse fazer isso, talvez não tivesse se divorciado, — respondo, rindo enquanto saímos do elevador. Lach balança a cabeça e eu continuo falando: — Eu disse a ele que não iria querer invadir seu cérebro de qualquer maneira, porque ficaria com medo do que descobrisse.

— O que você acha que encontraria? — Ele vira-se para mim com uma expressão divertida no rosto e um brilho nos olhos.

— Honestamente, não tenho ideia. Provavelmente os eventos sociais das pessoas e em quais hospitais elas nasceram.

— Eu não sou *tão* ruim assim. — Ele ri, e ri mais alto quando lhe lanço um olhar penetrante. — Meu cérebro pareceria como se você estivesse em um daqueles espelhos de carnaval, onde você se vê em todos os lugares.

— Essas coisas são assustadoras, — digo, levantando uma sobrancelha. — O que prova meu ponto.

— Eu não disse que não era assustador lá dentro. — Ele encolhe os ombros, ainda divertido. — Só estou dizendo que tudo que você encontrará lá é você mesma.

— E hóquei, — eu respondo.

— Sim. — Ele acena concordando. — Mas principalmente você.

Nós dois estamos sorrindo quando alcançamos seus pais e Liam.

Depois do almoço, Lach e seus pais voltam para o escritório, enquanto eu fico em uma cafeteria bonitinha do outro lado da rua do prédio. Estou olhando todos os links de vestidos que Marissa enviou-me quando vejo a mensagem dela na minha tela.

Marissa: *você viu isso? Não foi neste evento que você esteve?*

Clico no link que ela enviou. É um artigo sobre a festa de caridade que fomos. Na primeira foto, dois casais foram fotografados, e ao fundo, David Jameson, rindo com Mason. Puta merda. Agarro meu telefone para evitar que escorregue de minhas mãos. Ele estava lá. O comentário de Mason passa pela minha mente. Ele disse que era uma reunião de Fairview. Achei que ele quis dizer porque eu estava lá com Lachlan. Eu não pensei... oh meu Deus.

Ainda estou olhando para o meu telefone quando alguém se senta na minha frente. Meu corpo inteiro congela quando a nuvem de cigarros que o segue chega ao meu nariz. Continuo olhando para o meu telefone como se isso fosse tornar tudo menos real. Só sei que ele está seguindo-me por toda parte e esperando a hora de atacar. Por quanto tempo? Desde o evento de caridade? Porra. Ele provavelmente estava mantendo distância, já que Ronnie esteve comigo o tempo todo.

— Você está sendo muito rude, Lyla, — diz ele. — Você não deveria ignorar seu próprio padrinho.

Meu coração bate forte. Finalmente olho para cima e encontro seus frios olhos azuis. — O que você está fazendo aqui?

— Eu poderia perguntar a mesma coisa, — diz ele. — Mas já tenho uma ideia.

Sua mão desce sobre a minha. Ele faz isso *tão* rápido que não tenho tempo para reagir. É minha mão direita. Ele não viu meu anel. Ele não viu minha esquerda. Debaixo da mesa, viro meu anel para que o diamante fique escondido e cerro a mão. Tento puxar minha mão

debaixo da dele, mas seu aperto fica mais forte. *Eu preciso gritar. Eu preciso gritar.* Por que não consigo gritar?

— Você não aprendeu a lição? — Ele pergunta, com o tom áspero, apertando com tanta força que acho que ele pode quebrar meus ossos. — Acho que terei que mantê-la drogada até terminar com você.

— Deixe-me ir, — eu digo, quase inaudível. Eu não conseguia deixar minha voz mais alta.

— Isso não vai acontecer, — ele diz calmamente enquanto afrouxa o aperto. — Você vai levantar-se e me seguir pelos fundos.

Eu balanço minha cabeça. *Por que não posso gritar?* Olho em volta, com os olhos arregalados, tentando chamar a atenção de alguém, mas todos estão em seus telefones e computadores. Porra.

— Se você tentar algo estúpido, esperarei do lado de fora do prédio ou do apartamento de Duke até que seu namoradinho saia, — diz ele, com os olhos semicerrados. — É isso que você quer?

Meu lábio treme. Balanço a cabeça e olho para fora, respirando melhor quando vejo Ronnie. Ele não entra, no entanto. Ele está ao telefone, andando de um lado para outro em frente às portas. Como minha voz não funciona, agito minha mão esquerda descontroladamente no ar, tentando chamar sua atenção. De repente, Jameson solta minha mão, levanta-se com seu olhar fixo em mim e caminha em direção aos fundos. Conto até cinco, levanto-me e corro para a porta da frente. Tenho certeza de que as pessoas que tomam seus cafés em silêncio pensam que estou louca agora, mas não paro de correr até sair e bater nas costas musculosas de Ronnie. Ele vira-se com a testa franzida e desliga o telefone quando me vê.

— O que está acontecendo?

Aponto para a cafeteria. Estou tremendo muito e não consigo falar. Ronnie entra em ação e vai para dentro. Eu o sigo. Não posso ficar sozinha na calçada agora. Olhamos em volta, mas Jameson se foi. Bem desse jeito. Quase acho que posso tê-lo imaginado, mas quando

entro no SUV, o cheiro de cigarro na minha mão me faz engasgar, e sei que era real.

CAPÍTULO 50

Lyla

Lachlan reserva uma estadia de duas noites em um hotel chique em Fairview, com vista para o oceano e a apenas dez minutos de carro da universidade. Pegamos dois SUVs separados – um para nós e outro para a segurança que vem junto – para um aeroporto particular onde o jato do pai de Lach está esperando por nós. Estou nervosa demais para comentar sobre as emissões de carbono, embora isso esteja na ponta da minha língua. Não importaria de qualquer maneira. Esta é a maneira mais rápida de chegar lá e a maneira mais rápida de sair. Ele não saiu do meu lado desde que contei o que aconteceu. Quase não contei, pois não queria preocupá-lo, mas não consegui esconder isso dele. Não contei a Marissa e não vou contar a Prescott. Quando isso acabar eu irei, mas não quero que mais pessoas se preocupem comigo.

Felizmente, falar sobre o casamento aliviou o clima e ele não tocou no café novamente. A mãe dele está ajudando-me a planejar um casamento íntimo, então estou conseguindo o casamento romântico que queria. Temos uma ideia de um local para nos receber e tudo correrá bem, pois será um casamento diurno. Pelo menos foi o que Valerie disse.

No caminho para o aeroporto particular, pego meu telefone e vou em Configurações para enviar uma mensagem para Prescott sobre onde estamos indo. Já enviei fotos do meu anel para ele, então não me surpreende que haja mensagens dele quando meu telefone ligar novamente.

Prescott: *Que merda!*

Prescott: *LIGUE-ME AGORA*

— Por que você sempre coloca no modo avião? — Lach pergunta ao meu lado.

— Porque assim, eu só lido com as pessoas quando quero.

Ele começa a tremer contra mim, e eu olho para cima e o encontro rindo. Eu o cutuco com força, e ele passa um braço em volta de mim e puxa-me ainda mais para perto. Meu telefone toca imediatamente.

— Você disse sim ou ele forçou você a dizer sim? — Pres pergunta, como uma saudação. Lachlan faz um som de desaprovação, mas permanece quieto.

— Eu *escolhi* dizer sim, — eu digo. — E estou *escolhendo* ir para Fairview agora.

— Você contou tudo a ele?

— Sim.

— Lyles, você não deveria voltar para lá.

— Teremos segurança. Vai ficar tudo bem, — eu digo. — Além disso, nunca arrumei minhas coisas. Até deixei meu maldito troféu Hermann para trás.

— E o que exatamente vocês vão fazer quando chegarem lá?

— Ainda não sei.

Pres suspira na fila. — Você percebe que Lachlan vai realmente matá-lo, certo?

— Ele não vai. Eu vou...

— Lyla, me escute, — Pres diz interrompendo. — Se você contou a ele tudo o que aconteceu com você e mostrou as fotos que tiramos no hospital, Lachlan cometerá um assassinato. Estou lhe dizendo agora, ele o matará. Ele vai matá-lo e acabar na prisão.

Meus olhos arregalam-se. Mordo o interior da bochecha e olho pela janela. Ah, porra. Lach não sabe sobre as fotos, e depois do que aconteceu ontem, eu esperava manter as coisas assim até Jameson ser preso e voltarmos para Chicago. Eu sei que ele ouviu o que Prescott disse, então o fato de ele estar completamente em silêncio não é um bom sinal. Eu sei que a preocupação de Prescott não é em vão, o que

me apavora.

— Vou mantê-lo informado sobre o que acontece, — digo. — Vamos nos casar no próximo sábado em Chicago. Você pode ir? Eu sei que é super de última hora, mas...

— Claro, estarei lá, — diz ele antes que eu possa terminar de falar.

— Você vai levar-me até o altar? — Pergunto e mordo o lábio para manter minhas emoções sob controle. Isso é muito importante para mim. Tenho certeza de que é para a maioria das noivas que têm um casamento cerimonial, mesmo um *tão* pouco convencional como este.

— Prescott?

— Porra. — Ele limpa a garganta. — Claro, vou levá-la até o altar.

— Obrigada. — Eu sorrio. — Vou mantê-lo informado sobre o que acontece.

— Por favor, não o deixe fazer algo pelo qual possa ir para a cadeia.

— Eu não vou. — Desligo, coloco o telefone no colo e olho para Lachlan, cujo queixo já está tenso.

— Você não me mostrou nenhuma foto. — Ele olha para mim, com raiva mal contida em seus olhos. *Merda. Isso não vai acabar bem.*

— O que você sabe já é ruim o suficiente. — Estendo a mão e acaricio seu rosto com as costas da minha mão, sua barba por fazer causando um arrepio em mim. Isso geralmente o acalma. Não dessa vez.

— Eu preciso vê-las.

— Não vale a pena. — Solto minha mão. — A única coisa que as ver fará com que você fique ainda mais chateado, e você já atingiu a raiva do nível do Hulk.

Isso o faz parar por um momento. — Você sabe que vou apenas

dar uma olhada no seu telefone.

— Você nem tem minha senha.

Ele levanta uma sobrancelha. — Quer apostar?

Eu suspiro. — Acho que não deveria ficar surpresa.

— Passa-me seu telefone. — Ele levanta a palma da mão, esperando.

— E se eu tiver nudes aqui? — Peço para esperar um pouco, embora isso provavelmente o deixe *tão* irritado quanto as fotos do ataque.

— Você tem?

— Talvez. — Eu dou de ombros. — E se um cara me enviasse nudes e eu os tivesse aí?

— Então eu descobriria onde ele mora e faria uma visita. — Sua mandíbula treme. — Pare de brincar comigo, Lyla. Deixe-me ver as fotos.

Seguro o telefone no colo, ignorando os buracos que Lachlan está queimando na lateral do meu rosto. Esta não é realmente uma batalha na qual eu quero lutar com ele, mas agora que Prescott colocou a ideia de Lach indo para a cadeia na minha cabeça, estou apavorada. Não sei o que pensei que aconteceria. Eu sabia que ele iria querer chutar a bunda de Jameson, mas matá-lo nunca foi uma opção. Quer dizer, isso passou pela minha cabeça por um breve momento, mas eu não estava pensando seriamente que ele faria isso. Agora, não tenho tanta certeza. Viro-me para ele, puxando o cinto de segurança para poder apoiar o joelho no assento.

— Primeiro, preciso que você se acalme. Respire fundo algumas vezes, — eu digo.

Ele lança-me um olhar. — Mostre-me as fotos.

— Não se você já estiver assim.

Ele olha para mim, mas respira fundo algumas vezes.

Abro meu aplicativo de fotos e clico na pasta onde as salvei. Entrego o telefone para ele e olho as fotos enquanto ele faz. Meu rosto está inchado e machucado, e meu nariz está quebrado desde que foram tiradas antes de voltarem ao normal. O lado direito do meu torso está coberto de hematomas roxos de quando ele me empurrou no chão e pisou em mim, quebrando efetivamente uma das minhas costelas. Meu braço está engessado por causa da queda. É isso, mas então, quanto mais ele poderia ter feito antes de me matar? Estou completamente irreconhecível. Quando Lachlan olha para mim, a tristeza em seus olhos parte meu coração.

— Ele não... — Eu digo, sabendo que ele vai entender. Ele não me estuprou.

— Você estava sozinha, — ele sussurra. — Eu estava no hospital odiando você com tudo o que tinha, e você estava passando por isso sozinha. — Ele engole em seco. — Porra. — Um segundo depois, ele dá um soco no outro lado do assento. — Porra!

Eu pego sua mão. — Eu não estava sozinha.

— Eu não estava lá, Lyla.

— Não importa. Estou bem. Nós dois estamos bem. Aperto sua mão. — Eu preciso que você me prometa que não vai matá-lo. Não posso permitir que você acabe na prisão.

— Eu não irei para a cadeia.

— Prometa-me que não vai matá-lo, — digo novamente.

— Eu não posso, — ele diz calmamente, com os olhos preocupados. — Não vou fazer uma promessa que não tenho certeza se posso cumprir.

Chego o mais perto que posso com o cinto em volta da cintura. Não sei se essa merda será eficaz se sofrermos um acidente, mas por alguma razão estúpida, acho que ainda pode ser e não o quebre.

— Não estou dizendo para você não chutar a bunda dele, — digo. — Estou pedindo para você não o matar. Para me ouvir quando eu disser para você parar, e se eu não estiver lá, de alguma forma manter

em sua mente para parar.

— Eu não sei se eu...

— Se você o matar, eles vão prendê-lo. Mesmo se sairmos, eles vão prender você. Não importa que você seja filho de um bilionário. Eles vão prender você, — eu digo. — Se você não parar antes que isso aconteça, não voltarei para Chicago com você.

Seus olhos escurecem. — Achei que você tivesse dito que só iria me ameaçar com isso uma vez.

— Não somos casados, — levanto uma sobrancelha. — Eu não estaria divorciando-me de você. Eu estaria deixando você.

— E eu encontraria você, — ele rosna, fechando o espaço entre nós. — Eu encontraria você de novo e de novo e de novo.

— Não se você estiver na prisão, — aponto calmamente. — Se você estiver na prisão e eu for forçada a voltar para Rhodes e decidir em alguns anos que estou cansada de ficar sozinha...

Ele zomba. — Você adora ficar sozinha.

— Sim, mas se você for condenado à prisão perpétua, em alguns anos, talvez eu queira namorar alguém novo.

— Pare. — Ele me lança um olhar de advertência.

— Talvez daqui a alguns anos eu queira ter um marido e alguns filhos correndo pelo nosso quintal e...

— PARE. — Suas mãos formam punhos enquanto ele fecha os olhos. — Pare, pare, pare, Jesus Cristo, pare. Eu não vou matá-lo. Vou parar quando você me mandar, apenas cale a boca.

— OK. Estou calando.

Ele abre os olhos, lança-me um olhar furioso e aproxima o rosto do meu. — Nunca *mais* coloque esses pensamentos na minha cabeça, — diz ele com os dentes cerrados.

— Nunca mais *obrigue-me*, — respondo com os olhos semicerrados.

Seus olhos raivosos procuram os meus por um momento, então ele inclina-se para trás e exala profundamente. Ele fica ali sentado por alguns segundos, com fúria no rosto antes de começar a rir. Eu fico olhando para ele, pensando que ele realmente enlouqueceu dessa vez. Ele olha para mim por um longo momento, como se não acreditasse.

— Toda vez que penso que tenho você, você supera-me de alguma forma, — diz ele, com os olhos dançando, embora ainda esteja um pouco irritado. — Um dia desses, Lyla James...

Mordo o lábio lembrando-me da última vez que ele disse isso para mim. Deus, parece que foi há muito tempo.

— Bem, da última vez que você disse isso, você me fez apaixonar por você, então tudo é possível. — Dou de ombros, sorrindo.

Ele encara-me por um longo momento e de alguma forma se acalma. A raiva desapareceu, a ansiedade desapareceu, tudo isso. Ele aproxima-se de mim novamente, tira meu cinto de segurança e puxa-me para seu colo. Ele me beija. Um beijo longo e suave, e quando ele se afasta, ele segura-me mais perto.

— Não sei se existe algo que vai além do amor, mas seja o que for, é o que sinto por você, — diz ele, com a respiração na minha testa. Eu aconchego-me nele mais profundamente e aproveito o momento.

— Ei, Lach.

— Hum?

— Se sofrermos um acidente de carro e o carro capotar e cair no fundo de um penhasco, você sabe que ambos morreremos, certo? — Eu pergunto. Ele afasta-se para estudar meu rosto enquanto continuo. — Ou ficaremos gravemente feridos e perderemos membros e então...

— Lyla James.

— O que?

— Pare de falar. — Ele beija-me de novo e faz esquecer o que eu estava dizendo.

CAPÍTULO 51

Lachlan

É estranho estar de volta aqui com todas essas informações. A única coisa em que consigo pensar é em todas as maneiras pelas quais quero matar Jameson. Eu quero desfazê-lo em pedaços. Não vou, agora que Lyla colocou na minha cabeça a imagem dela começando uma família com outro homem. Quando ela me ameaçou com isso, pensei que poderia morrer ali mesmo, no banco de trás do SUV. É um risco que não estou disposto a correr. Especialmente agora que ela finalmente – finalmente – está usando o anel de noivado que comprei para ela, e ela concordou em se casar comigo. Juro que esse plano fica mais complicado a cada segundo. Originalmente, seria simples. Eu iria usá-la como isca para pegar o responsável. Agora que estamos aqui, gostaria de poder deixá-la em nosso quarto de hotel com dois seguranças na porta, para evitar que ela saísse até que tudo isso fosse resolvido. Eu considerarei isso, mas não quero saber o que ela faria se eu continuasse com isso.

Ela diz que sou louco, e talvez seja, mas estou com muito medo dessa mulher. Quer ela saiba ou não, ela tem meu coração – minha vida – em suas mãos. Olho pela janela novamente, meus olhos nos edifícios altos para os quais estamos indo. Embora eu ache que ela deveria fazer isso amanhã, ela insiste em ir à casa do pai pegar algumas coisas antes do almoço. Ela não vai dizer isso, mas acho que está fazendo isso porque tem menos chance de vê-lo, já que ele estará ocupado.

Decidimos ir primeiro para o hotel. É cedo o suficiente para que possamos fazer as duas coisas antes do almoço das três horas. Enviei o confirmativo para incluir uma convidada, mas ninguém pensaria que ela é minha acompanhante. Não que isso importe. Eu queria pegar Jameson desprevenido, mas ele obviamente sabe sobre nós. Porra.

Estou furioso com a aparição dele, mas o que mais irrita-me é que isso confirma para Lyla que ela fez a coisa certa ao me deixar.

— Ainda estou chocada porque papai não ser o anfitrião em sua casa, — diz ela ao meu lado, enquanto olha o convite no meu telefone.

— Ele também não fez isso no ano passado.

Ela olha para mim. — Você foi no ano passado?

— Não, mas recebi o convite.

— Foi na escola?

— Sim, — eu digo.

— Realmente? — Ela franze a testa profundamente e olha de volta para o convite. — E também não há tema. Isso é *tão* estranho.

— Talvez ele tenha se cansado de temas.

— Acho que muita coisa pode mudar em três anos. — Ela franze os lábios, ainda olhando para ele. — Diz formal. Acho que isso é bom o suficiente para ele. Ainda não consigo acreditar que não está em casa.

— É aquele novo prédio de última geração em que eles estavam trabalhando antes de partirmos, — digo. — Aquele com piscina olímpica.

— Eu sei qual.

— Ele provavelmente quer se exibir.

— Ele quer. — Ela solta uma risada e entrega-me meu telefone. — Sua doação praticamente construiu tudo.

— Sim, bem, tem seu sobrenome, — digo e olho pela janela oposta.

Ela coloca a mão no meu antebraço e espera até que eu olhe para ela. — Você está bem?

— Sim. — Eu a puxo para o meu lado, para que ela não veja a mentira no meu rosto.

Não que isso importe. Ela sabe que não estou bem. Vou precisar de tudo para não atacar ele quando o vir. Não porque ele me ferrou, mas por causa das coisas horríveis que fez com Lyla. Sua obsessão por ela está realmente fodendo-me. Isso pode ser hipócrita da minha parte, considerando, mas somos completamente diferentes. Ele prefere matá-la do que deixar qualquer outra pessoa a ter. Prefiro morrer a viver num mundo sem ela.

* * *

Lyla desempacota tudo assim que nos acomodamos na suíte. Geralmente deixo minhas coisas na mala e só tiro o que não quero amassado, mas mesmo em uma viagem *tão* curta ela desfaz as malas como se fosse ficar aqui por um mês. Ela olha para mim enquanto fecha o zíper da mala vazia e coloca-a de lado, onde não será um incômodo.

— Você quer que eu desempacote suas coisas?

— Você quer? — Isso diverte-me, mas a expressão no rosto dela é *tão* séria que não quero rir.

Ela estreita os olhos para mim como se pudesse ouvir meus pensamentos e pega minha mala. Ambas são bagagem de mão e não é como se eu trouxesse um monte de merda, então não vai demorar muito. Observo enquanto ela começa a colocar minhas coisas na cama. Eu deveria verificar os e-mails do meu pai e responder ao último que Lang enviou. Perguntei-lhe quais seriam minhas opções se tivesse provas de que alguém sabotou o projeto. Não sei se conseguirei uma prova física, mas agora que sei o que aconteceu, preciso saber se posso usá-la. Dependendo de como as coisas vão acontecer, eu posso. Não quero jogar para nenhum dos treinadores, se eles forem bons amigos de Jameson.

Não sei se poderei voltar a jogar por causa do acordo com meu pai. Ele deixou bem claro que eu não poderia rescindir o contrato depois de assiná-lo. Estou mais preocupado com qual será o próximo

passo de Lyla. Presumo que ela queira ficar em Rhodes e fazer residência de dois anos no centro esportivo. Prefiro que ela viaje comigo, mas não posso forçá-la a desistir. Se eu fosse forçá-la a fazer alguma coisa, seria voltar ao maldito campo e jogar profissionalmente. Ela não está aberta a essa ideia, então acho que ela voltará para lá e fará residência de dois anos no centro de Cooper, e continuará trabalhando com Wade sempre que ele estiver na cidade. Isso nem me incomoda. Eu superei.

Ela será minha esposa e eles terão que aceitar que ela nunca será deles. Não que houvesse uma chance no inferno de que isso acontecesse de qualquer maneira, mas tê-la oficialmente deixa todas essas preocupações de lado. Rhodes é legal, mas se eu voltar ao gelo, entre os treinos e os jogos em casa e na estrada, nunca mais nos veremos. Terei que descobrir, mas a ideia de não a ver todos os dias não me agrada. Jogos fora de casa são uma coisa, e até isso vai ser uma droga, mas quero voltar para casa, para ela. Mesmo que seja apenas para vê-la fazer coisas simples como essa. Sorrio enquanto ela dobra minha cueca e a guarda em uma gaveta. Ela faz o mesmo com minha camiseta e depois pendura o terno que usarei ao lado do sexy vestido de seda verde profundo que ela usará. Eu nem vi nela e já quero arrancá-lo.

— Isso é muito doméstico da sua parte.

Ela olha do armário. — Não fique muito confortável. Você estará lavando roupa.

— Não me importo de lavar roupa. — Eu sorrio, esticando as pernas e entrelaçando os dedos atrás da cabeça. Os olhos de Lyla aquecem enquanto examinam-me lentamente. Porra. Abaixo os braços e estendo a mão para acenar para ela. — Venha aqui.

Ela fecha a porta do armário e move-se até ficar entre minhas pernas. Suas mãos descansam em meus ombros enquanto ela monta em mim. Ela é *tão* bonita em meus braços. *Tão* perfeita. Não tenho certeza se algum dia vou acostumar-me com o fato de que ela é oficialmente minha para sempre, mas estou ansioso para mostrar a ela

o quanto eu a amo todos os dias. Ela levanta o olhar do meu peito e eu olho para aqueles olhos castanhos que me deixam fraco. A incerteza neles mata-me.

— Eu estou assustada. — Ela os fecha e encosta a testa na minha.

Suspiro pesadamente e sento-me, envolvendo meus braços em volta dela. — Eu sei, Baby.

— Não quero que você se machuque de novo por minha causa, — ela sussurra.

Claro, é com isso que ela está preocupada. Não consigo lembrar-me da última vez que orei. Desisti da fé há muito tempo, mas o fato de ter tido a sorte de conseguir essa mulher duas vezes realmente faz-me questionar meu sistema de crenças. Eu sei que não a mereço. Mas ninguém sabe, então se alguém vai ficar com ela, serei eu.

— Não se preocupe comigo, — digo depois de um momento. — Enquanto você estiver ilesa, ficarei bem.

— Lach. — Ela afasta-se e olha para mim por um longo momento. — Eu morreria sem você.

Meu coração afunda. — Sim? — Deslizo minhas mãos por baixo de sua blusa e as coloco em sua cintura. — Você não iria simplesmente fugir e se casar com outro homem? — Eu inclino-me para frente e a beijo novamente. Ela sorri contra minha boca.

— Talvez sim, talvez não, — ela sussurra enquanto afasta-se, com uma faísca de malícia em seus olhos.

Ah, ela quer brincar. Vou assumir isso acima de sua incerteza.

— Talvez, hein? — Eu levanto-me com ela em meus braços e a coloco de pé. Bato em seu queixo para que ela olhe para mim. — Tira.

Seus olhos arregalam-se um pouco, mas ela dá um passo para trás e começa a tirar tudo lentamente, mantendo meu olhar o tempo todo. Estou duro desde que ela me lançou aquele olhar do armário, mas estava tentando conter, já que ela me disse que estava com medo. Agora, estou *tão* duro que dói, mas continuo a conter e a observá-la.

Quando ela está completamente nua, deixo meus olhos percorrerem seu corpo perfeito e ando atrás dela para fazer o mesmo com suas costas. Eu agarro sua bunda e dou um tapa nela, fazendo-a ofegar, e fico encostado em suas costas. Sua respiração acelera quando eu mergulho e despejo beijos do pescoço até o ombro. Eu amo que tudo que faço com ela a afeta. Deslizo meus braços sob os dela e belisco seus mamilos, fazendo sua cabeça cair para trás em um gemido. Ela geme novamente quando eu esfrego meu pau, ainda de calça social, contra sua bunda nua. Minhas mãos deixam seus seios e percorrem seu corpo.

— Talvez? — Eu pergunto quando chego ao seu monte.

Ela engasga novamente. — Talvez. Talvez não.

— Oh, baby, — eu digo baixinho quando deslizo minha mão entre suas pernas e meus dedos escovam sua boceta já molhada. Porra. Preciso concentrar na minha tarefa. Se não me concentrar, vou dobrá-la e fodê-la agora mesmo. Continuo a mover os meus dedos e não paro até estar na ponta do seu outro buraco. Ela tenta mover-se contra minha mão, mas eu a seguro com força, não deixando que ela me use para gozar. Mordo a concha de sua orelha. — Você acha que outro homem pode deixar você molhada só de olhar para você?

— Lach. — Ela arqueia as costas, tentando fazer-me mover a mão.

Deixo isso aí, sorrio contra sua têmpora e estendo a outra mão para brincar com seus mamilos novamente. Porra, ela é perfeita. — Diga-me o que eu quero ouvir.

— Não sei. Talvez, — diz ela, balançando um pouco os quadris. Deslizo minha mão e mergulho um dedo dentro de sua boceta. Ela respira fundo. — Oh meu Deus, sim.

— Sim? — Eu paro de mover-me. — Sim, você pode encontrar outro homem que faça isso com você do jeito que eu faço?

Ela rosna, jogando a cabeça para trás. — Lachlan.

— Você sabe o que deve fazer. Basta dizer as palavras. Acrescento outro dedo e começo a transar com ela com os dois. Porra, ela está *tão*

molhada que preciso estar dentro dela, mas quero que ela ceda e diga-me o que eu quero ouvir. Eu esfrego meu polegar contra seu clitóris.

— Deus... — Seu corpo curva-se no meu peito. Quando paro, ela ainda está respirando com dificuldade, mas balança contra mim. — Por favor. Apenas faça.

— Fazer o que? — Paro de mover meus dedos.

— Faça-me gozar, — ela ofega.

— Não, acho que não vou. — Tiro minha mão e viro para ir até o banheiro. Ela agarra meu braço antes mesmo de eu dar o segundo passo. Eu viro ligeiramente e encontro seu olhar. — O que?

— Você não pode simplesmente deixar-me assim.

— Não? — Arqueio uma sobrancelha. — Você está dizendo-me que morreria sem mim, por um lado, e por outro, você diz que poderia encontrar outro homem.

Ela rosna, estreitando os olhos enquanto ela puxa para que eu fique completamente de frente para ela. Ela ainda está carrancuda enquanto trabalha nos botões da minha camisa. Ainda carrancuda enquanto ela desabotoa meu cinto e tira minha calça e cueca boxer. Reprimo uma risada enquanto a ajudo a tirar minhas roupas. Quando estou completamente nu, fico ali parado, esperando. Observo enquanto seus olhos famintos percorrem meu corpo, absorvendo cada músculo até chegar ao meu pau. Ela lambe os lábios quando chega lá, e eu tenho que conter-me para não a jogar na cama e transar com ela. Sua mão fecha em volta de mim e ela começa a acariciar, encontrando meus olhos novamente. Com a outra mão, ela segura minhas bolas e começa a massageá-las. Meu estômago contrai-se.

— Porra, Lyla, — eu sussurro.

Ela tira as mãos e empurra meus ombros, então eu caio na cama. Eu não quero, mas eu a administro e deito-me de qualquer maneira. Ela sobe em mim e começa a deslizar no meu pau, usando-o para se dar prazer. Mordo meu lábio para não a impedir. Ela é *tão* gostosa que não aguento. Ela coloca as mãos em cada lado de mim e eu posiciono

meu pau onde ela quer – onde eu preciso. Ela paira ali, sua boceta sobre meu pau, seu rosto sobre o meu enquanto seu cabelo cai ao nosso redor.

— Você iria encontrar outra mulher? — Ela pergunta baixinho, seus olhos procurando os meus.

— Não. — Eu faço uma careta. — Porra, não. Você sabe que eu não faria isso.

Ela sorri aquele fantasma de um sorriso dela e começa a mover para cima e para baixo no meu pau lentamente. *Tão* devagar que minha respiração me deixa cada vez que ela faz isso. Acho que posso morrer só por causa disso. Eu diria que seria uma boa opção, mas não há nenhuma maneira de eu morrer e deixar algum outro idiota ficar com ela. Eu a seguro e nos viro, então fico em cima dela. Eu puxo e empurro com força, gemendo ao senti-la.

— Porra, Lach. — Ela crava as unhas em meus antebraços. Encosto minha testa na dela e respiro por um momento. Quando me afasto, espero até que ela esteja olhando para mim.

— Diga-me que você é minha.

— Diga-me *que você é* meu, — ela rebate com uma respiração ofegante.

— Você sabe que sou seu e somente seu. — Eu empurrei novamente.

Ela morde o lábio para não gritar, mas os sons escapam dela de qualquer maneira. Ela estreita os olhos para mim novamente quando paro de me mover.

— Sou sua. Apenas sua. Para sempre, — diz ela, gritando quando eu realmente começo a transar com ela.

Sei que é a calmaria antes da tempestade e não sei como isso vai acabar, mas vou lembrar-me desse momento por muito tempo.

CAPÍTULO 52

Lachlan

— Estou chocada por ele não ter mudado a fechadura deste lugar, — diz ela, abrindo a porta da casa de hóspedes no quintal de seu pai.

Nós dois entramos. Deve ser estranho para ela estar de volta aqui. É estranho para mim e só estive aqui uma vez. Deus, aquele almoço parece ter acontecido há muito tempo. De certa forma, foi. Embora o tempo normalmente pareça voar, estes últimos três foram os mais longos da minha vida. Fechei a porta e coloquei a caixa vazia que trouxemos em cima da cama.

— Eles limparam, — ela diz baixinho enquanto olha ao redor. — Mas eles deixaram tudo igual.

Não tenho certeza se ela está falando sozinha ou comigo, mas permaneço em silêncio. O que eu devo falar? Sento-me na beira da cama enquanto ela caminha até a estante e olha para ela por um momento antes de pegar seu troféu. É *tão* pesado que ela precisa das duas mãos para carregá-lo e, mesmo assim, posso dizer que ela está exercitando um pouco com isso. Levanto-me e pego, colocando-o na cama para ela. Ela fica de pé e olha. Eu gostaria de poder entrar em seu cérebro e descobrir o que ela está pensando. Ela está se arrependendo da decisão de abandonar o esporte que amava? Ela está triste porque, em vez de tentar entrar em uma equipe profissional, ela foi para a faculdade de medicina? Não imagino que seja fácil para ela fazer isso, principalmente quando se trata de jogadores de futebol.

Tenho certeza de que é difícil entrar e se formar em qualquer tipo de área médica, e estou muito orgulhoso dela por ter feito isso, mas gostaria que ela voltasse ao futebol. Ela é talentosa demais para desperdiçar isso. Não há limite de idade para se tornar médica. Ela pode voltar a isso mais tarde. É claro que não posso dizer isso em voz

alta porque vou parecer o maior hipócrita, mas minha situação é totalmente diferente. Ela sentiu-se forçada a desistir e, com o tempo, acostumou-se com a ideia de não jogar. Eu escolhi afastar do hóquei. Odeio que ela esteja assumindo a culpa por isso, mas fiz as pazes com isso antes mesmo de assinar com a Flórida. A única razão pela qual joguei foi porque não queria arrepender-me de não ter feito isso. Três anos foram suficientes. Bem, não foram, mas sem ela, eu senti como se estivesse tendo uma morte lenta de qualquer maneira, então qual era o sentido? O hóquei deixou de ser uma fuga para se tornar um fardo. Cada vez que eu marcava, ela era tudo em que eu conseguia pensar. Cada vez que meus patins batiam no gelo, isso lembrava-me de que seria mais um momento sem ela, então pendurei-os. Eu não me arrependo de jeito nenhum.

Lyla sai do transe, pega o plástico-bolha e a fita adesiva da caixa e começa a embrulhar o troféu. Quando ela termina, parece bastante seguro, então eu o pego e coloco na caixa. Ela volta para a estante e examina os livros rapidamente, sem pegar nenhum, depois vai até as gavetas. Observo seu rosto enquanto ela tira cada item – principalmente suas camisas largas – e os coloca na cama.

— Você vai levar isso? — Eu pergunto, meus olhos no rosto de Lauryn Hill no topo.

— Talvez. — Ela dá de ombros. — Posso usá-las como pijama.

Eu sorrio, feliz por ela não querer mais usá-las como escudo para se esconder e se proteger. Eu odeio que ela sentiu que precisava disso em primeiro lugar. Não sei como as mulheres sobrevivem neste mundo, muito menos prosperam, assumindo todos os seus fardos e os de todos os outros. Eu não consegui. Em seguida, ela começa a tirar moletons e a colocá-los em duas pilhas diferentes.

— Que pilha você está guardando? — Eu pergunto.

— Esta. — Ela bate no lado direito, onde está a camisa da Lauryn Hill.

Ela vira-se e continua tirando coisas. Meus músculos ficam tensos no momento em que ela tira o moletom de Yale.

— De quem é isso?

Seus olhos arregalam-se enquanto ela segura o moletom sobre si mesma. — Meu.

— Você conseguiu isso de um cara?

Ela encara-me por um longo momento, franzindo a testa enquanto tenta lembrar-se de onde ela conseguiu ou como eu saberia onde ela conseguiu. Finalmente, seu queixo cai. Espero que ela fique chateada e estou pronto para a discussão. De jeito nenhum vou deixá-la ficar com essa merda. Eu a vejo observar-me e de repente ela começa a rir. Uma risada verdadeira e dobrada que faz meus lábios abrirem-se em um sorriso e rir um pouco, mesmo sabendo que ela está rindo de mim. Ela é *tão* linda quando se deixa levar assim.

— Não posso acreditar em você, — diz ela, ofegante enquanto enxuga os olhos.

— Você foi ao baile com ele.

Isso a faz parar por um momento, olhando para mim como se ela não pudesse acreditar nisso, antes de cair em outro ataque de risada. Jesus Cristo. Eu já sei que ela nunca vai me deixar esquecer isso.

— Como? — Ela pergunta entre risadas. — Como você pode saber disso?

Eu inclino minha cabeça. — Vamos, Lyla.

— OH MEU DEUS. — Ela perde o controle de novo, sua risada fazendo-me rir agora. Ela enxuga o rosto e respira fundo algumas vezes antes de se acalmar o suficiente para olhar para mim novamente. — Você sabe o que eu acho loucura?

— Deixe-me adivinhar. — Lanço a ela um olhar desinteressado. — Eu.

— Bem, acho que isso é bastante óbvio, — diz ela. — O que eu acho que é loucura é que você é *tão* gostoso e popular, e você é um perseguidor.

Eu fico olhando para ela. Ela não pode pensar que eu já fiz isso

antes. Durante toda a minha vida, as mulheres se atiraram em mim. Eu nunca tive que falar para conseguir alguém para foder. Realmente, não consigo pensar em uma ocasião em que iniciei algo. Talvez isso seja arrogante e faça-me parecer um idiota, mas é a realidade. Eu sei que sou gostoso. Sempre estive ciente disso. Tudo o que tenho que fazer é sorrir, e está no papo. Não é necessário falar da minha parte para fechar o negócio. A primeira vez que sugeri remotamente a alguém que o levaria para casa foi para a maldita Lyla na festa da irmandade onde a conheci. Primeira vez. E claro, eu persegui meu pai um pouco, mas nem isso foi *tão* extenso. Ela coloca a mão no quadril e espera que eu responda.

— Eu só persegui você, — digo finalmente. — Nunca pedi a uma mulher para ir para casa comigo.

— Realmente? — Ela lança um olhar divertido. — Eu lembro claramente...

— Uma mulher que não é você, — eu digo, interrompendo-a. — Você não entende agora que você é a única pessoa que me faz fazer coisas malucas?

Ela franze os lábios. — Bem, eu mantenho minhas palavras. Você é muito gostoso para ser um perseguidor.

— E você é muito gostosa para não ser perseguida, — respondo. — Eu queria você e você não me deu nenhuma informação, então tive que procurar.

— Eu não posso nem... — Ela ri novamente. — Como diabos você o encontrou?

— Eu desci em uma toca de coelho que me levou até ele e então olhei todas as suas postagens, — eu digo, — que, a propósito, os únicos homens heterossexuais que postam tanto quanto ele, são arrogantes e irritantes *pra* caralho.

— Diz o homem mais arrogante do planeta, — diz ela, levantando uma sobrancelha.

— Eu não sou arrogante. — Coloquei a mão no peito, dando um

passo para trás porque não sou.

— Lachlan Duke, — ela diz, andando ao redor da cama até estar bem na minha frente. — Você é a pessoa mais arrogante que conheço.

— Diz você. — Eu a pego e a beijo, enquanto ela envolve as pernas em volta da minha cintura.

— Só sou arrogante quando se trata de esportes e coisas que exigem competição, — diz ela, com um sorriso florescendo em seu rosto. — E é mesmo arrogância, se você é realmente o melhor?

Isso me faz rir de todo o coração. Enquanto rio, eu a beijo três vezes seguidas. — Bem, aí está. Eu não sou arrogante. Só sei que sou o melhor e mais sexy jogador de hóquei do planeta.

Ela examina meus olhos por um longo tempo antes de beijar-me completamente, mas afasta-se quando gemo em sua boca e tento aprofundar o beijo. — Vou aparecer na casa da sua mãe, saquear seu antigo quarto e queimar tudo o que suas ex deram-lhe.

— Hum. — Eu mordo seu lábio. Fodi-a há menos de uma hora, e sinto realmente que se não a foder agora, vou enlouquecer. — Acho que ninguém me deu nada e, se me deram, com certeza não guardei.

Deixei que ela me beijasse uma última vez, antes de jogá-la na cama e puxar sua legging para baixo. Ela agarra-me como se eu não conseguisse entrar nela rápido o suficiente. Afundo os meus dedos entre as pernas dela e encontro-a molhada e pronta para mim, e quando finalmente empurro para dentro e a boceta dela aperta o meu pau, o último pedaço de controle que eu estava segurando desaparece.

CAPÍTULO 53

Lyla

— Você é *tão* linda, — ele murmura atrás da minha orelha, olhando para nossos reflexos no espelho de corpo inteiro, enquanto envolve seus braços em volta de mim.

— Você é lindo, — eu digo, observando-o.

Ele está vestindo um terno azul marinho, sem gravata, com o botão superior de sua camisa branca desabotoada, sua barba um pouco mais cheia do que uma barba rala, seus profundos olhos verdes dominando-me avidamente, e seu cabelo desgrenhado de um jeito que me deixa louca e me dá vontade de tirar toda a roupa dele. De novo. Apesar do fato de que estou muito dolorida agora.

Meu vestido de seda chega abaixo dos joelhos e o tom verde quase combina com seus olhos. Com meus saltos dourados, o topo da minha cabeça alcança seu nariz, então ele não precisa se abaixar tanto para me beijar, o que eu adoro. Ele mergulha, porém, e beija a lateral do meu pescoço.

— Deus, você cheira bem, — ele murmura, aninhando-se em mim.

Um arrepio percorre-me e eu cravo minhas unhas em seus antebraços. Seus olhos se voltam para os meus novamente e, apesar da dor entre minhas pernas, a malícia em seus olhos faz meu estômago apertar e meu coração dar uma cambalhota.

— Não temos tempo para isso, — aviso.

— Eu sei. — Ele geme contra mim, fazendo outro arrepio percorrer meu corpo. Sinto seu pau incrivelmente duro na minha bunda e lanço-lhe um olhar de advertência que o faz sorrir enquanto endireita-se. — Eu vou comportar-me. Por agora.

— Você sabe que comprei este vestido porque lembra seus olhos?
— Eu sorrio quando me viro em seus braços e encontro seu olhar.

— Quando você comprou isso?

Eu penso sobre isso por um momento. — Há dois anos.

Ele encara-me e olha *tão* profundamente em meus olhos que me perco completamente nas profundezas dos dele. Ele segura meu rosto, passando o polegar para frente e para trás sobre meu lábio inferior. Envolver meus braços em volta dele e o beijo, a realidade de quem vamos ver batendo quando nossas línguas se encontrarem. Eu o seguro com mais força. Morrerei se algo acontecer a este homem. Uma coisa era estar separado enquanto eu pensava que ele estava realizando seu sonho. Perdê-lo para sempre é completamente diferente e incompreensível para mim. Quando me afasto, ele me dá mais um beijo suave e me coloca no chão.

— As coisas que você faz comigo, Lyla James. — Ele exala, balançando a cabeça lentamente.

— O sentimento é completamente mútuo. — Eu sorrio largamente. Ele olha para mim e beija-me uma última vez.

— Vamos. — Ele agarra minha mão e começa a caminhar em direção à porta como se seus pés estivessem pegando fogo.

— Desacelere. — Eu rio, puxando minha mão. — Preciso pegar minha bolsa.

Ele solta minha mão e fixa-me com olhos verdes aquecidos, — Se não sairmos nos próximos dois segundos, vou jogar você na cama, abrir suas pernas e devorá-la.

Minha respiração acelera e sou forçada a fechar as pernas e morder o lábio para não dizer nada. Viro-me, pego minha bolsa e coloco minha mão na dele novamente, deixando-o levar até o elevador, a sensação entre minhas pernas ainda presente mesmo depois de estarmos lá dentro, compartilhando o elevador com estranhos.

— Pare, — ele diz baixinho, sua voz rouca em meu ouvido. — Eu

sei o que você está pensando, e se você não parar, eu não vou parar e nunca chegaremos ao almoço.

Engulo em seco e aceno com a cabeça, substituindo os pensamentos sobre nós na cama pela realidade que estamos prestes a vivenciar. Não estou pronta, mas acho que nunca estarei. No SUV, temos uma espécie de instrução de segurança. Termina em uma discussão. Nosso destacamento de segurança acha que deveríamos seguir o plano original de usar-me como isca, com o qual concordo, mas Lach se opõe completamente.

— Eu não quero você perto dele, — Lachlan diz ao meu lado.

— É a nossa melhor chance de uma confissão completa, — digo pela quinta vez desde que a discussão começou.

Lach olha para mim. — Eu não me importo, porra. Não quero você perto dele.

Ronnie, Derek (o outro guarda-costas) e eu trocamos um olhar. Se votássemos, Lach estaria em minoria. Eu conheço David Jameson. Eu sei que ele virá atrás de mim primeiro. Ele está cego demais por sua obsessão doentia para não fazer isso. A obsessão é a extensão do conhecimento de Ronnie e do restante da equipe de segurança. No que me diz respeito, é tudo o que eles precisam saber.

— Ligue-me, — eu digo, ignorando o olhar de Lach queimando buracos na lateral do meu rosto. — Melhor prevenir do que remediar.

Eu assisto reality shows o suficiente para saber o *quão* volumosos os microfones podem ser. Isto não é isso. Isso é tênue e indetectável, a menos que você o procure propositalmente. Quando terminam, Derek pega um tablet e mostra-me as imagens do drone que estão gravando no momento. Ele mostra uma visão panorâmica do edifício de todos os quatro ângulos. Eles explicam o resto – um deles estará dentro do prédio, enquanto os demais ficam parados, ouvindo e observando.

Eles intervirão quando tiverem imagens incriminatórias, a menos que algo dê errado e eles tenham que interferir. Nós dois ficamos quietos quando o Treinamento 007 de 101 termina, mas posso sentir a

desaprovação de Lachlan. Ele tem que saber que não há nenhuma maneira de Jameson ir atrás dele. A única razão pela qual ele foi capaz de derrubá-lo, na primeira vez, é que Lach estava com a guarda baixa e o ataque foi completamente inesperado. Jameson está em ótima forma e não é um cara pequeno, de forma alguma, mas não há como ele vencer Lachlan em uma luta. Ele irá atrás de mim primeiro. Eu sei isso. A única razão pela qual ele deixou-me sozinha em Chicago foi porque sabia que alguém estava comigo.

Assim que o carro começa a mover, chego mais perto de Lachlan. Apesar de seu aborrecimento comigo, ele coloca um braço em volta de mim e deixa-me afundar ao seu lado. Olho para o anel em meu dedo e pergunto-me se Jameson ficará ainda mais chateado com o noivado. Eu certifiquei-me de que ele não visse outro dia, mas ele não vai perder hoje. Uma parte de mim quer tirar e escondê-lo. Outra parte gostaria que tivéssemos acabado de nos casar. Talvez então ele nos deixasse em paz. Posso ver por que ele pensava que era meu dono quando eu era jovem.

Ele estava fazendo coisas comigo que eu nem sabia. Mesmo quando eu estava na faculdade, ele poderia ter colocado o futebol na minha cabeça, quando se tornou diretor do departamento de atletismo. Não há nada que ele possa usar como alavanca agora além de Lachlan. Se esta é uma competição doentia e somos casados, ele deve saber que Lach já venceu. Talvez não, não sei. Sempre que tento entender suas ações, não consigo. Você realmente não pode tentar encontrar lógica na insanidade sem perder a sua.

— Você acha que faz diferença se estamos noivos ou casados? — Eu pergunto.

Lach afasta-se um pouco e examina meu rosto. — O que você quer dizer?

— Para ele. Talvez se já fôssemos casados, ele largasse tudo isso. Claro, ainda precisamos fazer algo a respeito dele, mas quero dizer, no que diz respeito a tentar... possuí-me, — eu digo. — Talvez devêssemos apenas dizer às pessoas que já somos casados.

— Direi o que você quiser que eu diga, — ele responde, — mas é altamente improvável que faça diferença.

Minhas sobranças franzem. — Como você sabe?

— Porque, querida. — Ele beija o topo da minha cabeça e segura-me mais perto. — Não faria diferença para mim.

Eu fico pensando nisso por um momento. Lachlan fez muito para me conquistar e depois me manter, mas não tenho dúvidas de que se eu colocasse um fim nisso e deixasse claro que não o queria, ele pararia. Isso o mataria. Eu sei disso porque isso também me mataria, mas ele faria isso porque me ama. Jameson não me ama; ele só quer me possuir. Ocorre-me que posso não ser sua única vítima. Durante anos pensei que sim, mas quando você tira o aspecto do amor e só fica com a obsessão e o controle, as coisas parecem um pouco diferentes. Faria sentido se ele fizesse isso com várias pessoas. Deus, espero que não. Eu não desejaria isso para ninguém. Tiro isso da cabeça e concentro nos prédios familiares pelos quais passamos.

Não venho aqui desde aquela noite, então ver meu apartamento compartilhado com Marissa é estranho. Atualmente está sendo alugado por dois caras. A mãe dela empacotou todas as nossas coisas e guardou a maior parte delas. Marissa também não voltou aqui. Ela só vê os pais fora da cidade, o que me mata, pois sei o quanto Gina adora ter a filha em casa nos feriados. Ela disse a Marissa inúmeras vezes para trazer-me junto e ainda sempre me manda um presente de Natal. Ela sabe o suficiente para não fazer perguntas nem falar sobre nós ao meu pai ou a qualquer outra pessoa em Fairview. Foi assim que consegui aquelas fotos do Lach que estão no meu escritório.

Quando passamos pela antiga casa de Prescott, sorrio com a lembrança de estar lá com Lach. Quando olho para essas ruas, as únicas lembranças que me vêm à mente são as dele. Eu olho para ele e o pego perdido em pensamentos enquanto olha para fora.

— O que você está pensando? — Eu pergunto, afastando-me para não estar mais encostada nele.

— Que você é a única coisa que sinto falta neste lugar. — Ele

junta nossas mãos, seus olhos ainda estão do lado de fora.

— Não as festas ou as garotas? — Levanto uma sobrancelha, odiando o modo como a pergunta me faz sentir.

Olhos divertidos piscam para os meus. — Você está com ciúmes, Lyla James?

— Não. — Eu faço uma careta.

Ele ri e inclina-se para me beijar suavemente. — Não sinto falta das festas nem das meninas. Você esteve na minha vida há menos de três meses e conseguiu se tornar a melhor coisa da minha experiência universitária.

— Não tenho certeza se acredito em você, mas aceito essa resposta. — Eu sorrio e olho para fora novamente. — Você já voltou aqui?

— Uma vez. — Ele solta uma risada áspera. — Conheci o novo time e almocei com o treinador Rob e Jameson.

A raiva dispara através de mim. — Eu o odeio.

— Isso realmente me faz pensar se todas as vezes que ele entrou em contato, ele estava apenas tentando obter informações sobre onde você estava, — diz ele. — Ou tentando descobrir se estávamos ou não juntos.

Minha raiva aumenta. Passamos três anos de nossas vidas separados, por causa dele. Sou totalmente a favor de “tudo acontece por uma razão,” mas isso foi forçado por uma pessoa com uma obsessão e um complexo de Deus. Ele matou minha mãe e um dos meus melhores amigos. Ele tentou me matar e não teve sucesso, mas ainda perdi uma temporada e meia de futebol. Perdi o resto da minha experiência universitária. Fugi do amor da minha vida porque estava com medo do que poderia acontecer com ele. Todas essas coisas pesam sobre meu peito quando viramos na rua que leva ao novo prédio.

— Eu realmente o odeio, — eu sussurro, enquanto Ronnie estaciona no meio-fio.

Lach abre a porta e eu pego sua mão, enquanto ele ajuda a sair do carro e a segura enquanto fala com Derek novamente. Ronnie olha para mim quando me inclino no banco de trás.

— Não sei o que vai acontecer, mas se ele me pegar sozinha, tente entender tudo o que ele diz antes de ir me buscar.

Ronnie encara-me por um longo momento antes de acenar com a cabeça. Dou um passo para trás e olho em volta, por cima do ombro, para a rua e para dentro do prédio. Há pessoas chegando atrás de nós – mulheres usando vestidos bonitos e homens de terno. Vejo alguns rostos familiares, mas não conheço ninguém. Só quando Lach puxa minha mão é que percebo que estou ali parada. Ele olha para mim, os olhos cheios de preocupação, e eu aperto sua mão para que ele saiba que estou bem. Eu não estou; estou desligando, mas não preciso dizer isso a ele. Ele me conhece melhor do que ninguém. Seus olhos verdes examinam meu rosto por um momento.

— Você pode excluir o mundo inteiro, Lyla James. — Ele beija meus lábios com força, fazendo meu coração bater mais forte. — Mas nunca eu.

Respiro fundo e deixo que ele me leve para dentro do prédio.

CAPÍTULO 54

Lachlan

Dizemos olá a alguns dos atuais e ex-atletas que se aproximam de nós, enquanto caminhamos pelo enorme lobby das instalações. Achei que vir ao evento seria uma tortura, mas não é ruim. Tenho certeza de que nos divertiríamos muito se Jameson não fosse uma preocupação. Não estou deixando essas interações distraírem-me, mas estou tentando focar apenas no meu ataque e não no que ele fez com Lyla. Se eu pensar nisso, vou perder o controle. Lyla solta minha mão enquanto falo com o atual ala esquerda e direita. Ela apenas afasta-se alguns passos para falar com algumas garotas. Ela está bem ali. Mas sem a mão dela na minha, minha adrenalina aumenta instantaneamente e meus sentidos ficam em alerta máximo. Os caras pedem uma selfie comigo, que tiro com prazer. Claro, eles perguntam sobre minha aposentadoria.

No segundo em que nos afastamos depois de nos despedirmos de todos, pego a mão dela novamente. Caminhamos até a seção de check-in e falo com a mulher atrás da mesa. Enquanto digo meu nome a ela, Lyla solta minha mão novamente e faço uma pausa no meio da frase para ver o que diabos ela está fazendo agora. Não pensei nisso antes, mas deveria ter comprado uma daquelas coleiras que os pais usam nos filhos.

— O que? — Eu pergunto quando ela não se vira.

— Banks está aqui. — Ela olha para mim. — Eu não o vi desde então...

— Deixe-me terminar aqui. — Eu dou a ela um olhar que gostaria que a paralisasse no lugar.

Continuo o processo de check-in. A mulher começa a falar sobre as instalações e tudo o que elas têm - piscina olímpica, quadra de

tênis, quadra de basquete, salas de musculação, etc. O lugar é ótimo, mas estou *tão* sintonizado com Lyla que só consigo ouvir pela metade. Agradeço à mulher, pego o presente e o número da mesa, e pego a mão de Lyla para afastá-la da multidão atrás de nós que está esperando para fazer o check-in.

— Ele provavelmente odeia-me, — diz ela, enquanto o observa rir com alguns caras que tiram fotos com ele.

— Tenho certeza que ele não sabe. Ele provavelmente está preocupado, no entanto.

— Eu preciso falar com ele.

Olho ao redor da área do lobby uma vez. Duas vezes. Quando não vejo quem estou procurando, aceno na direção de Banks. — Vamos.

Quando subimos, Banks para no meio da conversa e olha para Lyla como se visse um fantasma. Soltei a mão dela para que ela pudesse cumprimentar adequadamente o amigo e observar Banks passar por todas as emoções - descrença, confusão, tristeza, alegria e alívio. Ele decide isso e sorri, embora pareça que vai começar a chorar. É duvidoso que Lyla o faça, já que ela já adotou sua cara de pôquer, mas ela está muito mais emotiva hoje em dia, então não posso ter certeza. Os caras com quem Banks estava conversando também estão observando a interação e dando-lhe espaço antes de dar um tapinha nas costas dele e ir embora.

— Puta merda, — ele sussurra quando finalmente chega na frente dela.

Lyla não diz nada. Ela simplesmente se lança sobre ele e lhe dá o abraço mais apertado que ela já deu. A expressão impassível dela se desfaz quando eles se afastam, e ele leva a mão ao rosto dela, como se quisesse ter certeza de que ela é real. Eu conheço o sentimento. Ele olha para mim, o queixo ainda aberto, e depois de volta para ela.

— Vocês estavam juntos esse tempo todo? — Ele pergunta.

— Não. Ele acabou de encontrar-me. Ela sorri aquele fantasma de um sorriso. — Eu sinto muito por ter que sair daquele jeito. Tenho

certeza que você me odeia, mas juro que tive um motivo.

— Eu não te odeio. — Ele franze a testa e a abraça novamente. — Estou *tão* feliz que você esteja bem.

Seus olhos ficam lacrimejantes quando ela balança a cabeça, mas ela consegue conter as lágrimas. De qualquer forma, isso choca Banks. Reprimos uma risada ao ver a expressão confusa em seu rosto. Lyla percebe e ri.

— Fui à terapia, — diz ela, como se de outra forma não pudesse ficar emocionada.

Desta vez, eu rio. Ela me lança um olhar feio e eu rio ainda mais. Banks olha para mim novamente, balançando a cabeça, incrédulo, antes de se concentrar nela.

— Marissa disse-me que você estava bem, mas isso foi há muito tempo. Não tive notícias de nenhum de vocês desde então.

— Eu sei. Juro que conto toda a história depois do evento, — diz ela. — Mas Marissa está bem.

Ele apenas olha.

— E você? — Lyla pergunta, dando um soco de leve no peito dele para quebrar o momento. — Eu vi que você foi contratado por San Diego.

— Ah. — Ele sorri. — Você assiste futebol agora?

— Às vezes. — Outro fantasma de um sorriso.

Eu sei que Banks é amigo dela, mas essa informação dói. Saber que ela não assistiu nenhum dos meus jogos é uma merda. Entendo por que ela não pôde assistir e não posso culpá-la por isso, mas é uma droga. Lembro a mim mesmo que o que eles compartilham é totalmente diferente do que temos. Eu sei disso desde o início, e é por isso que nunca me importei muito com eles saindo. Além disso, nunca saíram sozinhos. E se Banks quisesse tomar uma atitude, já o teria feito. Quem sabe, talvez ele tenha feito isso e tenha sido rejeitado. De qualquer forma, não estou preocupado com ele. Provavelmente

deveríamos convidá-lo para o casamento. Tenho certeza de que significaria muito para ela tê-lo ali. Como se ela ouvisse meus pensamentos, ela olha para mim brevemente, e eu sei que é isso que ela está perguntando. Eu sorrio e dou de ombros. Ela sorri largamente, meu sorriso, apenas para mim, antes de se virar para ele.

— Vamos nos casar no próximo sábado, — diz ela, com palavras apressadas. — Em Chicago. É totalmente impulsivo. Decidimos há duas noites, então não é nada demais, mas adoráramos que você estivesse lá.

— Droga. — Banks sorri para mim. — Acho que você entrou na lista dela, afinal.

Eu rio de todo o coração. — Demorou um pouco, mas sim.

Eu sabia que dominaria aquela maldita lista.

— Parabéns, — diz ele, sorrindo para nós dois.

— Você deveria vir comemorar conosco, — eu digo. — Traga uma acompanhante se você tiver alguém.

— Não, — ele diz. — Acabei de passar por um rompimento bastante difícil.

— Oh Deus. — Lyla revira os olhos. — Cada vez que você diz isso, significa uma coisa. Diga-me que você não traiu ela.

— Não. — Suas sobrancelhas se erguem. — Mas ela pensou que sim.

— Ela pensou? — Ela ri levemente. — Eu nem sei o que pensar disso.

— Contarei a você sobre isso mais tarde, — diz ele rindo, enquanto olha para mim novamente. — E eu adoraria ir ao seu casamento.

— Vou mandar uma mensagem com os detalhes. — Estendo meu punho para ele bater, e ele bate.

Suas sobrancelhas sobem. — Você tem meu número?

— Você mudou desde o momento em que estivemos aqui?

— Não, o mesmo, — diz ele.

— Então eu devo tê-lo.

— Huh. — Ele franze a testa, mas é rapidamente substituído por alegria. — Mande-me uma mensagem com os detalhes. Eu estarei lá.

Dizemos adeus e vamos embora. Lyla coloca a mão na minha novamente.

— Você conseguiu o número dele no meu telefone, não foi? — Ela pergunta, os olhos dançando quando ela olha para mim.

— Você saía muito com ele, — eu digo. — Eu fiz o que eu tinha que fazer.

Ela ri baixinho, balançando a cabeça, mas não diz nada. Não estamos perto da multidão, então podemos ficar aqui sem causar transtornos. Paro de andar e seguro a mão dela com firmeza, então ela para de andar e encara-me.

— Se a situação se invertesse, o que você teria feito? — Eu pergunto, porque estou genuinamente curioso.

Lyla fica com ciúmes *pra* caralho quando se trata de mim, e se ela disser o contrário, ela é uma mentirosa. Não é uma questão de confiança entre nós. Eu sei que ela nunca estaria com mais ninguém e espero que ela saiba que eu também não. Mesmo assim, o ciúme permanece. Eu acho que é saudável. Eu realmente não me importo se não for.

— O que você teria feito? — Eu pergunto novamente. — Se alguma garota estivesse sempre perto de mim e passássemos horas juntos no gelo.

Ela faz uma careta e desvia o olhar. Por um momento, acho que ela vai dizer que não se importaria. Honestamente, vou deixar por isso mesmo por causa de onde estamos e por que estamos aqui. Mas ela olha para mim novamente, aquele fogo em seus olhos que me excita instantaneamente.

— Não sei bem o que faria, mas sei que ela desejaria nunca te ter conhecido.

Eu rio e abaixo-me para beijá-la. — Acho que você pode estar um pouco maluca, Lyla James

— Só quando se trata de você, — diz ela, sorrindo.

Fico preso naquele sorriso por muito tempo, até lembrar-me de algo. — Seu microfone está ligado?

Ela puxa o tecido do vestido para frente, verifica e parece mortificada quando encontra meu olhar novamente. Eu comecei a rir.

— O quê, você não quer que as pessoas saibam que você é *tão* louca por mim a ponto de ficar com ciúmes? — Eu sorrio enquanto a puxo em direção às portas.

— Não é engraçado. — Ela faz uma careta e abaixa a cabeça para falar no microfone. — Por favor, ignore esse pequeno lapso de julgamento.

Eu rio de novo. Só posso imaginá-los de volta no SUV. Eles devem estar rindo muito. Eles estão acostumados a empregos sérios, então para eles estas férias parecem muito bem remuneradas. Meu sorriso desaparece quando entramos e vejo Jameson. Nunca odiei tanto uma pessoa em minha vida. Nunca estive *tão* bravo. Mesmo quando meu pai não apareceu para nós quando eu sabia que ele poderia, eu não me sentia assim. Lembro-me de manter meu rosto impassível. Ele olha para cima e acena quando me vê, com um sorriso falso e forçado no rosto. Eu nem me incomodo em retribuir a saudação. A esta altura, ele já deve saber que eu sei. Ainda assim, não consigo acreditar na coragem dele ter me cumprimentado daquele jeito.

O sorriso desaparece instantaneamente quando seus olhos mudam e ele vê a mão de quem estou segurando. Olhos frios e feições endurecidas substituem imediatamente o olhar cordial de seu rosto. Eu vou matá-lo, porra. Ele pisca e tenta ser cordial novamente. Eu tiro meus olhos dele e aperto a mão que não segura a de Lyla em um punho apertado. Ela não o notou. Se ela tivesse, ela teria apertado

minha mão. Ela olha por cima do ombro e para de andar. Não tenho certeza do que ela vê no meu rosto, mas ela vira e encara-me imediatamente. No segundo que ela faz isso, eu a puxo em meus braços e a beijo, certificando-me de que está claro que ela é minha.

CAPÍTULO 55

Lyla

Não sei quem teve a ideia de reunir um grupo de estranhos em reuniões sociais, mas pode ser considerada uma das piores ideias da história. Obviamente, meu pai adora. Ele acha que é um ótimo networking. Acho que é uma extensão do inferno. Estou conversando com o treinador de vôlei de Fairview há dez minutos. Lachlan está falando com o jogador da NFL ao lado dele, mas ele está tenso e não soltou minha mão desde que nos sentamos, embora eu tenha tentado retirá-la três vezes. Sei que isso significa que ele viu Jameson, mas varri a sala duas vezes e ainda não o vi. Eu vi meu pai. Bem, eu vejo meu pai. Ele fez um discurso rápido no início e agradeceu a presença de todos. Agora, ele está sentado em algumas mesas, de costas para nós. O curioso é que Marie não está à vista. Meu telefone vibra na minha bolsa e Lach olha para mim. Dessa vez ele solta minha mão e continua conversando com o cara. Não coloquei no modo avião, em caso de emergência.

— Com licença um momento, — digo a treinadora de vôlei, enquanto pego meu telefone.

Marissa: *atualize por favor*

Eu: *no almoço. Não o vi, mas acho que Lach viu porque ele está agindo de forma estranha*

Marissa: *merda. Tome cuidado*

Eu: *eu sei <3*

Marissa: *Coop perguntou sobre você*

Eu: *o que você disse a ele?*

Marissa: *que você teve uma emergência familiar e saiu*

Marissa: *acho que ele vai te convidar para sair quando você voltar*

Lachlan fica tenso. Eu olho para cima e encontro seus olhos estreitos e escuros enquanto ele olha da tela para mim. Eu o ignoro.

Eu: *isso não vai acontecer, obviamente. Vou ter que falar com ele*

Lachlan sinaliza para eu entregar o telefone para ele. Eu olho para cima com uma carranca, mas entrego a ele de qualquer maneira, porque estou curiosa para ver o que ele fará a seguir.

Eu: *Mar, é o Lachlan, faça-me um favor e mande ele ir se foder*

Marissa: *Hahaha, não posso fazer isso*

Eu: *diga a ele que ela voltou com o ex e que ele a pediu em casamento e eles se casaram imediatamente e ela está muito, muito, muito feliz*

— Que feliz, hein? — Eu pergunto, divertida.

Ele me lança um olhar e digita novamente.

Eu: *diga a mesma coisa para aquele idiota do Wade*

Eu: *e quem mais eu não conheci e quer foder a Lyla*

Marissa: *HAHAHA você é louco, mas direi a eles se os ver novamente antes de ir embora*

Eu: *obrigado*

Ele devolve o telefone. Eu olho para ele por um momento e guardo-o. Independentemente do que acontecesse, eu contaria a ambos sobre Lachlan, no momento em que voltasse. Isso foi antes das coisas piorarem tão rapidamente. Eles ficarão chocados quando eu contar que não apenas voltei com meu ex, mas também nos casamos. Não posso nem culpar Lach por querer acabar com seus avanços. Se a situação se invertesse, eu faria o mesmo. Olho em volta novamente, mas ainda não vejo Jameson. Permanecemos sentados durante o almoço e depois, enquanto esperamos pela sobremesa. Eles nos trazem taças de vinho – tinto ou branco. Já estão servidos e nas bandejas, então escolho o tinto, embora duvide que vá beber. Lach faz o mesmo e também coloca o prato na frente de seu prato. Outro servidor volta

com água e enche a minha antes de passar para a próxima mesa. Em vez disso, tomo um gole. Tenho bebido o tempo todo e está tudo bem, então não estou preocupada. A sobremesa é colocada na nossa frente — uma fatia de bolo de ganache de chocolate que parece incrível. Nenhum de nós toca nela.

— Você viu a treinadora Bev? — Pergunta a treinadora de vôlei, enquanto come uma fatia de bolo de chocolate.

— Ainda não. — Eu olho em volta.

— Ela está na última mesa ali. A mesma em que estamos, mas do lado oposto.

— Vou ter que dizer olá. — Eu sorrio um pouco.

— Tenho certeza que ela adoraria ouvir todas as coisas incríveis que você tem feito. — Ela sorri.

Meu olhar se dirige para onde a treinadora Bev está sentada. Banks é a única pessoa que conheço na mesa. Espero mais alguns minutos antes de recuar a cadeira e levantar-me da cadeira. Lach faz o mesmo, então nos desculpamos educadamente e seguimos para o saguão. Um dos homens que viaja conosco está andando pelo saguão e vira-se para nos cumprimentar.

— Tenho que ir ao banheiro, — digo, alto o suficiente para ele ouvir. — Eu desligo isso?

— Você não precisa, — ele diz, seus lábios formando um sorriso. — Acredite em mim, não há nada neste mundo que não tenhamos ouvido.

Olho para Lachlan e lanço-lhe um olhar que o diverte, mas ele tem o bom senso de não rir. Não quero deixar o microfone ligado enquanto estou na cabine, mas estou mais assustada do que envergonhada. Pelo menos, acho que estou. As portas ao nosso lado se abrem de repente, e nos viramos para ver meu pai sair, de queixo caído quando olha para mim.

— Pensei que fosse você, — diz ele, com a voz rouca enquanto caminha até mim.

Antes que eu possa dizer olá, ele joga os braços em volta de mim e abraça-me com força. Não tenho certeza do que esperava que aconteceria quando o visse novamente, mas não foi esse tipo de saudação. Ele mostrou-me indiferença por tanto tempo que isso não parece real. Eu sei que é genuíno, mas não parece real. Quando ele se afasta, ele segura-me pelos ombros e olha para meu rosto novamente, com lágrimas nos olhos.

— Oh meu Deus, Lyla. — Ele balança a cabeça, piscando para conter as lágrimas enquanto suas mãos deixam meus ombros. — Onde você esteve?

— Na faculdade de medicina.

— Escola de Medicina? — Ele pisca, as sobrancelhas se erguendo. — Como?

Eu sei que o que ele está perguntando é “com que dinheiro?” Ele teria razão em fazer essa pergunta, já que pagou por tudo que eu já tive. Posso ter sido ignorada muitas vezes e mostrado indiferença para com os outros, mas dinheiro e as coisas que ele poderia comprar nunca foram algo que me faltou. Isso incluía a escola. Quando saí, perdi tudo. Como não queria ser encontrada, nem sequer entrei na conta bancária que havia sido aberta para mim quando era criança. Eu pedi dinheiro emprestado a Prescott e Marissa.

Mesmo que eles tivessem sido inflexíveis em não pagar, eu paguei. É claro que pagá-los significava que eu só poderia pagar o mínimo dos meus empréstimos escolares, mas não podia reclamar da dificuldade financeira que estava enfrentando pela primeira vez, quando tantos viviam de salário em salário durante toda a vida. Papai ainda está olhando para mim como se não pudesse acreditar que sou real. Eu o estudo com a mesma atenção: seus olhos castanhos claros, sua pele escura e lisa e as ondas naturais em seu cabelo curto. Ele sempre pareceu maior que a vida para mim, e em estatura, ele ainda é, mas agora, sinto-me maior e mais forte que ele em todos os outros aspectos. Limpo a garganta quando percebo que estávamos ali, olhando um para o outro.

— Eu fiz isso sozinha, — eu digo.

Sua confusão é substituída por um sorriso orgulhoso. — Uau, sua mãe ficaria muito orgulhosa.

Meu coração para por um momento. Ele nunca falou uma palavra sobre ela desde o acidente. Não quando eu precisava que ele fizesse isso. Não tenho certeza se gosto que ele esteja fazendo isso agora. Ele não merece, mas estava com minha mãe há mais tempo do que eu estava viva naquela época, então não posso dizer nada sobre isso. Aceito o elogio pelo que ele é. Minha mãe ficaria orgulhosa de mim, mas ela ficaria orgulhosa, independentemente do que eu tivesse conquistado.

— Você não disse adeus, — ele diz, limpando a garganta, os olhos enchendo-se de lágrimas novamente. — Eu sei que fui um pai de merda, mas pensei em pelo menos despedir-me.

— Eu gostaria de ter podido despedir-me, — digo, porque é verdade, embora não vá desculpar-me por não ter feito isso. — É uma longa história.

Mesmo se eu tivesse tempo para analisar tudo isso, não tenho certeza se o faria. O que eu devo falar? Que seu melhor amigo me agrediu sexualmente várias vezes e, por causa dele, minha mãe e meu amigo estão mortos? Na minha cabeça, parece absurdo, então não consigo imaginar qual seria a reação dele se eu dissesse isso em voz alta. Seu olhar cai para o anel no meu dedo. É meio impossível perder. Ele olha para mim novamente, a pergunta clara em seus olhos, mas não a pergunta.

— Você virá para casa amanhã? — Ele pergunta em vez disso, então olha para Lachlan como se estivesse percebendo que está aqui. — E aí cara. Desculpe-me, eu só...

— Não se desculpe comigo, — diz Lach, com voz e expressão duras.

Papai olha para ele por um momento. Tenho certeza de que o tom mordaz de Lach o pegou desprevenido. Em vez de abordar o assunto,

meu pai concentra-se em mim novamente. — Você virá para casa amanhã?

— EU... — Merda, eu não estava esperando por isso.

— Vocês dois vão... — Ele olha para Lachlan e depois para mim.

— Casar, sim, — diz Lach.

Eu dou uma cotovelada nele. Não porque eu esteja chateada por ele ter contado, mas por causa do desdém em sua voz quando ele disse isso. Ele pode ter sido, como disse, um pai de merda, mas ainda é meu.

— Uau. — Meu pai inspira profundamente. — Uau. Parabéns.

— Eu teria pedido sua bênção, mas não senti que precisasse, — diz Lach.

Vou matá-lo quando sairmos daqui.

— Em que momento? — Eu pergunto. — Partimos amanhã.

— Café da manhã, então, — diz ele.

— Você não deveria verificar com Marie primeiro? — Não me preocupo em esconder o desdém em minha voz.

— Faz mais de dois anos que não estou com Marie, — diz ele. — Eu estive... — Ele balança a cabeça. — Por favor, venha amanhã. Temos muito para colocar em dia.

Eu olho para Lach. Eu sei que mesmo que ele esteja carrancudo, ele concordará com tudo o que eu decidir. — OK. Estaremos lá, — eu digo.

Papai me dá outro abraço e enxuga o rosto novamente quando se afasta. Lach rosna seu adeus e segura minha mão com um pouco mais de força, enquanto leva-me até o banheiro.

CAPÍTULO 56

Lyla

Estou lavando as mãos e molhando uma toalha de papel para corrigir o delineador quando ouço a porta abrir e fechar. Olho para cima, meio que esperando ver Lachlan verificando-me, mas não vejo ninguém. Procuro pés sob as baias e não encontro nenhum. Esquisito. Quando volto meus olhos para o espelho, Jameson está bem atrás de mim. Abro a boca para gritar, mas ele a cobre com tanta força com a mão enluvada que só posso torcer para que o microfone consiga captar minha luta abafada. Ele não cheira a cigarro hoje. Ou sua colônia forte. Porra. *Ele fez isso de propósito?* Ele olha para o nosso reflexo por um longo momento, seus olhos azuis raivosos fixos nos meus grandes olhos castanhos. Ele não diz nada, enquanto me arrasta em direção à porta que leva ao corredor onde Lach está esperando por mim. Meu coração bate mais rápido quando ele chega à porta. Em vez de abri-lo, ele tranca. Grito o mais alto que posso, esperando que o som na minha garganta esteja sendo transferido.

Jameson arrasta-me para o outro lado do banheiro. Por um momento, acho que ele vai levar-me para uma tenda e me estuprar lá. Estou pronta para isso. Estou pronta para lutar e gritar e fazer o que for preciso para fugir dele, mas também estou preparada para me desligar se todas as minhas tentativas forem inúteis e ele continuar com isso. Eu não quero estar. Não quero nem considerar isso uma possibilidade. De novo não. Não depois de todos esses anos que vivi com medo e excluí tudo, para me proteger do trauma. Depois trabalhei com um profissional para que isso não ditasse mais a maneira como vivo minha vida. Mas tenho que estar preparada, e às vezes isso significa entorpecer-me até chegar a um lugar em minha mente onde nada disso existe, mesmo no momento em que acontece. Ele passa pelas tendas. Continuo chutando, gritando e debatendo-me

contra ele. Não posso chutá-lo com o calcanhar por causa do jeito que ele está arrastando-me, mas vou chutá-lo no momento em que ele me soltar. Vou chutá-lo com tanta força e gritar *tão* alto que os ouvidos dos guarda-costas que estão ouvindo a transmissão tocarão pelo resto do dia.

— Você sabe o que eu mais gosto nesta instalação? — Ele pergunta no meu ouvido, enquanto empurra outra porta com as costas. — As portas do banheiro abrem para o exterior.

Eu empurro meu corpo com mais força, meus olhos arregalados na piscina olímpica, enquanto ele me arrasta por ela. Oh meu Deus. Para onde ele está me levando? Ele vai me afogar? É realmente assim que minha vida termina? Afogando-me nas mãos de um psicopata? Ele para de andar de repente e eu empurro-me com mais força, dando cotoveladas violentamente atrás de mim, na esperança de acertá-lo com força suficiente para que ele me solte. Eu conecto, mas não o suficiente para ele se mover. Vejo o celular dele na mão esquerda, vejo ele clicar em alguma coisa e, de repente, o alarme de incêndio do prédio dispara. *Não. Oh meu Deus. Não.*

— Tecnologia, estou certo? — Ele diz rindo, enquanto continua a arrastar-me para a lateral do prédio.

Não sei exatamente para onde estamos indo, mas estou rezando para que não seja o estacionamento. Eu sei que estou condenada se ele conseguir colocar-me em um carro. Ele solta minha boca. Começo a gritar, um grito alto e estridente que em qualquer outro momento teria durado quarteirões, mas que atualmente é abafado pelo alarme.

— Lado do prédio perto da piscina, — grito de qualquer maneira, o mais alto que posso. — Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor.

Eu recuo, acertando alguma coisa – sua canela, seu pé? Seja o que for, o faz grunhir. Assim que chegamos à lateral do prédio, ele empurra-me no chão, me dá um tapa com as costas da mão e monta em mim. Não é um tapa forte, não é forte o suficiente para me marcar, mas é forte o suficiente para me fazer calar a boca. Eu não calo, no

entanto. Eu não vou. Balanço minha cabeça de um lado para o outro, tentando encontrar alguém. As pessoas no evento já devem estar do lado de fora ou de saída. Percebo que estamos em uma área do outro lado do prédio e, mesmo que eles saiam pelos fundos, podem não nos ver. É uma área de golfe, eu percebo. Porra, preciso sair daqui.

— David, por favor, — grito, meus olhos lacrimejando enquanto imploro. De alguma forma, eu seguro-as. — Por favor, não faça isso.

Ele está lutando para segurar-me e tirar o casaco ao mesmo tempo, olhando para mim quando tento tirá-lo de cima de mim. Sua expressão é *tão* ameaçadora quanto naquela noite, quando ele me prendeu no sofá dos meus pais e eu lutei com ele. Até então, ele estava acostumado a me ver submissa, bebendo tudo o que ele me dava até eu ficar inconsciente e ele poder fazer o que quisesse. Naquela noite, ele me disse que minha luta o excitou. Uma parte de mim quer parar, mas a sobrevivente em mim não deixa.

— Temos alguns assuntos inacabados, — ele ferve. — Você não acha?

Eu grito de novo, chuto e movo meus quadris. Eu sei que eles virão atrás de mim. Eu só preciso segurá-lo até que eles o façam.

— Se eu pudesse, — ele diz, colocando a mão sobre minha boca novamente e segurando-me o mais imóvel que pode com seu corpo sobre o meu. — Eu levaria você a algum lugar e passaria um tempo com você, para que você se lembrasse de quem diabos é seu dono. Infelizmente, não temos tempo para isso hoje.

Meu peito se agita com os gritos contidos nele e as lágrimas que sei que não vou derramar. Não para ele. Nunca. Ele é duro com meu estômago e sei que nada que eu faça fará diferença. Ele começa a desfivelar o cinto sem cobrir minha boca com a mão. Meu peito está pesado enquanto continuo a lutar. Ele está tendo problemas com seu cinto chique, então tira a mão da minha boca novamente.

— Nãooooo, — eu imploro. — Por favor. Por favor, não faça isso. Eu grito novamente. — Davi! Não faça isso!

— Isso é por sua conta. Você sabe o que aconteceu com a última garotinha que saiu da linha? Ele pergunta, frio e cínico. — Ela está morta.

Meu estômago embrulha. Eu começo a vomitar.

— Você continua saindo da linha. Acho que a morte da sua mãe não foi suficiente. A morte de Luke não foi suficiente. Nem mesmo atacar seu namorado, — ele grita. — Foi o suficiente.

— Por favor, — eu gemo quando ele começa a levantar meu vestido, sua mão áspera em minhas coxas.

— Sabe, mesmo que você não seja meu primeiro brinquedo, você é o único que era virgem, — diz ele, com os olhos brilhando de orgulho enquanto afasta-se para ficar mais abaixo nas minhas pernas, perto das minhas canelas.

Meu peito se agita novamente, mas grito e uso toda a minha força para levantar a perna e chutá-lo na virilha. Ele grunhe alto enquanto se dobra. Eu rolo para fora dele, afasto-o e fico de pé. Meu corpo treme, ameaçado pelas fortes lembranças da última vez que me encontrei nesta situação. Eu empurro isso. Não posso calar-me agora. Não posso deixá-lo vencer. Não dessa vez. Começo a correr, xingando-me por ter escolhido usar saltos com tiras que não consigo simplesmente tirar.

Eu grito enquanto corro. *Por que eles estão demorando tanto?* Eu o ouço vindo atrás de mim. Ele é rápido. Se eu não estivesse usando esses malditos saltos, tenho certeza que poderia escapar facilmente. Estou quase na saída quando meu salto cai em um dos buracos no chão. Braços fortes envolvem e ele levanta-me, dando alguns passos até a parede lateral do prédio. Ele se pressiona sobre mim, ainda duro na calça, enquanto respira com força contra meu rosto. Ele levanta o braço e, por um momento, estremeço, pensando que ele vai me dar uma cotovelada no rosto. Em vez disso, ele coloca o antebraço contra meu peito, impedindo que meus braços se levantem e começa a subir meu vestido. Eu grito de novo, *tão* alto quanto minha garganta machucada permite. Quando vou gritar pela segunda vez, o que sai é

uma tosse seca. Ele levanta um joelho e o coloca entre minhas pernas, levantando-o completamente para que eu sinta. Ele ainda está lutando com o cinto.

— Por favor, David, — grito, balançando-me contra a parede enquanto tento mover meus braços para acertá-lo. — Por favor, não faça isso!

— Você pode se culpar por isso, — ele grita, os olhos azuis estreitados nos meus. — E para o que quer que aconteça com o seu namorado quando eu terminar com você.

Inspiro profundamente e movo-me com mais força, levantando meu joelho novamente, mas sua canela está bloqueando. Eu movo-me com força novamente e consigo libertar um dos meus braços. Eu soco ele uma vez, duas vezes. Ele ri, mas cospe sangue enquanto faz isso, seus olhos ainda mais ameaçadores enquanto ajusta o braço e empurra-me novamente.

— Faça isso de novo e seu namorado morre.

Meu peito aperta. Eu sei que ele cumpriria sua promessa. Eu estava errada antes, quando pensei que ele não poderia segurar nada sobre mim. Ele pode usar Lachlan. Paro de lutar por um momento e fecho os olhos para pensar em como posso sair dessa situação e garantir que Lach permaneça ileso. Quando paro, ele ri. De repente, o alarme de incêndio para. Seus olhos arregalam-se nos meus e eu grito de novo, mas minha garganta está rouca.

— Lateral do prédio, — digo o mais alto que posso. — Área de golfe!

Seu cinto sai e ele o joga de lado, trabalhando no botão da calça em seguida. Ele coloca a mão na minha coxa e começa a subir, e sei que tudo que posso fazer é esperar. Eu continuo lutando, no entanto. Estou exausta, mas continuo.

CAPÍTULO 57

Lachlan

— Não me diga que você procurou em todos os lugares! — Grito com Ronnie e Derek por cima do alarme de incêndio. — Ele não poderia ter ido longe!

Todo o meu corpo treme enquanto saio correndo na outra direção. Com o alarme ensurdecedor, eles não conseguiram falar com os dois caras que ficaram no SUV e estão ouvindo o microfone dela. O drone ainda está voando em algum lugar. Sei que é apenas uma questão de tempo até localizá-la, mas não temos tempo. Ela não tem tempo. Eu não tenho tempo. Tento concentrar-me e afastar as imagens que passam pela minha cabeça, mas é impossível. Não consigo parar de pensar naquele idiota psicótico tocando ela. A ideia dele tocar o braço dela é suficiente para irritar-me, mas não é aí que as imagens param. Todos ficam principalmente no lado esquerdo do prédio, já que é onde fica o espaço para eventos. O banheiro fica do outro lado, mas nós verificamos, verificamos lá fora, verificamos...ah, porra.

Saio correndo para o outro lado do prédio. Verificamos, é claro, mas não verificamos tudo. Não poderíamos. Tiro o paletó e a gravata, jogando-os atrás de mim enquanto corro. Os botões das minhas mangas se abrem quando puxo o material até os cotovelos. O alarme finalmente para de tocar e eu a ouço gritar. Eu corro mais rápido. Chego à lateral do prédio e olho em volta. Há uma área lá que perdemos. Parece uma área de piquenique. À medida que me aproximo, percebo que deve ser para jogar golfe.

Eu digitalizo, mas não consigo ver tudo. Quando finalmente o faço, vejo uma das mãos dele subindo pela perna dela, quase perto da bunda dela. Lyla está tentando afastá-lo dela; suas tentativas são fracas, como se ela estivesse cansada e não conseguisse mais segurá-lo. Mesmo enquanto ela faz isso, sua expressão está vazia, como se ela já

tivesse se levado para outro lugar. Meu coração não pode quebrar mais do que está agora. Minha raiva aumenta à medida que me aproximo deles. No momento em que os alcanço e o arranco de cima dela, peço desculpas silenciosamente a ela em minha cabeça, porque sei que não serei capaz de parar até que ele morra.

CAPÍTULO 58

Lyla

Num minuto, Jameson está respirando no meu rosto, tocando-me de uma forma que me dá vontade de vomitar, e no minuto seguinte, ele é puxado de cima de mim. Eu imediatamente caio no chão, meu corpo tremendo incontrolavelmente. Ouço gritos e vejo dois pares de sapatos sociais a poucos passos de mim, mas meu corpo está paralisado demais pela adrenalina para mover-me.

— Isso não é da sua conta, — Jameson grita bem alto.

Eu olho para cima e vejo os dois homens elevando-se acima de mim. Jameson está em forma, mas não como Lachlan. E mesmo que não estivesse em uma forma superior, Lachlan tem duas vantagens: sua idade e uma raiva que suporta o peso de mil homens.

— Você pensou que iria se livrar de mim? — Lach grita, socando-o com tanta força que ouço seus ossos estalarem quando seu rosto se vira. Lach continua: — Você é um maldito covarde.

Rapidamente começo a soltar os saltos e levanto-me, usando a parede ao meu lado para apoiar minhas pernas trêmulas. Lach dá outro soco e Jameson consegue esquivar-se. Ele ataca Lach, que também tenta se esquivar, mas acerta seu queixo.

— Isso não é da sua conta, — Jameson grita novamente, a raiva aparecendo em seu rosto enquanto ele empurra Lachlan. — Ela não é sua!

Vejo o momento em que Lachlan processa isso. Vejo a fúria praticamente saindo de seus ouvidos. Ele agarra Jameson pela garganta e o joga contra a parede de tijolos.

— Ela é a porra da minha esposa, — diz ele, com uma voz *tão* baixa que me dá um arrepio na espinha.

Os olhos de Jameson arregalam-se. Ele empurra Lach com força suficiente para tirá-lo e dá outro soco.

— Isso mesmo, filho da puta. — Ele dá um soco em Jameson uma vez. — MINHA maldita esposa! — Ele dá um soco nele de novo, com tanta força que Jameson cambaleia para trás.

Ele parece cair em câmera lenta, ou talvez seja assim que eu vejo. No minuto em que ele atinge o chão, Lachlan está sobre ele novamente, montando nele e socando. Jameson não reage.

— Ela é minha, — ele rosna enquanto dá outro soco. — Ela nunca foi sua.

Por um momento, ainda estou congelada. Parte de mim não quer impedi-lo. Não quero que este homem viva, mas não posso arriscar perder Lachlan. Do nada, uma onda de energia calma percorre meu corpo e eu saio do meu torpor. É quase como se eu estivesse flutuando quando caminho até Lachlan. Eu avanço e grito seu nome uma, duas vezes. Ele afasta-se, ofegando tanto que parece que vai hiperventilar, mas posso dizer que ele não vai parar.

— LACHLAN!

Seus olhos ficam selvagens quando ele olha para mim e depois olha para Jameson.

— Lach. Pare.

Ele rosna, com os olhos estreitados, enquanto continua olhando para o homem caído no chão. Ele está muito longe. Eu tento de tudo. Puxo seu braço, agarro seus ombros. Tento dar um tapa nele.

Jameson finalmente faz algum tipo de som, uma respiração ofegante e gargarejada – o único sinal de vida que ouvi até agora. O rosto de Lachlan transforma-se novamente, a raiva aumentando. Envolver meus braços em volta de seu pescoço. Ele está tremendo, raiva descontrolada ou adrenalina, ou ambos, percorrendo-o.

— Olhe para mim! — Eu grito. — OLHE PARA MIM.

Ele ainda está respirando com dificuldade. Ao longe, ouço sirenes.

Ele precisa dar o fora daqui. Eu movo-me e caio de joelhos, agarrando seu rosto, virando-o para olhar em seus olhos. Minha respiração fica presa. Há um olhar distante neles que me diz que ele está aqui, mas não realmente. As sirenes ficam mais altas. Tenho certeza de que o oficial de Jameson, Hugh, não está lá. Como Chefe de Polícia, ele não aparece mais nos sites, mas se souber que Jameson está envolvido, ele poderá, e isso será um show de merda.

Quando partimos, há três anos, Marissa ligou para a polícia de Fairview e contou-lhes tudo. Eles disseram que iriam investigar e entrar em contato conosco. Eles nunca fizeram isso. Sabíamos que não. Sabíamos que no momento em que a notícia chegasse ao oficial Hughes, ela seria enterrada sob todas as outras merdas corruptas que eles enterraram.

Lach move-se como se estivesse tentando tirar-me de cima dele, então agarro seu rosto com mais força.

— Baby, por favor, — eu sussurro, procurando seus olhos. — Por favor. Por favor. Por favor, não faça isso. Não posso perder você de novo.

Sua mandíbula ainda está dura. Ele tenta mover o rosto e, novamente, eu o seguro com força.

— Por favor, Lachlan. Você prometeu, — eu digo, meu peito tremendo com lágrimas que não podem mais ser contidas. — Você prometeu, porra.

Ele tenta se mover novamente. Envolver meus braços em volta de seu pescoço e aperto-o com força desta vez. — Eu não posso perder você, — eu digo, com a voz rouca de tanto gritar e chorar. — Por favor, Lach. Não faça isso comigo. Eu nunca vou te perdoar se você não parar.

Eu afasto-me e o vejo engolir. Sua expressão relaxa um pouco, sua mandíbula relaxa e sua respiração começa a desacelerar. Ele ainda está tremendo e ainda tem aquele olhar distante no rosto. Tiro minhas mãos de seu rosto e pego suas mãos. Seus nós dos dedos estão em carne viva e ensanguentados quando eu abro seus punhos cerrados, o

que tenho certeza que deve doer, mas sua expressão não vacila. Seus olhos não deixam os meus enquanto eu o ajudo a sair de cima de Jameson. Ele levanta-se lentamente, deixando-me segurar suas mãos nas minhas. Tenho cuidado com elas, evitando contato com seus ferimentos. Seus olhos começam a recuperar lentamente o foco enquanto permanecem em mim. Consigo afastá-lo alguns passos do corpo de Jameson.

— Eu te amo. — Soltei uma de suas mãos para levar a minha até seu rosto, passando as costas suavemente. Examino seu rosto. Ele tem um pequeno corte no lábio, mas por outro lado parece ileso. Lambo meus lábios, sentindo o gosto das lágrimas neles enquanto encontro seu olhar novamente. — Eu te amo, — repito, certificando-me de que ele me ouça.

Ele respira fundo, fecha os olhos e leva as duas mãos ao meu rosto, enxugando ternamente minhas lágrimas com os polegares. Ele encosta a testa na minha e respira fundo, como se estivesse tentando levar um pouco do meu oxigênio com ele. Talvez ele esteja. Ele pode aguentar tudo, pelo que me importa. Eu só preciso que ele fique bem. Ele pressiona seus lábios contra os meus. O beijo começa lentamente, sua língua roçando as bordas dos meus lábios antes de deslizar para dentro da minha boca. Quando nossas línguas se encontram, ele move as mãos ainda mais para trás, envolvendo minha nuca com seus dedos longos e trazendo-me o mais perto possível dele, intensificando o beijo. Ele solta um gemido profundo que percorre todo o meu corpo, descendo até os dedos dos pés. Ao longe, ouço pessoas gritando, as sirenes ainda tocando. Eles parecem distantes enquanto nos beijamos. Nada mais existe - apenas seus lábios nos meus e suas mãos segurando-me, como se tivesse medo de que eu desaparecesse. Eu afasto-me primeiro, colocando os pés no chão, mas não me afasto dele. Não posso. A intensidade em seus olhos dificulta a respiração.

— Você é minha, — ele diz, sua voz *tão* baixa que quase não ouço por causa do barulho.

— Eu sempre fui sua. — Coloco minhas mãos sobre seus pulsos e o seguro ali.

Ele respira fundo e trêmulo enquanto sustenta meu olhar, como se estivesse aliviado ao ouvir a confirmação dos meus lábios. Eu gostaria de poder envolvê-lo, escondê-lo dentro de mim e levá-lo para longe dessa bagunça. Eu gostaria de poder fazê-lo ir para algum lugar seguro, enquanto lido com tudo isso da maneira que deveria ter sido tratado desde o início.

Pela minha visão periférica, vejo pessoas correndo em nossa direção. Tiro as mãos de Lach do meu rosto enquanto dou um passo para trás. Ronnie chega até nós primeiro. Ele dá uma olhada em Lach, seus olhos arregalam-se e volta sua atenção para mim. Atrás dele, Derek e os outros dois homens aparecem. Eles vão direto para Jameson e verificam o pulso.

— Você está bem? Você precisa de atenção médica? Ele pergunta.
— Ele precisa?

— Estou bem. — Olho para os nós dos dedos de Lach. — Não sei. Ele precisa limpar isso.

— O drone continuou sobrevoando a área... — Ele parece perturbado, então levanto a mão para impedi-lo.

— Estou bem, — eu digo. — Você conseguiu... — Eu engulo. — Você conseguiu alguma coisa no microfone?

— Tudo, — ele diz. Sua expressão dura não muda, mas vejo a tristeza em seus olhos. — Vocês dois podem ir embora. Derek irá levá-los de volta ao hotel. Se você ficar, terá que responder perguntas.

— Eu sei. — Mordo o lábio e olho na direção do som das ambulâncias e das sirenes da polícia.

Não consigo ver nada daqui. É como se estivéssemos fechados em uma caixa. Ouço mais caos se desenrolar. Eu penso sobre isso por um momento. Se eu ficar, terei que responder perguntas que já deveriam ter sido respondidas. Por muito tempo, culpei-me por não ter falado antes, mas recuso-me a carregar esse fardo por mais tempo. Eu era uma criança. Eu nem sabia o que estava acontecendo comigo e, quando finalmente confirmei, minha mãe e meu melhor amigo foram

assassinados. Eu não poderia ter feito nada para impedir isso naquela época. Não tive o apoio que precisava. Claro, eu tive Marissa e Prescott, mas eles também ficaram muito assustados. Éramos crianças. Fizemos o que tínhamos que fazer para sobreviver - Mar festejou, Pres enterrou-se no hóquei e na escola, e eu afastei-me. A sobrevivência parece diferente para cada pessoa. Não podemos ser julgados pelo que fizemos ou deixamos de fazer, mas basta.

Eu olho para Lachlan. — Vá com Derek. Eu cuidarei disso.

— Não. — Seus olhos estreitam-se ligeiramente nos meus. É tudo o que ele diz e faz. Ele ainda está recuperando-se da adrenalina.

— Você acha que o que temos no microfone será suficiente para... nos tirar dessa bagunça? — Eu pergunto baixinho.

— Sim, — ele diz. — Tudo será cuidado. Você não precisa preocupar-se com isso. Você não precisa ficar.

— Eu quero, — eu sussurro, limpando a garganta. — Quero falar com a polícia, mesmo que seja apenas para expor o tipo de homem que eles têm protegido durante todos estes anos.

Ronnie dá um pequeno sorriso e coloca a mão no meu ombro. Ao meu lado, Lachlan faz um som. Nós dois olhamos para ele e o encontramos olhando fixamente para Ronnie, que me aperta suavemente antes de soltar a mão.

— Eu só quero que você saiba que todos nós pensamos que você é uma fodona, — diz ele.

Acontece num instante – lágrimas brotam dos meus olhos e meus lábios começam a tremer. O som que sai da minha garganta é uma mistura de risada e soluço. Nada do que fiz pareceu heroico ou muito corajoso, mas o fato de ter sobrevivido tanto tempo prova minha resiliência. Respiro fundo e limpo meu rosto rapidamente.

— Obrigada, — eu digo e começo a sair da área.

Os outros dois caras já levaram Jameson embora. Não sei e não me importo de perguntar o que farão com ele. Eles podem entregá-lo às autoridades ou enterrá-lo em uma vala, tanto faz, desde que nada

volte para Lachlan. Neste momento, ele é tudo que me importa.

— Estou bem atrás de você, — Ronnie diz enquanto segue.

Seguro o braço de Lach enquanto caminhamos. Assim que saímos da área, um oficial avança em nossa direção. Todo o meu corpo se contrai de medo. Já vi o que acontece a seguir muitas vezes.

Ronnie fica entre nós e o oficial. — Eles precisam ser examinados por um médico. Eles responderão às perguntas se e quando estiverem prontos.

Meus olhos arregalam-se enquanto observo, esperando que o policial dê um choque nele ou algo assim. Ele não faz. Ele apenas recua e nos deixa continuar andando. Quando chegamos à calçada, noto que muitas pessoas do almoço ainda estão aqui. Dois paramédicos correm até nós, então solto o braço de Lachlan. Um vem até mim e o outro até ele. Ambos falam com cada um de nós enquanto nos levam às ambulâncias. Olho por cima do ombro para ter certeza de que Lachlan ainda está andando e vejo o paramédico tentando conduzi-lo até uma ambulância separada. Ele dá de ombros e caminha até mim.

— Eu vou aonde ela vai. — É tudo o que ele diz, mas seu tom não deixa espaço para discussão.

Compartilhamos um assento dentro da ambulância enquanto eles nos examinam. Eu sei que estou bem, mas deixo eles fazerem isso porque, no estado em que ele está, não tenho certeza se Lach vai deixar se eu não fizer isso. Seguimos até a borda da ambulância enquanto eles limpam seus ferimentos. Estou olhando para as luzes quando vejo meu pai correndo em meio ao caos, apressado. Ele corre até Jameson, que vejo agora sendo levado em uma maca. O policial que correu até nós mais cedo, aponta para nós, e os olhos do papai se arregalam quando ele me vê. Ele corre e é parado por Ronnie imediatamente. Ambos são altos e largos, mas Ronnie consegue desviar o olhar e meu pai dá um passo para trás, olhando para mim por cima do ombro de Ronnie.

— Está tudo bem, — eu digo, limpando a garganta. Ronnie olha

para mim. — Ele pode passar.

— Oh meu Deus, Lyla. O que diabos aconteceu? — Ele pergunta, correndo e colocando a mão na minha testa como fazia quando eu era pequena e estava com febre. Essa foi provavelmente a última vez que ele se importou. — Você está bem? — Ele pergunta rapidamente.

— Estou bem.

Ele olha para Lach, para as feridas que estão limpando e de volta para seu rosto. — Você está bem?

— Estou bem, — ele responde, olhando para meu pai.

Papai percebe sua expressão e olha para mim novamente. — Que porra aconteceu?

— Ronnie, — eu digo e espero que ele se vire. — Diga ao oficial que estou pronta para falar agora. Uma mulher. Só falarei com uma mulher. Olho para papai novamente. — Fique aqui e ouça.

Ele fica, com um olhar preocupado no rosto. Uma policial aproxima-se. A maioria dos oficiais apresenta-se pelo sobrenome. Ela apenas nos diz para chamá-la de Amy. Provavelmente uma tática que ela usa para deixar as pessoas confortáveis. Funciona. Conto tudo — desde o que aconteceu quando eu tinha quatorze anos até o que aconteceu na noite do acidente. Quando chego nessa parte, papai, que já estava chorando, perde a cabeça. Ele dá um passo em minha direção e eu recuo, porque é um movimento repentino e já estou nervosa. Lach levanta-se e fica na cara do meu pai.

— Não toque nela, porra, — ele ferve. — Você não merece chamá-la de sua filha.

— Lach. — Eu pulo da borda e por trás, envolvo meus braços em volta da cintura dele. — Tudo bem. Deixe-os terminar de limpar você.

Ele faz o que peço, mas mantém o olhar fixo em meu pai, que se curva, colocando as mãos nos joelhos enquanto se curva, chorando ainda mais. Nunca vi meu pai chorar. Eu o vi rir e gritar, mas nunca chorar. Dói um pouco testemunhar, mas não o suficiente para confortá-lo. Quando terminam de enfaixar as mãos de Lachlan,

explicam o que ele precisa fazer e com que frequência trocar os curativos. Eu digo a eles que sei como fazer isso e, finalmente, eles nos eliminam de sua lista. Ficamos na borda enquanto outro policial aproxima-se. Apesar de eu ter contado tudo para Amy, a polícia quer que eu vá até a delegacia.

— Não, — diz papai, com a voz dura enquanto se recompõe. — Eles não vão para uma maldita delegacia de polícia sem um advogado. — Ele olha para mim. — Onde você está indo agora? Você quer voltar para casa?

Eu zombei. *Casa*. Não me lembro da última vez que pensei na casa dele como minha casa. Não me oponho a ir. Uma parte de mim ainda espera poder salvar o que resta do meu relacionamento desgastado com meu pai. Essa mesma parte de mim quer provar que posso entrar naquela casa e sair ilesa. Não pisei naquela casa desde a noite em que minha mãe morreu, e parece que já era hora de fazer isso.

— Eu aviso você. Talvez possamos passar por aqui, — digo ao meu pai depois de um momento. — Temos que ir para o hotel primeiro.

— Por favor, faça isso, — ele diz e para de falar quando suas palavras pegam. — Sinto muito, Lyla. Desculpe-me. — Ele começa a soluçar novamente.

Desta vez, pulo da borda e o abraço. Papai é um cara grande. Soluços poderosos percorrem seu corpo e eu tremo em resposta. Ele pede desculpas repetidamente. Tento conter as lágrimas, mas elas escorrem livremente pelo meu rosto. É o jeito que ele me segura, do jeito que eu queria que ele fizesse tantas vezes no passado. É mais um lembrete do que ele não fez e a compreensão de algo que eu não sabia que estava perdendo. Quando me afasto, nós dois enxugamos o rosto.

— Por favor, venha, — ele diz novamente.

— Eu vou. — Tento sorrir. — Talvez à noite. Definitivamente, antes de partirmos.

Deixo-o com essa promessa e deixo Lachlan, não mais em estado de choque, levar-me até o carro.

CAPÍTULO 59

Lachlan

Eu deveria tê-lo matado. O pensamento está passando pela minha cabeça continuamente. Fiz o que Lyla pediu e parei quando ela me pediu. Ainda estou pensando em ir ao hospital e colocar um travesseiro na cabeça dele enquanto ele estiver lá. Temos um áudio claro dele assumindo a culpa pelo acidente que matou a mãe dela, o suposto suicídio de Luke, e matando outra garota, o que deveria ser suficiente para prendê-lo para o resto da vida. Achei que a punição seria suficiente, mas não é. Ele tem muitas conexões e não confio em nosso sistema judiciário para mantê-lo atrás das grades. Eu quero ele morto. Cada vez que relembro o que aconteceu, minha raiva reacende. Quando o vi tocando nela e desabotoando a calça, pronto para abaixá-la...Porra. E então, ele teve a coragem de chamá-la de sua. Acho que foi isso que me levou ao limite pela segunda vez. Ele lutou, mas não teve chance.

Tudo sobre isso e tudo o que aconteceu depois é um borrão. Lembro-me de Lyla abraçando o pai e indo embora. Não me lembro de ter tomado banho quando chegamos aqui, mas devo ter tomado, já que estou sentado na cama, debaixo das cobertas, de camiseta e calça de pijama. Estou com a pior dor de cabeça. Não tenho certeza se digo isso em voz alta, mas Lyla tem um frasco de ibuprofeno na mão enquanto sai do banheiro. Ela me dá o remédio, leva um copo d'água aos meus lábios e o coloca na mesa de cabeceira. Observo-a pegar bandagens limpas e subir na cama, sentando-se na minha frente em cima das cobertas.

Protesto e faço-a levantar-se para poder sentar-se debaixo das cobertas comigo. No momento em que a bunda dela está no colchão, eu a puxo para mim, enterrando meu rosto em seu pescoço e respirando-a por alguns segundos. Minutos. Horas. Dias. Eu não tenho

certeza. Eu realmente não me importo. Quando ela se afasta, ela se ajoelha entre minhas pernas e coloca as bandagens no chão. Ela passa as costas da mão pelo meu rosto suavemente, enquanto olha para mim com aqueles lindos olhos castanhos nos quais quero viver.

— Como você está sentindo-se? — Ela pergunta baixinho, enquanto coloca a mão no colo.

— Estou bem.

Ela lança-me um olhar. — Tente novamente e diga-me a verdade desta vez.

Suspiro pesadamente, levando minhas mãos enfaixadas ao rosto dela. — Eu gostaria de tê-lo matado.

— Eu sei, — ela sussurra. — Estou muito feliz que você esteja aqui comigo.

— Ele machucou você. — Deixei minhas mãos caírem e paro para engolir a dor na garganta. — Ele poderia ter...

Não consigo nem dizer a maldita palavra. Dói muito pensar nisso, quanto mais falar para o universo.

— Ele não fez isso. Ele não teria feito isso. Ela estende a mão e segura meu rosto com força quando tento desviar o olhar. — Eu sabia que você viria atrás de mim. Você sempre vem.

Essa maldita garota. Eu a puxo para mim novamente, segurando-a com mais força desta vez. Não sei o que eu teria feito se ele tivesse feito isso. Acho que teria ido para a cadeia por homicídio. Mas então eu não teria isso. Eu não a teria. E eu sei que estaria perdido sem ela. Eu *estava* perdido sem ela antes de encontrá-la novamente.

— Eu te amo tanto, — ela sussurra em meu ouvido. — Eu morreria sem você.

Ela não faria isso. Nós dois sabemos que ela não faria isso. Provavelmente sim, mas ela é forte demais para morrer de coração partido. Ainda assim, é bom ouvi-la dizer essas palavras, mesmo que elas façam meu peito doer. A ideia de ficar sem ela é intransponível.

Fechei os olhos e concentrei-me para não a machucar, apertando-a ainda mais, mas é o que quero fazer. Eu quero moldá-la para mim. Quero fazer com que todo o seu ser seja parte de mim para nunca ter que viver um momento sem ela.

— Porra, Lyla James. — Eu respiro.

— Preciso recolocar os curativos, — ela diz quando tenta afastar-se e eu não deixo.

Eu a deixei ir, só porque sei que ela vai brigar comigo se eu não a deixar fazer isso. Ela segura uma das minhas mãos e começa a desembrulhar o curativo suavemente, diminuindo ainda mais o ritmo quando chega aos ferimentos. Eu realmente me fodi dessa vez. Nunca fui um executor, então não entro em muitas brigas. Pelo menos, não entrei até jogar na Flórida e estar sempre com raiva. No gelo, nunca é pessoal. Com Jameson, era muito pessoal.

— Você está com dor em algum outro lugar? — Ela pergunta, seus olhos preocupados fixando-se nos meus por um momento. — Suas costelas estão um pouco machucadas, mas você não reclamou disso no chuveiro.

— Você me deu banho?

Seus lábios se contraem. — Sim.

Porra. Ela me deu banho e eu nem lembro? — Provavelmente vou precisar de muita ajuda para tomar banho nos próximos dias.

— Realmente? — Ela ri e seus lábios abrem-se em um daqueles sorrisos incríveis dela.

— Realmente. — Arranco minha mão da dela, o curativo pendurado enquanto seguro seu rosto e a beijo. — Obrigado.

Ela pisca, erguendo as sobrancelhas com minhas palavras, e pergunto-me se ela acha que sou um filho da puta ingrato. Já agradei a ela no passado... certo? Droga, talvez eu não tenha. Eu provavelmente deveria começar a fazer isso todos os dias que ela está comigo.

— Você não precisa agradecer-me, — diz ela. — Eu deveria ser a única a agradecer a você.

O aperto em meu peito diminui e eu sorrio para ela. — Você nunca precisa me agradecer por protegê-la. Esse é o meu trabalho.

— Seu trabalho? — Seus lábios curvam-se quando ela volta para o curativo na minha mão direita. — Qual é o cargo exatamente?

— Marido.

Com isso, ela sorri – meu sorriso – e encontra meus olhos. Porra. Como diabos eu tive essa sorte?

— Marido, — ela repete, ainda sorrindo enquanto começa a limpar meus dedos com lenços antissépticos. — O que mais há nesta descrição de trabalho? Definitivamente lavanderia.

Eu rio. — Lavar roupa, às vezes cozinhar mesmo que eu precise de receitas, levar o lixo para fora, abastecer seu carro...

— Posso abastecer meu próprio carro. — Ela ri, balançando a cabeça.

— Eu sei que você pode, mas de agora em diante eu vou.

Seus olhos voltam-se para os meus e ela coloca minha mão suavemente em seu colo. — O que mais? — Ela pergunta, genuinamente intrigada agora.

— Orgasmos.

Ela sorri largamente novamente. — Acho que você está contratado.

— Você quer que eu faça um teste para o cargo? — Eu pergunto, sentindo meu corpo aquecer instantaneamente.

Ela morde o lado do lábio, os olhos ardendo enquanto olha para mim, mas balança a cabeça. — Eu preciso terminar aqui.

— É uma oferta permanente, — eu digo, e seus olhos escurecem ainda mais.

Como diabos ela espera que eu sente na cama com ela e não

transe com ela? É uma impossibilidade. Tento lembrar-me, mas não consigo identificar o momento exato em que comecei a me sentir assim. Não importa. A sensação veio para ficar e acho que não posso sentar aqui e não transar com ela. Tento distrair-me olhando para suas mãos, mas seu anel chama minha atenção e quero transar com ela de novo. Jesus. Olho para o moletom Fairview Blaze enorme que ela está usando, mas agora quero saber se ela está nua ou não por baixo dele. Expiro pesadamente e olho em direção ao banheiro.

— O que está errado? — Suas mãos param de mover-se.

— Estou tentando distrair-me para não te foder no meio disso.

Ela ri alto, jogando a cabeça para trás, e eu sinto-me sorrir e rir um pouco.

— Concentre-se apenas no que estou fazendo, — diz ela. — Ou ligue a televisão.

— Não. Estou focado. Estou focado. — Eu curvo meus ombros e respiro. Ela olha para mim, diversão iluminando seus olhos enquanto balança a cabeça. Olho para as mãos dela novamente enquanto ela coloca as bandagens. — Eles te ensinaram como fazer isso na faculdade de medicina?

— Você acredita que eles não fizeram isso?

— Que diabos? — Eu pergunto. — E você é médica?

— Ainda não. — Ela olha para mim. — Estou preparada para meu programa de residência, onde aprenderei coisas essenciais.

— Que tal tirar sangue?

— Eu posso fazer isso.

— E quanto aos IVs?

— Eu também posso fazer isso. — Ela olha para mim. — Eu envolvo meus pulsos e tornozelos desde os treze anos.

— Oh? Você estava em campo, lutando contra pessoas?

Ela ri. — Às vezes eu caía e apoiava-me errado ou socava *o campo*

com muita força depois de uma derrota, e meus tornozelos... bem, isso é óbvio.

— Você deu um soco no “campo” quando perdeu um jogo? — Eu sibilo, afastando minha mão dela quando ela limpa um corte feio que tenho na articulação esquerda do meio.

— Não, ganhamos os jogos. — Ela encontra meus olhos novamente e puxa minha mão de volta. — Geralmente acontecia quando eu perdia um pênalti.

— Você ficava brava o suficiente para dar um soco no gramado porque perdeu um pênalti?

— O campo, — ela diz, parecendo irritada. Eu reprimo uma risada. — E sim, pênaltis são incrivelmente fáceis. Eu não deveria perder isso.

Fico olhando para o topo de sua cabeça por um momento, enquanto ela olha para baixo e coloca novas bandagens em minha mão esquerda. Eu não me importo com o que ela diz, ela foi feita para estar no gramado – campo, como diabos se chama.

— Você é muito competitiva para não jogar, — eu digo.

— Não vou jogar, mas se jogasse, se decidisse fazer um teste para o time profissional, — ela começa, — nunca nos veríamos.

— Claro que nos veríamos.

Sua cabeça levanta-se e ela olha para mim. — Você vai voltar ao gelo antes do início da próxima temporada.

— Digamos que algum milagre aconteça e eu volte ao gelo, — digo. — Eu terminaria na mesma época em que sua temporada começa.

— Como você sabe?

Eu inclino minha cabeça. — Vamos, Lyla James.

— Você é insano. — Ela ri enquanto começa a pegar as bandagens ensanguentadas e a fita adesiva usada. — O que você vai fazer, viajar comigo?

— Isso é exatamente o que faríamos. Você viajará comigo e eu viajarei com você.

— Lach, — ela diz com uma voz que me pede para *ser realista*. Eu não gosto disso.

— Vamos “colocar um alfinete nisso,” — eu digo, sorrindo quando ela revira os olhos.

— Está bem. — Ela sai da cama e vai até o banheiro. Eu levanto-me e a sigo.

Cruzo os braços e encosto-me no batente da porta. — Você falou com seu pai?

Ela olha para o meu reflexo enquanto fecha a torneira e seca as mãos. — Ele mandou uma mensagem.

— E?

— Ele quer que a gente vá até lá.

Ela aproxima-se e fica na minha frente, com as costas apoiadas no outro lado da moldura. Pessoalmente, não quero ver o pai dela de jeito nenhum, mas se ela quiser ir, apoiarei sua decisão e irei com ela.

— Você quer ir?

— EU... — Ela cobre o rosto com as duas mãos e esfrega os olhos. — É complicado.

— Diga-me. — Estendo a mão e gentilmente agarro seus pulsos, tirando as mãos do rosto.

— Não entro em casa desde que minha mãe morreu.

Eu pisco. — De forma alguma?

— De forma alguma. — Ela morde o lábio e desvia o olhar por um momento antes de encontrar meus olhos novamente. — Eu não morava lá naquela época. Depois me mudei para a casa de hóspedes, não porque quisesse estar perto da casa ou do meu pai, mas porquê... — Ela morde o lábio novamente e desvia o olhar. Pego seu rosto e viro para mim.

— Diga-me. — Passo a ponta do polegar sobre sua bochecha.

— Não sei. Eu não poderia mais ficar perto das minhas companheiras de equipe. Elas foram *tão* gentis e apoiaram-me muito, mas eu não poderia fazer isso com elas. Passei uma noite na casa de hóspedes porque precisava fugir, e uma noite durou um ano e meio, e então Marissa convenceu-me a ir para o apartamento.

— E você nunca entrou em casa depois?

Ela balança a cabeça. — Nem por um copo de água. Eu tinha tudo que precisava e o que não tivesse, eu pediria para entregar ou compraria quando fosse e voltasse para a escola.

— Tem certeza de que está pronta para voltar agora?

— Eu estou. — Ela dá um aceno decisivo.

— Porque ele não é mais uma ameaça? — Eu pergunto.

— Porque você estaria comigo, — ela diz calmamente.

Meu peito aperta novamente. Ela estava entorpecida quando a conheci, fechada para todos e, de alguma forma, ela deixou-me entrar. De alguma forma, ela decidiu confiar em mim. *Eu*. Vou passar o resto da minha vida protegendo esta mulher. Mergulho meu rosto e a beijo profundamente, meu coração batendo incontrolavelmente enquanto ela inclina-se para mim. Quando me afasto, encosto minha testa na dela.

— Eu te amo *pra* caralho, — eu respiro.

— Eu sei, — ela diz, e eu afasto-me completamente, só porque ouço o sorriso em sua voz e preciso ver isso, preciso vivenciar isso por mim mesmo. Estou feliz por ter feito isso, porque esse sorriso é tudo.

CAPÍTULO 60

Lyla

Papai está segurando uma bebida na mão quando abre a porta para nós. Ele parece maltrapilho - olhos vermelhos, olheiras escuras e uma camisa desgrenhada. Pego a mão de Lachlan e uno a parte inferior dos nossos dedos para não o machucar. Já é difícil para mim pisar nesta casa, mas será pior se papai começar a chorar de novo.

— Só para que fique claro, — diz Lachlan antes de entrarmos. — Não acho que você mereça um segundo do tempo dela.

— Eu concordo, e é por isso que estou *tão* grato por ela estar aqui. — Papai dá um passo para trás para nos dar espaço.

A princípio, tento manter os olhos na enorme escadaria dupla que passa pelo grande hall de entrada, mas meus olhos desviam-se para o lado de qualquer maneira. Minha respiração fica presa, mas o sofá horrível em que fui atacada não está aqui. Ele o substituiu. Soltei um suspiro e afrouxei o aperto nos dedos de Lach. A casa ainda tem o cheiro característico do produto roxo que as faxineiras usam no chão. Papai fecha a porta atrás de nós e solto a mão de Lachlan enquanto vamos para a cozinha, onde todas as conversas acontecem. Instalamos no espaço de jantar informal.

— Posso pegar uma bebida para vocês? — Papai pergunta, olhando para cada um de nós.

— O que você está bebendo? — Lach pergunta.

— Bourbon.

— Vou querer um pouco de bourbon então.

— Eu quero o mesmo, — eu digo, enquanto papai afasta-se. Sorrio com a diversão nos olhos de Lachlan. — O que? Eu gosto de bourbon.

— Eu não disse nada. — Ele inclina e beija-me suavemente. — Você está bem?

— Eu estou. — Engulo em seco e sussurro: — Ele mudou o sofá.

A expressão de Lach escurece quando ele desvia o olhar. Pego seu rosto em minhas mãos e o trago de volta para o meu.

— Estou bem, — eu digo. — Estou bem porque você está aqui comigo.

Ele estica os braços longos e puxa-me para seu peito duro, enterrando o rosto no meu pescoço. Sinto que desapareço toda vez que ele me abraça. É meu lugar favorito para estar.

— Deus, Lyla James, — ele diz em uma expiração que faz cócegas um pouco. — Você é a pessoa mais forte que conheço.

Papai limpa a garganta e eu afasto, recostando na cadeira. Papai coloca as bebidas na nossa frente e senta-se com a sua. Lachlan pega a minha e toma um gole primeiro. Papai observa com uma carranca no rosto.

— Seu melhor amigo costumava drogá-la antes de estuprá-la, — explica Lach, com a voz dura.

Lanço-lhe um olhar, mas ele não reconhece. O rosto do papai desmorona. Ele cobre quando começa a chorar. Tomamos um gole de nossas bebidas e esperamos que ele se recupere. Ele enxuga o rosto e respira fundo.

— Sinto muito, — diz ele, balançando a cabeça. — Eu sinto muito.

— Obrigada.

— Eu gostaria que você tivesse contado, — ele diz calmamente. — Eu teria acreditado em você.

Aperto minhas mãos debaixo da mesa, lutando com isso. Eu sei que ele está falando sério, mas não tenho certeza se isso teria feito diferença. Mesmo que eu achasse que ele poderia ter acreditado em mim, eu estava com vergonha de falar. Talvez se eu tivesse feito isso,

talvez mamãe ainda estivesse viva. Luke ainda estaria vivo. Eu empurro esses pensamentos de lado. Não posso mudar o que aconteceu.

— Mamãe o pegou, — eu digo, limpando a garganta. — A última vez. Foi assim que aconteceu o acidente. Ele nos tirou da estrada.

— Jesus Cristo. — Papai fecha os olhos e respira fundo. — Ele ficou o tempo todo lá no hospital, de luto comigo. Ele estava no mesmo hospital quando ela deu à luz a você, pelo amor de Deus.

— Ele é um sociopata psicótico, — digo claramente e passo para o assunto que estou realmente interessada em discutir. — Se ele morresse no hospital, eles culpariam Lachlan?

— Seria motivo de debate, mas foi legítima defesa, — diz papai. — Não acho que ele vá morrer, pelo menos não enquanto estiver lá, mas mesmo que morra, eu vou cuidar disso.

— Podemos manter o nome de Lyla fora disso? — Lach pergunta. Meu rosto volta-se para o dele. Ele segura meu olhar. — Eu não quero você envolvida.

— Eu não quero *você* envolvido, — eu digo bruscamente.

— Ele envolveu-me na primeira vez que tocou em você, — diz ele, com os olhos estreitados. — Ele envolveu-me novamente na noite em que nos atacou. Ele envolveu-me quando você me deixou, quando me tirou dos meus contratos e quando tentou estuprar você hoje mais cedo. Confie em mim, estou envolvido, porra.

— Jesus, — papai sussurra à nossa frente. — Que porra é essa.

— Pare, — coloco minhas mãos nos antebraços de Lachlan quando sinto sua raiva aumentando. Seus músculos flexionam sob meu aperto. Espero que sua raiva se dissipe, pelo menos um pouco. — Respire.

Ele engole em seco, seus músculos flexionando novamente antes de fazer isso. Volto-me para meu pai.

— Ele também matou Luke, — eu digo.

— O QUE? — Os olhos do papai arregalam-se ainda mais. — Como?

— Luke disse a ele que ia à polícia, então Jameson atirou nele e encenou tudo para parecer suicídio, — digo. — O que não aconteceu. Luke nem estava no chão quando o encontrei.

— Porra, Lyla. — Parece que papai vai vomitar, mas consegue respirar. — Você tem suportado tudo isso sozinha? Todo esse tempo?

— Não, Marissa e Pres sabiam. Fiquei *tão* desapegada depois de um tempo que não conseguia sentir nada, — digo. — Foi a única maneira de sobreviver.

— Sinto muito, — ele diz novamente.

— Eu te perdoo, — eu digo. — Para mim chega. Tudo isso. Só preciso ter certeza de que Lachlan não será acusado de nada.

— Ele não será, — papai diz instantaneamente. — Se chegar a esse ponto, eu cuido disso, — diz ele novamente, tomando um gole de sua bebida e olhando para a mesa. — Os pais de Luke ainda estão *tão* arrasados com isso, — ele sussurra. — Compreensivelmente. Ainda estou chateado por causa da sua mãe.

Deixei escapar uma risada. — O que aconteceu com Marie? Ela não estava ajudando com isso?

— Ela se foi. — Os olhos do papai brilham. — E sim, eu cedi e cedi aos avanços dela. Eu estava fodido e Marie estava sempre lá. Isso não significa que ela tirou minha dor ou substituiu sua mãe. Nada pode fazer isso.

— Mesmo assim, ela estava lá. — Franzo os lábios e desvio o olhar. — Antes, durante e depois.

— Isso é besteira, Lyla, — papai grita, batendo na mesa com o punho.

— Cuidado, — diz Lach, com a voz baixa e ameaçadora. Agarro a barra de sua camisa para que ele não fique de pé. Seus joelhos começam a saltar. — Não fale assim com ela, — ele grita.

— Sinto muito, mas isso é besteira, — diz papai, com a voz mais baixa enquanto seu queixo treme. — Sua mãe e eu tivemos nossos problemas quando éramos muito mais jovens. Eu não tive um caso com Marie. Ela estava sempre por perto ajudando nas campanhas, mas sua mãe estava sempre lá e ela sabia que eu não estaria.

— Bem, acho que se ela sempre esteve lá, sua intuição provavelmente estava certa, — digo.

— Isso não significa que eu a traí.

— Tanto faz. Isso nem importa, — murmuro.

— Marie se foi. Quando você saiu, eu.... — Ele balança a cabeça, os olhos lacrimejando novamente. — Eu perdi isso. Não pude suportar o fato de ter perdido você e sua mãe. Desisti do meu cargo de prefeito. Eu disse a Marie para se foder. Por um ano, fiquei sentado aqui. — Ele para de falar, a raiva brilhando em seus olhos. — David foi o único que conseguiu falar comigo.

Ele continua: — Fiquei com o coração partido quando você não se despediu e, pior ainda, quando liguei para você e seu telefone foi desligado. Prescott me disse que você estava bem e eu fiz de tudo para fazê-lo falar, mas ele não quis. Tentei fazer com que ele fosse seguido para ver se conseguia encontrar você, mas não tive sucesso. Ele zomba. — Agora estou grato por isso, pois teria levado David até você. — Ele bate os dois punhos sobre a mesa. — Aquele filho da puta.

— Você não teria me encontrado, — eu digo. — Mudei meu nome e mudei-me para Rodes.

As sobrancelhas do papai se contraem. — Realmente?

— Sim.

— Você vai ficar aqui agora... — Ele engole. — Agora que é seguro?

— Eu não tenho certeza. Provavelmente. — Eu dou de ombros.

— Realmente? — Ele pergunta, sua voz pingando de descrença.

— Realmente. — Eu rio. — É uma cidade de verdade, você sabe.

Está crescendo muito rapidamente. É uma cidade com cara de cidade pequena. É fofa. Eu amo.

— Sim, ouvi dizer que muitas pessoas estão mudando-se para lá, — diz ele e olha para Lachlan. — Você vai se mudar para lá?

— Eu vou aonde ela for, — diz ele, colocando uma mão enfaixada sobre a minha. — Ainda não decidimos onde vamos morar.

Ocorre-me que temos muitas coisas importantes para discutir. Não estou preocupada com nada disso, mas ainda são decisões que precisamos tomar juntos.

— O que você está fazendo agora que não é mais prefeito? — Eu pergunto.

— Estou focado apenas nas concessionárias de automóveis. Alguns imóveis, — diz ele. — Coisas que me mantêm ocupado, mas não dependem de mim para tomar decisões que mudem minha vida.

— Isso é bom, — eu digo e falo sério. Tomo um grande gole do meu bourbon e tento não recuar quando ele queima minha garganta.

— Então, você vai se casar, — diz papai.

— Sim.

— Muito legal. — Ele sorri com seu sorriso genuíno, não o sorriso que ele tem no rosto há nove anos. — Parabéns.

— Obrigado, — Lach e eu dizemos em uníssono.

Eu provavelmente deveria aproveitar esta oportunidade para convidá-lo para o casamento. Eu adoro segundas chances e sei que depois dessa conversa vou deixá-lo voltar à minha vida. Não sei até que ponto, mas sei que o quero nisso. Mas não tenho certeza de como sinto-me por ele estar no casamento. Ou como ele se sentirá por estar lá e não me levar até o altar. Acho que vai doer para nós dois se ele não fizer isso, mas não sei se quero dar a ele o privilégio de fazer isso. Tomo outro gole do meu bourbon e tomo uma decisão.

— Prescott está levando-me até o altar, — eu digo. — Eu... se você quiser estar lá, eu... — Limpo a garganta. — Eu adoraria ter você

lá, mas não sei como você se sentiria se sentasse na plateia e não me levasse até o altar. — Baixo meu olhar por um momento. — Eu não sei como me sentiria se você estivesse lá e não me levasse até o altar, apesar de tudo, mas...

— Mas você não tem certeza se quer que eu faça isso, — diz ele. — Isso é justo. Eu entendo que perdi esse privilégio há muito tempo. E sim, acho que vai doer ver alguém acompanhando você. Ele faz uma pausa, lágrimas enchendo seus olhos. — Mas vai doer mais se eu não estiver lá no dia em que minha filha se casar.

Minha mãe também não estará lá. A emoção toma conta de mim rapidamente, alojando-se na minha garganta. Já sei que não vou conseguir conter as lágrimas, então viro meu rosto para Lachlan, na tentativa de esconder. Ele puxa-me para ele, seu grande corpo protegendo-me de tudo. Não é como se meu pai não soubesse que estou chorando, mas simplesmente não estou acostumada a chorar na frente de ninguém. Talvez um dia eu chegue lá. Hoje não. Fungo contra a camiseta de Lach enquanto suas mãos movem-se suavemente para cima e para baixo nas minhas costas.

— Eu tenho você, querida. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Você está bem.

Engulo e respiro fundo algumas vezes, enxugando o rosto enquanto afasto-me. Antes de voltar para meu pai, Lach inclina meu rosto e dá um beijo em meus lábios. É casto, sem língua nem nada, mas ainda é estranho fazer isso na frente do meu pai. Este é o homem que nem concordou em deixar Luke ser meu namorado oficial até o primeiro ano. É claro que ele não sabia que exatamente aquilo que ele estava tentando evitar estava acontecendo bem debaixo do seu teto, sem o seu conhecimento – e sem o meu. Lach continua segurando meu rosto. Ele tem a mesma expressão da primeira vez que chorei na frente dele. Compaixão, compreensão, amor. Eu sorrio para ele e mesmo que ele não retribua meu sorriso, seus olhos brilham. Volto-me para meu pai e o encontro sorrindo com orgulho. Não me lembro da última vez que vi *aquela* sorriso no rosto dele. Minha formatura do ensino médio, talvez.

— Então, quando é o casamento? — Ele pergunta, ainda sorrindo.

— Uma semana, — eu digo, rindo da expressão em seu rosto.

— Onde? — Papai pergunta.

— Chicago. Eu sei que é de última hora, mas decidimos ontem à noite. É uma história muuuito longa e não, não estou grávida. Você pode estar lá?

— Claro. — Papai sorri suavemente. — Eu não perderia isso por nada no mundo.

Continuamos conversando. Conto a ele sobre a faculdade de medicina e o Tackle Sports Center. Ele conta-me o que está acontecendo em nossa vizinhança e no clube de campo. Mostro a Lach meu antigo quarto, que não vejo há anos. Sua curiosidade é a única razão pela qual o trouxe aqui. Está limpo e parece exatamente como eu o deixei, o que é uma merda por si só.

Quando estamos saindo, dou um abraço apertado e um beijo em papai e digo que o verei em breve. Ele parece surpreso com meu gesto, mas abre um grande sorriso quando me afasto completamente. Ele vira-se e abraça Lachlan. Seus olhos estão cheios de lágrimas novamente enquanto ele dá um tapinha nas costas dele.

— Não vejo minha filha sorrir, — ele começa, engolindo em seco, — ou demonstrar qualquer tipo de emoção há anos. Posso ver o amor entre vocês dois e estou feliz que vocês se encontraram. — Ele limpa a garganta. — Eu sei que tenho sido um pai de merda, mas se você a machucar, eu mato você.

— Entendido. — Os lábios de Lach curvam-se em um pequeno sorriso. — Não estou preocupado com isso. Eu nunca arriscaria perdê-la.

Quando saímos de lá, sinto-me mais leve e sei que aquela conversa precisava acontecer. Deveria ter acontecido anos atrás.

CAPÍTULO 61

Lachlan

Levanto os olhos do e-mail que estou digitando quando Liam invade meu escritório, respirando com dificuldade, como se tivesse subido três lances de escada em vez do elevador.

— Que porra é essa, Lee?

— Você já olhou sua agenda? — Ele pergunta, caminhando rapidamente.

— Merda, esqueci uma reunião? — Abro minha agenda e olho para ela. Tenho três teleconferências configuradas. Já passei por duas delas. Olho para Liam novamente. — O que estou olhando?

— Então você não sabia, — diz ele, assumindo o controle do mouse e clicando em diversas coisas na tela.

— Não sabia o quê?

— Você sabe onde Lyla está agora? — Ele olha para mim por cima do ombro e clica em outra coisa.

Meu coração afunda. — Aconteceu alguma coisa?

Recebemos ontem a notícia de que David Jameson provavelmente ficaria em coma pelo resto da vida, e seus entes queridos decidiram desligar o aparelho e deixá-lo ir. Eu sei que deveria sentir remorso por ser a causa disso, mas não sinto. Ele machucou Lyla de maneiras que ainda não consigo imaginar. Ele machucou outras pessoas, de acordo com a confissão que obtivemos do microfone de Lyla. A única coisa que lamento é que ele não estava vivo para ver essa queda e ver seu próprio povo se voltar contra ele quando descobriram que monstro ele realmente era.

— Não. Não é sobre isso, — diz Liam.

— Bem, então ela está comprando um vestido de noiva agora.

— Ela não está.

Estou tentando não entrar em pânico, mas Liam não age dessa maneira, a menos que esteja pirando ou saiba que vou pirar. Ela definitivamente não está em perigo, então não pode ser isso. *Ela foi embora?* Ela não faria isso. *Certo?* Não, ela não faria isso. Eu sei que ela não faria isso. Quando saí do apartamento esta manhã, ela estava perfeitamente feliz. Eu olho para a hora. Só estou aqui há quatro horas. O que diabos poderia ter acontecido em quatro horas? Bastante. Essa é a resposta.

— Liam, que porra é essa? Fale já.

Ele sai do caminho para que eu possa ver. É a agenda do meu pai e lá está a porra do nome da Lyla James bloqueando duas horas do dia. Fico paralisado por um momento, olhando para o nome dela e para o do meu pai, como se um deles fosse mudar para algo que faça sentido. Que porra é essa?

— Ela está aqui há uma hora? — Empurro minha cadeira para trás e levanto-me rapidamente.

— Sim, — ele diz.

— Como diabos você acabou de descobrir?

— Porque eu não a persigo, — ele diz atrás de mim enquanto segue-me para fora do escritório. — Você acha que papai ligou para ela? Você acha que ele está fazendo ela assinar mais papéis? Você acha que...

— Não sei o que pensar, — respondo.

Ficamos do lado de fora do escritório do nosso pai por um momento, olhando um para o outro. Nunca invadimos lá, mas há uma primeira vez para tudo. Abro a porta e paro *tão* rápido que Liam bate em mim. Lyla, minha mãe e Prescott estão sentados em frente ao meu pai, todos sorrindo. Eles têm taças de champanhe na frente deles como se este fosse um maldito brunch de fim de semana. Seus sorrisos desaparecem quando me veem. Nunca fui eu quem ficou sem convite

para festas quando era mais jovem, mas entendo como é agora.

Lyla levanta-se imediatamente enquanto eu avanço em direção a eles. Paro no meio do passo enquanto a observo completamente. Ela está usando saltos pretos e um vestido bege que passa dos joelhos, mas moldado a cada uma de suas curvas. Porra. Eu a teria contratado na hora se ela não fosse minha e tivesse aparecido vestida assim para uma entrevista de emprego. *Ou não*, pois isso definitivamente terminaria em uma reclamação de RH. Sinto a tensão na sala aumentando enquanto a observo e lembro por que estou aqui.

— Que porra está acontecendo? — Diminuo a distância entre nós e olho para Prescott, que parece divertido, o que me irrita ainda mais.

— Acabamos de encerrar uma reunião, — minha noiva diz simplesmente.

— Por que Prescott está aqui? — Eu olho para ele novamente.

— Porque ele é meu advogado, — diz ela, respondendo por ele.

O filho da puta inclina-se e pega sua taça de champanhe da mesa do meu pai e começa a bebericar. *Ah, eu vou matá-lo*. Ele foi meu braço direito por quatro anos, meu executor, meu garoto. Isso não significa nada para ele?

— Porquê você está aqui? — Olho para minha mãe, que parece preocupada.

Ela provavelmente pensa que vou causar uma grande cena e começar a virar e quebrar merdas. O veredicto ainda não foi divulgado sobre isso.

— Porque estávamos comprando vestidos e ela perguntou se eu queria ir junto, — ela responde.

Meus olhos se estreitam. — Por que o champanhe?

— Porque está tudo preparado para o casamento e encontrei um vestido, — diz Lyla.

Estreito os olhos para todos e pouso em meu pai. — É disso que se trata a reunião de DUAS HORAS?

— Não vou me envolver, — diz ele, levantando as mãos.

— Minha esposa está sentada em seu escritório. — Eu estalo. — Você já está envolvido.

— Sua noiva, — ele diz com um sorriso.

Oh-ho-ho. Vou para a cadeia hoje.

Tento concentrar-me na respiração e olho para Lyla novamente, já que ela é a única neste escritório que não posso matar, mesmo que seja culpa dela todos estarem aqui.

— Isso é realmente sobre o casamento? — Eu pergunto o mais calmamente que posso.

— É parcialmente sobre o casamento, sim, — diz ela.

Parcialmente? Eu viro-me momentaneamente, afundando os dedos no cabelo, exalando frustração, e viro-me para ela. — Por que você não me disse que estava aqui?

— Porque eu sabia que você viria aqui e tentaria assumir o controle de tudo.

Eu faço uma careta. — Não, eu não faria isso.

— Realmente? — Ela lança-me um olhar.

Uma onda de risadinhas espalha-se pela sala e sinto minha raiva aumentando. Lanço novamente um olhar intenso para cada pessoa, já que o primeiro não pareceu funcionar. Envolver minha mão no pulso de Lyla e a afastar do grupo. O escritório é enorme, mas não é grande o suficiente para nos proporcionar privacidade suficiente. E não posso levar isso para o corredor e arriscar que os funcionários nos ouçam discutir. Solto a mão dela quando sinto que estamos a uma boa distância.

— Por que você precisa do “seu advogado?” — Eu pergunto, citando o ar enquanto olho para Prescott novamente. Ele está bebendo e digitando no telefone com a mão livre.

— Eu queria revisar o contrato que você me fez assinar cegamente naquela noite.

— E você teve que fazer isso hoje? — Eu pergunto. — Um dia antes do nosso casamento?

Meu coração afunda. Que diabos isso significa? Ela não pode ir embora. Eu não posso perdê-la novamente. A parte racional de mim sabe que ela não irá embora. Mas a criança irritada e emotiva dentro de mim está com medo de que isso aconteça. Ela significa mais para mim do que qualquer pessoa no mundo. Se ela fizer isso, isso vai me esmagar. Ela levanta as mãos para acariciar meu rosto. Meus olhos fecharam-se instintivamente. Sou viciado em tudo que ela faz comigo, e ela sabe disso. Agarro seus pulsos e tiro suas mãos do meu rosto.

— Sim, precisava ser hoje, — ela diz simplesmente.

— Você mudou alguma coisa? — Pergunto, examinando seu rosto.

— Algumas coisas, sim.

— Que coisas?

— Algumas coisas eu não gostei. Também acrescentei algumas estipulações, — diz ela, como se isso fosse uma explicação melhor.

— O que... coisas? — Eu cerro os dentes. Ela levanta uma sobrancelha para mim. Eu ignoro isso. Foda-se isso. — Que coisas, Lyla James?

Ela encara-me por um momento – aquele olhar dela que não revela nada, aquele que ela nunca usa comigo, aquele que eu odeio mais do que tudo. Depois de um momento, uma carranca profunda e preocupada aparece em seu rosto. Quase rio. *Ela está* preocupada?

— Eu nunca te abandonaria, — ela diz baixinho quando finalmente fala. — Você sabe disso, certo?

Ah, porra. Meu peito aperta com força. Tento desviar o olhar, mas ela agarra meu rosto. Fechei os olhos. Não é como se eu não tivesse problemas de abandono antes dela. Não preciso de um terapeuta para confirmar isso - embora um tenha precisado, quando a minha raiva se tornou um problema em casa. É uma das muitas razões pelas quais nunca deixei ninguém entrar. E não deixei apenas Lyla entrar. Claro

que não. Assim como ela, não posso fazer nada pela metade. Eu permiti que ela me consumisse de uma forma que nunca pensei ser possível. Lembro-me mais uma vez que ela não vai me deixar, mas a incerteza aumenta de qualquer maneira.

— Abra os olhos, baby, — ela sussurra, e foda-se, quando ela diz isso... respiro fundo, abro os olhos e a encontro olhando-me com o tipo de amor que reserva apenas para mim. — Eu te amo muito. Assim tanto.

— Eu sei que você ama, — murmuro baixinho. — Mas você ainda pode me deixar.

— Lachlan Duque. — Ela abaixa as mãos, uma expressão divertida no rosto. — Qualquer contrato assinado, casamento ou não, não me vinculará a você se eu quisesse deixá-lo ou vice-versa.

— Eu nunca deixaria você, — rosno baixinho.

Seus olhos aquecem instantaneamente e dane-se. Agora preciso transar com ela. Ela cruza os braços, o calor ainda em seus olhos, mas ela é muito melhor em conter o desejo do que eu.

— Apenas me diga o que você adicionou, — eu digo baixinho, minha voz mais suave.

— Fique aqui, — ela diz e vai embora.

Eu a vejo ir até Prescott e dizer alguma coisa. Minha mãe, meu pai e agora Liam, que se juntou à festa como um PORRA DE TRAIADOR, estão bebendo champanhe e olhando para mim como se eu estivesse agindo como um louco. Minha esposa está tomando decisões importantes sem mim e eles estão apenas sentados ali, ajudando-a. Lyla volta com papéis nas mãos e os entrega para mim.

— Podemos ir ao seu escritório? — Ela pergunta.

Meu coração afunda. Ela quer mais privacidade. Eu simplesmente aceno com a cabeça. Ela vira-se e diz que já volta, e então saímos. Eu a sigo, com os papéis na mão direita e o coração na garganta. Uma vez dentro do meu escritório, ela fecha a porta atrás de nós e caminha até o sofá. Eu sigo e sento ao lado dela.

— Pedi que não escrevessem em jurídiquês, — diz ela, parecendo divertida com isso.

Talvez eu também me divertisse se não estivesse *tão* nervoso com o que poderia encontrar. As primeiras páginas parecem iguais, mas o que eu sei? Eu também não sei o idioma jurídico. Eu apenas olhei para contratos de mercadorias e hóquei e, então, só estou interessado principalmente no período de tempo com o qual estou comprometendo-me e em quantos zeros estarão no cheque. Eu continuo virando. Que tipo de idiota arrogante e pretensioso decidi que os contratos deveriam ter mais de uma página? Finalmente, encontro coisas novas na última página. Ela não estava brincando quando disse que os fez escrever em português simples.

*Lyla James Marichal concorda em renunciar ao direito ao dinheiro que lhe é devido por seu casamento com Lachlan James Duke. *A quantia de dois milhões de dólares será doada a clínicas femininas e hospitais necessitados.*

Lyla James Marichal concorda em colocar suas ações da Duke Tech Enterprises em uma conta para quaisquer futuros filhos que ela tenha enquanto for casada com Lachlan James Duke. A conta permanecerá intacta até que seus filhos completem vinte e cinco anos (não casados!!!!).

Essa parte me faz rir um pouco.

Lyla James Marichal concorda em fornecer seus serviços médicos a qualquer veterano empregado pela Duke Tech Enterprises pelos próximos três anos (pelo menos) durante e após sua residência, desde que ela seja capaz. Em troca, o contrato de Lachlan James Duke com a Duke Tech Enterprises é nulo e deixado pendente, mediante acordo de que Lachlan James Duke renuncie às suas funções na Duke Tech Enterprises pelos próximos três anos (pelo menos).

Lyla limpa a garganta. — Você ainda receberá sua herança, já que nos casaremos.

Mantenho os olhos no papel. Não consigo lembrar-me da última vez que chorei. Provavelmente quando eu era criança e meu pai não apareceu para alguma coisa. Tenho quase certeza de que estou

chorando agora, se as gotas molhadas no contrato servirem de indicação. Respiro fundo e limpo o rosto. Pedi ao meu advogado que analisasse o contrato que assinei com a Duke Tech pela segunda vez e ele disse que era rígido e quase impossível de rescindir.

Ele sugeriu que eu falasse com meu pai, mas eu não tinha descoberto uma maneira de fazer isso sem sentir-me um bastardo ingrato. Duke Tech foi a única razão pela qual encontrei Lyla. Não há como eu retribuir isso a ele. É por isso que fiz as pazes em não voltar para a liga. Eu a escolho em vez do hóquei em qualquer dia. Diariamente. Maldita Lyla. Eu li novamente. Ela concordou em trabalhar para Duke quando chamada. Ela perdeu todo o dinheiro que poderia ter usado para pagar sua dívida, por mim. Claro, vou pagar por ela, mas esse não é o ponto.

Minha mãe ama-me, meu irmão ama-me, meu pai afirma que me ama, mas nenhum deles jamais fez algo que chegasse perto disso. Não tenho certeza de que o fariam, se estivessem nesta situação. Lyla aproxima-se e coloca a mão na minha. Abaixo o contrato e olho para ela. Ela sorri, mas começa a lutar contra as próprias lágrimas quando vê aquelas transbordando em meus olhos. Abro os braços e ela se lança sobre mim, como fez com Banks outro dia. Eu a puxo para meus braços. Nós nos abraçamos até ela afastar-se. Respiro fundo e ela enxuga o rosto novamente.

— Esta é uma negociação terrível. — Eu engulo. — Você não ganha nada com isso.

— Eu entendo você. Posso ver você fazer o que deveria fazer, — diz ela, e porra, posso começar a chorar de novo. Eu não choro. Respiro fundo, e depois de novo, e consigo manter a compostura.

— Lyla.

— É o melhor contrato que já assinei, — diz ela.

— Mas futebol...

— Diz “desde que ela seja capaz,” por uma razão. — Ela sorri com um encolher de ombros. — Tenho quase certeza de que o navio

partiu, mas só para garantir.

— Porra, Lyla.

— Você não vai brigar comigo por causa disso, — diz ela, novamente séria.

— Acho que não venceria, mesmo que tentasse. — Eu rio da verdade em minhas palavras.

Ela beija-me de novo, um beijo profundo que sinto instantaneamente na calça.

— Por que você está usando isso? — Aperto seus quadris e gemo contra sua boca.

— Porque fica bem em mim.

— Bem demais.

Ela me dá mais um beijo e levanta-se. Meus olhos traçam seu corpo desde a bainha da saia até seus lindos olhos.

— Tira...

— Não, — ela diz rapidamente antes de eu terminar a frase. Ela recua ainda mais rápido, até chegar à porta.

— Não? — Jogo os papéis de lado e levanto-me. — Venha aqui.

— Lachlan Duke, não estou brincando, — diz ela, com sua voz séria que me excita ainda mais.

Eu gemo. — Serei rápido.

— Eles estão esperando por nós, — diz ela, mas o fogo em seus olhos me diz que ela quer isso tanto quanto eu. — Voltaremos depois da reunião.

Eu respiro. — Está bem.

— Ainda acho que minha noiva deveria ter me consultado, — digo quando voltamos ao escritório do meu pai. — Mas eu entendo por que ela não me consultou. Só para constar, ainda acho que todos vocês são idiotas, — digo, e olho para minha mãe. — Exceto você,

mãe.

Ela ri. — Bem, acho que devemos ir embora para que você possa fazer as malas, — ela diz para Lyla.

— As malas para quê? — Eu pergunto. — Não vamos todos jantar esta noite?

— Claro, — diz minha mãe.

— Vamos nos casar amanhã, o que significa que não dormiremos juntos esta noite, — diz Lyla, com um brilho nos olhos.

Eu pisco. — O que? Por que?

— É tradição, — diz mamãe.

— Foda-se a tradição, — eu digo. — Não vou passar uma noite longe de você.

— É uma noite, — diz Prescott.

Eu olho para ele. — Eu não ligo.

Ela revira os olhos. — Está bem. Eu irei para o segundo andar então.

— Minha cama. — Abaixo meu rosto e chupo seu lábio em minha boca. — Nossa cama. Isso não está em negociação.

Ela ri. — Talvez Pres queira levar você para um clube de strip ou algo assim. Isso tudo foi *tão* rápido que você não teve uma despedida de solteiro.

— Eu não preciso de uma despedida de solteiro. — Eu zombei. Minha vida inteira foi uma maldita despedida de solteiro.

— Talvez ela queira ir a um clube de strip masculino, — diz Liam.

Meus olhos voltam-se para os dela. — Você quer?

— Você vai ser um dos strippers? — Ela pergunta.

— Se você for, eu terei que ser.

Ela ri junto com todos os outros, mas estou muito perdido no som

dela para prestar atenção em mais alguém.

CAPÍTULO 62

Lachlan

Henry Duke tem influência suficiente para conseguir um oficial, alugar o telhado de um restaurante popular e prepará-lo para uma cerimônia de casamento - completo com grama falsa, cadeiras e um belo arco de flores em menos de vinte e quatro horas. Estou parado na frente do belo arco agora. Por causa do meu pai, eles conseguiram planejar tudo isso em menos de uma semana. Devo dizer que estou muito impressionado. O único contratempo foi que o restaurante só nos deixou alugar o local até às cinco horas, já que têm de o abrir ao público para jantar. Meu pai estava disposto a pagar tudo o que pedissem para cobrir o custo do jantar, mas Lyla surtou quando ele disse isso, então ele não o fez. Ele já fez o suficiente. Além disso, cinco horas é perfeito. Ainda nem vi Lyla e já estou morrendo de vontade de levá-la embora.

Mas não posso. Eu preciso deixá-la aproveitar isso. Ela escolheu as cores e a música e apontou para as coisas do cardápio que minha mãe mostrou a ela. Ela falou das coisas para Marissa - não para mim. Contanto que ela esteja feliz, eu realmente não me importo. Ela poderia ter escolhido uma estação de metrô suja para se casar e eu teria concordado. O início dun-dun-dun-dun de “Back That Azz Up” começa a explodir nos alto-falantes quando a porta se abre, e estou meio que me arrependendo de não ter compartilhado minha opinião sobre a música.

Alguns de nossos convidados olham em volta confusos. Atrás de mim, o oficial começa a esconder a risada com uma tosse. Banks, Mason, Nolan, Logan e Mae caíram na gargalhada dos assentos, e quando Marissa e Liam saíram, eles estavam sorrindo largamente e balançando a cabeça. Minha mãe, meu pai, o pai de Lyla, os pais de Marissa e meu agente não têm ideia do que está acontecendo.

Felizmente, a música para antes do rap começar, mas tenho certeza de que o fotógrafo tirou muitas fotos da confusão e da diversão em nossos rostos. Deixe isso para Lyla...

A porta abre-se novamente e ela grita: “SÓ BRINCADEIRA!”

Essa maldita garota. Olho para a multidão novamente, balançando a cabeça, enquanto rio junto com eles. É uma multidão maior do que pensávamos. Mantivemos amigos íntimos. É certo que a maioria são meus amigos, mas Lyla conheceu os três que ela não conhecia ontem à noite no jantar, e eles imediatamente se deram bem. Quando ela viu Nolan, ela lançou-lhe um olhar acusatório por mexer com ela no jogo final da faculdade. Ele passou pelo menos quinze minutos tentando irritar-me flertando com ela. Ele irritou-me, mas eu fingi que não me importava.

Eu adoraria estender um convite a Cooper e ao Idiota Wade. Eles teriam recebido tratamento VIP, assentos na primeira fila para vê-la se casar comigo. Eu sorrio com meus pensamentos mesquinhos. Esses caras são irrelevantes agora que ela é oficialmente minha. Além disso, já criei uma conta no IG para Lyla, solicitei amizade e postei duas fotos nossas juntas. Terei que contar a ela sobre o relato mais tarde, para que ela possa ouvir isso de mim e não deles.

Uma música de Bruno Mars sobre casamentos substitui o rap, e parte de mim espera que Liam e Marissa entrem em um daqueles flash mobs que vi online. Eles não entram. Eles estão jogando pétalas de rosa no chão enquanto caminham, já que estão desempenhando os papéis de dama de honra, padrinho e florista, tudo em um.

Ao chegarem ao altar, Ed Sheeran substitui a música por Thinking Out Loud. Essa música eu ouvi; Mamãe está obcecada por Ed Sheeran. Olho para ela; com certeza, ela já está chorando muito. O pai de Lyla, que aponta o telefone na direção da porta, vira-se para conseguir um ângulo melhor. A porta abre e Prescott sai, oferecendo o braço para Lyla. Quando a vejo, paro de respirar. Aquela sensação de ver o disco voando em direção ao gol passa por mim. Acho que não vou chorar, mas a emoção pesa em meu peito e garganta enquanto a vejo

caminhar em minha direção, segurando um buquê de gardêneas. Ela é sempre a pessoa mais bonita da sala, mas isso é justo...uau. Seu cabelo castanho está solto em ondas, e ela está usando um vestido branco sem mangas que só posso descrever como esbelto. Tem um corte profundo entre os seios, abraça o corpo por cima e expande-se na cintura. A parte inferior é um material fino que tenho certeza que seria transparente se não estivesse sobreposto a um milhão de camadas do mesmo tecido. Eu não sei que porra é essa. Eu não ligo. Vou arrancá-lo assim que deixarmos este lugar.

Ela olha para mim e sorri quando Ed Sheeran diz algo sobre uma queda violenta aos vinte e três anos. A emoção na minha garganta fica mais difícil de engolir. Ela começa a andar e para novamente quando chega ao pai, estendendo a mão para ele segurar. Ele hesita, como um cervo apanhado pelos faróis. Estou chocado com esse movimento e tenho certeza de que ele está dez vezes mais chocado com isso. Ele levanta-se e ela segura seu braço, caminhando em minha direção com ele e Prescott ao seu lado. O pai dela enxuga o rosto. Prescott enxuga o rosto. Esses filhos da puta vão fazer-me chorar.

A música desaparece quando eles me alcançam. Prescott a solta e me dá um abraço apertado que retribuo. Cheio de amor e gratidão, porque ele tem sido um bom amigo. Mesmo que eu odiasse que ele me avisasse sobre ela e não me dissesse onde ela estava, ele a manteve segura todos esses anos, e eu nunca poderei retribuir por isso. Seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas enquanto ele se solta. O pai dela abraça-me em seguida, dando-me tapinhas nas costas. Quando os dois vão embora, respiro fundo e limpo o rosto para ter certeza de que não estou chorando. Estou surpreso ao descobrir que não estou. Pelo menos não visivelmente. Lyla sorri enquanto me dá a mão. É preciso tudo de mim para não a puxar contra mim, agora. É preciso ainda mais esforço para não a beijar.

Quando chegamos aos votos, paro o oficial e digo-lhe que vou falar por conta própria. Limpo a garganta e olho em seus lindos olhos.

— Você é, de longe, a pessoa mais difícil que já conheci em toda a minha vida. Você excluiu-me repetidamente. Você fez-me persegui-

la, o que é ridículo, — digo, fazendo uma careta que faz todo mundo rir. — Você foi rude, cruel, reservada...

— Ok, — Lyla interrompe, apertando levemente as pontas das minhas mãos enfaixadas. — Acho que precisamos revisar como deveriam ser os votos de casamento.

Todos riem de novo.

Eu continuo: — Mas então você deixou-me *entrar*. Mesmo depois de saber qual era a minha reputação, você deu-me uma chance. Você é a pessoa mais altruísta, corajosa e amorosa que conheço. E você é engraçada *pra* caralho. Você rapidamente tornou-se minha pessoa favorita no planeta e eu fiquei viciado em você. Eu estou apaixonado por você. Estou *obcecado* por você. Prometo fazer tudo ao meu alcance para mantê-la feliz, para que você possa ser minha para sempre.

Ela pisca rapidamente e ergue a mão para enxugar os olhos antes que as lágrimas caiam. Ela engole e respira fundo.

— Quando conheci sua mãe, ela disse-me que o amor não tem lógica. Você é a razão pela qual acredito nisso. Você é implacável, irritante, arrogante, possessivo e, sem dúvida, a pessoa mais louca que já conheci na minha vida. Ela levanta uma sobrançelha quando eu faço uma careta. — Mas você faz-me sentir segura, querida, amada e desejada. Eu andei completamente entorpecida com tudo antes de você aparecer e fazer-me sentir. Você entende-me de maneiras que não consigo explicar. Você arruinou-me para qualquer outra pessoa. Você é meu melhor amigo, meu marido, meu tudo, para sempre.

Porra. Respiro fundo e engulo em seco.

Trocamos alianças e finalmente - finalmente - ele diz para beijar minha noiva. Eu a levanto em meus braços e bato meus lábios contra os dela. Ela leva as mãos ao meu cabelo e afunda os dedos nele. As flores que Marissa entregou-lhe há alguns segundos caem. O mundo desaparece, substituído por um mundo onde existe apenas Lyla James. Comigo e só eu, claro. Ela se afasta um pouco com um sorriso enorme – meu, só meu, e talvez dos nossos filhos, se tivermos algum no futuro, mas é isso.

— Você fode-me, Lyla James, — levo minha testa até a dela. —
Você fode-me.

Isso a faz começar a rir e chorar. Eu a beijo repetidamente até
minha mãe rir e gritar na multidão que preciso parar.

EPÍLOGO

Lachlan

Fitz está carregando seu filho pequeno enquanto patina em nossa direção. Eles usam camisetas combinando, como sempre. Will comemorou seu primeiro aniversário recentemente e tenho certeza de que sua coleção de camisetas já rivaliza com a de seu pai.

— Diga oi para seus tios, Will, — diz Fitz, parando na nossa frente.

— Ei, — Will diz, sorrindo enquanto estende seu pequeno punho para nós batermos.

— Você é um cara *tão* inteligente, Will, — eu digo.

— Ele está certo? — Fitz abre um grande sorriso e beija a bochecha do filho.

— Ok, entregue-o, — diz Nolan, largando o taco e tirando-o de Fitz. — Por que você está vestindo a camisa dele de novo? Você deveria torcer por mim.

Will ri alto quando Nolan dá uma volta rápida com ele. Ele é *tão* fofo. Deixo cair o bastão na minha mão e abro os braços para Will, que gosta de alternar entre nós três como se fosse uma batata quente. Eu nunca tinha segurado um bebê antes deste. Eu nem gostava de bebês antes deste. Ainda não tenho certeza se sim, mas amo Will e sei que amarei o meu. Como Fitz e eu jogamos no mesmo time, vi Will em todas as fases. É muito legal, mas me dá vontade de começar minha própria família com Lyla.

Se dependesse de mim, já teríamos feito isso, mas esta será apenas a terceira temporada dela jogando futebol profissional, e não quero ser a razão pela qual ela pendura as chuteiras. Ultimamente, ela tem reclamado de todas as viagens, o que eu percebo. Nunca estamos

em casa e, quando estamos, não parece uma grande pausa com todos os eventos que ainda temos que participar. Lyla diz que está satisfeita com os anos que jogou e quer voltar à medicina esportiva. Acho que ela só está falando sobre isso porque estou aposentando-me depois do campeonato neste verão. Para sempre desta vez. Adoro hóquei, mas começou a afetar meu corpo e não quero ser um daqueles pais que não pode correr com os filhos por causa de problemas nas costas. Fitz e Nolan estão no mesmo barco. Vamos ganhar outra Stanley Cup juntos este ano e depois ir embora. Tenho certeza que vou sentir muita falta disso, mas os últimos três anos foram uma jornada louca e eu não poderia pedir uma equipe melhor para encerrar este capítulo.

Curiosamente, estou ansioso para voltar para a Duke Tech. Infelizmente, isso significa que não poderei ir a tantos jogos de Lyla quanto gostaria, mas vamos pensar em algo. Acho que é aí que a vantagem de ser bilionário torna-se útil. Não que aproveitemos ao máximo as vantagens. Lyla não vai nem pegar o jato para lugar nenhum, a menos que seja nosso último recurso ou estejamos viajando em família e meus pais implorem para ela fazer isso.

Will começa a bater em ambos os lados do meu rosto para chamar minha atenção. Ele está fazendo isso comigo e com Nolan há alguns meses. Ele enche nossas esposas de beijos e piscadelas, mas levamos um tapa. Garoto inteligente.

— As crianças de um ano deveriam bater *tão* forte? — Eu estremeço quando ele faz isso de novo.

— Sem tapas, Will, — Fitz repreende suavemente.

— Sem lambidas, — diz Will, rindo e fazendo nós três sorrirmos.

— Ele é *tão* fofo, — eu digo, controlando-me.

Ele repete tudo hoje em dia. Entrego-o de volta a Fitz e viro-me ao ouvir a voz de sua esposa.

— Logan! — Mae grita. — Traga-o.

Ele balança a cabeça com uma risada. — Eu voltarei.

Nós o observamos patinando com seu filho, e fico impressionado

com a imagem de mim fazendo isso com meu próprio filho.

— Você está morrendo de vontade de ter um filho, — diz Nolan, balançando a cabeça, enquanto começamos a voltar para os vestiários para nos prepararmos para o jogo. — Por que você não tem uma conversa séria com Lyla sobre isso e para de contornar o assunto?

Eu faço uma careta. — Eu não fujo do assunto.

— Por favor, cara. — Ele lança-me um olhar. — No Dia de Ação de Graças, quando minha mãe te perguntou sobre querer filhos na frente de Lyla, você ficou todo nervoso.

— Eu nunca fico nervoso. — Sinto minhas sobrancelhas puxarem.

Ele ri. — Cada vez que esse assunto surge, você fica nervoso.

— Você é *tão* cheio de merda.

— OK. — Ele dá de ombros.

— Acho que Lyla quer esperar, — digo quando entramos na sala e começamos a pegar o resto do nosso equipamento.

— Ela tem falado em se aposentar desde a temporada passada, — diz ele. — Talvez isso seja parte do motivo.

— Eu duvido. — Pego minha bolsa e procuro meu telefone. — Se eu tiver essa conversa com ela, ela vai pensar que quero que ela se aposente.

Lyla fala em se aposentar o tempo todo, mas geralmente fala em voltar para a medicina. Geralmente tento ouvir e não dar minha opinião a ela. Claro, o idiota egoísta que há em mim quer que ela se aposente, especialmente agora que estarei em casa, mas eu a amo demais para sugerir isso. O olhar dela quando está em campo vale a pena esperar um milhão de anos para começar uma família. Eu realmente espero não precisar. Olho para o meu telefone e vejo uma mensagem dela.

Lyla: É MELHOR VOCÊ ARRASAR ESTA NOITE! *Eu te amo*

Eu sorrio, balançando a cabeça enquanto digito.

Eu: *tenha um ótimo jogo, amor. Queria estar aí. Te amo mais*

Espero alguns segundos e, quando ela não responde, guardo o telefone e continuo preparando-me.

Enquanto patinamos no gelo durante o primeiro intervalo, lemos os sinais que os fãs estão segurando. Nunca presto atenção neles durante o jogo, mas tento lê-los quando tenho fôlego. Eu juro que eles ficam mais ridículos a cada semana. Da melhor maneira. Um deles diz **DEIXE SUA ESPOSA PARA MIM ANTES QUE EU JOGUE UM FITZ**. Nós rimos e verificamos se Mae percebeu. Nossas esposas acham que a maioria dos sinais são histéricos. Os bebês, nem tanto, mas riem do resto. Outro diz **DUQUE - SEREI SUA DUQUESA. COLOQUE UM BEBÊ EM MIM**. Há anos que vejo uma variação disso e nunca pensei duas vezes sobre isso.

Lyla odeia, e eu costumava divertir-me, mas agora que tenho bebês na cabeça, gostaria de poder arrancá-lo das mãos deles e jogar aquela maldita coisa fora. Alguns outros semelhantes sobre casamento e bebês são direcionados a Nolan e alguns outros caras. Não sei como eles conseguem isso, mas parecem nunca ficar sem material criativo para escrever. Enquanto patinamos, meus olhos pousam no assento vazio de Lyla. Eu odeio não a ver nisso. Eu pergunto-me se ela sente o mesmo quando vê meu assento habitual vazio em seu estádio.

A noite continua. Estamos vencendo por quatro a dois, mas marquei o quinto gol por pouco, faltando dez segundos para o final, e a torcida enlouqueceu, como se estivéssemos perdendo o tempo todo. Essa energia é o que sentirei falta quando aposentar-me. Eu levanto os braços em comemoração, enquanto meus companheiros de equipe andam de patins e apertam-me. Quando o jogo termina oficialmente, dou a volta no gelo, colocando a mão no vidro enquanto vou comemorar com os fãs.

Quando chego à seção onde nossas esposas estão sentadas, aceno para a esposa de Mae e Nolan, que está atrás dela, aplaudindo. Estou prestes a virar-me quando vejo uma placa ridícula. Quando leio esta, meu coração cai. Pisco para ter certeza de que não estou vendo coisas,

mas as palavras permanecem as mesmas.

PREPARE-SE “PAPAI” DUQUE! ESTAMOS TENDO UM BEBÊ!

Meu coração está batendo forte enquanto eu patino. A pessoa que segura a placa está no lugar de Lyla, mas não pode ser ela. Não tem jeito. Tem que ser uma brincadeira. Uma pegadinha horrível e distorcida, se é que existe. À medida que me aproximo, a placa que cobre o lindo rosto da minha esposa abaixa e ela sorri largamente – o meu sorriso. Ela está segurando imagens de ultrassom em uma mão e a placa na outra. Ainda estou em choque, meu cérebro lutando para processar todas essas informações — Lyla está aqui, não no jogo dela. Lyla está grávida? Estamos tendo um bebê? Porra. Um nó forma-se na minha garganta quando chego ao vidro e fico na frente dela. Coloco a mão sobre ele e olho para o rosto dela, as imagens do ultrassom, o sinal e o rosto dela novamente.

Eu engulo em seco. — Você está falando sério?

Tenho certeza de que ela não consegue ouvir-me por causa do barulho, e mal consigo vê-la com meus olhos embaçados, mas ouço seu aceno de cabeça. Sinto como se estivesse movendo-me em câmera lenta, enquanto deixo cair meu capacete e patino até a porta mais próxima, onde ela encontra-me. Quando abro, ela joga a placa para trás e se lança em minha direção, envolvendo os braços e as pernas em volta de mim. Enterro meu rosto em seu pescoço, inalando aquele perfume de gardênia que sempre me conforta.

— Você está falando sério? — Eu pergunto, com a voz rouca.

Ela acena contra mim e eu afasto-me para olhar seu rosto. Ela enxuga as lágrimas e sorri, tirando um pouco do meu rosto para mim. Eu a seguro com força e patino até o outro lado do rinque, colocando-a no chão. Saio do gelo e agarro sua mão para puxá-la para o corredor que leva aos vestiários. Ainda estou em choque quando paro de andar e encosto-me na parede de tijolos.

— Eu... o que você está fazendo aqui? Seu jogo foi cancelado? — Eu pergunto, enquanto meus olhos a examinam da cabeça aos pés e vice-versa.

— Eu sei que você odeia quando tomo decisões sem você, mas já faz um tempo que estou falando em aposentar-me, então aposentei-me.

— Quando?

— Há pouco mais de uma semana. Eu deveria assinar meu contrato novamente e dizer a Lang que queria aposentar-me.

— Lang sabia?! — Meus olhos arregalam-se. Ele é meu agente há mais tempo do que a conhece - aquele traidor.

Ela entrega-me as imagens do ultrassom, aponta e explica o que estou vendo, enquanto minha garganta fecha-se novamente. Um bebê. Puta merda. Ela tem andado um pouco inchada ultimamente, mas é sempre algo do corpo feminino. Inchaço, sangramento, ovulação. Eu não questiono mais isso.

— Um bebê, — eu sussurro, colocando minhas mãos em sua barriga. — Vamos ter um bebê.

— Eu sei. — Ela sorri largamente. — Você gostou da minha placa, papai Duke?

Eu a levanto em meus braços novamente e começo a andar. — É o meu novo favorito.

— Agora, todo mundo vai pegar minha ideia e chamar você assim, — ela diz no meu ouvido.

— Mas só você vai chamar assim quando eu te foder, — respondo, sorrindo quando ouço seu suspiro.

— Gosto dessa ideia, — ela sussurra.

— Um bebê, — eu digo novamente. — Quando você descobriu?

— Lembra quando pensei que tinha uma intoxicação alimentar?

— Em Fênix? — Eu pergunto, franzindo a testa enquanto a coloco no chão.

Ela assente. — Fiz um teste enquanto estava lá.

— Isso foi há duas semanas. — Minhas sobrancelhas ficam mais

apertadas.

No momento em que ela me disse que estava com intoxicação alimentar, eu disse a ela para voltar para casa imediatamente. Por que ela esconderia isso de mim por duas semanas? Como eu poderia não saber? Aposto que ela mandou uma mensagem para Marissa sobre isso. Eu pergunto-me se ela tinha isso em sua agenda. Não é como se eu soubesse. Eu não mexo nas coisas dela. O casamento mudou-me muito. Ainda não gosto de homens olhando para ela por muito tempo, mas não leio seu telefone ou e-mails. Eu não preciso. Ela conta-me tudo. Pelo menos, pensei que ela contasse.

— Não acredito que você não me contou, — digo baixinho, olhando as fotos novamente.

— Eu queria tanto te contar, — diz ela, — mas demorou uma semana para o médico me ver e eu não queria ter muitas esperanças. — Ela morde o lábio e olha para o chão. — Eu sei o quanto você quer isso.

— Ei. — Eu levanto seu queixo. Meu peito aperta quando vejo a incerteza em seus olhos. — Eu quero você. Claro, quero começar uma família com você, mas você é minha prioridade. Você é a única coisa que preciso. Você sabe disso.

— Eu sei, — ela sussurra, engolindo visivelmente e piscando para conter as lágrimas.

— É por isso que você chora durante os comerciais? — Eu pergunto.

— Hormônios estúpidos, — ela murmura, enxugando o rosto.

Eu rio. — Você está sendo mole comigo, Lyla James?

— Eu te odeio, — ela diz, seus lábios contorcendo em um fantasma de sorriso.

— Sim, você odeia-me tanto que anunciou a todos nesta arena que está grávida do meu bebê. — Levanto uma sobrancelha.

— Eu sei, — ela diz, rindo enquanto balança a cabeça. — Essa foi

ideia de Marissa. Valeu a pena, no entanto. A expressão em seu rosto não tinha preço.

— Eu posso imaginar, porra. — Eu a beijo rapidamente. — Vou tomar banho rápido e depois jantaremos em algum lugar.

— Pizza, — ela diz, com os olhos brilhando.

Vou comprar pizza para ela em todas as malditas pizzarias do país, se é isso que ela quer. Eu sorrio enquanto entro no vestiário. Puta merda. Tenho que mandar uma mensagem para meu irmão e meus pais. Eu pergunto-me se ela já contou ao pai. Ele praticamente mora em nossa casa quando um de nós está em casa. Ele comprou uma casa a poucos quarteirões de nós e recentemente começou a namorar uma mulher adorável que Lyla ama.

Meu rosto dói de tanto sorrir quando volto para o corredor, mas Lyla não está mais onde a deixei. Olho para o corredor e a vejo voltando, enquanto digita algo em seu telefone. Meu peito aperta quando ela olha para cima e sorri para mim. Pego a mão dela enquanto começamos a caminhar em direção ao estacionamento. Um bebê. Porra, não posso acreditar.

— Quando podemos contar às pessoas? — Eu pergunto, enquanto sentamos no meu carro e colocamos os cintos de segurança.

— Quero dizer, meu sinal meio que contou a todos. — Ela ri. — Eu descobri bem tarde. Farei doze semanas em alguns dias, o que significa uma chance menor de complicações.

Complicações. Deus, eu não quero nem pensar em alguma coisa dando errado.

— Então, contamos para todo mundo? — Pergunto enquanto paramos novamente.

— Para quem você quer contar? — Ela pergunta com cautela.

— Ninguém. Só estou perguntando, — digo, saindo do estacionamento.

Eu pergunto-me que legenda devo usar para postar no IG dela.

Estou pensando: “Ela é minha para sempre, idiotas.” Não é como se eu estivesse preocupado com nenhum deles. Lyla tem sido minha. Eu apenas gosto de lembrá-los de vez em quando. Talvez dizer que o casamento me mudou seja um pouco rebuscado, mas melhorei. Além disso, Lyla adora e se disser o contrário, está mentindo.

— Lachlan Duke, — ela diz, tirando-me dos meus pensamentos.

— O que?

— Você está tentando descobrir se pode postar nas minhas redes sociais?

— O que? — Eu zombei. — Não, isso é uma invasão de privacidade.

Ela joga a cabeça para trás, rindo, e eu sinto-me sorrir. Ela ainda está rindo quando estaciono, tiro o cinto de segurança e viro-me para ela, só para ver o brilho em seus olhos. Ela sorri e ri muito mais hoje em dia, mas vivê-los ainda parece um presente.

— Pare de rir de mim, — digo, embora também esteja rindo agora.

É impossível não estar perto dela. Sua risada diminui quando eu agarro suas mãos e beijo as costas de ambas. Eu tenho que respirar quando sua expressão esquenta. Se isso começar agora, ela não receberá a pizza e eu recuso-me a permitir que minha esposa grávida passe fome.

— Lyla, — eu aviso.

— O que? Eu nem disse nada. — Ela desvia o olhar rapidamente, um sorriso brincando em seus lábios enquanto ela retira as mãos e as coloca no colo.

— Como você está se sentindo? — Eu pergunto a ela depois de um momento.

Entre a descrença e a alegria, esqueci completamente de fazer a pergunta mais importante.

— Bem. — Ela sorri. — Estava *tão* cansada e depois tive aquele

problema estomacal que não era um problema, mas sinto-me ótimo agora.

— Como você se sente por estar grávida? — Agarro suas mãos e as levo aos meus lábios novamente.

Eu sei que ela quer isso. Talvez não tanto quanto eu, mas posso dizer que ela está feliz. Mesmo assim, não sou eu quem carrega um ser humano dentro de mim pelos próximos nove meses. Ela respira fundo e olha pela janela novamente, e meu coração para.

— Lyla. — Aperto suas mãos suavemente e espero que ela olhe para mim novamente. — Como você se sente por estar grávida do meu bebê?

— Quero dizer... — Seus lábios abrem aquele sorriso que faz meu coração bater mais forte. — Eu não odeio isso.

Eu rio, balançando a cabeça. — Um dia desses, Lyla James...

Notas

[←1]

É o processo no qual jogadores amadores são escolhidos por franquias e entram oficialmente nas ligas.

[←2]

Liga Nacional de Hóquei. A NHL é a principal liga profissional de Hóquei no gelo dos EUA e no Canadá.

[←3]

Pessoas pelo tratamento ético dos animais.

[←4]

Foi um rapper e compositor norte-americano conhecido por seus nomes artísticos The Notorious B.I.G., Biggie Smalls, ou simplesmente Biggie.

[←5]

Uma mulher que é simultaneamente irmã e esposa de seu conjugue.

[←6]

Canadian Hockey League (CHL) é a maior liga de hóquei em desenvolvimento do mundo e principal fornecedora de talentos para a National Hockey League e a U SPORTS.

[←7]

Champions Hockey League é a Liga dos Campeões do Hóquei no Gelo.

[←8]

Em inglês Jesus Christ on a Craker, é um termo usado para expressar surpresa, choque, repulsa ou mesmo espanto.

[←9]

Uma fã de hóquei no gelo, geralmente aquela cujo interesse no esporte é motivado principalmente pela atração pelos jogadores e não pelo prazer do jogo em si.

[←10]

A National College Athletics Association (NCAA) é a organização esportiva universitária mais conhecida nos EUA.

[←11]

O termo “MVP” é uma abreviação para a expressão da língua inglesa “Most Valuable Player,” que significa Jogador Mais Valioso.

[←12]

March Madness é um termo popular para torneios de basquete de final de temporada disputados em março.

[←13]

É uma frase alegórica em latim usada para proclamar uma escola que uma pessoa frequentou ou, mais comumente, na qual se formou.

[←15]

Uma pessoa negativa ou pessimista. Uma pessoa que fala apenas dos aspectos ruins ou deprimentes de algo e diminui o entusiasmo ou prazer dos outros.

[←16]

Defencemen ou D-men são os defensores.

[←17]

É um movimento defensivo no hóquei em que um jogador balança os quadris em direção ao oponente para separar o outro jogador do disco.

[←18]

Caixa do pecado.

[←19]

Shootout consiste em 3 rodadas onde cada equipe seleciona 1 jogador por rodada que dá um chute a gol sem oposição contra o goleiro adversário. A equipe com mais tentativas bem-sucedidas ao final de 3 rodadas vence. Se houver empate após 3 rodadas, rodadas adicionais de “morte súbita” ocorrerão até que uma equipe saia vitoriosa.

[←20]

Michael Jordan, Scotty Pippen, Dennis Rodman, Dwyane Wade, LeBron James, Christopher Bosh, são jogadores de basquete.

[←21]

Burrhus Frederic Skinnere foi um psicólogo, behaviorista, inventor e filósofo social americano.

[←22]

Usado para indicar a repetição contínua de uma ação ou sequência de eventos, normalmente de uma forma considerada cansativamente previsível.

Uma “Croqueta” é uma maneira de passar a bola rapidamente entre os pés de um jogador, principalmente na hora de driblar um zagueiro adversário.

[←24]

Toca de coelho refere-se a um tópico extremamente interessante e demorado.